



**FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
"JORNALISTA ROBERTO MARINHO"
DE PRESIDENTE PRUDENTE**

**BIANCA PEREIRA DOS SANTOS
CAROLINE MOURA DA SILVA LUZ
JANAÍNA MARIA TAVARES DA COSTA
SANDRA CRISTINA LEITE PRATA**

**A HISTÓRIA DO MÉDICO E PECUARISTA GABRIEL COSTA NETO POR MEIO
DE UM LIVRO-REPORTAGEM**

Presidente Prudente - SP
2019



**FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
"JORNALISTA ROBERTO MARINHO"
DE PRESIDENTE PRUDENTE**

**BIANCA PEREIRA DOS SANTOS
CAROLINE MOURA DA SILVA LUZ
JANAÍNA MARIA TAVARES DA COSTA
SANDRA CRISTINA LEITE PRATA**

**A HISTÓRIA DO MÉDICO E PECUARISTA GABRIEL COSTA NETO POR MEIO
DE UM LIVRO-REPORTAGEM**

Trabalho de Conclusão apresentado à Faculdade de Comunicação Social "Jornalista Roberto Marinho" de Presidente Prudente, Curso de Jornalismo, Universidade do Oeste Paulista, como parte dos requisitos para a sua conclusão.

Orientadora:
Profa. Dra. Fabiana Aline Alves

Presidente Prudente - SP
2019

**BIANCA PEREIRA DOS SANTOS
CAROLINE MOURA DA SILVA LUZ
JANAÍNA MARIA TAVARES DA COSTA
SANDRA CRISTINA LEITE PRATA**

**A HISTÓRIA DO MÉDICO E PECUARISTA GABRIEL COSTA NETO POR MEIO
DE UM LIVRO-REPORTAGEM**

Trabalho de Conclusão apresentado à Faculdade de Comunicação Social “Jornalista Roberto Marinho” de Presidente Prudente, Curso de Jornalismo, Universidade do Oeste Paulista, como parte dos requisitos para a sua conclusão.

Presidente Prudente, 11 de dezembro de 2019.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Orientadora Fabiana Aline Alves
Universidade do Oeste Paulista – Unoeste
Presidente Prudente - SP

Profa. Dra. Thaisa Sallum Bacco
Universidade do Oeste Paulista – Unoeste
Presidente Prudente - SP

Profa. Dra. Marilani Soares Vanalli
Universidade do Oeste Paulista – Unoeste
Presidente Prudente - SP

DEDICATÓRIA

A todos (as) mestres (as) das palavras que um dia já cruzaram nosso caminho e despertaram em nossos corações a paixão de conhecer e contar histórias por meio da escrita.

AGRADECIMENTOS

Acreditamos que a gratidão é a força que rege esse grande e vasto universo que é viver. Por meio dela, nossos sonhos se tornam conquistas, saem do abstrato e atingem a realidade.

Um dos sonhos pelo qual lutamos há quatro anos é o de um dia dizer que somos jornalistas. E ele se concretiza, além de todo empenho do grupo, graças a algumas pessoas especiais que gostaríamos de lembrar:

Nossos pais, todos os demais integrantes das nossas famílias e nossos amigos, cujo apoio, amor e compreensão são incondicionais;

Todos os docentes que transitaram durante nosso período universitário e que nos mostraram que o mundo é um lugar melhor com o Jornalismo, “a melhor profissão do mundo”, como diria Gabo;

Nossa orientadora, professora e amiga Fabiana Aline Alves, por quem nossa admiração, que já existia antes do início dessa jornada, só fez aumentar;

Às nossas queridas fontes, tão fundamentais, que cederam seu tempo para serem entrevistadas por nós e compartilharam as mais diversas histórias e memórias das quais nunca esqueceremos;

E, é claro, à família de Gabriel Costa Neto por ser tão solícita, interessada e compreensiva durante o desenvolvimento desse trabalho.

Nosso muito obrigada!

“Menos a memória é vivida do interior, mais ela tem necessidade de suportes exteriores e de referências e de referências tangíveis de uma existência que só vive através delas.” (Pierre Nora)

RESUMO

A história do médico e pecuarista Gabriel Costa Neto por meio de um livro-reportagem

O presente trabalho tem como objetivo documentar, por meio de um livro-reportagem, a vida de Gabriel Costa Neto e suas contribuições para a medicina e a pecuária em Presidente Prudente. A abordagem metodológica usada foi a pesquisa qualitativa do tipo exploratória. Como método, o grupo utilizou o biográfico. Em relação aos procedimentos técnicos para levantamento de dados, foram aplicadas a pesquisa bibliográfica, análise/pesquisa documental e a entrevista em profundidade do tipo semi-aberta. Os dados e informações coletadas pelas pesquisadoras, por meio das técnicas citadas, proporcionaram apoio necessário para a elaboração e desenvolvimento da peça teórica e também da peça prática “Veias Que Pulsam: a história de Gabriel Costa Neto”, onde foi possível recuperar e documentar as contribuições do médico e pecuarista, o que pode proporcionar o entendimento e discussão acerca da relevância social do objeto de estudo em Presidente Prudente.

Palavras-chave: livro-reportagem; jornalismo literário; Gabriel Costa Neto; medicina em Presidente Prudente; pecuária no Oeste Paulista.

ABSTRACT

The story of the doctor and rancher Gabriel Costa Neto by means of a non fiction-book

The present work aims to document, through a non fiction-book, the life of Gabriel Costa Neto and his contributions to medicine and livestock in Presidente Prudente. The methodological approach used was the exploratory-type qualitative research. As a method the group used the biographic. Regarding technical procedures for data collection, bibliographic research was applied, documentary research and in-depth interview of the semi type. The data and information collected by the researchers, using the techniques cited, provided necessary support for the elaboration and development of the theoretical part and for the production of the practical part, as a result of this work. The group aims to assist in the documentation and systematization of the contributions of the doctor and rancher, which can provide understanding and discussion about the social relevance of the object of study in Presidente Prudente.

Keywords: non fiction-book; literary journalism; Gabriel Costa Neto, medicine in Presidente Prudente; livestock in Oeste Paulista.

LISTA DE SIGLAS

TCC	– Trabalho de Conclusão de Curso
FACOPP	– Faculdade de Comunicação Social de Presidente Prudente
UNIFESP	– Universidade Federal de São Paulo
PUC	– Pontifícia Universidade Católica
INTERCOM	– Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares de Comunicação
EXPOCOM	– Exposição de Pesquisa Experimental em Comunicação
CREMESP	– Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo
EPM	– Escola Paulista de Medicina
SMPP	– Sociedade de Medicina de Presidente Prudente
SRPP	– Sindicato Rural de Presidente Prudente
GTE	– Grupo de Trocas de Experiências
UNOESTE	– Universidade do Oeste Paulista
TCLE	– Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

LISTA DE FIGURAS

- FIGURA 1 – Exemplo de Folhetim
- FIGURA 2 – “O grande encontro”
- FIGURA 3 – Gabriel e Topázio
- FIGURA 4 – Capa do livro
- FIGURA 5 – Contracapa do livro
- FIGURA 6 – Lombada do livro
- FIGURA 7 – Fonte Museo Sans
- FIGURA 8 – Fonte Utopia
- FIGURA 9 – Livro Impresso, exposto no lançamento
- FIGURA 10 – Apresentação do livro na Casa do Médico
- FIGURA 11 – As autoras da obra, juntamente com a orientadora

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	FUNDAMENTAÇÃO METODOLÓGICA	15
2.1	Problematização e justificativa	15
2.2	Objetivos	16
2.2.1	Objetivo geral.....	16
2.2.2	Objetivos específicos.....	16
2.3	Metodologia	17
3	LIVRO-REPORTAGEM	23
3.1	Breve história do gênero no Brasil	26
3.1.1	Estilos, formatos e gêneros do livro-reportagem.....	29
3.1.2	Fotografia como elemento de documentação.....	32
3.1.3	Reportagem: aprofundamento da informação social.....	37
3.1.4	O livro-reportagem como Lugar de Memória.....	40
3.2	Jornalismo e literatura, mas sem esquecer do real	42
3.2.1	Aplicação do <i>Storytelling</i> na produção do livro-reportagem.....	48
4	GABRIEL COSTA NETO	51
4.1	Árvore genealógica da família	51
4.2	O homem	52
4.3	Medicina: primeira paixão	55
4.4	Marina: o grande encontro	61
4.5	O pecuarista	64
5	PROJETO EDITORIAL	69
5.1	Introdução e justificativa	69
5.1.1	Nome da publicação.....	70
5.1.2	Seleção de fontes.....	71
5.2	Objetivos	72
5.2.1	Objetivo geral.....	72
5.2.2	Objetivos específicos.....	72
5.3	Público-alvo e veiculação	72
5.3.1	Lançamento e distribuição.....	73

5.4	Linha editorial.....	73
5.5	Arco narrativo.....	74
5.5.1	Divisão de capítulos.....	75
5.6	Projeto gráfico.....	78
5.6.1	Capa, contracapa e lombada.....	78
5.6.2	Tipografia.....	81
5.6.3	Seções internas.....	82
5.7	Recursos técnicos.....	83
5.8	Recursos financeiros.....	83
5.9	Recursos humanos.....	84
5.9.1	Organograma das funções.....	84
6	MEMORIAL DESCRITIVO.....	86
6.1	Definição do tema e início do pré-projeto.....	86
6.2	Produção da peça teórica.....	87
6.3	Produção da peça prática.....	91
6.4	Lançamento e distribuição.....	95
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	100
	REFERÊNCIAS.....	104
	ANEXOS.....	109
	ANEXO A – ENTREVISTAS TRANSCRITAS.....	110
	ANEXO B – FITA TRANSCRITA.....	265
	ANEXO C – ORÇAMENTO.....	292
	ANEXO D – RELEASE SOBRE O LANÇAMENTO DIVULGADO NO JORNAL “O IMPARCIAL”	294
	APÊNDICES.....	299
	APÊNDICE A - PAUTAS.....	300
	APÊNDICE B – TABELA DE DOCUMENTOS.....	324

1 INTRODUÇÃO

Mesmo com o passar dos anos, a essência do jornalismo como profissão tem sido a mesma: a de “registro histórico, impondo certo modo de recordação” (MATHEUS, 2011, p. 8). E é por meio da recordação que fatos e histórias podem ser recuperados, elucidados e interpretados, sendo possível o registro deles em diversas mídias, inclusive por meio de um livro-reportagem, peça prática deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Tendo uma estreita ligação com o chamado “jornalismo de profundidade”, Belo (2006) afirma que o livro-reportagem visa trazer em suas páginas um conteúdo com base para formação crítica e analítica. Porém, diferente das reportagens cotidianas publicadas em sites e jornais, essa peça não pode tratar de temas efêmeros, mas sim de assuntos atemporais como biografias, resgates históricos e perfis, segundo o autor.

Além disso, esse tipo de produção pode vir a ser considerado um dos formatos de maior riqueza informacional, devido à profundidade com a qual aborda as temáticas e constrói narrativas. A ideia é que, caso não se esgote todo o conteúdo da história, chegue bem perto disso.

Para a produção da peça prática também é necessário compreender o jornalismo literário. Para Pena (2006), o gênero trata da aproximação e interação do repórter com os acontecimentos e com os entrevistados. Para o autor, é o “sentir na pele” as expressões, sentimentos e sinais que podem ajudar na composição de um texto literário. Nesse contexto, afirma ser um tipo de escrita que vem acompanhada de uma rica porcentagem de descrições de cenas, personagens e locais. Isso faz com que o leitor se sinta participante da história compartilhada.

A partir disso, essa pesquisa tem como objetivo descobrir como o livro-reportagem pode ser uma ferramenta de recuperação histórica e de documentação? Pretende-se validar o questionamento por meio do registro da vida de Gabriel Costa Neto e suas contribuições para a medicina e a pecuária em Presidente Prudente. Dentre elas, sua participação ativa em sindicatos rurais, na Sociedade de Medicina de Presidente Prudente e também por se tratar de um dos pioneiros da área na região.

Para isso, o trabalho está delineado em seis capítulos, sendo o primeiro destinado à Introdução, que aborda a síntese dos capítulos seguintes. O segundo capítulo se propõe a tratar da Fundamentação Metodológica, que apresenta brevemente a jornada do objeto de estudo e expõe as justificativas acadêmica, pessoal e social para realização desse trabalho. Além disso, expõe o problema que o grupo buscou responder e mostra os objetivos geral e os específicos que as pesquisadoras alcançaram para concluir com êxito esse TCC.

Ainda nesse capítulo, o grupo apresenta a Metodologia para demonstrar que a pesquisa escolhida para o trabalho foi a qualitativa, do tipo exploratória, além do uso do método biográfico. Em relação aos procedimentos técnicos para levantamento de dados adotados pela equipe de pesquisadoras, foram selecionados: pesquisa bibliográfica, análise/pesquisa documental e entrevista em profundidade do tipo semi-aberta. Por fim, para a análise das informações obtidas o grupo selecionou a triangulação de dados.

No terceiro capítulo, o trabalho abre espaço para discutir sobre livro-reportagem, ao trazer sua história, conceituação e contextualização, além de explicar sobre outros elementos utilizados na produção desse TCC, como a fotografia. Em um primeiro momento, o grupo avaliou a necessidade de esclarecer sobre esse gênero que é uma das bases do presente trabalho. As mesmas atitudes são tomadas nos itens Estilos, formatos e gêneros do livro-reportagem; Fotografia como elemento de documentação; Reportagem: aprofundamento da informação social; O livro-reportagem como lugar de memória; Jornalismo e literatura, mas sem esquecer do real; e Aplicação do *Storytelling* na produção do livro-reportagem; ao trazer também as suas características, definições e aplicabilidade.

Diante do quarto capítulo, a equipe de pesquisadoras trabalhou de forma aprofundada a história de Gabriel Costa Neto, porém de forma sintética se comparada à elaboração que é realizada na produção da peça prática. Essa parte foi dividida em: O homem; Medicina: primeira paixão; Marina: o grande encontro; e O pecuarista. O objetivo foi tornar pública a importância e relevância social de Gabriel Costa Neto como cidadão, homem de família, médico e pecuarista durante sua vivência na cidade de Presidente Prudente, Estado de

São Paulo, evidenciando a necessidade de um material jornalístico que registre a sua trajetória.

Já no capítulo cinco está disposto o projeto editorial no qual é apresentado o planejamento realizado para a produção da peça prática, desde o nome da publicação, público-alvo e veiculação, arco narrativo, os conteúdos trabalhados em cada capítulo, projeto gráfico contendo a defesa da capa, contracapa e lombada, tipografias selecionadas, o organograma e até os recursos necessários para a concretização da obra.

Já o sexto capítulo apresenta toda a trajetória das pesquisadoras no item Memorial Descritivo, onde é possível conhecer aspectos íntimos da produção teórica e prática. Ao passo que, as conclusões do trabalho, cuja elaboração buscou resgatar de forma aprofundada a trajetória do médico e pecuarista Gabriel Costa Neto por meio da peça prática, ao passo que a teórica buscou defender a aplicabilidade do livro-reportagem como um produto jornalístico viável para a recuperação e documentação, estão dispostas no capítulo sete.

2 FUNDAMENTAÇÃO METODOLÓGICA

2.1 Problematização e justificativa

Presente em diversas áreas do estudo, entre elas o Jornalismo, a Memória é responsável por promover na sociedade relações entre o presente e o passado. É por meio dessa ponte que se torna possível construir e recuperar identidades. Contudo, para isso é preciso realizar uma manutenção da memória e buscar suportes para que ela não se perca e possa ser perpetuada.

Sendo o objetivo desse estudo recuperar a trajetória do médico e pecuarista Gabriel Costa Neto, devido a sua relevância social, visto que se trata de um dos primeiros médicos da cidade de Presidente Prudente, responsável por realizar mais de 5.000 partos durante a sua trajetória, fundador da Sociedade Rural do Sudoeste Paulista, presidente do Sindicato Rural e coordenador do Conselho dos ex-presidentes da Sociedade de Medicina de Prudente e Região, da qual também foi presidente no período de 1952 a 1954, o suporte escolhido foi o livro-reportagem que, ao contrário de uma notícia diária, objetiva a perenidade.

Nascido em 19 de novembro de 1919, em Carmo do Rio Claro (MG), Gabriel formou-se em 1947, na extinta Escola Paulista de Medicina, atual Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), sediada na capital paulista. Durante os anos como discente, executou 500 partos para custear as despesas do curso. Além disso, foi o primeiro estudante da faculdade a receber o título de melhor aluno da turma.

Mais tarde, em 1949, Gabriel começou a atuar no Posto de Saúde de Regente Feijó (SP), onde ficou por seis meses. Depois, mudou-se para Presidente Prudente, cidade onde se estabeleceu até sua morte, em 22 de junho de 2010. Casado com a Marina Elisabeth Lobo Barboza Carneiro, teve quatro filhos. Ao longo de seus 49 anos de atividades na medicina, o médico também dedicou sua vida à pecuária, criação de cavalos e gados de raça e, sobretudo, à sua família.

O contato com a história de Gabriel Costa Neto resultou no desejo de produzir um livro-reportagem utilizando técnicas jornalísticas de entrevista,

cruzamento de informações, análise de documentos e apuração sobre o objeto de estudo. Desta forma, as pesquisadoras desse trabalho utilizaram algumas especialidades do Jornalismo para concretizar a pesquisa, como o jornalismo literário e o novo jornalismo novo.

O trabalho pode servir como base para futuras pesquisas dentro do ambiente jornalístico, em especial pela apropriação das técnicas de *storytelling* no livro-reportagem, e histórico sobre uma personalidade referência na cidade. O material também serve de ferramenta documental para trabalhos relacionados ao objeto de estudo no âmbito da história da Medicina em Presidente Prudente e também a respeito do desenvolvimento pecuário da época. A importância dessa pesquisa se dá pois não há um registro que aglomere e dê continuidade à história de Gabriel Costa Neto, abordando seus valores, conquistas e representações atuais.

Quanto às contribuições pessoais, a escolha se deve à afinidade das pesquisadoras pelo jornalismo literário, um dos gêneros do jornalismo. Além disso, a pesquisa possibilita que o grupo tenha contato com a produção de um material de interesse comum, que demanda refinamento nas práticas aprendidas ao longo da graduação. Por consequência, o estudo contribui com a formação profissional e também com a consciência da função do jornalismo: a de informar.

Já em nível social, a relevância desse projeto ocorre porque ele serve para retratar quem foi Gabriel Costa Neto, além de médico e pecuarista, visando levar até a população histórias e fatos sobre sua vida que não eram conhecidos comumente. A importância social é justificada, visto que se trata de um profissional reconhecido na cidade tanto na área de medicina como na de pecuária, sendo uma figura importante para consolidação dos dois setores em Presidente Prudente e região.

Quanto à pergunta problema dessa pesquisa, sendo a peça prática desse TCC um produto do Jornalismo, visa-se responder a seguinte questão: como o livro-reportagem pode servir como ferramenta de recuperação histórica e documentação?

2.2 Objetivos

2.2.1 Objetivo geral

Discutir como o livro-reportagem pode ser um produto jornalístico eficaz para a documentação de histórias de vida.

2.2.2 Objetivos específicos

- Estudar o livro-reportagem do tipo biográfico como ferramenta da produção jornalística;
- Dominar as características do jornalismo literário na construção do livro-reportagem por meio do *storytelling*;
- Investigar e documentar as contribuições e experiências de vida e profissionais do Gabriel Costa Neto;
- Produzir um livro-reportagem biográfico sobre as contribuições de Gabriel Costa Neto para a cidade de Presidente Prudente.

2.3 Metodologia

Para Diehl e Tatim (2004, p. 47), “[...] metodologia pode ser definida como o estudo e as avaliações dos diversos métodos, com o propósito de identificar possibilidades e limitações no âmbito de sua aplicação no processo de pesquisa científica”. A partir disto, é possível identificar a melhor maneira de chegar à resposta do problema proposto neste projeto, pois é um “caminho para se chegar a um determinado fim” (GIL, 2008, p. 8).

Para delinear esse planejamento, o grupo optou pela pesquisa qualitativa na qual, segundo Goldenberg (2013, p.14), “[...] a preocupação é [...] com o aprofundamento da compreensão de um grupo social [...] uma trajetória, etc”. Isso proporciona a obtenção de informações descritivas, precisas e detalhadas.

Quanto ao tipo de pesquisa escolhida, optou-se pela exploratória, pois, avalia Gil (2008, p. 27), ela tem “[...] o objetivo de proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato”. Essa análise geralmente envolve

levantamento bibliográfico e documental, além de entrevistas não padronizadas e estudo de caso. É um tipo de pesquisa que pode ser usada quando o objeto de estudo é pouco trabalhado e explorado (GIL, 2008).

O autor também explica que a exploratória se constitui como a primeira fase de uma investigação mais ampla, porém o produto final desse processo passa a ser um problema mais claro e passível de investigação, mediante procedimentos mais sistematizados.

A pesquisa efetuada neste trabalho contou também com o método biográfico. Considerado uma alternativa às comuns metodologias utilizadas na área de Ciências Sociais e Humanas, o método biográfico começou a ser empregado na Alemanha durante o século XX. Em desuso durante os anos seguintes, sua credibilidade no universo científico tornou-se estável a partir de 1980. Em suma, o método biográfico trabalha o indivíduo não apenas como produtor de pesquisas, mas também objeto de estudo delas.

O indivíduo, não é, como se acreditou frequentemente, um átomo social, a mais elementar das unidades sociológicas heurísticas. [...] Longe de ser o mais simples dos elementos sociais – o átomo irreduzível dos elementos sociais –, o indivíduo não é o fundador do social, mas antes um seu produto sofisticado. [...] se aceitamos isto como protocolo básico do conhecimento sociológico, não deveria o grupo primário ser também o protocolo do método biográfico? (FERRAROTTI, 1991, p. 176)

Relacionando diversas áreas do conhecimento, como a História, a Antropologia e o próprio Jornalismo, esse procedimento resulta na confecção subjetiva de uma biografia, “um valioso e atual campo de estudos”, avalia Gobbi (2005, p. 84). A ideia é que a subjetividade do sujeito também possui, ou pode vir a ser, conhecimento científico.

Ferrarotti (1991) alega ainda que “[...] o nosso sistema social se encontra integralmente em cada um dos nossos atos, em cada um dos nossos sonhos, delírios, obras, comportamentos. E a história deste sistema está contida por inteiro na história da nossa vida individual”. Portanto, isso não deve ser desprezado, mas sim registrado.

Em relação aos procedimentos técnicos para levantamento de dados, o grupo optou pela pesquisa bibliográfica. Para Gil (2008), esse procedimento é

desenvolvido com base em materiais elaborados, desde livros a artigos científicos.

A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. Esta vantagem se torna particularmente importante quando o problema de pesquisa requer dados muito dispersos pelo espaço. (GIL, 2008, p. 50)

A pesquisa bibliográfica também pode ser considerada indispensável, defende Gil (2008), quando se trata de estudos históricos porque, em muitas situações, não existem outros procedimentos para se ter conhecimento de fatos passados senão por meio desse tipo de levantamento teórico.

Para Stumpf (2005), também é essencial a revisão de literatura, por ser uma atividade contínua e constante nos trabalhos acadêmicos e de pesquisa. Por isso, pode ser definida como um “[...] conjunto de procedimentos para identificar, selecionar, localizar e obter documentos de interesse [...]” (DUARTE, J.; MOREIRA, S., 2005, p. 54).

Nesse sentido, o grupo fez fichamentos a respeito da literatura considerada essencial ao desenvolvimento do projeto, seja ela de outros trabalhos de conclusão de curso; artigos científicos e livros que trazem temas relacionados à presente pesquisa, como por exemplo: jornalismo literário, livro-reportagem, entre outros. Isso serviu para a compreensão das pesquisadoras diante as ideias dos autores selecionados para a revisão de literatura.

A análise/pesquisa documental, outro procedimento técnico para levantamento de dados, também foi realizado. Dentro da área das Ciências Sociais, a análise de documentos, desde sempre, foi utilizada como peça fundamental para referência dos estudos sobre a sociedade, ao lado de outras técnicas de investigação, expõe Moreira (2005). Por ser parte de um recorte do campo científico, este recurso geralmente é usado na recuperação da história de meios de comunicação, períodos e personagens, apesar de estar em constante e mutante processo de delimitação. Sendo assim, “[...] compreende a identificação, a verificação e a apreciação de documentos para determinado fim.

No caso da pesquisa científica é, ao mesmo tempo, método e técnica” (MOREIRA, 2005, p. 271-272).

Quanto às diferenças entre a análise documental e bibliográfica, Gil (2008) afirma que a primeira segue os mesmos passos de desenvolvimento da última. Entretanto, é necessário considerar que a diferença está na natureza das fontes.

Na análise documental, ainda conforme Gil (2008), as fontes são os documentos que não têm tratamento analítico, como por exemplo: filmes, gravações, cartas, contratos, diários, documentos oficiais, reportagens de jornal, fotografias, entre outras. Assim, essas fontes documentais que o grupo coletou foram com familiares, selecionadas de acordo com o contexto contado durante as entrevistas e usadas para o grupo conhecer, compreender e se aprofundar na história de Gabriel Costa Neto (Anexo A).

As pesquisadoras tiveram acesso a 624 documentos (Apêndice **B**) para análise, sendo eles áudios, fotografias, recortes de jornais, revistas, documentos pessoais e oficiais, além de cartas. Os documentos foram devidamente escaneados e organizados em pastas, com descrição dos tipos de veículos que difundiram as informações, datas, ano, assunto e detalhamento dos personagens que estão presentes nas fotografias.

Outra forma de obtenção de dados escolhida pelo grupo foi a entrevista em profundidade do tipo semi-aberta. Esse recurso pode ser considerado como “[...] a técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas, com o objetivo de obtenção dos dados que interessam à investigação” (GIL, 2008, p. 109).

Para Gil (2008), a entrevista é uma das técnicas de coleta de dados mais utilizada em meio ao campo das Ciências Sociais, sendo deste modo, também, uma forma de interação social. Já para Duarte (2005), o recurso metodológico em profundidade busca respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte que é escolhida por ter o tipo de conhecimento e informação que se deseja obter.

Dentre suas vantagens, a técnica possibilita o alcance de informações referentes aos mais variados aspectos da vida social. Além disso, essas informações obtidas podem ser suscetíveis de classificação e de quantificação.

Dito isso, o tipo selecionado para esse projeto de pesquisa é a entrevista semi-aberta (GIL, 2008).

Segundo Duarte (2005, p. 66), a entrevista semi-aberta é um modelo que contém roteiro de questões-guia e que dão cobertura ao interesse de pesquisa, tendo origem em uma matriz. Ele ainda argumenta que:

O pesquisador faz a primeira pergunta e explora ao máximo cada resposta até esgotar a questão. Somente então, passa para a segunda pergunta. Cada questão é aprofundada a partir da resposta do entrevistado, como um funil, no qual perguntas gerais vão dando origem a específicas. (DUARTE, 2005, p. 66)

Portanto, as pesquisadoras entrevistaram familiares, colegas de profissão e amigos próximos do médico e pecuarista Gabriel Costa Neto, figuras importantes para a concretização do trabalho. Ao todo, foram 22 entrevistas em profundidade do tipo semi-aberta realizadas até o dia 29 de março de 2019, sendo que durante a confecção da peça prática, com o objetivo de cruzar informações, além de esclarecer dúvidas que surgiam durante o processo de escrita ou obter informações que se mostravam necessárias, duas novas entrevistas foram realizadas com a irmã do objeto de estudo, América Costa Sandoval, e todos os filhos de Gabriel foram entrevistados novamente pelo menos uma vez. As fontes foram escolhidas a partir de uma lista de 70 pessoas que possuíam maior proximidade com o objeto de estudo, seja pela questão profissional ou pessoal.

Para conseguir atingir a meta das entrevistas, o grupo se programou para fazer obrigatoriamente uma por dia, de segunda a sexta-feira; e foram feitas divisões em duplas, inicialmente para se deslocar até os locais escolhidos pelos entrevistados. A proposta era de que a dinâmica e praticidade estivessem alinhadas em favor do grupo.

Já para a análise dos dados obtidos, foi realizada a triangulação por meio do cruzamento das informações coletadas nas entrevistas e também a interpretação de documentos, fotos, recortes de jornais, revistas e pesquisa bibliográfica.

Essa triangulação é um “[...] fundamento lógico para se utilizar várias fontes de evidências” (YIN, 2001, p. 120). Yin (2001) examina que a principal vantagem desse recurso é permitir o desenvolvimento de linhas convergentes de investigação. O grupo optou pela triangulação de dados, um tipo que proporciona a comprovação do mesmo acontecimento ou fenômeno, a partir da coleta de dados de diversas fontes (YIN, 2001).

Ainda segundo o autor, utilizando as ideias de Patton, existem as seguintes categorias de triangulação: referente aos métodos (triangulação metodológica); em relação aos ângulos sobre o mesmo conjunto de dados (triangulação da teoria); entre os diferentes avaliadores (triangulação do investigador); e a opção do grupo que é das fontes de dados.

Sendo assim, as entrevistas que foram feitas com familiares e pessoas próximas de Gabriel tiveram as informações comparadas com o objetivo de contextualizar e chegar em dados precisos que serviram de base para construção desse trabalho. Com o apoio de diferentes técnicas foi possível compreender e identificar algumas das contribuições de Gabriel Costa Neto e aspectos da vida pessoal do médico e pecuarista.

3 LIVRO-REPORTAGEM

Visto que este TCC propôs como peça prática um livro-reportagem a respeito do médico e pecuarista Gabriel Costa Neto, as pesquisadoras do grupo avaliaram a necessidade de estudar o gênero.

Em um primeiro momento, busca-se entender mais sobre livro. Sousa (2008) identifica que houve uma crescente difusão desse elemento após o invento do sistema tipográfico de Gutenberg, um método em que se faziam moldes de letras a partir de misturas resistentes e possibilitavam uma técnica inovadora de transmitir mensagens.

Para o pesquisador, foi no Renascimento, período histórico que possibilitou a transição entre Idade Média para Idade Moderna na Europa, que a cultura escrita começou a ganhar força e importância superiores em comparação à cultura oral. Isso se deve pelo surgimento das crônicas, cartas e almanaques populares que ajudaram na vulgarização do impresso, conforme Sousa (2008).

Contudo, o autor explica ainda que o florescimento cultural e social dentre os séculos XIV e XVI também contribuíram para a difusão de livros e outras publicações, manuscritas e impressas. Segundo Sousa (2008), a consolidação do comércio, o desenvolvimento da indústria do papel, o capitalismo, o cultivo das artes e o conhecimento foram exemplos que colaboraram para proliferação da escrita.

Já para diferenciar o livro-reportagem, enquanto gênero de produto jornalístico, de outras publicações consideradas como livro, Lima (2009) considera três fatores básicos: em relação ao conteúdo, porque o real, a veracidade e a verossimilhança são essenciais; quanto ao tratamento que compreende linguagem, montagem e edição do texto; e em relação a sua função, pois o modelo pode servir a objetivos típicos do jornalismo que vão desde informar e até mesmo explicar e orientar. Desse modo, o autor explana que o livro-reportagem “é muitas vezes fruto da inquietude do jornalista que tem algo a dizer, com profundidade, e não encontra espaço para fazê-lo no seu âmbito regular de trabalho, na imprensa cotidiana” (LIMA, 2009, p. 33).

É durante o século XIX, na Europa, que a reportagem em livro começou a ganhar força como subgênero da literatura, segundo Belo (2006). Porém,

mesmo antes de ter a definição como livro-reportagem nos círculos acadêmicos ou nas rodas de jornalistas, o pesquisador argumenta que várias narrativas de não-ficção já circulavam e eram publicadas na Europa, como, por exemplo, histórias de viajantes com narrativas que não eram presas à objetividade e sim aos detalhes, contextos. Foi com o jornalista americano John Reed que se deu início uma das fases mais consistentes para a produção de reportagens em livro (BELO, 2006).

Reed é apontado por diferentes estudiosos da comunicação como um dos precursores do chamado jornalismo literário e pai do livro-reportagem moderno. Não quer dizer que tenha sido o primeiro. Não faltam relatos de não-ficção anteriores a ele. Pelo menos um deles no Brasil, *Os sertões*, de Euclides da Cunha. Mas até então nada havia sido tão marcante. (BELO, 2006, p. 22)

Conforme Belo (2006), mesmo contendo pitadas de romance literário com ares de ficção, a narrativa de John Reed chamou a atenção dos críticos, do público e mídia por ser rica em detalhes e dramaticidade. Além disso, Belo (2006) menciona *México Rebelde!* (1914) e *Dez Dias que Abalaram o Mundo* (1919), obras de John Reed que trazem outra característica do jornalista: o viés ideológico. Porém, com o fim da Segunda Guerra Mundial, a produção jornalístico-literária no mundo aumentou, segundo o autor.

Jornais enviaram seus correspondentes para os *fronts* com a finalidade de obterem histórias de combate. Dois brasileiros participaram desse momento: Rubem Braga, pelo *Diário Carioca*, e Joel Silveira, dos *Diários Associados de Assis Chateaubriand*. Com essas experiências, os dois lançaram livros. Silveira escreveu *O Inverno da Guerra* e Braga publicou *Com a FEB na Itália*. Quanto à definição e conceituação de livro-reportagem, a pesquisa utiliza a visão de Lima (2009, p. 1):

O livro-reportagem é um veículo de comunicação jornalística bastante conhecido nos meios editoriais do mundo ocidental. Desempenha um papel específico, de prestar informação ampliada sobre os fatos, situações e idéias de relevância social, abarcando uma variedade temática expressiva.

Além disso, esse produto “cumpre um relevante papel, preenchendo vazios deixados pelo jornal, revista, pelas emissoras de rádio, pelos noticiários da televisão, até mesmo pela *internet* [...]” (LIMA, 2009, p. 4, grifo do autor). Ademais, o livro-reportagem elimina, mesmo que parcialmente, o aspecto efêmero da mensagem da atualidade praticada pelos canais de informação jornalística e também avança para o aprofundamento do conhecimento do tempo, interpreta Lima (2009).

Mais do que isso, o livro-reportagem prolonga o tempo de vida dos acontecimentos, geralmente, partindo de temas conhecidos pelo público que foram inicialmente tratados pela mídia cotidiana. O autor explica ainda que esse subsistema do jornalismo também permite reposicionar o passado recente, transformando no que ele representa hoje, dando e reequipando-o numa nova vestimenta.

A ponte de conexão entre esses fatos passados para o leitor é a “[...] periodicidade, testemunho da história em fermentação, registro que tenta fazer o homem moderno não se esquecer do movimento incessante da existência” (LIMA, 2009, p. 46).

Já para as autoras Melani Rocha e Cintia Xavier (2013), o livro-reportagem pode ser identificado quando a obra trata de acontecimentos reais e, para a produção do material, é necessário utilizar procedimentos metodológicos do campo do jornalismo, sem descartar os nuances literários.

Dentro da perspectiva do desenvolvimento do jornalismo, o livro-reportagem é um modelo que tem apresentado crescimento no circuito editorial (ROCHA; XAVIER, 2013). Como fatores que explicam o motivo do aumento no número de publicações, Rocha e Xavier (2013) destacam: a queda do custo da impressão, o interesse do público, uma alternativa para os jornalistas desenvolverem um texto diferenciado em relação às práticas das *hard news* e a possibilidade de publicar em outras plataformas.

Como complemento, Belo (2006) observa que o livro-reportagem é uma das mídias mais ricas em possibilidades de experimentação, uso da técnica jornalística, aprofundamento de abordagem e construção narrativa porque foge do factível rotineiro de notícias em um jornal diário.

3.1 Breve história do gênero no Brasil

No Brasil, o precursor de todo esse interesse popular por histórias e jornalismo foi o folhetim, identifica Belo (2006). Escritores do final do século XIX e começo do XX, como Machado de Assis e José de Alencar, utilizavam a imprensa para divulgar seus textos, pois acreditavam que teriam um bom retorno financeiro (CATALÃO JÚNIOR, 2010).

É impossível tratar da história do livro-reportagem no país e não citar Os Sertões. Em 1897, Euclides da Cunha foi enviado pelo jornal Estado de S. Paulo ao interior da Bahia, encarregado de documentar a Guerra de Canudos. A experiência resultou na produção do livro, publicado no início do século XX, considerado por autores como Belo (2006) a primeira produção brasileira digna do gênero. A obra foi além da documentação, observa Catalão Júnior (2010, p. 100), e resultou em “um vasto painel (ainda que, hoje, questionável sob um ponto de vista científico) sobre as características e as condições de vida dos brasileiros que habitavam o sertão nordestino”.

É importante lembrar também que, neste mesmo período, o jornalista João do Rio, pseudônimo de Paulo Barreto, publicava seus primeiros livros. Considerado o precursor da reportagem que se desenvolve no Brasil, a que, observa Bulhões (2006, p. 78), “faz da atuação do repórter em seu ofício de ir à cata da informação a condição fundamental”, João do Rio exercia a função jornalística alinhada à escrita de crônicas, gênero textual cujas características incluem, relaciona Costa (2018), uma escrita breve, que conversa diretamente com o leitor e traz marcas da fala. O trabalho de João do Rio pode ser considerado uma “convivência simultânea” entre as duas áreas, explica Bulhões (2007, p. 80):

A ideia de ambiguidade em João do Rio parece-me válida e preciosa exatamente porque reconhece uma escrita em que os termos do factual e do ficcional não se separam ou se excluem; em que o jornalístico, assumindo já o padrão moderno que se baseia no trabalho de apuração dos acontecimentos, ao mesmo tempo convive com procedimentos próprios da representação literário-ficcional.

Contudo, recapitular a história do livro-reportagem é “arriscar-se a um anacronismo”, nota Catalão Júnior (2010, p. 100-101), se considerar a publicação de tais obras como “representativos de um gênero que, tal como foi definido o livro-reportagem [...] só emergiria na comunicação cultural brasileira mais de meio século depois deles”, pois o termo não existia à época.

É apenas na década de 1970 que o gênero se faz presente no país, após a editora Civilização Brasileira lançar a coleção de “romances-reportagem”, sendo seu primeiro título O Caso Lou, de Carlos Heitor Cony (CATALÃO JÚNIOR, 2010). O autor observa neste segundo período uma característica particular do livro-reportagem: ele surge com um viés político, de protesto, principalmente por causa da Ditadura Militar, regime que durou mais de duas décadas.

No Brasil dos anos 70, a proliferação de livros-reportagem parece responder à situação de censura à imprensa [...] e de uma demanda sufocada do público leitor por narrativas, informações, análises e descrições – políticas, especialmente – cuja circulação era reprimida pelo governo ditatorial da época. (CATALÃO JÚNIOR, 2010, p. 102)

Já no final do regime ditatorial, início dos anos 1990, Lima (2009) lembra que era notável o desaparecimento da reportagem das páginas dos periódicos nacionais, anteriormente trabalhada firmemente na revista Realidade e no Jornal da Tarde. Juntamente com a supressão do gênero, o prestígio dos jornalistas também se esvaecia, o que, por consequência, obrigava-os a se aventurar em novas funções, como a de assessor de imprensa (LIMA, 2009). Diante desta perspectiva, Lima (2009, p. 414) argumenta que “a tábua de salvação da reportagem era o livro”.

Foi então que as produções de livros-reportagem brasileiros começaram a tomar fôlego novamente, especialmente no âmbito acadêmico. Pouco tempo depois, peças práticas do gênero se tornaram modalidade válida para aprovação nos TCCs da graduação de jornalismo da Pontifícia Universidade Católica (PUC), em Campinas (SP), ação motivada pelo professor Celso Falaschi (LIMA, 2009). Outras instituições acadêmicas também passaram a aderir a ideia, lembra Lima (2009), o que levou a Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares de

Comunicação (Intercom) a criar uma categoria que premiasse anualmente as melhores obras do gênero na Exposição de Pesquisa Experimental em Comunicação (Expocom).

Ao entrar nos anos 2000, mesmo sofrendo com a falta de estudos traduzidos sobre a área, Lima (2009) conta que o jornalismo literário já não assombrava tanto assim quem escutava falar sobre ele. Para o autor:

Alguns alunos manifestavam um instintivo desencanto pelo jornalismo burocrático do *lead*, mesmo antes de iniciarem a carreira. Seus olhos se iluminavam ao travarem contato com essa outra escola [jornalismo literário], do texto narrativo e empolgante. O livro-reportagem já era um produto cultural bem mais corriqueiro e conhecido. E nas redações, muitos já sabiam da necessidade de se experimentar novas formas narrativas para se recuperar. (LIMA, 2009, p. 419)

Entre os marcos significativos na história da produção de livros-reportagem no país a partir desse novo período, vale lembrar o Prêmio Jabuti concedido à jornalista Eliane Brum; o lançamento da revista *Brasileiros*; os textos literários presentes na *Piauí* e, às vezes, na *Rolling Stone Brasil*; os documentários que transportavam as palavras impressas às telas dos cinemas; a obra *Abusado: o dono do morro Dona Marta*, de Caco Barcellos, por exemplo; para, enfim, o gênero começar a atrair seguramente o mercado editorial nacional (LIMA, 2009).

Atualmente, outro fator que colabora com a propagação dos livros-reportagens é o surgimento das tecnologias digitais, que tornou capaz um aumento relevante na produção jornalística (MALULY, 2018). Em sites como Saraiva, Amazon, Livraria Cultura e Submarino, quando se busca a palavra-chave “livro-reportagem”, o resultado é centenas de títulos nacionais e internacionais do gênero, que trazem tópicos da área ou são específicos dela.

No caso da Amazon, que realiza desde 2018 o “Prêmio Livro-reportagem Amazon”, com apoio do portal *Jornalistas e Cia* e da Editora Record, 105 obras estão disponíveis em *e-Book*, formato que agrada 34% da população brasileira, de acordo com a *Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil (2016)*, realizada pelo Instituto Pró-Livro.

3.1.1 Estilos, formatos e gêneros do livro-reportagem

Para Belo (2006), o livro-reportagem pode ter como base de partida dois estilos: o descritivo e o analítico. O primeiro se prende apenas na descrição dos fatos. O segundo – que possui maior espaço no mercado – traz um emaranhado de informações que, pelo rico detalhamento e aprofundamento, possibilita fundamentação de senso crítico e levanta reflexões sobre o assunto em questão. Além disso, o autor reforça que todo e qualquer livro-reportagem possibilita uma linguagem descontraída, diferente das publicações cotidianas.

Entretanto, Belo (2006) lembra que o livro-reportagem não deve perder seu compromisso com a exatidão. Embora se aproprie na maioria das vezes do jornalismo literário, que possibilita uma escrita menos engessada, o livro-reportagem necessita de um longo trabalho de apuração. O objetivo é, antes da riqueza de detalhes, a veracidade rigorosa de tudo que será abordado (BELO, 2006).

Já em relação aos formatos e gêneros que podem ser classificados dentro do livro-reportagem, Lima (2009) apresenta primeiramente a reportagem temática. “Seu propósito é discutir, com imersão, humanização, pesquisa e bom texto autoral, pelo menos, um tema candente ancorado numa questão específica”, define Lima (2009, p. 425).

Enquanto isso, ele também expõe os textos de memórias. Considerados como trabalhos autobiográficos, eles podem falar, ou não, a respeito de uma época da vida da pessoa ou sobre um ou mais episódios que participou.

Geralmente, são reminiscências de uma época já distante no tempo. Diferem-se da biografia por não haver compromisso em se narrar uma vida inteira. O gênero teve um salto de qualidade quando um professor de Nova York, prestes a se aposentar, resolveu contar sua infância obre na Irlanda. (LIMA, 2009, p. 428).

Há também o ensaio pessoal em que o objetivo básico é a discussão de um tema à luz da reflexão do autor. Para Lima (2009, p. 431), “a versão mais moderna desse gênero, no jornalismo literário atual, mescla narrativa e reflexão, sempre com forte conotação pessoal”. Por outro lado, o pesquisador ressalta

também que, para a realização do ensaio pessoal, a pessoa que escreve precisa ter coragem de despir-se por completo para o leitor, já que a humanização que se destaca nesse caso é a do próprio escritor.

Lima (2009) define ainda o jornalismo literário de viagem, que consegue apresentar certo grau de aproximação ao ensaio pessoal e também aos textos de memórias. Todavia, a narrativa de viagem, para o autor, tem um propósito e foco. Assim, como nas histórias de jornalismo literário “[...] há um tema subjacente que deve ser explorado, uma questão chave a ser compreendida. O autor é o protagonista” (LIMA, 2009, p. 433).

Por último, tem a biografia, cuja proposta, mostra Lima (2009, p. 425), é contar basicamente a vida de uma pessoa, estando ela viva ou morta.

O livro-reportagem-biografia ocupa um espaço sólido no Brasil, em parte impulsionado por jornalistas que se dedicam ao gênero biografia, ajudando a modernizá-lo narrativamente, às vezes empregando elementos típicos do jornalismo literário.

Belo (2006) afirma que a biografia é tipo de livro-reportagem mais comum no Brasil. Nessa produção, o pesquisador indica que são necessários relatos do personagem em questão e/ou de pessoas que de alguma forma conviveram com ele. Além disso, é preciso de fundamentação, documentos e dados que comprovem não só o que está sendo falado, mas, principalmente, sua relevância.

O pesquisador explica que essa popularidade da biografia se deve ao fato de o ser humano possuir um desejo natural em conhecer pessoas públicas que contribuíram de alguma forma para o meio em que vivem ou viveram. Dito isso, Belo (2006) deixa claro a importância dos detalhes e da exatidão que proporcionam fidedignamente essa imersão quando o profissional opta por escrever biografia.

Ademais, a pessoa que deseja esse caminho, avalia Belo (2006), vai precisar de registros fidedignos que comprovem que aquilo que está trabalhando se sustenta e tem relevância como objeto de um livro-reportagem, além de documentos. Ter esses elementos documentais é bom tanto para aumentar a

credibilidade da sua obra, quanto para situar o leitor sobre a dimensão que aquela pessoa/vida em questão tem na sociedade.

Documentação é uma das principais chaves. Um perfil que se baseie apenas no relato do personagem e dos que o conheceram é substancialmente mais pobre que uma investigação profunda feita com base em uma pesquisa histórica, bibliográfica, com documentos, investigativa. (BELO, 2006, p. 50)

A documentação, já na visão de Lima (2009), aplica-se tanto no livro-reportagem como no jornalismo cotidiano. Porém, é no livro-reportagem que esse termo ganha vigor e poder de sustentação, já que pode ser um auxílio à fundamentação do tema de que trata a reportagem, sobretudo na matéria em profundidade. Entretanto, Lima (2009, p. 128-129) argumenta que “o livro-reportagem brasileiro dos últimos tempos não demonstra, em geral, um cuidado rigoroso com esse item”. Para ele, a menor sensibilidade do profissional para enfocar adequadamente o tema que aborda é resultado de recorrer, quase sempre, a entrevistas e menos a observações diretas e outros recursos de interação como forma de captação.

Enquanto técnica ou ciência, a documentação ganhou forma na última década do século XIX quando dois advogados belgas, Otlet e Lafontaine, preocupados com a árdua ideia de reunir um todo, fundaram o Instituto Internacional de Bibliografia. “E é por meio de tais documentos que se pode interpretar ou reconstruir determinado período do passado”, defende Silva (2004, p. 15). O pesquisador deixa claro que a documentação pode também se relacionar com o poder, seja ele político ou econômico, já que pode ser um instrumento visado nesses meios.

É considerada de grande importância para o historiador ou jornalista que utiliza esse item como base para formular suas considerações e reunir os dados necessários para polir a pesquisa ou comprovar alguma tese ou hipótese, avaliam Mônica Andressa da Cruz e Hélio Afonso Etges (2018). Ademais, os autores explicam que, em uma investigação, o profissional da comunicação social busca o passado e o que foi noticiado por meio de informações e relatos para ajudar a recuperar e relembrar fatos ocorridos em determinado momento.

É a partir dessa leitura feita por meio de documentos, que o jornalista pode produzir novos materiais, hipóteses e explique não apenas o que aconteceu anteriormente, como também as decisões que foram tomadas no presente e delinearão o futuro (CRUZ; ETGES, 2018).

Cruz e Etges (2018, p. 11) identificam ainda que “[...] a pesquisa e os documentos são fontes primordiais nas abordagens investigativas e, também, na produção desse tipo de livro”. Isso porque, para a construção do livro-reportagem, segundo os pesquisadores, é importante dispor de informações e recursos concretos. No livro-reportagem, além dos fatos sustentados em documentos dos episódios que o jornalista aborda, há atualizações sobre esses acontecimentos que colaboram para a manutenção da sociedade, da história (CRUZ; ETGES, 2018). Em grande parte, essas atualizações se devem aos profissionais da área do jornalismo, pois se baseiam no que foi escrito e documentado; e procuram novas informações a fim de atualizar esses episódios (CRUZ; ETGES, 2018).

Outro papel que esses profissionais cumprem, observam Cruz e Etges (2018), é o de investigar, localizar fontes, acervos e informações que viabilizam na conservação do passado, presente e futuro. “[...] percebe-se que a memória se faz necessária para a História, porque é a partir dela que os registros são feitos e que a documentação passa a ganhar maior relevância” (CRUZ; ETGES, 2018, p. 5-6).

O fator da memória, ligado à documentação, não consegue descrever ou até mesmo representar fielmente os acontecimentos. Isso porque esquecimentos ocorreram ao longo do tempo. Por essa razão, é crucial a necessidade de preservá-la e guardar todos os detalhes possíveis que podem auxiliar no desenvolvimento do livro-reportagem (CRUZ E ETGES, 2018).

3.1.2 Fotografia como elemento de documentação

A documentação, como já vista no item anterior, tem relevância significativa no livro-reportagem, peça prática desse TCC, que vai tratar a vida e contribuições do médico e pecuarista Gabriel Costa Neto, em Presidente

Prudente. Para reforçar essa premissa, as pesquisadoras optaram por trazer a fotografia como elemento de documentação, com o objetivo de agregar consistência e humanidade à peça prática. Portanto, faz-se necessário entender o surgimento da fotografia e discorrer como ela é parte essencial no livro-reportagem.

Kossoy (2014) explica que o advento da fotografia ocorreu no período da Revolução Industrial, época em que se notava um desenvolvimento exponencial no campo das ciências. Além disso, o autor (KOSSOY, 2014, p. 31) ressalta que:

A descoberta da fotografia propiciaria, de outra parte, a inusitada possibilidade de autoconhecimento e recordação, de criação artística (e, portanto, de ampliação dos horizontes da arte), de documentação e denúncia graças à sua natureza testemunhal (melhor dizendo, sua condição técnica de registro preciso do aparente e das aparências).

Para o pesquisador, as imagens têm preservado, de certa forma, a memória visual de diversos fragmentos como, por exemplo, personagens, cenários e suas constantes transformações. Kossoy (2014) acredita que a fotografia é capaz de gerar um documento visual, no qual seu respectivo conteúdo pode trazer não só informações, mas também recuperar emoções. Essas emoções levam a sentimentos distintos como afeto, ódio, nostalgia, enquanto as pessoas livres de paixões podem se utilizar da fotografia apenas como um meio exclusivo de conhecimento e informação (KOSSOY, 2014).

Kossoy (2014) analisa que nas últimas décadas foi perceptível que um novo panorama se formou no Brasil em relação ao crescente interesse que esse tipo de documentação despertou no meio acadêmico. Isso, avalia o pesquisador, “[...] vem suscitando o debate e a reflexão acerca do alcance, do valor e dos limites das fontes fotográficas” (KOSSOY, 2014, p. 35). Entretanto, observa-se que, para estudiosos da história social e até para pesquisadores de outras áreas do conhecimento, as imagens são “[...] documentos insubstituíveis cujo potencial deve ser explorado. Seus conteúdos, entretanto, jamais deverão ser entendidos como meras ‘ilustrações fotográficas’” (KOSSOY, 2014, p. 36). Ou seja, é preciso

sempre olhar para uma fotografia buscando compreender seus nuances, o que há por trás. Mais do que isso, é preciso sentir a fotografia. Isso se explica, pois:

As fontes fotográficas são uma possibilidade de investigação e descoberta que promete frutos na medida em que se tentar sistematizar suas informações, estabelecer metodologias adequadas de pesquisa e análise para a decifração de seus conteúdos e, por consequência, da realidade que os originou. (KOSSOY, 2014, p. 36)

Contudo, a fotografia também se torna relevante para o contexto da memória, observa Von Simson (2005). Para a autora, desde os anos 1930 e 1940, a vida dos grupos sociais e das pessoas passou a ser registrada mais pelo uso contínuo da imagem do que por outros meios, como as cartas e diários. Segundo a pesquisadora, isso acontece devido à democratização do registro fotográfico, com o conseguinte surgimento de máquinas fotográficas que possibilitaram um fácil manuseio do equipamento, tornando a prática fotográfica mais acessível.

Von Simson (2005, p. 20) explana ainda que a memória familiar e individual “passou a ser construída tendo por base o suporte imagético”. Para a autora, isso mostra que esse fator ajuda na reconstrução e veiculação da memória de cada pessoa, independente se for como participante de grupos sociais distintos ou até mesmo individualmente. Ademais, as fotografias podem ser responsáveis na transmissão de informações do passado familiar para os mais jovens.

Através das imagens que nos restaram e das histórias que nos chegam pelas tramas da rede familiar, construímos uma interpretação da figura e da atuação de nossos antepassados no tecido social e a transmitimos. (VON SIMSON, 2005, p. 20)

Ao dar ênfase para a memória no que se refere aos grupos familiares, por outro lado, Kossoy (2005) avalia que quando a pessoa aprecia determinada imagem, acontece um processo de exercício mental de reconstituição. Para o autor, o indivíduo mergulha naquele conteúdo e vai além, podendo imaginar a trama e circunstâncias dos fatos que circulam o assunto e também a

representação da fotografia no contexto em que foi reproduzida (KOSSOY, 2005).

É interessante notar que quando se trata de fotografias pertencentes a outras épocas, Kossoy (2005, p. 40) expõe que elas podem se tornar fontes insubstituíveis para reconstituição histórica de memórias de vida, fatos passados, cenários, desde que “identificadas e analisadas objetiva e sistematicamente com base em metodologias adequadas”.

O autor observa também que, para que a reconstituição de certo tema do passado tenha sucessão, por meio do uso da fotografia ou um conjunto de fotografias, vários aspectos precisam ser levados em conta. Esses aspectos são:

O contexto particular que resultou na materialização da fotografia, a história do momento daqueles personagens que vemos representados, o pensamento embutido em cada um dos fragmentos fotográficos, enfim, a vida do modelo referente – sua *realidade interior* – é, todavia, invisível ao sistema óptico da câmara. Não deixa marcas na chapa fotossensível, não pode ser revelada pela química fotográfica, tampouco digitalizada pelo *scanner*. Apenas imaginada. (KOSSOY, 2005, p. 41)

Além disso, Kossoy (2005) argumenta como a interpretação de tais fotografias pode ser realizada nesse caso. É uma questão, compreende o autor, que depende do repertório cultural, concepções ideológicas e estéticas, conhecimentos, convicções morais, éticas, interesses pessoais, profissionais, mitos, preconceitos.

Quando as fotografias têm como objetivo o de informar, Rouillé (2009) explana que talvez esse propósito seja a função mais importante que está relacionada com a fotografia-documento. “Pelo menos entre os anos de 1920 e a Guerra do Vietnã: período em que a fotografia criou um forte vínculo com a mídia impressa [...]” (ROUILLÉ, 2009, p. 126). O autor aborda também que a fotografia-documento atrelada à informação só ocorreu por causa do surgimento da fotografia de imprensa. Contudo, não demorou para a função informativa ganhar força e ser reconhecida. Mas isso, segundo o autor, aconteceu porque as imagens de pessoas, paisagens, monumentos e de produtos tinham um valor informativo mais elevado do que em comparação com outras fotografias da segunda metade do século XIX. Rouillé (2009) complementa o pensamento ao

falar que a fotografia tem o poder de abranger mais indivíduos, difundir culturas, conhecimento e sempre pode apresentar coisas novas ao mundo.

Outra importante função que a fotografia-documento contempla é a de servir como arquivo e também uma nova forma de inventário do real, por meio de álbuns, defende Rouillé (2009). O autor discute o álbum “enquanto mecanismo de reunir e tesaurizar as imagens; a fotografia, enquanto mecanismo para ver (óptico) e para registrar e duplicar aparências (químico)” (ROUILLÉ, 2009, p. 97).

Rouillé (2009) também argumenta que o álbum pode ser encontrado em diversas áreas e situações, como por exemplo: na medicina, guerras, arqueologia, viagens, descobrimentos, arquitetura, cenas cotidianas, atualidade, entre outros. Desse modo, a junção da fotografia e álbum é concebida como “a primeira grande máquina moderna a documentar o mundo e a amearhar suas imagens [...] o álbum e a fotografia-documento funcionaram em simbiose durante quase um século” (ROUILLÉ, 2009, p. 98). Enquanto, ao tratar especificamente sobre o álbum de família, Rendeiro (2010) aborda a significância da fotografia no convívio familiar.

[...] entendemos a fotografia como elemento que legitima e documenta a celebração do rito no universo familiar, mas numa duplicidade de funções, identificamos nela mais do que isso, sendo também, em si mesma, o próprio rito, numa ação que conjuga a exigência do “retratar” à exigência de ser retratado. Dito de outro modo, no terreno da experiência social a fotografia obriga todos os membros da família a experimentar o retrato. (RENDEIRO, 2010, p. 4)

Rendeiro (2010) acrescenta à discussão a leitura do espaço doméstico, pois, para a pesquisadora, a partir do momento em que a fotografia ocupa determinada posição, isso evidencia a relevância dada ao fotografado. Isso ocorre porque, para Rendeiro (2010, p. 4), ao olhar um álbum de família a vontade de conhecer será despertada, sendo possível identificar “[...] o sujeito central da família ou seu elemento e assunto principal”.

Portanto, os álbuns de família possuem possibilidades infinitas de interpretações que dispõem um material rico em narrativas (RENDEIRO, 2010). “Acompanhá-las (as fotos e as narrativas que produzem) é flertar com a

desaceleração do tempo, a chance de partilhar os bens simbólicos que estão sob a tutela do guardião de um ‘museu familiar’ (RENDEIRO, 2010, p. 9).

Em se tratando de narrativa, a autora explica ainda que esse fator dá amparo no processo de análise da leitura de imagem, além de acompanhar e anteceder todas as fotos de família. É por meio da narrativa, defende Rendeiro (2010), que a pessoa nota que a imagem de um rosto não é meramente um rosto; fotos de cerimônias e aniversário expõem personagens, representam ideias, reconstroem memória.

Rendeiro (2010) aborda que nem sempre o acesso aos álbuns de família é fácil. O que pode ajudar nessa questão é o dono do acervo ter uma relação de confiança com o pesquisador que vai analisar e interpretar o conteúdo cedido. Muitas vezes, o responsável pelo álbum possui o desejo de eternizar a pessoa que está na imagem (RENDEIRO, 2010). Para concluir o pensamento sobre álbum de família, a pesquisadora expõe que:

O esforço em lembrar do passado revela a complexidade da fotografia e o seu potencial no universo subjetivo da memória. O retrato sozinho não diz muita coisa, mas é um mar de informações se analisado à luz dos depoimentos pessoais e dos outros retratos que o antecedem ou sucedem na coleção. (RENDEIRO, 2010, p. 8)

Assim sendo, a fotografia atrelada à documentação é essencial para trazer conteúdos e informações pertinentes. Isso também vale para a construção do livro-reportagem, pois sem as imagens o produto final pode sofrer com a qualidade, já que as fotografias disponibilizadas ao grupo possuem riqueza de detalhes e informações cabíveis para o trabalho que vão complementar, tanto emocional como de forma informacional, a construção textual.

3.1.3 Reportagem: aprofundamento da informação social

A construção textual do livro-reportagem, alinhada com a fotografia e o jornalismo literário, também tem como base a reportagem. O livro-reportagem deve apresentar, explica Lima (2009), reportagens em grau de amplitude superior ao tratamento rotineiro nos meios de comunicação, sejam eles jornais, revistas ou os meios eletrônicos.

A reportagem surgiu no determinado momento em que jornalistas e outros profissionais da área “obrigaram-se a reformar a modalidade escrita da língua [...] ora exagerando no sentimentalismo, ora incorporando a invenção léxica e gramatical das ruas” (LAGE, 2001, p. 15-16).

Para Lage (2001), a mudança na reportagem, na notícia e no jornalismo como o conhecemos hoje, começou com a Revolução Industrial, no século XIX, porque na medida em que o público se tornava maior, devido à expansão do ensino público na Europa, o investimento na produção dos veículos aumentava e as triagens cresciam. Além disso, nessa época:

A reportagem colocou em primeiro plano novos problemas como discernir o que é privado, de interesse individual, do que é público, de interesse coletivo; o que o Estado pode manter em sigilo e o que não pode [...]. (LAGE, 2001, p. 16-17)

Já para conceituar reportagem, Lima (2009) afirma que é preciso levar em conta se existe um grau de extensão e aprofundamento do fato, comparado à notícia. “A reportagem, como gênero, pressupõe o exame do estilo com que o jornalista articula sua mensagem” (LIMA, 2009, p. 24). Porém, o autor complementa ainda que:

A reportagem é a forma de maior aprofundamento possível da informação social e, por outro lado, é aquela que responde melhor às aspirações de uma democracia contemporânea, com toda a plenitude até mesmo da utopia, o socialismo, ou dentro da modernização capitalista [...]. (LIMA, 2009, p. 23)

Quanto às características do gênero, alguns estudiosos citam diferentes visões. Lima (2009) aponta que, para Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari, a temática tem objetividade dos fatos narrados, humanização do relato, predominância da forma narrativa e texto de natureza impressionista. Com outra perspectiva, para Coimbra (2004), a temática possui duas fases: uma voltada para fora de si, outra para dentro de si. Tal autor referencia a primeira como o texto em estrutura aberta, ligada ao contexto extraverbal, enquanto a segunda é o texto em estrutura cujos elementos estão internamente organizados.

Se por um lado, para Lima (2009), a reportagem pode ser entendida como a ampliação da notícia, com sua horizontalização do relato e também sua

verticalização; por outro, o autor reafirma que livro-reportagem é o meio que viabiliza reportagens em amplitude maior. Para complementar, Guirado (2004) explana que “é da natureza da reportagem revelar a origem e o desenrolar da questão que ela retrata” (GUIRADO, 2004, p. 22). Desse modo, a reportagem tenta responder aos interesses sociais, compreende a pesquisadora.

Por ser um dos tipos de textos mais complexos para se realizar no dia a dia do jornalismo, Guirado (2004) explica que algumas técnicas são importantes para a concretização da reportagem.

A pauta, por exemplo, é exigente e requer mais do que apenas preencher as perguntas tradicionais do *lead*, elucida a autora. Enquanto isso, Lage (2001) explica que o êxito da pauta depende do repórter porque o trabalho da reportagem vai além de seguir determinado roteiro de apuração e apresentar um texto adequado. O autor argumenta que:

[...] qualquer projeto de pesquisa, envolve imaginação, *insight*, a partir dos dados e indicações contidos na pauta, a busca do ângulo (às vezes apenas sugerindo ou nem isso) que permita revelar uma realidade, a descoberta de aspectos das coisas que poderiam passar despercebidos. (LAGE, 2001, p. 35)

Ao traçar esse caminho, Lage salienta também que a pauta para a reportagem geralmente inclui o fato de interesse, a natureza da matéria, o assunto, contexto, recursos e suporte técnico disponíveis, além da linha editorial e o que se espera em termos de aproveitamento.

Segundo Floresta e Braslauskas (2009), ao ver a pauta que deverá fazer no dia, o repórter conversa com o pauteiro, que complementa as orientações. Além disso, os autores (2009) afirmam que o texto costuma trazer algumas dicas para o repórter, como onde deve ir e com quem ele deve falar, as chamadas fontes.

Para Jorge (2008, p. 39), a pauta “é um instrumento de organização interna, que veio colocar ordem no caos”. Isso porque ela é um documento que organiza todo o encaminhamento da entrevista, contendo dados do entrevistado e questões relevantes que devem ser feitas a ele.

As fontes são pessoas que vivenciam e fornecem informações sobre algum fato, conforme Lage (2009). Em complemento, Xavier e Rodrigues (2013, p. 4) determinam os seguintes tipos de fonte:

Existem fontes oficiais sustentadas pelo Estado, isto é, por instituições que guardam de forma sigilosa algum poder de Estado, exemplos, sindicatos, cartórios de ofício juntas comerciais e outros. Outras fontes são as oficiosas, que são geralmente vinculadas a um estabelecimento ou indivíduo, essas são proibidas de mencionarem o nome de seus fidelizados, isto quer dizer, se pronunciarem poderá ser desmentido. Já as fontes independentes são aquelas que não têm vínculo nenhum com qualquer relação de poder ou interesse.

Já sobre a apuração, Jorge (2008, p. 98), afirma que “apurar é colher os fatos, juntar todos os dados disponíveis sobre o acontecimento”. Segundo a autora, para apurar é necessário compreender o momento e o local certo de procurar, saber o que se deseja encontrar, quem se deve procurar para que obtenha o necessário, entender o porquê e a melhor maneira de analisar as informações.

No que tange à entrevista, outro elemento clássico na apuração de informações, Lage (2001, p. 73) defende que ela pode ser entendida como “uma expansão da consulta às fontes, objetivando, geralmente, a coleta de interpretações e a reconstituição de fatos”. Podendo ainda ser classificada como: testemunhal, quando o relato do entrevistado é sobre algo que participou ou assistiu; temática, em que o entrevistado tem autoridade para discorrer sobre o tema; em profundidade, quando o objetivo é a figura do entrevistado, a representação de mundo que ele constrói; e, por fim, a dialogal, que permite o aprofundamento e detalhamento dos pontos abordados. Outro ponto importante, para o pesquisador, é que toda reportagem pressupõe investigação (LAGE, 2001).

Para Guirado (2004, p. 23), a investigação permite “o acesso aos dados essenciais do acontecimento, aos detalhes, aos pormenores reveladores [...]”. Além disso, a autora explana que a investigação tem como vantagem estabelecer as diferenças entre um relatório burocrático e uma boa reportagem.

3.1.4 O livro-reportagem como lugar de memória

O historiador francês Pierre Nora estabeleceu o conceito histórico dos chamados Lugares de Memória, área de estudo sobre a qual diz ser “sempre suspeita para a história” (NORA, 1993, p. 9). Para ele, existem oposições entre os dois campos, porém é por meio da memória que se pode reconstituir a história e por meio da história que é possível suavizar a ameaça de aniquilamento da memória.

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. (NORA, 1993, p. 9)

Para Nora (1993), cada vez mais a memória tem se tornado um lugar inabitável, um dispositivo que dificilmente recebe visitas, isso porque não existe uma obrigação de eternizá-la. Para o autor, vivemos um momento particular no qual se tem consciência de que esses vestígios estão se perdendo. Contudo, é graças a essa consciência que a vontade de “encarnar”, ou seja, materializar essas memórias, surge. Essa ameaça é algo positivo do ponto de vista do historiador.

Sendo assim, o autor (1993, p. 8-9) afirma que “se habitássemos ainda nossa memória, não teríamos necessidade de lhe consagrar lugares”. Para ele, esses lugares deslocam entre o concreto e o abstrato e podem ser, por exemplo, museus, arquivos, aniversários e até cemitérios (NORA, 1993). Sempre há algo material capaz de impedir o esquecimento ou freá-lo, por isso a existência desses suportes é defendida com grande entusiasmo atualmente, observa Nora.

Nenhuma época foi tão voluntariamente produtora de arquivos como a nossa, não somente pelo volume que a sociedade moderna espontaneamente produz, não somente pelos meios técnicos de reprodução e de conservação de que dispõe, mas pela superstição e pelo respeito ao vestígio. [...] Assim, a materialização da memória, em poucos anos, dilatou-se prodigiosamente, desacelerou-se, descentralizou-se, democratizou-se. (NORA, 1993, p. 15)

Há ainda entre os povos um sentimento imprescindível de “acumular vestígios, testemunhos, documentos, imagens, discursos, sinais visíveis do que

foi”, analisa Nora (1993, p. 15). O fato é que o ser humano também busca, constantemente, o autoconhecimento, ele deseja respostas.

Todos os corpos constituídos, intelectuais ou não, sábios ou não, apesar das etnias e das minorias sociais, sentem a necessidade de ir em busca da sua própria constituição, de encontrar suas origens. (NORA, 1993, p. 17)

Sendo assim, a memória, além de ser uma forma de conservar acontecimentos passados, também é responsável por constituir e perpetuar a identidade humana quando materializada.

Com o tempo, Nora (1993, p. 17) avalia que “[...] cada disciplina se colocou o dever de verificar seus fundamentos pelo caminho retrospectivo de sua própria constituição”. Por isso, assim como a História se apropria da memória, a Música se apropria da história da música, assim se sucedeu com as outras áreas do conhecimento. O livro-reportagem, como produto do Jornalismo, também pode ser um auxiliar a esse processo já que, de acordo com Lima (1993, p. 33-34), não “[...] se limita ao conceito de atualidade, mergulhando mais forte no passado e se projetando mais visivelmente no futuro” e pode ser uma fonte de registro dos acontecimentos compartilhados por quem os viveu, os próprios autores, ou por testemunhos, quem os presenciou, como a família – já que toda existência emerge de outra.

Nesse sentido, assim como a história objetiva não deixa que tudo vire apenas vestígio, opor-se ao esquecimento por meio da documentação acaba sendo uma das funções da peça prática desse TCC, o livro-reportagem, responsável por uma “dublagem” do que foi vivido pelo objeto de estudo, cuja relevância se dá por meio da simbologia, da representação afetiva da obra, da cumplicidade que lhe é conferida em um simples ato como retirá-lo da estante com o objetivo de invocar os acontecimentos ali narrados.

3.2 Jornalismo e literatura, mas sem esquecer do real

Para realizar a façanha de fazer com que o leitor aprecie algo ou alguém, o livro-reportagem utiliza do jornalismo literário que, segundo Pena (2006), é o

sentir na pele as expressões, sentimentos e sinais que podem ajudar na composição do texto que deve unir recursos literários aos jornalísticos.

Dois elementos são fundamentais para classificar uma obra em literária: o conteúdo e a forma (AMORA, 2004). O conteúdo diz respeito à expressão de um conhecimento “individual e intuitivo da realidade”. Porém, para diferenciar literatura de não-literatura, essa expressão precisa ser original, única. Ao passo que a forma “fixa o conteúdo e o transmite do espírito do escritor ao do leitor, auditor ou espectador”, argumenta Amora (2004, p. 58).

Enquanto isso, os recursos jornalísticos têm como responsabilidade fazer com que a obra tenha fundamento não-ficcional, “[...] garantido a veracidade de cada acontecimento através de entrevistas, observação constante e duradoura e muita pesquisa”, classificam Guzzo e Teixeira (2008, p. 4). Ambas as áreas, o jornalismo e a literatura, possuem um ponto em comum: a palavra.

Assim como na literatura, a palavra torna-se o principal recurso que caracteriza a ação do jornalismo para atingir seu alvo. A atenção do leitor e a palavra escrita justificam esta união, que encontra seu marco originário, a partir do momento em que narrar torna-se essencial, tanto para o fazer jornalístico, quanto para a literatura. (OLIVEIRA, 2006, p. 2)

Portanto, conectando os elementos que caracterizam a literatura às técnicas jornalísticas, é possível trabalhar o jornalismo literário. Marleth Sílvia (2017, p. 159) explica que a relação entre as duas áreas não é nova, pois “jornalistas flertam com a literatura desde os primórdios da profissão”, sendo que “[...] grandes escritores ganharam a vida como jornalistas, e muitos jornalistas escreveram literatura”. No início do século XX é possível afirmar até que “a literatura e a imprensa confundem-se”, examina Lima (2009, p. 174).

Alvim (2008, p. 3) conta que os folhetins, representados pela figura 1, cuja origem é francesa, responsáveis por difundir a literatura no século XX, serviam apenas para designar um espaço no jornal. Contudo, a partir de 1836, “o termo passou a se referir a ‘romances-folhetim’, [...] publicados de forma fragmentada em jornais”.

Figura 1 – Exemplo de Folhetim



Fonte: Biblioteca Nacional Digital Brasil

O objetivo era instigar a curiosidade do leitor, que esperava pelos próximos capítulos. Estratégia que as novelas televisivas se apropriaram e mantêm até hoje (ALVIM, 2008). Bulhões (2007, p. 32) ressalta que havia uma “suspensão da narrativa no momento do clímax, no instante em que o vilão aciona o gatilho”. Sobre o primeiro folhetim publicado no Brasil, Gonçalves (2003, p. 3) registra que:

[...] foi O Capitão Paulo de Alexandre Dumas, publicado no periódico carioca *Jornal do Comércio* – pioneiro na publicação de folhetins – quase que simultaneamente com a versão francesa, em 1838. Assim como na França, o consagrado folhetim *Os mistérios de Paris*, traduzido em por Joaquim José da Rocha, em 1844, tornou-se um sucesso de publicação no Brasil. Após o êxito no Rio de Janeiro, logo o folhetim se disseminou nas demais Províncias brasileiras, porém assumiram em cada local suas próprias características. Ainda assim, o objetivo permanecia o mesmo: aumentar as tiragens e gerar lucro aos proprietários.

Foram eles que começaram a união entre jornalismo e literatura. Porém, “em 1914 o romance-folhetim chegou ao fim, devido à criação do cinema e o advento da Primeira Guerra Mundial”, relata Gonçalves (2013, p. 3).

Quanto ao nascimento do jornalismo literário, não existe um consenso a respeito de quando e onde começa exatamente. Contudo, autores como Pena (2006) e Lima (2016) concordam que as guerras ao redor do mundo foram grandes colaboradoras com a sua existência e produção, principalmente nos Estados Unidos da América, durante a Segunda Grande Guerra e, 20 anos depois, na Guerra do Vietnã. Estes períodos resultaram em livros como *Vida e Destino*, de Gorrsmann; e *Hiroshima*, de Hersey, publicado anteriormente na *The New Yorker*, revista norte-americana de grande relevância na história do *New*

Journalism, onde trabalhou umas das pioneiras da vertente do jornalismo literário: Lillian Ross.

O *New Journalism* era um movimento que expressava “a linguagem das ruas” e se aproximava “da atmosfera retratada”, constata Pena (2006, p. 61). Uma resposta e um questionamento da imprensa dos anos 1950 ao *American Way of Life*, assim como o *rock n’ roll*, o cinema *underground* e os *hippies*, considerados formas de contracultura à tentativa de padronizar o modo de viver dos americanos (OLIVEIRA, 2007). Era uma maneira de procurar novas perspectivas, formalizar novas ideologias.

A chance que o jornalismo poderia ter para se igualar, em qualidade narrativa, à literatura, seria aperfeiçoando meios sem, porém, jamais perder sua especificidade. Isto é, teria de sofisticar seu instrumental de expressão, de um lado, elevar seu potencial de captação do real, de outro. Esse caminho chegaria a bom termo com o *New Journalism* [...] O *New Journalism* resgataria, para esta última metade do século, a tradição do jornalismo literário e conduzi-lo-ia a uma cirurgia plástica renovadora sem precedentes. (LIMA, 2009, p. 191-192)

Uma obra referência desse período é *A Sangue Frio*, de Truman Capote, um dos responsáveis por edificar o movimento, juntamente com Lillian Ross, Tom Wolfe e Gay Talese. Diferente dos demais, Capote tinha suas raízes puramente literárias (BULHÕES, 2007).

Foi neste período que *A Sangue Frio* nasceu, lançado em quatro edições na revista *The New Yorker*, na qual Capote dedicava-se às reportagens, sendo publicado no formato de livro em 1965. O romance foi inspirado no assassinato de um fazendeiro e sua família que moravam em uma cidade do interior do Kansas. Tudo começou a partir de uma nota sobre o acontecido publicada nas páginas do *The New York Times*. Capote demorou seis anos para encerrar a história, pois esperou o resultado da sentença final dos assassinos, que foi adiada diversas vezes, observa Bulhões (2007).

Esse é um exemplo de interesse entre as duas áreas que é justificável porque o jornalismo literário possibilita a perenidade, ou seja, parte da notícia, de um fato, como no caso do livro *A Sangue Frio*, para construir uma narrativa que não deixará a história sumir no dia seguinte. Para Rocha e Xavier (2013), o

jornalismo literário traz uma opção de fugir do conceito de hard news, proporcionando assim, escritas mais livres.

O objetivo aqui é a permanência. Um bom livro permanece por gerações, influenciando o imaginário coletivo e individual em diferentes contextos históricos. Para isso, é preciso fazer uma construção sistêmica do enredo, levando em conta que a realidade é multifacetada, fruto de infinitas relações, articulada em teias de complexidade e indeterminação. Na verdade, a busca pela permanência reflete o segundo motivo mais importante para se escrever: o medo da morte. O escritor procura fugir da fugacidade da vida pelo tortuoso caminho das letras. (PENA, 2006, p. 15)

Já em relação às características do jornalismo literário, Lima (2009, p. 369) explica que “[...] é desejável que o escritor assuma o seu modo particular, único, de compreensão do mundo”, mas isso não deve representar uma verdade inquestionável, e, sim, uma visão própria, que deve ser exposta conforme o estilo de quem a conta. Deve-se “ver o mundo com olhar diferenciado [...] Pois [...] transmite à obra um toque de exclusividade [...]” (LIMA, 2009, p. 368-369).

Lima (2009) expõe ainda quatro recursos que, quando usados com exatidão, dão qualidade ao texto: a narração, que envolve os traços físicos e mentais dos personagens, além de como, quando e onde os fatos ocorrem; a descrição, que serve para detalhar o presente ou o passado; a exposição, quando o autor tenta convencer o leitor; e, por fim, o diálogo, que inclui as funções de linguagem, as técnicas de angulação, as técnicas de edição e o ponto de vista, maneiras de fazer com o a narrativa seja atrativa. Ao passo que, para Pena (2006, p. 6), o jornalismo literário visa:

Potencializar os recursos do jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do lide, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos.

É possível também traçar uma relação entre o jornalismo literário e o cultural. Ballerini (2016, p. 15) relata que “toda produção cultural está comprometida com uma referência social do tempo de sua produção”, sendo que

formatos literários, como a poesia e a crônica, também podem ser utilizados como base para as produções culturais.

Como o objetivo do grupo é a produção de um livro-reportagem sobre a história de Gabriel Costa Neto, a obra deve se apoiar em uma das vertentes que englobam o jornalismo literário: o perfil jornalístico. No Brasil, ele surgiu há cerca de dois séculos, mas passou a ser trabalhado comumente na década de 1950, em revistas como O Cruzeiro, Realidade e Veja, sob influência de revistas estrangeiras como The New Yorker, Vanity Fair e Biography (PONTES DA SILVA, 2009, p. 6). Sodré (1986) explica que esse gênero direciona os holofotes, foca em um protagonista que deve ser o personagem principal de alguma história, além de ter uma relevância social.

Há muitas maneiras de escrever uma história, mas nenhuma pode prescindir de personagens. Também são inúmeras as formas de apresentá-los, caracterizá-los ou fazer com que atuem. De qualquer modo, existe sempre um momento na narrativa em que a ação se interrompe para dar lugar à descrição (interior ou exterior) de um personagem. É quando o narrador faz o que, em jornalismo, convencionou-se chamar de perfil (SODRÉ, 1986, p. 125).

Para Kotscho (2003, p. 42), “[...] o perfil dá ao repórter a chance de fazer um texto mais trabalhado – seja sobre um personagem, um prédio ou uma cidade”. O autor reforça ainda que isso só será possível conhecendo bem a personalidade que se pretende retratar. O trabalho do jornalista só terá sucesso se o leitor tiver “[...] a sensação de que conheceu alguém a fundo, como se estivesse vendo cara a cara, a pessoa que o repórter viu”, deduz Marleth Sílvia (2017, p. 73).

Já para Lima (2009, p. 427), o perfil “retrata um indivíduo como em uma arqueologia psicológica que vai escavando e trazendo à tona seus valores, suas motivações, talvez seus receios [...]”. A missão do perfil é justamente compreender alguém sob diferentes matizes de cores.

Por fim, a produção que envolve o jornalismo literário não pode se esquecer da “captação, observação, pesquisa e reprodução fidedigna do real” (LIMA, 2009, p. 368). Lima (2009) lembra ainda que é função do jornalista literário compreender a realidade do fato que pretende narrar e, ao fazer isso,

não se esquecer da fidelidade, pois as técnicas literárias servem apenas para trabalhar a narrativa, a organização, estrutura e condução do texto. Ao jornalismo cabe captar, observar, pesquisar e reproduzir o real. Só assim o objetivo de prender os olhos do leitor será possível e o papel fundamental do jornalismo literário será desempenhado: o de transcender o tempo (LIMA, 2009).

3.2.1 Aplicação do *Storytelling* na produção do livro-reportagem

Além de utilizar o recurso de jornalismo literário, para a construção da história e do arco narrativo, o grupo optou também pelo uso do *storytelling*. Essa é uma técnica que funciona como uma narrativa, pois seu início precisa conquistar o leitor e isso precisa ser mantido até o fim do texto. Além disso, os acontecimentos devem ser narrados como uma história. Também ao descrever um fato, há um empenho para recriar cenas e personagens (CUNHA; MANTELLO, 2014). Antes de iniciar uma história é muito importante saber sobre o que ela conta e compreender o porquê ela merece ser contada (XAVIER, 2018).

O trajeto de uma história do ponto inicial ao ponto final [...] não pode evoluir em linha reta, sem turbulências e sem que alguma transformação aconteça. Se existe algo que nos mobiliza nesta vida são as transformações: físicas, emocionais, culturais, profissionais, sociais, espirituais, de toda ordem. Algumas são desejadas, perseguidas até, mas nem por isso destituídas daquele medinho que acompanha tudo o que é novo. Gostamos de vê-las se realizando nas histórias, para nos projetarmos nos personagens com que desenvolvemos maior identificação, para anteciparmos a sensação de nossos sonhos se tornando realidade (XAVIER, 2018, p. 90).

Ao estruturar uma história, Xavier (2018) defende que é necessário encontrar uma ideia e ficar com ela até o final, pois é no início que se decide o andamento do trabalho. O pesquisador ainda expõe que toda história é um corte no tempo e, desse modo, “escolhemos a fatia em que se desenrola uma sequência de fatos que resulta em um enredo interessante, e ali ficamos” (XAVIER, 2018, p. 91). Para Xavier (2018), a narrativa é um percurso que possui obstáculos e vilões e quanto maior são esses desafios, mais a história se torna emocionante e importante a luta do protagonista.

Enquanto isso, de acordo com McSill (2017), as histórias mais longas precisam de cenas, ou seja, vários acontecimentos pequenos que unidos formam a narrativa completa. Em contraponto, Xavier (2018) salienta que toda narrativa possui um ritmo e que tensão e relaxamento, quando elaborados em alternância, podem manter os leitores atentos à trama que se desenrola e também valorizam-se reciprocamente. Para McSill (2017), o objetivo do *storytelling* é atrair o leitor por meio de recursos que facilitam a transmissão de informações que são necessárias para encantá-lo no decorrer de uma história. Dessa forma, Xavier (2018, p. 11-12) conceitua a técnica em três definições:

Definição pragmática: Storytelling é a arte de elaborar e encadear cenas, dando-lhes um sentido envolvente que capte a atenção das pessoas e enseje a assimilação de uma ideia central. Definição pictórica: Storytelling é arte de moldar e juntar as peças de um quebra-cabeça formando um quadro memorável. Definição poética: Storytelling é a arte de empilhar tijolos narrativos, construindo monumentos imaginários repletos de significado.

McSill (2017) identifica que toda história que utilize as técnicas de *storytelling* deve possuir cinco questões primordiais para a construção da narrativa. Sendo assim, devem responder os seguintes questionamentos: o que o personagem principal quer? Quem/o que o impede de conseguir o que ele almeja? Qual desastre ocorre quando o personagem tenta conseguir o que deseja? Como ele se transforma com o passar das complicações no decorrer da história? E, por último, como o leitor se transforma ao ver o personagem passar por essas complicações?

Ainda para McSill (2017), toda história deve ter um personagem com quem o leitor se simpatize e que seja uma figura que se esforce até as últimas chances para superar os obstáculos da trama. Tudo isso para atingir um objetivo e construir um desfecho satisfatório.

Nesse contexto, o autor também acredita que “estórias são instrumentos poderosíssimos capazes de, sim, mudar vidas, resolver dilemas morais, problemas e questões aparentemente insolúveis” (MCSILL, 2017 p. 22). Tudo isso, segundo Xavier (2018), ocorre ao mesmo tempo e com vários eixos diferentes de ação que se cruzam em determinados pontos da narrativa.

O foco narrativo em terceira pessoa, segundo McSill (2017), é uma construção que conta com um narrador onisciente que tem conhecimento sobre toda a história e até dos pensamentos do personagem. Além disso, defende Xavier (2018), um livro não pode abordar tudo, sendo assim, sempre tratará de um assunto ou um conjunto de assuntos que se relacionam. Para que tal feito seja possível, McSill (2017, p.100) destaca a seguinte estrutura:

Uma história pode ser dividida em quantos atos quisermos, inclusive se passar em um único ato. Mas, a estrutura mais utilizada é a de três atos. 1º ato: apresentação da situação, ocorre um incidente incitante, surgem os problemas. 2º ato: a situação se complica, os problemas se agravam, os personagens tomam atitudes para resolvê-los, tudo desemboca em uma grave crise. 3º ato: clímax da história, algo inesperado acontece, a situação se resolve.

A produção do livro-reportagem, portanto, deve-se apoiar nessas técnicas, sendo por meio desses recursos que o grupo irá concluir a peça-prática do TCC sobre a vida do médico e pecuarista Gabriel Costa Neto.

4 GABRIEL COSTA NETO

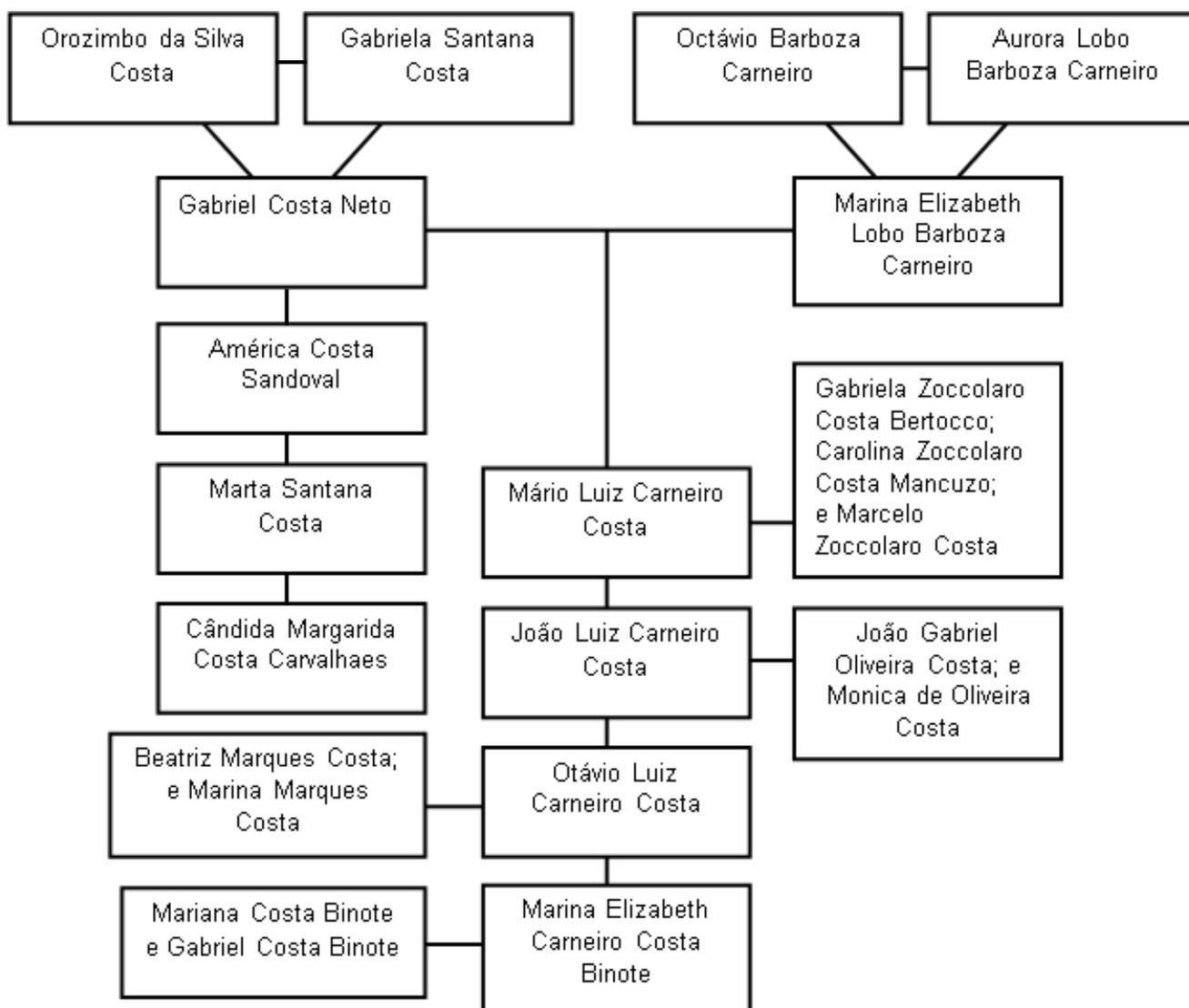
Em 1950, a cidade de Presidente Prudente, fundada em 1917, possuía 61.591 habitantes, segundo o Serviço Nacional de Recenseamento (1951). Naquele ano, havia quatro médicos inativos e ativos na cidade, além de outros sete na região, de acordo com o Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo (Cremesp).

A pecuária começava a ser, depois da agricultura, uma grande aposta na conhecida Alta Sorocabana que, quase meio século depois, em 1999, chegou a ter 7,5% de todo o rebanho bovino paulista (FERREIRA, C.; et al, 1999, p. 13), atingindo a marca de 944 mil cabeças, predominando a ocupação do solo agrícola por meio da pecuária extensiva.

Foi essa a cidade escolhida pelo mineiro Gabriel Costa Neto, objeto de estudo desse TCC, para desenvolver carreira nas duas áreas, a medicina e a pecuária, além de estabelecer e construir família.

4.1 Árvore genealógica da família

Na imagem abaixo é possível compreender as relações entre a família de Gabriel Costa Neto.



4.2 O homem

Gabriel Costa Neto, nome herdado do avô paterno, nasceu em Carmo do Rio Claro, Estado de Minas Gerais, em 19 de novembro de 1919, e faleceu em 22 de junho de 2010, na cidade de Presidente Prudente. Filho de Orozimbo da Silva Costa e Gabriela Santana Costa, cresceu sendo o único menino entre três meninas, já que seu irmão gêmeo morreu aos 11 meses.

A família residia na cidade mineira de Muzambinho, da qual, 13 anos após o nascimento de Gabriel, precisaram fugir. A fuga ocorreu por causa da Revolução Constitucionalista de 1932, também conhecida por Revolução de 32

ou Guerra Paulista: um conflito armado protagonizado pelos paulistas contra o governo provisório do ex-presidente Getúlio Vargas. A exigência era que uma nova constituinte fosse estabelecida.

Segundo América Costa Sandoval¹, irmã mais nova de Costa Neto e a única viva durante o desenvolvimento dessa pesquisa, a família refugiou-se em uma fazenda do avô materno, enquanto o pai ficou cuidando da casa em Muzambinho, até o conflito cessar, eles retornarem e organizarem as vidas novamente.

Ao falar sobre a infância, América conta que foi “muito bonita” e que Gabriel, o “Bieco”, como ela o chamava, era “uma criança ativa, levada”, que precisou até trocar de escola por causa das broncas de uma professora. “Uma professora puxava o cabelo dele [...]. Aí meu pai raspou a cabeça e a professora começou a puxar a orelha. Não teve jeito, precisou tirar ele do colégio”², lembra a irmã.

Para ela, a paixão de Costa Neto pela medicina, profissão que exerceria por meio século, já se manifestava nos tempos de criança. Quando terminou o último ano do colégio, em busca de iniciar sua trajetória no ofício, Gabriel mudou-se para a casa de uma tia em São Paulo, a Tia Lulu, irmã de seu pai, para fazer o cursinho pré-vestibular como requisito para iniciar o curso de medicina.

Contudo, no ano em que deveria prestar o vestibular, seus planos acabam sendo adiados, pois Orozimbo adoeceu. É neste período que a família se estabeleceu na cidade de Presidente Prudente, interior do Estado de São Paulo, onde o pai foi procurar tratamento. Para América³, uma graça do destino, pois anteriormente a família havia fugido dos paulistas.

Ele [Gabriel] [...] perdeu um ano para ficar em Prudente cuidando do meu pai. Na época, era uma doença que era tipo de uma depressão [...]. Meu pai começou a vender quase tudo que ele tinha e precisava muito de apoio, aí viemos para Prudente e nossa vida recomeçou. Esse ano que o Gabriel perdeu foi por causa da doença, aí no ano seguinte ele voltou para São Paulo e eu fui junto [risos].⁴

¹ Entrevista concedida por com América Costa Sandoval, única irmã viva de Gabriel Costa Neto durante a realização deste trabalho, em 1 de março de 2019, em Presidente Prudente.

² *Idem.*

³ *Idem.*

⁴ *Idem.*

Seguindo uma orientação de Gabriel Costa Neto, América⁵ foi cursar Serviço Social na capital paulista. Sobre as relações familiares, ela se lembra como eram as datas comemorativas enquanto os pais eram vivos, “eles eram o centro, tudo era na casa deles”, até ambos falecerem.

Durante o período em que morou em Presidente Prudente, Gabriel, devido à pecuária, à medicina e ao convívio social, consolidou afinidades com pessoas de distintas classes.

O ex-motorista de Gabriel Costa Neto, Antônio Alves de Lima⁶, recorda que começou a trabalhar com o médico em 2002, e que ele era “uma pessoa muito sincera [...] para o bem e para o mal [...] sempre falando das coisas certas para a gente”. Para Paulo Constantino⁷, que foi prefeito de Presidente Prudente em dois mandatos, lembra que Costa Neto “não era [...] um político partidário, de brigar por causa de política”.

Por tabela, o Dr. Costa Neto ajudou muito Presidente Prudente porque ele era um companheiro honrado. Ele tinha uma fama boa, um homem participativo, ele não brigava, tinha um coração generoso, família honrada e simples. Costa Neto não veio para cá rico não, não ganhou em loteria, não ganhou diamante, não tirou diamante dos garimpos, não teve poço de petróleo. Costa Neto teve trabalho quando era jovem, trabalhou, serviu, foi útil, foi "parteiro", foi médico, foi amigo. Comprou umas terras quando não tinham valor nenhum e fez a vida dele. A honra dele ajudou muito os médicos de Prudente, não é todo médico que é bom não. E hoje eu não vejo mais um nome forte como foi o Dr. Gabriel Costa Neto, o Walter Lemes, até eu mesmo.⁸

Já a amiga da família, Eudoxia Maria Santiago Leite⁹, cuja mãe era paciente de Costa Neto, lembra que “ele tinha muita ética” e “era uma pessoa de muita cultura, [...] muito bem informada e muito bem politizada”. Para Shemara Sawae Oliveira Iamada¹⁰, filha do Dr. Iamada, amigo de Gabriel, ele sempre foi

⁵ Entrevista concedida por com América Costa Sandoval, única irmã viva de Gabriel Costa Neto durante a realização deste trabalho, em 1 de março de 2019, em Presidente Prudente.

⁶ Entrevista concedida por Antônio Alves de Lima, ex-motorista de Gabriel Costa Neto, em 15 de março de 2019, em Presidente Prudente.

⁷ Entrevista concedida por Paulo Constantino, ex-prefeito de Presidente Prudente e amigo de Gabriel, em 19 de março de 2019, em Presidente Prudente.

⁸ *Idem*.

⁹ Entrevista concedida por Eudoxia Maria Santiago Leite, amiga da família, em 14 de março de 2019, em Presidente Prudente.

¹⁰ Entrevista concedida por Shemara Sawae Oliveira Iamada, filha do Dr. Iamada de quem Gabriel era amigo, em 22 de março de 2019, em Presidente Prudente.

“muito caridoso”, recebia as pessoas com “prazer”, com “uma atenção que não se tem mais hoje”. Era um homem cuja história “não se pode perder [...] é preciso resgatar da memória das pessoas”.

4.3 Medicina: primeira paixão

Em 1942, quando retorna a São Paulo, Gabriel inicia o curso na extinta Escola Paulista de Medicina (EPM), denominada atualmente como Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). Puccini, Sampaio e Batista (2008) registram que a EPM foi fundada em 1933 por um grupo de 33 cientistas e médicos, com a finalidade de ofertar apenas a graduação em medicina. Porém, em 1939, também passou a oferecer o curso de enfermagem. Nela, foi construído o primeiro hospital-escola do Brasil, o Hospital São Paulo.

Para se sustentar enquanto estudava, além de vender livros, Gabriel Costa Neto tornou-se funcionário público concursado da Secretaria da Fazenda, no cargo de escriturário efetivo. O neto de Gabriel, Marcelo Zoccolaro Costa¹¹ filho de Mário Luiz Carneiro Costa, lembra-se de que o avô também traduzia livros em outras línguas, como o espanhol, dos companheiros de classe. Era uma maneira de, além de conseguir dinheiro, ter acesso ao conteúdo de obras que não tinha condições de comprar.

No 4º ano de medicina, conseguiu uma transferência para a Secretaria de Saúde do Estado e passou a trabalhar no Centro de Saúde da Vila Mariana. Neste mesmo período, também fez estágio na 4ª Cirurgia Médica de Homens da Santa Casa de São Paulo, no Hospital São Paulo e na Maternidade Leonor Mendes de Barros (CEZÁRIO, 1996, p. 7).

Em 1947, Gabriel se formou e recebeu, durante a sua colação de grau, a 1ª edição do prêmio “Dr. Plínio Caiado de Castro” por ser considerado o melhor aluno da turma (COLAÇÃO DE GRAU NA ESCOLA PAULISTA DE MEDICINA, 1947, p. 8). Dois anos depois de conseguir o diploma médico, ao perceber que

¹¹ Entrevista concedida por Marcelo Zoccolaro Costa, neto de Gabriel Costa Neto, filho de Mário Luiz Carneiro Costa, em 20 de março de 2019, em Presidente Prudente.

não teria recursos financeiros suficientes para montar um consultório em São Paulo, conseguiu uma transferência para Regente Feijó (SP).

Em Regente, começou a atuar, juntamente com mais dois médicos, no posto de saúde do município. Porém, depois de seis meses é transferido para o Cento de Saúde de Presidente Prudente, onde sua família já morava e abriria seu primeiro consultório particular, na casa dos seus pais.

Na cidade residia um tio paterno de Gabriel de nome idêntico, que também era médico, dono do Hospital Santa Maria, que veio para o município a convite do Dr. Domingos Cerávolo, prefeito naquele período. América¹² conta que a coincidência seria lembrada mais tarde como um problema para Gabriel, pois sobrinho e tio eram confundidos, até o momento em que ele passou a adotar o “Dr. Costa Neto”.

Entre 1948 e 1949, decidiu ir ao Rio de Janeiro para aprender mais sobre obstetrícia na Policlínica e na Santa Casa da cidade. Em uma entrevista à neta Carolina Mancuzo (Anexo **B**), Costa Neto contou que não conseguiu se adaptar com a rotina dos médicos cariocas, pois “eles iam para a praia de manhã e à tarde para o consultório”. Por acreditar que aquele não era seu ambiente, decide retornar a Regente Feijó, onde trabalha por mais um tempo até conseguir dinheiro suficiente para poder casar. Já em 1951, a convite do amigo e também doutor, Odilo Antunes de Siqueira, Gabriel Costa Neto passa a atuar no Hospital Nossa Senhora das Graças, onde permaneceu por quatro anos.

Tendo sido um dos responsáveis por fundar a Sociedade de Medicina de Presidente Prudente (SMPP), ao lado de mais 22 profissionais, como Cícero de Campos Gurgel, o Dr. Gurgel, Costa Neto foi o 5º presidente da SMPP no período de 1952 a 1954. Em seu mandato, fez com que o número de médicos associados ao órgão fosse para 98, contando com profissionais da região de Rancharia até Presidente Epitácio (DR. COSTA NETO E SUAS PAIXÕES: MEDICINA E PECUÁRIA, 2005, p. 3).

Devido às relações feitas com outros profissionais, durante seus estágios em São Paulo, Gabriel trazia-os da capital para ministrar cursos aos

¹² Entrevista concedida por com América Costa Sandoval, única irmã viva de Gabriel Costa Neto durante a realização deste trabalho, em 1 de março de 2019, em Presidente Prudente.

médicos do Oeste-Paulista. A intenção era de atualizá-los, sempre preocupado em trazer o que existia de mais novo na profissão para o interior paulista. Por isso, foi ideia de Gabriel realizar o 1º Congresso Médico da região. No ano de 1965, quando foi nomeado para mais uma função na SMPP, desta vez a de presidente da Comissão Científica.

Professora aposentada, Cândia Álvares Calvo¹³ consultou com Gabriel pela primeira vez aos 17 anos de idade, após o surgimento de um nódulo na axila. Esse primeiro contato entre o médico e a paciente, que perdurou até o momento em que Costa Neto deixou de clinicar, acabou se estendendo aos outros membros da família de Cândia como seu marido, seus pais, filhos, netos, cunhados e sobrinhos.

Ele era uma pessoa excelente, como humano, como pessoa, como médico. Era competente, sério, dedicado. Então ele tinha todas as boas condições de um médico. Ele cativou a família inteira, fez todos os meu partos, os partos de todas as minhas irmãs, cuidou do meu pai, cuidou da minha mãe, de todos.

Contudo, antes de ter seu primeiro filho, Cândia teve dois abortos espontâneos. E em outra situação, a criança morreu logo após o nascimento. Ela lembra que Gabriel sempre esteve ao seu lado, pronto para recomeçar e realizar o sonho dela: o de ser mãe.

Naquela época, eu cheguei a consultar em São Paulo com outros médicos, então eles falavam que era retroversão uterina, mas não tinha o que fazer. Então minhas gravidezes eram complicadíssimas porque tinham os abortos, eu perdia. Eu sou uma pessoa que, quando casei, meu plano era ter filhos [...] era ter uma família grande e não deu certo. Então ele [o Dr. Costa Neto] me colocou em três tentativas e cada tentativa eu chorava muito. Eu me lembro que em uma das tentativas, eu estava grávida, e perdia sempre no terceiro mês e ele acompanhava passo a passo até quando eu engravidava e falava: 'Pronto, agora vamos começar!'

Cândia relembra que teve uma hemorragia durante uma de suas gravidezes. O médico estava em uma festa de casamento no momento, da qual saiu na hora e foi até o hospital para atender a paciente. "Ele [Dr. Costa Neto]

¹³ Entrevista concedida por Cândia Álvares Calvo, ex-paciente de Gabriel Costa Neto, em 7 de março de 2019, em Presidente Prudente.

não mandou a enfermeira me buscar no quarto com a maca, ele foi com a maca me buscar e estava de terno ainda”, lembra a ex-paciente¹⁴. Após perder mais um filho, Gabriel a consolou. Cândia conta que ele era um médico que “não estava cuidando só da sua saúde, estava cuidando do seu bem-estar, da sua alegria, dos seus objetivos”, era um médico que “desenvolvia a humanidade”¹⁵.

Dr. Costa Neto também foi responsável por introduzir nos hospitais da cidade uma técnica chamada cesárea segmentar, na qual “ao invés de abrir o útero inteirinho, abria-se apenas o colo do útero” (COSTA NETO, 2008, fita). A técnica anterior acabava, muitas vezes, por fazer com que a mulher, ao ter um segundo filho, morresse.

Mesmo sendo mais novo, o médico ginecologista e obstetra, José Renato Sampaio Tosello, filho do agrônomo Jacob Tosello, começou a clinicar com Costa Neto, amigo de seu pai, ao retornar a Prudente nos anos 1980, depois de ter cursado medicina em Sorocaba e ter feito residência em São Paulo. Tosello conta que quando voltou a Prudente, Costa Neto o recebeu “muito bem”¹⁶.

Ele me apoiou em tudo, tudo mesmo. Diferente de hoje que tenho uma vida mais estabelecida, porque quando você começa a carreira você precisa da ajuda dos outros. [...] e quando ele me falava para fazer algo, de certa forma eu fazia, tanto na parte da profissão médica quanto na parte fora da medicina, de negócios. Eu nunca fiz ou fechei um negócio sem antes consultar ele. Sempre concordava e escutava ele.¹⁷

Ao falar sobre o que havia de diferente no Dr. Costa Neto, na maneira de lidar com os pacientes, Tosello descreve que “ele era o conjunto, era técnico e humano” e reforça que, na época, a parte cirúrgica começaria a mudar apenas a partir dos anos 1980, o que não era um empecilho para Gabriel, que estava sempre “por dentro de tudo”¹⁸.

¹⁴ *Idem.*

¹⁵ *Idem.*

¹⁶ Entrevista concedida por José Renato Sampaio Tosello, médico e amigo de Gabriel Costa Neto, em 11 de março de 2019, em Presidente Prudente.

¹⁷ *Idem.*

¹⁸ *Idem.*

[...] apareceram uma série de aparelhos. Então a parte cirúrgica era a mesma que eu, que tinha vindo da USP, aprendi. Alguns detalhes só que eram diferentes. Então, ele tinha uma parte técnica muito boa. Quando ele tinha o consultório dele era totalmente diferente do meu, sempre lotado. Talvez, o dia inteiro lotado. Tanto que, quando ele parou de atender e foi para o meu consultório, as pessoas começaram a ir lá, lotava. Ele não parou de atender, ele parou de operar. Então ele passou os casos cirúrgicos para mim, eu operava, mas ele sempre me auxiliava. Até o final, [...] ele fazia de tudo. [...] Ele fazia às vezes alguma coisa e me perguntava sobre algum antibiótico novo no mercado, mas eram apenas detalhes [...] Ele nunca se desatualizou, ele era culto. Ele se formou na geração em que no Estado de São Paulo se tinha duas faculdades boas, que eram a USP e a Escola Paulista de Medicina.¹⁹

Tosello lembra ainda que Costa Neto “era do tempo que fazia muito atendimento [...] tanto na casa, quanto em áreas rurais [...]”²⁰. A irmã de Gabriel, América, assim como a ex-paciente, Cândia, e Tosello, concordam ao lembrar de Costa Neto como um médico de família, alguém que estava preocupado mais com as outras pessoas do que com ele mesmo.

Para Henrique Liberato Salvador²¹, conselheiro representante da delegacia de Presidente Prudente e seus municípios de abrangência no Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo (Cremesp), a “honestidade e a ética” eram os pontos fortes de Gabriel. Salvador conta que era como se o Dr. Costa Neto fosse “o arcebispo” e os demais médicos “os padres” e que suas principais contribuições na medicina prudentina foram:

Manter, através de reuniões que ele promovia, a classe médica unida e atualizada. A partir do momento em que ele não perdia um congresso, que ele sempre se atualizava e viajava. Participava das reuniões da Sociedade de Medicina de Presidente Prudente quando foi presidente e quando foi diretor. Ele era praticamente um comandante de que o médico tem que estudar sempre e estar atualizado. O médico também tem que estar presente, ser líder e isso ele foi na comunidade de Prudente sem dúvida nenhuma.²²

¹⁹ Entrevista concedida por José Renato Sampaio Tosello, médico e amigo de Gabriel Costa Neto, em 11 de março de 2019, em Presidente Prudente.

²⁰ *Idem*.

²¹ Entrevista concedida por Henrique Salvador, médico e amigo de Gabriel Costa Neto, em 25 de março de 2019, em Presidente Prudente.

²² *Idem*.

Na família, a medicina foi a profissão escolhida pela neta de Gabriel, Beatriz Marques da Costa Pereira²³, radiologista. Ela conta que o avô foi “uma inspiração”, apesar de seguir atualmente uma especialidade diferente da dele. Beatriz lembra também que, em uma de suas consultas na cidade de Cerquillo, conheceu uma mulher que tinha sido atendida por Gabriel, fato que a marcou bastante.

[...] ela falou que o médico dela era de Prudente, como se fosse uma pessoa da família, aí eu falei “ah, o seu médico é de Prudente, eu também sou de lá”. [...] perguntei quem era o médico dela, ela falou que eu não iria conhecer porque fazia muito tempo e ele já havia falecido. Falei que conhecia bastante médicos por lá porque meu avô também era médico. Ela falou que ele era “muito humano, melhor pessoa, Dr. Gabriel Costa Neto”. Eu falei “olha, então a senhora está na frente da neta dele”. É uma honra ouvir tanto elogio sobre ele, é muita coincidência, aí ela falou “olha se ele estivesse vivo, eu levava seu exame para ele ver que você que fez”. E você ganha o dia com isso, você fica muito feliz, é gratificante. Aí disse que iria voltar todo ano para fazer os exames de rotina comigo [risos].

Alguns dias antes da formatura de Beatriz, Gabriel Costa Neto deu a ela a maleta que ele levava para o consultório, um porta termômetro de ouro e um instrumento para ouvir o bebê. Nos seus atendimentos, Beatriz conta praticar sempre o conselho do avô de “ter atendimento humanizado, não algo frio que só quer saber o problema e pronto, mas transmitir afetividade”.

Em 1996, Gabriel Costa Neto foi homenageado pela Câmara Municipal de Presidente Prudente por suas atividades na medicina e por seu caráter. O orador da cerimônia, Cezário (1998, p. 18) disse que Gabriel era “imprescindível em nossa sociedade” e que devia “ficar no tempo e no espaço, como um ponto luminoso no infinito”.

Quando estava se aposentando, em meados de 2005, Gabriel Costa Neto começou a transferir seus pacientes ao amigo e companheiro de especialidade, Tosello. Os papéis haviam se invertido: antes, Tosello auxiliava Gabriel Costa Neto; depois, Costa Neto passou a auxiliar Tosello até encerrar definitivamente suas atividades na área da obstetrícia e ginecologia. Gabriel, nos

²³ *Idem.*

seus últimos anos exercendo a medicina, virou um “conselheiro de família [...] ele orientava os pacientes dele”²⁴.

Mesmo após a aposentadoria, depois de meio século clinicando, ele reconhecido conforme conta o ex-motorista de Gabriel, Antônio²⁵, conhecido por Toninho. O ex-funcionário lembra-se que era comum estar na rua ou em um supermercado, por exemplo, e alguém dirigir-se ao Dr. Costa Neto recordando alguma história ou contando, agradecido, que o filho havia nascido, ou até mesmo sido salvo, pelas mãos do médico.

4.4 Marina: o grande encontro

Filha de Octávio Barboza Carneiro e Aurora Lobo Barboza Carneiro, nascida em 12 de agosto de 1920, no Distrito Federal, a futura esposa de Gabriel Costa Neto, Marina Elizabeth Lobo Barboza Carneiro, residia no Rio de Janeiro.

A fotografia representada na figura 2 é um registro do primeiro encontro que os dois tiveram, que aconteceu no casamento de Paulo Trajano Lobo Barboza Carneiro, irmão de Marina, com Ana do Nascimento, na cidade de Sobragi, Minas Gerais, em 29 de dezembro de 1941. À esquerda é possível notar Gabriel Costa Neto ao lado de Marina.

FIGURA 2 – “O grande encontro”



Fonte: Imagem Cedida/Arquivo pessoal da família Costa

²⁴ Entrevista concedida por Beatriz Marques da Costa Pereira, neta de Gabriel, filha de João Luiz, em 29 de março de 2019, em Presidente Prudente.

²⁵ Entrevista concedida por Antônio Alves de Lima, ex-motorista de Gabriel Costa Neto, em 15 de março de 2019, em Presidente Prudente.

Marina era oriunda de uma família de embaixadores e cientistas, como Carlos Chagas; Gabriel estava no 2º ano da faculdade de medicina e foi à cerimônia a convite de um primo, que era amigo dos noivos. Durante um depoimento à neta Carolina Mancuzo, Costa Neto (2008, fita) conta que tudo começou com uma brincadeira, com seu primo dizendo que Marina já estava à espera dele para casar.

Depois da festa, eles voltaram para o Rio de Janeiro no mesmo ônibus, mas sentando em bancos diferentes. Apaixonados, passaram a se corresponder por meio de cartas. A ideia era que, logo após terminar o curso e ter condições financeiras, Costa Neto voltaria ao Rio de Janeiro para os dois se casarem (COSTA NETO, 2008, fita). E assim o fez.

No dia 15 de agosto de 1950, os dois se casaram e passaram a residir em Presidente Prudente. Juntos, tiveram quatro filhos: Mário Luiz Carneiro Costa (1951), João Luiz Carneiro Costa (1952), Otávio Luiz Carneiro Costa (1954) e Marina Elizabeth Carneiro (1964).

Ao falar da relação dos pais, João Luiz Carneiro Costa²⁶ se lembra de que “um vivia para o outro” e que Marina sempre apoiou Gabriel em todas as escolhas que ele fez, tanto na medicina quanto na pecuária. “Meu pai nunca foi para a fazenda sozinho, sem ela [Marina], [...] minha mãe nunca reclamou de ir, nunca reclamou de ficar lá”, lembra João. Sobre as memórias em relação à mãe, Otávio Luiz Carneiro Costa²⁷ conta que Marina sempre gostou muito de cozinhar, de receber pessoas em casa, característica que ficou marcada também na memória dos netos, como conta Gabriela Zoccolaro Costa Bertocco:

Eu lembro só de coisa boa porque ela era maravilhosa. Ela gostava muito de fazer bolo, casa sempre com muita comida, queria que todo mundo estivesse sempre comendo, feliz. Era carioca, sempre feliz, gostava muito de dançar, [...] minha avó era aquela esposa que cuidava da família, dos filhos, dos netos, dava suporte para todo mundo. [...], nunca vi ela de mal com a vida.²⁸

²⁶ Entrevista concedida por João Luiz Carneiro Costa, segundo filho de Gabriel, em 12 de março de 2019, em Presidente Prudente.

²⁷ Entrevista concedida por Otávio Luiz Carneiro Costa, último filho do sexo masculino de Gabriel, em 12 de março de 2019, em Presidente Prudente.

²⁸ Entrevista concedida por Gabriela Zoccolaro Costa Bertocco, neta de Gabriel, filha de Mário Luiz Carneiro Costa, em 13 de março de 2019, em Presidente Prudente.

Para a filha mais nova de Gabriel e Marina, Marina Elizabeth Carneiro Costa Binote²⁹, o casamento dos pais era um exemplo de “amor eterno, paixão de ficar agarrado”. Apesar de toda fama de bravo de Gabriel, a filha conta que “foi a braveza dele que fez a gente crescer”, enquanto a mãe era uma coisa “delicada, acolhedora”.

Carolina Zoccolaro Costa Mancuzo³⁰, filha de Mário, recorda que os avós tinham uma relação muito forte. “Era de se admirar porque os dois foram sempre apaixonados um pelo outro. Eles viveram juntos e casados quase 60 anos”, conta. A união, para Carolina, era um exemplo. Ao falar sobre os últimos anos em que eles conviveram, lembra também que, após a morte de Gabriel, em 2010, por causa de uma falência múltipla de órgãos, sendo que já tinha enfrentado acidentes vasculares cerebrais (AVC) e um câncer de próstata, a memória de Marina começou a regredir.

Eu acho que foi Deus porque ela não ia aguentar, não ia aguentar ver o que ele sofreu. Ela não ia aguentar não ter ele e não ia suportar porque era muito amor. Algo fora do normal. Era o maior amor que eu já vi na minha vida. Como você pode estar há 60 anos apaixonado? Eles foram apaixonados por 60 anos. É diferente de um amor tranquilo.³¹

Mesmo tendo passado menos tempo com os avós do que Marcelo, Gabriela e Carolina, Mariana Costa Binote³², filha de Marina Binote, acreditava que o sentimento de Gabriel pela esposa era “incondicional [...] deles sentarem juntos para tomar em café da manhã, para almoçar, pra assistir TV... Sentava um do ladinho do outro [...] de mãos dadas”.

A minha avó era um grude, de sair junto e colocar dinheiro escondido na minha mão: “olha, peguei na carteira do seu avô, então toma aqui R\$ 10 reais para você sair”. E como ele sempre foi mais durão e mais bravo, eu tinha aquele receio, apesar de respeitar muito ele. Mas a minha avó era demais! Se eu estava em casa, eu estava com ela. E

²⁹ Entrevista concedida por Marina Elizabeth Carneiro Costa Binote, única filha do sexo feminino de Gabriel, em 29 de março de 2019, em Presidente Prudente.

³⁰ Entrevista concedida por Carolina Zoccolaro Costa Mancuzo, neta de Gabriel, filha de Mário Luiz Carneiro Costa, em 8 de março de 2019, em Presidente Prudente.

³¹ Entrevista concedida por Carolina Zoccolaro Costa Mancuzo, neta de Gabriel, filha de Mário Luiz Carneiro Costa, em 8 de março de 2019, em Presidente Prudente.

³² Entrevista concedida por Mariana Costa Binote, neta de Gabriel, filha de Marina Elisabeth Carneiro Costa Binote, em 29 de março de 2019, em Presidente Prudente.

ele saía porque ele ainda fazia muita coisa na rua, ir para o escritório, na fazenda. Nos domingos, eu acordava e o jornal O Imparcial chegava mais tarde, sentava nós três, um ao lado do outro, na cadeira de balanço e cada um pegava uma parte do jornal, ia lendo e passando de um para o outro. Era esse o ritual de domingo.³³

Para o irmão de Mariana, Gabriel Costa Binote³⁴, a “melhor lembrança” que tem da avó, que “gostava muito de samba”, é do último aniversário dela. O neto conta também que, quando tomava banho na piscina do prédio que os avôs moravam, “ela [a avó] ia na sacada e ficava jogando bombom”. A morte da avó, para Gabriel, foi o “dia mais triste” de sua vida.

4.5 O pecuarista

A pecuária, assim como a medicina, também estava presente na vida de Gabriel desde a sua infância devido à vivência na fazenda de seus avôs. Após 10 anos em Presidente Prudente desenvolvendo a função de obstetra e ginecologista, além da venda de terrenos que tinha cidade, conseguiu comprar a primeira fazenda. O local tinha 190 alqueires e ficava a 1 km de Teodoro Sampaio, na divisa com Mirante do Paranapanema.

No começo, Costa Neto (2008, fita) conta que “a fazenda só tinha 5 mil pés de café, uma casa rústica e um barracão para ensacar o café [...] o resto era tudo mata virgem”. Com o passar do tempo, foi adquirindo mais terras ao redor da propriedade, até chegar a ter 520 alqueires. As diversas compras resultaram em um total de 12 escrituras, dando origem à Fazenda São Sebastião. Um dos fatores que Gabriel considerou na hora de adquirir o espaço, foi o fato dele ser cortado por dois rios: o Rio Paranapanema e o Cuiabá. De acordo com Mário Luiz Carneiro Costa, filho do Dr. Costa Neto:

[...] achava que a água era vida. Um dia você podia precisar para irrigar. Então, sempre quando ele ia comprar uma terra, ele perguntava “tem água lá? Se tem, então tá bom”. Sempre pensava na água. Sempre pensando na água.³⁵

³³ *Idem.*

³⁴ Entrevista concedida por Gabriel Costa Binote, neto de Gabriel, filho de Marina Elisabeth Carneiro Costa Binote, em 29 de março de 2019, em Presidente Prudente.

³⁵ Entrevista concedida por Mário Luiz Carneiro Costa, primeiro filho de Gabriel, em 4 de março de 2019, em Presidente Prudente.

A Fazenda Mata Sede, de 1.500 alqueires, que seria comprada por Costa Neto alguns anos mais tarde, no final da década de 1970, também possuía um rio. O nome era uma referência ao fato de as boiadas que vinham do Pantanal tomarem água lá; e também pelo alambique de pinga que existia no local (COSTA NETO, 2008, fita). Depois de sua morte, ela foi dividida entre os filhos.

Mas era a São Sebastião o local preferido para os encontros da família, conforme América³⁶. Ela conta que a alegria de Costa Neto era reunir as pessoas na fazenda que “era muito bonita [...] linda demais”. Para a mãe do médico, que ainda estava viva, “foi uma alegria” ver o filho iniciando na pecuária, pois era uma maneira de dar continuidade aos costumes que tinham na época em que viviam em Minas Gerais³⁷. Contudo, ela foi desapropriada pelo governo em 2008, quando completaria 60 anos de aquisição.

Um desejo de Costa Neto era ter gado de cria. Com o passar do tempo, foi formando pasto na São Sebastião até conseguir criar a raça Tabapuã, “[...] uma raça nacional murcha e de muitas qualidades, boa de peso, de leite” (COSTA NETO, 2008, fita). Para Sigeyuki Ishii³⁸, amigo de Gabriel Costa Neto e companheiro nas atividades do Sindicato Rural de Presidente Prudente (SRPP), sendo ex-presidente dele também, Gabriel foi introdutor da raça Tabapuã na região prudentina. Na Mata Sede, arrendou 400 cabeças de Nelore quando começou. Em 15 anos, chegou a ter 1.500 cabeças de gado, entre as raças Tabapuã, Nelore e Brahma (COSTA NETO, 2008, fita).

Contudo, também gostava de cavalos, tendo sido também o introdutor da raça Mangalarga Machador na região prudentina, cuja associação ficava em Belo Horizonte. Em uma viagem à capital mineira, comprou seu primeiro potro do fazendeiro Antônio Pitanguí, o mesmo onde escritor Guimarães Rosa, originário do mesmo estado que Costa Neto, também comprava suas espécies. O transporte foi realizado graças à linha férrea.

³⁶ Entrevista concedida por América Costa Sandoval, única irmã viva de Gabriel Costa Neto durante a realização deste trabalho, em 1 de março de 2019, em Presidente Prudente.

³⁷ Entrevista concedida por América Costa Sandoval, única irmã viva de Gabriel Costa Neto durante a realização deste trabalho, Presidente Prudente, 2019.

³⁸ Entrevista concedida por Sigeyuki Ishii, ex-presidente do Sindicato Rural da cidade, Presidente Prudente, 2019.

O nome do animal, que ficaria famoso por todos os conhecidos da família, foi escolhido pela esposa de Gabriel, Marina. Topázio ganhou esse nome por sua cor se assemelhar a da pedra preciosa, como é possível ver na Figura 3, cuja fotografia foi tirada em 1989.

FIGURA 3 – Gabriel e Topázio



FONTE: Imagem Cedida/Arquivo pessoal da família Costa

Topázio era o orgulho de Gabriel, “a paixão dele”, de acordo com o filho João Luiz Carneiro Costa³⁹. O cavalo, que viveu 19 anos, foi campeão nacional de uma exposição em Curitiba, no Paraná, onde concorreu com outros 400 animais da espécie. Otávio Luiz Carneiro Costa⁴⁰ conta que, depois do Topázio, o pai passou a dar nome de pedras preciosas para os outros cavalos.

Ele [Gabriel] tinha um caderninho com nome de pedras preciosas, tinha Diamante, Safira, Esmeralda, tudo ele colocava nome de pedras preciosas. O cavalo preferido dele era o Topázio [...] a gente brincava que, naquela época, os slides de foto eram 10 mil do Topázio, 5 mil da Marina e uns 2 só nosso [dos irmãos].⁴¹

³⁹ Entrevista concedida por João Luiz Carneiro Costa, segundo filho de Gabriel, em 12 de março de 2019, em Presidente Prudente.

⁴⁰ Entrevista concedida por Otávio Luiz Carneiro Costa, último filho do sexo masculino de Gabriel, em 12 de março de 2019, em Presidente Prudente.

⁴¹ *Idem*.

Suas atividades na pecuária o levaram a participar do Sindicato Rural de Presidente Prudente (SRPP). Sobre sua participação no local, o pecuarista Antônio Prata lembra que Costa Neto⁴² era “muito respeitado [...] muito honesto”, chegando a ser o 5º presidente do SRPP. Durante o mandato de dois anos, Gabriel (COSTA NETO, 2008, fita) lembra de dois feitos que considerou mais importantes: acertar as contas do SRPP e uma exposição de gado, que reuniu dois presidentes de países diferentes, um do Brasil, Ernesto Geisel, e outro do Paraguai, Alfredo Stroessner.

Sobre a exposição, Costa Neto (2008, fita) dizia que foi muito difícil trazer o presidente da república porque a segurança era absoluta, mas que o evento teve êxito. Filho mais velho, Mário Luiz Carneiro Costa recorda que:

A exposição de Prudente era muito pobre, pequena, um barracãozinho [...] e eles queriam fazer aquilo melhor, ele [Gabriel] e o grupo de amigos dele que era do Sindicato Rural um dia tiveram uma ideia, “vamos convidar o presidente do Paraguai, que era o Alfredo Stroessner, um criador apaixonado de Nelore [...], ele aceitou [...], aí foram até Brasília [...] e o Geisel não teve saída [...] depois que marcou, estava tudo certo, “mas nós não temos parque”, aí em 90 dias depois saiu o parque.⁴³

Antes de encerrar suas atividades na área, Gabriel, espelhando-se nos pecuaristas do Mato Grosso do Sul, trouxe para Presidente Prudente o Grupo de Trocas de Experiências (GTE) no qual, mensalmente, realizavam visitas às fazendas da região para falar sobre as novidades na área, dar aconselhamentos sobre técnicas na criação de gado, avestruz e plantação de coco⁴⁴. A primeira reunião aconteceu no dia 20 de março de 2001, na fazenda São Sebastião. O objetivo do GTE, de acordo com Costa Neto durante uma entrevista ao jornal O Imparcial, era “partilhar êxitos e fracassos” das experiências vividas pelos pecuaristas envolvidos no grupo (PECUARISTAS DA REGIÃO ABREM A PORTEIRA PARA TROCA DE EXPERIÊNCIAS, 2001).

⁴² Entrevista concedida por Antônio Prata, pecuarista e amigo de Gabriel, em 22 de março de 2019, em Presidente Prudente.

⁴³ Entrevista concedida por Mário Luiz Carneiro Costa, primeiro filho de Gabriel, em 4 de março de 2019, em Presidente Prudente.

Cerca de seis meses depois, em 14 de setembro de 2001, Gabriel Costa Neto foi homenageado pelo Sindicato Rural de Presidente Prudente com o troféu “Jacob Tosello”, no prêmio Personalidades da Agropecuária, cuja primeira edição aconteceu em 1996.

Esses e outros feitos até o falecimento de Gabriel Costa Neto resultaram em um legado que perdura até hoje quando o assunto é pecuária e as contribuições em Presidente Prudente e região.

5 PROJETO EDITORIAL

5.1 Introdução e justificativa

O presente projeto editorial tem como objetivo registrar nas páginas de um livro-reportagem a vida, as contribuições e o legado deixado por Gabriel Costa Neto na cidade de Presidente Prudente. Para isso, o grupo entende como obrigatória a elaboração e delimitação dos elementos que compõem esse planejamento. Num primeiro momento, o grupo apresenta as justificativas pertinentes para o trabalho, sendo divididas em pessoal, acadêmica e social.

No tópico seguinte, a equipe de pesquisadoras define o nome da publicação intitulada como “Veias Que Pulsam: a história de Gabriel Costa Neto”, mostrando o porquê dessa escolha e como se relaciona com o objeto de estudo. Em seguida, trata da seleção de fontes e, no próximo, o projeto propõe a falar de seus objetivos geral e específicos, ao demonstrar quais serão os caminhos percorridos para a produção desse Trabalho de Conclusão de Curso.

Os tópicos de público-alvo e veiculação já estão definidos. O primeiro se refere a quem a obra é destinada, já o segundo trata de que será entregue exemplares para a Unoeste e para familiares e amigos do objeto de estudo. Contudo, para que o projeto editorial possa cumprir com os princípios éticos, valores e outras questões pertinentes, existe uma linha editorial. Esse elemento é o carro-chefe no desenvolvimento do livro-reportagem, dando respaldo e segurança nos assuntos abordados. Conseqüentemente, o arco narrativo é apresentado, na qual o grupo delimita os capítulos, os assuntos tratados e também como a história será contada: em terceira pessoa e em ordem cronológica.

Adiante, há o projeto gráfico que foi definido em reunião junto com designer gráfico Paulo de Souza Carneiro e cuja ilustração da capa coube ao designer gráfico Vinícius Tadioto de Gouvea. O projeto editorial segue ao explicar os recursos técnicos, financeiros e humanos do TCC e, por fim, o organograma das funções. Nessa fase serão estabelecidas as seguintes

funções: supervisora, editora-chefe, editora de texto, editora de foto, planejamento gráfico, diagramação, redatoras, produtoras e repórteres.

Já em relação às justificativas cabíveis, a escolha de tornar a vida de Gabriel Costa Neto o tema deste livro-reportagem, deu-se, em primeiro lugar, pelo fato de não existir um documento ou trabalho acadêmico que reúna todas as contribuições do profissional para a cidade de Presidente Prudente, em especial no que tange sua atuação na medicina e na pecuária. Dessa forma, a obra parte do pressuposto de oferecer para a sociedade detalhes e, principalmente, o legado que Gabriel deixou a partir dos anos 1950 na cidade.

Assim, a família, amigos de Gabriel, colegas de trabalho, pacientes e demais pessoas que tiveram suas vidas influenciadas por ele, poderão lembrar de um recorte de tempo passado. Para profissionais da medicina, estudantes e pecuaristas da cidade, será um livro para conhecer um pouco mais da história dessas áreas em Presidente Prudente.

Como justificativa acadêmica, o grupo vê a oportunidade de trabalhar uma técnica nova em livros-reportagens da Facopp, o storytelling. Com isso, será possível desenvolver novas habilidades, visto que se trata de um recurso novo para as pesquisadoras. Além de, claro, aprofundar o desenvolvimento com jornalismo literário. Em nível pessoal, o livro é o resultado de uma paixão em comum das quatro pesquisadoras por livros, jornalismo e boas histórias. Nesse contexto, a peça prática se adequa ao oferecer três em uma única obra.

Por fim, é importante salientar que esse projeto editorial apresenta alguns pontos já estabelecidos, uma vez que se trata de uma obra fechada por ser um livro-reportagem. Neste sentido, apresenta-se, por exemplo, a estrutura de capítulos a ser seguido no momento de produção, posto que esta proposta editorial não se aplicará a projetos diferentes além deste. Soma-se ainda há necessidade de organização no processo de escrita de um livro devido à quantidade de material que é coletado para a construção da obra.

5.1.1 Nome da publicação

O grupo escolheu “Veias Que Pulsam: a história de Gabriel Costa Neto” como título do livro-reportagem sobre a vida e as contribuições do médico e pecuarista. A ideia é associar o termo “veias” à medicina e à anatomia humana que foi uma das maiores paixões do médico ainda em vida.

Nesse contexto, “pulsam” vem do verbo “pulsar” que é sinônimo de palpitar, arquejar e agitar. Sendo assim, o nome da obra tem como objetivo trazer uma prévia de qual será o conteúdo de suas páginas. Isso é, coisas e pessoas que fizeram suas veias pulsarem, trouxeram alegria para os seus dias durante os 91 anos de existência. Além disso, a intenção é mostrar que, apesar do personagem desse estudo já ser falecido, seu legado na sociedade e nas áreas de atuação ainda permanecem vivos. As “veias” ainda pulsam.

Por se tratar de um livro-reportagem do tipo biográfico, optou-se por acrescentar o nome da personalidade retratada ao título da obra. Por esta razão, conta-se ainda com o subtítulo “a história de Gabriel Costa Neto”.

5.1.2 Seleção de fontes

Deverão ser realizadas entrevistas com pessoas próximas de Gabriel Costa Neto em três âmbitos: familiar, medicina e pecuária. Para isso, um levantamento de possíveis testemunhas deve ser criado para, então, estabelecer quais serão os entrevistados chaves, os complementares e os especialistas. Para tal seleção, serão avaliados proximidade com o biografado, importância na área que pertence, tempo de convivência com Gabriel e sua relevância em relação aos pares.

Outro critério estabelecido é a preferência por moradores de Presidente Prudente pela impossibilidade do grupo de realizar viagens e pela impreterível preferência por entrevistas presenciais. O uso de telefone e redes sociais será exclusivo para checar informações e sanar dúvida, nunca para a realização de entrevistas em profundidade.

Os primeiros a serem entrevistados serão a irmã, os filhos e netos; moradores de Presidente Prudente. Posteriormente, será a vez dos parceiros na

medicina e na pecuária. Conforme as entrevistas acontecerem, novos nomes podem ser agregados à lista de fonte.

5.2 Objetivos

5.2.1 Objetivo geral

Registrar em um livro-reportagem a vida, as contribuições e o legado deixado por Gabriel Costa Neto na cidade de Presidente Prudente.

5.2.2 Objetivos específicos

- Entrevistar familiares, amigos e profissionais para conhecer a personalidade, afetos e atuação de Gabriel;
- Selecionar e analisar os fatos notórios da sua vida que merecem destaque na narrativa por meio de documentos e entrevistas;
- Estruturar capítulos para definir um enredo sobre a vida e obra do médico e pecuarista com começo, meio e fim, apoiado no jornalismo literário e nas técnicas de *storytelling*;
- Produzir um livro-reportagem que documente a vida e o legado deixado por Gabriel Costa Neto.

5.3 Público-alvo e veiculação

O livro-reportagem “Veias Que Pulsam: a história de Gabriel Costa Neto” tem como público-alvo pessoas que, de alguma forma, foram ligadas ou tiveram suas vidas influenciadas por Gabriel Costa Neto, seja em sua atuação como pessoa, pecuarista ou como médico ginecologista e obstetra. Além de amigos, familiares e profissionais das áreas de atuação do objeto de estudo.

No que diz respeito à distribuição, de início, serão entregues quatro exemplares à Unoeste: dois ficarão disponíveis para empréstimo na biblioteca da universidade e outros dois no Atendimento Facopp. Também será concedido

ao Portal Facopp o acesso ao trabalho em formato digital para que estudantes da Facopp e a comunidade em geral possa encontrar a obra para leitura.

5.3.1 Lançamento e Distribuição

Será realizado no dia 19 de novembro de 2019, às 20h, um evento para o lançamento do livro-reportagem “Veias Que Pulsam: a história de Gabriel Costa Neto”. A cerimônia acontecerá na Sociedade de Medicina de Presidente Prudente. A data foi escolhida por ser marcada pelo centenário de nascimento do biografado. Na ocasião, estarão presentes convidados da família de Costa Neto e das pesquisadoras.

Quanto aos gastos referentes ao lançamento, a família do biografado irá custear a impressão de 500 exemplares do livro, que serão distribuídos gratuitamente aos convidados.

5.4 Linha editorial

O livro-reportagem “Veias Que Pulsam: a história de Gabriel Costa Neto” terá uma narrativa cronológica e em 3ª pessoa, com um narrador que, por meio dos capítulos, irá compor a figura de Gabriel Costa Neto, sua vida na medicina, pecuária e família, bem como as contribuições que ele trouxe para a cidade de Presidente Prudente.

A equipe de pesquisadoras deixa claro também que algumas medidas serão tomadas para que o trabalho mantenha o mesmo nível de qualidade, independente da etapa em que o livro-reportagem estivesse. A ética é a principal delas, já que sem esse requisito, a possibilidade da peça prática se tornar um material relevante para a sociedade seria quase nula.

Será preciso atenção durante o cruzamento das informações recebidas, sendo, muitas vezes, necessário checar as mesmas informações com fontes que mantinham relações diferentes (amigos, parentes, colegas de profissão, etc) com o objeto de estudo. Há também uma atenção especial ao relatar a participação dos entrevistados durante o livro, especialmente no que diz respeito

aos filhos de Costa Neto, de modo a garantir a imparcialidade dos relatos e a participação significativa de todos. O bom-senso também será outra medida necessária, assim como preservar a integridade dos colaboradores, fontes e afins, além do tratamento responsável com os documentos pessoais que o grupo teve acesso.

Além disso, para a produção da peça prática as pesquisadoras utilizarão as técnicas jornalísticas como a produção de pauta, seleção de fontes, realização de entrevistas e especialmente apuração e checagem de informações para que do livro-reportagem siga os padrões jornalísticos e não de homenagem.

5.5 Arco narrativo

Para construir a estrutura do livro-reportagem “Veias Que Pulsam: a história de Gabriel Costa Neto”, as pesquisadoras utilizarão as técnicas de storytelling com o objetivo de fazer com que o leitor se sinta preso na história do início ao fim.

A vida de Gabriel Costa Neto será contada em 10 capítulos que construirá uma narrativa com fatos marcantes e significativos da vida do médico e pecuarista. É logo a partir do primeiro capítulo que o leitor irá descobrir qual o objetivo do protagonista, pois irá conhecer os obstáculos que impedem o personagem de conquistar o que deseja. Assim, ficarão cientes das complicações que ocorrem quando Gabriel inicia uma jornada para realizar o que almeja.

O espectador notará as transformações do personagem por meio de suas ações diante de problemas, ou seja, isso ocorrerá ao decorrer da história quando o protagonista sai de sua zona de conforto para obter o que sonha. Desta forma, o leitor poderá se identificar com ele.

A narrativa será focada em contar a vida de Gabriel Costa Neto em três segmentos: sua vivência pessoal com a família; médica com pacientes e colegas de trabalho; e pecuária com suas fazendas e companheiros de profissão. O grupo irá apresentar Gabriel ao leitor em todas essas perspectivas.

Por fim, o leitor chegará ao clímax da narrativa que é o momento em que algo inesperado acontece. Tudo isso, ocorrerá diversas vezes na história, mas sempre com um ritmo alternado para que o leitor não se canse de ler, alternando com histórias menores, mas complementares ao enredo principal.

O leitor, além de se aproximar de Gabriel, também conhecerá seus amigos e fatos que ocorreram em sua vida, como as dificuldades para estudar medicina, o casamento, sua vivência com a esposa, filhos e netos, seus relacionamentos sociais como presidente do Sindicato Rural e da Sociedade de Medicina e sua postura médica com pacientes. Para isso, o livro-reportagem terá a escrita em terceira pessoa, de forma cronológica com a existência de diálogos entre os personagens para dar aspectos literários ao texto. Os diálogos serão compostos de acordo com a fala dos entrevistados e com informações que não maculem a integridade dos fatos e dos envolvidos.

Portanto, as pessoas que lêem o livro poderão entender os dilemas da vida de Gabriel e irão compreender como o médico conciliava todas essas “vidas”.

5.5.1 Divisão de capítulos

Nesse contexto, as pesquisadoras definiram os conteúdos de cada um dos 10 capítulos que irão compor o livro.

Apresentação	Escrito por Carolina Zoccolaro Costa Mancuzo
Prefácio	Escrito por América Costa Sandoval
Muzambinho	Este capítulo conta o que Gabriel Costa Neto viveu com sua família na Revolução Constitucionalista em 1932 e como era viver com a família em Muzambinho.

	<p>Além disso, mostra como foi a sua infância com seus irmãos pelas ruas da cidade.</p>
<p>Em terras inimigas</p>	<p>O segundo capítulo apresenta um Gabriel com objetivos e sonhos. Porém, neste momento sua família enfrenta uma crise financeira e seu pai uma doença e por isso, algumas mudanças acontecem.</p> <p>Mesmo com tudo isso, com a ajuda de uma tia, Gabriel inicia os estudos em São Paulo para passar no vestibular de medicina, mas por conta dos problemas de saúde e dificuldades financeiras de seu pai, seu sonho fica comprometido.</p>
<p>A aprovação</p>	<p>Neste capítulo, Gabriel Costa Neto volta para São Paulo com sua irmã América, ambos estavam em busca de realizar seus sonhos. Agora, Gabriel enfrenta uma rotina diferente da qual estava acostumado, pois inicia a faculdade.</p>
<p>A garota da Gávea</p>	<p>Neste capítulo, Gabriel Costa Neto conhece Marina, moça por qual se apaixona e se casa, por isso, foca na história dos dois, contando como era esse relacionamento e como ele se consolidou. Além disso, retrata como foram seus anos de faculdade.</p>
<p>O Dr. Costa Neto</p>	<p>O quinto capítulo mostra como Gabriel Costa Neto se estabeleceu na profissão e como ele foi se tornando referência na medicina. Além disso, conta algumas histórias que provam como o médico era humano. Por fim, mostra como era essa rotina de trabalho e o início de sua família.</p>

<p>Um homem de negócios</p>	<p>O sexto capítulo conta como se iniciou e como era essa paixão que Gabriel Costa Neto tinha pela pecuária, por isso, fala de suas fazendas. Além disso, mostra como eram suas atividades nas fazendas.</p>
<p>Uma nova vida</p>	<p>Momento em que Gabriel Costa Neto se aposenta e começa a ficar ausente na área da medicina e mais presente na pecuária. Além disso, fala sobre sua amizade com José Renato Sampaio Tosello e sobre o início da sua doença e debilitação.</p>
<p>Aquele carnaval</p>	<p>Neste capítulo Gabriel Costa Neto, está debilitado, mas mesmo assim viaja pela última vez para a casa de sua filha Marina, porém, seu estado de saúde piora e ele acaba sendo internado. Além disso, a memória de Marina também começa a falhar.</p>
<p>Não parar</p>	<p>Neste capítulo fala sobre os últimos momentos de vida de Gabriel Costa Neto, conta como mesmo debilitado ele continuava lúcido.</p> <p>Além disso, mostra como foi o recebimento desta notícia para algumas pessoas.</p>
<p>O legado</p>	<p>Este capítulo conta como foi o velório de Gabriel Costa Neto e como foi para Marina vivenciar esse momento.</p> <p>Além disso, Marina estava cada vez mais debilitada e esquecida e também faleceu, por isso, seu velório também é retratado.</p>
<p>Epílogo</p>	<p>Escrito por José Renato Sampaio Tosello.</p>

5.6 Projeto gráfico

Paulo de Souza Carneiro foi o designer gráfico responsável pelo projeto gráfico do livro-reportagem, assim, juntamente com as integrantes do grupo foi decidida a diagramação da peça prática. Enquanto a ilustração da capa, lombada, contracapa e tipografia do título foram responsabilidades do designer gráfico Vinícius Tadioto de Gouvea.

O livro-reportagem “Veias Que Pulsam: a história de Gabriel Costa Neto” será impresso em tamanho 14x21, com cerca de 180 páginas, a abertura dos capítulos, que contém fotografias, ocorre na página ímpar e o texto começa na página par, devido ao ângulo de leitura. Conforme Carneiro⁴⁵, a primeira visão quando abrimos uma revista, por exemplo, é na página direita, “é uma técnica na hora de escanear a leitura, além de organizar e manter um padrão nos capítulos”.

5.6.1 Capa, contracapa e lombada

A capa é um dos principais elementos atrativos do livro, sendo assim, o grupo optou por utilizar linhas que imitassem veias para formar a fisionomia do rosto de Gabriel Costa Neto. A *line-art*, ou seja, o traçado, tanto da caricatura quanto do título do livro, foi desenvolvido por Tadioto, que se inspirou na família tipográfica da fonte Museo.

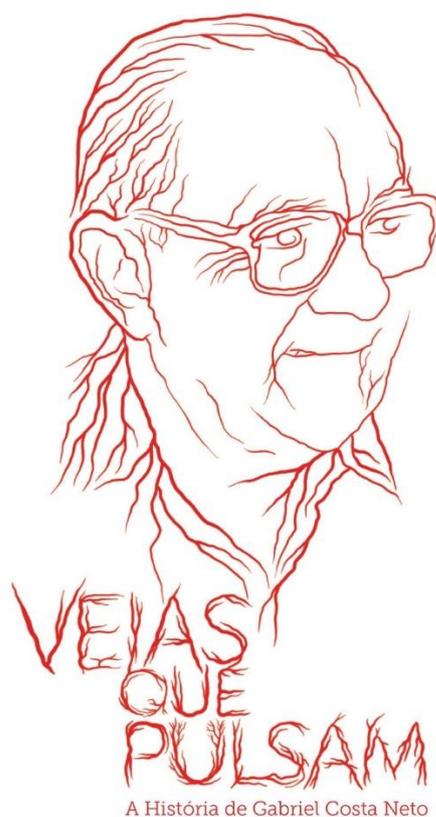
O livro propõe uma capa clean, de cor branca e detalhes em vermelho, remetendo ao sangue, com foco no minimalismo dos elementos que a compõem. Tadioto⁴⁶ explica que “o vermelho é uma das cores mais quentes, representa o amor e remete à vida, ao sangue que corre nas veias” e complementa que a cor, juntamente com o branco, “representa paz, liberdade e bondade, fazendo a composição ideal”.

⁴⁵ Entrevista realizada com Paulo Carneiro, responsável pelo projeto gráfico do livro-reportagem “Veias Que Pulsam: a história de Gabriel Costa Neto”, em 15 de outubro de 2019, em Presidente Prudente.

⁴⁶ Entrevista realizada com Vinícius Tadioto, responsável pelo design da capa do livro-reportagem “Veias Que Pulsam: a história de Gabriel Costa Neto”, em 20 de outubro de 2019, em Presidente Prudente.

Tadioto⁴⁷ explica que as referências estudadas para a confecção do traçado partem “desde os rabiscos de Leonardo da Vinci até obras de Picasso e objetivo foi a procura de uma característica clean, que mostrasse o lado humano”. Ligadas diretamente ao título do livro-reportagem, a ideia foi evidenciar o personagem da obra. Também estão presentes na capa, organizados em ordem alfabética, o nome das autoras do livro.

FIGURA 4 – Capa do livro



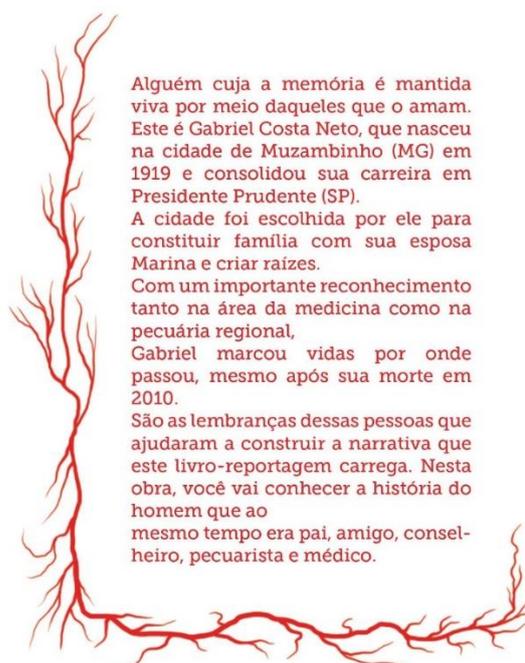
Bianca Pereira | Caroline Luz | Janaina Tavares | Sandra Prata

Fonte: Veias Que Pulsam: a história de Gabriel Costa Neto/Vinícius Tadioto

⁴⁷ Entrevista realizada com Vinícius Tadioto, responsável pelo design da capa do livro-reportagem “Veias Que Pulsam: a história de Gabriel Costa Neto”, em 20 de outubro de 2019, em Presidente Prudente.

Já na contracapa, há uma breve sinopse sobre a obra, escrita em vermelho, a ilustração de algumas veias referenciando a caricatura da capa, além das logos da Unoeste e da Facopp.

FIGURA 5 – Contracapa do livro



FACOPP

Unoeste

Fonte: Veias Que Pulsam: a história de Gabriel Costa Neto/Vinícius Tadioto

Por fim, na lombada, que se opõe ao corte dianteiro, encontra-se o título “Veias Que Pulsam” e o subtítulo “a história de Gabriel Costa Neto”.

FIGURA 6 – Lombada do livro



Fonte: Veias Que Pulsam: a história de Gabriel Costa Neto/Vinícius Tadioto

5.6.2 Tipografia

De acordo com Paulo Carneiro, “a tipografia precisa ser escolhida com muito cuidado [...] especialmente em uma leitura longa [...] é preciso pensar em quem vai ler, no cansaço que a leitura pode provocar”⁴⁸. Carneiro complementa que “por isso o corpo do texto utiliza fontes serifadas [...] a compreensão da fonte serifada é confortável e fontes sem serifa são utilizadas textos curtos, como títulos”⁴⁹.

Por isso, duas famílias tipográficas foram escolhidas para dar ordem e forma aos textos do livro: Museo Sans, uma fonte semi-serifada, e Utopia, com serifa. Presentes nos softwares da empresa Adobe, essas fontes foram desenvolvidas, respectivamente, pelos designers Jos Buivenga e Robert Slimbach.

FIGURA 7 – Fonte Museo Sans

Veias Que		0123456789 ¿ ? ¡
Pulsam: a	ABCDEFGHI	! & @ ' ' ' " « » % *
história de	JKLMNOPQ	^ # \$ £ € ¢ / () []
Gabriel Costa	RSTUVWXYZ	{ } . , ® ©

Fonte: Print da Internet/Adobe Fonts

A fonte Museo Sans, conforme é possível verificar na Figura 7, deriva da família Museo, possui baixo contraste, é legível, geométrica e indicada para

⁴⁸ Entrevista realizada com Paulo Carneiro, responsável pelo projeto gráfico do livro-reportagem “Veias Que Pulsam: a história de Gabriel Costa Neto”, em 15 de outubro de 2019, em Presidente Prudente.

⁴⁹ *Idem*.

exibição e uso de texto. Sendo uma fonte semi-serifada, cujo traço é original, é mais utilizada para títulos como foi empregada na peça prática.

Quanto a Utopia, ela é uma fonte serifada transicional, ou seja, contrasta entre traços grossos e finos e o estresse, nome que se dá a direção na qual um traço curvo muda de peso, possui inclinação à esquerda (AMBROSE, Gavin; HARRIS, Paul, 2005, p. 41). Lançada em 1989, influenciada por outras duas fontes, Baskerville e Walbaum, sendo uma das primeiras a integrar o programa Adobe Originals, onde a empresa começou a investir na produção de suas próprias fontes devido ao crescimento significativo da editoração eletrônica, ela também possui ligaduras e letras maiúsculas.

FIGURA 8 – Fonte Utopia

<p>Veias Que Pulsam: a história de Gabriel Costa Neto</p>	<p>0123456789 ; ? ¡! & @ ' ' " " « » % * ^ # \$ £ € ¢ / () [] { } . , ® ©</p>
---	---

ABCDEFGHIJKL
 MNOPQRSTUVWXYZ
 XYZ

Fonte: Print da Internet/Adobe Fonts

5.6.3 Seções internas

Na abertura de cada capítulo é possível conferir uma fotografia que se relaciona ou representa diretamente o conteúdo desenvolvido nas seguintes páginas, sendo responsabilidade das imagens fazer essa divisão entre o término de um capítulo e o início de outro. Sobrepondo a imagem de abertura, encontra-se o nome designado a capítulo, no qual utilizou-se a tipografia Museo Sans, em tamanho 14. Quanto ao corpo do texto de todo o livro, ele é constituído pela fonte Utopia, tamanho 12, e divide-se em parágrafos.

Após os capítulos “Muzambinho”, “Em terras inimigas”, “O sim” e “A garota da Gávea”, existe uma seção que buscou imitar um álbum de fotos de família onde foram acrescentadas fotografias relativas ao conteúdo trabalhado nos capítulos anteriores. Após os capítulos “O dr. Costa Neto”, “Um homem de negócios”, “Aquele Carnaval” e “Uma nova vida” encontra-se outro bloco de fotografias.

5.7 Recursos técnicos

Para o desenvolvimento e produção da peça teórica e prática os recursos técnicos utilizados pertencem às pesquisadoras e, também, à Faculdade de Comunicação Social de Presidente Prudente (Facopp). Recursos como canetas, bloco de notas, carregadores, smartphones, notebooks das marcas Acer, Dell e computadores Samsung são os de propriedade das integrantes. Durante o TCC, o grupo fez o uso de gravadores do Laboratório de Rádio e computadores dos Laboratórios de Informática da Facopp. Os *softwares* para o planejamento e identidade visual do livro foram de responsabilidade dos designers contratados.

5.8 Recursos financeiros

As quatro integrantes do livro-reportagem se comprometeram durante 10 meses a guardar uma quantia de R\$ 100,00 cada, totalizando R\$ 4.000,00, cujo montante foi utilizado para arcar com os gastos referentes às impressões de pautas, formulários, impressões para banca de qualificação, diagramador e ilustrador, além das duas peças teóricas, em capa dura, entregues durante a banca final, com o valor estimado de R\$ 50,00 a unidade. Além disso, também houve o gasto com locomoção para as entrevistas que se estenderam no mês de setembro de 2019, cujo gasto foi particular. O valor desembolsado ficou por volta de R\$ 450,00.

Os gastos totalizaram o valor de R\$ 2.500,00, sendo que o restante do dinheiro será dividido entre as integrantes após a banca final. Já para a

impressão dos livros foi realizado o orçamento de 500 exemplares na gráfica Cipola, que irá custar R\$ 5.877,25 (Anexo C), porém é a família de Gabriel Costa Neto que irá arcar com essa despesa.

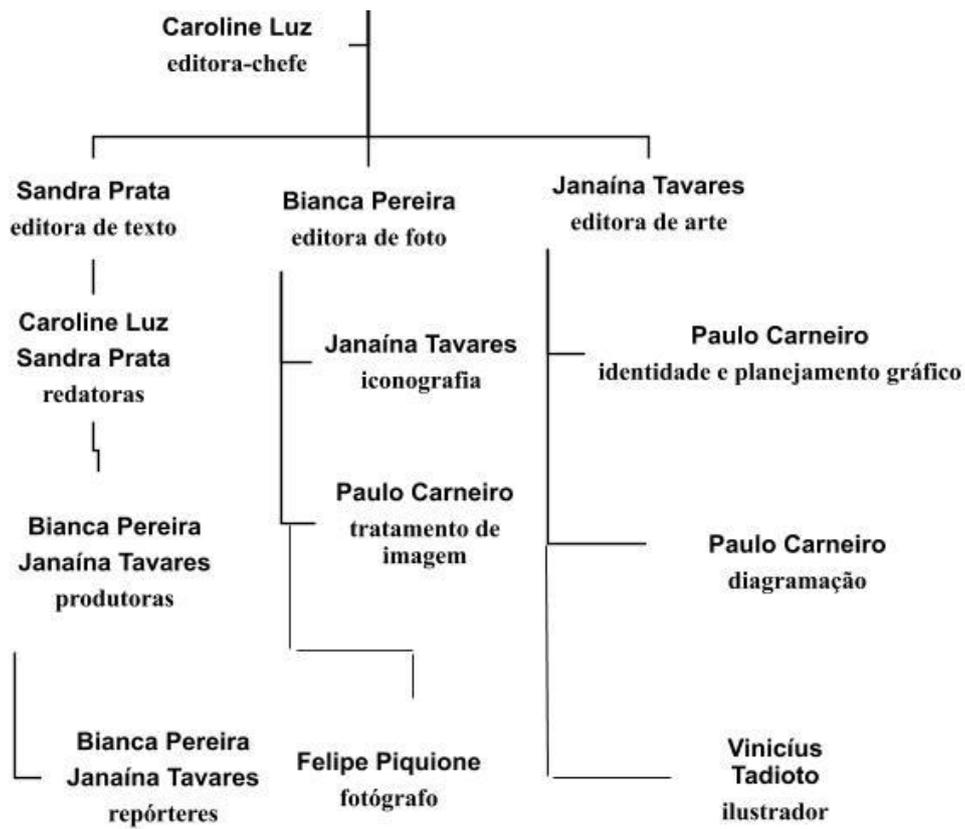
5.9 Recursos humanos

Sob a orientação da professora Dra. Fabiana Aline Alves, a produção textual de toda a peça teórica deste TCC foi de responsabilidade das quatro pesquisadoras: Bianca Pereira dos Santos, Caroline Moura da Silva Luz, Janaína Maria Tavares da Costa e Sandra Cristina Leite Prata. A peça prática segue os mesmos padrões. Nenhuma das integrantes têm como objetivo receber remuneração pelo trabalho.

Já para a elaboração do livro-reportagem, o grupo teve a colaboração do designer gráfico Paulo de Souza Carneiro, que é responsável pelo projeto gráfico, produção digital de provas, tratamento das imagens e diagramação. Além dele, a equipe contou com o apoio de Vinícius Tadioto de Gouveia para a produção da capa e de Felipe Piquioto para a foto de abertura do capítulo 10. A peça prática finalizada possui 172 páginas.

5.9.1 Organograma das funções

Abaixo é possível conferir o organograma das funções que foram distribuídas entre a equipe de pesquisadoras e os colaboradores para a realização da peça prática:



6 MEMORIAL DESCRITIVO

6.1 Definição do tema e início do pré-projeto

A partir do sexto termo, os estudantes de Jornalismo começam a esboçar o pré-projeto de TCC, como foi o caso deste grupo que tem a proposta de contar a história do médico e pecuarista Gabriel Costa Neto. No entanto, já no começo de 2018, um semestre antes, as alunas Janaína Maria Tavares da Costa, Sandra Cristina Leite Prata, Caroline Moura da Silva Luz e Bianca Pereira Pereira dos Santos já tinham em mente a elaboração e produção de um livro-reportagem como peça prática do TCC. Isso se deve pela proximidade que todas as participantes do grupo têm com a escrita e também pela paixão de contar histórias.

Com o retorno do ano letivo em 01 de agosto de 2018, ficou evidente, em conversas com os professores, que os temas sugeridos pelas alunas eram inviáveis para a produção de um livro. Foi então que a sugestão de contar a vida de Gabriel Costa Neto, médico e pecuarista, por meio de um livro-reportagem, surgiu durante uma reunião com a coordenadora dos cursos de Jornalismo e Fotografia da Facopp, Carolina Zoccolaro Costa Mancuzo, terceira neta mais velha de Costa Neto. Por conhecer e entender a relevância social do médico, Carolina explicou a história de seu avô e também de suas contribuições para a cidade de Presidente Prudente. A ideia foi analisada pelas estudantes para avaliar o nível de afinidade com o assunto e também se ele possuiria forças suficientes para ser trabalhado em um livro-reportagem, o que se mostrou viável devido à quantidade de documentos existentes sobre o objeto de estudo.

Todas as integrantes concordaram com a sugestão e deram prosseguimento com a elaboração do pré-projeto, que foi aprovado pela banca avaliadora no final do segundo semestre de 2018. Depois de aprovado, as estudantes começaram a fazer, com mais intensidade, a revisão de literatura sugerida já pela orientadora do grupo, Fabiana Aline Alves.

Além disso, as estudantes receberam de Carolina três fitas que continham 2h08 minutos de entrevistas com o avô Gabriel Costa Neto. Por conta

do formato, as pesquisadoras procuraram um local para digitalizar o material para que pudesse ser ouvido no computador, notebook e no celular. Com isso começaram a escutar as gravações e conhecer de maneira aprofundada a história de Gabriel Costa Neto.

Portanto, durante as férias, Bianca, Janaína, Sandra e Caroline realizaram o fichamento de livros e artigos que serviriam de base para a construção desse TCC e também fizeram a transcrição das fitas, processo que levou aproximadamente 10 horas e resultou em 29 folhas de transcrição. Ao mesmo tempo, foi solicitado à família de Gabriel alguns álbuns de fotografias, documentos pessoais, jornais, cartas, revistas e recortes de jornais que tivessem relação com Gabriel Costa Neto. Conforme a família encontrava esse material, entregava para Carolina e assim as estudantes pegavam os documentos na faculdade diretamente com a neta de Gabriel. Com esses materiais em mãos, as integrantes Janaína e Sandra ficaram responsáveis por escanear os itens. Ao todo, as alunas conseguiram cerca de 625 documentos que foram organizados no drive, por meio de pastas, com isso as estudantes tinham mais facilidade encontrar esses materiais quando era necessário. Com esses documentos, as alunas realizaram pesquisas para compreender ainda mais a história e importância de Gabriel Costa Neto e também para analisar quais informações eram relevantes o suficiente para serem utilizadas no TCC.

6.2 Produção da peça teórica

Já em fevereiro de 2019, o grupo começou as orientações do TCC uma vez por semana, juntamente com a professora Fabiana Aline Alves. Em um primeiro momento foi produzido um cronograma que serviu para organizar e dar dinamicidade para a equipe. Além disso, nesse momento ficaram estabelecidas as datas de entrega de cada parte da peça teórica.

No começo, todas as integrantes ajudaram na escrita da peça teórica, mas foi necessário que houvesse uma divisão das funções porque em breve, no mês do março, o grupo iniciaria as entrevistas em profundidade. Para a construção do TCC, a coleta de informações orais foi dividida em duas fases. A

primeira foi executada para poder compor o capítulo intitulado Gabriel Costa Neto neste projeto ainda no 1º semestre de 2019; já a segunda, no último semestre do ano, para realizar a construção narrativa do livro-reportagem.

No início do Trabalho de Conclusão de Curso o grupo fez uma lista de possíveis fontes que continha 70 nomes. Entre eles, amigos, familiares, colegas de profissão e pessoas que estiveram ligadas ao Gabriel durante seus 91 anos de existência, em especial referentes à família, à atuação na medicina e na pecuária. A lista de entrevistados foi elaborada com a ajuda da neta de Gabriel, Carolina Zoccolaro Costa Mancuzo, e do filho mais velho, Mário Luiz Carneiro Costa. Alguns nomes também foram retirados dos documentos que o grupo teve acesso, como jornais e revistas.

No decorrer da elaboração da peça prática, a lista de entrevistados teve alterações com a inclusão de novos nomes que puderam colaborar com a produção do livro-reportagem. Contudo, a questão do tempo foi fundamental para decidir com quantas e quais pessoas a equipe entrevistaria, já que as datas estipuladas pela Supervisão de TCC de Jornalismo da Facopp não poderiam ser prorrogadas.

A integrante Caroline ficou responsável por dar continuidade à escrita, enquanto as outras alunas começaram a realizar o primeiro contato com as fontes por meio de uma pré-entrevista realizada pelo telefone, quando se apurava a relação do entrevistado com Gabriel Costa Neto. Com isso, eram produzidas pautas específicas para cada fonte, levando em conta a ligação e o tempo de convivência que tiveram com Gabriel.

Por fim, as estudantes chegaram a 22 nomes que foram as fontes essenciais para a produção do livro-reportagem. Com uma frequência de pelo menos quatro entrevistas por semana, as integrantes conseguiram entrevistar todos os selecionados até o final do mesmo mês, sendo que a primeira entrevistada foi América Costa Sandoval, única irmã viva de Gabriel Costa Neto.

Para a realização das entrevistas, duas integrantes do grupo iam até o local da entrevista, em geral a casa da testemunha. Lá, uma fazia anotações e fotografava o entrevistado e a outra realizava as perguntas. Com isso, após todas as entrevistas, as estudantes chegavam em casa e faziam a decupagem

do material, que geralmente continha de 60 a 120 minutos de entrevista, totalizando com cerca de 15 até 30 páginas transcritas.

No decorrer do mês de março, as estudantes puderam ter um contato mais próximo e imergir nas histórias e lembranças relatadas por cada entrevistado. A cada visita, a cada pergunta feita, era um aprendizado e a visualização de uma vida e de uma história se concretizavam ainda mais.

Houve dias em que eram realizadas quatro entrevistas seguidas, dias em que os entrevistados se reuniram em um único local e, acima de tudo, teve muito diálogo para checar informações. Cada encontro tinha suas particularidades e proporcionava novas descobertas sobre Gabriel Costa Neto.

Vale lembrar que dessas 22 pessoas todas tiveram uma relação de proximidade com a vida de Costa Neto, seja pela medicina, amizade ou pecuária. Contudo, não se deve esquecer da família, já que foram entrevistados todos os quatro filhos e os netos mais velhos de Gabriel. É importante ressaltar que, por uma questão de tempo e logística, nem todos os netos foram entrevistados, pois alguns moram fora da cidade de Presidente Prudente, por essa razão, não foi possível entrevistá-los, bem como os mais novos da família que, por conta da pouca lembrança e convivência com o avô, não seriam tão contributivos com informações que ajudariam na construção do livro-reportagem. Com isso, houve um tempo maior para dar mais atenção às pessoas do círculo profissional de Costa Neto, por exemplo.

Ainda nesse período, as alunas começaram a esboçar como seria o livro-reportagem na prática, desde a escolha do nome, que surgiu a partir de uma reunião de todo o grupo que durou horas, e até mesmo a possível quantidade de capítulos que teria. Nessa parte, o grupo teve mais dificuldades porque o nome da obra deveria ter alguma relação com a medicina, principal carreira de Costa Neto, e com o legado que o médico deixou. Foi necessário tempo para definir essa questão e também o número de capítulos, já que no começo as alunas tinham projetado uma quantidade superior a 20. Porém, levando em consideração fatores como o tempo de produção da escrita do livro e a unidade entre os assuntos, a quantidade de capítulos diminuiu para 10.

Já o nome do livro, depois de muitas conversas entre as próprias integrantes do trabalho, foi escolhido: “Veias Que Pulsam”. A ideia veio justamente como uma forma de representar que, apesar de falecido, o legado de Costa Neto ainda continua vivo para a família e amigos.

Depois que a parte teórica foi finalizada, houve a primeira entrega do TCC para a Banca de Qualificação, no dia 17 de abril. A banca foi formada pelas docentes Maria Luísa Hoffmann e Marilani Vanalli, que tiveram duas semanas para apontar as correções necessárias.

No dia 30 de abril, as alunas receberam os pareceres e realizaram as correções solicitadas pelas professoras. Antes mesmo da entrega, tanto a orientadora como as alunas perceberam que a peça teórica ainda precisava de alguns ajustes, como elaborar um capítulo de Fotografia como recurso de documentação. Sendo assim, além das correções propostas pela banca para a 2ª entrega, um novo capítulo foi adicionado. A pergunta-problema do TCC precisou ser reformulada. Foi um momento de forte tensão, até que se chegou a um consenso, aprovado posteriormente.

Além disso, o time também foi em busca pelo profissional que faria a diagramação do livro. Para isso, as alunas buscaram referências de outros trabalhos acadêmicos como, por exemplo, o livro-reportagem de 2017 sobre o repórter Altino Corrêa. A aluna Janaína entrou em contato com umas das integrantes deste TCC, Nellise Pinheiro, que colaborou ao dar sugestão do designer gráfico que ficou responsável por essa parte do trabalho do grupo, Paulo Carneiro.

Foi feito então um primeiro contato com o designer para falar sobre a proposta do livro. Nessa conversa, tópicos como orçamento foram discutidos e o grupo marcou uma reunião presencial com Paulo. Esse encontro foi realizado antes das férias do meio do ano e estavam presentes a professora orientadora e as alunas desse TCC. Nas semanas seguintes, o profissional enviou à equipe o projeto gráfico do livro que, após algumas alterações, foi aprovado.

Concluída a reunião, o grupo fechou a proposta com o designer gráfico. Por outro lado, a professora orientou as integrantes no sentido de deixar bem claro o que seria de responsabilidade da equipe e, conseqüentemente, do Paulo,

para evitar confusões. Já na última orientação antes do início das férias, as integrantes se comprometeram a iniciar a escrita do livro, peça prática, em junho.

6.3 Produção da peça prática

Ao fim do primeiro semestre de 2019, nos meses de junho e julho, a aluna Caroline Luz ficou responsável pela produção dos primeiros capítulos. Percebeu-se que era necessário agendar uma nova entrevista com América Costa Sandoval, para sanar algumas dúvidas em relação à infância do objeto de estudo, já que ela era a única pessoa capaz de fornecer detalhes sobre esse período, além de aprofundar informações que o grupo já tinha acesso e adquirir fotografias da família. Durante o período de férias do ano letivo, foram produzidos os três primeiros capítulos que focam, principalmente, no início da vida Gabriel Costa Neto.

Com a avaliação da orientadora, percebeu-se que o material não conseguia apresentar com riqueza de detalhes e emoção a figura de Gabriel Costa Neto e dos lugares de sua infância. Para melhorar tais quesitos, a professora Fabiana solicitou que o grupo se reunisse de forma intensiva e elencasse as principais características físicas e emocionais do biografado, bem como da sua família (pai, mãe e irmãs) e das cidades envolvidas. A ideia era trabalhar com a construção de personagens e cenários para que as descrições de ambos fossem mais detalhadas e enriquecedoras à narrativa.

Entretanto, o combinado era entregar cinco capítulos na primeira semana de agosto à orientadora e só foram entregues apenas três que precisavam passar por uma grande reformulação. Assim, houve um atraso na entrega dos capítulos escritos e foi fundamental reorganizar as funções de cada integrante, já que apenas a estudante Caroline estava responsável pela escrita do livro-reportagem. Na orientação do dia 19 de agosto, a professora Fabiana auxiliou o grupo nesse planejamento. A meta agora era não “furar” o cronograma e entregar todas as etapas nos prazos estabelecidos, já que agora havia uma data de lançamento desejada por parte da família: o dia 19 de novembro de 2019, centenário do nascimento de Costa Neto.

A partir desse momento, a integrante Sandra começou a escrever também, enquanto as estudantes Janaína e Bianca ficaram no comando da produção e estruturação de conteúdo seguindo as discussões já estabelecidas pelo grupo sobre cada um dos capítulos. Agora, o desafio era entregar dois deles por semana e cumprir à risca o cronograma que foi reformulado. O original do livro deveria estar pronto até o dia 23 de setembro, com a entrega do capítulo 11, que na edição final se mostrou desnecessário e o conteúdo foi acrescentado ao capítulo 10, o último do livro.

Neste momento foi decidido que o livro iria obter a apresentação escrita por Carolina Zoccolaro Costa Mancuzo, o prefácio de América Costa Sandoval e o epílogo de José Renato Sampaio Tosello. O conteúdo dos 10 capítulos de autoria do grupo foi feito com base em entrevistas realizadas com familiares, amigos e pessoas que eram próximas ao objeto de estudo. Fotos antigas, documentos e reportagens também foram fontes de pesquisa para a elaboração da obra. Além disso, as alunas optaram por escrever um livro-reportagem que utilizaria as técnicas de storytelling e que se tornaria um documento conciso e aprofundado, até então único, sobre quem foi e qual foi a relevância social do médico e pecuarista Gabriel Costa Neto para Presidente Prudente.

Para conquistar essa meta, também foi preciso produzir o esqueleto dos capítulos, que foi a função que ficou sob responsabilidade de Janaína e Bianca. As duas alunas organizavam em um documento do Word as informações que deviam conter em cada capítulo, ou seja, liam todas as entrevistas e destacavam informações que eram da temática de cada capítulo. Feito isso, as alunas entregaram o conteúdo bruto daquele item para as outras duas estudantes que começaram efetivamente o trabalho de escrita e, se necessário, voltavam a realizar entrevistas e pesquisa nos documentos a fim de confirmar as informações.

Ao passar de cada semana, Sandra e Caroline conseguiram cumprir o cronograma. As produtoras também continuaram a realizar mais entrevistas conforme a necessidade de informações e dúvidas que surgiam. Todos os quatro filhos de Gabriel foram entrevistados novamente (Mário, presencialmente, e os outros três, via ligação telefônica).

No que diz respeito ao cruzamento de informações, esse foi um período propício para praticar essa atividade porque, conforme a escrita do livro ia evoluindo, mais questionamentos surgiam. Um exemplo disso foi a necessidade de entender em qual ano exato Gabriel concluiu o curso de Medicina, cruzando informações das entrevistas e com os documentos coletados pelas estudantes.

Além das entrevistas para realizar checagem de dados e informações realizadas por ligações, também foram necessárias visitas ao Museu e Arquivo Histórico Prefeito Antonio Sandoval Netto. No local, a estudante Janaína teve contato com jornais da década de 1970 para verificar informações a respeito da V Exposição Internacional de Neloire, evento que foi realizado na época com a ajuda de Gabriel e reuniu dois presidentes do período: Ernesto Geisel (Brasil) e Alfredo Stroessner Matiauda (Paraguai).

Nesse período também foi necessário solicitar à família, mais uma vez, algumas fotografias que não foram em um primeiro momento escaneadas em qualidade suficiente para serem inseridas no livro. Com isso, puderam escolher para fotografias que tinha relação com os capítulos, sendo colocadas como abertura de cada seção. Foi outra atividade desafiadora, já que algumas fotografias não estavam na posição vertical, ideal para a abertura das seções. As imagens na posição horizontal dificultavam o corte e, conseqüentemente, prejudicavam o conteúdo informacional das mesmas. Assim, muitas imagens precisaram ser substituídas.

Um capítulo em específico exigiu uma atenção ainda maior do grupo para a escolha da imagem que o abriria, o 10. A parte do livro que fala sobre o legado que Costa Neto deixou. A dúvida era qual imagem utilizar para ilustrar tais feitos? E a resposta veio rápida: os utensílios que o médico utilizava em sua rotina profissional. Mas como consegui-los? Os seguintes objetos estavam na custódia de uma das netas de Costa Neto e única médica da família, Beatriz. Após trazer os objetos de Campinas, cidade onde reside, o grupo se organizou e, com a ajuda de um estudante de fotografia Felipe Piquione, utilizaram o estúdio de fotografia da Facopp para que fossem feitas as fotos que, mais tarde, foram selecionadas para que uma delas abrisse o último capítulo do livro.

As duas últimas semanas de produção da peça prática chegaram. O prazo estipulado no cronograma foi concluído e, depois disso, a obra passou pela edição da orientadora Fabiana. Foi o momento de sentar e acertar, em conjunto, alguns pontos-chaves do livro, além de rever, acrescentar ou retirar determinados itens, em especial para dar tratamento igual aos filhos de Costa Neto e acrescentar histórias importantes ao enredo.

Feito isso, o livro foi todo editado e revisado pela Sandra com o objetivo de adequar as linguagens dos capítulos que, por ter sido escrito por duas pessoas, sofreu com algumas divergências de tom verbal. Logo após, a peça prática foi encaminhada novamente para a orientadora, Fabiana, que fez a edição final e os ajustes que faltavam no texto. Depois, o livro seguiu para diagramação com o projeto gráfico já aprovado no semestre anterior.

Simultaneamente ao processo de produção do livro-reportagem, o grupo também entrou em contato com o designer gráfico, Vinícius Tadioto, a fim de que o mesmo elaborasse a capa do livro-reportagem, já imaginada no final do semestre anterior. De início, foi produzido um briefing que introduziu o profissional na história de Gabriel Costa Neto, em seguida, foram enviadas algumas referências de capa que haviam sido pensadas e escolhidas pelo grupo.

Todo o processo de desenho da capa foi acompanhado de perto e com total disponibilidade do profissional para executar algumas alterações. Vinícius, que possui extrema habilidade com ilustração digital, também ficou responsável por confeccionar os convites para o lançamento do livro, tanto em versão impressa quanto em versão para ser enviada via WhatsApp.

As semanas de produção se passaram e, após definida a versão final da capa, Vinícius enviou o arquivo ao grupo que, unido à diagramação, deu vida à primeira versão do livro-reportagem no domingo, dia 06 de outubro de 2019.

Com um total de 180 páginas contando com apresentação, sumário, ficha catalográfica, prefácio, epílogo e referências, o livro foi analisado pelo grupo e por Fabiana. Nesse contexto, houve alterações textuais, novos parágrafos foram inseridos no livro-reportagem e tais apontamentos foram acatados por Paulo. Após alterada, a nova versão chegou às mãos do grupo no dia 22 de outubro pronta para ser entregue pela primeira vez à banca de qualificação.

Enfim, o grupo finalizou o TCC com um total de 22 entrevistados, 27 entrevistas, mais de 20 horas de depoimentos coletados e 172 páginas de transcrição, além dos 625 documentos analisados. Assim, o trabalho foi encaminhado para uma banca de qualificação para receber correções e apontamentos dos professores. Dessa vez, diferente da banca do sétimo termo, o grupo contou com uma nova professora para entregar a fase de correção e avaliação porque a integrante da banca Maria Luísa estava de licença maternidade. Dessa forma, a nova banca foi constituída pelas professoras doutoras Thaisa Sallum Bacco e Marilani Vanalli.

Após uma semana e meia, antes da data prevista pela Supervisão de TCC, com o livro corrigido pela banca em mãos, o grupo se organizou para acatar os apontamentos e fazer uma nova revisão no conteúdo. O adiantamento se deu pelo prazo da gráfica, pois, para ficar pronto no dia previsto do lançamento (19 de novembro), a obra precisava ser entregue para a impressão antes dos prazos estipulados. O processo de edição levaria, minimamente 15 dias, e seria feito em Campinas - SP, embora a gráfica contratada fosse de Presidente Prudente, a Gráfica Cipola.

O processo de correção durou três dias, porque as pesquisadoras precisaram esperar o envio do ISBN pela Biblioteca Nacional para que pudessem garantir os direitos autorais da obra ao fixá-lo ao livro. Para que isso fosse possível, solicitaram o ISBN pela conta de editor da própria faculdade e pagaram R\$ 58,00 para obter o código.

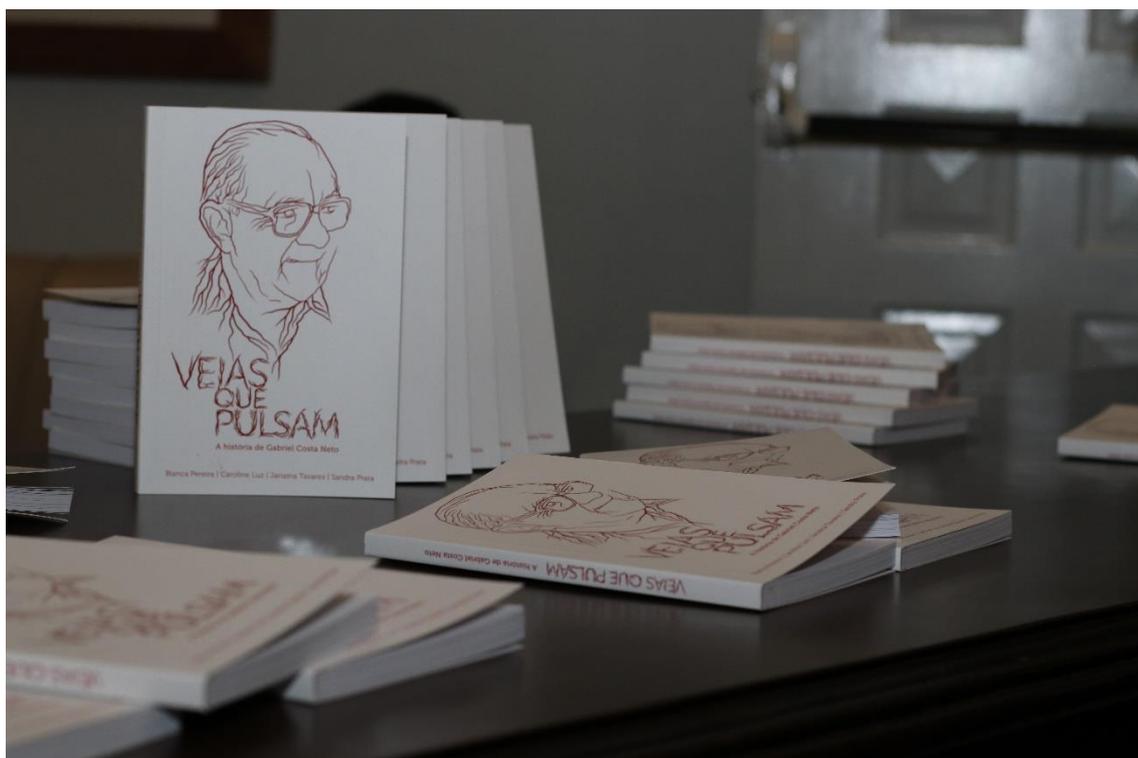
Com as correções finalizadas, Paulo recebeu as alterações e as adequou nas técnicas de diagramação que já estavam prontas e às especificidades de impressão da própria gráfica. Feito esse trabalho, a peça prática foi fechada e encaminhada para a Cipola.

6.4 Lançamento e distribuição

Duas semanas se passaram e o resultado foi o livro-reportagem “Veias Que Pulsam: A história de Gabriel Costa Neto” com 180 páginas e 10 capítulos, lançado no dia 19 de novembro de 2019, no anfiteatro da Sociedade de Medicina

de Presidente Prudente. Para este lançamento, foram convidados amigos e familiares das estudantes e do objeto de estudo. O evento foi organizado em parceria com a Coordenação da Facopp, em especial a Coordenadora de Jornalismo, Carolina Costa, e com a família Costa. As obras ficaram expostas no hall de entrada do local, conforme a Figura 9.

FIGURA 9 – Livro impresso, exposto no lançamento



Fonte: Reprodução/ Felipe Piquione

Para o lançamento, foi feito um convite que era enviado pela neta de Gabriel Costa Neto por meio do WhatsApp, no texto havia um link que era direcionado para uma lista onde os convidados confirmavam presença e podiam visualizar o nome das pessoas que haviam confirmado. Os convites foram direcionados especialmente à família Costa e à das autoras, médicos e pecuaristas da cidade, bem como aos docentes e autoridades, em especial às da Unoeste.

Com o objetivo de também divulgar o lançamento dos livros, a aluna Caroline Luz editou um *teaser* que foi divulgado nas redes sociais. O vídeo tinha

um minuto e era ilustrado com fotos de vários momentos da vida de Gabriel e com áudios dele mesmo e da irmã América, fechando com o local e hora do lançamento de “Veias que pulsam”.

Além disso, a aluna Janaina produziu um release que, com ajuda do professor Roberto Mancuzo e a assessoria da Facopp, foi direcionado aos principais veículos de comunicação da cidade, sendo publicado no dia 18 de novembro pelo jornal O Imparcial (Anexo D). O colunista Sinomar Calmona também publicou algumas notas sobre o lançamento em sua coluna social no mesmo jornal.

O evento começou com um cerimonialista lury Gregghi fazendo a abertura da cerimônia. Para que todos tivessem ideia da grandeza de Gabriel Costa Neto e os motivos dele merecer ser imortalizado em um livro, Caroline Luz produziu um novo vídeo, agora com cerca de sete minutos e áudios apenas do médico, com intuito de ativar memórias afetivas dos presentes e aproximá-lo daqueles que não o conheceram.

Na sequência, o cerimonialista convidou Carolina Mancuzo para fazer uma fala. Como coordenadora da Facopp e neta de Gabriel, Carolina que falou sobre quem foi e quais foram as contribuições do avô e agradeceu a oportunidade de conseguir realizar, junto às alunas e à orientadora, um trabalho jornalístico desse porte na instituição.

Logo a seguir, lury chamou ao palco as autoras do livro-reportagem que, juntamente com a orientadora, explicaram ao público como foi o processo de produção da peça prática, desde a ideia até a finalização. Na Figura 10 é possível visualizar, da esquerda à direita, Sandra, Caroline, Janaína e Bianca durante a explanação. O objetivo da fala era mostrar aos presentes, que não eram jornalistas, todos os trâmites e complexidades de se fazer um livro-reportagem dentro dos quesitos impostos pelo jornalismo.

FIGURA 10 – Apresentação do livro na Casa do Médico



Fonte: Reprodução/ Felipe Piquione

Depois, as alunas presentearam América, irmã de Gabriel, com uma orquídea, agradecendo a significância dela para a pesquisa e também, de forma simbólica, agradecendo a todos os entrevistados que construíram para o trabalho. Ela também recebeu, simbolicamente, o primeiro exemplar de “Veias que pulsam”. Depois, foi solicitado que as estudantes permanecessem no palco. Houve, então, uma homenagem a elas, que receberam flores do Pró-reitor Acadêmico da Unoeste, Dr. José Eduardo Creste. O docente também fez uso da palavra, elucidando a relevância do trabalho desenvolvido, além da importância do próprio Gabriel Costa Neto para a cidade.

Por fim, lury “abriu a palavra” a todos que estavam presentes e algumas pessoas ressaltaram a importância de Gabriel, do trabalho e acerca do esforço das discentes para a realização desse trabalho. Para marcar o encerramento da noite, o cerimonialista convidou toda a família Costa ali presente para posarem para uma foto em família.

Depois da finalização da apresentação, foi o momento de distribuir as obras aos convidados e realizar a sessão de fotos para registrar o momento. Na

Figura 11, da esquerda para a direita, posam Sandra, Caroline, Profa. Dra. Fabiana, responsável pela orientação, Janaína e Bianca.

FIGURA 11 – As autoras da obra, juntamente com a orientadora



Fonte: Reprodução/ Marlene Reverte

Ao fim do lançamento, cerca de 200 livros foram entregues aos convidados e as autoras deram autógrafos. Para a cobertura do evento, a equipe do Laboratório de Fotografia da Facopp ficou responsável pela fotografia e os integrantes do aplicativo Colabora! para divulgar o lançamento no Instagram e produzir uma matéria para o Portal Facopp.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após todo auxílio teórico e metodológico que as pesquisadoras obtiveram, nota-se que, além da função principal e diária de disseminar informação, seja por meio de programas de rádio ou televisivos, jornais impressos, revistas ou via Internet, o jornalismo também possui compromisso com a memória.

Por mais que a recordação também seja essencial também às hard news, pois sem elas não existiriam os relatos das fontes testemunhais, as que presenciaram o acontecimento in loco, por exemplo, ao livro-reportagem, especialmente o do tipo biográfico, cabe à memória a habilidade de auxiliar na formulação dos relatos que vão dar vida ao texto. É ela também a responsável por reunir informações necessárias a respeito de um objeto de estudo, já que essas partem das experiências subjetivas dos entrevistados estão propícias ao esquecimento e ao erro.

É justamente por estar “aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações” que a memória, como defende Nora (1993, p. 9), precisa de suportes, necessita ser recuperada.

Diante disso, a partir do estudo teórico, este trabalho objetivou responder como o livro-reportagem, produto do jornalismo e diretamente ligado à reportagem, pode servir como ferramenta de recuperação histórica e documentação. Para isso, volta-se a Lima (2009, p. 27) que identifica que a recuperação dessas “[...] riquezas psicológicas e sociais, [...] encontra melhor aplicabilidade no livro-reportagem”, peça prática desse TCC, intitulada *Veias Que Pulsam: a história de Gabriel Costa Neto*, que buscou recuperar a vida profissional e pessoal do médico e pecuarista prudentino.

Como identificam Rocha e Xavier (2013, p. 146), o livro-reportagem possui a capacidade de “[...] auxiliar na construção de sentidos”, pois oferece “[...] contextos e novas abordagens para determinados fatos, a partir da compreensão de acontecimentos reconfigurados”, utilizando da memória como

fonte e método, responsável ainda por dar humanidade ao relato. O mesmo acontece com os documentos, já que esses visam “[...] registrar e guardar informações, dados, características ou congelar momentos” (CRUZ, 2018, 12-13).

Por isso, ao considerar que documentação corresponde ao conjunto de informação, seja ela escrita ou visual, cujo objetivo é registrar e guardar informações, dados e características dos personagens, essencial à recuperação da memória, o livro-reportagem pode ser considerado um produto de documentação (CRUZ, 2018) e, logo, de suporte à memória. Isso porque o produto apresenta o resultado da análise de 624 documentos que as pesquisadoras tiveram acesso, entre eles gravações de áudio, fotografias, revistas, cartas, jornais e documentos pessoais, cujo conteúdo possibilitou explorar, organizar e relatar a história de Gabriel Costa Neto. As informações levantadas ainda foram cruzadas com mais de 20 horas de entrevistas, com 22 pessoas próximas ao biografado.

Todavia, se a memória é passível de falhas, é nas técnicas jornalísticas da seleção de fontes, produção de pautas, observação, checagem de dados, análise de documentos e apuração, utilizadas durante a produção do livro-reportagem, explicadas no item 2.3 dessa pesquisa, que ela encontra suporte para ter significância e utilidade ao jornalismo. Neste sentido, a memória ganha vieses de narrativa jornalística e não de homenagem.

Sendo assim, todas as entrevistas realizadas foram analisadas e comparadas com o objetivo de serem contextualizadas e para que as informações se aproximassem da realidade, além de serem fundamentais para compreender as relações e as individualidades – características físicas, psicológicas e culturais – de Gabriel Costa Neto, responsáveis por permitir a utilização de recursos literários no texto do livro-reportagem.

Elencadas por Lima (2009), quatro estratégias literárias se mesclam ao gênero interpretativo e investigativo e dão origem ao jornalismo literário, sendo elas: a narração, que envolve os traços físicos e mentais dos personagens, além de como, quando e onde os fatos ocorrem; a descrição, que serve para detalhar

o presente ou o passado; a exposição, quando o autor tenta convencer o leitor; e, por fim, o diálogo.

Mergulhar nessa história também possibilitou às pesquisadoras ter a amplitude necessária para produzir a peça prática, além de ser um dos objetivos específicos, era um desafio e um desejo particular do grupo desde o início da pesquisa, o que só foi possível após o domínio das características do jornalismo literário na construção do livro-reportagem, especialmente por meio do storytelling, técnica que ofereceu à obra uma narrativa que oscila entre obstáculos e conquistas, encontros e desencontros, momentos de tensão e relaxamento, artifícios capazes de manter a atenção do leitor.

Ao entrar em contato com a obra e perceber a interação entre os personagens, as características de cada um, rememorar histórias ou conhecer novas, captar os ambientes, entre outros aspectos, surge um elo, uma aproximação, entre leitor e obra. Essa intimidade construída pelo livro-reportagem biográfico permite que haja “[...] um retorno ao que já foi”, para reposicionar a história do biografado “[...] em termos do que este representa hoje” (LIMA, 2009, p 46).

Durante os 27 depoimentos coletados, os 22 entrevistados demonstraram que o objeto de estudo, falecido em 2010, continua a ser referência para os médicos da cidade, devido ao atendimento afetuoso e atencioso que mantinha com os pacientes, além da disposição em realizar os atendimentos, pois era um profissional para todas as horas e para todos, e que, constantemente, buscava atualizações, sempre preocupado em oferecer o melhor de si na profissão; sendo também um pecuarista visionário, como muitos entrevistados o definiram, pois fortaleceu a classe idealizando encontros como o GTE, onde os criadores compartilhavam dicas de cuidados com plantações e rebanhos, realizando exposições de gado e atuando efetivamente em sociedades e sindicatos rurais; além da figura do homem, esposo, pai, amigo, chefe e avô, cujos princípios até hoje influenciam e inspiram a família que originou.

É justamente essa relação que impede que o esquecimento seja possível, pois o livro-reportagem possui, resultante de um trabalho extensivo e

aprofundado, característica que advém da reportagem, uma amplitude inesgotável, diferente das páginas de um periódico; existe uma resistência ao tempo que não se compara aos demais produtos do jornalismo. Além da amplitude, existe ainda uma durabilidade do produto, afinal o mesmo livro pode pertencer a diferentes gerações.

Portanto, espera-se que esse projeto possa não só defender a ideia de que o livro-reportagem possa ser considerado um lugar de memória, mas que a história compartilhada gere debates, percepções, além de esclarecer curiosidades e gerar novos conhecimentos, acerca do desenvolvimento da medicina e da pecuária prudentina, duas áreas tão relevantes para o Oeste-Paulista e para o desenvolvimento social, cultural e tecnológico da região.

Por fim, ao ultrapassar as abordagens do jornalismo cotidiano, porém sem se esquecer do compromisso com a realidade, acredita-se que o livro-reportagem também transpõe as relações do próprio jornalismo com o público, mostrando-se capaz, sim, de “[...] parar o tempo, bloquear o trabalho do esquecimento, fixar um estado de coisas, imortalizar a morte, materializar o imaterial” (NORA, 1993, p. 22), dar continuidade e suporte à memória, impedindo que ela vire apenas vestígio – e que, ao desejar revivê-la, isso se torne possível a um simples folhear de páginas.

REFERÊNCIAS

ALVIM, Luíza. Os jornais, o romance e o folhetim. *In*: VI ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISADORES DE HISTÓRIA DA MÍDIA (ALCAR), 6., 2008, Niterói. **6º encontro – 2008**. UFRGS, 2008. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/6o-encontro-2008-1/Os%20jornais-%20o%20romance%20e%20o%20folhetim.pdf>. Acesso em: 15 mai. 2019.

AMBROSE, Gavin; HARRIS, Paul. **Tipografia**. Porto Alegre: Bookman, 2005.

AMORA, Antônio Soares. **Introdução à teoria da literatura**. São Paulo: Cultrix, 2004.

BALLERINI, Franthiesco. **Jornalismo Cultural no Século 21**: Literatura, artes visuais, teatro, cinema, música [A história, as novas plataformas, o ensino e as tendências na prática]. São Paulo: Summus Editorial, 2015.

BELO, Eduardo. **Livro-reportagem**. São Paulo: Contexto, 2006.

BULHÕES, Marcelo Magalhães. **Jornalismo e literatura em convergência**. São Paulo: Ática, 2006.

BULHÕES, Marcelo Magalhães. João do Rio e os gêneros jornalísticos no início do século XX. **FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia**, Porto Alegre, v. 14, n. 32, p. 78-84, 2007. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3418>. Acesso em: 10 abr. 2019.

CATALÃO JUNIOR, Antonio Heriberto. **Jornalismo best-seller: o livro-reportagem no Brasil contemporâneo**. 2010. 252 f. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, Araraquara, 2010.

CEZÁRIO, Flávio. **Sessão Solene**: Dr. Gabriel Costa Neto. Palestra, Presidente Prudente – SP (9 ago. 1996).

COIMBRA, Oswaldo. **O texto da reportagem impressa**: um curso sobre sua estrutura. São Paulo: Ática SA, 2004.

COLAÇÃO DE GRAU na escola paulista de medicina. **A Gazeta**, São Paulo – SP, 19 de dez. 1947, caderno não identificado, p. 8.

COSTA NETO, G. Depoimento gravado pela neta [2008]. Carolina Zoccolaro Costa Mancuzo. Presidente Prudente – SP, sem data, 2008. **Fita**.

COSTA, Sérgio Roberto. **Dicionário de gêneros textuais**. Belo Horizonte, Autêntica, 2018.

CRUZ, Mônica Andressa da; ETGES, Hélio Afonso. **Livro-reportagem como forma de documentação histórica**: análise da obra Holocausto Brasileiro. *In*: 8º ENCONTRO DE JOVENS PESQUISADORES EM JORNALISMO (8º JPJor), São Paulo: UAM/FIAM-FAAM, 2018. Disponível em: <http://sbpjor.org.br/congresso/index.php/jpjor/JPJor2018/paper/view/1582>. Acesso em: 15 de jul. 2019.

CUNHA, Karenine Miracelly Rocha da; MANTELLO, Paulo Francisco. Era uma vez a notícia: Storytelling como técnica de redação de textos jornalísticos. **Revista Comunicação Midiática**, v. 9, n. 2, p. 56-67, 2014. Disponível em: <https://www2.faac.unesp.br/comunicacaomidiatica/index.php/CM/article/view/185/186>. Acesso em: 25. de out. 2018.

DA SILVA, Gessione Moraes *et al.* O método biográfico e a formação docente: algumas contribuições. *In*: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 3, 2016, Natal, **Anais III Conedu**. Campina Grande (Pernambuco): Editora Realize, 2016. Disponível em: https://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV056_MD1_SA13_ID3417_09082016101136.pdf. Acesso em: 20 de out. 2018.

DIEHL, Astor Antônio; TATIM, Denise Carvalho. **Pesquisa em ciências sociais aplicadas**: Métodos e Técnicas. São Paulo: Prentice Hall, 2004.

DR. COSTA NETO e suas paixões: medicina e pecuária. **Jornal Doutor**, Presidente Prudente – SP, fev. 2005, CADERNO Perfil, p. 3.

FERRAROTTI, Franco *et al.* Sobre a autonomia do método biográfico. 1991. Disponível em: <https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/1239/1/13.pdf>. Acesso em: 20 de out. 2018.

FERREIRA, Célia *et al.* **Caracterização da pecuária bovina no Estado de São Paulo**. Informações econômicas, São Paulo, v. 29, n. 2, p. 7-30, fev. 1999. Disponível em: <http://www.iea.sp.gov.br/ftp/iea/ie/1999/tec1-0299.pdf>. Acesso em: 15 de abr. 2019.

FLORESTA, Cleide; BRASLAUSKAS, Ligia. **Técnicas de reportagem e entrevista**: roteiro para uma boa apuração. São Paulo: Saraiva, 2009.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOBBI, Maria Cristina. Método Biográfico. *In*: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005. p. 84-97.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**: Como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. 13. ed. Rio de Janeiro: Record, 2013.

GONÇALVES, Mariana Couto. O jornalismo literário no século XIX: a imprensa entre folhetins, crônicas e leitores. **Anais do XXVII Simpósio Nacional de História**, Natal, Rio Grande do Norte, p. 1-13, 2013.

GUIRADO, Maria Cecília. **Reportagem: a arte da investigação**. São Paulo: Arte & Ciência, 2004.

GUZZO, Morgani; TEIXEIRA, Níncia Cecília Ribas Borges. Livro Reportagem: A fuga do superficial como categoria do Jornalismo Literário. **Anais do IX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul**, p. 1-9, 2008. *In*: Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte – Intercom. 2013. INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil**. 4. ed. São Paulo, 2016. Disponível em: www.prolivro.org.br/home/images/2016/Pesquisa_Retratos_da_Leitura_no_Brasil_-_2015.pdf. Acesso em: 9 jan. 2019.

JORGE, Thaís de Mendonça. **Manual do foca: guia de sobrevivência para jornalistas**. São Paulo: Contexto, 2008.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. 5. ed. São Paulo: Ateliê Editorial. 2014

KOSSOY, Boris. Fotografia e memória: reconstituição por meio da fotografia. *In*: SAMAIN, Etienne (org). **O Fotográfico**. 2. ed. São Paulo: Hucitec/Senac. 2005.

KOTSCHO, Ricardo. **A Prática da Reportagem**. São Paulo: Ática, 2003.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. 12. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. 4. ed. São Paulo: Manole, 2009.

MALULY, Luciano Victor Barros. O novo livro-reportagem. **Revista Comunicação Midiática**, Bauru, v. 13, n. 1, p. 188-191, 2018. Disponível em: <https://www2.faac.unesp.br/comunicacaomidiatica/index.php/CM/article/view/18/4>. Acesso em: 9 jan. 2019.

MATHEUS, Leticia Cantarela. **Comunicação, tempo, história: tecendo o cotidiano em fios jornalísticos**. Rio de Janeiro: Mauad, 2011.

MCSILL, James. **5 Lições de Storytelling** fatos, ficção e fantasia. São Paulo: DVS Editora, 2015.

MCSILL, James. **5 Lições de Storytelling** o best-seller. São Paulo: DVS Editora, 2017.

NORA, Pierre *et al.* Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História da PUC (São Paulo), São Paulo, v. 10, p. 7-28, jul/dez. 1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/revph/article/download/12101/8763>. Acesso em: 9 maio. 2019.

OLIVEIRA, Priscila Natividade Dias Santos. **Jornalismo Literário**: como o livro-reportagem transforma um fato em história. INTERCOM. XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Santos, 6 a 9. set. 2006.

OLIVEIRA, Priscila Natividade Dias Santos. **Radicalmente Chique**: os procedimentos de extensão no New Journalism de Tom Wolfe. *In*: Radical Chique. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Santos, 29 de ago. de 2007.

PECUARISTAS DA REGIÃO abrem a porteira para troca de experiências. O Imparcial, Presidente Prudente – SP, mar. 2001, CADERNO Economia, sem página.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

PONTES DA SILVA, Amanda Tenório. **O perfil jornalístico**: possibilidades e enfrentamentos no jornalismo impresso brasileiro. Temática. Paraíba, Ano V, n. 10. out. 2009. Disponível em: http://www.insite.pro.br/2009/outubro/perfil_jornalismo_amanda.pdf. Acesso em: 23 fev. 2019.

RENDEIRO, Márcia Elisa L. S. Álbuns de Família: Fotografia e Memória; Identidade e Representação. *In*: 14º ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA - ANPUH-RIO - MEMÓRIA E PATRIMÔNIO, 14, 2010, Rio de Janeiro, **Textos completos**. Rio de Janeiro (Rio de Janeiro): ANPUH, 2010. Disponível em: [http://www.encontro2010.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1276726781_ARQUIVO_ArtigoANPUH\[MarciaElisa_2010.1\].pdf](http://www.encontro2010.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1276726781_ARQUIVO_ArtigoANPUH[MarciaElisa_2010.1].pdf). Acesso em: 10 maio. 2019.

ROCHA, P.; XAVIER, C. **O livro-reportagem e suas especificidades no campo jornalístico**. Rumores, São Paulo, v. 7, n. 14, p. 138-157, 27 dez. 2013.

ROUILLÉ, André. **A fotografia**: entre documentação e arte contemporânea. São Paulo: Senac, 2009.

SILVA, Marcos Paulo da. **O jornalismo como ferramenta de recuperação da história local**: o caso das famílias lençoenses do século XIX. Bauru. 2004. Disponível em: <http://www2.eca.usp.br/pjbr/arquivos/GT1-01->

Ojornalismocomoferramente-MarcosPaulo.pdf. Acesso em: 04 mar. 2019.

SÍLVIA, Marleth. Técnicas de Redação e Edição na Imprensa. Curitiba: IntereSaberes, 2017, 242 p. Disponível em: <<https://bv4.digitalpages.com.br/?term=marleth%2520silva%2520&searchpage=1&filtro=todos&from=busca&page=2§ion=0#/legacy/128917>>. Acesso em: 15. Dez. 2018.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. **Técnica de Redação**: o texto no jornalismo impresso. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986.

SOUSA, Jorge Pedro. **Uma história breve do jornalismo no Ocidente**, [S.l.:sn., 2008]. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-uma-historia-breve-do-jornalismo-no-ocidente.pdf>. Acesso em: 02 mar. 2019.

STUMPF, Ida Regina C. Pesquisa Bibliográfica. *In*: BARROS, Antonio.; DUARTE, Jorge. (orgs). **Métodos e Técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas. 2005. 408 p.

VON SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes. Imagem e memória. *In*: SAMAIN, Etienne (org). **O Fotográfico**. 2. ed. São Paulo: Hucitec/Senac. 2005.

XAVIER, Adilson. **Storytelling**: Histórias que deixam marcas. 6. ed. Rio de Janeiro: Best Business, 2018.

XAVIER, Aline; RODRIGUES, Liliana. **Técnicas e práticas para elaborar reportagens telejornalísticas**. *In*: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORTE - INTERCOM, 3, 2013, Manaus, Intercom Norte 2013. São Paulo (São Paulo): Intercom, 2013. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/norte2013/resumos/R34-0170-1.pdf>. Acesso em: 9 de mai. 2019.

YIN, Robert K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

ANEXOS

ANEXO A
ENTREVISTAS TRANSCRITAS

ENTREVISTADA: AMÉRICA COSTA SANDOVAL
PRESIDENTE PRUDENTE

Repórter: Janaína Tavares e Bianca Pereira

Sexta-feira, 01 de março, às 15h.

Local: Casa da América

Endereço: Rua Rui Barbosa, 913 apto 72.

Telefone: (18) 3223-2787 / (18) 99718-5910

Nascidos em:

Carmo do Rio Claro, na fazenda da avó materna.

Pergunta: Nos conte um pouco sobre como foi a infância de vocês? Como era a vivência entre a senhora e o Dr. Gabriel?

Nós éramos 04, duas irmãs, ele e eu, que sou a mais nova da família. E eles brincam comigo porque sempre chamei ele por um apelido, Bieco, era o nome carinhoso que eu tratava. Ele foi a pessoa mais convivi na vida, de todos os meus mortos [risos], quando ele fazia medicina eu fazia serviço social, na mesma época, nós nunca nos perdemos. A gente teve uma infância muito bonita, muito bonita mesmo. Nós morávamos em Muzambinho (MG), moramos a vida toda lá, depois meu pai teve uma fase que ficou doente e como tínhamos um tio aqui em Prudente, a família veio. Nessa ocasião Gabriel já estava em São Paulo fazendo cursinho. Mas nossa infância sempre foi muito junta.

Como a senhora comentou, você era a mais nova dos irmãos e o Gabriel o único homem, tinha aquela coisa de irmão mais velho protetor? Como era isso?

[risos] tinha sim viu, ele era muito. Apesar de sermos muito unidos, ele cuidava muito de mim. E me lembro da nossa infância, uma época, eu queria muito aprender a andar de bicicleta com 10/11 anos, e Muzambinho é uma cidade que tem muitos morros. Ai ele me colocou numa bicicleta numa rua bem íngreme e falou "agora você vai"[risos], ele era assim. Quando ele estava no quinto ano ginásial eu estava no primeiro ano, sempre estivemos próximos. Muzambinho é uma cidade que tinha uma cultura muito boa, uma escola muito boa, mas as famílias foram saindo muito de lá por conta da chegada dos militares, e foi nessa época que saímos também. Mas mesmo assim, quando ele estudou medicina eu estava perto dele. O Bieco era um menino muito levado quando criança, [risos] levado mesmo. Tanto que teve uma fase muito engraçadas da vida dele, no colégio tinha uma professora que puxava o cabelo dele porque ele era uma criança muito ativa. Aí meu pai raspou a cabeça dele e a professora começou a puxar a orelha, não teve jeito, precisou tirar ele do colégio [risos]. Eu, como crescemos em uma cidade pequena, não tínhamos muita atividade, na minha família a ordem era essa, às 18h todo mundo dentro de casa. Jantar sempre 18h/19h, tudo que a gente fazia era muito familiar. Fizemos o ginásio de manhã, aí depois do último ano ele saiu e foi para São Paulo fazer o cursinho. Já eu, fiz o primeiro ano em Muzambinho, o segundo e terceiro em São José do Rio Pardo, quarto ano em Campinas e o quinto ano em Prudente, mas sempre ele presente. Depois que mudamos para cá [Prudente] a nossa convivência foi ainda mais estreita, depois que ele se formou, principalmente. Durante o curso também moramos na mesma casa com minha tia Lulu, irmã do meu pai. Ela tinha uma casa no Jardim Paulista em São Paulo, engraçado nós formamos na mesma ocasião, ele em medicina, eu em serviço social.

Vocês foram juntos cursar a faculdade?

Não, ele já tinha ido antes por conta do cursinho. Até por influência dele eu fiz o serviço social, era uma profissão nova, eu tava saindo do colegial e foi ele que me deu uma orientação profissional. Ele tava em SP, tava vendo essa nova profissão e me influenciou muito.

Quando a família mudou para Prudente e ele já estava em São Paulo, como vocês se comunicavam? iam visitar ele? Como que era?

Não, ele vinha muito, nós nunca íamos até ele. Na ocasião que meu pai ficou doente e meus tios trouxeram a gente para cá, para meu pai fazer um tratamento, ele assumiu, tanto que ele perdeu um ano, ele estava para prestar o vestibular, perdeu um ano para ficar em Prudente cuidando do meu pai. Na época, era uma doença que era tipo de uma depressão, naquele tempo falaram que era cirmenagem, era um tipo de depressão. Meu pai começou a vender quase tudo que ele tinha e precisava muito de apoio, aí vínhamos para Prudente e nossa vida recomeçou. Esse ano que o Gabriel perdeu foi por causa da doença, aí no ano seguinte ele voltou para SP e eu fui junto [risos]. Quando mudamos para Prudente eu tinha 17 anos.

Como foi quando vocês concluíram a faculdade e voltaram para Prudente?

Primeiro ele clinicou em Regente Feijó, nessa ocasião ele já namorava a Marina. Engraçado, eu tenho dois primos casados com duas irmãs da Marina, e esses dois primos puxaram muito ele para o RJ. Então quando ele se formou ele foi para lá tentar, mas não se adaptou, aí veio para Regente Feijó. Fez um concurso para o Estado, trabalhou um tempo, aí quando ele veio para Prudente ele não começou a clinicar aqui porque tínhamos um tio que era médico também que chamava Gabriel Costa. Então houve essa pressão por conta do nome, aí ele mudou e colocou Costa Neto, aí ele começou a clinicar, mas eles nunca clinicaram juntos o tio e sobrinho. Era complicado essa coisa de nome igual na época. Aí ele começou a trabalhar com o Dr. Odilo aqui em Prudente.

Quando começou a paixão pela medicina? Ele tinha esse sonho? Como que era?

Sempre, sempre. A vocação dele sempre foi medicina, apesar dele gostar também de pecuária por um pouco de influência dos meus avós, acho que ele herdou isso da pecuária deles. Mas a parte maior mesmo sempre foi a medicina, e naquele tempo não havia os diagnósticos tecnologia de hoje em dia, naquele tempo não, e ele tinha um diagnóstico incrível, ele foi feito para a medicina mesmo. Eu tenho dois tios médicos também, mas não foi por influência deles não, foi dele mesmo, nasceu com isso. A pecuária acho que veio mais de influência do meu pai, avós a família nossa era muito ligada a isso.

E quando vocês vieram, depois da faculdade, quando ele começou a exercer a medicina aqui em Prudente, como foi? Como começou?

Ele começou com dr. Odilo no Hospital Nossa Senhora das Graças, mas o primeiro consultório dele foi na casa dos meus pais na Dr. Gurgel. Ele cuidou dos meus pais a vida toda. Foi aquele filho médico que cuidava, meus pais foram felizes de ter ele perto, porque foi de uma dedicação linda de ver até o fim. Quando eu voltei com ele para cá, havia essa perspectiva das prefeituras indicarem uma pessoa para fazer o curso e vir abrir a parte de serviço social na cidade e foi isso que eu fiz, mas eu não encontrei um apoio grande, fui nomeada pelo Estado para o posto de cultura e trabalhei 25 anos no Estado e outros 5 anos na promoção social da divisão regional. Minha vida foi assim. E nesse tempo, todos os dias a gente se encontrava, ele vinha todo dia tomar um cafezinho de tarde comigo, ele e a Marina, já era tradição

E quais eram os sonhos de vocês nessa época depois da faculdade, quais eram os seus sonhos e os do Dr. Gabriel?

Olha, dele foi sempre ser aquele médico que pudesse atender bem. Eu não sei se isso entra em uma gravação, mas ele já fez um parto com um revólver na cabeça, ele era desses médicos familiares, não de consultório, de família, fazia o possível sempre. Ele se importava mais com o bem-estar das pessoas do que com o dele mesmo. A vocação dele na medicina foi para isso e olha, qualquer pessoa, que foram pacientes, qualquer uma fala disso, do carinho dele como médico. Mas na parte de pecuária, onde ele fez mais a parte financeira, foi a pecuária mesmo e os filhos seguiram isso também.

Agora voltando um pouco, falando da época em que vocês viveram em São Paulo por conta da faculdade, como era a rotina lá naquele tempo?

Olha, São Paulo naquela época, era cidade da garoa [risos], e morávamos na mesma casa, mas, nos víamos praticamente de noite, ele fazia cursinho, faculdade e eu também. De noite sempre conversávamos, muito, éramos muito amigos, ele foi uma pessoa que sempre me influenciou muito, sempre esteve comigo. Inclusive em uma ocasião, em que eu precisei muito de ajuda médica com meu marido, meu Deus, ele foi médico, pai, amigo, foi tudo. Meu marido, Luiz, teve um câncer e meu irmão foi a presença mais além da parte médica, foi a parte carinhosa, e nós conversávamos muito, ele se interessava muito por coisas da família, sabe? As vezes ele me chamava e pedia para eu contar a história da nossa família, ele sempre gostava muito de saber.

Como era isso, quais histórias ele gostava de saber?

É engraçado, que ele foi gêmeo né, teve um irmão gêmeo dele que morreu com 11 meses. Ai um dia ele me chamou e falou “América me conta como era o meu irmão”. E eu falei, como eu posso contar se eu nasci depois? [risos], ele gostava muito disso.

Em São Paulo quem morava na casa?

Era eu a Tia Lulu, duas filhas dela e o Gabriel. Era uma casa alegre, o Gabriel sempre foi o querido dela, sempre foi mais do que filho.

Como se mantinham lá em São Paulo? Seus pais ajudavam, a tia Lulu, como era?

Ele trabalhava de noite, dava aulas particulares, ele tinha um relacionamento muito grande em São Paulo, ele fez um concurso para a Secretaria da Fazenda também, e eu esperava ele chegar para a gente conversar, minha vida era isso nessa época, viver em função de ver o crescimento dele, isso até depois, quando ele começou a fazer família e tudo. Depois que voltamos para Prudente a tia Lulu morreu e São Paulo ficou como uma lembrança do tempo de estudante, ela morreu as primas cada uma foi para um canto. Mas o Gabriel sempre manteve o elo da família.

Ele teve muita influência na sua vida, certo? Por quê?

Ele era muito ligado a minha outra irmã, a Dida. Mas a pessoa que conviveu com ele mesmo, foi eu. As outras, uma casou foi para Campinas, mas família sempre foi assim, sempre juntos, nunca separado. Os natais eram muito bons, enquanto meus pais viveram eles eram o centro, tudo era na casa deles. Meu pai quando viemos para Prudente, como ele tinha essa doença que precisava ser curada, o prefeito da época, dr. Ceravolo, também de influência dele que meu pai veio para cá, meu pai arrumou um trabalho na prefeitura, trabalhou até o fim da vida dele e minha mãe era dona de casa, mas era aquela pessoa que acolhia, toda a família era em função dela mesmo. Na época dos natais, todo mundo se reunia. Graças a Deus sempre fomos muito unidos.

Enquanto o Gabriel construía a vida dele a senhora também construiu a sua, como foi, quanto tempo a senhora ficou casada? Conte um pouco da sua história...

Me casei, fui casada por 45 anos, até meu marido falecer, e construímos família aqui em Prudente mesmo, nunca saímos daqui. José Olavo e Marta Maria Sandoval, meus filhos, Luiz Sandoval meu marido, ele deixou um nome muito bom em Prudente, Prudente era a vida dele. Na minha idade [risos], até os 90 eu fui muito ativa em tudo, só me arrependo de não ter continuado um pouco mais na parte de voluntariado, mas sempre tive uma atividade muito grande aqui, como assistente social trabalhei na divisão regional, tive muitos projetos na mão, esses centros comunitários que existem hoje, todos têm um pouquinho da minha mão, mas acho que ainda podia ter feito mais um pouquinho. O Luiz faleceu faz 25 anos.

Nesse anos, o que mais sente saudade do Gabriel?

[emocionada] eu sinto muita a falta dele, engraçado, perdi meus pais, marido, mas ele sempre é a pessoa que eu sinto falta sempre. A nossa ligação, mesmo depois de casados e vida própria, todo dia a gente se encontrava, não passava um dia sem a gente se ver. É uma pessoa que me ajudou muito em tudo que precisei, muito presente.

Falando um pouco sobre a vida dele na pecuária, como que foi a primeira fazenda, o primeiro cavalo, conte mais sobre isso...

Foi engraçado, quando ele comprou a primeira fazenda em Teodoro Sampaio, nossa a alegria dele, reuniu toda a família para ver. Era muito bonita e a gente ia muito para lá, finais de semana, sempre estávamos lá, era linda demais. E os 4 filhos dele, eram muito apegados, por exemplo, o meu filho mais velho Zé Olavo, sempre foi muito unido aos filhos do Gabriel, sempre juntos. Já minha filha, não pegou essa fase.

Como foi a transição de Muzambinho para Prudente, sentiu a diferença?

Para a gente foi bem traumática, meu pai tinha fazenda, tínhamos uma vida totalmente diferente. Quando meu tio Gabriel veio para Prudente a gente pensava que era final de mundo e que nunca mais fossemos ver ele, e viemos todos para cá, o destino é algo muito engraçado. Sentimos muitos porque foi outra vida. Como eu fugi dos paulistas na revolução de 32 [risos] e agora fiz minha família em São Paulo [risos]. Mas foi muito difícil, mudamos totalmente a vida de rumo.

Como foi essa revolução? Tinham quantos anos? Gabriel esteve com vocês?

Eu tenho uma falha, eu me lembro da gente arrumando as coisas para fugir da cidade e meu pai ficou cuidando da casa, os meus avôs paternos tinham fazendas, e nós fomos para uma delas. Acho que nessa época o Biéco tinha uns 13/14 anos ele estava conosco sim, estávamos juntos e fugimos juntos [risos]. Os paulistas entraram em Muzambinho e depois quando a gente voltou organizamos a vida de novo, nessa época ele estava no primário ainda e eu nem isso estava ainda.

Aqui em Prudente, por que decidiu continuar aqui todos esses anos?

Formei minha vida, trabalho aqui, me casei aqui. O Luiz foi uma pessoa que teve muita influência na vida pública e política de Prudente, então ficamos. Passava os prefeitos e ele continuava como secretário, meus filhos estudaram aqui, depois cada um para o seu canto, minha filha mora em Santa Catarina meu filho em Sorocaba.

Hoje os natais como são?

Eu tenho um sobrinho que é meu anjo da guarda, o Mário, ele me acode muito, me ajuda em tudo que preciso, sempre está presente em tudo que eu preciso. Marininha mora longe, mas sempre que vem temos contato, Natal ou passo com Mário, ou com Carol ou com Gabriela.

Como era conciliar medicina e pecuária?

Ele foi inteligente em chegar numa época que havia necessidade de reciclagem, ir em congressos tudo, ele deu o que ele deu a vida toda onde ele pode, aí depois disso passou a viver mais da pecuária. Mas ele sempre conciliou muito bem, a medicina sempre em primeiro lugar, os pacientes dele, quando ele foi largando a medicina ele já foi orientando um médico, deixando a clínica com quem tinha confiança, o Tosello, era como se fosse um filho dele, ele foi passando tudo para ele. Mas, ninguém queria que ele parasse [risos]. Aí ficou com a pecuária, foi uma forma de descansar um pouco também.

Continuou mantendo tradição de visitar fazendas? Como foi a história do haras?

Sim, isso nunca acabou. O Haras está até hoje aí, o Gabriel passou a ser aquele centro, tudo era na casa do Gabriel, ele era o centro da família sem os meus pais. Você sabe que ele deixou

quando ele não pode mais exercer nada, teve as complicações nos rins, quando ele ficou doente, ele era diabético, ele começou a deixar para os filhos. E ele morreu feliz porque ele conseguiu dar para os filhos tudo que ele tinha vontade, deu uma fazenda para cada filho, cuidava de cada fazenda, não é por ser meu irmão, mas foi uma pessoa marcada por Deus, tanto na medicina quanto na pecuária.

Como foi quando ele conheceu a Marina? A senhora ficou sabendo?

Os dois primos que eram casados com as irmãs da Marina puxaram, ele conheceu a Marina, nessa época eu já estava casada, no casamento dele eu até nem fui porque meu pai tava doente e eu fiquei para cuidar dele e tinha meu filho com 9 meses. Mas tudo começou por meio dessa coisa de família mesmo, todo mundo sabia que um dia ele casaria com a Marina, porque eles eram namorados, mas ela no Rio e ele tentando a vida aqui, ele ia muito para o Rio ver ela, foi através da família que tudo aconteceu. Até hoje os filhos dele são muito ligados a esses primos no rio. Sempre fui a tia que viveu com meus sobrinhos, meus filhos eram muito ligados com eles também, nunca houve assim um desligamento meu da família dele, sempre foi um crescimento de amizade, carinho e união.

Se pudesse dizer algo ao Gabriel o que seria?

[emocionada] fica comigo a vida inteira, foi pena, eu sinto muito a falta dele, eu nem falo isso para os meus sobrinhos, mas eu sinto falta da convivência dele, parece que está me faltando qualquer coisa ainda, viu?

Consultório?

Quando meus pais, minha mãe morreu, aí a casa ele comprou a nossa parte e ficou o consultório dele. Depois ele construiu um prédio, mas ele sempre falou assim, na parte de imobiliária, ele nunca se deu bem, logo, logo ele já vendeu, não deu certo, mas a casa ficou sendo o consultório dele.

1ª fazenda, como foi para sua mãe, que ainda era viva, ver a tradição da pecuária sendo mantida?

Minha mãe ainda era viva, houve muita influência do meu pai, quando criança a gente viveu em fazenda, nascemos em fazenda, tínhamos muita ligação com as fazendas, hoje eu ainda me lembro perfeitamente dessas fazendas dos meus avós, meu pai era fazendeiro também. Meu pai era o único dos irmãos que não era formado, tinha 2 tios médicos e 1 advogado, mas a parte de fazenda, amor a fazenda, foi sempre esse contato desde crianças. E para a minha mãe sempre foi uma alegria, como a minha mãe foi feliz em ver ele seguindo a vocação dele, desde pequeno, desde o tempo de colégio, ele nunca mudou, era medicina, a pecuária veio um bônus.

Convívio com a mãe, os outros irmãos?

Nós éramos uma família que nunca se largou e se amou muito, era sempre um pelos outros quando precisava. Quando ele começou a ficar doente eu passava toda tarde com ele, eu ia na casa dele conversar, ele pedia coisas e não podia por conta do diabetes, ele pedia cuscuz, queria saber história da família, mas engraçado, de todos da família, nós 4, ele foi o que mais teve amizade com todo mundo. Nas duas áreas ele foi nome, cresceu muito tanto na medicina quanto na pecuária, e por isso acabam conhecendo vocês. Até hoje as pessoas que me conhecem me conhecem como irmã dele, sou referência mais como irmã do dr. Costa Neto.

Ele foi eleito personalidade prudentina, você esteve no evento, como foi?

A gente não perdia nada, tinha muito orgulho, muita alegria de ver, ele foi realmente uma pessoa assim, quando eu penso nele, eu falo que deus pegou e trouxe, é uma pessoa muito boa de caráter, dedicação, se dedicou de corpo e alma na medicina. Até hoje as pessoas sentem muita falta dele, ele participava da vida dos pacientes, hoje você tem amizade com médico em consultório, ele não, ele entrava nas famílias, sempre muito atencioso. Podia ter vivido mais né?

Ele nunca teve muita vaidade das coisas não, sempre foi uma pessoa muito simples, logicamente que se foi uma personalidade é porque mereceu.

Acha que ele realizou o sonho que tinha antes de falecer?

Tenho certeza que sim, ele cumpriu o que a vocação falava, ele foi um médico muito presente, não existe uma família que eu conheço que não tenha saudade dele. Ele deixou o rastro dele e na pecuária também. Há poucos dias eu estava fazendo academia, chegou uma pessoa, não sei se perguntaram quem eu era, aí falaram que eu era irmã do dr. Costa Neto, ela veio, me abraçou emocionada, isso continua até hoje a presença dele. Ele cumpriu mesmo o legado.

ENTREVISTADO: ANTÔNIO ALVES DE LIMA
PRESIDENTE PRUDENTE

Repórter: Janaína Tavares e Caroline Luz

Local: Casa do Antônio

Endereço: Rua Lázaro Pedroso de Souza, 89, Brasil Novo

Horário: sexta-feira, 15 de março, às 18h.

Telefone: (18) 99674-0074.

Lembra o ano que começou a trabalhar para o senhor Gabriel?

Nossa senhora, agora você me pegou [risos]. Então foi em 2002. Depois que ele faleceu, pouco tempo depois já saí. Me dispensaram no caso porque não precisava mais de motorista porque a dona Marina, esposa dele, tava meio assim com mal de Alzheimer e tal né. Mas aí me dispensaram e fizeram o meu acerto, e eu saí.

Como o senhor começou a trabalhar com ele? Como foi?

Foi porque tinha o motorista lá e ele que me indicou. Inclusive ele chama Toninho também. Então tinha um motorista antes de mim e como ele arrumou outro emprego, e ele falou para mim. Aí eu fui lá conversar com o Dr. Gabriel, conversei com ele tudo. Inclusive era o escritório dele ali em cima do Terê, onde o Otávio fica. Fui lá conversar com ele e comecei a trabalhar para ele. Fui até o final da vida dele.

O senhor já conhecia a família do Dr. Gabriel? Já tinha ouvido falar dele?

Assim, já tinha visto falar dele como médico. Aposentado e tal, então a gente já ouvia falar. Mas assim, não conhecia pessoalmente.

E você lembra do que conversaram no dia da primeira vez que vocês se viram?

É porque ele era assim meio firmão. Quando ele veio fazer as perguntas assim para gente, então ele perguntava o que a gente fazia, o que gostava de fazer. Falei para ele: “Dr. Gabriel, se depender de mim eu acho que o senhor vai ficar muito contente comigo porque eu sou uma pessoa que gosto de trabalhar”.

O que o senhor achava da personalidade do Dr. Gabriel?

Ele era uma pessoa bem assim sincera. Uma pessoa sincera para o bem e para o mal. Inclusive como era médico, aposentado e tal, sempre falando das coisas certas para a gente. Então não tenho o que reclamar dele como patrão assim de jeito nenhum. Se ele não tivesse falecido, eu estaria lá até hoje. Se fosse por mim.

Como era a relação do senhor com a dona Marina?

Nossa Senhora, era [pausa para choro]. (Esposa de Antônio responde): Ela era assim muito carinhosa. Eu lembro de quando ele (Antônio) saía com ela, tudo. Meus filhos ainda eram pequenos, e tudo que ela ia comprar alguma coisa, ela também comprava para os meus meninos. (Antônio responde): Nossa Senhora, eu ia no mercado assim com ela e nossa, você ia

se divertir. Ela ia fazer compra né, e a gente andava naquele mercado para lá e para cá. E ela falava: “Toninho, leve isso aqui para os seus filhos”. Sempre assim uma mãezona. Muito gente boa, demais da conta. Não é porque faleceu não né.

Quais eram os principais lugares que ela gostava de ir? Tanto Gabriel como a Marina?

Dr. Gabriel era mais mercado, esses lugares em que ele gostava muito de comprar coisas diet. E ele tinha um sítio aqui, inclusive tem até hoje perto do rancho Quarto de Milha. Então a gente ia de duas a três vezes no dia lá. Nossa Senhora, era direto lá. A paixão dele era ali. Ele falava: “Toninho, vamos lá para o sítio”. Chegava lá ele tinha uns cavalos, umas coisas, tinha um jegue também. Eu até amansei esse jegue de tanto que ele mandava. E ele lá sentado na cadeira, e eu lá. Aí eu escovava aquele jegue, foi indo até eu montar nele [risos].

E você chegava que horas no serviço? Como é que funcionava a rotina?

Eu chegava 8 horas. Saía era mais ou menos umas 11 horas para almoçar, voltava uma hora da tarde, aí ficava por lá. Quando a gente não ia para lá no sítio, a gente ia para o escritório. Aí tinha vez que ele chegava lá pelas 2 horas da tarde e saía de lá umas 5 horas ou 6 horas da tarde. O escritório dele ficava ali na Coronel Marcondes, em cima da Terê cabeleireira. No terceiro andar.

Como eram as conversas entre você e o Dr. Gabriel?

Sim. A gente ia viajar, para Rio Brilhante (MS) na casa da filha Marininha, para casa dos filhos dele, para Dourados (MS). Nossa, e tinha vez que eu não gostava de me enturmar muito. Eu gostava de deixar eles mais à vontade (Marina e Gabriel). Aí eu ia lá para casa dos Pinhão. E a dona Marina falava para mim: “Toninho! Mas você não sabe o que você perdeu com um jantar excelente”. E eu falava: “Eu não perdi nada porque vou comer agora [risos]”. Então eles eram muito assim, onde eles estavam queriam que a gente tivesse junto também.

Você já almoçou lá na casa deles? Como é que eram as comidas, os jantares?

Nossa, eu comia demais. Ela não deixava a gente sem comida de jeito nenhum. Chegava lá e ela falava: “Vem, Toninho”. E ficava insistindo mesmo que você já tivesse almoçado alguma coisa, você mesmo assim tinha que ir lá comer um pouquinho. Ela gostava muito de fazer doce, nossa eu nem lembro direito porque era tanta coisa que ela gostava de fazer.

Você lembra quantos funcionários tinham além de você?

Na casa era eu, uma empregada que cuidava dela e fazia cabelo e essas coisas, e a mulher que trabalhava na casa. Éramos em três. Mas assim, na época em que eles estavam lúcidos. Porque quando depois que eles ficaram mais doentes, aí já tinha mais gente, enfermeira também.

Teve algum momento especial que você sempre se lembra dos dois?

O que eu lembro muito assim é uma coisa tão engraçada da gente falar. Porque quando a gente ia para o sítio lá, ele ficava, pegava as coisas dele, e a dona Marina gostava de ficar se embelezando. Ela gostava de andar toda bonitinha, coisa mais linda. Aí o Dr. Gabriel se aprontava e falava para ela: “Marina! Você vai ficar aí porque eu já estou pronto e já estou indo!”. E ela falava assim para ele: “Calma, marido! Estou me arrumando”. E eu ficava ali né porque não podia falar nada. Daqui a pouco ela descia e falava mais um monte no carro para ele. Aí depois a gente ía.

Como era sua relação com os filhos?

Para mim, graças a Deus, não tenho que falar de nenhum. Sempre fiz o que era pedido por eles. Eu era motorista mas o que precisasse fazer eu fazia para ajudar. Era mil e uma utilidades. Tinha proximidade com todo mundo. O Otávio mesmo, nossa Senhora! Faz tempo que eu não converso com ele mas quando eu encontro ele, a gente conversa e parece que estamos trabalhando juntos

ainda.

Como você via a relação do Gabriel com os filhos?

Falar a verdade, como eu tô falando para você eu não gostava muito de me enturmar. Eles estavam conversando e eu sou assim até hoje. Aonde eu trabalho, e eles estavam lá, e eu saio fora. Então não via nada de anormal. Sempre perto de mim assim porque ele (Gabriel) era uma pessoa que gostava muito de ajudar a gente. Imagina com os filhos e ajudou né, com certeza.

Como eram os hábitos e a relação do Gabriel e da Marina no dia a dia?

Eram umas pessoas, pela idade ficava olhando e falava: “Nossa, são tão amorosos um com o outro”. Hoje você vê que uma pessoa casa e daqui um ano já tá chutando a outra. E eles não. Quando estava na paz assim, era marido dali, marido daqui. Aquele amor danado, sabe? Eu ficava olhando os dois saindo assim de mãozinhas dadas e ficava imaginando como aquilo era bonito. E quando a gente viajava assim, ela levava aquele monte de coisa. E sempre me falava: “Toninho, toma aqui, come isso aqui”. Eles eram bem amorosos.

Teve alguma viagem que foi marcante para você?

Todas as viagens eram marcantes com ele. As viagens que a gente ia para Dourados, ir para Rio Brilhante. Ele já marcava: “Toninho, vamos sair daqui tal hora e almoçar lá em Bataguassu, lá no restaurante Massarica”. Ele gostava muito daquele restaurante e de comer muito peixe. A gente parava lá assim e nossa, era aquela festa os dois ali. Então parece uma coisa de que eu ainda estou vendo eles ali.

Como era o dia a dia do Gabriel quando ele começou a ficar debilitado?

Ele já não era mais aquela pessoa né. Ele ficava apavorado e, tinha vezes, que ele saía e parecia que começava a sentir alguma coisa. Já falava que queria ir embora para casa e que não estava se sentindo bem. Outras vezes ele tinha um, aquele negócio que cai a pressão. Uma vez ele ficou bem amarelo e eu tava junto com ele andando lá na fazenda, e ele começou a ficar bem pálido. Aí eu me lembro que eu corri lá para sede com ele e a menina que estava lá já deu um copo com açúcar para ele tomar. Aí daqui a pouco ele já voltava de novo. Já não tava mais com aquela vontade. Não pedia mais para ir para o sítio; geralmente a gente ia de duas vezes na semana no sítio ou duas vezes por dia. Quando ele estava saudável a rotina dele era bem agitada. Quando ele vendeu a fazenda dele ficou procurando sítio e a gente andou quanto é lugar por aí. Procurando qual agradava ele mais.

E ele perguntava a sua opinião em relação a qual sítio ou Fazenda comprar?

Perguntava sim. Ele me falava: “Toninho, e aí o que que você acha?”. E eu falava: “Olha Dr. Gabriel, esse aqui é muito bom, muito bonito mas só que fica muito longe” [risos]. Eu falava para ele que ele tinha que arrumar alguma coisa mais perto, inclusive ele arrumou ali perto do Rancho Quarto de Milha que a gente só não ia pé mas era bem pertinho. Onde tem o Haras bonito ali, você passa em frente, faz a rotatória ali e já vai direto para o sítio dele.

O senhor se lembra se o MST já invadiu alguma fazenda do Dr. Gabriel?

Já sim, disso eu tenho certeza. A de Teodoro aí, quase chegando na sede e se você olhasse para a esquerda, eles invadiram lá e fizeram um monte de barraca lá. Ele tinha receio sim e sempre comentava comigo, quando que era melhor e que talvez o melhor era já pegar e vender. Ele sempre falava que era melhor vender do que ficar esse negócio porque aí eles invadem e bagunçam tudo. E na idade que ele tava, com uma idade bem avançada.

Quando o Gabriel começou a realmente ficar muito debilitado, o serviço do senhor foi diminuindo?

Assim, já estava diminuindo bastante porque ele quase não saía mais. Dona Marina também já não estava saindo tanto assim porque a vida dela era mercado, e tinha uma japonesa aqui na Rui Barbosa em que ela ia lá e adorava comprar presentes. Nunca vi [risos].

A dona Marina já presentou o senhor?

Era um pouco de tudo. De roupa, calçados, shorts, essas coisas. Não tem nem o que lembrar porque era muita coisa.

Durante esses oito anos de trabalho, você tinha mais algum serviço ou era sua única fonte de renda?

Não, era só esse. Só como motorista do Dr. Gabriel.

Como foi feito o seu desligamento?

Igual os meninos né (filhos) porque eram todos novos e não precisavam de um motorista. E a dona Marina se ela tivesse lúcida, igual eu falei para vocês, talvez eu até teria ficado né, para ficar com ela e levar ela a algum lugar. Mas como ela já estava daquele jeito, inclusive eu acho que ela aguentou mais tempo sem ele por causa dessa doença. Porque até quando ela começou com esse mal de Alzheimer, que eu falei para alguém que a gente sempre estava indo para o mercado, o Carrefour, e ela sempre repetindo as coisas para mim. Falava uma vez e falava de novo, e eu sempre concordando com ela.

Quando ela já não estava mais lúcida, ela falava muito do Gabriel para você?

Por isso que eu falo para você que ela viveu mais tempo por causa desse problema. Porque ela comentava esse tipo de coisa, entendeu? Se ela tivesse lúcida mesmo, acho que não aguentava porque eles eram muito assim um com o outro.

E o que o senhor achava da relação dos dois?

É o que eu falo para você, pela idade deles hoje em dia, a gente está difícil encontrar um casal como eles. Porque quantos anos ficaram juntos e sempre ali um pelo outro. Lógico que todo relacionamento tem uma coisinha ou outra. Mas eles eram muito apegados, nossa! Demais da conta.

E eles geralmente saíam juntos ou mais separados?

Era muito difícil o Gabriel sair sem ela. Que quando a gente ia viajar, ela tinha que estar junto. Se a gente ia lá para o sítio era muito difícil ela não estar com ele. A não ser que ela fosse fazer alguma coisa. Mas fora isso sempre os dois estavam juntos. Era a paixão dele quando falava que ia viajar, e ela ajeitava as malas, aí eu chegava bem cedinho na casa deles de carro. Eu já ajeitava tudo e era muito bem arrumadinho.

Então você acha que eles realmente eram uma família feliz?

Ah eu acho sim. Pelo tempo que eu vivi perto deles acho que eram muito sim. Por isso que eu acho que viveram tanto tempo porque senão eu acho que não tinha durado tanto o casamento.

E depois do desligamento, o senhor ainda teve um contato com a dona Marina e com os filhos?

Conversava mais com os filhos né. Igual o Otávio mesmo né e a dona Palmira. Eu ia lá na casa deles e eles me recebiam com muito carinho. Até hoje eu não tenho o que reclamar deles de jeito nenhum. Inclusive eu gosto muito do Otávio, de todos eles mas tenho um carinho especial por ele. Não tenho nada contra ninguém, nenhum deles.

Se fosse para você definir o Gabriel, como você definiria ele?

Eu acho que ele era uma pessoa muito exemplar porque não tem mesmo o que reclamar. Eu peguei muitas coisas deles né, dele no caso né. Como era médico e aposentado né. E ele me dava muito conselho. Sempre falava as coisas certinho do que deveria fazer, do que não fazer. Inclusive quando eu fiz a minha cirurgia da vasectomia, foi ele que arrumou para mim o Dr. Ênio Perrone. Não paguei nada na época. Eu lembro que o Dr. Ênio me passou um antibiótico e eu falei que não ia tomar porque eu não tava sentindo nada. Porque eu fiz a cirurgia, fui de moto e voltei de moto no mesmo dia. Aí passou uns dias e começou a doer, e eu cheguei a comentar com o Dr. Gabriel. E ele perguntou para mim se eu tinha tomado antibiótico, aí eu falei que não porque o remédio era muito caro para comprar. E ele me falou que podia tomar outro e não precisava ser aquele caro.

E o Dr. Gabriel era bem direto quando queria dar alguma opinião?

Sim, ele era bem direto. Era bem rústico assim. Pau era pau e pedra era pedra [risos]. Ele tinha uma palavra muito firme.

E se fosse para definir a dona Marina?

Nossa! [pausa para choro]. (Esposa de Antônio responde): Toda vez que fala dela ele se emociona muito. (Antônio responde): Era como se ela fosse uma segunda mãe para mim, exatamente isso. Você fica pensando, uma pessoa tão boa. Mas a gente fica pensando que poderia durar mais. Lógico que a gente não deseja mal para ninguém, mas tanta gente boa que a gente gosta e vai embora. Vai ter sempre um lugar especial no meu coração para ela.

E como ela era como mãe?

Nossa, era outro grande exemplo. Dava tudo para os filhos, para os netos. Para mim ela já faz falta e imagina para família. Era muito carinhosa, demais da conta.

O senhor chegou a ir no velório e enterro dos dois?

Fui sim. No dia em que fiquei sabendo, nossa Senhora, não tem como não ir.

O senhor ficou sabendo da morte do Gabriel por quem? Como foi?

Eu estava lá, inclusive estava trabalhando lá no dia. Ele ficou internado e ficou uns dias lá na UTI do Hospital Iamada. Eu acho que ele nem ficou muito tempo assim na UTI. Eu ia lá no hospital e depois ficava na casa, ia levar a dona Marina para ver ele no hospital. E eu também cheguei a ver ele lá também. Aparência dele não mudou muito né. É que a pessoa sei lá, vai perdendo aquela cor natural, vai ficando mais pálido. Você vê que não é mais normal. E era uma coisa muito chata né, você vê a pessoa ali, naquela situação e naquela angústia. Quando ele morreu eu estava na casa dele e eu estava junto com a dona Marina. E os filhos até ficaram enrolando um pouco para falar para ela. Mas quando falaram para dona Marina, ela já não estava mais entendendo tudo aquilo.

Você lembra como foi o velório do senhor Gabriel?

É muito comentário né, falar a verdade para você. Porque era um médico e uma pessoa muito conhecida aqui de Prudente. O velório foi lá na Casa do Médico, então era muita gente e você só via as pessoas comentando que o Dr. Gabriel fez muito por Prudente. Outros chegavam e comentavam que os filhos nasceram pelas mãos do Dr. Gabriel. Eu lembro quando eu e ele andávamos por aí, e as pessoas pararam ele para falar que os filhos nasceram pelas mãos dele. Eu lembro que ele falava assim: “É verdade? É tanta gente que eu não consigo lembrar, mas se você tá falando é porque é verdade”. Falava com aquele jeitinho dele e com aquela cara de bravo que ele tinha. E era bem baixinho, gordinho. Inclusive o patrão da minha esposa, eu falo que hoje em dia se parece com ele, 97 anos, baixinho e gordinho. E se ponesse uma boina ficaria

mais parecido ainda. Dr. Gabriel, eu me lembro, que ele sempre colocava aquelas boinas que apertavam aqui na testa.

E quando ele ia viajar, andava sempre bem arrumado igual a dona Marina?

Ele era bem arrumadinho. Camisa, calça social. Não importa o lugar que fosse, ele sempre ia bem arrumadinho. Ele também gostava de ir muito na sorveteria, gostava de sorvete de milho. Gostava de ir na sorveteria, comer pastel. Passava ali no Parque do Povo, no pastel do Alemão. Falava assim para Marina quando eles iam lá: “Marina, não precisa nem comprar outro, vamos comer nós dois. Você come de um lado e eu como do outro”. Porque aqueles pastéis eram bem grandes [risos]. E ele também sempre falava para mim pegar um pastel também.

Quando a dona Marina já não estava mais lúcida, ela falava muito do senhor Gabriel, da família dela?

Ela falava bastante hein. Ela falava de pessoas que às vezes eu nem conhecia no caso né. Ela falava mas ficava só pensando. E eu só concordava porque não sabia quem era. Aí a gente ficava lembrando. Tinha vezes que nós saíamos aqui em Prudente só para andar à toa. Coisa mais que ela adorava era passar no Parque do Povo e ver aquelas flores de ipê. Parece que eu estou escutando ela falar na minha cabeça, com aquele cabelo loirinho para trás e sempre com o batom vermelho. Ela sempre gostava que a gente ajudava ela porque tem pessoas de idade que não pode dar a mão que já acha ruim. Mas ela não. Eu ia no mercado, lá no Carrefour com ela, aí ficava eu com o carrinho e ela na frente para comprar as coisas. Aí eu me escondia dela atrás das gôndolas, e ela ficava: “Onde é que você estava? Você tá brincando de esconde-esconde comigo?”. Nós ficávamos duas horas dentro daquele mercado, para lá e para cá. E ela gostava de comprar bastante coisa para casa e não tinha preguiça de comprar as coisas não. Na época de Páscoa, ela enchia o carrinho de chocolate e tudo que era doce. E ela sempre falava: “Esse eu vou levar para fulano, para bertrano”. Eu lembro também de uma época em que eu pegava lá as netas, a Carol e a Gabriela, e a gente ia no shopping com elas comprar presente. Aí voltava para casa com aquele monte de coisa, era alegria da dona Marina. E quando ela começou ficar doente mesmo, já tinha um monte de enfermeiras lá para cuidar dela. E eu lembro que o Otávio falava para mim que tava dando um gasto danado, e que o dinheiro que o pai dele tinha deixado já tava acabando. Eu lembro uma vez que eu fui lá, lá embaixo na garagem, e acho que a Marininha falou que eu estava lá para dona Marina. Ela ficou olhando assim para mim, com aqueles olhos azuis dela, e não lembrava muito bem né. E quando falou que eu era o Toninho motorista, aí ela se recordou.

A casa deles na época em que o senhor trabalhava lá era onde?

Era ali na rua Democratas, perto da churrascaria Guaíba, do lado assim perto do Parque do Povo. E dentre esses oito anos que eu trabalhei, sempre foi lá que eles moraram.

Na sua opinião, quais foram as principais contribuições de Gabriel para Presidente Prudente?

Era uma pessoa muito sincera e honesta. Porque aonde fosse que a gente andava, era sempre muito comentado sobre ele e hoje em dia é o que a gente não está vendo, essa honestidade né. Era um exemplo de pessoa porque que a gente andava e se falava do Dr. Gabriel. Só o que falo para você, muita gente dizia que ele era aquela pessoa rígida. O que ouvia falar em relação ao médico era muito aquilo do povo falar que ele salvou o filho de fulano, e que se não fosse o Dr. Gabriel provavelmente a pessoa não estaria viva. E quantas e quantas vezes eu já escutei isso!

E ele como médico já deu algum conselho para o senhor?

Mas eu me lembro até uma vez, que eu devia estar com dor e ele aplicou uma injeção em mim lá na casa dele. Não sei se era cólica de rim que eu tinha naquele dia.

Você acredita que o Dr. Gabriel foi uma pessoa feliz?

Ele ficava triste assim quando alguma coisa que ele ia fazer não dava certo. Mas era uma pessoa muito feliz eu acho. Nessa fazenda que ele tinha mesmo, era a paixão dele lá. Alegre com as coisas dele e sempre muito organizado. Ele tinha um gado lá que era o Brahma vermelho e um branco lá que ele falava que era da dona Marina. E era tudo coisa filé, não era nada coisa bagaceira [risos].

Como era a relação dele com os cavalos e com as fazendas em si?

Ele cuidava muito, era muito cuidadoso. Quando tava na fazenda lá, a gente estava vacinando o gado e ele não gostava que ninguém batia no gado. Se ele visse alguém bater nos gados, aí ele ficava bravo. Logo no começo que eu trabalhei com ele, ele ainda andava de cavalo. Mas depois com os problemas de saúde aí ele parou. Mas eu também andava de cavalo lá. E ele também era uma pessoa muito prestativa né. E quando a gente começava a conversar com ele, o Dr. Gabriel gostava de explicar as coisas. Se fosse conversar com ele, a conversa iria longe. E gostava também muito de lembrar o passado, o que aconteceu, de quando ele começou a vida dele. E tudo que ele conquistou foi através de um trabalho bem árduo.

Quando o senhor for desligado do trabalho, você já conseguiu um trabalho logo em seguida ou demorou?

Não demorou muito porque quando eu saí do trabalho com o senhor Gabriel, e fui trabalhar de vendedor na Cirúrgica Severino. Mas antes de trabalhar para o Dr. Gabriel como motorista, eu tinha trabalhado também como motorista para outro médico.

ENTREVISTADO: PAULO CONSTANTINO
PRESIDENTE PRUDENTE

Repórter: Janaína Tavares e Bianca Pereira

Local: Pauma Empreendimentos

Endereço: Rua Capitão Alberto Mendes Júnior, 58, Jardim Morishita

Horário: terça-feira, 19 de março, às 16h.

Telefone: (18) 2101-5800.

Quando veio para Presidente Prudente?

Quando me mudei para Prudente, a cidade estava comemorando seu cinquentenário. Presidente Prudente foi uma cidade que foi criada em 1917, me mudei para cá em julho de 1967. Na época nós compramos a empresa Andorinha, eu vim, comprei, fiquei e depois eu busquei a minha família. Então foi em 23 de julho de 1967 que eu trouxe a família e a mudança. Já era casado antes de vir pra cá e com seis filhas.

Quando e como o senhor conheceu o Dr. Gabriel?

Eu lembro sim. Logo que me mudei para cá, eu tinha um bom relacionamento com o Dr. Odilo Siqueira que era o dono do Hospital Nossa Senhora das Graças, mineiro, amigo particular de medicina do Dr. Costa Neto. E o Dr. Odilo era conselheiro do grupo Andorinha, então a gente tinha um relacionamento comercial com o Dr. Odilo. Fizemos amizade e durante todo esse tempo o Dr. Odilo viveu, foi médico, dono de hospital, foi homem público. Quando eu cheguei aqui em 1967, dois anos ou um ano depois, o Dr. Odilo foi candidato a prefeito, aí naquela participação o Dr. Odilo me levou e eu participei da política dele e conheci o Dr. Costa Neto. Amigos íntimos os dois, eu acabei tendo amizade tanto com o Dr. Odilo e com o Dr. Costa Neto.

E como o senhor começou a ter essa amizade? O que você achou do Gabriel em um primeiro momento?

Era uma figura extraordinária. Ele tinha o porte normal porque ele não era alto nem muito baixo. Mas era baixo, assim como o Dr. Odilo também era baixo um pouco. E o Dr. Costa Neto era assim "dado a papos" porque ele gostava de um papo sabe? Sempre falando sobre Minas

Gerais, os mineiros, aqueles que vieram para cá anteriormente. E palavra fácil, sempre alegre e muito sorridente, me cativou desde o primeiro instante, desde o primeiro contacto (modo como Paulo falou). Foi durante a minha vida toda e também nas minhas campanhas políticas, ele participou ativamente porque ele era um político ativo também. Ele não era assim um político partidário, de brigar por causa de política mas ele sempre acompanhou o lado do Dr. Odilo. O Dr. Odilo era um político atuante e foi candidato a prefeito. O Dr. Odilo também foi presidente da Associação Paulista de Agricultura, já o Dr. Costa Neto era um fazendeiro de nome nacional também. E o Dr. Odilo sempre era dado a falar bem das pessoas e todo mundo gostava dele. Como eu falei para você, o Dr. Costa Neto era um "parteiro" querido da cidade, naquela época eles falavam que ele era o médico que mais trouxe criança para cá, isso todo mundo fala [risos]. Era uma pessoa fácil de fazer amizade.

O senhor já chegou a se consultar com Dr. Gabriel Costa Neto?

Eu procurei o Dr. Gabriel em um encontro casual sobre um problema que eu tinha e ainda tenho de refluxo. Ele me receitou um remedinho, como dizia ele: "Oh Paulo, toma aqui um remedinho e eu vou te passar o nome". E eu tomo até hoje que é o Omeprazol. Hoje, por exemplo, estou com o estômago né? É complicado esse problema de estômago. E eu tomei durante a minha vida toda o Omeprazol.

O senhor chegou a ter contato com a família do Gabriel? Como era a relação com a família?

Olha, a dona Palmira, nora dele, ela trabalhou durante as duas administrações minhas. E era muito chegada ao meu secretário da Saúde, Dr. Henrique Salvador. Ele era meu secretário da Saúde e ela era muito ligada ao Dr. Henrique, e além do marido dela. Porque o Dr. Costa Neto além de ser político, ele também era um fazendeiro e o fazendeiro que gostava de criar animais bons. Gostava de criar gados Nelore e eu também, e logo, passei a ser um pequeno fazendeiro e andei comprando gado, comprando animais do Dr. Costa Neto. Eu fui na fazenda dele aqui em Mirante do Paranapanema (SP), fui numa fazenda que eu acho que é por ali perto de Dourados (MS), uma fazenda boa dele. Eu acho que quando eu fui lá, era o nome bem diferente né. Mata Sede, capaz de ser o único nome de fazenda que eu conheço. Santa Marina devem existir outras assim como a São Gabriel. E fui na fazenda que eu acho que foi do (pausa para pensar) João? Pois é, eu acho que o João montou aqui nas margens da Rodovia Raposo Tavares, ali por perto de Caiuá (SP), montou um criatório de gado de raça. Hoje tá até em moda gado bom para corte, para comércio (pausa para pensar). Ele trazia touros lá do sul, vendia aí e fazia leilão. Eu fui num leilão dele e comprei um Red Angus Preto (gado), comprei do filho do Gabriel, acho que o senhor João. Mas eu acho que o Otávio foi o mais ligado a mim por causa da Palmira que me acompanhava nas inaugurações de obras, nos serviços que a gente fazia e ela também era muito chegada a minha mulher, sabe? Então, a gente teve um bom relacionamento com a família do Dr. Costa Neto e isso trazia pra gente alegria, trazia satisfação, trazia pra gente privilégio de conviver com famílias boas, né? Famílias que marcaram época em Prudente. Dr. Costa Neto, além de ser um bom fazendeiro e um bom pecuarista, ele era daqueles que tudo que precisasse dele para ajudar, ele ajudava. Era de um coração generoso, sorriso fácil, homem alegre, comunicativo. Tanto é que para mim falar do Costa Neto é até uma missão fácil porque falar de gente boa, né? Porque o Dr. Costa Neto, além de tudo, era um homem honrado, um homem fantástico e gostava muito dele.

Tinha algum lugar em específico que vocês sempre se encontravam?

Sempre nos encontros políticos. Nos encontros políticos muda muito de lugar né? Num dia a gente estava em um lugar, no outro dia em outro lugar. E ele acompanhava, ele era companheiro. Era uma pessoa muito participativa, Dr. Costa Neto era daquelas pessoas que a gente tem que agradecer a Deus pelo convívio porque participava de tudo. Por exemplo, as exposições de animais, o Dr. Costa Neto estava lá também. Ele participava de tudo e daquela simplicidade, honrado e todo mundo gostava dele, né? Então é fácil falar sobre ele.

Como era o Dr. Gabriel Costa Neto na política e o que gostavam mais de conversar sobre esses assuntos?

Ah, sempre contando histórias de mineiros, políticos mineiros, falando sobre Prudente. Sempre era envolvido com assuntos. Política partidária, mas ele não era um político que tinha um partido, ele era um companheiro. Os médicos por exemplo, muitos acompanhavam o Dr. Odilo e o Dr. Costa Neto era um companheiro do Dr. Odilo. Eu, por exemplo, fiz amizade com o Dr. Odilo e concomitantemente uma amizade com o Dr. Costa Neto. E sempre a gente achava um jeito de contar histórias, de contar papo político, falando sobre o desenvolvimento de Prudente. Tivemos assim uma vontade de administrar Prudente (em relação a seu mandato) durante quatro anos. Os primeiros quatro anos nós procuramos ajudar Prudente a criar uma infraestrutura que pudesse oferecer oportunidades e de ter um progresso durante 40 anos. Trabalhar quatro (anos) para corresponder a 40 anos de progresso. Isso fez com que Prudente mudasse muito né?

E o Dr. Gabriel opinava nessas questões?

Ah sim. Ele participava e tanto que você pedia a opinião e ele dava. Ele era participativo, era bastante.

E o que ele achava dessa questão do desenvolvimento de Prudente? Porque ele se casou com a dona Marina e veio para cá em 1950, então Prudente eu acho que deveria ter uns 20 mil habitantes.

Eu não sei mas eu fico pensando porque me parece que em 1967, Prudente já estava com 50 anos. Dr. Costa Neto veio para cá em? 1950. Eu vim em 1967, vim 17 anos depois dele. Ele chegou em (pausa para pensar). Deveria ter uns 30 mil habitantes porque em 1967, Prudente comemorando 50 anos e o prefeito na época era o Watal Ishibashi. E falavam que Prudente tinha naquela época (pausa para pensar) uns 60 ou 70 mil habitantes, ou 50 mil habitantes. Porque em 1970 quando o Brasil foi tricampeão do mundo tinha até uma música que falava que tinha 90 milhões de habitantes, né? Aí já se falava que Prudente tinha 70 mil habitantes. Eu tenho a impressão que Prudente agora ao comemorar 100 anos, há dois anos atrás em 2017, tinha 204 ou 205 mil habitantes, segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Há uma variação de informações. Mas existiam colocações do Governo sempre fazendo de 10 em 10 anos um levantamento e mudava a população. Hoje muda a população a toda hora que você quer saber e, quantos habitantes tem Presidente Prudente agora você consegue saber. Mas hoje Prudente, vamos dizer que Prudente, eu penso logo né, e penso que Prudente tem aí umas 80 mil ligações de água, de luz. Vamos dizer que cada residência tenha três habitantes em média. Oito vezes três é igual 24. Hoje Prudente vai para 240 mil habitantes, mas pelo IBGE tem um negócio que a federação. O Brasil é um país federativo, o dinheiro é distribuído para as cidades, para os municípios, o fundo municipal para propor o número de habitantes. O dinheiro que o Governo Federal tem para ajudar é sempre menos. Falam que é para poder repartir para mais o número de municípios. O Brasil tem hoje mais ou menos 5.600 municípios. Quando eu fui prefeito, o Brasil tinha 3.500 municípios, o Estado de São Paulo tinha 500 e poucos. O Estado de São Paulo hoje tem 600 e tantos. Muda muito! Quantos municípios novos tem aqui na região? Eu acho que o Costa Neto veio para Prudente quando tinha aí uns 30 mil habitantes, ou seja, em 1950. Porque eu vim em 1967, 17 anos depois, eu acredito que tinha uns 50 mil, 60 mil habitantes.

Você disse que o Gabriel era uma pessoa muito ativa na política. Ele tinha um político favorito que ele gostava, comentava alguma coisa com o senhor? Como era ele ativamente na política?

[pausa para pensar] Eu não tive assim uma condição de ver o Dr. Costa Neto fazer um discurso político. E ele muito participando do setor de saúde, do setor de pecuária que era um pecuarista de gado, de animais. Via ele sempre participando e, às vezes, até dando entrevista. Ele era um companheiro do Dr. Odilo que era um homem que era político e adversário do Antônio Sandoval. Por exemplo, a eleição que o Dr. Odilo foi candidato a prefeito. O Dr. Odilo foi deputado e o Dr. Costa Neto era companheiro do Dr. Odilo. Eu acho que o político do Dr. Costa Neto era o Dr. Odilo [risos] porque ele foi deputado, candidato a prefeito. Ele também foi presidente estadual da Agricultura e tudo com o apoio do Dr. Costa Neto, sempre juntos. Tinha muito essa ligação dos dois, com certeza.

Quais são as lembranças que o senhor tem do Dr. Gabriel Costa Neto?

Aquela pessoa que ao cumprimentar você já sabia que estava conversando com alguém transparente, franco, honesto, de bom papo, de palavra fácil mas uma pessoa assim sorridente. Era gostoso bater papo com o Dr. Costa Neto e outra coisa que ele era muito conhecido porque sempre foi muito participativo. Ele era atuante, entendeu? Veja, uma pessoa boa e você dá conta de diferenciar uma pessoa boa de uma menos boa. O Dr. Costa Neto era aquele sinônimo de homem "próbulo", homem honesto, decente, homem que sabia conquistar, sabia somar. Eu por exemplo, tudo o que eu fiz e o que eu tive de participação em Presidente Prudente, qualquer coisa que a gente fez, posso dizer que o Dr. Costa Neto estava comigo.

E o senhor pedia muitos conselhos para ele tanto na vida profissional como pessoal?

Ah pedia conselhos (fala com firmeza). Mas ele era tão humilde e tão bondoso. Acabava deixando a gente com vergonha [risos]. Ele era um cidadão fantástico, sabe aquela pessoa que a gente pode pedir a Deus para dar força, para poder ser útil e ajudar. E ele era útil e ajudava! Eu não sei de nada que o Dr. Costa Neto possa ter falhado porque foi bom médico, foi um homem que participou de tudo que era da medicina. Me lembro dos médicos para construir a sede dos médicos que eles precisavam de uma área para construir a Casa do Médico. E o Dr. Costa Neto estava junto com os Barbosa. A gente era prefeito e tinha que ajudar, e demos uma área perto dali da OAB. Não era terreno, era terreno da prefeitura.

Tanto no primeiro mandato do senhor como no último, o Dr. Gabriel então sempre estava junto com o senhor dando conselhos?

Do primeiro minuto até o último porque o Dr. Costa Neto foi companheiro.

Quando o senhor quis tentar o segundo mandato, comentava com ele o interesse de se candidatar novamente?

Ele sempre me aconselhava e acabava dando um empurrãozinho porque eu não era um político atuante. Eu fui político por acaso, com vontade de ser útil e de ajudar. Quando eu fui candidato pela primeira vez, ninguém me conhecia porque eu não era daqui. Cheguei aqui em 1967, nove ou oito anos depois em 1976 eu disputei a eleição com mais quatro candidatos.

E o senhor já conhecia o Dr. Gabriel e Odilo nessa época?

Ah, já sim. Dr. Odilo e o Dr. Costa Neto foram um dos primeiros.

O senhor chegou a estar presente no dia em que o Gabriel recebeu o título de cidadão prudentino?

Não, não lembro. Eu até lembro que o Dr. Costa Neto recebeu o título e lembro de até alguns outros. Dr. Renato Prata, Dr. Gabriel Costa Neto. Eu vou até te contar uma coisa, eu diria que devia estar viajando ou ausente porque a amizade que eu tinha com o Dr. Costa Neto, eu não deixaria de estar presente com ele lá.

O que o senhor achava do Gabriel tanto como pecuarista como médico? Como era o Dr. Gabriel nesses dois ramos?

Como eu disse para você ele era um homem de grande utilidade pública. Eu não lembro dele ter sido candidato a nada. Mas ele participava de todas as campanhas políticas e, de algum jeito, ele sempre estava participando. Então todo mundo procurava ele para somar. Naturalmente, eu me lembro por exemplo que eu lutei ao lado contra esse Zé Rainha dos sem-terra (MST), nós lutamos contra.

O Gabriel realmente tinha esse receio do MST invadir as terras dele?

E acho que chegou invadir e ele comentava desse receio. Inclusive eu estive na fazenda dele para comprar um cavalo Mangalarga Paulista porque ele criava esses cavalos Mangalarga Paulista. E aqui na cidade todo mundo, todo mundo não, mas a maior parte dos "cavalarianos", o que gostam de cavalo, é cavalo Quarto de Milha. Dr. Costa Neto não e eu o acompanhava. E fui lá para comprar um cavalo Mangalarga Paulista. Eu sou criador de Mangalarga mineiro, cavalo Marchador. Ele estava muito preocupado, a fazenda dele entrava até dentro da cidade de Mirante do Paranapanema (SP) por ali. Ele estava preocupado com os sem-terra, com o Zé Rainha, mas nunca levantou bandeira de xingar, de maltratar e falar não. Simplesmente ele achava que ele trabalhou para conquistar, para comprar aquelas terras e agora vem outro que era um criminoso, lá do Espírito Santo, que cometeu um crime por lá e agora vem aprontar por aqui? Aqui, o Pontal foi usado por quem chegou primeiro. Dr. Costa Neto chegou, por exemplo, 17 anos antes de mim e eu não comprei terra aqui na região, entendeu? E o Dr. Costa Neto, ele comprou e não ganhou, e nem tomou porque teve aqueles que assumiram terras e, até às vezes, acabaram ficando bem de vida às custas de terras invadidas. E foi esse problema de terra invadida que trouxe esse Zé Rainha que acabou chegando no ponto que chegou. O problema de sem-terra já é um problema nacional. Tá aí com o Governo novo e um dos problemas dele (presidente da República) é acabar com os sem-terra, mas não acaba. É uma tal de política de esquerda com política de direita. Política de direita é mais assim classe média alta, enquanto a política de esquerda é aquele que quer tomar, o que o Zé Rainha faz, aí vem outros e outros. É complicado esse negócio de política né? Ele (Gabriel) tinha esse receio e se preocupava sim deles invadirem as terras dele, nas proximidades de Mirante do Paranapanema.

E o Dr. Gabriel já chegou a tomar alguma medida preventiva para que isso não acontecesse?

Eu creio que não. Me lembro até sabe, e eu já estava bem afastado da política. E o Dr. Costa Neto acho que ele acertou com o Incra (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária) aqui nessas terras porque ele vendeu aí e eu não sei se foi para o Incra, e ele comprou uma chacinha aqui do lado do Rancho Quarto de Milha. Ele e a dona Marina moraram ali num sitiozinho perto do Rancho Quarto de Milha, mas ali eu não fui e não estive com ele. Dr. Odilo já era falecido nessa época.

O senhor chegou a conhecer a dona Marina? E o que você achava da relação dos dois?

Conheci. Era um casal perfeito e nota 10. A Auxiliadora, minha mulher, gosta muito de política, participativa como ela só e a dona Marina já era mais comedida, assim como o Dr. Costa Neto já era mais comedido. Eu era mais atuante e a Auxiliadora também. Tinha dias que a gente chegava nos lugares e sempre a família do Dr. Costa Neto estava. Mas a Auxiliadora é capaz de falar para você os nomes dos filhos do Costa Neto, todos. Como eu te contei, fui na podóloga, cheguei e sentei em frente ao Otávio mas pois é, agora fiquei na dúvida se era o Otávio ou o João. A Auxiliadora conviveu bem com a dona Marina.

Você e a sua esposa Auxiliadora já chegaram a participar de jantares, de festas da família?

Participamos. De casamentos da família, jantares. Por exemplo, os casamentos das minhas seis filhas nós fizemos aqui em Presidente Prudente e, com certeza, em todos os seis o Dr. Costa Neto e a dona Marina foram convidados. Assim como do lado deles, dos filhos também. A gente era convidado e estava junto, mas por causa do meu problema físico eu não ando muito então eu evitava de andar também, entendeu? Por exemplo, essas festas assim a Auxiliadora vai e nem sempre eu vou. O Dr. Costa Neto, uma vez, eu encontrei ele num posto de gasolina em Nova Alvorada (RS) e ele estava indo para essa fazenda lá de Rio Brilhante (MS), ele e a dona Marina. Ele abastecendo o carro e eu também estava abastecendo, aí ele chegou e parou o carro dele para me cumprimentar, conversamos. Eu estava indo para Campo Grande (MS) e era diretor da empresa Andorinha. E a gente (ele e Gabriel) não perdia a oportunidade não viu, sempre era gente boa. Uma coisa interessante é que o Costa Neto não era de ir nas coisas sozinho não, a dona Marina ia junto. Eu por exemplo, nem sempre levo a Auxiliadora mas o Dr. Costa Neto. E eu me encontrei com ele nesse posto de gasolina em Nova Alvorada, enquanto

ele tava indo, eu estava indo para Campo Grande. Me lembro que ele virou à esquerda para ir pra Rio Brilhante lá na fazenda Mata Sede.

Em relação aos netos, o senhor chegou a conhecer algum?

Eu teria que falar para você que sim mas eu não me lembro não. Mas com os filhos eu tive contato, todos. Sempre e principalmente na família com o marido da Palmira (Otávio) porque de vez em quando a Palmira ia com Dr. Henrique também que trabalhava aqui no Palácio da Saúde que não existe mais. Hoje, do lado de lá, tem o Hospital do Câncer, mas eu nem sei o que é mais lá. Ali era o Palácio da Saúde onde trabalhava a Palmira. O marido dela não tinha nada a ver com área de saúde, era fazendeiro né.

O senhor acha que o Gabriel conseguiu passar os valores dele para filhos?

Ele era um pai maravilhoso. Os pais têm uma mania de que o que adquirir vai segurando e segurando, espera morrer para depois os filhos irem herdando. Mas tem aqueles que às vezes entregam antes, então o Dr. Gabriel Costa Neto por exemplo, cada filho dele tem uma fazenda.

O Gabriel e a dona Marina também tinham bastante contato com a sua família?

Tinham. Entre nós ou entre amigos nossos, a gente sempre se encontrava e quando se encontrava era difícil disputar o Costa Neto porque todo mundo tava perto para bater papo e conversar [risos]. E o papo dele mudava com uma facilidade porque ele era tão bom que ele conhecia tudo sobre tudo, conhecia todo mundo e gostava de política. Participava, né.

O senhor teve convivência com ele na época em que ele já estava mais debilitado?

Eu não tive convivência com ele nessa época. Eu estava fora da cidade porque a gente comprou umas empresas de ônibus e ia até Santa Helena na Venezuela, Manaus, Porto Velho e eu fiquei muito fora. Fiquei muito ausente de Presidente Prudente. Inclusive quando eu saí para candidato na eleição de 1988 quando eu fui eleito e o Agripino era meu vice, daí eu fui numa reunião que o Agripino me chamou e ele tinha loucura para ser prefeito de Prudente. Mas naquela época, o Agripino era "antipatisado" e o povo votava nele para vereador porque para prefeito ele perdia. Aí eu ganhei a segunda vez sem querer e o Agripino fazendo força, mas ele queria ser meu vice para aprender a como se fazia política para depois se sair candidato. E deu certo o projeto dele, o plano dele porque aí ele ficou sendo meu vice e eu viajei. Na campanha política tinha o grupo que me apoiava e o que apoiava o Agripino, mas nem todos concordaram. A política é um negócio complicado, científico sabe? Muitos dos meus companheiros não concordaram de a gente somar com o Agripino, como muitos do lado do Agripino também não devem ter concordado dele vim para o nosso lado. Porque ele veio para o nosso lado para nos explorar e ser futuro candidato. Foi prefeito duas vezes e só não foi três vezes porque ele facilitava muito e brigava muito, brigava com os promotores. E por causa de coisa à toa, os vereadores cassaram e ele não chegou a se candidatar pela terceira vez mas senão ele seria.

Então nessa época o senhor não teve muito contato com o senhor Gabriel?

Não, não tive. Tanto é que quando ele se mudou para aquele sítio, ele morou pouco tempo nesse sítio, eu não tive convivência com ele não. Ficava perto do Rancho Quarto de Milha, aí já não tinha mais a fazenda aqui em Mirante do Paranapanema (SP) e as outras fazendas já estavam sendo administradas pelos filhos, pela família.

Quando o senhor Gabriel morreu em 2010 como é que foi?

Eu também não estava em Prudente nessa época. Me lembro do Dr. Odilo, do Watal Ishibashi, todas essas pessoas que participaram das nossas campanhas. Quando é negócio de ficar muito fora, eu não me lembro do sepultamento do Dr. Costa Neto.

(Paulo liga para a esposa para perguntar sobre o sepultamento de Gabriel) Auxiliadora você se lembra se estávamos presentes no sepultamento do Dr. Gabriel?

(Auxiliadora responde) Não benhê, nós estávamos na fazenda quando ele faleceu. Nós não estávamos aqui. A gente tinha grande amizade com ele e não deu pra ir.

Veja bem, eu não gosto de falar mais vou. Eu tenho quatro fazendinhas no Mato Grosso, eu não sei qual delas eu devia estar mas eu não lembro de ter ido no sepultamento do Costa Neto. E se tivesse não deixaria mesmo de ir! Nós tínhamos uma ligação grande, muito grande. E todos os filhos dele, e principalmente a Palmira (nora de Gabriel), sempre a gente tinha contato. E sempre a gente vai em alguns lugares em que sendo conhecido, eu já não tenho aquela vivência de estar participando de tudo. A Auxiliadora participa do Hospital do Câncer, participa de não sei de que, e eu não participo de nada. Então, eu fiquei afastado, passei os negócios pra família já há muitos anos e venho aqui, fico um pouco durante o dia, vou pra casa. Então, não convivo politicamente e quem hoje administra os nossos negócios são nossas filhas, nossos genros. Quando eu saí candidato a prefeito, eu não queria e tinha certeza que não iria se eleger porque não tinha cabimento, eu não era daqui. Estava morando aqui a oito ou nove anos e ninguém me conhecia na cidade. Eu ficava trabalhando empresa Andorinha, na rua Antônio Rodrigues, ou se não nas cidades acompanhando para todo lado, acompanhando os ônibus e atrás de passageiros. Eu sempre gostei de trabalhar e eu acho que o trabalho vence tudo, aliás na bandeira de Presidente Prudente está escrito em latim: O trabalho tudo vence. Eu tenho esse lema na vida e sempre fui muito trabalhador. Eu não estudei e não sou formado em nada, fiz o curso primário, o curso ginásial, fiz um curso técnico em contabilidade. Acabei sendo político e político tem que saber usar a palavra, fazer discurso. Aí eu consegui porque eu trabalhei em rádio, locutor de rádio lá na minha cidade de Patrocínio (MG) com 14, 15, 17 anos e até 26 anos trabalhei como locutor esportivo. Tinha a voz boa para aquilo e gostava, saía bem feito.

Na sua opinião quais foram as principais contribuições de Gabriel Costa Neto para Presidente Prudente?

Olha, o brasileiro tem mania de falar mal dos políticos, mas no meio político tem gente boa também. Dr. Gabriel Costa Neto era um exemplo de honradez e ele somava e ajudava a eleger aqueles que ele participava, que ele ajudava como eu e outros. Por exemplo, o projeto do Parque do Povo, a melhor obra que tem em Prudente e que mudou a feição de Prudente, o projeto quem pensou foi o prefeito Walter Lemes, quem fez foi o prefeito Paulo Constantino. Tanto o Walter Lemes como o prefeito Paulo Constantino, sempre o Dr. Costa Neto era companheiro. Então somava honradez e no meio dos políticos tinha muita gente boa também como o próprio Dr. Odilo que era político, mas era um homem bom também. Por ser dono de hospital, ele cobrava os serviços dele e dos hospitais, mas político não pode cobrar serviço porque o povo não gosta [risos]. Então o Dr. Odilo não tinha muito voto, mas o Dr. Gabriel tinha. Por tabela, o Dr. Costa Neto ajudou muito Presidente Prudente porque ele era um companheiro honrado. Ele tinha uma fama boa, um homem participativo, ele não brigava, tinha um coração generoso, família honrada e simples. Costa Neto não veio pra cá rico não, não ganhou em loteria, não ganhou diamante, não tirou diamante dos garimpos, não teve poço de petróleo. Costa Neto teve trabalho quando era jovem, trabalhou, serviu, foi útil, foi "parteiro", foi médico, foi amigo. Comprou umas terras quando não tinham valor nenhum e fez a vida dele. A honra dele ajudou muito os médicos de Prudente, não é todo médico que é bom não. E hoje eu não vejo mais um nome forte como foi o Dr. Gabriel Costa Neto, o Walter Lemes, até eu mesmo.

ENTREVISTADA: EUDOXIA MARIA SANTIAGO LEITE PRESIDENTE PRUDENTE

Repórter: Janaína Tavares e Bianca Pereira

Quinta-feira, 14 de março, às 15h

Local: casa da Eudoxia

Endereço: Rua Doutor Gurgel, 139, Edifício Columbia

Telefone: 3222-2897

Qual a idade da senhora?

Eu sou de maio de 1947. Eu nasci em Limoeiro do Norte (CE) e nós (ela e família) viemos para o Estado de São Paulo quando eu era muito pequena. Fui criada no Estado de São Paulo. Nós moramos em vários lugares e papai sempre era transferido por causa de seu emprego. Moramos em Prudente, depois voltamos para Prudente, moramos em São José dos Campos, moramos em Salvador na Bahia. Tudo em função do trabalho do meu pai.

Em qual época a senhora conheceu a Marina e o Gabriel?

Nós já nos conhecíamos porque Prudente na época era uma pequena aldeia. Todo mundo praticamente conhecia todo mundo. Mas a convivência, essa amizade que se estabeleceu com o casal, foi realmente depois de casada. Eu me casei em janeiro de 1967. Então a partir dali é que começou essa amizade. Mas a gente já se conhecia. Desde criança que eu já conhecia muita gente.

Quando vocês se conheceram, frequentavam os mesmos lugares? como era?

A gente frequentava a Sociedade de Medicina de Presidente Prudente, que naquele tempo era muito participativa. Tinha um pessoal mais antigo. Mas por ali a gente circulava, tinha muitas festas, muitas reuniões. Aí a amizade ficou mais próxima mesmo devido à Sociedade de Medicina. Naquele tempo a Sociedade de Medicina funcionava aqui no Bosque, antigamente. E também, o meu ex-marido e o Dr. Gabriel trabalhavam juntos naquela época. Trabalhavam aqui no antigo Hospital São Luiz. Eles tinham a mesma especialidade médica que era a ginecologia.

O Gabriel foi o médico que fez o parto das suas filhas?

Não. Naquela ocasião, que as minhas filhas nasceram, elas nasceram aqui no antigo Hospital São Luiz com o Dr. Rubens Perna.

A senhora já chegou a se consultar com o Dr. Gabriel?

Isso sim, ao longo dos tempos. Depois eu passei por alguns problemas e fiz uma cirurgia com ele, mas aí essa cirurgia já foi lá no Hospital lamada.

O que a senhora achava do profissional que era o Dr. Gabriel Costa Neto?

Olha, veja bem. O que eu posso dizer é afirmar para vocês que as pessoas falavam muito bem dele. Inclusive, eu, garota ainda, tive a oportunidade de observar. A minha mãe era cliente do Dr. Costa Neto no consultório. Mas realmente o pessoal da cidade e da Sociedade de Medicina, todos tinham confiança no Dr. Gabriel Costa Neto, de procurá-lo e ser bem atendido porque ele tinha muita ética.

A senhora tem uma base para falar de quanto tempo vocês foram amigos?

Conhecer a gente já conhecia, as famílias né. A convivência mais assim próxima em termos de amizade foi mesmo depois que eu me casei. Pode-se dizer assim, no início da década de 70. É o que eu posso dizer. Acho que eu estou sendo até um pouquinho imprecisa porque, veja bem. Então eu acho que foi no final da década de 60, seria mais correto.

Do que a senhora mais se recorda do Gabriel e da Marina?

Nós (ela e o ex-marido) fomos convidados por eles para passar a Páscoa lá na fazenda Mata Sede, lá no Mato Grosso do Sul. Aí teve essa cena assim que eu fiquei observando e olhando, e isso era de tarde. Os dois saíram e foram andar a cavalo. Cada um num cavalo, mas só estavam os dois. A fazenda estava cheia, uma porção de pessoas, criançada, família. Mas eles foram andar. E naquilo eu fiquei observando. Naquele tempo, o Mário já era casado, o João já era casado, o Otávio também. Eu fiquei observando. Eu nunca na minha memória me esqueci

daquela cena dos dois. E eu achei muito bonito. Foi algo inesquecível. Veja bem, o local estava cheio de gente, o pessoal hospedado por ali, mas eles tiveram aquele momento para espairecer um pouco, estar um na companhia do outro.

A senhora chegou aí no casamento deles?

Não, porque o casamento foi lá no Rio de Janeiro e também na década de 50.

O que a senhora achava da relação dos dois como casados e individualmente?

Veja bem. É algo que eu acho que ficou evidente pra todo mundo que conviveu com eles. Era muito companheirismo, muita parceria. Isso todo mundo observava e notava. Muita parceria! Em tudo e por tudo. Não se faz mais gente hoje em dia como eles em termos de casal. Tinha uma coisa muito interessante entre eles que era o companheirismo que existia. Mas muito parceiros mesmo!

O que senhora percebia que características da dona Marina?

A maior qualidade realmente nela era a dedicação pela família. Ela era um ser humano extremamente dedicado às pessoas que ela amava, que ela queria bem. Ela vivia em função de que todos estivessem bem. Era um exemplo de mulher dedicada, tanto na família, aos filhos, aos netos, aos amigos, ao lar dela, sabe? Era uma pessoa de um coração muito bom.

Quando a senhora chegava na casa deles, eles eram pessoas bem receptivas?

Olha, tem um detalhe. Ao longo de todos esses anos de amizade eu nunca fui chegando, chegando. Eu sempre ligava antes, eu sempre perguntava: “Vocês estão chegando ou estão saindo?”. E ela sempre respondia: “Ah que pergunta! Venha, pode vir. Venha para cá”. Então é uma coisa que marcou muito para mim porque eu ligava para saber se eu podia dar uma passadinha para vê-los, nessa época eles já estavam com mais idade. Aí ela dizia assim para mim: “Bobagem, é para chegar chegando mesmo. Você sempre é bem-vinda!”. E eu sempre escutei essa frase ao longo de muitos anos, a mesma frase. Então, ela era uma pessoa também muito sincera.

E ela dava muito conselho para senhora? Era uma amiga conselheira?

Ela era uma pessoa muito positiva. Então se você pedisse a opinião dela, ela falava [risos]. Ela era transparente nas opiniões. Ela falava: “Ah não sei, não combina”. O então ela falava: “Ah, mas que ideia!”. Ela era muito fina, muito refinada. Ela teve uma educação de finíssimo trato. Quer que eu resuma como ela era realmente? Era uma pessoa extremamente dedicada. Ela fazia de coração aberto, fazia assim com a maior boa vontade. Mas, antes que, porém, de tudo, ela era uma pessoa de fino trato. Isso veio do berço que ela teve. A mãe dela tinha mais duas irmãs, e as duas irmãs se casaram com cientistas. As irmãs da dona Aurora (mãe da Marina), uma era casada com o cientista Carlos Chagas e a outra era casada com Oswaldo Cruz. E ela uma vez me contou bem resumidamente que quando o pai dela faleceu, eles eram em oito irmãos. E ela era apenas uma criança quando ele faleceu. Então isso é uma coisa que marcou muito porque ela disse que nunca se esqueceu dessa época em que ela era pequenininha. Eu conheci alguns deles.

Os irmãos dela chegaram a vir aqui em Prudente ou a senhora conheceu eles em outra ocasião?

Eles vinham assim quando era ocasião de casamento. A última vez foi no casamento da Marininha. Todos moravam no Rio de Janeiro e ela que se mudou para cá. Mas tinha o Dr. Otávio que era irmão dela também, casado com a dona Rosária. Mas eles moravam em Campo Grande (MS). Era o irmão mais próximo dela.

A senhora disse que ela era uma genuína carioca da gema. Percebia algumas características que ela trouxe do Rio de Janeiro?

Ela gostava muito de samba, muito de música. Eles (Gabriel e Marina) gostavam muito de frequentar tudo que era casamento, gostavam de dançar juntos. Tem muita foto deles dançando juntos. Ela gostava muito de samba e falava: “Ah eu sou carioca, eu gosto é de samba!”. Pônhava as coisas pra tocar e ela sempre pedi a música. Ela conseguia tornar o ambiente alegre, acolhedor. Nunca para baixo. E gostava de reunir o pessoal, gostava de fazer doce, as coisas dela, as histórias. E também era muito receptiva.

Tinha algo que ela sempre gostava de fazer na casa dela, seja comida com camarão ou até mesmo os doces?

[risos] Eu me lembro agora que deve ter sido em algum aniversário de um dos netos dela, o Marcelo talvez, e eu fui ajudar ela a fazer as coisas, lá na cozinha, cachorro quente e tal. Aí eu disse para ela: “Mas tá um cheiro tão gostoso!”. E ela me respondeu: “Então, é porque eu estou assando a massa de um bolo”. E eu me lembro que eu falei: “Ah eu não acredito, você está fazendo aquele bolo?”. Ela usava meia dúzia de latas de leite condensado, fazia uns bolos redondos com várias camadas. O nome daquele bolo era nega maluca. Eu não sou muito assim de bolo, de chocolate, mas foi um dos melhores bolos que eu já comi na vida. Ela gastava meia dúzia de latas de leite condensado para fazer aquele bolo [risos]. E na mesa tinha aquele bolo enorme. E gente, não dava para comer só um pedaço do bolo, você tinha que repetir. Aquilo acabava rápido e quando você olhava: “Cadê o bolo?”. A turma avançava de tão bom que era aquele bolo! E eu nunca consegui fazer aquele bolo, eu nunca consegui, eu sou honesta. Aí tinha aquele bolo, tinha Adis Abeba, aqueles potes enormes de gelatina colorida, aí tinha uns potes de sorvete. Ah esqueci, o bolo de nozes! Isso que eu ia contar para vocês que eu acabei esquecendo. Ela tinha um irmão mais velho que ela chamava de maninho e ela contava que como ela era menorzinha, ele gostava muito de convidá-la para eles tomarem sorvete na Confeitaria Colombo, no Rio de Janeiro. E existe até hoje. Um dia desses eu vi uma reportagem que fizeram na televisão e existe até hoje, mais de 100 anos que foi inaugurada, com aquela mesma decoração maravilhosa. Gente, umas coisas que vieram de Paris, com aqueles lustres! E ela falava que ficava tão feliz porque era o melhor sorvete da vida dela. Os doces que ela já tinha comido foi tudo naquela confeitaria. E existe até hoje no Rio de Janeiro.

A senhora sabe se todos os irmãos dela já morreram ou se tem algum vivo?

Ao longo desses anos, as mulheres já tinham falecido. Eu me lembro que dona Rosário, esposa do Dr. Otávio já tinha falecido, mas mesmo assim ele veio para o casamento da Carolina (neta de Marina e Gabriel). Eles eram muito próximos e se gostavam muito. Só que a turma dos mais velhos. Você me fez uma pergunta que eu agora fiquei sem saber como responder. Ela ainda tem um irmão caçula que se chama Francisco que mora nessa casa da Gávea (RJ) onde ela nasceu, mas já é um senhor de idade né. Esse já de Campo Grande (MS) também faleceu. Tinha o Paulo também, o senhor Paulo mas não sei se ele ainda vive. Mas tenho a impressão de que o senhor Paulo ainda esteja vivo. O resto morreu todo mundo.

A dona Marina comentava com a senhora se tinha muita saudade do pai, mãe e dos irmãos?

Não, o pai quando ela era criança já tinha falecido. Agora a dona Aurora, ela já veio aqui para Prudente passear, para quando os netos nasciam e tal. Agora a dona Marina era muito ligada às irmãs. Tinha a Beatriz que morou na Europa por muitos anos. Uma vez a dona Marina e o Dr. Gabriel foram para lá fazer um tour, e foram até a Paris para visitar essa irmã. Os dois eram muito assim, como que se diz? E eu sempre me lembro do meu pai e da minha mãe de como eles estavam sempre juntos, bem juntinhos e muito amorosos um com o outro. Hoje em dia você não vê mais isso. Foram muitos anos juntos né? Por exemplo, meu pai e minha mãe ficaram juntos por mais de 60 anos. O meu pai e o Dr. Costa Neto nasceram no mesmo ano, em 1919. Aí eu lembro que quando meu pai morreu primeiro, depois de uns cinco ou seis meses o Dr. Gabriel faleceu. Eles nasceram no mesmo ano e morreram no mesmo ano, no espaço de cinco

ou seis meses. Se eles estivessem vivos eles seriam centenários. E dona Marina se estivesse viva hoje iria fazer 99 anos porque ela nasceu em 1920. E no ano que vem era ela que seria centenária. Mas ela foi muito longeva. Mas quem vai falar muita coisa dela e muita coisa sobre eles também é a dona Graça, viúva do Dr. Dreyer. A dona Graça eu não tenho visto mais e a última vez que eu vi foi um dos últimos aniversários da dona Marina que ela esteve presente.

A Marina se sentia confortável com o trabalho do Dr. Gabriel tanto na medicina como na agropecuária, enquanto ela cuidava da casa?

Perfeitamente! Ela era feliz, ela se sentia feliz fazendo o que ela fazia em função de todo mundo.

Então ela nunca sentiu essa necessidade de trabalhar para fora?

Nunca houve isso porque ela sempre foi ativa, nossa! Dentro de casa ela sempre estava arrumando uma desculpa para fazer um jantar, para fazer uma reunião porque ela era uma locomotiva social sim! [risos].

Você e a dona Marina tinham um programa que faziam apenas vocês duas?

Olha, a prioridade mesmo era o Dr. O foco dela era ele, né. Mas acontecia de às vezes a gente sair e ir no shopping, ver uma vitrine ou comprar alguma coisa. E eu me lembro também do Toninho, o motorista que levava a gente pra cima e para baixo [risos]. Mas não era essa história da gente viver saindo, andando pelo mundo não. Era sempre o Dr. em primeiro lugar. Porque tem um detalhe que vocês ignoram, eles eram extremamente sociáveis. Tipo, nasceu o neném e os dois iam visitar, alguma coisa aconteceu e tal, o dois iam resolver. Os dois estavam sempre com agenda deles lotada porque no que eles iam de festas, casamentos, aniversários. Eles frequentavam tudo e estavam sempre comparecendo. Não tinha essa história de: “Ah eu não vou porque estou cansado”.

Então a dona Marina realmente era realizada com o que ela fazia?

Sim. A questão era a seguinte: que ela era super dedicada, mas ela também era feliz com a vida que ela levava. E ela era muito em função de todo mundo, entendeu? Não era uma pessoa egoísta. Ela era uma pessoa realmente fora de sério. Ela queria ver os filhos e netos realizados porque ela vivia em função disso tudo.

E quando nasceram os netos, ela também tinha essa mesma dedicação?

Os netos eram um capítulo à parte. Porque com os netos, ela ficava muito assim sabe? Como é que eu posso dizer? Cuidava muito assim e era uma avó muito participante. Mesmo antes deles nascerem ela tava envolvida, vendo uma coisa e vendo outra, preocupada com isso e com aquilo. Era esse o esquema, sempre em função dos outros. Não era uma pessoa egoísta. E tudo assim, era um polo. O polo era o Dr. Gabriel e, além dele, era o resto dos outros. Por isso que eu acho que a nossa amizade durou tantos anos porque o problema da idade nunca nos atrapalhou. Nós sempre conseguimos um papo reto e com muita honestidade. Eu sempre tive muito cuidado de respeitar os limites deles, os horários. Porque eu também vim de uma casa com um pai e uma mãe muito ligados. Então eu sabia onde pisar, respeito.

Você disse que os seus pais já conheciam o Dr. Gabriel e a Dona Marina, então mantinham uma boa amizade?

Teve uma época em que eu trouxe minha mãe para ficar uns meses aqui comigo. Aí quando eles (Gabriel e Marina) souberam que eu já tinha chegado com ela, vieram fazer uma visita. Quer dizer, a minha mãe estava falando do meu pai como se ele ainda estivesse vivo e eles só concordando com ela [risos]. Aí que a ficha caiu porque eles realmente perceberam que ela estava variando. Aí eles ficaram um pouco tristes de ver o jeito como ela estava. E ela lá bem tranquila.

A senhora chegou a ter contato maior com algum neto ou filho?

Olha, os meninos sempre foram muito simpáticos comigo porque naquela ocasião que eu casei e fui tendo filhos, foi a ocasião que eles foram estudar fora. Um eu lembro que foi para Bauru (SP), talvez o João. Eu me lembro também de ir para o casamento dos pais da Carol, o Mário e a Sônia lá em Jaboticabal (SP). Então a gente participava das coisas. Só que, aí os meninos foram se movimentando no sentido de morar no Mato Grosso, outro em Dourados (MS). A Marininha sempre foi mais próxima, comigo sim. Os meninos, é claro, sempre foram muito atenciosos comigo. Mas a Marininha sempre foi realmente mais próxima da minha pessoa. E eu nunca notei que ela tivesse uma atitude de ciúmes ou com um pé atrás.

A senhora percebia alguma das qualidades da Marina nos filhos e filha dela?

Ah sim, mas ela passou muita coisa boa para aquela turma lá, para aqueles quatro. Só que tem uma coisa, ela era muito admirada por eles, sabe? E ela passou muita coisa boa, aquela parte do convívio, da interação social. Gente vamos falar o português claro, eles se movimentavam em todas as áreas. Não é pelo fato do Dr. Gabriel ter sido um médico famoso e ter atendido toda essa região nossa aqui. Eles interagiram em todas as áreas. E os meninos sempre foram muito sociáveis e atenciosos com todo mundo. Passaram os valores adiante. Por exemplo, o Marcelo que é o irmão mais velho da Carol, você precisa de ver no dia do casamento dele. Um casamento tão bonito e Prudente inteira estava lá. Quando Dr. Gabriel e dona Marina fizeram Bodas de Ouro também e me lembro que foi lá na Casa do Médico. Eram acontecimentos que todo mundo ia! Pessoal fazia questão de ir e eles (Gabriel e Marina) sempre foram muito queridos. A missa da Bodas de Ouro foi na Catedral aqui de Prudente e ficou entupida de gente.

E dentro do lar, Gabriel e Marina tinham as mesmas funções ou não?

Uma lembrança que eu tenho deles assim em função da casa é que eles sempre iam para o supermercado juntos e curtiam muitas coisas juntos. Eram bons companheiros e um se preocupava com o outro, e também aquela preocupação de nunca deixar o outro sozinho para trás, certo? Isso aí eu chamo de cuidar, ter cuidado. E quando ela queria ir no cabeleireiro, por exemplo, que ficava perto da casa deles, Dr. Gabriel ia junto com o jornal dele na mão. Por isso eu sempre respeitei muito o espaço deles. E de nunca ter aquela interferência porque eu já tinha um exemplo dentro da minha casa que eram meus pais.

A senhora disse que a dona Marina sempre era muito honesta e sincera nas opiniões. Mas quando ela ia perguntar algo para a senhora, você também agia da mesma forma?

Veja bem, ela tinha muita confiança em mim e essa confiança que existia era mútua. Era algo real e de acreditar 100% uma na outra. Por exemplo, eu falei tanta coisa hoje para vocês que normalmente não teria comentado. E confiança porque essa confiança nunca foi quebrada. E confiança existe tudo para vida, não é mesmo? Se a gente não confia, a gente não estabelece nada.

A senhora chegou a acompanhar esse desenvolvimento do Dr. Gabriel como médico e também como pecuarista aqui em Presidente Prudente?

Tinha uma fazenda mais próxima aqui em Teodoro Sampaio (SP). Também tinha de Rio Brillante (MS) e a de outro lugar que eu esqueci, mas essa de Teodoro era mais perto. Inclusive quando eles fizeram um dos aniversários deles de casamento, eles fizeram aqui na Fazenda São Sebastião. E o que tinha de gente lá, foi uma festa linda. E o José Renato Tosello também estava lá com a esposa Dalva, ele também estava em todas [risos].

Quais teriam sido, na sua opinião, as principais contribuições de Gabriel Costa Neto para Presidente Prudente?

Ele era uma pessoa muito participativa na Casa do Médico, na Sociedade de Medicina e muito admirado por todos. Eu observava que tinha uns médicos mais antigos também, e ele (Gabriel) sempre estabeleceu vínculos muito fortes com essas pessoas, com o Dr. Dreyer, o Dr. Albertão, Dr. Rui Dutra Barroso. O que eu posso dizer é que ele, além de ser um grande médico com uma atuação abrangente por aqui, era também uma pessoa de muita cultura. Ele tinha uma cultura muito balizada, e era um homem muito bem informado e também politizado. Tinha muita abrangência e as suas opiniões eram muito importantes aqui para o pessoal de Prudente. Não importava no que fosse, se fosse na medicina ou no ramo da pecuária, sociedade. Ele era uma pessoa que conseguia circular em todas essas áreas. Eu posso dizer que foi um casal que marcou muito em Prudente e eles eram muito considerados.

Como é que foi para a senhora perder a Marina?

Depois que eu voltei para cá, depois do meu divórcio, aí me apeguei mais ainda com eles porque o meu pai e minha mãe já estavam morando perto dos meus irmãos. Foi tudo muito simultâneo porque com meus pais lá em São José dos Campos (SP), às vezes eu ficava meses aqui nesse apartamento fechado. Aí depois você vai aquele intervalo que eu ficava indo e voltando de São José dos Campos, era só nós duas (ela e irmã) para dar uma assistência porque meu irmão morava lá em São Paulo. Então essa fase deles (Gabriel e Marina) mais doentes eu via um pouco de lá e um pouco daqui. Eu nunca deixei de ir vê-la, mas o meu choque de realidade realmente é que você vai indo e acompanhando. Você vai dando graças à Deus e a Nossa Senhora porque, apesar de tudo, a pessoa estava bem cuidada e bem amparada. Mas tem uma carga positiva muito grande nisso tudo, foram muitos anos de convivência, de alegrias, de muito afeto. E quando você ver que a coisa está indo assim, você ainda fala: "Deus tenha misericórdia para que não sofra". É isso que a gente pede e foi pelo menos o que eu pedi.

ENTREVISTADA: SHEMARA SAWAE OLIVEIRA IAMADA
PRESIDENTE PRUDENTE

Repórter: Janaína Tavares

Local: Escritório da Shemara

Endereço: Avenida Coronel José Soares Marcondes, 40 - Centro

Horário: sexta-feira, 22 de março, às 14h30.

Telefone: (18) 98114-0020

Seu pai tinha amizade com o Dr. Costa Neto? Como era a relação dos dois?

Eles nunca frequentaram casa um do outro, era mais relação de trabalho mesmo. Eu sou muito amiga da Marina filha deles, sou madrinha de casamento dela. O que eu via é que ele sempre foi uma pessoa muito respeitosa, tinha muito cuidado com a dona Marina, e isso foi algo que ele falou até os últimos momentos da vida dele, cuidar dela, deixar ela confortável. Eu me lembro que quando ele já estava na UTI e ele já sabia que iria falecer, ele segurou na mão do meu irmão e pediu para desligar os aparelhos, e meu irmão chorou muito porque não podia. E nesse momento ele ainda se preocupava com ela. Ele ficou lá na UTI do lamada, várias vezes o meu irmão foi comigo na casa deles, as vezes ele cortava a grama, ajudava ele [risos], eles tinham uma amizade assim, meu irmão gostava muito dele também. Ele era uma pessoa muito carinhosa, pacífica, tom da voz sempre o mesmo, sempre caloroso, são poucas pessoas assim, eu já vi ele muitas vezes atender paciente, era uma educação, uma atenção que já não tem mais hoje. Isso eu via direto, ele tava sempre atendendo, a mesinha do telefone ficava na entrada da casa, era uma parte que circulava, então via constantemente, era uma pessoa espetacular.

Como eu estudava com a Marina, eu ia lá fazer trabalho, reunião de amigas, e a dona Marina fazia um bolo maravilhoso, algo que a gente ia até pelo bolo [risos], era uma mesa muito cheia de doces, ela sempre gostou muito de fazer bolos doces. Se você me perguntar tudo que tinha na mesa, até hoje eu me lembro, é inesquecível.

Você e a Marina se conheceram na escola mesmo, como que foi?

Nós fizemos inglês juntas, eu entrei muito novinha, sou dois três anos mais nova que ela. Ai a Marina repetiu de ano e entrou na minha sala, e desde então tivemos uma amizade muito próxima, até o casamento dela que eu fui madrinha [risos]. Todo Natal e ano novo eu passava lá depois da minha casa, saía de casa e passava lá, era uma festa muito conhecido, ele era muito festeiro, ele recebia com prazer. A mesa de doce era inesquecível, era enorme, eles recebiam a gente com muito carinho, já era uma tradição, as vezes minha irmã ia, mas eu sempre ia, porque a amizade da Marina era comigo, depois que eu fui fazer faculdade fora ela se aproximou mais da minha irmã, depois ficamos mais amigos, mas eu muito mais do que os outros.

Como é hoje a convivência entre você e a Marina?

Conversa pelo whats, internet, sempre se fala quando tem algo. Fui em um dos últimos aniversários da dona Marina, sempre que tinha algo importante eu tava lá. Eu nunca vi, nesses anos todos, uma situação que ele estivesse irritado ou levantasse a voz, eles sempre receptivos, amorosos, atenciosos com as pessoas com os pacientes, ele sempre gostando muito da frequência das pessoas na casa, muito caridoso sempre.

Admirava como pai, por quê?

Apesar da Marina ser temporona, são 10 anos de diferença, ele sempre cobrava dela as atitudes e responsabilidades, parecia uma bonequinha, anjinho e ele cobrava dela, cobrava estudo. Lembro que ela já tinha que trabalhar nas coisas da fazenda desde muito cedo, ele sempre cobrava para ela resolver a vida dela, não passava a mão na cabeça, exigia responsabilidade. Lembro que ele se preocupava muito com a união dos filhos, eu já fui nas fazendas do Mário, João, o Otávio como vive aqui, a gente se vê sempre. Eu acho que o Mário foi o que atingiu o objetivo mais próximo que o Gabriel pensava, quando ele ia na fazenda do Mário, via rendendo, dava orgulho. O Otávio sempre foi a maior preocupação dele, do que com a Marina, sempre preocupado. Eu sentia muito nele, a preocupação com o Otávio.

Quando ele ficou adoecido você estava próxima ainda, como foi nessa fase?

Eu já estava um pouco mais distante, porque a Marina casou então distanciei um pouco. Não cheguei a acompanhar essa fase. Fui no velório, fui no enterro, já era uma fase muito dolorida, porque todos nós gostávamos muito dele, não tinha como não gostar dele. Lembro que meu irmão estava muito arrasado, chorava mesmo, foi uma fase que para todos nós foi muito difícil. Não tinha como não gostar dele, ele era diferente, espetacular óbvio, mas acima do normal, do ser humano padrão. Foi muito emotivo o velório, estava muito cheio, lotado, ele era muito conhecido, muito relevante na sociedade, ele era muito reverenciado pelas pessoas. Pacientes eram muito gratos, onde ele chegava, por ele ser muito aberto também, as pessoas se atraem naturalmente por ele, era carismático. Meu pai sempre falou que ele era muito bom, que era uma pessoa atenciosa, comentava que era uma excelente médico, ótima pessoa.

Últimos momentos da Marina, do que se lembra? Como foi essa fase?

Fui no velório, e foi chocante para mim. Eu passei a noite antes sonhando com a Marina, tive a sensação que eu falava com ela, eu fiquei muito triste de ela não estar aqui na época, porque eles faziam revezamento na época, e eu sabia o quanto ela cuidava, os últimos aniversários da dona Marina eu fui, e eu via o cuidado dela, carinho. E via que ela tinha a vontade de manter as coisas da Marina, fazer os mesmos doces, receber as pessoas muito bem sempre. Ela mantinha essa memória, e para gente, quando a gente acessa essa memória, é muito valiosos, quando você volta nesse tempo da vida passada, é muito bom, faz muita falta, porque é uma história que passou. Eu fiquei triste porque o velório dela estava mais vazio, por isso que é bom o que vocês estão fazendo, porque as pessoas não têm memória. E eu fiquei revoltada por não ter tantas pessoas como o do DR. Gabriel, porque eu achava que ela merecia igual.

Alguns familiares comentam que hoje em dia, as pessoas mais novas, não se recordam muito do Dr. Costa Neto, como você avalia isso?

A gente, filho de médico, dos médicos antigos, eles recebiam a gente como uma pessoa mais íntima do que uma pessoa qualquer e no caso do Costa Neto até como deferência mesmo, por ele ser um ícone mesmo, então era sim, o filho do Costa Neto, e isso se perde não pode, você não pode fazer tanto e sumir assim de forma insignificante, você tem que resgatar a memória das pessoas. Tanto que no velório dela, eu fiquei muito triste de ver poucas pessoas.

Dona América comentou que ele tinha um relacionamento familiar com pacientes os pacientes, diferente de hoje, concorda?

Todo mundo abordava ele, porque já sentia de fácil conexão, não tinha redes sociais, WhatsApp, nada que aproximasse você e era muito mais próximo, é algo a se pensar, o que está faltando hoje? Que antes só com telefone você se sentia próximo. Eu acho que a dona Marina era mais durona, a impressão que eu tinha, porque os dois nunca discordavam de nada na nossa frente, ele eu acho que veio ao mundo para abraçar as pessoas, dar carinho e ser alguém especial. Era muito bonita a relação deles, eu nunca vi desentendimento, e eu frequentava muito aquela casa, ele tratava ela como se fosse uma princesa, tudo tinha que esperar a dona Marina, tudo tinha que prestar contas pra ela, ele envolvia ela em tudo, ela era a rainha do lar mesmo, por isso que é difícil falar deles, eu queria falar algo assim, mas não tem, eles eram perfeitos.

Quais acredita que tenham sido as principais contribuições?

Eu não tenho ideia de como era Prudente na medicina quando ele chegou aqui, falando assim como história, ele deve ter contribuído muito porque pode ter sido o primeiro ginecologista a dar uma boa assistência para a mulher grávida, porque se quando meu pai chegou não tinha anestesista na sala, eu imagino quando ele chegou. Meu pai chegou 10 anos depois do Gabriel, ele chegou em 1970 em Prudente e naquela época não tinha anestesista dentro da sala de parto, você imagina se era assim na época do meu pai, na época dele deveria ter menos. EU acredito que ele trouxe a primeira assistência, deve com certeza ter sido marcante para essa região todo. O legado que eu acho que ele deixou fora isso, é de puro amor, a família a medicina, o que eu vi, assisti presenciei, foi isso.

**ENTREVISTADO: MARCELO ZOCCOLARO COSTA
PRESIDENTE PRUDENTE**

Repórter: Janaína Tavares e Bianca Pereira

Terça-feira, 19 de março, às 17h30

Local: casa da Marcelo

Endereço: Rua Francisco Scardazzi, nº 331

Telefone: 99621-0160

Se formou em 1998, aqui em Presidente Prudente, na Unoeste.

Como foi a sua infância ao lado de sua avó e de seu avô?

A gente (ele, suas irmãs e pais) morava longe né porque a gente morava no Mato Grosso do Sul, em Dourados. Mas várias vezes por ano, a gente vinha para Prudente tanto para visitar os avós como qualquer coisa mais importante, médico, check up, ortodontista. Era tudo sempre aqui em Prudente naquela época e o relacionamento era ótimo porque a gente ficava na casa dele, casa do vô e da vó. Passamos Natais com eles também né. Foi muito boa a infância.

Tem alguma lembrança marcante quando você lembra do seu avô e da sua avó?

Da vó? [risos] Assim, o meu avô era uma pessoa espetacular mas uma pessoa mais rígida. A minha avó era uma pessoa muito vó, então quando você compara algum dos dois, todos os netos vão falar que lembram muito mais da avó do que do vô, no sentido de que a vó estava ali, mimando. A lembrança da minha avó era bolo de chocolate, era maravilhoso, nega maluca. Ela não cozinhava pelo que eu me lembro mas era sempre muito cheia de comida a casa. E dele, o que eu me lembro bastante que eu gostava assim na infância mas não que você tinha muito

acesso, o que chamava minha atenção era o escritório dele dentro da casa que tinha muito livro. Era lotado de livro e meu vô tava lá dentro e era bem marcante essa parte assim.

As pessoas dizem que ele era muito culto. Que tipos de livro você via geralmente dentro do escritório dele?

Toda a coleção da Delta, toda a coleção da Barci inteira, uma tonelada de livros de medicina, um monte de livros de periódicos ou livros de cavalo que ele mexia muito, quadros de cavalo na casa dele. Uma coisa que chamava muita atenção quando a gente vinha e via toda hora. Mas era muito culto e, eu mesmo, não sei o que os outros vão falar mas eu por ser o mais velho peguei meu vô numa fase diferente, peguei meu avô numa fase em que ele ainda trabalhava. Então assim, na casa dele quando eu falo da infância de muito pequeno, eu lembro do meu avô que lógico na casa, só que eu me lembro mais assim de almoços, de estar na janta ou de ver ele no escritório, de entrar lá e falar: “Oi, vô. Tudo bem?”. E depois eu tive a oportunidade de conviver com ele na faculdade porque aí foi tudo muito diferente. Eu morei com eles no primeiro ano de faculdade, em 1994.

Como foi morar com os seus avós?

Foi muito bom, mas deve ter sido um pouco difícil para eles porque eu era uma pessoa saindo da adolescência. Então meu avô já estava de idade nessa época e eu peguei o último ano dele clinicando como médico. Com certeza já no meu terceiro ano de faculdade ele não clinicava mais. Mas eu me lembro do consultório dele e, uma vez, por eu ter morado no exterior e falar inglês fluente, nesse primeiro ano de veterinária que eu estava morando com ele, eu ainda fazia algumas matérias bem básicas então não tinha cirurgias e nem esse tipo de coisa. Mas ele tinha uma cirurgia para fazer e ele foi reler uma técnica no livro, daí ele veio e me falou: “Olha, vem aqui comigo para traduzir”. E eu me lembro o que me marcou muito nesse episódio era que daí eu discutia e ele me ensinou mais ou menos como funcionava a técnica: “Olha, essa cirurgia é por causa disso”. E como era uma cirurgia ginecológica né, como ele trabalhava com ginecologia e obstetrícia, daí eu troquei uma ideia e traduzi para ele e tal. Mas foi muito interessante porque a maioria dos livros de medicina que ele tinha lá, na biblioteca dele, não eram livros em português, todos os livros em italiano, espanhol e inglês. E ele entendia porque eu falei assim: “Você lê todas essas línguas?”. O inglês era bem mais corriqueiro, mas apesar de que ele falou: “Olha, não existia na minha época livros em português e traduzidos para a gente estudar”. O que tinha de acesso naquela época era isso e não internet. Tô falando de 1994, e eu fui começar a acessar a internet mesmo depois que saí da faculdade em 1999, de verdade mesmo e de ter um super acesso nos anos 2000. E o que me chamou atenção foi porque ele falou assim: “Olha, para a gente estudar, a gente precisava aprender a ler italiano, francês, espanhol e inglês”. Eram os livros que tinham e aí ele tinha uma biblioteca e estudava essas línguas mas não falava com fluência. Mas ele estudava bastante.

Seu pai comentou que você passou em várias faculdades. Por que você decidiu fazer aqui em Prudente?

Eu passei em Minas Gerais, em Alfenas para veterinária e zootecnia, passei em Uberaba (MG) para zootecnia. A primeira escolha era zootecnia ou veterinária na época. Eu podia ter ido para Uberaba que tinha uma faculdade boa, Alfenas também era uma faculdade que tinha dentro das particulares um nome grande. Eu acabei optando por veterinária porque achei que o espectro de atuação seria maior do que zootecnia e apesar do meu pai ser zootecnista e eu ter sido criado nesse meio. Busquei pensar no futuro e eu sempre penso muito no futuro, então aquela foi uma tomada de decisão e acabei escolhendo Prudente. Por eu ter escolhido veterinária, eu fiquei entre Prudente e Alfenas. Alfenas é uma região de gado de leite, enquanto Prudente era de gado de corte. Isso já foi um peso para mim porque eu não queria trabalhar a minha carreira, na sua maioria, com gado de leite. Vou trabalhar com gado de corte! E o segundo motivo era porque meu avô conhecia muito o círculo pecuário e até mesmo meu pai que tinha muito contato na região. A fazenda do meu avô também era perto, então pensando também na minha carreira foi uma escolha muito facilitada. Não era nem por ter conforto de família e como eu já morei nos Estados Unidos, eu já fiquei acostumado a morar longe, de não precisar de ninguém. Mas eu estava pensando nos benefícios que eu poderia escolher e eu acertei muito, foi realmente

excepcional porque ao longo da faculdade inteira, não só quando eu morei com ele, mas também quando eu saí da casa dele e fui morar em república, morar em apartamento, fazer uma república com os meus amigos, mas o meu contato com ele era muito grande. A gente ia quase todo final de semana para a fazenda dele e eu usei a fazenda do meu avô como um laboratório para aprender, para praticar. E ele incentivou e deu essa chance, então era assim quando eu queria aprender a fazer diagnóstico de gestação. Era só ir lá, pegar as vacas, chamar o peão. E não era assim cinco vacas, eram 500. E ninguém tinha, no sentido de que poucas pessoas na minha sala tiveram uma oportunidade tão grande de experimentar. Então se eu quisesse operar, ele deixava eu operar, se eu quisesse fazer “n” procedimentos de pecuária ele também deixava. Eu fiz um curso de inseminação no primeiro ano de faculdade, no segundo ano para o terceiro, e eu falei: “Vô, eu tô pensando em fazer inseminação na sua fazenda”. Ele tinha feito no passado mas tinha largado mão, e ele falou: “Vamos fazer, do que precisa?”. Eu falei: “Ah tem que comprar botijão, comprar as coisas, comprar sêmen. E vamos dar um treinamento para os peões”. Então eu tava no fim do segundo ano e eu virei professor já porque fui lá ensinar os peões. O pessoal da minha sala nem tinha tido Reprodução ainda, nem tinha passado por um conhecimento da técnica. Fiz um curso fora e o meu vô falou: “Vai embora, vai lá”. Aí eu montei o curso eu mesmo, treinei os peões e durante até o fim da faculdade nós tocamos a inseminação dele. Eu depois comecei a tocar a parte reprodutiva do gado dele, ele ia pra lá direto. Então eu falo que foi uma escolha muito acertada porque em outro lugar eu poderia ter uma rede de contatos, lógico. Mas eu não ia ter essa oportunidade de praticar como eu tive aqui. Para mim, o que chama a atenção dele é que eu tomo ele como ídolo e como mentor, tento fazer isso e quero educar os meus filhos nesse sentido. O meu vô fez algo diferente com a vida dele e não é igual o resto das pessoas que estão aí no automático ou estão aí surfando. Não, ele tinha um propósito, cresceu nesse propósito, sempre estudou e estudou até o último dia; sempre continuou se aperfeiçoando, lendo. Ele sempre foi muito rígido, culto e disciplinado e, ele escreveu o nome dele no mundo dentro do universo que ele podia impactar. Realmente impactou e isso me marcou muito e, em relação a outras pessoas, a outros familiares, eu não vejo gente se comportando do jeito que ele se comportava e eu tento fazer isso. Eu tento muito seguir essa parte de exemplo dele, então foi muito bom ter convivido com ele tão de perto para ver o quanto que as pessoas tinham um carinho por ele, respeito por ele em virtude do que ele fez com o nome dele. Ele construiu muito e isso me chamou a atenção não quando eu era pequeno e essas coisas de infância porque aí eu não tinha noção do que era a vida. Mas depois já na adolescência e pessoalmente morando com o meu avô e transitando durante a faculdade, me chamou muito a atenção desse peso do que ele fez com a vida dele e como isso impactava onde ele estava. Para mim, isso daí é um norte, fazer muito semelhante e fazer menos do que isso é inadmissível! Para mim é inadmissível.

Qual que era o nome da fazenda em que você praticava?

São Sebastião e ficava em Teodoro Sampaio (SP). Na verdade ela é no município de Mirante do Paranapanema (SP) mas ela era dentro de Teodoro Sampaio, a fronteira é dentro da cidade.

Pergunta: Como era a sua avó?

Uma avó profissional, nasceu para ser avó. Você nunca ia ver ela triste, nunca. Era para mimar, sorria, para esperar ele (Gabriel). Era dedicar o tempo para família e também para ele.

O que você via do carinho dela por ele? Como era a relação?

Impactante, era uma coisa assim sobrenatural. Conheço poucas pessoas que têm esse relacionamento de amor num grau tão grande de intensidade que nem eles tinham. Que eu sei citar mesmo, meu sogro e minha sogra, meu avô e a minha avó, só. Não consigo achar, nem meu pai porque meu ele e mãe já se separaram. Até eu e a minha esposa que por mais que nos amamos. Tanto que quando meu avô estava ruim e ia morrer, sabe assim: “O dia que o vô morrer, a vó morre também”. Porque não tem jeito, era uma coisa absurda. E eu acho que ela também por ser tão dedicada a ele e acho que existe uma complementaridade de personalidades, eu não acho que ele era mais que ela. Lógico que ele foi uma pessoa da porta de casa pra fora, era uma pessoa que sempre teve um nome muito grande e construiu muito respeito, mas a minha avó eu acredito que ela teve uma participação muito importante, muito grande porque ela garantiu esse

apoio, esse background para ele ter uma estrutura para ser quem ele foi. E ela também, uma pessoa que meu Deus. Pode escrever um livro sobre ela porque ela merece!

Entre você e seus primos, existia alguma relação de ciúmes a respeito do vô e da vô?

Não, não tinha. Não tinha diferença nem com ele e nem com ela e eu nunca senti um favoritismo ou algum peso. Não sei o que outro neto pode falar ou chegar a colocar porque a minha avó dava atenção incondicional para qualquer neto, era uma coisa espetacular. E meu avô tocava a vida dele, ele tava ali, cutucava, ria, provocava. O que eu acho que é diferente, não sei em que grau os outros netos tiveram essa oportunidade, mas com meu avô, por eu estar fazendo veterinária que é uma ciência médica e por ele também ser médico e por eu ter morado fora. Eu já tive bastante conversas intelectuais com o meu avô, sabe? De sentar eu e ele, conversar, de estar na fazenda, viajando e de estar discutindo coisas. Então eu via o jeito de personalidade, de lidar com situações do meu vô, de trocar ideias sobre o mundo, sobre valores e até do jeito de chamar atenção do meu avô. Eu chamava amigos de faculdade para ir almoçar, jantar e estudar na casa deles, mas eu tinha que tomar muito cuidado de quem eu trazia e isso eu sempre soube. Porque o nível de valor, de valores da pessoa que entrava na casa dele ou o que eu falo para os meus filhos de respeito e como se comportar, isso ele filtrava muito. Filtrava demais, a minha avó menos, mas meu avô filtrava muito e isso eu não acho que ele estava errado. Filtro isso com os meus filhos hoje.

Retomando, no começo você estava na dúvida entre fazer veterinária ou zootecnia. Como surgiu esse interesse pela área?

Pela área. Não sirvo para matemática e não fiz Engenharia, não sirvo para português e não fiz Direito, não gosto de terra e não fiz Agronomia. Cresci no meio de fazenda e o que eu acho errado hoje em dia é que meu avô errou, meu pai errou, isso no meu ângulo de visão. Eles acertaram pensando do jeito deles. Olhando do meu jeito hoje, o que eu acho que é errado é que nós todos tivemos uma criação de tipo assim: "Olha, nós estamos dando para você uma boa escola, estuda". Não houve pressão e eu acho que isso foi errado também para qual faculdade eu iria fazer, pra como eu ia ser como aluno. Era tipo: "Passa de ano que está bom". Não sei se era porque o meu pai era bastante ocupado quando era jovem na minha adolescência, e não parou para pegar pesado ou também porque não foi feito isso com ele de: "Olha, faz aqui o que você quiser". E eu acho que isso daí foi uma coisa que eu não vou fazer com os meus filhos, mas então a escolha foi uma escolha que eu tenho muita sorte de ter dado certo e hoje eu batalho bastante para isso. Mas no patamar socioeconômico que eu estava, eu poderia ter me projetado num nível até muito maior se eu tivesse sido direcionado, então eu não sei se o meu avô conversou muito sobre educação financeira, sobre perspectivas de carreira com meu pai ou com os meus tios. E com certeza o meu pai deu muita oportunidade, mas nem chegou e ficou para falar: "Olha, esse caminho pode virar isso, se você for por aquele caminho pode virar aquilo". Mas hoje eu tenho uma visão muito mais diferente por trabalhar na prática, por ter dado aula, por conviver com alunos e conviver com gente que quer construir carreira. Eu tenho uma visão muito diferente do que a pessoa pode ser projetada, como ela pode ser programada para ou você estar numa posição de maior liderança ou você está numa posição de ser liderado.

Mas em alguma época da faculdade você se arrependeu dessa escolha?

Não, que era para mim não. Mas depois de formado e depois de muito tempo trabalhando, eu cheguei a fazer um pouco de cursinho para prestar medicina. Porque eu tenho capacidade médica e eu também tenho capacidade para mudar o meu futuro mais ainda, para um jeito de trabalhar, para um patamar social. Eu cheguei a prestar e passei, mas hoje eu "toco" uma área totalmente diferente na minha vida e eu nem mexo mais com a veterinária clássica, eu mexo com finanças e planejamento empresarial. O que é uma outra área que você não aprende dentro da faculdade. A minha vida me levou para outro lado, mas eu acho que essas decisões de ter feito esse curso poderiam ter sido mais influenciadas.

Além da fazenda, você se lembra dos lugares que mais frequentava com os seus avós na infância?

Minha avó na Cirandinha comprando roupa, dona Celeste do senhor Brasil, chegaram a entrevistar ou não? O esposo já deve ser falecido mas era clássico a gente ir lá. Tinha uma outra loja também, era comprar roupa com a vó. Aí ela vinha e falava: “Vamos comprar roupas para as crianças”. Como eu vou, eu também me lembro. Coisa que nenhum outro neto vai lembrar da minha idade, de quando eu era muito pequeno de não saber precisar a data, o consultório do meu avô ainda era na Rua Doutor Gurgel onde era a casa da mãe dele, a minha bisavó Gabriela. Mas eu lembro certinho do corredor de entrada da casa dela, da onde era que é um prédio hoje. O consultório era na frente e tinha um móvel daqueles antigos de vidro que guardava os medicamentos, coisa muito antiga. No corredor lateral entrava para casa dela e tinha uma entrada que era uma salinha, ela já era bem de idade porque eu lembro dela. Eu convivi com ela e lembro da fisionomia dela. Lembro que ela colecionava aqueles bichinhos de dar corda e isso era marcante. Então eu não sei porque a segunda mais velha (neta) é a Gabriela e eu acho que ela não tem esse tipo de lembrança porque eu peguei essa fase de ir ao consultório do meu avô. Eu não lembro nem de quem me levava, se era minha avó, minha mãe ou o meu pai. Mas eu lembro da casa, do consultório e da entrada do consultório.

Falando um pouco da sua bisavó, ela lembrava de alguma forma o Gabriel? Só dela ou você tem conhecimento do pessoal mais antigo também?

Eu acho que sim. Eu lembro da tia Marta também, e da tia Dida também, todos. Eu lembro da cara de todos, do marido da tia América (tio Luiz), do marido da tia Dida. Eu convivi, é lógico que não com muita frequência, mas conheci todos.

Na fase da adolescência, tem alguma lembrança em relação a isso?

Antes da faculdade quando a gente já tava indo para adolescência. Porque faculdade já é fim de adolescência, e já de tomar jeito de homem. Mas na adolescência propriamente dita, passei uma parte em Dourados (MS) e outra nos Estados Unidos estudando lá. Era a mesma coisa, corriqueiro de vir na casa do vô e da vó. Ou algum fim de semana ou quando o meu avô ia para fazenda. Me lembro na adolescência ainda de ir para fazenda dele, com o meu pai, andando a cavalo, indo no haras do meu avô. Lembro muito do haras, aquele antigo que ficava no trevo de Indiana (SP). Lembro do cavalo dele, o Topázio, e eu estava na faculdade no primeiro ano quando o Topázio morreu, era o cavalo que meu avô morria de paixão. Lembro do meu avô em Dourados (MS) na nossa casa, nadando na piscina.

Ele também tinha um lado mais engraçado e divertido?

Ele não era um cara sério, não. Ele não era rígido assim de você falar: “Nossa que cara rígido!”. Sei lá, eu acho até que sou mais rígido do que ele. Ele sempre foi muito exigente e firme, o não dele era não. Não era de ficar babando, mas ele era um cara que com os netos, cutucava, provocava, brincava. Uma coisa marcante do meu avô, desde aquela época em que nós éramos pequenos até para os nossos até grande, era que ele contava piada e ele tinha uma brincadeira que fazia com todos os netos, era assim: “O que tem aqui? Coça aqui pra mim”. Daí eu passava a mão na boca dele e ele tentava morder [risos]. E eu faço isso com os meus filhos hoje e é tão engraçado! Eu faço com os meus filhos, e a gente ficava esperando ele fazer e os meus filhos hoje ficam esperando eu fazer. Eles já vêm botando a mão sabendo que você vai morder e eles dão risada! Então assim, ele brincava com as crianças nesse sentido, contava piada ou fazia cosquinhas. A gente lembra dessas coisas.

Eu escutei você citando a palavra ídolo para se referir ao seu avô. Por que ele te inspirava tanto a esse ponto de você chamar ele de ídolo?

Porque o que ele fez com a vida dele. Meu vô não tinha nada, ele saiu do zero e ele construiu o caminho dele. Ele chegou muito alto no caminho dele! Não foi baixo. Tanto intelectualmente, culturalmente, socialmente e financeiramente. Eu penso assim, não tive na vida as dificuldades que o meu avô teve, nada. Olha, eu até arrepio! Não só eu como qualquer um que tiver nessa situação, eu acho que qualquer herdeiro. É ridículo você ser menos! Porque se quem não tinha

nada fez tanto, quem já está no conforto tem a obrigação. Então o que me machuca hoje, e a gente convive com "n" pessoas, eu dou consultoria também, é ver tanta gente com tanta condição e ser gente inútil! Vocês têm condição ou vocês estão do zero para começar a vida? Eu cresci numa condição espetacular, do jeito que os meus filhos estão crescendo. Eu cresci até melhor que os meus filhos, o patamar de vida que eu tive era mais elevado do que o que meus filhos estão vivendo. Eles estudam nas melhores escolas, eu estudei nas melhores escolas, a gente viaja para o exterior, eu fiz intercâmbio e meus filhos vão fazer intercâmbio. Não sei se da sala de vocês têm tanta gente com essa gama de oportunidades assim. Então me incomoda, por isso que eu falo que é questão de ser um ídolo, crescer numa situação de tanto conforto e não ser alguém. Sabe, eu acho um desperdício de ser humano, um desperdício de vida porque é igual ficar dormindo até tarde no domingo. Tem tanta coisa para você fazer, é igual você também não ler livro, uma pessoa que não lê livro e não aprende e fica o dia inteiro no Facebook. Um inútil! Vocês vão ser jornalistas daqui uns dias e tá cheio de jornalistas que não sabem nem escrever! Uns retardados que ficam ali na rede social, vai pegar o diploma mas não merece o diploma que tem. Concorde comigo? Então isso aí me incomoda e o meu avô é um ídolo porque seja na vida dele, trabalhou de noite e estudou de dia. Toda a história que eu conheço dele e acho que vocês vão até conhecer mais que eu em relatos de tanta gente, fico ávido pra comprar o livro e ter uma cópia depois. Então isso me chamou muita atenção porque conheço "n" outras pessoas que vieram de baixo e eu convivo o tempo todo, e que continuam por pura burrice, simplesmente por burrice ou por preguiça! O que você pode escrever aí é que o meu avô não tinha preguiça, ele era um cara que nunca teve preguiça. Ele parava de ir nos hospitais e, descansar para ele era ir nas fazendas. Sabe, não era um cara que falava assim: "Olha, eu vou ficar aqui no ócio". Não, ele queria estar fazendo! Ele sempre queria estar fazendo e eu acho que é isso porque eu também sempre quero estar fazendo.

Quando entrevistamos sua irmã Carol ela disse que perdeu sua avó quando o Gabriel morreu. Já que ela estava debilitada e muitos dizem que ela não iria conseguir sobreviver se ela estivesse lúcida.

Não, para mim não foi desse jeito. A vó foi diferente. Não sei se é Deus no sentido de espiritualidade, mas eu não falo que acontece. Eu realmente acredito que algum processo passou. Meu avô teve diabetes a vida inteira, câncer de próstata, vários AVCs e sempre ficou bom. Ele é um cara muito forte, apesar de ter todas essas patologias. Mas quando ele entrou na fase crônica, renal, de fazer hemodiálise e isso é um processo que você só afunda. Mas é a vida! A gente vai com uma vida produtiva até os 70 anos, dos 75 anos pra frente é uma falência acelerada. Então eu estou com 43 anos, dos 43 para 50, poxa eu nunca tive que usar óculos e há um ano eu estou usando óculos. Aí você não acredita, mas parece que foi assim: um estalo e com 40 anos um monte de gente já tem que usar. Com 50 anos com certeza vai começar a doer as costas. Mas o que acontece? Depois dos 75 anos de idade o envelhecimento é muito acelerado. Mas ele ainda tinha a decorrência da diabetes, de não se controlar tanto na alimentação. Ele pegava os doces com as facas, pegava elas, lambia e botava na gaveta. A gente via isso, as facas todas lambidas dentro da gaveta e escolhia o que ia usar porque pra ele aquilo tava limpo. Mas o que aconteceu que é um processo e eu falo que não sei se é espiritual, se é Deus ou uma defesa da própria mente. O meu vô passou por um processo muito agudo de falência, no último ano dele, e a minha avó começou a desligar. Não sei se foi Deus que cuidou dela porque acredita em Deus: "Olha, vamos criar o Alzheimer na Marina". Porque a entrega dela era tão grande que se ela não tivesse perdido a consciência, ela morria. O jeito que ela era, pelo menos a gente tinha essa visão né, de que ela não iria conseguir viver um mês sem ele. Mas foi impressionante porque ela viveu muitos anos mas à custa de que o cérebro dela desligou. Então ela não viu o meu avô realmente se afundar, ele morreu lúcido, completamente lúcido. E acho que ele morreu feliz porque ter sido quem ele foi, por ter construído o que ele construiu e por ver que ela não estava sofrendo. Uma coisa que é assim olha: "Deixei tudo organizado, tá tudo muito feito". Ele organizou até a morte dele no sentido de filhos, patrimônio, testamento e tudo cara. Era um cara ímpar e ele pensava muito para frente, por isso que eu falo que é um ídolo porque eu não consigo pensar no amanhã. Eu tô pensando daqui a 10 anos, e eu penso muito e acredito que muito semelhante a ele. O que vai acontecer daqui a 10 anos eu já estou montando hoje, já está pronto e já está definido. Então esses processos de ser uma pessoa que tinha visão de futuro e tudo, eu acho que ele fazia muito bem. Mas a minha avó eu não acho que ela morreu

junto, uma visão um pouco diferente da Carol porque eu acredito que foi uma coisa extraordinária o desligamento dela.

Da relação dos seus avós como um casal, o que você leva hoje para sua vida pessoal?

Que tem que ter cumplicidade. Primeira coisa que você leva é que eu sou filho de pais separados e já é um fracasso isso na minha opinião. Com tudo que você respeita e com todas as dificuldades que um pode ter tido com outro. Mas por exemplo, os pais da minha mulher estão juntos e vão morrer juntos porque se amam. Então eu acho assim, eu não casei porque eu engravidei, eu não casei porque me mandaram, houve uma identidade. E tem um monte de situações que você vai ter que começar o junto para poder ficar na vida. Então o que eu levo de exemplo? É que eu quero fazer isso, sabe? Eu quero chegar velho e ver meus filhos grandes, entrando dentro da minha casa. Eu quero entrar com os meus netos dentro da minha casa, mas não é a minha casa, é a nossa casa, a casa da família. Eu não quero nem mudar de casa, quero que eles venham aqui e falem que cresceram aqui, por exemplo, nessa mesa. Lógico que crescer como pessoa e fazer alguma coisa na vida, mas também esse lado pessoal e esse lado familiar. É uma construção e não adianta eu ficar rico e ficar sozinho, não adianta eu ter passado por duas ou três mulheres. E eu acho que meu pai fracassou, você tá entendendo? Com o erro dele e com o da minha mãe, eu não quero fazer isso. Então o que eu quero? Quero continuar amando a Fran (esposa) e investindo nela, sendo tolerante porque eu tenho a personalidade do meu avô e ela tem a personalidade da minha avó. Ela tem que ser mil vezes mais tolerante, mas eu também tenho que cuidar com o que eu faço porque é uma troca.

Entre a relação de irmãos, de você, Carol e da Gabi. Vocês se inspiravam naquela situação de seus avós sempre estarem juntos, um com o outro?

Nós somos unidos, mas não sei se isso tem uma influência em virtude de ver um vô e uma avó juntos, não. Eu acho que daí toda essa parte que a gente teve vem da nossa casa porque nós não crescemos aqui em Presidente Prudente e, apesar dos meus pais terem se separado e já foi na nossa parte de adolescência, de já ter brigado bastante. Mas a gente teve uma base de valor muito forte e um acolhimento nessas fases muito grande. Então o fato da gente se relacionar muito bem é porque, sei lá, até a parte que foi que a gente teve todo mundo dentro daquele ambiente familiar, e esse ambiente proporcionou uma convivência e uma construção. Mas foi o que eu te falei, não acredito que isso tenha uma influência por vô ou vó.

A gente falou bastante em relação ao que seu avô representava para Marina. E o que a dona Marina representava para o seu avô?

É difícil falar em nome dele, mas o que eu te falei, acho que é justamente a parte de acreditar que ele não teria conseguido fazer tudo que ele fez sem ter uma base que era sólida. Eu vejo isso de você chegar em casa e ser amado. Por exemplo, eu chego aqui em casa e a Fran está esperando com carinho ou ela faz alguma coisa ou fala: "Olha, eu fiz isso para você". E isso te faz continuar a correndo atrás, isso te faz continuar vivendo, te faz continuar investindo no relacionamento, na vida, num monte de coisas. Não é só os filhos. E o que minha avó foi para ele, eu acho que foi muito grande porque eles namoraram anos por carta. Dá para acreditar nisso? Eu acho que foi nove ou 10 anos por carta. Não era telefone, era carta e eu falava: "Vó você é louca? Com esse cara lá em São Paulo e você no Rio de Janeiro, ele ia ficar com você?". E ela falava que era ele e acabou, era para ser. Que loucura isso porque hoje em dia você não vê! E por isso que eu falo que chama atenção um amor dessa magnitude, eu acho que é coisa de filme assim porque eu até duvido que aconteça com esse potencial tão grande de estralar e você se dedicar nove anos esperando, e depois construir uma vida maravilhosa juntos. Puta que pariu! Uma coisa louca e ele fez a parte dele [risos].

Nunca houve uma pressão para cursar Medicina?

Não, houve uma pressão negativa para não cursar porque ele (Gabriel) achava que era difícil demais e que era muito exigente. Eu acho que ele errou, eu podia ter feito e mais poderiam ter feito, que teriam capacidade e até de ser bons profissionais. Houve pelo contrário, principalmente

nos filhos dele e nos netos naquela época de conversas de: “Olha, o que você vai fazer? Não faz medicina porque paga pouco, não vale a pena, a vida é muito difícil, é corrida demais e muito exigente”. Eu não sei porque eu tenho uma vida difícil, exigente e não muda nada. Para quem tem preguiça tudo é difícil, tudo é uma luta! Existia o contrário que era: “Não faça”. A Beatriz (filha do Otávio) fez porque a minha tia que indicou para fazer, não foi por influência do meu avô. Difícil não é passar na faculdade gente, o difícil é o dia a dia. Passar plantão às 6 horas da manhã, operar, atender no consultório, atender de madrugada. Um bom médico de verdade, ele não tem tempo e não tem vida. Um bom médico que ama a profissão não tem vida e ele amava porque o meu avô não fez por dinheiro não, fez porque amava.

Você conseguiu conviver com ele na época em que o Gabriel já estava adoecendo? Como é que foi?

Sim! Eu estava aqui. Ah, eu vejo como natural, um processo. Gente, o meu avô morreu com 90 e poucos anos e isso daí tava mais que esperado. Ele passou do horário, mas passou lúcido e maravilhoso. O que eu acho assim, nem quando ele morreu e nem agora com a morte da avó, a perda não foi uma dor. Foi um alívio, sabe? De tipo: “Porra cara, descansa!”. Os dois. E quando falaram que a avó morreu, eu falei: “Graças a Deus que ela morreu”. Não de querer matar a pessoa mas cumpriu a sua missão, envelheceu, procriou e já estava fazendo a quarta geração: “Vai embora!”. Bom, eu sou muito racional, então falar que vou ficar chorando, nunca!

Como era a relação nessa época em que eles já estavam doentes? E mesmo depois doentes, eles ainda tinham aquele mesmo afeto um pelo outro?

Normal porque nunca mudou nada. Sim, tinham o mesmo afeto. Nunca mudou nada, nunca reclamou. Nunca ouvi o meu avô reclamar de estar doente, ele morreu velho para caramba e era normal. Fazia parte, mas na hemodiálise eu via ele bravo, mas nunca reclamando. Bravo e putado da vida, mas acredito que meu vô era um cara que ele queria estar continuando como se tivesse 30 anos, trabalhando e mexendo. Igual eu penso e me espelho nisso também porque eu não sou um cara que fica assim com essas conversas sobre a Previdência. Eu não sei se vocês já estão pensando na vida para começar a se aposentar, mas eu tô cagando para essa porra de Previdência porque eu não vou parar, você entendeu? Meu avô não parou! Ele estava construindo sempre. O tipo de gente que morre é o tipo de gente que fica parada, cabeça de funcionário público, cabeça de idiota! Cabeça de empreendedor é não parar nunca e o meu avô foi um empreendedor, quis nunca ter um emprego. Ele sempre quis ser dono da vida dele e dos negócios dele. Eu sou o dono dos meus negócios e eu não vou parar, vou criar negócios! Então reclamar, não. Porque ele nunca parou e pegava livro para ler, para estudar, ele fez aulas de inglês de novo já depois de velho. Ele voltou a fazer inglês de professor com 70 e poucos anos porque o tempo que ele tinha ocioso, quando ele parou de clinicar, era incabível na vida dele ficar parado, ficar em casa sentado. Ele só não ia por limitações físicas mas a cabeça dele era a mil!

Na sua opinião, quais foram as principais contribuições do Gabriel para a cidade de Presidente Prudente?

Difícil falar pela cidade né. Um médico dedicado, realmente. Imagino o quanto ele doou o tempo dele para a população de Prudente, ganhando ou não. Daí eu não sei quantificar, mas era um cara que se você chegasse lá às 3 horas da madrugada e falasse assim: “Precisamos de você”. Ele não ia falar para voltar no outro dia às 6 horas no consultório, ele ia! Então essa contribuição foi muito grande. Um cara que mesmo sendo médico, tendo todo esse trabalho que ocupava o tempo dele, se envolveu em sindicato rural, grupos de liderança pecuária. Então tudo isso aí foi uma contribuição muito grande. Ele aprendeu a ser um pecuarista e para aquela época ele era um cara expoente, ele fez um nome na medicina e também fez um nome na pecuária. Um nome mais até que regional, ele projetou bastante o nome dele dentro disso aí. Ele unia a gente, chamava a gente. A Sociedade de Medicina de Presidente Prudente também, quantas vezes ele já não foi o presidente? Não era um cara omissor, era um cara realizador.

Você estava presente quando ele ganhou o título de cidadão prudentino? Como foi?

Que honra poder receber. Mas esse eu acho que nem foi o maior que ele recebeu. Os títulos que ele recebeu, as homenagens que ele recebeu na própria sociedade medicina, acredito eu que foram pessoalmente muito maiores. Legal você receber esse título, mas é uma estrutura política por trás, fazendo o movimento ali e tal. Agora dentro da medicina e mesmo da pecuária que ele recebeu ali dentro do Sindicato Rural. Que ele se relacionava com pessoas que davam um feedback para ele, falando: “Cara, você é foda”. Isso é um peso muito grande e você nem precisa receber uma homenagem pública. Basta ser aquela pessoa que você admira para caramba e falar que você é foda! Puta que pariu!

Teve algum prêmio de destaque que o Gabriel recebeu e que você acha muito importante?

O primeiro lugar na turma de medicina. Mas não o prêmio, e sim o fato dele ser o primeiro, onde ele estava para onde ele acabou. De onde ele saiu, o tanto que ele estudou ali dentro já foi um cara muito diferente desde o começo. Ele se envolvia muito e era um cara que tinha que trabalhar de noite, estudar com livro emprestado porque tinha os amigos ricos que emprestavam os livros para ele estudar. Ele me falou isso. Ele estudava, traduzia aqueles livros e dava aulas particulares para os amigos dele que não estavam conseguindo, a troca de usar os livros dos caras! Ele não tinha os livros e ele se formou em primeiro lugar, meu Deus do céu! E depois ser primeiro para ele virou algo corriqueiro na vida dele. Não fazer menos, mas eu acho que o interessante de ser personalidade e de ser em primeiro ou de não fazer menos, não era uma questão de competir com os outros, era de auto competição. Era algo pessoal, era combustível. Era algo: “Eu me supero, aqui eu posso mais”. Então as conquistas foram o acaso do caminho percorrido. Não era algo do tipo: “Oh, eu quero ser o melhor fazendeiro”. Simplesmente fazia as coisas com muita dedicação e tudo aconteceu. Isso é possível com qualquer pessoa, vocês podem ser as melhores jornalistas e é só fazer tudo com muita dedicação.

Se seu avô estivesse vivo e se você pudesse falar algo pra ele, o que seria?

Obrigado, meu filho tem o seu nome. Foi uma homenagem, obrigado e obrigado! E tenho medo de fazer menos. Isso de não decepcionar eu já estou fazendo, aonde ele estiver, ele está vendo. Isso é tranquilo! É o que eu te falei, o que eu vejo de personalidade e jeito de ser é o que eu tomo como vida. Não é como só exemplo porque exemplo a gente pode não seguir, eu realizo isso. Então eu acho que ele, obrigado porque eu acho que é um modelo muito certo, é um modelo que me tocou e um peso. Hoje existe um peso de herança porque essas famílias tradicionais é um peso muito grande para muita gente. Olha: “Sou filho do fudidão e não sei o que lá”. Tem uns que não pesam mas para muitos pesam. E eu acho que ajuda e dá força e é isso. Tenho medo de não fazer tanto mas acredito que não vou fazer, mas estou fazendo na mesma proporção. Isso eu acho que é legal, um feedback se ele pudesse estar olhando, se pudesse estar trocando conversa com ele: “Pô, tal coisa ou tal plano que eu estou fazendo”. Ou quando eu sou homenageado pelas coisas que eu faço, mesmo com algum aluno ou com algum cliente que te fala: “Cara que legal, obrigado”. É o mesmo nível de empenho e é gratificante não fazer parte da média, da merda.

Ouvimos nas fitas sobre o prêmio de Cidadão Prudentino. O Gabriel estava confuso se tinha comemorado ou não, você se lembra?

Não, não lembro. Estava lá na cerimônia e me lembro do quadro que ele ganhou. Lembro de estar lá no evento mas não lembro sobre o que ele divulgou sobre isso ou alguma coisa.

ENTREVISTADA: CÂNDIA ÁLVARES CALVO
PRESIDENTE PRUDENTE

Repórter: Janaína Tavares e Bianca Pereira

Quinta-feira, 07 de março, às 15h

Local: casa da Cândia

Endereço: Rua Rui Barbosa, 914

Telefone: 3223-2636/ 99742-1974

Conte sobre a primeira consulta que teve com o Gabriel. Como foi? Lembra o local do consultório médico?

Eu era muito jovem, tinha 17 anos, e apareceu um nódulo na minha axila e ele era muito jovem naquela época também. Não sei avaliar bem a idade dele, mas devia ter 40 e pouco anos. Então, ele me acolheu muito bem e eu fui com o meu marido que, naquela ocasião, era meu namorado e ele (Gabriel) pensou que meu namorado era meu irmão. Então foi uma consulta assim muito acolhedora. Aí ele fez a biópsia, encaminhou para São Paulo e deu tudo certo e normal. Mas foi assim que começou nosso relacionamento.

Era ali na Gurgel (o consultório), na esquina da Gurgel com a Manoel Goulart. Era uma casa bem pequenininha que tinha ali antigamente. Na Gurgel, na esquina com a Coronel Marcondes [corrige].

Começou as consultas com o Gabriel aos 17 anos. Por quanto tempo ele foi seu médico?

Foi assim, ele era um médico quase que recém-chegado em Prudente e tinha assim um conceito muito bom. E eu como não tinha nenhum médico naquela idade porque não tinha precisado, assim sistematicamente de um auxílio médico, então eu procurei pelo conceito que ele tinha e que gozava na cidade, a presença e a maneira como ele acolheu a gente. Então a gente acabou ficando pra sempre (se refere às consultas).

Sou natural de Prudente. Nasci em 06 de outubro de 1935 e tenho 83 anos.

Ele foi meu médico a vida toda até ele deixar de clinicar. Deixou de clinicar com quantos anos? Eu não sei bem mas acho que tinha uns 70 anos quando ele deixou de clinicar, senão me engano. Ele foi meu médico até ele deixar de clinicar. Não só meu como se estendeu por toda minha família: meu pai, minha mãe, meus irmãos, meus cunhados, meus filhos, meus netos. Quer dizer, eles davam risada né porque às vezes, numa ocasião, eu tive um sobrinho bebê ainda que tinha um ano e pouco ou nem isso, e ele estava com um problema muito sério e sendo tratado pelo pediatra aqui em Prudente. E não resolvia, não resolvia e a gente achava que ele ia morrer de tão magrinho e tava acabado e não resolvia. Então eu fui até o Dr. Costa Neto e meus filhos davam risada: “Tudo o que a mamãe ia fazer, primeiro ia consultar o Dr. Costa Neto, nem que não seja especialidade dele, ela vai perguntar orientação e depois ela cede”. E assim eu fiz. Fui, perguntei uma orientação para meu sobrinho que era uma criança pequena e ele (Gabriel) indicou um pediatra em São Paulo que o salvou. Dr. Costa Neto que me indicou, me deu endereço e ele falou: “Pode ir que esse médico vai acolher vocês como um pai”. E assim foi. E o menino (sobrinho) estava gravemente doente e com aquela idade! Ele estava com tuberculose.

Hoje, esse menino é um promotor público. É um rapaz bem-sucedido na vida, mora em São Paulo, forte, bonito. Um rapaz que tem uns 45 anos agora. Há 50 anos atrás não havia assim ainda uma especialização em Prudente capaz de apurar uma questão complicada e foi o Dr. Costa Neto que indicou, então tudo que eu ia fazer, fosse o que fosse, e ainda que não fosse com ele (na área da medicina) eu ia para o Dr. Costa Neto perguntar. Ele era o conselheiro médico além do médico.

Ele era uma pessoa excelente, como humano, como pessoa, como médico. Era competente, sério, dedicado. Então ele tinha todas as boas condições de um médico. Então ele cativou a família inteira, fez todos os meus partos, os partos de todas as minhas irmãs, cuidou do meu pai, cuidou da minha mãe, de todos.

Por que continuou as consultas com ele todos esses anos? Qual foram os motivos dessa escolha?

Ele tinha esse lado humano, eu acho. Ele tinha uma sensibilidade humana. Ele não era um médico profissional, ele era assim paternalista. Ele era um médico que se envolvia com a família, era um médico que se envolvia com seu problema, um médico que não tava cuidando só da sua

saúde, ele tava cuidando do seu bem estar, tava cuidando da sua alegria, dos seus objetivos. Era um médico humano, que desenvolvia humanidade, naquela época (ressaltou com firmeza) em que os médicos eram mais técnicos né.

Além da competência porque ele estudou numa escola ótima. Ele estudou na Escola Paulista em São Paulo, naquela época. Vinha de uma escola excelente, ótima, então ele tinha uma formação profissional e científica perfeita. E tinha esse lado humano que ele aliava as duas coisas. Então você não largava dele. Era o médico mais concorrido de Prudente. Eu me lembro até que a Santa Casa antigamente era administrada por freiras beneditinas e elas falavam assim: “Dr. Costa Neto é a moda do momento”. Porque realmente ele polarizava toda a clientela porque ele era muito eficiente e muito humano.

O que você via de diferente entre o Gabriel e os outros médicos de Prudente?

A eficiência e a humanidade dele. As duas coisas porque ele era médico e humano ao mesmo tempo. Tinha os dois valores.

Você teve quatro filhos e todos os partos foram realizados pelo Gabriel. Como foram essas experiências?

Eu tive as ‘gravidezes’ complicadíssimas, então isso aproximou mais a gente ainda (Cândia e Gabriel). Porque ele me acompanhou em três abortos antes dessas. Naquela época eu cheguei a consultar em São Paulo, com outros médicos, então eles falavam que era retroversão uterina, mas não tinha o que fazer. Então minhas ‘gravidezes’ eram complicadíssimas porque tinha os abortos, eu perdia. Eu sou uma pessoa que quando casei, meu plano era ter filhos, eu queria uma família grande porque tem gente que casa e não quer ter filhos. E meu plano era ter uma família grande e não deu certo. Então ele me colocou em três tentativas e cada tentativa eu chorava muito. Eu me lembro que em uma das tentativas, eu estava grávida, e perdia sempre no terceiro mês e ele acompanhava passo a passo até quando eu engravidava e ele falava: “pronto, agora vamos começar!”.

Numa dessas ocasiões, eu estava no terceiro mês de gravidez e ele estava num casamento da filha do prefeito da cidade que era minha amiga também. E eu comecei a ter uma hemorragia e fui para Santa Casa. Ele saiu do casamento, chegou de terno, e isso era mais ou menos 13h da tarde, 12h30, por aí. Ele não mandou a enfermeira buscar eu no quarto com a maca, ele foi com a maca me buscar. E eu me lembro de uma coisa linda que quando ele me pôs assim na maca e foi me levando para o centro cirúrgico, que eu já vinha tentando segurar essa criança há meses, e quando ele foi me empurrando na maca eu ia chorando. Eu tinha 20 e pouco anos, era uma menina, cheia de sonhos. Ele falou: “Não chora, gravidez não dá pra manter com remédio”. Ele me socorria com remédio e hormônios pra ver se resolvia e ele falou assim: “Tem uma hora que não dá pra manter com remédio”. E aí eu perdi, e depois ele me animava muito e eu chorava, ia no consultório e chorava e ele me ouvia.

Em 23 de janeiro de 1961 eu perdi a minha filha no parto, no hospital São Luiz (onde hoje é o Ministério Público), logo em seguida que ela nasceu. Perdi ela com todo o aparato. Tinha enfermeira, pediatra, tinha ele (Gabriel), tinha outro ginecologista porque não podia acontecer nada e aconteceu.

Aí vamos começar tudo de novo. Todo tratamento de novo, aí eu tomava hormônio e hoje eu lembro com tristeza porque eu era muito magrinha, pesava 38 kg nessa época. Quando eu engravidava eu pesava 43 ou 44 kg. Eu era um palitinho e sou professora secundária, professora de história. A vida toda fui efetiva no E.E. Fernando Costa. Ingressei ali e trabalhei ali por 35 anos e me aposentei ali.

No meio dessa espera tive outro aborto. Meu filho que tenho hoje, o mais velho, ele nasceu em 13 de abril de 1963. Chama-se Emanuel. Você sabe o que significa Emanuel? Deus conosco. Então aí o Dr. Costa Neto, a alegria dele foi muito grande e ele nasceu assim num sábado de alaluia. Eu me lembro de quando ele (Gabriel) foi me ver no hospital num domingo de manhã,

ele me levou um ovo de páscoa. Então ele era um médico muito humano, muito amigo e competente e sério. Ele vivia com você e participava da sua vida. Embora eu não tivesse nada a ver com ele porque ele era de uma classe social e eu de outra. A gente foi ficando amigo depois de toda essa caminhada.

Eu sou RH-, sou A-, então isso complicava nas vezes em que engravidava. Hoje tem vacina, hoje não é problema mais se é A-, se é RH-. Mas no meu tempo, o laboratório vinha em casa, coletar sangue, mandava para São Paulo, para vir um resultado e ver a situação da criança. Ele (Gabriel) acompanhava tudo isso comigo. Então era uma coisa complicadíssima.

Aí eu tive a segunda filha que é a Luciana. Ela leciona na medicina da Unoeste, ela é farmácia bioquímica. Nasceu em dezembro de 1964, parto normal. Todos partos normais, eu nunca fui 'cesariada'. Aí depois disso eu esperei um pouco mais. Mas eu queria ter mais filhos, sempre quis ter uma família grande. Aí eu tive a terceira que foi a Cláudia que nasceu em fevereiro de 1967. Essa é médica hoje.

Todas as 'gravidezes' foram delicadas, eu fazia repouso absoluto e ele me acompanhava. Tinha uma vizinha aqui do lado que falava: "Sua gravidez é de casca de ovo". Porque era muito delicada, então gravidez de casca de ovo e não foi uma, foram todas.

Dentre esses anos de consulta, teve alguma situação que te marcou além dos nascimentos de seus filhos pelas mãos do Gabriel?

A minha vida girava em torno desse problema (gravidez de risco). Ele ajudou muito meu pai e minha mãe, das minhas irmãs. Então uma pessoa muito presente ele foi, sempre.

Como era a relação de vocês? Se estendia para além do consultório médico?

Nós éramos compartilhados do sofrimento e ele queria resolver meu problema. Nesses anos todos eu comecei a conhecer a mulher dele, a dona Marina. Eu só fui conhecer muito a dona América que é irmã dele em 1970, de frequentar a casa dela assim. Quando eu encontrei a América no caminho, eu falei: "nossa, então você é a irmã do Costa Neto?".

Em relação à amizade de vocês dois, como o Gabriel era? Muito diferente do médico para o amigo?

Ele era mais uma relação de médico e paciente né. Embora ele fosse um médico muito presente e dedicado. Depois a América entrou na minha vida e como ela é uma pessoa assim como ele, maravilhosa, e a gente participava de movimentos de igreja, eu e América juntas. Então juntou, eu, América, Dr. Costa Neto, dona Marina, a filha do Dr. Costa Neto (Marina).

Os filhos dele foram meus alunos no E.E. Fernando Costa. Foi normal porque, antigamente, a única escola que tinha em Prudente era essa. Não tinha, por exemplo, nem uma outra: Maria Luiza Ribeiro, Esquema, Anglo. Então todos alunos passavam pelo E.E. Fernando Costa. Eu fui professora de todos os promotores, juízes, padres, médicos de Prudente, inclusive os filhos dele (Gabriel).

Chegou a ter contato com a esposa Marina e os filhos? Se sim, como era essa relação de você com a família dele?

Muito. Me recordo de visitá-la quando nasceu a Marininha, era uma coisa maravilhosa porque a Marina era uma pessoa boníssima, assim, afetiva, delicada. Era uma amiga que frequentava meus aniversários, eu frequentava os aniversários dela. Eu tinha uma vizinha que morava aqui em frente que tinha uma fazenda, então eu pegava os filhos do Dr. Costa Neto, os meninos, e ia na fazenda com eles para se divertirem. Então era uma amizade de frequentar a casa deles, aniversários, festas. Era uma coisa muito normal.

Como foi a última consulta com o Gabriel? Qual foi o sentimento naquele momento de não ter mais seu médico de confiança?

Olha, difícil. Ele foi meu ginecologista até o momento e que ele parou de clinicar. Depois que ele aposentou eu tive que mudar para outra doutora. Exame preventivo do câncer eu fazia com ele, em outra ocasião eu tive um nódulo na mama e ele me operou, isso em 1970, depois dos partos. Tive na outra mama também em 1980, tive outra vez em 1985 e ele operou novamente. Além da parte ginecológica, ele também cuidava desse aspecto. Nunca foi câncer né, era sempre um nódulo benigno. Ele foi meu médico até quando ele falou: “Vou fechar a porta”. Me vi obrigada a mudar de médico. Eu tava perdendo um médico onde colocava toda a minha confiança e não um amigo porque continuamos amigos. Até no último aniversário dele antes de morrer eu fui, além das visitas quando ele estava doente. Dona Marina tinha um retrato meu na cristaleira da casa e eu não sabia. Uma empregada que trabalhou comigo e trabalhou com ela falou: “Nossa, eu reconheço essa mulher da foto, é a Dona Cândia”.

Fui no enterro dele também. Era uma pessoa muito correta e foi uma pena perdê-lo. Mas hoje eu também tenho amizade com a Marininha que sempre fazia festas para a mãe dela. Mesmo depois que ele faleceu, continuei indo até a Marina.

Foi muito triste receber a notícia da morte dele. Foi minha comadre, a Regina Sandoval que me ligou para falar. Mas nós sabíamos que ele estava com câncer, que ele estava sofrendo. Então a gente sabia qual era a caminhada, não foi uma surpresa. Era uma caminhada progressiva.

ENTREVISTADO: JOSÉ RENATO SAMPAIO TOSELLO
PRESIDENTE PRUDENTE

Repórter: Janaína Tavares e Caroline Luz

Segunda-feira, 11 de março, às 16h.

Local: Consultório Centro Paulista de Oncologia.

Endereço: Avenida Manoel Goulart, 3309

Telefone: (18) 98115-0135

Como foi que você conheceu o Gabriel?

Meu pai era amigo dele, Jacob Tosello. Meu pai era agrônomo da Secretaria do Estado de São Paulo. Eles eram amigos, e na época Prudente deveria ter uns 30 ou 40 mil habitantes. E os filhos do Dr. Costa Neto são da minha geração. O Mário que é mais da minha idade, nós fizemos o grupo escolar no E. E Fernando Costa na mesma classe, então havia uma amizade. Mas eu me mudei de Prudente aos 14 ou 15 anos de idade. Nesta época, antes de me mudar de Prudente, eu morava a dois quarteirões da casa do Dr. Costa Neto. Então havia convívio de proximidade, depois eu me mudei para Campinas (SP) para estudar. E voltei para Prudente aos 30 anos de idade. Meus pais continuaram a morar em Prudente. Então eu tive pouco contato com Dr. Costa Neto e com os filhos nesse período em que eu fiquei fora. Na época, Campinas era mais longe do que hoje porque falando em meios de comunicação, não tinha telefone direito, as estradas eram um horror, você demorava em torno de 12 horas para ir daqui até Campinas. E eu vinha pouco para casa dos meus pais porque ficava mais lá devido aos estudos.

Você fez medicina em Campinas?

Não. Eu fiz ginásio que é a oitava série hoje e na época o colegial que se chamava científico. Saí com 14 anos daqui de Prudente. Eu vinha praticamente para Prudente só no Natal e no final de ano. Tanto que o contato com a família do Dr. Costa Neto foi pouco durante esse período da minha vida.

Quais lembranças você tem com os filhos do Dr. Gabriel?

Principalmente na escola, com as brincadeiras na escola, dos intervalos. E também, às vezes, alguma festa ou aniversário de um ou de outro. Nós frequentávamos os mesmos ambientes. Considerando que na época Prudente era uma cidade pequena e fazíamos parte de uma classe social. Meu pai era agrônomo e o Dr. Gabriel Costa Neto era médico, então você vivia numa classe social única basicamente na cidade.

Você tinha proximidade com algum filho em específico?

O que eu tinha mais proximidade era com o Mário por causa da faixa etária. Estudávamos na mesma classe. Fiquei por volta de 17 a 18 anos sem ter contato com nenhum dos filhos, nem com Dr. Costa Neto e nem com os filhos porque eu morava em Campinas (SP), fiz faculdade depois em Sorocaba (SP) e depois a residência em São Paulo. Fiquei praticamente 20 anos ou 18 anos fora de Presidente Prudente.

Mas aí o senhor retorna e esse contato retoma novamente?

Sim. Mas principalmente com Dr. Costa Neto porque os filhos moravam muito no Mato Grosso. Meu pai continuou amigo do Dr. Costa Neto e quando eu cheguei, ele me recebeu muito bem. Eu tava começando (a exercer a medicina) e ele estava nos últimos anos, por exemplo, sete ou 10 anos da vida profissional. Então nós começamos praticamente em campo cirúrgico, cirurgias. Trabalhávamos juntos nas cirurgias. Depois quando ele fechou o consultório porque ele achava que deveria parar, e foi convidado para ter um consultório comigo e ele foi. E aí aproximou mais o convívio porque nós trabalhamos juntos por uns seis ou sete anos, mas já nessa época ele não operava. Eu que operava mas ele me auxiliava, então no começo eu auxiliava ele e depois quando parou, era ele que me auxiliava. O consultório que ficava na Rua Doutor Gurgel foi quando ele parou e foi construído um prédio. E esse consultório que era meu estava na Avenida Washington Luiz, nº 790.

Vocês ficaram juntos atuando neste período por quanto tempo?

Ele atuava menos porque estava numa fase de 73 ou 74 anos em que já estava encerrando os trabalhos. Mas nós ficamos amigos, sempre nos falávamos por telefone, viajávamos bastante juntos. Tanto que ele me incentivou a comprar uma fazenda e sempre viajava comigo, eu e ele. Eu tinha contato com ele tanto na parte profissional como familiar. Eu sou amigo dele desde quando retornei de Prudente, em 1980. Eu saí daqui mais ou menos em 1963.

O senhor lembra quais eram as cirurgias mais comuns que realizava junto com Dr. Costa Neto?

Eram todas dentro da ginecologia e obstetrícia. Mas nós fazíamos todas as cirurgias da especialidade. Com certeza já realizamos juntos mais de mil cirurgias. Eu tenho uma secretária que até hoje trabalha comigo que anotava o dia, horário, nome e o tipo de cirurgia. O Dr. Costa Neto era do tempo que fazia muito atendimento, que teoricamente hoje não se faz, tanto na casa quanto em áreas rurais. Ele era chamado para partos e situações que hoje seriam consideradas inadmissíveis. Antigamente ninguém tinha carro, então essas coisas eram comuns. Fora disso, eu tinha um contato diário. Pelo menos duas vezes na semana que eu começava a operar às 7 horas da manhã e ia tomar café na casa dele às 6 horas da manhã. E era ele que preparava o café, a mesa.

Quais foram os ensinamentos Dr. Costa Neto trouxe tanto para sua vida pessoal como profissional?

Ele agregou tanto nos fatores familiares. Era que se dava muito bem com a sua esposa, em relação aos filhos, e eu acho que ele sempre se aproximou até mais dos netos, essa é uma opinião pessoal. Ele viveu bastante então conviveu bastante com os netos, todos os netos. Coisa que o meu pai morreu cedo e viveu pouco com os netos. Meu pai morreu em 1994.

Quando seu pai morreu você teve uma proximidade ou olhar, mas assim de pai para o Dr. Costa Neto?

Não porque já tinha antes. Nós fomos amigos desde a década de 80, então não houve alteração falecimento do meu pai. Meu pai sempre foi amigo dele, mas eram níveis de amizade diferentes. A minha amizade com Dr. Costa Neto é pessoal, familiar e profissional. Preenche algumas

lacunas que era um exemplo de profissional. Até mesmo no trato com as pessoas. O Dr. Costa Neto tinha uma clientela muito maior que a minha, muito mesmo. Eu não sei se na época talvez pelo jeito dele, ele era muito mais simpático do que a minha pessoa, muito mesmo. E ele tinha uma liderança na classe médica. Ele ocupou praticamente todos os cargos médicos, tem uma ala médica na Santa Casa de Prudente com o nome dele, liderança na Sociedade de Medicina de Presidente Prudente, e até mesmo nas partes rurais. Não sei ao certo mas acho que ele ocupou todos os cargos de Sindicatos Rurais.

Na primeira conversa que tivemos o senhor me disse que considerava o Dr. Gabriel Costa Neto como um ídolo. O que faz ele se tornar um ídolo para o senhor?

Porque quando a gente, assim como também vocês estão começando, precisa de apoio de alguém. E era nessa fase em que eu estava. E ele me apoiou em tudo, tudo mesmo. Diferente de hoje que tenho uma vida mais estabelecida porque quando você começa a carreira você precisa da ajuda dos outros. E era fase em que eu estava. E também a gente discute bastante as coisas no sentido de dar conselhos. E eu geralmente seguia sempre o que ele falava. Tudo que eu perguntava ele sempre me atendia e quando ele me falava para fazer algo de certa forma, eu fazia tanto na parte da profissão médica quanto na parte fora da medicina, de negócios. Eu nunca fiz ou fechei um negócio sem antes consultar ele. Sempre concordava e escutava ele.

Naquela época, o que você viu de diferente do Gabriel para os outros médicos?

Ele era o conjunto, era técnico e humano. Quando eu cheguei aqui em Prudente, ele fazia uma das melhores medicinas da cidade. Ele tinha uma parte técnica muito boa e, nessa época, a medicina também tinha mudado pouco. A medicina mudou muito a partir do final da década de 1970 e no começo de 1980. Então a medicina daí em diante, apareceram uma série de aparelhos. Então a parte cirúrgica era a mesma que eu que tinha vindo da USP (Universidade de São Paulo), viu. Alguns detalhes só que eram diferentes. Então ele tinha uma parte técnica mas muito boa. Quando ele tinha o consultório dele era totalmente diferente do meu, sempre lotado. Talvez o dia inteiro lotado. Tanto que quando ele parou de atender e foi para o meu consultório, as pessoas começaram a ir lá, lotava lá. Ele não parou de atender, ele parou de operar. Então ele passou os casos cirúrgicos para mim, eu operava mas ele sempre me auxiliava. Até o final, tirando a parte cirúrgica, ele fazia de tudo. A medicina mudou mesmo na década de 1990 viu. Na década de 1980, ele fazia às vezes alguma coisa, e me perguntava sobre algum antibiótico novo no mercado, mas eram apenas detalhes porque no geral ele estava por dentro de tudo. Ele nunca se desatualizou, ele era culto. Ele se formou na geração em que o Estado de São Paulo se tinha duas faculdades boas, que eram a USP (Universidade de São Paulo) e a Escola Paulista de Medicina (Unifesp). Depois você ia ter no Rio de Janeiro, a Federal do Rio. Daí teria uma na Bahia. E ele fez faculdade na Escola Paulista de Medicina.

Ele já chegou a falar com você sobre o Gabriel Costa que era médico e tio dele?

Ele comentava mas eu não sei falar detalhes o nenhum comentário. Ele só comentava que tinha um tio e que já trabalharam juntos. Eles tinham um consultório na mesma rua, na Doutor Gurgel. Era um quarteirão à frente do Dr. Costa Neto e aquele consultório era onde a mãe dele morava. A mãe morava no fundo é Dr. Costa Neto abriu uma sala na frente, como se meio que separava os ambientes.

Se fosse para definir o Dr. Costa Neto, como você definiria ele?

Difícil definir porque era um homem completo. Era chefe de família e tudo que ele fazia era bem feito. Além da medicina, e também se destacava na parte da agropecuária. Ele também desenvolveu uma raça de touros, mocho, que também já foi campeã. As fazendas dele, tanto aqui em Teodoro Sampaio como as do Mato Grosso eram espetaculares. E ele comprou tudo isso e viu que em Rio Brilhante tinha uma perspectiva de dinheiro, e de aumentar uma área no lugar hoje que vale mais que a região de Prudente. Ele teve uma visão de pecuarista, eu não sei em que ano ele comprou mas com certeza foi no final da década de 1960. O que ele tinha vinha da medicina e o que não deu para comprar aqui ele comprou longe. O longe agora é perto, uns

400 km. Mas na época o problema era a falta de comunicação. Você tinha que atravessar o Rio Paraná e não tinha ponte, era balsa. Então ele teve uma visão que os outros médicos da geração dele não tiveram. Tanto uma visão como pai de família, no médico e também como empresário. A parte do cavalo na pecuária eu acho que era um luxo, ele gostava. É a mesma coisa de você ter um iate, mas no caso dele ele tinha cavalos.

Você já chegou ver ele bravo em algum momento?

Sim. Se você fosse contra a opinião dele, ele ficava bravo porque ele tinha opiniões muito bem definidas. Por exemplo dentro da agropecuária. Você tem que separar o Costa Neto médico do Costa Neto empresário. Então quem não concordava, ele era contra à opinião. Até mesmo na questão familiar. No ponto de vista familiar, teve coisas dele que opinava e essas coisas mesmo de deixar a herança, eu participei bastante. E ele dizia que o que era dele, ele fazia o que queria. São coisas em que os filhos vivem com isso. E ele que fez as divisões como ele achava melhor. Conversava comigo, mas eu nunca me senti na condição de opinar. Mas ele contava fatos ocorridos familiarmente. Eu era uma espécie de confidente. E mesmo na parte de companhia nós saíamos muito e viajávamos bastante juntos com as esposas. Teve uma viagem que fomos para Maceió (AL) com alguns amigos que iam. Eu convidei e ele foi. Isso foi mais ou menos na década de 80 e ficamos uma semana juntos em um dos melhores hotéis de Maceió. Jantares aqui em Prudente, sexta-feira à noite nós também saíamos. Eu com a minha esposa e ele com a Marina.

O que você achava do relacionamento dele com a Marina?

Era um casal extremamente apaixonado e feliz. Com problemas talvez internos, mas quem via no dia a dia era um casal feliz. E é raro ter casal feliz! E naquela época se casava mais cedo do que hoje. Talvez, na época eles não tinham condições financeiras para se casar mais cedo, por isso se casaram um pouco mais tarde. Ele namorava a Marina mas não tinha condição financeira de manter ela. Apesar que ele começou a trabalhar antes de se formar. Ele tratava algumas doenças que hoje em dia já não tem tantas, a hanseníase, sífilis. Na década de 40 e 50, era comum ele falar que na faculdade tinha que raciocinar "sifilicamente". O que quer dizer isso? A primeira doença que tinha que afastar era a sífilis. Se não tivesse sífilis pensava em outras coisas porque era uma doença muito comum mesmo para a época. Todo mundo tinha sífilis.

Vocês já chegaram a discordar de algum assunto ou sempre foi um relacionamento saudável?

Mais saudável do que você imagina.

Você disse que ele era muito culto? Via ele lendo algum jornal ou livro naquela época?

Ele lia de tudo. Tudo o que ele poderia ter acesso e lia. Mesmo depois da época em que eu retornei para Prudente, ele continuava atualizado e sempre lia sobre medicina. Independente do que era, ele lia. Ele gostava muito do Jornal O Estado de São Paulo. E na época, às vezes, o jornal chegava um dia seguinte em Prudente.

Você se lembra por quanto tempo trabalharam juntos?

Foi de 1980 até 2005 mais ou menos. Até quando ele parou oficialmente de trabalhar ia no consultório para conversar comigo. E às vezes quando eu terminava as consultas lá pelas 17 horas da tarde, eu ia tomar uma cerveja com ele. Então você ia por exemplo nos bares que eram moda na época, o Aruá e o H2 que não é o H2 Chopp, é o H2 da cidade. E ele também gostava muito de camarão, muito. Tanto que dona Marina fazia muita comida com camarão. E tinha um restaurante japonês que ficava na rua Doutor Gurgel que a gente só comia camarão na década de 80. E sempre as comidas na casa dele eram comidas finas e sempre tinha camarão. Ele também gostava muito de doces. Se você abrisse a geladeira da casa deles tinha quatro a cinco tipos de doces. Uma vez, uma das filhas do Mário me chamaram porque ele, que era diabético, estava com sudorese. Fui lá de manhã e falei que poderia ser hipoglicemia. Aí pedi para que

uma das netas fosse numa padaria perto lá da casa dele e comprasse alguns doces. Ele falava para mim: “Não! Pega essa chave aqui e abri aquela gavetinha porque eu tenho chocolate”. Ele escondia chocolate numa gaveta que ficava no quarto dele! Ele era proibido de comer chocolate, os filhos proibiam, a esposa, todo mundo. Então quando eu falei para comprar chocolate porque a sudorese era falta de açúcar. Eu fiz o teste nele e a sudorese deu 90, mas para uma pessoa que viveu até os 90 e poucos anos, e ele geralmente tinha 150 ou 160, era pouco. Isso daí já foi numa fase em que ele estava na cama. Era uma fase que ele andava com dificuldade e já não saía mais de casa. E a dona Marina fazia doce eu acho que era o dia todo porque quando acabava os jantares, a família colocava sete tipos de doce para comer. Fazia uma outra mesa só para doces.

Quando vocês iam nesses barzinhos, como era o papo? O que vocês mais conversavam?

Conversávamos sobre tudo, menos medicina. Conversava normalmente e como ele era muito conhecido, quando chegávamos no barzinho, muitas pessoas vinham cumprimentar ele porque era muito conhecido. E ele andava muito com pessoas da minha idade, da minha geração.

Ele comentava com você alguma preocupação em relação a perder dinheiro ou algo do tipo?

Não. Ele era mão aberta e pagava o que devia. Acho que ninguém prestava conta com ninguém quando era em relação a ele. Eu acho assim que, até por um lado da casa, ele gastava o que queria. Eu nunca vi prestação de conta e se deixasse, quando saía com ele, o Gabriel pagava todas as contas. Ele se oferecia para pagar as contas quando a gente saía. Essa viagem que nós fizemos para Maceió (AL), por exemplo, fomos em quatro casais da minha faixa etária e ele que já era um pouco mais velho. E você perguntava: “Vamos para algum lugar?” e na hora ele topava. A disposição dele era bárbara! E essa fazenda que eu comprei no Mato Grosso foi por causa do incentivo dele. Nós viajamos muito juntos, viagens longas de 10 horas a 15 horas. Comer em beira de estrada, dormir em hotel de beira de estrada, muito na década de 90 que ele já estava parando. Na fazenda em que eu comprei, a gente andava a cavalo o dia todo. Ele sempre foi uma pessoa muito disposta. Eu me lembro quando ia operar às 7 horas da manhã e tomava café da manhã com ele 6 horas ou 6h15. E não era a Marina que levantava para fazer, era ele que fazia o café e ponhava à mesa.

Então realmente não tinha esse preconceito dele andar com pessoas mais novas que ele?

Não. Não sei se é por causa que ele viveu muito ou também se foi por causa das pessoas que tinham a mesma faixa etária que ele e já estavam começando a ter doenças, então ele se enturmou. Era comum, até quando fazíamos algum jantar, antes do Natal, apareciam todos os amigos e ele também.

O senhor chegou acompanhar o GTE?

Não. Em algumas coisas que eu não participei era porque eu trabalhava muito. Por exemplo, às vezes ele ia no sábado com os pecuaristas em alguma fazenda, eu não participava porque tinha serviço como médico. São fases da vida diferentes.

Na fazenda de Teodoro Sampaio você comentou que ia muito para lá. Ela foi tomada pelo MST?

Sim. Ele falava de tudo e realmente era uma terra produtiva porque tinha gado de raça, cavalo. O índice de produtividade dele era altíssimo. Se medir o índice de produtividade por bezerro. O número de gado por alqueires/ hectares. Mas eu acho, pelo que me lembro, que a terra nunca foi invadida.

Quando ele começou a se aposentar da medicina, ele foi passando os pacientes dele para você?

Sim. E ele falava abertamente para os pacientes: “Estou parando de ser seu médico, e agora o médico de vocês é ele. É ele que vai cuidar de vocês”. Era uma ordem superior. Ele avisava e também nos apresentava. A última fase da vida dele, ele virou conselheiro de família. Alguns problemas familiares mesmo, ele orientava os pacientes dele.

Quando o Gabriel se aposentou, como foi para você ver aquela fase que ele estava bem debilitado?

Não foi bem assim né porque ele demorou para ficar doente. Ele com 80 anos, ainda trabalhávamos juntos, me auxiliava. E às vezes você tem dificuldade porque os convênios pagam muito pouco e ninguém quer auxiliar. Eu ligava para ele qualquer hora e ele acordava bem cedo. Um às 5h30 ou 6 horas da manhã ele já acordava. Não senti muito isso que você falou porque foi um processo. Ele se aposentou quando ele realmente começou a ficar doente, com limitações. Ele trabalhou como auxiliar de cirurgia até por volta dos 82 anos, disso eu tenho certeza. Não era em todas as cirurgias porque também cansa, mas algumas vezes por semana ele conciliava.

O senhor já participou de alguma cirurgia da família do Dr. Costa Neto?

Eu acho que fiz todos os partos. Todos que nasceram em Prudente fui eu que fiz, o da Carol por exemplo. Mas todos da família eu ajudei, e confiavam em mim. Fiz praticamente todos os partos, até mesmo do pessoal que morava em Rio Brilhante (MS) vinha aqui para dar à luz. O do Otávio eu tenho certeza que fui eu que fiz que é o caçula, da Marininha também que morava aqui em Prudente. Mas o do João eu tenho certeza que fiz. Diretamente, o Gabriel participou de todos comigo.

Quando o Gabriel começou a ficar debilitado, o senhor foi o médico dele?

Algumas coisas eu não acompanhei porque não era da minha área. Mas eu estava junto. Quem levava os médicos até ele era eu. Como se fosse assim, eu encaminhava, eles aceitavam e também pedia a opinião de outros colegas, mas estava sempre junto ao lado dele.

O senhor se recorda de como começou essa questão de ele ficar debilitado? Quais foram as doenças?

Olha, foi um fator etário. E também tinha um câncer de próstata. Não foi operado e foi feito um tratamento hormonal. Quem tratou ele na época foi o Ênio Perrone. Tanto que ele não morreu por câncer de próstata. Passando os anos, começa a deterioração dos órgãos né. Morreu eu acho com 93 ou 94 anos, algo assim. Foi uma questão de múltiplos órgãos, mas acho que ele ficou uns dois anos pior. O problema que matou ele foi o diabetes. Depois o diabetes lesionou o rim, então ele teve insuficiência renal, dificuldade para urinar por causa do câncer de próstata. Ou seja, foram múltiplos fatores. Ele descansou. A situação foi agravando e uma coisa levava a outra. Ainda mais para época eu acho que ele viveu muitos anos. Eu acho que tem um fator genético importante, tanto que ele ainda tem uma irmã viva. O pai dele eu não conhecia mas a mãe dele viveu bastante também. Então tem um fator genético e os hábitos normais. Ele gostava muito de andar a pé, fazia caminhadas. Só no doce que ele exagerava e ele comia bem de tudo.

O que levou ele a ficar internado na UTI em seus últimos dias?

É que vai piorando e piorando, então prejudicou. Foi falência de múltiplos órgãos. E nessa época ele ficou na Santa Casa de Prudente. Do quarto vai para UTI, da UTI vai para o quarto, até chegar o momento para ele descansar em paz.

O senhor lembra do último momento que teve com ele?

Não. Porque tava numa fase em que ele não se comunicava mais. Antes de falecer ele já não estava com uma aparência muito boa.

Como foi para o senhor perceber que naquele momento estava perdendo um grande amigo?

É uma coincidência porque eu tava perdendo o meu amigo, mas no mesmo tempo eu estava no meu auge profissional. Então eu queria dar mais atenção mas não conseguia pela falta de tempo. Então você trabalhava demais. E eu também sabia que a minha atenção para ele era meio que improdutiva.

O senhor estava presente no dia em que ele faleceu na Santa Casa?

Na hora que ele faleceu não estava presente. Eu ia todo dia no horário que sobrava, dava uma passadinha por lá, uns 15 a 20 minutinhos. Eu ia a hora que quisesse. Eu era tão amigo dele que eu nem dava satisfação para família. Sempre tive essa liberdade.

A neta Carol falou que antes do avô morrer, ele estava com uma aparência muito diferente. O senhor percebeu essa mudança?

Ele estava um mês antes dele falecer, não se comunicando bem. Então coisas que o não médico valorizava que é no caso da neta, eu não valorizava. Uma decadência e evolução de uma doença normal. Não saberia dizer nada disso.

O senhor recebeu a morte dele por quem?

Como médico eu já estava aguardando ele falecer. Isso na minha cabeça não tem valor porque ele para mim, a pessoa perdeu a consciência e começa a ficar debilitado, já estava chegando a hora dele. É coisa que para um neto vai ser diferente de mim. A visão é diferente.

O senhor chegou a ir no velório? Como foi estar lá naquele momento?

Fui e fiquei como todo mundo mas, vamos lembrar mais da parte do chocolate que falei. Essa parte é tudo mais ou menos igual, ele descansou. Se levasse no melhor hospital do mundo, melhor médico do mundo, mesmo assim ele faleceria do mesmo jeito. E a gente como médico percebe isso perfeitamente.

E quando ele faleceu o senhor manteve contato com a família ainda?

Continuei amizade com a dona Marina que veio falecer agora, e eu continuo amigo dos filhos, de alguns mais e outros menos, cada um com a sua característica. Mas também continuo amigo de todos os netos. Independente de qualquer coisa.

Tem uma história que a dona América falou que o Dr. Gabriel realizou um parto com a mira de uma arma apontada na sua cabeça. Você conhece essa história?

Não. Isso deve ter sido antes de eu ter retornado para Prudente, na década de 50 talvez. Essa história está mal contada, senão eu saberia.

Depois de todos esses anos, o que o senhor leva de aprendizado?

Tudo como amigo, como médico, como companheiro. A diferença de idade não era importante. Nós o tratávamos como se ele fosse uma pessoa da mesma idade, quer dizer com as mutações porque ele tinha idade quase do meu pai, mas não havia essa diferença. E ele é reverenciado por quase todos os médicos, se fosse mais velho ou mais novo. E na idade dele, ele foi um dos últimos médicos a continuar a atuar porque os outros praticamente já tinham falecido ou já tinham se aposentado.

Quais seriam as principais contribuições que Dr. Costa Neto trouxe para Presidente Prudente?

Eu não sei porque eu não participei quando ele chegou. As grandes contribuições são as novidades da medicina na década de 50. Não saberia responder isso aí. Eu sei que ele atendia todo mundo 24 horas por dia. E na época, proporcionalmente, tinham muito menos médicos do que hoje.

**ENTREVISTADO: HENRIQUE SALVADOR
PRESIDENTE PRUDENTE**

Repórter: Sandra Prata e Janaína Tavares

Segunda-feira, 25 de março, às 14h30.

Local: Casa do Henrique (Edifício Riviera)

Endereço: Rua Democrata, 22, Jardim Bongiovani.

Telefone: (18) 98144-4446

Olha, eu vou começar falando uma história para vocês da minha família. Meu pai tinha uma propriedade que hoje é nossa, uma propriedade na Rua Siqueira Campos onde se está lá o Shopping hoje, o Muffato. Eu vou falando e você vai filtrando. E aí a prefeitura chegou a implantar a rede de água encanada em Prudente, novidade. Até então, cada pessoa tinha um poço no fundo de casa. Meu pai falou com o encarregado da prefeitura, e ele falou: “Olha, isso não está previsto até o ponto lá. Mas por favor, vai beneficiar as casas que eu tenho lá”. E a prefeitura com esse serviço de instalação de água e esgoto porque era o DAE (Departamento de Água e Esgoto) de Prudente, instalou o ponto de água, favorecendo toda aquela região que seria a rua atrás do que é hoje o Muffato. Na rua Siqueira Campos e na época no lugar era um campo de “curintinha” e a rua de trás era...

Bom, mas porque eu estou contando isso tudo? Meu pai ficou tão feliz que foi no Menezes, um empório que tinha aqui em Prudente onde chegava as coisas diferenciadas. E ele comprou um garrafão de vinho italiano, hoje ninguém mais compra garrafão de vinho, todo mundo compra uma garrafa de vinho importada. Mas isso daí era um vinho importado italiano e levou para esse senhor da prefeitura encarregado do serviço de água e esgoto de Prudente. Presenteou e ele falou assim: “Ah tem um momento de muita felicidade para mim”. Meu pai falou: “Ah é? então final de semana tome o vinho”. Mas ele falou: “Não, vou tomar isso aqui numa felicidade enorme porque vou deixar para tomar na formatura de meu filho. Ele vai se formar médico”. Então meu pai falou: “É mesmo que você vai ter um filho médico?”. O senhor falou: “Ele mora lá no Rio de Janeiro e esse garrafão eu vou esperar para tomar esse vinho e festejar a formatura do meu filho”. E meu pai desejou os cumprimentos para ele. Mas quem era esse senhor? Esse senhor era um funcionário da prefeitura, onde a tal da rua que eu te falei que passa atrás do Muffato se chama Orozimbo Costa. Quem que é o senhor Orozimbo Costa? É o pai do Dr. Costa Neto. Então eu começo dando essa viagem no tempo para contar que mesmo meu pai conhecendo o pai dele antes, a chegada da notícia do Dr. Costa Neto foi nesse fato. E meu pai se espelhou nessa alegria do senhor Orozimbo e, quando eu entrei na faculdade de medicina, ele falou a mesma coisa para mim: “Puxa vida! Será que eu vou ganhar um garrafão de vinho italiano para festejar a formatura do meu filho?”. Então eu faço esse comentário da ligação histórica de prudentinos e isso influenciou até a admiração. O senhor Orozimbo era um funcionário da prefeitura e meu pai era um comerciante de origem bem humilde e os dois se consideravam vencedores por terem filhos médicos. Quando eu vim para cá, o Dr. Costa Neto me recebeu com muito amor e carinho. Foi um dos que fez medicina de ponta em Prudente, sempre atualizado e chegou a ter um grande consultório na Rua Doutor Gurgel que se caracterizava por uma coisa inédita: você podia passar, contando história de Prudente de 60 anos atrás, às 9 horas ou às 10 horas da noite que o Dr. Costa Neto ainda estava atendendo. Para você conseguir uma consulta do Dr. Costa Neto era difícil, tinha filas e filas. Eu lembro por mim, numa noite brincando com os amigos na rua eu furei meu pé num prego e minha família ficou toda preocupada com medo de pegar tétano. Me levaram para tomar uma injeção na Drogasil que era ali na esquina da Barão com a rua Siqueira Campos, mas o farmacêutico falou: “Só podemos aplicar uma injeção com receita médica”. Mas aonde eu iria conseguir uma receita médica? Nesse horário em Prudente, quase 10 horas da noite, só com o Dr. Costa Neto que está com consultório aberto. E nós fomos nos consultar com ele à noite, ele trabalhava o dia todo até à noite. E esse era o Dr. Costa Neto

que além de ter o consultório próprio dele, prestigiava a Santa Casa com seu amigo Dr. Odilo, dono do hospital Nossa Senhora das Graças e os irmãos Cestari (Adoniro e Moacir) donos do Hospital São Luiz. O Gabriel teve seus filhos, estudou todos mas nenhum quis fazer medicina, tá certo? E ele dividiu, a partir de um certo momento da sua vida, também a agropecuária sendo um criador de gado de elite. Um renomado criador que fazia uma agropecuária de excelência com touros registrados e vendia animais registrados. Foi um dos pioneiros da nossa região a estar lá em Rio Brilhante (MS), formou fazendas, desbravou matos e tudo mais. Além de ser um excelente médico, um grande pecuarista.

Qual que foi o primeiro contato que o senhor teve com o Dr. Gabriel Costa Neto?

Na verdade foi na situação de cliente. Foi talvez nesse dia que ele me examinou para ver a lesão no meu pé e de respeitar a antitetânica. Então nesse primeiro momento foi como cliente. Eu tinha uma diferença de idade, eu moleque e ele já era médico em Prudente. Eu tenho a idade dos filhos dele e, em termos de medicina, ele era considerado o astro! Então a gente via ele com uma diferença enorme, muito respeito pela sua postura e da esposa. Teve uma época em que os médicos de Prudente construíram as casas bonitas da cidade na Avenida Washington Luís e ele também foi um dos que construiu. Construiu uma casa numa esquina onde eu acho que é o consultório do Dr. Antônio Plácido hoje. Ele era uma referência na Sociedade de Medicina de Presidente Prudente e em qualquer encontro médico. Ele discutiu muito quando se pensou na faculdade de medicina em Presidente Prudente, favorável a todos os movimentos médicos. E, por último, foi presidente da Sociedade de Medicina e depois, bem provável para deixar como sugestão para você escutar o Dr. Alberto Barbosa. Depois na gestão do Dr. Alberto Barbosa, ele fundou Associação dos ex-presidentes da Sociedade de Medicina de Presidente Prudente e ele (Gabriel) foi o primeiro presidente dessa associação.

Nessa ocasião que conheceu ele como cliente, o senhor tinha por volta de qual idade?

De oito a 10 anos de idade.

E aí quando o senhor comentou, nessa época ele era uma referência na cidade. O senhor também tinha um pouco dessa referência dele quando decidiu cursar medicina?

Na verdade ele era um espelho do médico maravilhoso, a gente sonhava um dia ser um Dr. Costa Neto, sem dúvida nenhuma. A gente se espelhava na presença dele, na postura e até dos veículos que ele usava, da maneira como se vestia. Sempre de branco e aquela postura dele, a casa, o amor pela família. Ele era um exemplo em todos os sentidos.

Quando o senhor foi secretário de Saúde, ele ainda estava clinicando?

Sim! Sim! Um pouco antes dele se aposentar definitivamente da medicina, eu já era o diretor da faculdade e eu levei ele para faculdade para colocar aos novos que estão entrando na faculdade, a experiência de quem veio para Prudente e que muitos atendimentos você não tinha acessibilidade. Algumas casas na zona rural você tinha que ir de cavalo e o Dr. Costa Neto fez esse tipo de atendimento. Quando ele começou aqui, não só ele como outros, em alguns momentos vinha o pessoal do sítio querendo um médico. E antes de pensar em trazer para o hospital queria que o médico fosse lá achando que iria resolver tudo. Muitos vinham e traziam um cavalo para o médico ir junto, ou vinha de charrete ou de carroça porque eram locais difíceis de chegar com carro. Eram lugares inacessíveis para se chegar de carro.

Como o senhor avalia o cenário da medicina em relação a avanços tecnológicos na época em que o senhor era mais novo e o Gabriel atuava?

Na verdade, até a década de 50 ou até após o governo do Getúlio Vargas, havia aqueles que tinham condições de pagar o seu serviço médico. E havia aqueles que eram vinculados aos bancos, as indústrias, ao comércio e tinham a sua Previdência própria. Os bancos eram IAPB, da indústria era o IAP, do comércio era o IAPC. Então todo funcionário registrado numa empresa tinha a sua previdência própria e, essa previdência ajudava ou pagava os serviços médicos. E

aqueles que não tinham acesso à Previdência, esses eram considerados por um nome até triste mas faz parte da história. Eram considerados indigentes e eu peguei essa fase. Indigente é aquele que procurava uma unidade de saúde e principalmente a Santa Casa de Prudente, certo? E alguns médicos da cidade ou grande parte dos médicos, dedicavam um período da semana ou um dia da semana na Santa Casa para atender os chamados indigentes. E quando era algum caso cirúrgico, eram internados e operados; eles eram mesmo rotulados com esse termo. Com a evolução do serviço social e com a mudança da Constituição que isso ocorreu até na época dos governos militares, se fundiram os institutos, IAPB, IAPC, IAPI e todos os outros. E se montou na época o INPS (instituto Nacional da Previdência Social) e através do INPS é que começou com que houvesse uma previdência única no país e essa previdência única também atendeu os que eram considerados os indigentes. E com o SUS (Sistema Único de Saúde), com a Constituição de 1988, com a vinda do SUS é que acabou essa categoria do indigente. A zona rural passou a ter, por um período e foi quando eu comecei a trabalhar, o “full Rural” que fazia cadastro e fazia um convênio com a Santa Casa e ela dava assistência aos trabalhadores rurais, através do Sindicato Rural. Havia essa denominação “full Rural” e tudo depois ficou um nome único que é o SUS. Aqueles que tinham um atendimento privilegiado, houve um nivelamento. Mas a categoria indigente, que vivia em extrema pobreza, essa no atendimento médico desapareceu. Hoje a gente tem a dificuldade de verba, de não ter dinheiro, filas mas o atendimento do SUS hoje é igualitário. Na época o IAPB era o melhor, o IAPC também já pagava bem, o IAPI que era da indústria já pagava menos. Lá no extremo estava o indigente que não pagava nada, tinha que trabalhar de graça. Mas hoje está nivelado.

O senhor começou a clinicar aqui em Prudente em que ano mais ou menos?

Em 1976. Eu me formei, morei três anos no Rio de Janeiro e em 1976 comecei a trabalhar aqui em Prudente.

Enquanto profissional, o senhor já chegou a trabalhar junto com Dr. Costa Neto?

Não porque nós tínhamos uma especialidade diferente, mas nos encontrávamos em visitas à Santa Casa, nos hospitais, nos centros cirúrgicos, fazia cirurgia de amígdala. Às vezes entrava no centro cirúrgico e ele estava ocupando uma sala mas nunca perdeu-se a “liturgia” do cargo. Eu sempre via o doutor Costa Neto e não conseguia vê-lo como um colega, era um colega acima de todos os níveis. Eu era médico e ele também era médico, mas para mim ele era um médico que eu reverenciava. É a mesma coisa quando um padre chega perto de um bispo ou perto de um arcebispo. Então eu tinha essa admiração por ele.

E o que na personalidade do Dr. Gabriel, o senhor acredita que desenvolva essa admiração das pessoas por ele?

Honestidade e ética. Hoje o grande problema é a falta de honestidade e ética e eu nunca ouvi nada sobre o Dr. Costa Neto rebaixando um colega ou um cidadão, uma pessoa. Nunca! Ele podia saber até aquela pessoa que não era do bem mas ele nunca comentou sobre essa pessoa. Então uma coisa que eu admirava muito nele era essa honestidade e ética.

Entre os próprios médicos, o que eles falavam Dr. Costa Neto? Tinha esse respeito?

Sempre! Olha, nós éramos os padres e ele era o arcebispo, sinceramente. Como outros que chegaram em Prudente e tiveram que seguir o mesmo respeito. Mas quando eu quero falar que vimos os grandes mestres da medicina, em Prudente a gente via por ele e por outros. E, infelizmente, outros não se comportavam assim, mas a gente olhava nele com essa grande qualidade: que era o conhecimento, a honestidade e principalmente a ética.

Quais, o senhor acredita, que tenham sido as principais contribuições dele para medicina aqui da cidade?

Manter, através de reuniões que ele promovia, a classe médica unida e atualizada. A partir do momento que ele não perdia um congresso, que ele sempre se atualizava e viajava. Participava

das reuniões da Sociedade de Medicina de Presidente Prudente quando foi presidente e quando foi diretor. Ele era praticamente um comandante de que o médico tem que estudar sempre e estar atualizado. O médico também tem que estar presente, ser líder e isso ele foi na comunidade de Prudente sem dúvida nenhuma.

Vocês chegaram durante a vida a ter algum tipo de amizade ou vivência principalmente quando ele se mudou aqui para esse prédio?

Eu não morava aqui no prédio quando ele morou, mas eu tinha contato com ele principalmente na Sociedade Médica. Na época em que ele foi da Associação dos ex-presidentes, eu também já era Conselheiro do CRM (Conselho Federal de Medicina). Então qualquer evento da APM e do CRM, qualquer evento da Sociedade de Medicina de Presidente Prudente, nós estávamos juntos, principalmente na Sociedade Médica. Eu tinha mais contatos com os filhos, certo? Somos da mesma idade. E o Gabriel sempre estava assim para mim no patamar superior, sendo mais velho, mas também com muita vivência e eu nunca pude dizer que eu estava assim de igual para igual. Eu não conseguia ver o Dr. Costa Neto de igual para igual, ele estava sempre acima. Sempre foi um exemplo e não só na hora em que eu cheguei aqui em Prudente, como até na hora em que ele faleceu.

Inclusive era o que íamos perguntar para o senhor, se você tinha contato com a família dele?

Sim! A Palmira que é nora dele, por exemplo, quando eu fui secretário de Saúde trabalhou comigo e foi coordenadora de Odontologia. Então nós fizemos um trabalho maravilhoso em Prudente na gestão do ex-prefeito Paulo Constantino. E ele (Gabriel) nos prestigiava com orgulho da nora, foi um trabalho maravilhoso.

Durante todo esse tempo, o senhor chegou a comentar com o Dr. Costa Neto sobre esse episódio do garrafão de vinho?

Na Sociedade de Medicina. Numa homenagem que fizeram para ele e eu falando como representante do Conselho Regional de Medicina. Conteí isso do garrafão de vinho e todo mundo se perguntando: "O que essa história tem a ver com o Dr. Costa Neto? Não tem nada a ver com o contexto aqui". Quando eu falei o nome do funcionário da prefeitura e a família reconheceu que era o nome do Orozimbo Costa. E eu acredito que na época emocionei toda a família e o Dr. Costa Neto também chegou às lágrimas nesse evento.

Inclusive falando de homenagens que ele ganhou. Ele ganhou um selo do CREMESP, como que funciona?

É o seguinte: Esse daí fui eu que dei para ele. Quando o médico atingir 50 anos profissional, o CREMESP oferece e faz essa homenagem. Então quando ele atingiu 50 anos de exercício, mas não só ele como outros, igual o Dr. Menegucci, Dr. Iamada. Uma série de outros médicos, nós prestamos uma homenagem a todos.

E na época como foi para ele receber essa homenagem?

Foi mais uma homenagem dentre tantas que ele recebeu da sociedade Prudentina.

Como foi receber a notícia da morte dele? O senhor ainda não tinha contato com ele nessa época?

Mais através da família, você entendeu? Ele fez divisão de bens com a família, com os filhos e cada um recebeu o seu quinhão; continuaram a administrar o patrimônio deixado pelo pai, certo? E de todos os filhos que mais tive contato foi com o Otávio, enquanto o meu irmão tinha mais contato com o Mário e o João, a filha também. E eu passei por um período em que foram vários anos que a sexta-feira da Paixão, eu ia comer bacalhau na fazenda deles lá em Rio Brillhante (MS). E no sábado seguinte, o dia que antecedia a Páscoa, eu dava um pulinho até Ponta Porã

(MS). Então foram vários anos em que passamos a Páscoa juntos, na verdade a sexta-feira da Paixão porque no sábado eu estava em Ponta Porã. Mas foram várias ocasiões e a gente já passava a sexta-feira da Paixão por lá com ele.

O pessoal falava que o Doutor Gabriel e a dona Marina eram pessoas muito acolhedoras.

Demais! Demais!

O senhor chegou a ir no velório do Gabriel? E no da dona Marina?

Não porque eu não estava em Prudente. No da dona Marina eu também não estava. Por causa do CREMESP eu fico muito em São Paulo, hoje estou ficando em Prudente segunda, terça e quarta. Agora em São Paulo, mas aí na quinta já moro em São Paulo até domingo.

O que o senhor acha que ficou de legado do Dr. Gabriel depois da morte dele?

O exemplo dele que era caracterizado como eu já disse pela honestidade, pela ética. E até uma cobrança que ele fazia na época, que às vezes no mundo corrido de hoje em dia a gente não faz mais e eu tenho essa obrigação pelo cargo que eu ocupo hoje. De estimular a todos estarem constantemente atualizados em relação à medicina. Hoje, em 2019, vem um fato novo ainda que eu não sei como vai ser, eu tenho que me preparar mas vem vindo. Preciso me preparar para orientar os colegas dentro da medicina. Eu jamais poderia pensar que fosse chegar a esse tanto; até hoje eu tenho dificuldade de manipular computador, coisa que qualquer criança sabe fazer com facilidade hoje em dia. Nesse período, vieram as cirurgias minimamente invasivas e hoje está se operando tudo por “buraquinhos”. Acabou aquele negócio de cortar a barriga por fora a fora, afastar todos os tecidos e manipular o órgão. Agora é tudo com microscopia e não sei mais o que. Agora tá vindo essa novidade aí o que é a telemedicina, você vai atender o paciente por uma tela. Eu estou assustado! Estou tentando acompanhar esse modernismo. Só te falo o seguinte: não tem retorno porque esse é o futuro. Ontem eu vi uma propaganda em São Paulo: “Faça a sua consulta por telefone”. A telemedicina é que você vai ficar na frente de um iPhone, em frente à tela de um computador para trocar uma ideia com o médico, mostrar uma lesão, mostrar garganta, uma lesão de pele. Agora telefone só? Isso estava ontem nas TVs em São Paulo. Então é uma coisa nova e eu acredito que se o Dr. Costa Neto estivesse vivo, ele também estaria assustado assim como eu estou.

E falando nisso, as pessoas sempre falaram que ele era um médico muito atencioso.

Sim! Foi o que eu te falei às vezes que ele ia a cavalo fazer as consultas. Quantas vezes ele já não foi para Montalvão (SP). Eram uns lugares em que passavam os rios Mandaguari e não tinha estrada. Você, para chegar nessa propriedade, passava por duas ou três propriedades internamente, não tinha estrada. Outro era dono daquele sítio, o outro era dono do segundo sítio, o outro era do terceiro. Mas o doente estava no quarto sítio, não tinha estrada. Então você ia por aqueles trilhos que tinham nas propriedades, abria a porteira de um, abria a porteira de outro até chegar na quarta. O recurso era cavalo ou charrete. E eu estou muito assustado porque eu não sei por qual caminho vai essa nova tecnologia, sem dúvida nenhuma. Aquela coisa de você conversar, pegar na mão do doente, de orientar, e das vezes a maior doença dele que era a necessidade de alguém para escutá-lo. E isso vai acabar agora.

O senhor acha que ele conseguia conciliar tanto a excelência da técnica como também a humanidade?

Na verdade ele era da Velha Guarda. Por maior que aumentasse a tecnologia, tanto nós aprendemos e até ele antes de mim, de que o relacionamento médico - paciente é o importante. O mais importante de tudo porque as mãos eram mais importantes do que um raio-x. A clínica era soberana e eu fiz faculdade ouvindo sempre isso: “A clínica é soberana”. Ele é desse tempo. Falando em punir algum médico que usa o equipamento que ele tem em consultório como referência de que ele vai atender bem. Isso daí o próprio Conselho não permite: “Eu tenho tal aparelho, então venha até mim”. Tem uns que falam até a marca do aparelho e é uma inversão.

Tem que falar que é um médico competente, tem atenção, cuidado e opera bem. Esses recursos são para te dar um melhor atendimento, mas não falar que esses aparelhos é que vão resolver a sua saúde.

ENTREVISTADA: BEATRIZ MARQUES DA COSTA PEREIRA
PRESIDENTE PRUDENTE

Repórter: Bianca Pereira e Sandra Prata

Sexta-feira, 29 de março, às 15h

Local: casa do Otávio

Endereço: Condomínio Quinta das Flores, Av. Fernando Del Porto Santos, 252

Telefone: 98142-0011

Você é a única neta médica, por que decidiu cursar medicina, teve influência?

Eu sempre imaginei que fosse fazer algo da saúde, sempre gostei algo da área de biológica e de saúde, dentre todas as profissões eu sempre admirei a medicina e claro que tem certa influência, meu avô sempre foi muito admirado na profissão, claro que tem. Vai fazer 12 anos que formei, na época do vestibular ele super apoiou, não tinha ninguém da família que tinha seguido a área, lógico todo mundo acaba apoiando a gente se for o que a gente quer. Mas além de ser algo que eu queria, com certeza uma influência admiração sempre teve. Fiz radiologia diagnóstico por imagem

Convivência na infância como era a rotina?

Por nossa família morar em Prudente, tio Mário morou muito tempo em Dourados, tio João também, tia Marina também, fomos os únicos que continuamos em Prudente, sempre moramos aqui, nunca mudamos, então acho que eu e minhas irmãs desde pequena tinha contato muito intenso com eles. As vezes meu avô e vó buscava a gente na escola, final de semana junto, todo domingo sempre almoço junto, quando estava todo mundo aqui, juntava todo mundo. Todo domingo era regra almoçar com ele, não existia não almoçar com ele. Quando os primos passavam férias aqui, íamos todos para lá, ficava lá, brincava, ela fazia doces, bolo. Lembro que ela ia com a gente numa vendinha comparar pãozinho, ia alugar filme na locadora, minhas primas vinham a gente mudava pra lá, época de natal fazíamos palitinhos de papai Noel. Ela gostava muito de fazer doce, ah, o bolo de chocolate da vó, era uma forma enorme e em cima tinha tanta calda que fazia um rio em volta, a gente comia brigadeiro de colher em volta, nunca você chegava na casa dela e não tinha nenhuma sobremesa na geladeira dela, já era tradição.

Como você comentou, vocês conviveram mais, e tinha algum tipo de ciúmes?

Não, acho que não. Nós os primos sempre nos demos muito bem, era tudo meio perto, do Marcelo para o João Gabriel era três ou quatro anos, Carol mesma idade, Mônica regula comigo, resto tudo perto. Quando eles estavam aqui a avó sempre arrumava alguma coisa para unir todo mundo jogos, etc.

História especial e marcante deles que você lembra de criança?

Lembro das páscoas, na casa dela, na frente tinha um jardim grande, ela escondia todos os ovos atrás das coisas e fazia uma pistinha no papel e dava para cada um. A gente ia procurar e ela ficava sentada falando "tá quente, tá frio" até achar o ovo, toda páscoa ela fazia isso [risos].

Sempre falam que eles eram exemplos de amor, era uma boa união, qual sua visão?

Eu acho que nunca vi eles brigando, a vó era muito muito carinhosa, o vó as vezes você achava que ele era bravo mas era coração mole. Ele era meio apressado e ficava apressando as vezes porque ela era muito enrolada, mas nunca vi nenhum desentendimento, tanto que eles se chamavam de amore mio, sempre muito unidos, tanto que quando começaram a namorar,

começaram por carta, muito tempo. Até porque a família deles eram eles mesmos, porque quando mudaram para cá eram eles mesmos, parente sempre longe, do rio, etc.

Já chegou a trabalhar em prudente? Já pensou em trabalhar aqui?

Formei em 2007 meu vô foi na formatura, eu tava na residência quando ele faleceu em 2010. Formei, mudei para SP fiquei um ano estudando para prestar residência e trabalhava lá, depois disso, nesse 1 ano fiquei fazendo estágio no hospital da mulher e até conversava bastante com ele porque ele era ginecologista, mas eu fazia a parte de radiologia. Daí eu vinha para cá e ele sempre guardava para mim os jornais da sociedade de medicina, do CRM, sempre. Se eu demorasse um pouquinho para vir ele falava “Ah Beatriz peraí, guardei umas coisinhas para você”, todo jornal que chegava ele ia guardando e você via que era com prazer, quando eu chegava ele ia no quarto dele buscar, alguns dobradinhos outros que ele lia e guardava, falava para eu dar uma lida. Ai depois desse 1 ano, entrei em estágio de radiologia em Sorocaba e comecei a trabalhar, na clínica que fiz o estágio eles me contrataram e estou lá desde 2009, mas acabou que nunca voltei porque conheci meu marido, casei, depois meu avô faleceu, claro que se tivesse ele seria mais fácil trabalhar por indicação e tudo, mas aí você se acomoda.

Sua mãe comentou que houve um episódio em que você atendeu uma paciente do seu avô, como foi isso?

Perto de Sorocaba tem uma cidade que chama Cerquilha, e eu trabalhava em uma clínica lá 2 vezes por semana, trabalhava lá há anos, eu parei de trabalhar depois que a Laura nasceu, ficar pegando estrada com nenê é duro. Daí chegou uma senhora lá, eu não lembro o que eu perguntei para ela, eram exames ginecológicos, aí perguntei se ela não tinha exames anteriores, aí ela disse que não porque era de muito longe e o médico a gente vai mudando porque depois que fica muito tempo com um só, a gente acostuma, depois de ter os filhos, os partos, a gente muda e não é mais a mesma coisa. As pessoas hoje estão diferentes, não tem mais aquele carinho e reconhecimento de antigamente. Aí ela falou que o médico de Prudente é como se fosse uma pessoa da família, aí eu falei “ah, o seu médico é de Prudente, eu também sou de lá” aí ela falou “nossa que coincidência”. Sair de lá, morando aqui agora e veio fazer exame com uma pessoa de Prudente. Aí eu perguntei quem era o médico dela, aí ela falou que eu não iria conhecer porque fazia muito tempo e ele já havia falecido, daí eu falei que conhecia bastante médicos por lá porque meu avô também era médico. Ai ela falou que ele era muito humano, melhor pessoa, Dr. Gabriel Costa Neto, ai eu falei olha então a senhora está na frente da neta dele, é uma honra ouvir tanto elogio sobre ele, é muita coincidência, aí ela falou “olha se ele estivesse vivo, eu levava seu exame para ele ver que você que fez” e você ganha o dia com isso, você fica muito feliz, é gratificante. Aí disse que iria voltar todo ano para fazer os exames de rotina comigo [risos].

Como é a sensação de ver que ele é tão reconhecido assim?

Com certeza é muito gratificante, a gente fica orgulhoso e fica pensando “será que um dia eu serei reconhecida desse jeito para alguém?”. E dar esse orgulho também.

O Gabriel tinha o costume de juntar os jornais para te entregar, mas, além disso, falavam muito da profissão?

Sim, sempre que eu vinha ele perguntava, porque na época do meu avô não tinha muito isso de radiologia, então ele tinha essa curiosidade de saber como era, perguntava se eu tava gostando, se eu iria voltar para Prudente se lá tinha bastante campo. Sempre perguntava, toda vez que vinha, eu ia para lá, ele vinha com os jornais e a gente ficava lá conversando sobre a profissão, ele contava algumas histórias, lembranças. Quando eu estava no quinto ou sexto ano ele me deu o melhor livro de ginecologia e obstetrícia que é a área dele, é um livro que chama Rezende, daí ele me entregou e perguntou se eu gostava? Aí falei que gostava, mas falei que achava que não era o que eu iria fazer, depois que eu formei, na minha formatura, ele veio uns dias antes da formatura e deu algumas coisas dele. Deu a maleta dele que ele ia para o consultório, me deu um porta termômetro de ouro e um instrumento para ouvir o bebê, isso eu nunca usei, mas o

termômetro eu usava até esses dias [risos], tenho o selo dele também. Ele tinha essa curiosidade para saber.

Algum conselho que sempre lembra dele e leva para a sua vida?

O que ele sempre falava é que sempre ser muito humano, tratar o paciente como uma pessoa da família da gente mesmo, ter atendimento humanizado, não algo frio que só quer saber o problema e pronto, mas transmitir afetividade para que ela tenha confiança e respeite seu trabalho, por isso, acho que as pessoas admiravam tanto ele.

Como foi a formatura ele esteve presente?

Ele foi na colação, baile, jantar. No álbum de formatura está ele em todos os dias.

Você já se cobrou muito profissionalmente para não decepcionar seu avô?

Com certeza, quando eu formei, por morar fora, a gente acha que não vai encontrar pessoas que conheçam ele e acha que não será reconhecida por ele. Agora se fosse aqui, teria mais esse reconhecimento, mas lógico que você se cobra porque tem um caráter, um nome a zelar, você tem que transparecer e seguir os passos da mesma forma, é da pessoa também.

Ele chegou a pedir para você fazer ginecologia?

Ele perguntou na época, eu falava que faria ou radiologia ou infectologia e ele disse que tínhamos que fazer o que gostamos, porque nada que é feito por obrigação é bem feito. Eu pensava que para fazer ginecologia eu teria que ter um tempo de vida melhor, porque querendo ou não é uma área que exige bastante, às vezes não tem fim de semana, é o que mais consome isso, você tem uma gestante que você acompanha 9 meses e aí o bebe dela vai nascer e você não vai? É até falta de respeito! E eu queria casar ter filho, como eu faria? E ele falou que era mesmo, ele falava que as vezes abdicou muito, quantas férias ele ia para o rio levar a vó e os filhos e tinha que voltar para fazer parto. Quando falei que faria radiologia ele disse que era uma bela área que apesar de ele não ter conhecimento, seria uma boa área no futuro e para eu ter mais tempo também. Mas quando ele faleceu eu estava na residência aí ele acabou não sabendo o final.

Nos últimos anos como era o convívio?

Eu vinha sempre que tinha feriado, eles vinham em casa, eu ia até lá, ele perguntava como tava tudo e era isso.

E como foi receber a notícia? Onde você estava no momento? Já esperava?

Foi triste, no final ele já estava doente e já estava sofrendo bastante e ele não aceitava muito sofrer assim, porque ele achava que estava dando trabalho e estava incomodando, ele não queria ficar daquele jeito. No final ele estava cansado, tinha dor, ele fazia diálise, noite toda ligado na máquina para o rim funcionar. Uma vez ele falou pra mim “você não acha um absurdo a eutanásia? ”, aí falei que sim, no nosso juramento na medicina, todo mundo acha, ele falou “eu também acho, mas pensando hoje em dia, eu queria ir embora” porque ele não aguentava mais, eu rezava para que se ele estivesse sofrendo muito, Deus levasse porque é complicado você ficar em uma situação dessa lúcido. Principalmente quando você tem conhecimento, porque ele ficava “Por que eu tô tomando isso? Porque essa dose disso?” Quando você é leigo você acha que o outro está fazendo o melhor para você, mas quando não é até ruim, às vezes ele queria até palpitar na conduta dos outros. Ele até falou para o Tosello, que se ele tivesse uma parada, era para deixar ele em paz, não reanimar e tudo. Eu recebia a notícia, sai da residência e fazia plantão em uma clínica de quarta e quinta fixo, eu sabia que ele tava doente e eu ligava todo dia pra perguntar, lembro que cheguei nesta clínica, coloquei jaleco, fiz visita nas pacientes aí meu pai ligou falando e por mais que você sabe que a pessoa vai, a hora que você sabe da notícia é outra coisa. Liguei para a enfermeira responsável, já arrumou um colega que foi me cobrir, aí a

Mônica veio de santos, passou em Sorocaba e viemos. O velório dele foi na Sociedade de Medicina e foi lá, foi um dia muito triste que marca.

Últimas lembranças que tem do Dr. Gabriel?

As últimas foram na casa dele mesmo, ele já estava fraco, pouco ele conversava, as vezes eu contava da residência para ele ficar animado, mas ele reclamava muito de saber e não poder fazer nada, não eram boas, mas guardamos mais as boas do que as tristes.

Algo que gostaria de ter dito para ele e não teve a oportunidade?

Queria que tivesse visto o final da trajetória, ele foi na formatura, mas não viu o final da residência, ver os lugares que trabalho que são locais bons reconhecidos e talvez mostrado mais da admiração que eu tinha por ele, porque sou muito tímida assim, então acho que nunca falei o quanto, lógico que ele sabia, mas poderia ter dito mais. Sou meio tímida, introspectiva.

Contribuições que dão mais orgulho do Dr. Costa Neto?

Primeiramente ele ser mineiro, foi pra SP depois veio parar no interior, fez a família dele, a vida dele, foi reconhecido pela cidade para ganhar título de cidadão prudentino, independente da medicina, mas principalmente por ser alguém de caráter honesto. Também por ter sido um dos fundadores da sociedade de medicina, o selo que é uma coisa que, quantas pessoas foram selo? E é algo que todo mundo da área fica sabendo, e quando fiquei grávida, procurei meu ginecologista lá, falei que era de Prudente e ele comentou que conhecia o Tosello, aí falei que meu avô era o Costa Neto e ele disse que sempre ouvia falar dele em congressos, e um dia até falei para ele que meu avô foi selo e ele disse que lembrava que foi uma edição especial, era o selo que vinha em todas as cartas da sociedade de medicina. Um dia ele até pediu para eu levar o selo para ele ver novamente, aí levei, é legal isso.

Falando sobre dona Marina, como era a convivência durante esse tempo todo?

Era uma mãe, se preocupava com tudo, levava para passear, fazia comida gostosa, era aquela pessoa que fazia comida, queria colocar a mesa para todos juntos, brincar junto, estar junto conversando, ir no mercado com ela, sempre junta unida, sempre foi de ligar todo dia querendo que fossemos todos os dias lá, o dia que a gente não ia ela ligava cobrando. E meu avô era engraçado porque as vezes a gente ligava lá para falar com a minha avó ele atendia e falava "A Marina casou e se mudou" [risos].

Últimas lembranças que teve com a dona Marina?

Vó Marina foi no meu casamento, mas depois que meu vô faleceu a vida dela deu um giro de 360 graus, e minha vó parece que foi um choque, meu vô ficou doente ela ficou um pouco confusa. E quando ele faleceu, no dia seguinte ela parecia não lembrar. Tanto que no dia do velório, ficamos "será que levamos ela ou não?", mas aí falei para tia Marina que tínhamos que levar, porque se algum dia ela voltasse a lembrar tudo, ela ficaria frustrada que não foi ver ele. Levamos, ela chegou lá do lado, ela olhou e falou assim "nossa, tadinho, tá dormindo gostoso né?". Parece que a memória dela apagou para ela não sofrer, porque ela era extremamente apegada com ela porque eu acredito nessas coisas que a pessoa morre de depressão depois que o outro vai, e eu acho que aconteceria isso, ela era muito apegada. Ela não entendia mais tudo tão nítido, mas ela ainda foi no meu casamento, as vezes ela lembrava quem eu era, às vezes não, conheceu minha filha, tem várias lembranças, mas não com a consciência ótima. Tanto o vô, quanto a vó, é uma coisa que a gente já esperava, porque eles já foram evoluindo doentinhos, minha avó internou, quando ela internou, a gente sabe no fundo, ela já tava com quase 98, tanto que todo dia eu pensava que ela não conseguiria passar do mês. Tanto que eu tava evitando pegar plantão de final de semana porque depois se acontecesse alguma coisa era horrível para trocar, aí um dia era 00h30 e tocou o telefone de casa, e nunca toca essa hora, aí quando tocou eu falei para o meu marido: é minha avó. Atendi e já arrumei a mala, aí já fui na hora.

Como foi quando chegou aqui no velório?

Meu vô, além de família, amigos, tudo, tinha muita gente da área dele também, foi muito lotado, muito cheio o da minha avó foi mais família, amigos mais próximos, mas é uma perda irreparável, eu não tenho mais avôs e avós e você vê que uma geração já foi.

ENTREVISTADO: JOÃO LUIZ CARNEIRO COSTA
PRESIDENTE PRUDENTE

Repórter: Bianca Pereira e Sandra Prata

Terça-feira, 12 de março, às 17h

LOCAL: Casa do irmão Otávio

ENDEREÇO: Condomínio Quinta das Flores, Av. Fernando Del Porto Santos, 252

TELEFONE: (67) 9983-0550/ (67) 3422-0550

Vamos começar falando da infância, como foi a infância?

Ele sempre apoiou o que cada filho quis fazer, ele nunca se intrometeu na vida dos filhos ele ajudou a gente a escolher a profissão, mas o que cada filho gostava de fazer. Eu e o Mário, meu irmão mais velho, naquele tempo não existia teste vocacional, nós fomos fazer no Rio de Janeiro, o meu deu engenharia mecânica 99% o do Mário deu área médica ou medicina ou veterinária, alguma coisa assim e nós partimos para isso, ele sempre apoiou a gente, ele sempre foi muito exigente nos estudos, ele nunca se intrometeu na vida da gente, mas sempre exigiu resultados bons, eu acho que isso nós todos demos para ele, bons resultados, todo mundo se formou e foi bem na escola, somos profissionais realizados, eu sou engenheiro mecânico, me formei em 1976 trabalhei na metalúrgica Dedini por 8 anos no terceiro ano eu fui convidado para montar a serraria, eu fiquei um ano em Santos, voltei para Piracicaba e para a metalúrgica Dedini e fiquei lá até 1984, em 84 papai falou que a gente estava grande no patrimônio da gente e que estava na hora dos filhos assumirem as fazendas e perguntou se eu queria vir para cá, aí eu abandonei a engenharia para virar peão.

Aí hoje...

Hoje a gente é só pecuarista e cuida do patrimônio que ele deixou para a gente, é mais ou menos isso, fui para a fazenda que era mais longe que era a Santa Marina e depois quando papai doou a fazenda para os filhos ele escolheu aquela lá para ser a minha, não partiu da gente, ele que escolheu cada uma para cada filho.

Sim, mas você acha que acabou indo para este meio por influência dele mesmo?

Isso estava no sangue de todos os filhos, nenhum era pecuarista, todos ficaram, eu acho que foi inventivo dele, quando a gente era criança tinha raiva de ir na fazenda, quando era final de semana era a hora de festar mas foi sempre uma exigência dele acompanhar o pai, enquanto isso todo mundo foi tendo uma paixão pela pecuária e tanto que pecuarista mesmo só o Mário e a Marina mesmo que fizeram profissão, os outros... o Otávio é administrador, eu sou engenheiro, mas no fundo todos vieram para a fazenda e hoje é a paixão da vida da gente.

E medicina nunca foi uma opção?

Não medicina nunca passou pela minha cabeça, nunca tive esse dom pela medicina, meu dom sempre foi ciências exatas e engenharia foi quando eu fiz o teste vocacional e eu parti para a engenharia mecânica com 99%, era o que eu gostava, eu entrei na faculdade, na época era fundação educacional de Bauru(SP) que hoje é Unesp, eu me formei lá em Bauru, me formei em dezembro, janeiro eu já estava trabalhando na Metalúrgica Dedini, fizemos entrevistas, da nossa turma vários foram para a metalúrgica Dedini. Eu entrei lá em controle de qualidade, depois fui para a engenharia de produção e depois fui chefe da divisão de planejamento central e esses foram meus 8 anos de metalúrgica Dedini. No terceiro nós fomos fazer, nós fabricamos a serraria dois da Cosipa e a Dedini me convidou para fazer a montagem em Santos, eu e os que projetaram que era a cavazaque, os japoneses da cavazaqui, morei um ano em Santos fazendo

montagem da serraria depois voltei para a metalúrgica Dedini, depois voltei para o planejamento fiquei mais uns anos como chefe de visão de planejamento central com a experiência que adquiri em Santos na montagem da serraria dois e na convivência dos japoneses que muito ensinaram a gente.

Certo, seu pai era médico, então ele tinha uma vida bem corrida e tal, mesmo assim nessa correria ele foi um pai presente?

Não tenho dúvida, nós fomos presentes na vida dele, ele não tinha tempo para almoçar, cada dia ia um filho levar uma comida para ele no consultório, a noite os filhos estavam lá para receber ele na hora do jantar quando ele vinha jantar, às vezes ele chegava mais tarde e a gente estava dormindo, nos fins de semana a gente estava sempre com ele no final de semana, era rigoroso, todas as festas que tinham na casa da famílias eles exigiam que a família estivesse junto, ele sempre foi muito família e era uma exigência dele, não tinha conversa, festa de família era festa de família inteira.

Sim, mas em que ano você assumiu a fazenda Santa Marina?

Em 1984, quando eu larguei a metalúrgica Dedini e deixei de ser engenheiro, aliás eu nunca deixei, deixei de ser engenheiro, deixei de trabalhar na engenharia.

Sim...

E você chegou a trabalhar diretamente com ele?

Nós cuidamos da fazenda dele, meu pai era muito presente lá no Mato Grosso do Sul, todo mês ele ia lá ver a gente e os filhos, e quando ele ia lá toda vez a gente ia visitar a fazenda de algum amigo, de algum conhecido da gente, é uma coisa que ela deixou para a gente isso, a gente ia visitar as fazendas e aprender o que a gente deveria copiar e o que a gente jamais devia fazer, a gente via tudo que era de bom e tudo o que não era de bom para nós na fazenda dos outros, a gente fazia isso todo mês, era sagrado, todas as vezes que ele ia para lá ele falava: “vamos andar à toa”. E andar à toa era o contrário era adquirir conhecimento.

Você morou aqui até quantos anos?

Morei em Prudente até ir para o segundo... Na minha época era o primeiro ano científico, eu fiz o primeiro aqui e o segundo eu fui fazer em Campinas (SP).

Já seria o ginásio?

Não, seria o científico, hoje eu não sei o que é colegial, é no meu tempo ia até o terceiro científico, eu fiz em Campinas(SP) porque o estudo daqui era fraco e a gente queria, papai queria dar um estudo melhor para nós, então fui morar na casa de uma tia minha em Campinas estudei no Colégio de Aplicação Pio XII, da que era um colégio de aplicação da PUC, fiz naquele tempo já era período integral, de manhã e de tarde era um colégio muito puxado tanto que nós entramos na faculdade sem fazer cursinho, naquela época não tinha, o colégio já era puxado para isso, prestei engenharia no 1ºano eu já entrei, entrei no que eu queria que era engenharia mecânica [celular toca], desculpa esqueci de desligar, Marisa [chama a esposa] [Fala ao telefone]. Desculpe viu, eu esqueci de desligar.

Imagina! Aí nessa época que o senhor morou em Prudente, quais suas principais lembranças da casa dos seus pais?

Prudente, nós sempre estudamos nos melhores colégios que eram na época aqui, que na época era o Tannel Abbud, papai sempre foi muito exigente no estudo com a gente e graças a Deus nós somos o que somos hoje por causa da exigência dele.

E na questão da lembrança da família mesmo, o convívio com os irmãos como era?

A gente fazia bastante bagunça junto, sempre vivemos juntos, sempre os três irmãos, a Marininha é temporana, veio depois, mas quem conviveu mais foi eu, o Otávio e o Mário, que vivemos a infância juntos.

E até em algumas outras entrevistas, até o senhor Mário comentou, que às vezes o pai de vocês era um pouco rígido, o senhor acha...

Sempre foi muito rígido com a educação da gente, muito rígido, bastante, bastante exigente, mas sabia reconhecer que a gente fazia certo.

Outra coisa que o pessoal comentou era da relação do Gabriel e da Marina, que era símbolo de amor mesmo.

Nossa Senhora, impressionante até os dois morrer, [silêncio] não tenho dúvida, um vivia para o outro.

Certo, e como que foi quando você saiu da casa dos seus pais? Quantos anos você tinha?

Eu tinha 17 anos quando fui fazer o 2º científico em Campinas, mas fui para a casa da minha família, fui para a minha tia em Campinas, lá o ensino era muito puxado eu tive que batalhar muito e dei o duro para conseguir me formar lá, mas o papai estava sempre presente, a gente sempre conversava por telefone e estava sempre, sempre conversando com a gente, sempre dando apoio, a gente vinha pelo menos uma vez por mês vinha a Prudente ver ele, eu morei dois anos em Campinas.

Certo! E em que ano você se casou?

Eu me casei em... [fala alto] Foi em 78 Marisa que nós casamos? 78, nós vamos fazer 41 anos de casados esse ano.

Isso, quando você casou você já tinha saído da casa dos seus pais?

Eu tava fora do meu pai desde que eu saí para estudar.

Desde que você saiu você nunca mais...

Desde os 17 anos eu nunca mais voltei a morar com eles.

Certo, e qual você acha que foi o maior orgulho dele? De algo que ele fez na medicina e na pecuária?

O maior orgulho dele era opinião que os outros tinham dele, ele era uma pessoa super bem vista, super bem relacionada, todo mundo adorava ele, ele tinha paixão pela medicina e ele falava que para estudar medicina tinha que ter paixão, porque você tinha que abandonar tua vida, ele passou a vida inteira estudando naquele tempo a medicina era isso, hoje existem vários cursos, várias coisas, naquele tempo não tinha, o meu pai para se atualizar na medicina, de tanto em tantos anos ele ia em um congresso, hoje você liga a televisão tem curso todo dia, tem atualização diária, no tempo dele, ele tinha que batalhar, lia muito, estudava muito, todo dia a noite ele lia.

E o senhor Otávio acabou comentando que nos últimos momentos dele quando ele estava no hospital ele quis falar né com todos os filhos e aí quando o senhor foi lá, como foi essa conversa?

Com todos os filhos ele quis, conversou muito, todas as vezes que eu chegava, no último ano que ele ficou em casa foi um pedido dele, que cada filho cuidasse dele, cada filho ficava uma semana com ele, porque a gente combinou com ele, no dia que ele decidiu ser operado e eu que

tava junto e eu e o Doutor Tozelo falamos: “Pai se o senhor não operar o senhor vai morrer você está com a cabeça boa, está ciente disso, o senhor quer operar?”. Ele disse: “Opero com uma condição que meus filhos cuidem de mim”. Aí nós conversamos com ele, dialogamos que a gente não poderia abandonar a vida para ficar aqui, mas se ele aceitaria cada filho ficar uma semana, ele concordou e nós fizemos isso por um ano até ele morrer, todo mês a gente estava aqui para ficar uma semana com ele, jamais falhamos uma semana.

E qual foi a última lembrança que o senhor tem...

A vida dele quando a gente estava aqui era sentar e ficar conversando, na semana que eu estava aqui, quantas vezes ele mandou enfermeiro me chamar no meu quarto, eu dormia no quarto do lado do quarto que ele fazia diálise, duas horas da manhã, três horas da manhã, ele me chamava: “João, vamos conversar?”. Eu dizia: “Vamos!”. Eu sentava, ele deitado conversava, batia papo, ele queria saber da fazenda, do curral, ele tinha paixão pelo gado, ele gostava muito do Tabapuã e do Caracu, Caracu só eu e ele tínhamos raça Caracu e ele sempre queria saber o que nasceu, ele dizia: “Deixa eu ver as fotos, deixa eu ver como é que tá!”. A paixão dele era a medicina e a pecuária.

E da sua mãe, qual a última lembrança?

Ela morreu na minha mão, eu estava aqui no hospital com ela graças a Deus no último dia ela olhou para mim e sorriu, [choro] sabia que estava indo e ficamos muito tempo com ela, todo mês a gente ficava uma semana com ela aqui, a gente se dedicava a ela e ela a gente, a gente era muito chegado, muito, muito, muito...

E aí pensando na Dona Marina né, tem alguma coisa que o senhor gostaria de dizer para ela se fosse hoje?

Para os dois, a falta que eles fazem [emocionado] só a gente sabe [choro] meu pai era o conselheiro da gente ele faz falta até hoje, muita. [choro]

E todas as pessoas que a gente tem entrevistado a gente tem ouvido que eles eram um casal...

Excepcional, nunca vi os dois discutirem na vida, um vivia para o outro, a vida inteira a gente conversava com ele em qualquer dificuldade, ele conversava, dialogava, ele ensinava, ele ajudava, a vida inteira eles fizeram isso com a gente com todos os filhos, comigo principalmente conversava, muito, muito, muito, eu falo principalmente porque a gente praticamente criava a mesma coisa, eu e ele, o mesmo gado, eu fiquei com a fazenda que era da minha mãe e ele de vez em quando ia lá também.

E conforme o senhor foi criando sua família, ganhou filhos, como que foi sendo essa convivência dos netos com o Doutor Gabriel?

Ele sempre, os meus filhos sempre se deram muito bem com eles, tanto que meu filho chama João Gabriel, Gabriel foi em homenagem a ele, foi uma ideia da minha esposa, mas uma alegria para ele.

E aí, como que era os natais em família? Quais as lembranças que o senhor tem?

Todos juntos! Ele fazia questão, festa é família e família pode brigar lá fora, aqui dentro todo mundo se entende, sempre foi muito exigente com a família, eu fico muito emocionado [choro].

E você acha que ele realizou todos os sonhos dele?

Não tenho dúvida, ele fez tudo o que ele queria, formou os filhos, deu educação para todos eles, foi um bom médico, foi muito homenageado, viu que todo mundo gostava dele, e essas duas homenagens que ele recebeu em vida da Santa Casa e da Sociedade de Medicina nossa...

E sua mãe?

Minha mãe também, minha mãe a vida inteira viveu para ele e ela começou a sofrer no último ano quando ele começou a diálise, que eles não podiam mais dormir juntos, foi quando separou os dois de quarto, depois de sei lá quantos anos, aí a cabeça dela ficou ruim.

Chegamos a conversar com a dona América e ela comentou que o maior sonho dele na medicina era ser aquele médico que não tempo ruim faz...

Para o meu pai não tinha dia e não tinha hora, cansou de fazer parto em casa quando chegou em Prudente, na casa quando não tinha recurso, não tinha dia e não tinha hora qualquer pessoa que ligava ele largava tudo e ia atender, sempre foi dedicado a medicina sempre 100% dedicado, daqueles médicos apaixonados pela medicina.

E como que foi para você crescer em um lugar onde todo mundo conhecia seu pai?

Até hoje, eu ando na rua: "Oi, oi". E eu não sei quem é, mas eles sabem que é o filho do Doutor Costa Neto, o nome dele sempre abre caminhos para a gente.

Para você, dá um certo orgulho?

Nossa senhora, hoje nós fomos no médico estava lotado o CTO de radiologia deixaram todo mundo para traz e atenderam a Alice. É o QI, sou filho do Doutor Costa Neto, é muito bacana ter esse retorno, uma homenagem que fazem para ele o tempo todo. [emocionado]

E de todos os momentos que você já viveu com ele, qual foi o mais marcante?

O mais marcante? É difícil foram tantos, não sei, acho que o mais marcante foi quando ele ficou doente e foi internado porque a vida parou para ele, aí era ele e os filhos, o resto acabou, os filhos e os amigos mais chegado.

E se você pudesse falar alguma coisa para ele hoje:

Que falta que ele faz, ele e minha mãe [emocionado]

E como que foi para o senhor receber a notícia que ele tinha falecido?

Foi um choque para a gente, mas a gente estava esperando ele estava na UTI, no último dia antes dele ir para a UTI, ele conversou bastante comigo e com meu irmão mais velho, pediu para a gente cuidar da minha mãe igual cuidou dele, e foi para a UTI pedindo para não ir, ele não queira ir, ele queria morrer no quarto mas os médicos não deixaram, ele estava sofrendo.

Vamos falar sobre o Topázio.

Era a paixão dele.

Como que foi?

Foi um cavalo que ele comprou por amor, é nós fomos comprar com ele lá em Minas, ele trouxe era pequenininho e foi crescendo, crescendo, crescendo e virou um campeão nacional, ele acompanhou ele até o fim, foi a paixão da família inteira.

O topázio ele...

Um cavalo nosso, morreu, ele não aguentava mais de idade.

Dr. Gabriel ainda estava vivo?

Estava vivo, ele estava sofrendo aí sacrificamos ele.

E as exposições que ele fazia...

Todo mundo gostava dele, das coisas que ele fazia, ele era um cara dedicado demais a isso, ele que fundou a Sociedade Rural aqui em Prudente, ele foi presidente do Sindicato e quando ele foi presidente fundou a Sociedade Rural Brasileira do Sudoeste, não lembro muito bem, ele foi um dos fundadores, foi da cabeça dele isso.

E os defeitos. Quais eram os defeitos assim do seu pai, da sua mãe?

É difícil falar de defeito, acho que o defeito era ele se dedicar muito a tudo.

Às vezes até demais, né?

Demais tudo o que ele fazia, ele se dedicava e se esquecia do Doeste

Algumas características mais marcantes dele e da sua mãe?

Do meu pai, era a dedicação que ele tinha a tudo que ele se apegava, da minha mãe era a paixão que tinha por ele, pelos filhos e pelos netos, ela deu a vida pelos filhos e depois pelos netos, ela largava tudo para cuidar dos netos e dos filhos, ela fez isso a vida inteira.

E os hábitos deles, quais eram?

A minha mãe era comer chocolate, a gente chegava de viagem no quarto de cada um já tinha o chocolate que cada um gostava, q vida inteira ela fez isso.

E sua mãe sempre apoiou seu pai na carreira de medicina e de ...

Sempre, sempre, sempre, em tudo que ele precisou tanto na carreira, quanto a pecuária, era igual a minha esposa e meu pai nunca foi para a fazenda sozinho sem ela, e eu também não, nunca fui sozinho sem minha esposa, eu, meu pai tivemos duas coisas que ninguém tem, uma mulher apaixonada por fazenda, normalmente mulher não gosta, pode escrever isso, mulher detesta, só quer ir dar uma passeadinha e volta, eu e meu pai tivemos uma alegria de ter uma esposas que adoram fazendas, minha mãe nunca reclamou de ir, nunca reclamou de ficar lá e sempre gostou, as vezes ela pedia para ele, como minha esposa também, é uma coisa rara que só nós dois tivemos, eu e ele.

E como que era o convívio com os irmãos?

Bom, uma brincadeira eu e o Mário estudamos juntos do primeiro ginásio até o último juntos, até a faculdade juntos na mesma sala, porque no tempo dele tinha um ano de admissão e no meu tempo não tinha mais, você ia do quarto ano para o ginásio, então nem ele passou por cima, foi uma época que mudou a educação e cortou um ano da educação, então começamos a estudar junto sempre sentamos na mesma classe, uma cadeira atrás da outra, nós passamos a vida junto eu e o Mário.

E o senhor Otávio é um pouco mais novo.

É outra educação, estudou em outro colégio foi tudo diferente, ele, a Marina, era outra geração, eu e o Mário ele sempre foi mais rígido pode ter certeza.

Qual que foi a herança moral do seu pai que ficou para você?

Meu pai tinha uma coisa que isso ele não admitia, ele não suportava mentira de ninguém, a pessoa mentia acabou para ele né e eu também tenho isso, foi um dom que eu peguei dele a honestidade das pessoas com a gente.

E da dona Marina?

A era a alegria dela de viver a vida inteira, de sempre se dedicar aos outros, isso, a vida inteira ela foi assim.

E porque você acredita que nenhum dos filhos seguiu a carreira da medicina?

Porque eu acho que profissão tem que ter o dom mesmo, nenhum teve o dom de querer a medicina e meu pai nunca se importou com isso ele gostaria de ter filho médico mas nunca se meteu na vida dos filhos, quando quis fazer medicina ele começou a levar meu irmão para assistir operação para ele ver como é que era e ele desistiu ele disse: “Não é isso que eu quero para minha vida não”. Não sei se ele falou isso para vocês, então ele desistiu e o meu pai nunca se importou com isso, meus filhos quiseram fazer medicina e desistiram os dois, minha filha é publicitária e meu filho mexe com computação, com informática.

E como que a família ficou depois da morte do seu pai?

Abalada e sentindo falta do que mais faz, falar para a gente, um conselheiro, um amigo, sempre foi tudo o que a gente precisava, ele era o conselheiro nosso conversava muito com a gente, sentava e batia papo igual dois amigos

E pensando nisso qual foi o conselho que o senhor recebeu que leva para a vida?

A honestidade sempre, ele era exigente, a honestidade e a verdade, jamais contar uma mentira ele não admitia isso.

E sobre as coisas que ele fez aqui na região, aqui em Presidente Prudente tudo...

Se dedicou a vida por quem ajudou ele, quem ajudou ele foi a cidade, tudo que ele fez e construiu ele fez aqui, ele queria deixar alguma coisa em Prudente, aqui para ajudar, para agradecer o que a cidade fez por ele, tanto que ele construiu um prédio, vocês sabem né? Aquele prédio lá onde era o consultório e depois acabamos vendendo, mas ele queria, sempre quis deixar alguma coisa para a cidade, tudo que ele recebeu e reservou da vida ele se dedicou aqui, tanto que a exposição, os animais, tudo ele se dedicava a cidade.

Inclusive foi ele né, foi um dos precursores para a construção do recinto da exposição.

Tudo, tudo, a vida dele era se dedicar a quem fez alguma coisa por ele, quem fez alguma coisa por ele foi a cidade, ele teve um monte de oportunidade de não ficar aqui, ele estudou em São Paulo, trabalhou um ano no Rio de Janeiro, teve bons empregos e no fim quis vir para cá, perto da família dele que era o pai, a mãe, os irmãos, todo mundo morava aqui.

E você acredita que o fato dele ser muito rígido com a educação foi influência da família dele, porque que ele tinha essa vontade...

Meu pai quase não estudou e não tinha dinheiro para estudar, ele trabalhava para pagar a faculdade de medicina, o pai dele não tinha recursos e por isso ele se dedicou a vida, ele trabalhava para pagar a educação dele, ele foi o primeiro aluno da turma dele, vocês sabem disso né? Ele ganhou um prêmio por isso, isso é o resultado que ele quis passar para os filhos, se dedique que você vai ser alguém na vida, eu acho que é isso que a gente é hoje, é o que ele ensinou para a gente.

E como que ele conciliava tudo isso, a medicina a pecuária e família?

Ele separava, na hora da medicina, era medicina, na hora da pecuária, era a pecuária, na hora da família, era a família. Com a família ele estava sempre junto, principalmente na pecuária ele queria todo mundo unido, tanto que quando ele deu a fazenda para a gente foi uma retribuição pelo o que os filhos viraram né.

E ele tinha alguma fazenda preferida?

Todas as fazendas eram preferidas, primeiro era a São Sebastião e depois a Mata Sede que é do Mário, hoje era a preferida, mas ele gostava de todas, mas não tenho dúvida que ele tinha as preferências.

Era isso mesmo seu João.

ENTREVISTADO: OTÁVIO LUIZ CARNEIRO COSTA
PRESIDENTE PRUDENTE

Repórter: Bianca Pereira e Sandra Prata

Terça-feira, 12 de março, às 15h30

Local: Casa do Otávio

Endereço: Condomínio Quinta das Flores, Av. Fernando Del Porto Santos, 252

Telefone: 39083319 / 6799734221

Para começar, vamos falar um pouco da infância de vocês, como era a convivência?

A infância era boa, íamos bastante para fazenda final de semana, estrada de terra, atolava o carro. Lá andávamos de cavalo, era divertido. Sempre tinha almoço de domingo em família na casa da minha mãe, ela gostava muito de cozinhar, vinha os parentes de fora nos reuníamos. Ele quase não passeava, só trabalhava, foi um dos médicos que mais fez partos em Prudente, saía cedo, depois ia para o consultório ficava até de noite. Fazenda era só de final de semana. Mas mesmo assim, sempre foi um pai presente. A gente se dava bem, viajávamos juntos, depois tinha uma fazenda no pontal que eu tomava conta, e no Mato Grosso é uma fazenda que dividiu em quatro e somos um do lado do outro até hoje.

E você já pensou em fazer medicina?

Não, eu nunca. Ele nunca falou para os filhos fazer, cada um fez o que quis. O Mário até tentou, mas depois mudou de ramo. De todos os netos, a única médica é a Beatriz o resto ninguém foi médico.

E como era a época que você trabalhava para o seu pai na fazenda?

Ele era rígido, gostava das coisas perfeitas, honestidade, eu trabalhei bastante tempo do lado dele. Na fazenda de Teodoro, eu toquei lavoura, gado, fui o filho que mais ficou com ele, meus irmãos foram tudo para o Mato Grosso e eu fiquei aqui.

Quando casou se casou, como ficou sendo a convivência?

Ele vinha visitar a gente todo dia, a gente ia lá de domingo também.

Falando do lado profissional, qual foi o maior orgulho dele na medicina?

Ele era ginecologista, ele ficou muito emocionado quando fez parto de trigêmeos, era uma família um pouco pobre, ele ajudou. Na fazenda tinha filas de colonos que ele consultava e num quartinho tinha medicamentos para esse pessoal, fez muito parto nessa fazenda do Mato Grosso também. Uma vez fui com ele na casa de uma colona, ajudei a fazer um parto, no outro dia voltei lá com ele, ela já estava capinando o milho do quintal [risos].

Gabriel em uma palavra...

Amor pela profissão e honestidade, o que ele sempre pregou é ser honesto e trabalhar, ter amor a profissão nossa.

Última lembrança...

Eu tava na fazenda do Mato Grosso, minha esposa ligou que ele estava ruim na UTI e queria falar comigo, então fui correndo no lamada, na porta da UTI, a mulher perguntou se eu era o filho dele, ai entrei, ele falou que ia morrer, ai falei que não, ai ele disse que queria me dar umas ordens, cuidar da minha mãe, não deixar faltar nada pra ela, dar conforto. Falei que ele ia ficar bom, vim tomar banho, mais tarde o Tosello ligou dizendo que ele morreu.

Como foi essa sensação dele ter esperado só você chegar?

Eu fiquei comovido, de esperar para conversar comigo, só faltava eu. Falou como gostaria que seguisse as coisas tudo. Ele comeu um pouco, deu uma cochiladinha e umas horas depois faleceu. Eu acho que ele conquistou todos os sonhos dele, ele tava na cadeira de rodas um tempo antes, ele falava que queria morrer, que fez tudo o que queria e se fosse para viver na cadeira de roda ele preferia morrer.

Ele era muito conhecido também né, como era para você isso?

Todo mundo conhecia ele como Costa Neto, ele tinha um tio chamado Gabriel Costa. É bom, até hoje a gente vai nos lugares é é reconhecido como filho do Costa Neto, ele foi presidente da sociedade rural, fundador da sociedade de medicina.

Maior feito dele na pecuária?

Ele adorava os cavalos manga larga, tabapuã e o caracu, ele adorava, levava nas exposições. Manga larga teve um cavalo que em 69 foi campeão nacional da raça em Curitiba, teve alguns prêmios aqui em Prudente, então acho que ele foi realizado.

(Palmira responde): Você contava para mim que quando você era pequeno, sua mãe mandava você levar marmita no consultório porque o Gabriel não ia nem almoçar, (Otávio responde): eu pegava a bicicleta levava comida pra ele, sempre tinha galinha, porquinho lá para levar para casa, cliente que não podia pagar, dava uma galinha, algo do tipo, ele consultava de graça. Até hoje chega um amigo e fala esses filho meu tudo nasceu nas mãos do teu pai.

Se pudesse dizer algo para ele hoje:

Ele ta fazendo muita falta, mas agradeço o ensinamento que ele deu, sente falta né porque é o pai que encaminha, da as diretrizes pra gente.

De todos os momentos, qual mais marcante?

Quando minha filha nasceu, Marina, ela ia chamar Fernanda, ele perguntou que nome ia ser, falei, ele disse porque não Marina? hoje é dia de Santa Marina. Ai eu falei: mas pai, já tem a mãe que chama Marina, a irmã também, ai ele: e agora tem a neta que chama Marina [risos] e ficou. Gostava do nome Marina.

Ocasão que ele comprou o topázio, como foi?

Fomos em Minas, Curvelo, fazenda do Antônio Pitangui, criava cavalo Mangalarga, fomos com um tio do RJ que era casado com irmã da minha mãe. Compramos potrinho, éguas, jumentos, o topázio e trouxemos para cá. Todos os cavalos dele, ele tinha um caderninho com nome de pedras preciosas, tinha diamante, safira, esmeralda, tudo ele colocava nome de pedra preciosas. O cavalo preferido dele era o topázio, o topázio morreu aqui no haras em Martinópolis, ele já tinha 22 anos, a gente brincava que naquela época os slide de foto era 10 mil, 5 mil do topázio, 5 mil da Marina e uns 2 só nosso.

Tinha ciúmes pela Marina ser mais nova e a única menina?

Não, a gente brincava com ela, carregava ela no colo, não tinha não. Ele tirava mais foto do topázio e da Marina, a gente brincava com isso. Ele participou em várias exposições, ganhou vários prêmios, logo no começo ele levou o topázio em Curitiba (PR), ele ganhou na raça, na marcha, prêmio nacional da raça Mangalarga.

Principais gritos como diretor do cremesp e do sindicato rural?

Quando ele tava no sindicato, ele que conseguiu fazer a arquibancada, recinto de exposições, fez uma exposição com o presidente do Paraguai e o do Brasil aqui em Prudente. Prudente ficou famosa por trazer um presidente de outro país.

O que dá mais orgulho?

Na medicina, todo mundo gostava dele, além de ser profissional bom, era dedicado, às vezes as pessoas iam pedir conselho, nem sempre consultar, às vezes eram dicas, conversar, ele sempre recebeu muito bem as pessoas. Sempre tocou as fazendas muito bem, comprou os cavalos, administrou tudo bem.

Como foi quando ele decidiu fazer medicina?

O bisavô dele era fazendeiro, perdeu tudo com jogo, o pai dele era muito pobre, aí quando ele foi estudar pra medicina, ele tinha uma tia, tia Lulu em São Paulo. Ele ficou morando lá, na época ele não tinha dinheiro pra bonde, ele ia nos bonde fugindo dos cobradores até chegar na faculdade; livros ele comprava de segunda mão, e ele começou a lavar prato em um restaurante para ganhar dinheiro para comprar os livros. Ele se formou em primeiro lugar da escola paulista de medicina, ganhou prêmio de melhor aluno, aí ele se formou, conheceu minha mãe, foi pro Rio de Janeiro fazer residência. No casamento de um dos primos conheceu minha mãe, fez residência lá, e tinha um professor dele lá e falou que ele operava muito bem. Falou pra ele vir pro interior aí ele pegou, meu vô já morava aqui em Prudente, tinha um tio dele que fazia parto aqui também, aí ele veio. Começou a trabalhar em Regente Feijó, nove meses, aí que ele começou em Prudente. Conheceu o Dr. Odilo, começou a trabalhar com ele, muito tempo, depois foi crescendo e comprou umas ações do hospital São Luiz, chegou a ser dono de 90% do hospital São Luís, ninguém vai ser médico, aí ele vendeu o hospital e comprou fazenda.

1º consultório...

Primeiro consultório dele foi na Dr. Gurgel, ali era a casa da minha vó, ele ficou muitos anos. Ali era a casa da minha avó, meu avô morreu, minha avó ficou morando atrás com uma tia minha, ele fez o consultório na frente. Para ajudar ela, montou ali. Depois que minha avó morreu, ele comprou a parte das irmãs e construiu um prédio de 5 andares, aí ele ia parar com o consultório, aí trocou por uma fazenda lá no MT.

(Palmira responde): Tosello quando veio trabalhar como médico, ele veio trabalhando com meu sogro. Tudo meu sogro foi passando para ele, clientes, ele se fez junto com meu sogro, é difícil você chegar num lugar e não ter ninguém, e ele tinha meu sogro, apesar dele ser um excelente médico.

Casamento deles, as pessoas falam que era símbolo de amor?

(Palmira responde): Onde um tava, o outro tava. Sempre viveram uma vida, um dedicado para o outro e dedicado para os filhos e netos, tinham muito apego com os netos.

Lembrança?

(Palmira e Otávio respondem): Os almoços de domingo, aniversários, casa sempre cheia, muitas sobremesas, íamos muito para as fazendas do Mato Grosso, meu pai ia nas fazendas, fiscaliza toda a fazenda, ele andava, olhava e chamava atenção se não estivesse certo. O que mais sinto falta é dessas coisas, ele andava com a gente, sempre aprendendo com ele.

(Palmira responde): apesar da idade, ele era um porto seguro de todos.

Grande paixão dele...

(Palmira responde): O que ele ganhou na medicina aplicou em fazenda, mas primeiro lugar era medicina. Ele investiu nisso, na agropecuária, onde ele colocou todos os filhos, era uma pessoa visionária, ele vivia do trabalho, fez algumas viagens, mas em primeiro lugar tinha a profissão em segundo lugar a pecuária. Ele tinha o problema da diabete, mas gostava de comer muito bem, teve uma vez que ele estava internado na semana santa, um dia ele mandou me chamar, aí ele falou que queria comer bacalhau sexta, aí eu até brinquei falei que ia entrar com o bacalhau escondido no hospital [risos] aí ele teve alta e já foi comer o bacalhau.

Filha, única médica...

(Palmira responde): Ela vai chegar, ela vai lembrar alguns fatos. Outro dia ela comentou comigo, que ela fez residência em Sorocaba, e ela vai em uma cidadezinha perto, ela trabalha em uma clínica de radiologia, ela falou que atendeu uma senhora mais de idade, mas ela chegou muito triste e falou que estava muito triste porque era de Prudente e que tinha uma neta que o noivo tinha falecido naquela semana ai a Beatriz falou que também era de Prudente. Ai ela disse que o médico dela é de lá, melhor médico, ai a Beatriz falou que era neta dele, ai a senhora ficou doida. A mulher só faltou chorar. Ele foi na formatura dela, ele ficou muito feliz, ela decidiu radiologia, ele levou ela em alguns colegas radiologista para conversar.

ENTREVISTADA: GABRIELA ZOCCOLARO COSTA BERTOCCO
PRESIDENTE PRUDENTE

Repórter: Bianca Pereira e Sandra Prata.
Quarta-feira, 13 de março às 14h.

LOCAL: Casa da Gabriela

ENDEREÇO: Rua Moacir Bezerra dos Anjos, 14 - Damha 1

TELEFONE: (18) 99660-2909.

Quando você e seus irmãos eram pequenos, você não eram de Prudente, né? Como era convivência com os seus avós? Vocês os visitavam com frequência? Como funcionava?

A gente morava em Dourados, mas eu e a Carol nascemos em Prudente, mudamos para lá um mês depois. Mas todas as férias estávamos nos meus avós aqui em Prudente. Eles sempre foram nosso exemplo de carinho, amor de tudo, então a gente sempre tava passando por aqui, todas as férias. Esse foi nosso contato, mas era muito próximo mesmo tanto que temos uma referência muito grande deles, até vir morar em Prudente, mas na infância era isso. Minha madrinha trazia eu e a Carol para a passar as férias na casa deles.

E quais são as principais lembranças dessa época? O senhor Otávio comentou que a dona Marina gostava muito de cozinhar, fazia muitos doces, como era? Quais as lembranças?

Ahh, a minha vó era uma pessoa que fazia tudo pela gente. Eu lembro só de coisa boa porque ela era maravilhosa, ela gostava muito de fazer bolo, casa sempre com muita comida, queria que todo mundo estivesse sempre comendo, feliz. Era carioca, sempre feliz, gostava muito de dançar, já meu vô era bastante firme, mas com a família era muito carinhoso, sempre foi um patriarca, todo mundo com respeito e admiração com o dever de ser o melhor para ele ficar feliz. Iamos para fazenda com ele, quando meus pais eram casados, meus avós viajavam com a gente também. O casamento deles foi assim, meu vô era muito forte, trabalhava demais e minha avó era aquela esposa que cuidava da família, dos filhos, dos netos, dava suporte para todo mundo, era muito carinhosa, muito feliz, alegre, nunca vi ela de mal com a vida. Minha avó era meu docinho, eu e ela tínhamos uma ligação muito forte, até mais que com o meu avô.

Por que você acredita que desenvolveram essa ligação, você e a dona Marina?

Porque ela era assim, a minha vó, a vida dela foi dar presente para os outros, fazer comida, ela gostava demais de receber gente em casa, era muito amorosa, carinhosa com os netos. Antes de entrar na faculdade eu morava com Carol e Marcelo e sempre estávamos na casa dos meus avós. Ai depois comecei faculdade em Uberaba e voltei, quando voltei, eu ficava muito com ela, eu levava ela nos lugares, então ficávamos muito juntas. Trocávamos cartões, o que ela podia fazer para agradar fazia.

E como foi quando você mudou para Prudente? a Carol e o Marcelo já estavam por aqui?

O Marcelo veio primeiro fazer faculdade de veterinária, veio morar com meus avós. Mas meu avô ficava muito bravo, porque o Marcelo tava naquela fase de entrar na faculdade, amigos chamando toda hora, gente ligando, e meu avô era muito rígido. A minha avó permitia tudo, chamava os amigos dele, fazia lanche pra todo mundo, mas meu avô ficava bravo ele chegava de madrugada ele ficava bravo, então ele não tolerou muito. Ai a Carol veio fazer colegial, meus pais mudaram pra fazenda, e eu vim fazer cursinho para vestibular, ai mudamos para uma apartamento na Dr. Gurgel, pertinho dos meus avós, almoçávamos todos os dias lá.

E depois, quando você começou a construir sua família, como ficou sendo essa convivência?

Então, depois quando eu voltei da faculdade de Uberaba, morei aqui por 1 ano e meio, era muito próxima, estava sempre lá, saía muito com minha avó. A lembrança sempre foi muito positiva, nunca tive nenhum conflito com eles. Depois de um tempo, fui morar fora, trabalhar. Trabalhei em vários lugares, depois voltei, tava trabalhando muito como zootecnista e não tava tendo um retorno então, não lembro a data, vim estudar para concurso público, eu morava perto da casa deles, almoçava lá todos os dias, cuidei demais deles até o dia dele morrer. Foi eu que escolhi o terno que ele colocou no caixão, tudo que ele passou, sentava com eles, batia altos papos, ele gostava muito de poesia, o que eu podia fazer por eles eu fazia. Minha avó, quando começou a ter dificuldades eu que dava banho nela, estava sempre ali, eu parava de estudar e dava uma passada por lá. Depois que ele morreu também, mas a consciência da minha vó foi desligando e eu fui me afastando um pouco porque me fazia um pouco mal no final.

Entendo, e antes disso, quando Dr Gabriel ainda era vivo, nos últimos meses, você percebeu alguma mudança na personalidade dele?

Ele sempre foi um homem que sempre buscou objetivos na vida para viver, quando ele vendeu a fazenda, comprou o haras, a então agora vou criar burro, ele ficava sonhando com as coisas, ele buscava coisas para a vida não perder o sentido, procurava objetivos para continuar mesmo quando a vida já tava mais difícil, quando tava velhinho, cadeira de rodas. No final, últimos 2 meses, ele queria morrer, falou que não tinha mais porque estar ali, ele começou a ficar bravo de estar vivo. Ele sabia, como médico, que não tinha volta, está com quase 90 anos, sempre magrinho, debilitado, comia passava mal, 20h ia para diálise, ele não via mais sentido, a maior preocupação dele era a gente cuidar dela "não abandona a Marina, cuida dela", ele se preocupava demais.

É o que todos que entrevistamos falam, que era uma grande preocupação dele, mas qual a sua visão do amor dos dois?

[emocionada] era lindo, ela sempre foi muito boazinha e carinhosa e ele ficava bravo mas sempre estava cuidando dela, preocupado com ela o tempo todo, ela era pessoa mais doce que já conheci, ele sempre estava preocupado com todo mundo. Ele morreu, deixou tudo pronto, resolveu tudo em vida, deixar tudo certo para os filhos, para a mulher, tudo o que tinha já passou em vida para os filhos, para evitar brigas, queria q todos estivessem sempre unidos. Eu acho que ele conseguiu conquistar tudo o que sonhava em vida. Veio de uma cidade pequena, o pai tinha perdido tudo, ele foi embora pra SP para fazer medicina, se esforçava, dava aula particular para poder estudar, aí veio para o interior e foi conquistando cada vez mais, ele queria crescer, era muito determinado, ele não aceitava pessoa fracas burras, ele não admitia.

Depois que o Dr. Gabriel faleceu a Marina teve essa questão com a falta de memória, você acha que em algum momento ela teve a consciência de que ele tinha falecido ou não?

O dia que ele morreu, acho que fui eu que contei pra ela, a gente tava sentada eu falei, ela deu uma chorada e logo passou, foi pro enterro, passou um tempo, ela ficou sem saber o que estava fazendo lá. Acho que a mente dela bloqueou, conforme ele ficou doente a cabeça dela foi parando de funcionar, ela parou de formar frases, foi esquecendo, ela não teve essa consciência, se teve não conseguiu expressar, achava que ele tava no quarto, ela ficou muito tempo desligada do mundo.

E como que foi quando você recebeu a notícia que o Dr. Gabriel tinha falecido?

Essa época ele tava vomitando muito, ele tava muito cansado de viver, de sofrer, tava magrinho, comia e aí como já tava no finalzinho da vida, o que ele queria comer a gente dava, e eu tava lá toda hora, eu até pedi que se fosse para ele sofrer assim que ele descanse. Eu lembro que meu telefone tocou e eu não quis atender porque eu sabia que era que ele tinha morrido, fomos visitar ele na UTI, ele tava bravo, fui fiz carinho nele, falei para ele ficar em paz que iríamos cuidar da vó, ele ficou tranquilo e dormiu, e depois faleceu, eu queria que ele descansasse, não tinha mais sentido aquela vida para um homem tão ativo. Essa foi nossa última conversa, ele tava no quarto, teve que ir pra UTI pq não conseguia mais comer nada, aí ele tava no quarto e levaram ele para UTI e ele ficou muito bravo, porque ele não queria ir, porque ele sabia que ia morrer, mas ao mesmo tempo ele não queria mais ficar vivo, ele era muito impaciente, muito bravo, na UTI ele já estava entubado e foi a última vez que eu vi. Mas sinto muita saudade, porque eles foram muito importantes para a família inteira, eram nossos esteios, todo mundo girava em torno deles, natal sempre foi na casa deles, minha avó sempre gostou muito de Natal, eu e a Carol estamos tentando, mas eu falei pra Carol, a cada ano pede mais o sentido, era a minha avó que amava muito o Natal.

E sobre sua profissão, quando escolheu cursar zootecnia, como foi pra ele? Visto que é uma profissão que tem uma certa ligação com fazendas e tudo mais...

Quando eu era menina, acho que por conta dele, eu gostava muito de cavalos, ele era apaixonado por cavalos, tinha o haras, a gente ia muito com ele, gostava de montar, participava de exposições, sempre ele foi desbravador. Aí meu pai era zootecnista, sempre gostei demais de fazenda, ele nunca expressou isso para mim, "parabéns Gabriela", mas a gente dividia bastante coisa, ia para fazenda juntos, mas o Marcelo dividiu muito mais, porque ele fazia veterinária aqui. Ele implantou bastante coisas nas fazendas, eu vim no final da faculdade depois fui pra fora, então nunca fiquei, gostávamos das mesmas coisas, mas não me parabenizou por isso.

O que você traz de aprendizado da sua convivência com eles para a sua vida hoje?

É difícil, né? Eu acho que como é importante buscar esse amor pela família. Eles viveram para os filhos deles, o que ele trabalhou, conquistou, foi para os filhos, e sempre muito honesto, justo e competente. Ele viveu para deixar o que conquistou para os filhos, é bonito demais ver o que os dois viveram, minha avó casou com 30 anos, mas sempre buscaram ter essa ligação muito forte e sempre felizes, evitando conflito, isso me deixa um exemplo de vida de família, isso dá uma serenidade. Ela como mulher sempre buscando equilíbrio, harmonia e ele como homem que trabalhava mas queria todos perto, pra mim ele é força, sabedoria, educação, amor e ela para mim é o maior exemplo de amor e doação ao próximo.

Como conciliava medicina, família e pecuária?

Ele não parava um minuto, trabalhava na medicina, se envolvia com pecuária e era o patriarca, ele começou a investir o dinheiro da medicina na pecuária e ele provavelmente porque foi criado em fazenda, tinha ligação muito forte com pecuária e o meu pai foi o braço direito dele com as fazendas. Os filhos, cada um tocou uma fazenda. A medicina proporcionou as fazendas, e as fazendas passou pros filhos e todo mundo ficou envolvido demais com a pecuária.

Se pudesse dizer algo para eles hoje, o que você diria?

[emocionada] eu avô sempre falava que eu não ia casar, que já tinha passado da idade [risos] e ele não conheceu minha família, e meu marido ama cavalos, eu queria que meu marido tivesse o prazer de conhecer ele. Ele faz muita falta mesmo, a gente queria estar perto, queria ver todo dia. E minha vó, eu fico muito triste que ela não ficou bem até o final, eu tenho uma saudade enorme, era a melhor risada, uma pessoa feliz, ela nunca teve uma dor de cabeça na vida, quem nunca teve uma dor de cabeça na vida? Eu olhava para ela e via aquele vazio e me fazia tanto mal, como eu queria que eles ficassem bem mais.

Como soube da morte da dona Marina?

A gente infelizmente já achava, qual era o sentido dela estar aqui? Sem consciência do que estava fazendo. Ela sempre teve uma saúde muito forte, era uma pessoa muito calma, ela não ficava doente. Quando ela começou a ter o problema no ouvido, a gente se questionou se agora ela iria descansar, porque a gente não sabia se ela sofria, ela não estava aqui, não estava com a gente. Estava todo mundo na fazenda, aí quando soube, todo mundo não acreditou mas ficou em paz porque queria que ela descansasse. Do meu avô também queria que descansasse, e eu estive perto dele.

Ele era muito conhecido, como foi para você crescer com um avô assim? Serve de referência?

Pra mim sempre foi muito bom, é uma segurança que a gente tem, né? Aqui em Prudente ele conhecia todo mundo, é um lugar onde fala o nome dele e tem um retorno e agente acaba, agora muito menos porque as pessoas não conhecem mais, mas até um tempo atrás era: “nossa você é neta do Dr. Costa Neto?” é uma referência. Meu marido, por exemplo, ele é advogado, mas mexe muito com cavalos também, ele ouve muito isso, o pessoal mais antigo conhecia muito meu avô. É como se tivesse uma credibilidade maior por ser da família, ele era muito honesto, então se você é da família você é honesto, de credibilidade. Meu marido é chamado de neto do Costa Neto e é um exemplo, como ele era muito intolerante com o erro, quem tava perto dele procurava não errar. Hoje eu uso menos a referência, mas antes bem mais, sempre que fala dele, só ouve coisas positivas, médico maravilhosos, desbravador. Além de ser presidente da sociedade de medicina, ele também foi presidente dos ex-presidentes da sociedade de medicina, ganhou um selo, um busto em vida. Quem ganha um selo em vida? Foi a sociedade de medicina que fez o selo e distribuiu. A palavra do meu avô é que ele era muito entusiasmado com tudo, então ele foi presidente dos ex-presidentes da sociedade, chegou um tempo da vida, ele chamou os presidentes da sociedade e falou que não queria mais ser o presidente dos ex-presidentes. Foi presidente do sindicato rural também, deixa uma história também. Ele não era envaidecido, nunca vi ele se envaidecer, eu acho que como ele era um homem forte e desbravador isso era algo natural dele. Percebo que antigamente as pessoas tinham essa coisa de dar um retorno para as pessoas, ligar, ele era muito atencioso, ligar no aniversário das pessoas, fazer visitas de natal, é uma educação que hoje em dia não existe mais. Ser presente, isso era muito dele, ele recebia muita gente em casa, tinha muito essa troca, ele era muito querido por muita gente, hoje em dia não existe mais.

Ele sempre foi médico família, segundo dona América

Conheço várias senhoras que nunca foram no ginecologista após ele ter parado de atender. Ele era realizado com a medicina e com a família dele. Hoje em dia você vê tanta gente que são triste, sofrem, meu avô não, sempre forte, entusiasmado com a vida, feliz e por ser assim, sempre deu tudo muito certo, ele trabalhava para isso e dava certo.

Já pensou em fazer medicina?

Quando era criança, todo mundo ficava “quem vai fazer?”. Meu pai era zootecnia, então seguiu ele. Meu pai sempre falava para eu fazer o que eu gostava o que me faria feliz, então eu nem

imaginava na vida fazer medicina, poderia ter feito, porque teria referência, meu avô queria um neto médico, mas ele nunca se meteu, nunca forçou nada, então acabei fazendo o que eu queria mesmo.

Tinha ciúmes de outros netos?

Não, eles eram mais novos, meus irmãos e eu convivemos mais pq era mais velho, nem aqui a gente morava. As filhas do tio Otávio moravam aqui, então também tinham contato. Meu pai ia todo dia na casa do meu avô, era uma ligação muito forte, então estávamos sempre muito presentes lá. Na casa da tia América também todo dia, a gente ficava “ai, que saco!”, mas todo dia a gente ia, coisa antiga mesmo, de visitar. Eles gostavam dessas visitinhas de dar agrado.

Quais você acredita que foram as principais contribuições do Costa Neto para Prudente? Tanto na medicina quanto na pecuária.

Eu acho que ele ter sido um dos donos do Hospital São Luís, um dos que fundou o Hospital São João, ele movimentou e vez acontecer a exposição agropecuária, contribuiu demais. É como eu disse, ele era entusiasmado, então as coisas davam certo. Na época dos sem-terra, que teve as invasões nas fazendas, sempre foi muito engajado para lutar pelo que tem, desenvolver mais agropecuária na região, medicina, clinicou até uns 80 anos, não queria parar, isso dá orgulho também. O que eu tenho é muita saudade, admiração, agradecimento, meu avô um exemplo de homem, de força, determinação, sucesso. Minha avó de família, doação, viver pra servir, amor incondicional, eu tenho muita saudade, eu vejo tanta gente que não teve essa ligação com vô e vô e para gente era um exemplo e era nosso esteio, queríamos estar próximos, eram os patriarcas mesmo.

ENTREVISTADA: MARINA ELISABETH CARNEIRO COSTA BINOTE PRESIDENTE PRUDENTE

Repórter: Janaína Tavares e Bianca Pereira

Sexta-Feira, 29 de março, às 17h30

Local: Casa da filha Mariana

Endereço: Av. 11 de Maio, 1539 - Edifício Saint Germain, ap. 1301

Telefone: (67) 99664-0150

Para começar, quais suas lembranças da infância?

Eu sou 10 anos mais nova que o Otávio que é o mais novo, meu pai queria muito uma filha e ele nunca relou a mão em mim, mas se ele ficasse bravo, era pior que uma surra, eu chorava, chorava [risos], o Otávio tinha ciúmes e falava “bate nela igual você bate na gente” [risos], eu e o Otávio brigava bastante por ser os mais novos. Eles falavam que até por eu ser uma dondoca, eu não era chata, porque as dondocas eram chatas. Minha mãe me teve com 42 anos, a diferença era muito grande, não acompanhava, então eu tinha dificuldade para sair e minha mãe tinha coisa que ela não aceitava e o meu pai como trabalhava fora, convivia bastante, ele já era mais fácil de aceitar. Quando eu fiquei noiva, ela não queria que eu fosse pra casa da minha sogra “não, de jeito nenhum, sozinha não pode” mas ai meu pai deixou. Enfim, assim, ele sempre puxou a gente pro lado da fazenda, chegava final de semana todo mundo ia para a fazenda. Chegava lá, se vai vacinar gado, todo mundo vai, tem que trabalhar, ele sempre me preparou para a vida. Quando eu saí do colegial, ele disse que eu tinha que estudar, porque eu poderia casar ou não, e tinha que saber me sustentar, e lembro que nessa época foi uma pressão porque ninguém tinha feito medicina, aí as pessoas achavam que eu ia fazer, e ele “num vai, [risos], essa que não vai”. A medicina naquela época era muito sacrificante, ele chegava, engolia a comida e já ia para o consultório de novo, de madrugada era parto, parto, parto, ele nunca influenciou nenhum filho a fazer nada. Fui, prestei agronomia, entrei, mas era pro meio do ano, e aqui em Prudente prestei engenharia civil. Aí comecei engenharia para não ficar atoa, aí não quis mudar de novo. Fiquei 1 ano e meio na engenharia, mas eu não aguentava era muito cálculo. Ai falei que iria largar. Todo mundo falou que ele não ia deixar, ai falei que ia convencer, fiz uma carta explicando, entreguei e sai. Quando voltei ele tava me esperando “vamos conversar”, ele

perguntou se era aquilo que eu queria, aí falei que sim. Ele disse para eu me virar, para ir sozinha para São Paulo e ver o curso de decoração lá. Eu fui pra lá com um amigo meu que já faleceu, fomos, olhei os cursos tudo, pensei que não daria certo por ter que morar em pensionato, voltei triste. Aí meu irmão falou “e no Rio?”, aí fui na casa de uma tia minha que era casada com irmão da minha mãe, e fiquei lá até fazer os cursos, a gente se dava muito bem. Tudo ele fez eu me virar, fui pro Rio com o meu carro, eu já me sustentava, eu tinha uns boi gordo que eu vendia, e ele falou que não iria pagar nada, fui, o Mário me levou e fiquei no Rio, nunca fui medrosa, andava de carro sozinha, terminei os 9 cursos que eu queria. Tive proposta de abrir firma com amiga lá, mas iria abrir zootecnia aqui, primeira turma. Aí resolvi prestar sem ele saber, mas passei, aí falei pra ele que eu tinha feito vestibular e que eu viria embora. No começo eu fazia vitrine de loja, mas depois com período integral eu parei. Conheci meu marido na zootecnia, ele formou comigo e nós casamos na faculdade. Ele foi falar com meu pai e meu pai tinha medo de morrer e não me ver casada. Aí ele falou que queria casar e tal, e meu pai “Marina vem aqui”, aí o Otávio falava “Vai deixar casar? eu não acredito”, mas eu casei, casei na faculdade. Na época meu médico era o Tosello e eles disseram que eu não precisava tomar nada porque eu não iria engravidar, sete meses depois veio a Mariana. Primeiro foi um choque, porque eu queria terminar a faculdade, mas minha mãe me ajudou, deixava a marina lá cedo e ia para a faculdade, isso foi 1 ano. Ela era a queridinha deles, falam que filho de filha é diferente [risos]. O Gabriel já nasceu em outra fase. Mas, a Mariana nossa, o que eles cuidaram dela, tinha umas que tinha ciúmes dela mesmo porque era a queridinha.

Tinha muito ciúmes por parte dos seus irmãos, por você ser a mais nova e também a única menina?

Eles sempre me acusavam, “ela é a queridinha”. O Otávio sempre foi briguento, o outros dois sempre me trataram com muito carinho porque eles moravam fora, não convivia tanto, só nas férias.

Qual era a rotina de vocês, tinha alguma tradição, lembranças?

A gente acordava, eu descia a escada, meu pai já tava com café para mim, ele sempre que coava o café. E eu nunca gostei de tomar café logo cedo, aí eu falava que tava com pressa, mas ele me fazia tomar pelo menos uma xícara de café preto, eu tomava. Almoço sempre com ele. E quando minha avó era viva, todo domingo almoçava na casa dela, era tradição mesmo.

Ele tinha uma vida corrida, como ele conciliava?

Ele sempre foi muito presente em tudo, muito inteligente, quando eu tava grávida, eu rezava para meus filhos terem a mesma inteligência que ele [risos]. ele assinava muitos jornais, revistas, almoçava correndo, ele não aproveitou a vida dele assim, viagens, mais velho que ele começou com o Mário. Eu não tive grandes viagens com meu pai, eu sempre viajava com o Mário, íamos acampar, minhas viagens de infância eram com o Mário.

Mário fez zootecnia também, mas você já pensou em fazer medicina?

Nunca, nunca, nunca, nunca. Ele sempre deixou aberto.

Chegou a trabalhar em zootecnia? Como foi depois que terminou a faculdade?

Eu terminei e fui tocar minha fazenda, então trabalhava lá. Mas quando eu era jovem, eu ajudava muito sempre. Na faculdade, levava amigos também pra ajudar. Quando eu tava grávida eu continuava vacinando, aí quando eu tava com 2 meses para ter a Mariana ele me proibiu de ir para o Mato Grosso e eu chorava porque queria ir, mas a gente sempre respeitou muito ele. Ele sempre visitava as fazendas, para ver como estava, como era, o que precisava melhorar, etc.

Administração da fazenda quando começou, como foi?

Ele deu, a gente já assumiu, antes de mudar para lá. Ele trabalhou, trabalhou, para deixar partes iguais de fazenda para os filhos. Quando eu mudei, porque eu tive que construir, fiz a casa de empregado que está lá desde que eu comecei, depois fiz o curral, enquanto isso levava para a do Mário, ficava lá. Ai eu construí a casa. Quando eu era moça, meu pai deu uns bois para cada um, então com esse dinheiro desses bois que eu construí. E ai foi ficando difícil, porque eu herdei as vacas mais velhas, elas já não produziam tanto. Um ano depois que eu formei, terminou minha casa. Mariana fez dois anos e no mês seguinte eu mudei, vai fazer 28 anos que eu mudei pra lá.

Você e seu pai já trabalharam juntos na fazenda?

Não, ele tocava a dele, e cada um a sua. Fazia reuniões etc. Ai quando começou a ficar muito difícil mesmo, porque as pessoas têm a ideia de que fazendeiro é rico, mas é muita despesa, e se você não tiver como investir é complicado. Ai teve uma reunião, eu devolveria todas as vacas, porque eu não tinha mais condição de continuar. Eu sabia a hora de falar as coisas já o Otávio, não. Ai meus irmãos não acreditaram. Ai falei que não tava dando, porque a renda tava muito cara, não estávamos conseguindo sobreviver. Ai ele perguntou o que estava acontecendo? Ai ele mudou, me deu uma parte das vacas, porque ele queria saber das nossas dificuldades, mas nem sempre eles tinham coragem de falar.

Quando começou zootecnia, como foi pra ele, ele apoiou?

Ele gostou e ele ajudava muito a minha turma, a gente ia para a fazenda, quando tinha veterinário, ai ele falava “vamo para fazenda, vai ter isso, vai todo mundo trabalhar”. Não esqueço um dia que a gente foi e meu marido arrancou o rabo da vaca [risos], ficou famosa a história. Na minha formatura, foi meu pai que falou, ele quebrou o nariz na porta de vidro, não viu o vidro e quebrou. Eu tava lá na missa, e não chegava ninguém da minha casa, meus irmãos, meus pais, ninguém. Metade da missa, meu amigos me cutucou e falou “sua mãe ta ai”, vi que ela estava emocionada e as pessoas abraçando ela, ai já cheguei “Fala logo o que está acontecendo”, ai ela contou. Ai já fui direto para casa, cheguei lá ele tava ainda com a roupa do hospital, ai ele “fica tranquila, amanhã eu vou falar do mesmo jeito”, então as fotos todas estão com ele com curativo [risos], ele sempre ajudava muito, deixava a gente participar da exposição, etc.

Como ficou sendo o convívio depois de casada?

Eles adoravam ir pra minha casa, ele gostava de me fiscalizar [risos]. Mas eu também vinha.

Dr. Gabriel chegou a conhecer o Gabriel, como era a relação deles?

Conheceu, ele assistiu todos os partos da família. Até do Marcelo que nasceu em Jaboticabal, ele chegou em tempo para a cirurgia. O ano que o Gabriel nasceu, foi o anos que meu pai se mudou, foi um pouco difícil se adaptar porque eles moravam na casa fazia 33 anos. Papai era rígido, dava bronca na molecada e minha mãe passava a mão. Ai eu resolvi fazer uma pós-graduação com o Mário, de 15 em 15 dias, e eles já estavam mais velhos, eu vinha de ônibus, chegou um final de semana que eu vim e não tinha como deixar o Gabriel com eles, deixei com Marcelo e João Gabriel e eles iam passear com o Gabriel, mas ai eu acabei largando a pós, porque só tinha horário de ônibus de madrugada, etc.

Conforme construiu a sua família na fazenda, como era o contato com eles?

Eu eles sempre me ajudaram muito, sempre. E ele participava de cada coisa, eu resolvi fazer minha entrada da fazenda de Ipê, quando eu falei ele ficou enlouquecido, ai ele aqui já ruim, ele falava “vontade de ir lá mais uma vez nas fazendas ainda” e eu com aquilo na cabeça, era carnaval e o Mário pra lá com todo mundo. Falei para o Mário que ele tinha o sonho de ir ainda. Ai o Mário falou “vamo levar”, vimos se o enfermeiro poderia ir também, ai ele ficaria na casa do Mário. Ai conversei com o enfermeiro, ele falou que ia. Então o motorista vai com o pai, mãe e enfermeiro e no meu carro coloca aparelhos, cadeira de rodas e a tia América. Foi no mesmo ano que ele faleceu. Ai foi uma época que a estrada tava em construção e demorava muito, ai falei para o motorista me seguir. Ai saia podando, mas quem não tinha prática, não conhecia, ele

não desceu do carro, nem na parada do meio do caminho. Quando chegamos lá, o motorista falou que achava que nunca foi tão rápido para o Mato Grosso [risos]. Chegou lá, chamamos seu Milton, entramos com o carro dentro da cocheira para ele ver, ele voltou muito feliz, o carnaval foi em março, em junho ele faleceu.

Quais as últimas lembranças que tem do Dr. Gabriel?

Eu cuidei dele na última semana, foi minha. Eu sempre ia embora com dor no coração, eu vinha de ônibus de madrugada, ele varava a noite fazendo diálise, era no quarto do lado do meu. E ele às vezes emburrava porque não queria mais fazer, já teve vez do Mário ligar para mim convencer ele, e às vezes ele gemia muito e aquilo me dava uma coisa. Ai sempre que eu ia me despedir, ele falava “Não vai não, fica mais um pouco”, aí fui pro hospital com ele nessa semana, e ele começou a piorar, vista branqueando. Eu deixava ele com enfermeiro no almoço e vinha comer com a minha mãe. Ai um dia eu fui, ela “aquele moço o Roberto, que tava la no quarto doente, ele não está mais aqui” ai falei “o papi? levei ele para fazer uns exames”, ai ela se arrumou e foi comigo para o hospital. Ele não tava bem, ai ela falou “podemos ir, ele precisa descansar” ai depois disso ela não quis ir mais. Ele tava bem ruim, não queria se alimentar, nem passar sonda de alimentação. Mário chegou, na sexta o João e o Otávio chegou no domingo e ele já estava na UTI. O João chegou e ele tava num ponto que as enfermeira pra ir falar com ele eu tinha que ir junto, ele não aceitava mais ninguém, João foi fazer um carinho no pé dele ele não gostou. Ai fui pro corredor e encontrei o Neiw (lamada) e comecei a chorar, ai veio o João “Marina, volta aqui, o papai só quer você”, ai falei pros médicos que ele implorou que não queria ir pra UTI, mas não podia deixar ele morrer de fome, ai levamos para a UTI, ficar com sonda de alimentação depois ele volta para o quarto. Quando ele foi pra maca, ele falou pra eu e o João chegar perto, “Vocês dois são responsáveis pela sua mãe, não é para faltar nada pra ela, não é pra mudar nada” disse que não queria ir para a UTI, mas falamos que ele só iria fazer uns exames, mas ele era lúcido, ele morreu muito lúcido, então ele já sabia. Ai chegou o Otávio, a Mônica, o João Gabriel, me lembro que tava na casa do Mário, as pessoas entraram e ficaram traumatizados, não queria ir de novo, teve outra hora de visita eu fui com a Mônica, mais eu me arrependi de ter ido, ele amarrado, me arrependi. No dia seguinte fomos conversar com os médicos, eles falaram que era só mais um dia, ai fui para o Mato Grosso porque já tava lá a muitos dias, mas cheguei lá ele morreu. Aí voltei com meus filhos, e já estava sendo velado na Sociedade de Medicina. Eles estavam me esperando para falar com a minha mãe, foi eu o Mário, Mariana, a Mônica e a Gabriela falar com ela. Sentamos na sala, e falamos “você lembra que o papi não tava bom, foi fazer uns exames e ele não aguentou”, ai ela “eu não vou mais ele”. Vai sim, ela ficou até umas 2h30 3h no velório e foi embora. Otávio não queria deixar, passado um pouco ela queria ir de novo, ai foi. Ela não quis ir no enterro ai foi apagando a memória dela, ficou bastante tempo sem falar nele, ela via as foto, falava “meu namorado”. Eu penso que a doença da cabeça dela, de ficar esquecida, foi um comodismo, porque a gente falava que ela não iria aguentar, que quando ele morresse ela morreria junto.

Se pudesse defini-lo em uma palavra, qual seria?

Acho que exemplo, sempre foi exemplo pra gente, pra todo mundo. Não tinha muita explicação, sempre foi uma pessoa que, para todos nós, sempre foi lembranças. As vezes quando a gente conversava sobre antigamente, eu fazia umas perguntas para ele, ele tinha muita curiosidade de saber do irmão dele gêmeo, um dia ele perguntou para a América, ela “ué Bieco, ficou louco? Eu nasci depois”, era engraçado. Mas a gente conversava muito sobre filhos, família, educação, ele sempre ajudou muito os filhos do Mário, eu ajudei muito ele também. Ele sempre foi muito presente, meu pai, às vezes ele me chamava para conversar e ele acreditava que eu ia ajudar mesmo, acho que ele me preparou para isso mesmo. Por mais que eu seja mais nova, eu acho que meus irmãos ainda me ouvem, quando eu falo sério, já tivemos fases brigados, mas hoje está todo mundo se dando bem. Mas na hora que é para falar, eu não tenho medo, eu vou e falo mesmo.

A grande preocupação era a Marina, além disso, pensando no lado profissional, acredita que faleceu satisfeito?

Acho que ele realizou tudo o que ele queria. Assim, os clientes do meu pai de antigamente em uma verdadeira paixão por ele, porque ele atendia indiferentemente se a pessoa tivesse dinheiro ou não tivesse, ele atendia, chegava final de ano o tanto de presente que ele ganhava. Ele era muito humano, de ir visitar na casa, ele sempre visitando. E na parte da pecuária, aqui em Prudente, quando ele foi do sindicato rural, me lembro na época dele que vieram os dois presidentes, foi uma revolução na cidade, tudo que ele atuou sempre foi muito dedicado. Era dedicado com a família, todo dia ele ia na casa da tia América, em tudo ele era dedicado, penso que puxei muito para ele.

Como foi crescer assim, em uma cidade onde todo mundo conhece seu pai?

De vez em quando chegavam e falavam “ah, nasci nas mãos do seu pai” e eu pensava “por que só eu que ele não colocou no mundo?” [risos], o meu pai só assistiu. De uma certa forma era fácil dizer que era filha dele porque te conheciam, mas também tinha hora que eu preferia não falar. Mas, se precisava de uma consulta, era só falar que logo arrumava.

Algo que diria para ele se pudesse hoje?

Nem sei o que eu diria porque eu acho que a gente conversou bastante, eu fui bem presente no finalzinho dele. Tanto que o meu Gabriel, eu falhei na educação dele, porque eu abandonei, eu vinha e largava ele lá. Mas minha meta era acudir meu pai, então eu largava o Gabriel, ele ficou bem sozinho.

Pensando na dona Marina, depois que ele faleceu, como foi, como ficou sendo a convivência e a rotina dela?

Eu vinha sempre e tinha dó de deixar, porque logo que ele faleceu, eu levei ela, ficou uns um mês com ela. Quando ela voltou, a geriatra pediu para não tirar ela daqui porque ela voltou muito atrapalhada, então fomos proibidos. Lá ela jamais teria a assistência que tinha aqui, os médicos, amigos do meu pai, sempre muito acolhedores, em Rio Brillhante saúde é uma porcaria, tudo tem que ir para Dourados, então não era justo eu fazer isso com ela. Então eu nunca medi esforços de vir ficar com ela, acontecia as vezes de trocar semanas, mas nunca faltava. Eu fiquei duas semanas com ela antes de viajar, a minha e a do João e o João ia ficar a minha e a dele, eu viajei para a Irlanda, ela internada, eles não falavam a gravidade, mas eu achei estranho. Todo mundo no Mato Grosso e só o João aqui, e o Mário que sentiu o João muito nervoso e veio embora, aí era 2h da manhã na Irlanda quando o João me ligou, aí começaram a ligar. Sentei na cama, chorei, eu nem pensei e queria vir embora. Entramos em pânico num país de madrugada, ligou para Gabriela, perguntou por onde começar, aí ele ligou para a seguradora, tomei banho, descemos para o café e fomos atrás da nossa guia que foi um anjo para mim. Já tínhamos dado a notícia, aí falamos que queríamos ir embora, aí ela falou “hoje é um city tour só no ônibus e enquanto a gente vai eu vou ligando para você”, aí ela conseguiu a passagem de Dublin para Madrid depois para São Paulo depois para Prudente. Aí chegou nessa parada, descemos, rezamos, despedimos, chegou no hotel, fez as malas e foi pro aeroporto, parecia que eu não tava vivendo aquilo, aí eu falava, porque ela não me esperou. Em Madrid o voo atrasou 04 horas, o que mais me marcou foi o Gabriel, me ligou eu tava no banheiro “Mãe fica calma, eu to indo te representar” aí eu vim, no mesmo voo meu tinha uma moça vindo para São Paulo porque tinha falecido a mãe, mas ela chegaria em São Paulo a tempo, eu não. Meu cunhado ligou e mandou um motorista no aeroporto, e se perdêssemos o voo para Prudente, se perdesse, ele levaria a gente em Prudente de carro, cheguei no aeroporto, tava chamando meu nome, chegou lá, estavam chamando meu nome, entramos direto. Cheguei, “vamos almoçar? Vamos”, aí o Mário falou pra fazer a reunião no dia seguinte para dar os primeiros passos, mas eu falei que poderia ser naquele dia mesmo, fui tomei banho, comprei flores, fui no cemitério, cheguei estavam me esperando. Aí fiquei até a missa de sétimo dia. Da minha mãe eu só tenho para dizer que foi missão cumprida, alguns vinham e reclamavam de ter que vir, eu nunca reclamei, sempre achei que era minha missão. As próprias amigas dela sabem disso, elas gostavam de vir quando eu estava. Meu pai eu despedi bem, e minha mãe eu não acreditei. Eu fiquei 01 mês pensando porque que eu não consegui chegar a tempo, aí fui falar com o Frei, perguntei por que ela não me esperou, ele “Marina, pelo amor de Deus, sua missão foi cumprida, ela morreu tava com o

João, ele tinha que fazer isso, cuidar mais dela, ela queria que você guardasse a memória dela viva!”. Logo em seguida, morreu um pai de uma amiga da Mariana, eu fui no velório e cheguei e pensei “É disso que deus queria me livrar?! Era”.

Como foram as duas semanas que você passou com ela antes dela falecer?

Foram ótimas, andei com ela, levei no médico, papariquei. Ela tava com aquele problema de ouvido. Parece que foi uma despedida e eu não me toquei. As vezes quando vejo alguém reclamando de cuidar de idoso, eu penso, depois que morre não adianta sofrer, porque o sentimento da gente que fez é outro. Ela adorava quando levava os pequeninos, eu avisava que tava vindo, então quando eu chegava era certeza que teria criança e neto na casa dela. E teve esse aniversário de 97 anos dela, que foi um milagre que veio todos os netos, veio todo mundo, ela ficou muito feliz e ficou uma recordação mesmo. As amigas dela falando que me admirava por querer fazer isso, mas minha mãe era assim, sempre receptiva, sempre querendo reunir.

Relação deles, todo mundo fala que nunca brigavam, eram harmoniosos, qual a sua opinião?

Amor eterno, paixão de ficar agarrado, quando ia dormir, tinha que ficar abraçado. Um dia meu pai foi para o hospital fazer exame e a Carol dormiu com ela, chegou de noite ela abraçou a Carol achando que era ele. Coisa mais bonitinha. Ele sempre foi bravo, ela sempre enrolava, vamos sair? vai fechar janela, lá de baixo ele gritava “Marina, vaaaa Marina”, teve vez dele largar ela. Ele era bravo. Uma vez fomos no mercado eu e eles, ele pediu para eu parar em uma vaga, aí eu parei em outra e ele ficou bravo [risos]. Ele pode ser tudo que ele foi, mas sempre teve a fama de bravo, mas foi a braveza dele que fez a gente crescer. Tudo que eu aprendi com ele eu levo para a vida. Ela é amor, amor puro. Minha mãe é uma coisa assim delicada, acolhedora. Meu pai sempre quis ensinar, educar, dar um rumo. Ele “vamo trocar pneu?”, ela “marido, ela é menina” ele “ela tem que aprender”, ele sempre falou assim.

Herança moral que eles deixaram e você trouxe para a sua vida?

Eu acho que é respeito, honestidade. Meu pai sempre foi muito honesto. Eu era mais apegada a ele, muito, no geral, com a diferença de idade, às vezes a cabecinha dela não me acompanhava com ele já não era assim. Desde que eu casei, o combinado era assim, Natal é na minha mãe e no meu pai até eles morrerem, a casa deles era cheia no Natal, aí foram ficando doentes e sempre alguém não podia e o meu Natal eu sempre com eles. Já calhou da minha semana cair no ano-novo, aí ficamos, eu a Mariana, meu pai e minha mãe, ele passou mal, tive que trocar, dar banho, aí ele falou “tenho nem como agradecer minha filha do céu”, isso foi no ano antes dele falecer. E minha mãe, como não podia levar eu tinha que vir, os filhos do Mário também sempre com a gente, um ano foi na Carol, outro na Gabriela, mas eu levava a mãe na casa. Nesse último eu vim passar com elas. Se depender de mim, os natais vão continuar, porque para mim Natal é vida.

ENTREVISTADA: CAROLINA ZOCCOLARO COSTA MANCUZO PRESIDENTE PRUDENTE

Repórter: Janaína Tavares e Bianca Pereira

Sexta-feira, 08 de março, às 18h

Local: casa da Carolina

Endereço: Dahma II

Telefone: 99621-0160

Conte como foi sua infância ao lado de seus avós e família? Tem algum episódio marcante que envolveu você e seus avós? Sempre conviveram juntos?

Nos natais juntavam sempre a família inteira mais alguns amigos do meu avô: o Tosello e família, a dona Graça passava o Natal junto com a gente também. Então foi uma infância muito próxima dos dois.

Quando eu ainda era pequena no aniversário de 40 anos de casado do meu avô, que foi na Fazenda São Sebastião, nós dormimos todos lá, e acho até que nós dormimos em barracas, tenho essa impressão porém não tenho certeza. Brincávamos na beira do rio, brincar dentro da cocheira de boi, esses tipos de coisas. Quando eu era pequena, meu avô ainda trabalhava, ainda atuava como médico e também como pecuarista. Também lembro muito do haras, de ir até o haras, visitar e conhecer os cavalos. Meu avô era muito apaixonado por cavalos e eu lembro muito das exposições. Eu vinha muito nas Exposições para participar, e quando eu fiz 15 anos, vim estudar em Prudente. Eu vim morar com meu avô e com a minha avó e meu irmão.

Primeiro venho meu irmão que passou na faculdade e morou um ano com meu avô e com a minha avó. E aí meu pai e minha mãe que já haviam se separado e estavam voltando pela primeira vez, acharam melhor se mudar para fazenda e para isso a gente tinha que ir embora de Dourados (MS). O meu irmão já morava com os meus avós, eu vim morar com eles.

Eu fiz segundo colegial aqui em Prudente. Só que não deu muito certo morar com eles. Meu avô na época tinha 75 anos, foi o ano que ele se aposentou e ele não estava acostumado com aquele ritmo. No primeiro final de semana aqui, eu estava em Prudente, e como meu irmão tinha muitos amigos, eu ficava bastante com ele e nós brigamos com o nosso avô. Porque perguntei para o meu avô: “Posso ir com o Ricardo (amigo do Marcelo), até a casa da Juliane (uma outra amiga do meu irmão)?”. E meu avô fez um escândalo porque onde já se viu menina da minha idade naquela época saindo de carro aquela hora da noite, umas 21 horas. Meu avô falou que 21 horas da noite era horário de uma menina de família estar chegando em casa e não saindo de casa. Fiquei super triste e comecei a chorar. Ele olhou para mim e falou: “Suas lágrimas não me comovem”. Meu avô era bravo, bem bravo. E aí eu fiquei super chateada mas mesmo assim eu fui. Eu e meu irmão ligamos para o meu pai mas acabamos ficando uns dois meses na casa do meu avô.

E meu avô esperava que eu fizesse as pazes com ele, e eu esperava o mesmo. A gente ficou brigado durante um tempo. E minha avó pedindo pelo amor de Deus para que fizéssemos as pazes. Depois disso, meu pai resolveu alugar uma casa para eu e meu irmão morar, um apartamento aqui em Prudente que ficava na Rua Tenente Nicolau Maffei, a três quadras da casa do meu avô e ficava a uma quadra da minha escola, que era o Objetivo.

Só que aí foi ótimo porque eu almoçava todo dia com os meus avós e aí nós ficamos numa boa. Então ele não teve que ficar naquela preocupação de ter que ver se a gente saía e se chegava tarde porque ele não tinha mais idade para aquilo. Para ele era difícil, a minha avó sempre foi mais tranquila e mais maleável mas o meu avô era rigoroso e muito rígido. Tanto é que aos poucos ele foi entendendo e foi se acostumando com o ritmo de, por exemplo, os mais jovens da família saírem depois da ceia de Natal para a balada. Chegava da balada 5 ou 6 horas da manhã e ele estava acordando para fazer café. Sentava com a gente para ficar batendo papo, tomando café e comendo os restos que sobravam do Natal.

Meu irmão na época fazia faculdade de medicina veterinária. Nessa época eu tive uma hepatite e tive que voltar para a fazenda. Tive que transferir a escola para terminar lá e aí quando eu fiquei boa para voltar ao terceiro ano do colegial, meu irmão falava: “Eu não quero morar com irmã, tenho o direito de ter minha vida”. Depois meu pai decidiu colocar eu em uma república e meu irmão em outra. Continuei morando perto da casa dos meus avós e o Marcelo foi morar no bairro Bongiovani porque era mais perto da faculdade. Continuei morando no centro e fazendo a escola no Objetivo.

Você disse que os dois são exemplos para você. Como foi crescer ao lado de pessoas que te inspiravam?

Era de se admirar porque os dois foram sempre apaixonados um pelo outro. Eles viveram juntos e casados quase 60 anos. Em 2010 iria fazer 60 anos de casados quando meu avô morreu. Ele morreu em junho e iriam comemorar 60 anos de casados em agosto. Eu lembro da época quando passou uma novela na Globo que se chamava *Terra Nostra* e que falava *amore mio* e aí os dois

começavam a se chamar de *amore mio*. Chegava em qualquer lugar, ele falava: “Não é a mulher mais linda que existe?”. E ele sempre foi muito apaixonado por ela. Ela era fascinada por ele. Minha vó fazia aniversário no dia 12 de agosto e o aniversário de casamento deles era no dia 15 de agosto. Então toda vez que chegava o aniversário dela, ela falava assim que não precisava dar os parabéns porque o maior presente dela foi o casamento. Ela pediu para que esperassem três dias para poder comemorar que era o dia do aniversário de casamento.

Como era a relação de Gabriel e Marina? O que a relação deles trouxe de exemplo para você e seus irmãos e família?

A gente teve uma base muito forte e essa base foi muito representada pelos meus avós, pelos dois. Pela proximidade de família tanto é que quando meus pais se separaram, quando eu tinha 12 anos, primeira vez, foi um choque porque ninguém na minha família foi feito para se separar, vendo meu avô e minha avó como exemplo. Porque eles tinham uma união muito forte. E o engraçado é que meu avô e minha avó tinham uma ligação muito forte com a igreja e iam na catedral de Presidente Prudente, nas missas de domingo. Porém teve um momento na vida dele que pegou birra de igreja mas não sei por qual motivo. Lembro que ele ficava com raiva e dizia que era tudo porcaria e tudo uma mentira. Mas, no final da vida dele se aproximou novamente de Deus, mas não necessariamente da igreja. Ele tinha uma ligação muito forte com Deus. Meus avós criaram uma família para ser a mais tradicional possível. Então, com certeza, para o meu avô foi muito doído ver meu pai se separar e foi o único filho que se separou. A maior marca que tem da minha infância é a base familiar, a fortaleza, os exemplos, os dois para a gente eram um exemplo muito forte. Era o carinho, era bem marcante.

Enquanto cursava e depois de formada, o Gabriel gostava de conversar com você sobre Jornalismo? O que ele gostava de fazer com você quando o assunto era jornalismo? Ele tinha algum hábito em relação a isso?

Meu avô sempre foi um grande leitor e lia O Estado de São Paulo inteiro todos os dias. Além de ler muitos livros. E ele separava matérias para me mostrar e ainda na faculdade, logo no primeiro ano, eu comecei a ter um programa na rádio aqui de Prudente, programa diário que a cada episódio era relacionado sobre um tema. E ele ouvia o programa e ficava procurando coisas para me dar ideia. Eu nunca esqueço uma vez que ele chegou com um recorte de jornal e deu a sugestão de ter um programa com o tema de nomes diferentes. Ele mostrou um recorte do O Estadão com uma matéria que mostrava nomes diferentes. E eu fiz o programa por causa disso. Lembro que até demos prêmios para quem levasse sua carteira de identidade e mostrasse que tinha um nome diferente.

Teve alguma cobrança ou pressão para você cursar medicina?

Quando eu comecei a trabalhar no O Imparcial que daí ele começou a ver e a ler também meus textos. Ele vinha comentar comigo e tinha bastante orgulho mas em nenhum momento ele forçou os netos a cursar Medicina. Grandes conversas com ele a respeito da profissão e ele sempre dizia que medicina era vocação e também um dom. Que não adiantava você tentar o curso por goela abaixo.

O que a Marina representava na vida de seu avô?

Minha avó é a melhor avó do mundo. Ela nasceu para família e para se dedicar à família. Era uma pessoa que fazia muita comida e adorava receber pessoas, a casa dela sempre foi cheia. Os dois gostavam, mas era a minha avó que tinha esse atrativo de querer trazer as pessoas para dentro de casa. A casa dela era referência, onde as pessoas mais iam. O Natal foi sempre lá e nunca tinha discussão. Outra coisa que ela gostava era de comprar presentes.

O meu avô deu para minha avó uma boa condição de vida porque ela veio de uma família muito importante do Rio de Janeiro e ele já era uma pessoa mais simples quando ele conheceu a minha

avó. E ela tinha muito essa coisa da família, de trazer as pessoas para casa dela. E eu lembro da época em que ela dirigia, ela tinha um Uno. Mas aí chegou no momento em que ela parou de dirigir. Quando eu me mudei para Prudente ela já não dirigia mais. Então ela pegava as netas para levar ela nos lugares e minha avó tinha muita disposição. Quando você ia no supermercado com ela, ficava 3 horas no mercado, depois queria passar numa loja e era desse jeito. Se você saísse com a minha avó depois do almoço você chegava só à noite em casa. E a gente falava: “Vó, pelo amor de Deus, vamos embora para casa”.

Minha avó tinha cheque e ela tinha que chegar à noite em casa e ligar para Cláudia do escritório e prestar conta do que ela tinha gastado. Minha avó não tinha muito limite do que ela poderia gastar. Ela podia gastar desde que ela prestasse contas para Cláudia. Eu até lembro de uma vez que ela virou e me falou: “Imagina que o Gabriel me falou que eu só posso gastar esse mês só mais esse tanto, onde já se viu!”. Meu avô deu uma condição para ela em que ela não precisava se preocupar com essas condições. Ele sempre valorizou muito ela e a mulher em si. Foi várias vezes convidado para fazer homenagens às mulheres. Era muito ligado em poesia e sempre fazia poesia para mulheres.

A diferença entre a cabeça do meu avô e a minha avó era que ela era uma pessoa que cuidava muito da família e meu avô era um cara que gostava de estudar. O que eu acho é que meu avô morreu lúcido.

Como foi presenciar e conviver os últimos anos de vida do Gabriel?

Ele era muito forte e já teve vários infartos e alguns AVCs. Se não me engano teve uns 3 AVCs, mas ele sempre se recuperava 100% como se nunca tivesse tido nada. Ele também teve um câncer de próstata que carregou ele por anos mas esse câncer de próstata nunca foi a morte dele, nunca deixou ele pior. Eu tenho uma impressão de que o câncer de próstata não mata porque meu avô tinha e era algo controlado, ele nunca fez quimioterapia e nada disso. Então ele tinha uma saúde muito forte e se recuperava muito bem.

Eu lembro que o meu tio João que é o segundo filho do meu avô, teve um infarto quando tinha 39 anos, um infarto muito forte. No dia do infarto do tio João que foi lá em Dourados (MS), nós morávamos em Dourados ainda, estavam todos os irmãos à noite. Pensando bem, acho que estavam apenas meu pai e o tio Otávio. Meu pai porque estava separado da minha mãe e morou um tempo com o meu tio João, e o tio Otávio porque foi para resolver alguma coisa na fazenda e acabou posando por lá. Então na noite do infarto do meu tio João, levaram ele correndo para Campo Grande (MS). O meu avô também estava na Fazenda, e ele contava que no exato momento do infarto do tio João, eles começaram a ouvir alguém batendo na porta da Fazenda, abriram e não tinha ninguém e não tinha telefone, só existia rádio amador lá.

Logo quando meu tio João voltou e melhorou do infarto, meu avô teve um AVC. Então quando meu tio João já estava fora de perigo, foi meu avô que teve um AVC e ficou com um lado do corpo paralisado. Mas eu não sei quanto tempo durou e acho que foi rápido. Foi um AVC esquêmico e não um AVC hemorrágico, mas ele não teve uma sequela. Eu acho que esse foi o primeiro AVC que ele teve.

O que fez meu avô morrer foi o problema no rim porque aí o rim dele começou a parar, eu não sei exatamente o que causou aquele problema no rim. Eu sei que ele teve que fazer uma cirurgia para colocar aquele equipamento de diálise e eu acho que, aparentemente, teve um erro por aí ou se soltou alguma coisa lá dentro porque ele sentia muita dor. Então toda vez que ia fazer, ele passava a noite em casa com uma enfermeira lá e fazendo diálise. E o pessoal começou a suspeitar porque ele tinha sempre tanta essa dor. Levaram ele de novo ao médico e ele teve que fazer uma outra cirurgia para acertar o equipamento dentro dele. Melhorou, mas ele sempre dizia que era muito sofrido e que sentia muita dor. Então de quando meu avô começou a ter esse problema renal até a morte dele, foram nove meses. Meu avô sempre teve medo de morrer e ele sempre foi um cara precavido, sempre fazia testamento e se preocupava muito com o que seria sem ele, o que seria dos filhos, o que seria da minha avó e principalmente o medo dos filhos abandonarem a minha avó.

Entre você e seus irmãos tinha muito ciúmes em relação a seus avós? Como era a relação dos avós com todos os netos?

Eu acho que todos os netos pensavam que eram bem próximos dos avós. Aí de vez em quando dá até uma raiva quando algum acha que é mais que o outro. Mas assim, os dois eram muito presentes na nossa vida. Eu acho assim, que quem teve mais chance foi a Mariana no sentido de ver mais eles. O Gabriel viveu pouquíssimo tempo com os meus avós, irmão da Mariana. O Gabriel acho que tinha 10 anos quando meu avô morreu.

Uma coisa que eu sinto é que todo mundo tinha muito medo do meu avô e minha avó morrerem porque achavam que a família iria acabar. E os filhos tinham muito respeito pelo meu avô, muito mesmo. Não queriam decepcionar ele de jeito nenhum, então muitas vezes eu acredito que eles fizeram coisas que talvez não achassem que era a melhor opção, seja nos negócios, mas é porque eles não queriam decepcionar meu avô. Eles prestavam muita conta para o meu avô. O filho mais próximo sempre foi o meu pai e a tia Marina. O tio Otávio e meu avô viveram em guerra a vida toda, tio Otávio era um cara muito explosivo. Por isso eu acho que eles viviam em guerra, tio Otávio era daqueles que não queria terminar a faculdade, era bem filho rebelde. Tio Otávio era muito sentimental, então ele achava que meu avô não amava ele porque meu avô queria uma mulher e veio um homem, o terceiro filho homem. A filha Marina, mais nova, veio porque realmente meu avô queria muito uma filha mulher, era o sonho da vida do meu avô ter uma filha. E a Marina veio 10 anos depois do tio Otávio. O tio Otávio sempre sentiu que ele não era amado só que também era um cara muito sentimental e ele também acabou ficando em casa mais tempo porque era um dos mais novos e ficou quase 10 anos para terminar a faculdade e morava com os meus avós.

Ele ainda é um cara muito sentimental e também é daquelas pessoas que vai no cemitério, senta ao lado do túmulo do meu vô, pede perdão por várias coisas. Mas assim, quem era o filho em que meu avô confiava? Meu pai porque ele era o mais velho e meu vô foi passando tudo primeiramente para ele no sentido de administração. Meu pai era rápido, esperto para conseguir resolver os problemas. Meu avô confiava muito no meu pai porque eu acredito que ele achava meu pai inteligente. Tipo assim, de entregar tudo para ele que estava tudo certo porque meu pai daria um jeito. E o tio João, por outro lado, já era o filho inseguro. Ele foi aquele cara que fez Engenharia e não deu certo porque foi demitido de uma multinacional. Só que em vez dele continuar na Engenharia, o meu avô deu uma fazenda para ele. Então ele teve que seguir para uma área que não era a dele. Ele nunca foi feliz em administração. Ele era matemática, manjava em fazer contas, tecnologia, exatas. A Marina e meu pai sempre foram os mais próximos.

Como foi a relação de Gabriel e a pecuária?

Na verdade não sei se era os pais do meu avô a pecuária. Acho que a pecuária foi até influência dos amigos dele, até pela entrevista que ele me deu e falou que tinha que investir. Estava ganhando dinheiro com a medicina e ele tinha que investir, foi vendo que os amigos estavam investindo em fazendas, foi pedindo ajuda para um e para outro e ele foi aprendendo porque ele era inteligente e dava um jeito de fazer. Mas a vida dele era medicina e era um sonho. Era uma vocação mesmo.

Medicina sempre foi em primeiro lugar e, na verdade, agropecuária eu acho que foi um investimento que ele teve mas a medicina sempre foi em primeiro lugar. Então o que ele fazia desde o começo? Ele não podia estar presente 24 horas. E eu acho que a agropecuária também foi uma função porque você não precisa estar 100% presente, diferente da agricultura. Então na agropecuária, você poderia ir a cada 15 dias, talvez, uma vez por semana. Então ele conseguiria acompanhar tudo que estivesse acontecendo desde que tivesse um administrador nas fazendas. A vida dele era muito corrida mas eu não cheguei a acompanhar essa parte da vida dele. Mas eu lembro que a gente sempre dizia que nós comíamos muito rápido na nossa casa. Comi muito rápido porque meu pai também comia muito rápido. E meu pai falava que comia rápido porque o meu avô engolia a comida porque não tinha tempo. Meu avô chegava, comia rápido e já saía.

Era aquela coisa da família sentar todo mundo junto para comer e quando meu avô acabava de comer, todo mundo parava.

Quais os momentos que mais te marcaram do seu avô que você presenciou?

Eu lembro de três momentos muito especiais: de quando ele recebeu o título de Cidadão Prudentino que eu falei e recitei um poema para ele nesse dia. Eu tinha 15 anos nessa época, recitei este poema porque minha tia Marina falou que eu escrevia bem e perguntou se eu não poderia escrever algo para meu avô. Escrevi um poema e foi a primeira vez que falei em público. Eu gelei, entrei em pânico, não queria ver ninguém na minha frente e tal. Foi em 1994.

E também eu lembro muito da formatura da tia Marina porque em todo lugar ele era homenageado. Ele era um cara muito ativo e fazia muita coisa, pois as pessoas queriam agradecê-lo. Sei que nesse dia, ele tava no hospital e estava trabalhando, mas ele também estava ansioso por causa da formatura da tia Marina e ele saiu e acabou batendo de cara em um blindex, no mesmo dia da colação de grau da Marina e aí ele quebrou o nariz. E ele foi com aquele curativo enorme no nariz dele, eu lembro dele ficar muito bravo porque ele teria que ficar lá em cima e todas as fotos dele iriam sair com aquele negócio no nariz.

A terceira coisa que eu me lembro dessa época da minha vida de pré-adolescência é o casamento da Marina. Você fala do meu avô, você tem duas pessoas: tem a pessoa ativa trabalhando e você tem a pessoa que já está aposentada e no fim da vida. A pessoa ativa trabalhando era uma pessoa muito rígida e brava, as pessoas tinham medo dele. E a pessoa que estava se aposentando já era alguém mais doce. A Marina costumava dizer que quando ele descobriu o câncer de próstata, ele teve que tomar hormônio feminino para poder controlar esse câncer e isso deixou ele muito mais doce. Se não me engano ele teve por uns 10 anos o câncer de próstata mas aí ele tomou hormônio nessa fase e foi se acalmando. Ele era muito correto e as coisas tinham que sempre ser muito certas. A dona Beth, minha sogra, uma vez ela falou que uma pessoa falou que não acreditava que o filho dela era casado com a neta do Dr. Costa Neto. Todo mundo lembra do meu avô sempre muito rígido e bravo, só que ao mesmo tempo ele era uma pessoa muito boa e já ajudou várias pessoas. Ele deu casa para muita gente, para ex-funcionários. Mas ele não era uma pessoa de tanta demonstração de afeto nessa época rígida dele.

Cenas inesquecíveis: ele tinha muita pressa e minha avó era muito calma, era o oposto. Minha avó chamava ele de marido, ou era Gabriel ou era marido. Ele morava naquela casa da Washington Luiz que tinha o portão aberto e a minha avó ela tinha medo de assalto mas nunca foram assaltados. Então o que a minha vó fazia? Ela trancava todas as portas dos quartos, na casa que era um sobrado. Tinha cinco quartos em cima, então imagina. Ela trancava a porta do quarto dela e escondia as chaves de todos os quartos. A última chave do quarto lá de cima, ela escondia embaixo de uma santa. Então ela ficava duas horas trancando a casa, aí o meu avô já na garagem, na frente de casa e no meio da rua gritando: “Marina! Eu vou deixar você!”. Ele ficava muito bravo e a minha avó sempre pedia para ele ter mais calma. E ela nem se incomodava porque ela sabia ele nunca iria deixar ela.

Eu confesso que até hoje eu tenho o hábito de não conseguir ir a um médico que é mais velho e não perguntar se ele já não conheceu o meu avô porque hoje nós temos percebido que cada vez mais ele é menos conhecido, sendo que ele era muito importante. E até que dói de ver um médico que não conhece ele, principalmente na área da medicina. Na época que a gente era criança nós nunca pagamos médico na vida porque para família do Dr. Costa Neto ninguém deixava pagar. E meu avô era um médico muito respeitado mas isso era porque ele fazia diferença. Ele não estava aqui para atender as pacientes dele, ele estava aqui para mudar a medicina, é diferente. Ele não era o tipo de médico que estava só ele para fazer o seu papel enquanto um profissional de medicina. Ele queria mudar a medicina em Presidente Prudente. Então, por exemplo, ele conta nas gravações, quando ele assumiu a Sociedade Medicina de Prudente, ele fazia palestras semanais com médicos de São Paulo porque ele queria melhorar, sendo que levava mais um dia de viagem de São Paulo até aqui. As estradas eram ruins, eram de terra, Prudente era fim do mundo. E meu vô sempre foi incansável, ele é uma pessoa que veio para

fazer a diferença e não para ser mais um. Ele sentia que ele realmente merecia as homenagens porqu ele fez por merecer muito para isso. Ele nunca teve preguiça de trabalhar e nunca foi uma pessoa comum, foi alguém que veio para mudar qualquer coisa. Tanto é que quando ele se aventurou na pecuária que era um algo a mais, ele foi lá e virou presidente do Sindicato Rural. Foi lá e criou uma exposição. Ele não gostava de ser acomodado, não era o perfil dele.

Ele veio de uma época em que os médicos iam às casas. Ele falou para mim que: “Os médicos de hoje olham exames, eles não olham os pacientes e é por isso que eles erram tanto. A medicina perdeu muito porque os médicos só enxergam os números e se preocupam com o dinheiro que vão levar daquilo ali, eles não estão ali por vocação ou por que amam ou porque querem salvar uma vida. Eles estão ali porque eles querem ganhar dinheiro. Você só descobre o problema de um paciente ouvindo ele, e os médicos não ouvem mais”. Pelo que o meu avô me contava as consultas dele eram longas, por isso ele criava um vínculo com o paciente. Descobriu muitas coisas e perdeu poucas pessoas. Talvez porque ele tenha escolhido uma área da medicina que é para trazer vidas. Eu lembro que perguntei para ele uma vez a respeito de quantos pacientes ele tinha perdido, e ele me falou que foram bem poucos.

Quando meu avô se aposentou com 75 anos, ele ainda era novo. Não estou falando novo de idade, mas novo da cabeça. Para ele foi muito difícil, e todo mundo falava que ele chegou a envelhecer uns dez anos depois que se aposentou porque ele tirou o que mais amava que era medicina. Mas acontece que você tem que saber a hora de parar. Você tem que saber a hora que você já não pode mais contribuir. Para ele foi uma decisão muito difícil se aposentar mas ele nunca se afastou da Sociedade de Medicina, ele frequentava, eu acredito, que semanalmente. Foi muito bom que ele ainda continuou tocando fazenda por que parar para ele era morrer. No final da vida dele, de fato ele parou porque aí ele vendeu a fazenda São Sebastião para o Governo do Estado de São Paulo por ser uma área de disputa fundiária dos Sem Terra. Então já chegaram a invadir e principalmente a fazenda da frente. Como a dele não era uma terra devoluta, e sim uma terra correta dentro da lei, mas ela acabava que tava numa região de conflito e não era bom. Daí ele comprou o sítio e foi nessa época que ele definitivamente parou. Passou a viver uma vida de aposentado. Ele só comprou o sítio porque ele precisava de alguma coisa para fazer.

Teve alguma cobrança ou pressão para você cursar medicina?

Meu avô nunca falou para eu fazer medicina apesar de conversarmos muito sobre este assunto. Que eu entrei no jornalismo, ele tinha muita admiração por essa área é porque ele era um leitor de jornal. O primeiro chefe dele foi o Otávio Frias que era secretário de Saúde de São Paulo, tinha muita admiração pelo jornalismo. Agora uma coisa que eu lembro dele ficar na minha cabeça era na época da minha primeira gravidez, da Maria. Ele passou os nove meses falando para eu fazer um parto normal e eu nunca quis fazer parto normal. Só que ele mexeu comigo porque ele ficou falando para mim que não tinha necessidade de fazer cesária, as vantagens do parto normal, a produção de leite. Aí eu comecei a conversar com a minha médica sobre isso e ela falava tudo bem e chegando mais para o final da gravidez poderia ter essa possibilidade. Só que aí a Maria não desceu, não ficou encaixada na posição certa. Eu tinha medo do parto normal e ele dizia que não tinha o porquê de ter medo. Todas as cirurgias da família o meu avô participava. Só do meu parto que ele não participou porque ele já estava velhinho e morreu quatro meses depois da minha filha Maria nascer, 22 de junho de 2010 foi a data em que ele morreu.

Eu fiz Lipo na faculdade. Ele entrou na sala de cirurgia, deu palpite, não deixou tirar mais e ficou assustado, pois foi a cirurgia mais forte que ele já presenciou. Foi no último ano da faculdade. A minha irmã fez a cirurgia de mama para retirar e ele também acompanhou a cirurgia.

Como esse ‘dar valor’ à família se perpetuou depois da morte deles? A família é unida? Como foi presenciar e conviver os últimos anos de vida do Gabriel?

Depois do falecimento do meu avô e da minha avó, a família meio que se dividiu então agora cada um faz o seu Natal. Quando meu avô morreu a gente ainda fez uns dois Natais na casa da minha avó só que aí a Marina achava que era muito desgastante para minha avó porque ela já

não estava mais nesse mundo. Minha avó começou a sumir e a gente costuma dizer que perdemos o meu avô e a minha avó no mesmo tempo. Ele ficou doente e a memória dela foi regredindo. Eu acho que foi Deus porque ela não ia aguentar, não ia aguentar ver o que ele sofreu. Ela não ia aguentar não ter ele e não ia suportar porque era muito amor. Algo fora do normal. Era o maior amor que eu já vi na minha vida. Como você pode estar a 60 anos apaixonado? Eles foram apaixonados por 60 anos. É diferente de um amor tranquilo.

Nesse meio tempo o meu avô foi internado algumas vezes e eu lembro de uma vez que ela começou a não falar coisa com coisa. A minha avó sempre foi muito desligada e trocava o nome de todo mundo desde sempre. Para você ter uma ideia, ela chamava a Marina de Mário Luiz e morria de rir. Nesse final de vida do meu avô, ele realmente só saía de casa para ir ao médico quando ele tinha que ser internado em algum hospital porque todos os médicos sempre atendiam meu vô em casa. Uma das vezes em que ele foi internado, ele estava saindo de cadeira de rodas e ela chegou falando de um batom. E daí ela perguntou onde meu vô estava indo e eu olhei e falei para ela que ele iria fazer alguns exames. Em seguida ela virou as costas e continuou normalmente. Ela estava no mundo da lua já. Então no dia que ele morreu ela já estava bem no mundo da lua. Ele tava na UTI quando morreu e quem estava com ele foi o Tosello. O momento da morte do meu avô foi com o Tosello. O Tosello nunca abandonou meu avô e tanto é que a decisão do meu avô de ir para UTI foi dele porque meu avô já não conseguia mais se alimentar. Ele não iria admitir que meu avô morresse de fome porque precisava passar a sonda e etc. E meu avô pediu pelo amor de Deus que ele não queria morrer na UTI, o desejo dele era morrer em casa.

Eu lembro dele me contar que dessas vezes que ele estava internado, falava assim para mim: “Sonhei que fugi do hospital de cueca, que eu saí do hospital de cueca, cheguei lá na frente e olharam para mim falando onde eu estava indo e eu saía de cueca e eles simplesmente deixavam”. Ele odiava hospital porque sabia o que estava acontecendo com ele. Quando ele foi para UTI, ele pegou no braço da filha Marina e disse que não iria perdoar ela por estar trazendo ele para UTI. Ele morreu às 7 horas da noite e a única pessoa que podia frequentar a UTI era o Tosello porque era médico e o resto da família nos horários de visita. O momento exato em que meu avô morreu, o Tosello estava lá dentro.

E ouvi dizer que o Tosello saiu descompensado chorando pelo hospital e as pessoas perguntando se era o pai dele porque nunca viram ele tão desesperado. Quando meu avô morreu nós tivemos que correr para organizar as coisas. O velório dele, por exemplo, foi na Casa do Médico. A gente tinha que ir correr atrás de autorização da prefeitura, da Casa do Médico. Os filhos resolveram não contar para minha avó porque não tinha sentido ela passar a noite com isso na cabeça. Todos os filhos foram às 10 horas da manhã do outro dia, minha irmã estava junto, até a nossa avó para falar sobre a morte do vô. Disseram para mim que a hora que eles falaram para minha vó da morte do meu avô, ela chorou muito mesmo. Ela teve um momento de lucidez e falou que queria ir para vê-lo. Foi até o velório, chegou lá e abraçou ele. Sentou numa cadeirinha ao lado do caixão e as pessoas vinham falar com ela, e eu estava do lado dela. Uma hora ela fez assim: “Gozado, todo mundo está vindo dar meus sentimentos para mim, e não estou entendendo o porquê”. E eu falei que era por causa do vô. Ela falou assim: “Acha! Esse não é o Gabriel não, o Gabriel deve estar andando por aí”. Ela sempre achava que ele estava ali na casa ainda junto com ela. De vez em quando, você notava depois que meu avô morreu, você pegava ela chorando. A gente perguntava porque ela estava chorando e ela dizia que era saudades da mãe dela. Nunca pelo meu avô, ela nunca absorveu a morte do meu avô porque ela ainda achava que ele estava na casa.

E os valores que eles te passaram?

Meu avô e minha avó são meus padrinhos de casamento. Além dele ser meu padrinho no casamento, na minha formatura de jornalismo também dancei a minha valsa com ele e com meu pai. Namorei o Mancuzo por cinco anos. Eu comecei a namorar ele quatro dias depois da minha formatura de jornalismo. E durante todo o meu namoro, meu pai ficava me perguntando porque eu não casava e eu falava que não era assim porque precisávamos nos estabilizar. Meu pai sempre falou que se não der certo no casamento era só se separar porque o meu pai não se

casou para separar. Minha mãe que quis se separar e aí eu falo que ele conheceu o caminho das pedras. Eu e minha irmã falamos muito isso, que ele nunca teria se separado. Ele poderia estar vivendo um inferno, mas ele nunca iria se separar porque não iria fazer diferente daquilo que aprendeu com meus avós. E quando ele dizia isso para mim, eu falava que não iria casar para se separar. Para mim e para minha irmã, até hoje, a referência de família é do meu avô e da minha avó e não a do meus pais.

A minha mãe me compara muito com a minha avó porque ela fala que eu faço tudo o que meus filhos querem, que eu sou muito mãezona. Tem hora que eu invento mil coisas com as crianças e a minha mãe me criticando que eu me pareço com a vó Marina. Daí eu sempre digo para ela que isso sempre vai ser um elogio porque se eu ficar um terço do que a minha avó foi, eu vou ser a melhor pessoa do mundo. Eu admirava muito valor de família que ela tinha, era algo fora do normal. Eu quero ser como eles e o Mancuzo viveu e conheceu eles. Eu só espero que meus filhos não façam como os filhos deles porque assim: um erro que eu acho é que meu avô deu demais para eles, então eu acho que eles não deram o devido valor, no sentido de ir à luta por conseguir algo próprio. Eles são filhos de uma herança e como herdaram tudo o que meus avós tiveram, eles brigaram muito pelo ter. Hoje eles não brigam mais, mas brigaram muito pela herança. Ao contrário, meu pai já dizia que não tinha muito o que passar para eu e meus irmãos porque o que ele tinha era a fazenda e ele falava que se dividisse a fazenda em três partes, nós não conseguiríamos sobreviver. Meu pai educou a gente dizendo que cada um toca a sua vida. Meu pai ensinou a gente a correr atrás da nossa vida. Essa referência de família que a gente teve tão forte fez o seguinte: hoje a gente tem uma ligação muito forte eu, minha irmã e meu irmão. Meu pai e minha mãe foram muito egoístas e cada um tocou sua vida e esqueceu um pouco dos filhos. Mas eu, a Gabriela e o Marcelo temos nossos avós de referência. Então nós sempre estamos todo final de semana juntos, criamos nossos filhos juntos, a gente valoriza isso. Nós criamos laços fortes entre a gente. Então eu acho que meus filhos vão ter essa referência. A gente hoje aprendeu a falar não, e a impor limites, mas a gente aprendeu também a dar amor.

Acredita que seu avô morreu realizado?

Sobre a vida profissional eu acho que meu avô morreu tranquilo. Agora na familiar eu acho que ele morreu preocupado. Ele tinha muito medo da dissolução da família, era uma preocupação realmente. Teve uma época em que os irmãos estavam todos brigados e depois que minha avó morreu todos fizeram as pazes. Hoje a gente se aproximou mais da tia Marina e do tio Otávio. Hoje o natal é na minha casa com a minha mãe e com a tia Marina, tia América também. O meu pai passa o Natal com a família da mulher dele ou ele viaja. No dia 23 ele faz um churrasco para os filhos dele e os netos. Dia 24 ele passa com a família dele porque a gente traz a minha mãe para minha família, e eles não podem se ver. Já o tio Otávio faz Natal na casa dele e no dia 25 eu chamo todo mundo para vir na minha casa.

Como foi receber a notícia da morte de seu avô?

Eu tava indo para a faculdade e deixei a Maria na casa da minha sogra para ir trabalhar quando meu avô faleceu. Eu tinha acabado de voltar a trabalhar e ia ter uma reunião de professores de final de semestre. A gente estava esperando a morte dele porque ele já estava internado e eu vi ele uns dois dias antes, sabia que ele iria morrer porque o rosto dele estava muito caído e ele estava muito estranho. Ele desfigurou e não era a mesma pessoa. Meu pai me ligou e me avisou da morte dele. Foi uma correria, eu voltei e cancelei a reunião que tinha. Eu fui atrás de ligar nos jornais para dar a notícia. O *Oeste Notícias* colocou uma tarja preta em que dava a notícia da morte do meu avô. Eu acho que meu avô foi enterrado às 16 horas da tarde, não lembro muito bem. Eu lembro que depois da missa de sétimo dia a família saiu para comer junta.

Você se lembra das últimas memórias que tem deles?

Eu vivi muito do meu avô nos últimos anos dele. Eu levava bastante a Maria para ele ver e eu lembro que ela chorava muito porque tinha cólica, e ele sempre falava que a minha filha tinha pulmão bom porque ela chorava muito forte.

Minha avó morreu em julho. Mas em maio ela começou a ter uma infecção no ouvido. E a minha avó já teve várias infecções e todas começavam por infecção urinária. Mas ela começou a ter uma infecção no ouvido que vazava. Ela tinha uma geriatra que ia até a casa dela, e aí o Dr. Vinícius que era otorrino também ia na casa dela. Era muito difícil deslocar a minha avó, mais difícil do que o meu avô porque ela estava muito debilitada. Chegou o momento que essa infecção ocasionou dela ter que tomar antibiótico por um mês só que não fazia mais efeito. Chegou um certo ponto em que os médicos decidiram fazer uma cirurgia nela. E aí você pensa que não tem o menor sentido operar uma pessoa de 97 anos. Mas os médicos foram incisivos que por mais difícil que fosse, e que muito provavelmente ela não suportaria a cirurgia, se não operasse a infecção já estaria chegando no cérebro e ela ficaria paralítica. Então todos concordaram com a cirurgia. A família inteira veio neste momento, chamamos padre, estávamos nos despedindo da nossa avó. Mas a avó era uma fortaleza e todo mundo falava que ela não iria resistir à cirurgia. A vida dela não tinha mais sentido porque ela não estava mais lúcida. Ela tinha uma artrose ou artrite que impossibilitava ela de abrir as mãos normalmente. Independente de tudo, a minha avó sempre estava rindo e chegou um certo ponto em que ela parou de rir. Eu me lembro que essa cirurgia foi preciso tirar um pedaço do crânio dela. Se não me engano foi umas duas horas de cirurgia e todo mundo lá esperando. Ela iria passar três dias na UTI, e ela passou menos de 24 horas e já foi embora para casa.

Foi para casa com a cabeça toda enfaixada e ela continuou distante, no mundo da lua e sem rir. Passou um mês e voltou a infecção. E só para lembrar, desde a época em que meu avô ficou doente, os filhos fizeram um combinado entre eles de que cada um seria responsável pelo meu avô e eles nunca deixaram de fazer isso, até minha avó morrer. Eles passaram pelo menos uns 10 anos tendo a obrigação de uma vez por mês passar uma semana aqui em Prudente com eles.

Eu acho que minha vó morreu umas 11 horas da noite mais ou menos. Ela estava com uma bactéria muito forte e ficou em uma área de isolamento do hospital e praticamente a família inteira estava no Mato Grosso para comemorar o meu aniversário na fazenda. No velório da minha avó foi tudo muito diferente e foi uma coisa do tipo: “Graças a Deus que ela descansou”. A vida dela não tinha mais nenhum sentido aqui. Acho que a pessoa que mais sentiu no velório da minha avó foi a tia América porque foi tipo assim: agora só faltava ela para morrer. E depois da morte dos dois, a tia América deu uma boa deprimida. Ela falou que só começou a sentir a idade depois dos 90. Ela tem muito medo de precisar de alguém e ela sempre fala que quer morrer sem precisar de ninguém.

O que você gostaria de falar para eles se estivessem vivos?

Acho que eu ia agradecer pelo exemplo e por tudo que eles representavam para gente, tudo que eles significaram. Eu faço questão dos meus filhos estarem perto dos avós, as duas partes, isso foi um ensinamento que eu tive dos meus avós. Eles são raízes muito fortes e fizeram a gente entender isso. Eu acho que eu diria que a gente aprendeu e que a gente quer manter vivas essas raízes. Eu tenho muita saudade deles, mas eu tenho mais saudade ainda do tempo em que eles estavam bons em que a gente podia conversar e trocar experiências. Perder eles foi no momento em que percebemos que para eles já tinha dado. E eu penso que eles foram muito felizes. E eu sempre me pego conversando com Deus e pedindo para ele não deixar que nada de ruim aconteça comigo e para meus filhos, e pedindo que aconteça as coisas na ordem natural de eu morrer primeiro e penso se isso é possível. Mas aí eu penso que é possível porque aconteceu com meus avós, porque eles chegaram lá na frente sem nenhuma perda e sem ter nenhuma doença grave e nada disso. Eles foram abençoados e tiveram muita sorte na vida deles.

ENTREVISTADA: MARIANA COSTA BINOTE

PRESIDENTE PRUDENTE

Repórter: Janaína Tavares

Sexta-Feira, 29 de março, às 17h30

Local: Casa da Mariana

Endereço: Av. 11 de Maio, 1539 - Edifício Saint Germain, ap. 1301
 Telefone: (18) 998165581

Então, Mariana você morou dois anos com seus avós, não é? E que idade você tinha? Por que foi morar com eles?

Sim. Eu tinha 13 ou 14 anos? Eu tinha 14 anos. Desde a época em que eu comecei a ficar mais velha, ele (Gabriel) falava para meus pais que eu tinha que vir estudar aqui em Prudente porque o Mato Grosso era muito atrasado e tinha que vir para cá. Porque aqui o ensino era melhor e eu tinha que morar com eles, o sonho da vida dele era que eu morasse com ele [risos].

Como foi essa experiência? Sua mãe deixou você vir numa boa?

A decisão teve que ser minha, eu vou chorar [risos]. Falei que ia vir e vim fazer o primeiro colegial. Então eu morava com os dois lá no apartamento, fiz o primeiro colegial inteiro e o segundo até quase o final. Aí eu voltei porque eu fiquei doente e a minha mãe quis me levar embora e ele ficou muito bravo, falando que eu ia andar para trás de novo e que estava me atrasando. Ele ficou muito bravo quando eu fui embora.

E quais as lembranças que você tinha quando morou com ele?

Eu ia para escola de van, ia e voltava de van. Quando eu acordava, ele já tinha feito o café da manhã e já estava com a mesa posta. E aí de mim se eu não desse bom dia e um beijo neles. Aí eu ia para escola e a minha vó chegava 12h30, enquanto ele era acostumado a almoçar 12h em ponto. Só que do dia que eu me mudei para lá, ele mudou o horário de almoço para a hora que eu chegasse. Então ele ficava na sacada e a hora que ele via a van parada lá embaixo ele falava: "A Mariana chegou! A Mariana chegou!". Ele se sentava no lugar dele da mesa, esperava eu entrar e eu tinha que ficar para almoçar. E aí era assim: eu não podia sair se não desse um beijo neles; e se eu não falasse com eles à tarde no horário em que eles assistiam o jornal, também tinha que sentar com eles porque senão eu estaria muito quieta e iriam se perguntar o que estava acontecendo. Teve uma vez que nós tivemos uma briga porque eu era muito nova, então eles não dormiram enquanto eu não chegava e principalmente a minha avó que ficava transitando no corredor. Mas a bateria do meu celular tinha acabado e eu não chegava. Eu estava com a minha prima, era a Gabi ou era a Beatriz? Era com a Beatriz no Bohêmio. Daí eles ligaram para a Gabriela, perguntando se ela sabia de onde eu estava, mas ela disse que não. Conseguiram falar com a Beatriz e ela falou que iria me levar embora. Também estava junto com uma amiga minha, Mariana que é a minha xará, e ela iria dormir em casa nessa noite. Quando nós chegamos eu percebi que o apartamento inteiro estava com a luzes acesas. Quando eu abri a porta, ele gritava e dava pulo no chão: "Mas isso são horas?! Olha que horas são! A sua avó não dorme e não me deixa dormir todo preocupado!" Aí é minha amiga foi dando ré e ficando atrás da porta [risos]. E eu começava a pedir desculpas para o meu avô, só falava desculpas para ele. Fomos para o quarto dormir e no dia seguinte a minha mãe chegava resolvi contar para ela quando ela chegasse. E no dia seguinte tinha rodeio e era show do Gino e Geno, queria ir muito no rodeio. Então, ela chegou e eu fiquei quieta porque eu sabia que ela ia ficar sabendo. Saí e fui para o rodeio com as minhas primas, só que ele chegou na minha mãe e contou para ela que tinha que falar o acontecido: "Mas ela foi muito educada porque ela me pediu muita desculpa. Mas isso não pode acontecer porque a gente fica muito preocupado e nós já somos de idade" [risos]. Desde esse dia eu aprendi que se eu fosse sair e voltar à tarde depois de um show, eu dormiria na casa das minhas amigas porque eles se preocupavam demais.

Como foi a experiência de morar com eles?

Foi demais assim. Do mesmo jeito que eles cuidaram de mim eu pude cuidar deles também porque eles já tinham uma certa idade, então foi muito legal.

E você era pegada a sua avó ou seu avô?

Bom, eu não sei se alguém já contou isso mas eu era a neta favorita [risos]. Porque era a filha da filha, então eu era puxa-saco deles e eles puxavam meu saco também. A minha avó era um grude, de sair junto e colocar dinheiro escondido na minha mão: “Olha, peguei na carteira do seu avô, então toma aqui R\$ 10 reais para você sair”. E como ele sempre foi mais durão e mais bravo, eu tinha aquele receio apesar de respeitar muito ele. Mas a minha avó era demais! Se eu estava em casa, eu estava com ela. E ele saía porque ele ainda fazia muita coisa na rua, ir para escritório, na fazenda. Aí de domingo eu acordava e o jornal O Imparcial chegava mais tarde, sentava nós três um ao lado do outro na cadeira de balanço, e cada um pegava uma parte do jornal, ia lendo e ia passando de um para o outro. Era esse o ritual de domingo. Já estava combinado desde sábado à noite se a gente ia almoçar algum tio ou se a gente ia no Guaíba mesmo, se ia no shopping. Eram os lugares preferidos do meu avô para almoçar.

Como que era a relação dos seus avós com os outros netos? Tinha algum ciúmes?

Sim, tinha. A minha prima mais nova, a Maísa, tinha muito ciúmes porque depois de mim é ela e o meu irmão só. Ela é quatro anos mais nova que eu, então ela via que eu ganhava coisas da minha avó e falava: “Ah mas eu também quero”. Ela queria igual então tinha aquele ciúmes porque eu ganhava tudo e sempre ganhava tudo. Então tinham ciúmes assim por parte dela que eu me lembro porque os outros já eram mais velhos.

Quando você morava aqui, costumavam passear juntos?

Sim, no domingo era sagrado almoçar fora. Nunca tinha almoço em casa no domingo, nunca! Sempre ou no Guaíba ou no H2 do Shopping. De vez em quando algum tio avisava que teria almoço em casa, então a gente ia. Mas eu tinha que almoçar com eles no domingo! Era sagrado. Os aniversários da família também que tinham que ir e chegar mais cedo porque ele era pontual, do tipo de bater na porta pra saber se estávamos prontas. Tinham esses eventos assim.

E como era a relação do seu avô com a sua avó? Porque todo mundo fala que era um amor incondicional.

Era mesmo. É o que eu falei deles sentarem juntos para tomar em café da manhã, para almoçar. Pra assistir TV, sentava um do lado do outro naquele sofá enorme de mãos dadas. Era assim, eu nunca vi alguém igual. Eles sempre queriam também que eu fizesse lanches para eles à noite. Então eu fazia sanduíche de pão sírio e colocava na sanduicheira e eles ficavam muito felizes quando eu fazia!

Tem alguma história especial que aconteceu com eles e com você?

Eu acho que foram esses episódios que eu me lembro bem de quando eu morei com eles. Essa briga da noite que ficou marcada. Aí eu não lembro assim mais.

Quando você voltou para casa da sua mãe, costumava sempre visitar eles? Como ficou a frequência de visitas?

Eu vinha o máximo que eu podia porque como eu tinha escola e logo depois eu fui para o intercâmbio em 2009. Fiquei seis meses no Canadá e morria de medo de acontecer alguma coisa, nossa! E aí eu voltei e vim direto para Prudente só para ver eles mas mesmo assim eu vinha sempre bastante. Não tanto como eu viria hoje em dia porque a minha mãe pelo menos vinha com a minha avó uma vez por mês. Não era tão frequente mas estava sempre aqui e eles também sempre iam para lá. Enquanto tinha o Toninho motorista que sempre levava bastante eles para lá, meu vô amava ir para lá.

E como foi para você receber a notícia da morte deles?

Foi assim a tragédia! A minha mãe já estava aqui com ele muito ruim na UTI e os médicos disseram para ela ir para casa porque já estava aqui há um mês. Para ela ir descansar e ir buscar a gente porque sabíamos que ele estava muito mal e para se despedir dele. Essa época eu

morava a 50 km de Rio Brilhante (MS) porque eu morava em Dourados (MS) e fazia faculdade. Ela chegou de Prudente e no dia seguinte ela foi para lá para me ver. No que a gente saiu, chegamos em casa e era tardezinha assim, já estava quase anoitecendo. Eu tava sentada no meu sofá e ela estava na mesa como se fosse aqui. Então tio Mário ligou, ela fechou o olho e falou: "O vô descansou". A hora que ela falou isso, eu gritava tanto e chorava tanto [chora]. Eu lembro que vieram os vizinhos do meu condomínio perguntar o que aconteceu. Foi assim muito desesperador porque eu não conseguia me controlar. Eu sofri muito no velório, no enterro. Sofri muito mesmo assim. Por muito tempo foi difícil para mim porque eu não conseguia falar sobre a morte dele sem chorar. As pessoas falavam dele para mim e eu saía de perto foi muito difícil. Tanto é que um tempo depois eu comecei a fazer terapia com psicóloga e só tratava isso. Ela me fez fazer uma caixa, pegar um baú e colocar todas as minhas recordações com ele e de tudo que me lembrava sobre ele. Tinha camiseta do haras, do Topázio, fotos e muita coisa. Meu primeiro processo foi esse e depois foi uma carta me despedindo dele. Depois fizemos uma sessão de "dramaterapia" que era ele na minha frente e eu falava. Mas foi muito difícil assim [choro].

Mas você conviveu com ele nos últimos anos?

Sim.

E se ele fosse vivo, o que você gostaria de falar para ele?

Por mim ele poderia ser eterno [choro]. Tanta coisa assim por ele ter sido muito na vida de todos. O legado que ele deixou, o exemplo porque ele viveu até o último segundo da vida dele pela minha avó que era a maior preocupação da vida dele e pela família. A preocupação dele era deixar todo mundo bem e sempre foi isso de se preocupar com todo mundo. Então eu acho que foi assim, todo esse cuidado que ele sempre teve poderia ser retribuído eternamente se ele estivesse vivo. Foi uma parte dessa minha cura, no ano passado de ter voltado a morar aqui e ver a minha avó viva. Moramos com ela seis meses. Aí eu desci trocar a faculdade e meu irmão também iria entrar na faculdade. Nós decidimos vir para cá no começo de 2017 e já vai ser o terceiro ano aqui. Nós prestamos vestibular de verão e não tinha como ver alguma coisa rápida para morar ou alugar. Então a minha mãe ligou para os meus tios e perguntou se tinha algum problema a gente morar com a vó um tempo até arrumar um lugar fixo para morar. Nisso nós ficamos seis meses morando com a minha avó e com as enfermeiras, mas foi maravilhoso. Foi muito legal! Eu ficava no quarto da minha mãe e o meu irmão ficava no quarto do tio João, cada um tinha um quarto lá. Era muito gostoso porque a gente chegava, saía e ela ainda estava lá. Sentava com ela, brincava com ela, Gabriel (irmão) tocava pandeiro para ela e nós cantávamos. Jogo de futebol nós assistíamos e ela ficava brava falando: "Olha a bola!". Ela foi parando de ter essas reações. Foi muito legal porque a casa ficou muito movimentada. Nós saímos em julho mas ela ainda viveu mais um ano. Eu ia lá praticamente todos os dias, todos. Tanto é que depois que ela faleceu, teve um dia que eu "inbiquei" o carro na garagem e comecei a procurar o controle da garagem para entrar. Mas aí eu lembrei que ela já tinha morrido e já faziam mais de meses que ela tinha morrido. Então eu sinto que eu pude retribuir um pouco de todo amor ele deu para ela. Que ela passou os últimos anos da vida dela muito feliz com a gente!

Se ela fosse viva o que você gostaria de falar para ela?

Que ela não fosse embora nunca [choro e risos].

O que eles significaram na sua vida?

Eu acho que eles foram os meus pais na ausência dos meus pais. Mas eles foram também os meus pais sempre. A minha avó era a maior defensora do mundo e ninguém poderia falar grosso comigo. O meu avô também falava na frente e a minha avó: "Coitada, não faz assim com ela". Fui a chorona e a sentimental, acho que puxei um pouco disso da minha avó porque também era. Ele falava: "Vocês são iguaizinhas". Chorava uma e chorava outra.

ENTREVISTADO: GABRIEL COSTA BINOTE

PRESIDENTE PRUDENTE

Repórter: Janaína Tavares

Sexta-Feira, 29 de março, às 17h00.

Local: Casa do Gabriel

Endereço: Av. 11 de Maio, 1539 - Edifício Saint Germain, ap. 1301

Telefone: (18) 997318138

Vamos falar um pouco da infância. Você costumava visitar os seus avós? Como era?

Eu sempre vinha com os meus pais quando tinha alguma coisa por aqui. A gente não vinha muito para cá quando eu era bem pequeno, no mais no final que aí a minha mãe vinha todo mês. Aí nessa época a gente vinha até mais.

Você tinha que idade mais ou menos nessa época quando começou a vir mais para Presidente Prudente?

Eu não sei porque eu sempre vinha para cá, desde muito pequeno.

Como eram essas visitas? Você comentou comigo que tinha brincadeiras com seu avô.

Ele sempre ficava na sala, o dia inteiro quase. Ou na sala ou no escritório dele. Aí quando ele estava na sala, eu ficava lá também e me enchendo o saco. Ele ficava jogando o reflexo do relógio na gente; íamos no Parque do Povo para passear e sempre estava a minha vó, ele e a cadela deles. Aí quando passava alguma menina na rua e ele ficava me cutucando ou me beliscando, era sempre assim.

E você tem alguma lembrança do seu avô que te marcou?

Eu lembro muito quando a gente ia para fazenda do meu avô. Eu peguei bem pouco essa época mas eu me lembro que a fazenda dele foi invadida. Aí eu me lembro a última vez que eu fui lá, a gente chegou e o pasto estava lotado de... Tinham invadido. Me lembro que deu todo aquele rolo e era longe a fazenda. A gente foi na maior boa vontade e voltou com o meu vô a mil por hora, bravo e não sabia o que fazer. Eu era novinho de tudo.

E da sua avó? O que você se lembra dela?

Ah eu lembro. Eu lembro que eu e minha prima, a gente tomava banho de piscina ali no prédio e ela ia na sacada e ficava jogando bombom para gente [risos]. Acho que o que eu mais lembro era disso sobre ela. Era eu e minha prima Maísa, nós somos os mais novos né.

Como que foi para você receber a notícia da morte do seu avô?

Estava dormindo em casa e aí foi a minha mãe que me acordou. Falou para mim e daí nisso, a gente já pegou o João Gabriel e viemos para cá porque foi tudo muito rápido, entendeu? Não deu nem tempo de eu pensar e só fui me tocar quando a gente chegou aqui. A gente ficou das 2 horas da manhã até... Nossa Senhora! Foi muito triste o velório dele e tinha muita gente.

E qual que era a sua última lembrança dele?

Foi quando ela falou que levou ele para o Mato Grosso, para o carnaval. Eu lembro dele lá que ficava parado e olhando bastante a fazenda, dele e o do senhor Milton conversando. Essa é minha última lembrança dele.

E da sua avó?

Eu morei com a minha avó antes dela falecer. Acho que a melhor lembrança que eu tenho dela é do aniversário dela. Como morava com ela, então era mais rotina. Mas a melhor e a última lembrança é do aniversário dela.

E como foi para você receber a notícia que ela tinha falecido?

A minha prima Maísa me ligou. Eu estava no Mato Grosso. Eu morava com a minha avó e tinha acabado de me mudar para cá. Aí eu tinha voltado para lá (Rio Brilhante - MS) e estava estagiando, por isso eu tinha ido para lá. Aí a família toda estava lá. A minha prima me ligou de madrugada, acho que era de noite e mais ou menos umas 22 horas. Foi ela que me deu a notícia e eu sempre achei que eu ia ser o último a saber porque sou o caçula. E quando ela me falou, disse: "Não estou conseguindo falar com a sua irmã". A minha irmã morou muito tempo com a minha avó e cuidou muito da minha avó. Quem deu a notícia para ela fui eu e foi muito difícil essa conversa com a minha irmã. Acho que foi o dia mais triste da minha vida.

Você gostaria de ter convivido mais com seu avô?

Ah com certeza! Com certeza! Até por tudo que falam sobre ele e eu praticamente não conheço ele. Eu conheço ele pelo que os outros falam sobre ele.

Se o seu avô fosse vivo hoje, gostaria de falar alguma coisa para ele?

Falar eu não sei, mas eu queria aprender muito com ele, muito!

E para sua avó?

Minha avó acho que não porque as minhas últimas lembranças dela foram muito boas. E apesar dela não estar mais lúcida, foi muito bom. Porque para minha avó eu não teria muita coisa para falar a ela.

(Marina responde) Gabriel, você lembra quando chegava com um pandeiro na frente dela? Ele tem um pandeiro que ele toca. Aí ele ia com esse pandeiro na frente dela e a mãozinha dela não abria mais porque ela tinha...

(Gabriel responde) E ela gostava muito de samba, né. Muito. Eu tocava pandeiro para ela, daí eu e minha irmã cantávamos e ela ficava muito feliz.

(Marina responde) Mas música ela também cantava com a gente.

(Gabriel responde) Cantava! Nossa! Tinha algumas músicas que ela cantava inteira, decorada.

Como você contou, foi muito difícil contar para Mariana sobre a morte da sua avó.

Foi e também pela minha mãe não estar aqui, foi muito difícil para mim e para minha irmã.

Como foi a reação dela quando você contou?

Pra minha irmã? Ah! Eu só falei: "A vó...". Nós dois desabamos em choro porque ela já tinha entendido. Não teve praticamente nada de conversa, a gente só chorou.

E nessa época a Mariana ajudava a cuidar da sua avó?

Eu e ela estávamos no Mato Grosso quando aconteceu isso. Fazia umas duas semanas e aí aconteceu isso.

ENTREVISTADO: MÁRIO LUIZ CARNEIRO COSTA
PRESIDENTE PRUDENTE

Repórter: Bianca Pereira e Caroline Luz

Segunda-feira, 04 de março às 15h.

LOCAL: Casa do Mário

ENDEREÇO: Rua Alameda Euclides de Castro, 139, Village Dahma
TELEFONE: (18) 99773-1048.

Mário qual é a primeira lembrança que você tem do seu pai? Quando se fala, Gabriel Costa Neto, relação pai e filho. Qual a primeira lembrança que surge na sua mente?

Nós sempre tivemos um relacionamento muito bom, trabalhei junto com ele praticamente a vida inteira, saí da faculdade e fui abrir as fazendas dele.

Entendi e na infância como que era a relação de vocês? Tem algo, tem uma primeira lembrança talvez dele já te mostrando a pecuária, algum contato?

Mário: Não, na verdade ele queria que eu fosse médico.

Ele queria que você fosse médico?

Eu tinha pavor de medicina.

Por que?

Não era o meu...

Não tinha o tato para a coisa, não tinha o tesão para a medicina.

Então eu acabei entrando na faculdade depois dos meus irmãos porque ele queria que eu fizesse medicina e eu não entrava, eu dava um jeito de não entrar. Aí resolvi fazer zootecnia, ele concordou.

Ele nunca... Ok, queria que você fizesse medicina, “só que não quero, não vai”, tudo bem também nunca se...

Ele queria que eu fizesse medicina, ele achava que eu tinha jeito para médico e eu não tinha. Eu me realizei muito na minha profissão de zootecnista, ele era, ele comprava terra e não podia ser fazendeiro porque não tinha tempo.

Então você fazia o papel de fazendeiro?

Exatamente, aí eu formei e fui direto para as fazendas, trabalhei com ele até dividirmos, nós dividimos as fazendas, em, não sei se foi em 89 ou 90 que nós dividimos, até lá eu trabalhei com ele, desde 76.

Foi quando você terminou a faculdade.

Quando terminei a faculdade em 76 já me mudei para o Mato Grosso.

E como que foi esse apoio assim durante a faculdade? Esses quatro anos que você ficou fora de casa, como foi?

Eu era muito arteiro.

[risos]

Também não parava, eu só viajava, meu negócio era viajar, curtir a vida e...

E ele nunca foi de te dar rédeas nesse quesito?

Não, ele era, ele ficou muito bravo quando eu falei para ele “Olha vou ser pai” eu estava no terceiro ano de faculdade [risos].

Terceiro ano de faculdade?

Estava, em 75 eu casei e me formei em 76, tive um filho, isso ele não gostou nenhum pouco.

Não gostou?

Não.

Qual foi a reação dele?

Ficou muito bravo, mas depois que a criança nasceu... Depois foi... Quer dizer, na realidade nós começamos a ter uma convivência muito boa depois que eu fui para a fazenda, a gente trabalhava junto, sempre nos entendemos muito bem. No período todo que eu trabalhei com ele, que foram 14 ou 15 anos, nunca tivemos uma discussão, nada.

Ele sempre foi muito tranquilo.

Sim, sempre foi. Ele fazendo a medicina e eu a...

A agropecuária.

A agropecuária.

Dando um auxílio ali. E vocês tinham hábito assim tradicionais, almoços de domingo todo mundo reunido? Como era?

Quando eu vinha para cá era sempre a família toda junta.

Nos finais de semana?

Nos finais de semana, eu vinha pouco para Prudente eu morava lá em Rio Brilhantes, para Dourados, aí quando estava aqui a família sempre se reunia sempre almoçando junto.

Sempre ao redor dele. Mas como você enxergava a relação dele com a sua mãe, ele parecia de acordo com algumas coisas que a Carol falava, um homem extremamente apaixonado por ela né.

Exatamente um homem, sempre, sempre cuidando muito dela, os dois sempre se entenderam muito, nunca vi uma discussão.

Nunca presenciou?

Nunca presenciei nenhuma discussão, nada.

Tem algo assim, uma lembrança dela, algo que ele tenha feito para ela que te marcou?

Ele era assim, ele se fingia de bravo, mas não era bravo.

[risos]

Ele as vezes, minha mãe era daquelas que quando ia sair passava em tudo quanto era espelho e dava uma pintadinha e ele falava "Marina, vamos embora estamos atrasados!". Ele saía lá fora e dizia "Estou indo embora!". Ele dava uma volta no quarteirão, voltava e ficava na porta esperando, nunca largou [risos]

Nunca foi embora?

Nunca, mas sempre falava “estou indo embora” dava uma volta e esperava. Eles tiveram uma vida em comum muito, um exemplo, sempre convivendo muito bem. E eu tive um relacionamento muito grande com os dois, eu trabalhava para ele.

Então, você acredita que seu pai influenciou em sua paixão pela agropecuária?

Não tenho dúvidas, quando eu ainda fazia zootecnia ele já era presidente do Sindicato Rural, gostava de cavalo, presidente da Associação de raça de boi, então influenciou muito, a paixão dele pela pecuária era muito grande apesar da medicina ser a primeira.

Então na verdade você acabou não seguindo um amor, mas acabou seguindo outro né?

Isso, exatamente, exatamente.

Acabou não fugindo tanto assim, e você comentou dos cavalos tem uma história que ele comprou um cavalo de um escritor brasileiro, foi do Graciliano, é Graciliano Ramos?

Não, ele comprou um cavalo do seu.... [tenta lembrar] minha cabeça está bem falha.... do seu Antônio Pitangui, em Corovelo, nós éramos meninos ainda e fizemos uma viagem, porque naquela época ele gostava muito de viajar e ele queria mostrar para a gente Minas, de onde ele era, Minas naquele tempo era rural então foi ele, minha mãe e mais um sobrinho, o filho da tia América, fomos conhecer Brasília um ano antes da inauguração de Brasília, em 1963, 1964 e de lá fomos para Minas conhecer a origem dele, da fazenda foi para os avós.

Ele fez questão de levar você né?

E na ida de lá fomos para Belo Horizonte, eu me lembro que o carro fundiu no caminho e o carro ficou lá e foi visitar um, tinha um tio que gostava muito de cavalo também então ele levou ele para conhecer a fazenda do seu Antônio Pitangui e ele ficou alucinado com os cavalos e acabou comprando, tinha esse cavalo que era um potrinho e umas éguas, ele encheu um vagão de trem né, então naquele tempo vinha de trem e esse cavalo foi campeão nacional, ele ganhou o que o mangalarga marchador que é a raça, ele tem três julgamentos, se julga a raça, as características da raça, a docesividade e se julga a beleza, as vezes o cavalo por exemplo ganha na raça mas não ganha na beleza e esse ganhou as três, o que é raro.

Não é o Topázio, né?

É o topázio, esse cavalo ficou com ele vinte e tantos anos até morrer, era a paixão dele [suspira] gostava de ir para a fazenda, montava, ele sempre gostou de cavalos fogosos, mas não conseguiu passar a paixão para nenhum filho, nenhum foi criador, apesar de mexer com fazenda todos os quatro, mas nenhum teve a paixão por cavalos ele teve haras, criou muitos cavalos, sempre teve muita paixão por cavalo.

E você acha que mais do que bois?

Ele gostava muito de bois, mas cavalo era sua grande paixão, até com bastante idade com 70 anos ou mais ele montava à cavalo todo dia, ele tinha uma haras aqui em Martinópolis perto de Prudente ele saía do consultório ficava a tarde inteira lá.

Era a hora dele aliviar assim, um momento de lazer...

Eu me lembro que com 90 anos um pouco antes de falecer tinha um haras aqui que hoje é nosso, dos quatro filhos, ele deixou para a gente, ele ia todo dia e já não podia mais andar de cadeira de roda e tudo mais, todo dia tinha que levar ele para ver os cavalos e aí puxava os cavalos e tal. Os cavalos foi a grande paixão dele.

E entre os irmãos assim, a relação entre vocês como foi na infância?

Foi boa eles prezavam muito a unidade dos filhos, apesar de cada um estudar para um lado nós não estudamos juntos e depois cada um foi para um canto quando formou, mas o ponto de apoio sempre foi aqui. Ele sempre como eu que formei todas as fazendas para ele, ele sempre falava “não esqueça que você está fazendo para os quatro, então você não faça nada para você “ e realmente eu nunca, tudo o que fiz foi para ele no dia que dividiu foi igual para os quatro, nada a mais para mim, ele era muito justo com os filhos, eu me lembro quando a Marina que ela é bem mais nova que a gente...

Ele é a última né?!

Ela é a última, nasceu 15 anos depois de mim, na época ele deu um carro caríssimo para a gente no natal, ele deu para os três e deu o dinheiro para ela. Então sempre foi assim, dava para um, dava para os quatro, sempre foi igual.

E quando a Marina chegou como que foi?

Era a paixão deles, o sonho deles era ter uma filha, o susto de ter uma filha naquela idade que minha mãe já estava, então foi para eles uma... E sempre a Marina foi a paixão deles, sempre foi e com os irmãos também, sempre nós cuidamos muito dela, eles já estavam mais de idade, quando eu nasci minha mãe já tinha 30 anos, meu pai 31, você imagina 15 anos depois, minha mãe tinha 45 anos já, quando a Marina nasceu, antigamente isso aí já era de idade hoje não. A Marina era a paixão, ter uma filha para eles foi muito bom.

E essa questão da Dona América de que você é o Anjo da Guarda dela, como é essa relação com a sua tia?

Eu sempre cuidei muito deles e a minha tia é irmã dele e vamos dizer assim, os filhos moram fora e eu fui, sou ainda o cuidador dela, tudo que ela precisa é comigo, ela vem atrás, ela me liga, levo ela em médico. Então eu tenho uma relação mais próxima com ela do que meus irmãos, sempre foi, é uma grande tia vamos dizer, e meus pais sempre falavam “cuida”, quando ele estava já, quando ele faleceu, ele faleceu lúcido sempre, “Não se esqueça de cuidar sempre da sua mãe” e ele falava para mim, “tua tia gosta de você cuida dela” e é o que estou fazendo.

E essa relação se intensificou mais depois que seu pai faleceu?

Sim, não tenho dúvidas, porque a idade foi aumentando, mas se você vê, ela é uma pessoa com 95 anos, lúcida.

As meninas falaram, que ela não aparenta ter a idade que tem.

Então, não aparenta, parece ter uns vinte anos a menos, pelo menos. [risos] Então, faço tudo para ela, tudo que ela precisa e ela até fala: “Mais que os filhos”. [risos]

Mais que os dela no caso?

Mais que os filhos dela, isso.

Eles moram em Campinas no caso?

Um mora em Sorocaba, e a outra em navegantes, lá no Sul, Santa Catarina.

E o que você sente mais saudades do seu pai, assim?

Os papos, ele tinha uma mania, a gente chegava na casa dele, ele sabia os gostos de cada filhos, e principalmente profissionais então, tudo que ele via nos jornal que se relacionava ao que eu gostava ele recortava e guardava para cada um dos filhos, eu chegava lá, ele dizia, “olha isso aqui eu guardei para você” recortes de jornal, tudo o que ele lia, ele recortava, guardava e

dava para a gente, ele estava sempre ligado nos quatro filhos, no que cada um gostava ele lia e guardava, ele era uma pessoa muito culta, ele lia demais.

Eu ia questionar justamente isso, as vezes eu tenho essa impressão que ele era muito ligado à música, literatura...

Poesia, ele gostava de declamar.

Você lembra de alguma coisa?

Lembro dele declamando, qualquer coisa, daqui a pouco ele soltava uma poesia, gostava de música clássica, ouvia muito música clássica. Eu puxei muito ele nessa fase, eu sempre gostei muito de música clássica, música calma, então ele era assim um poeta, não podia ver uma coisa assim diferente, lia muito, sempre tinha um livro, outro sempre insistia "lê esse aqui que é bom".

Chegaram a ter uma biblioteca, algum acervo em casa?

A dele tinha muitos livros, era muito grande, sempre teve muito livro, leu muito. Influenciava sempre muito os filhos para ler, o interessante é que por exemplo ele chegava para mim era fazenda, o João engenheiro, ele já vinha com negócio de engenharia, o Otávio era economista, era outra coisa, então para cada um, ele já tinha aquilo, particularidades. Então ele não tinha assim uma preferência, por um filho, eram iguais, para ele sempre foram iguais, sempre tratou muito igual cada filho.

E você lembra dele escutando algum compositor clássico assim, tem alguma cena na sua memória?

Eu lembro muito, o meu contato com ele foi muito grande como eu trabalhava com ele, então o meu contato com ele foi muito grande sempre. Ele ia muito ao Mato Grosso eu morei lá praticamente desde que comecei trabalhar até a fase que meus filhos vieram morar aqui estudar, fazer faculdade, então isso aí foi em 97, 98, que os meninos vieram, o Marcelo um pouco antes, então, qualquer folga ela ia para a fazenda, ia pra minha casa, ia para a fazenda. Depois quando dividiu as fazendas, ele, o papai tinha uma coisa interessante, ele não ia para a casa de um filho, cada vez para a casa de um, e ele sempre falava "visita é só três dias mais que isso começa a atrapalhar". Então ele chegava ficava um dia, no outro dia já ia para a casa de outro.

la migrando.

la migrando sempre, nunca ia para minha casa e ficava, sempre cada vez na casa de um.

E vocês também visitavam bastante ele?

Muito, a casa dele sempre foi a nossa, a casa aqui em Prudente sempre foi grande, a primeira casa que era aqui na Washington Luiz, onde é o laboratório do Dr. Blás, era muito grande o apartamento.

O apartamento está à venda, né?

Está à venda, mas era muito grande, cada filho tem seu quarto, a gente vinha ficava lá, era sempre assim, não tinha essa de vir e ficar em outro lugar era na casa dele.

A casa dele era o ponto de encontro da família!

Exatamente.

Sempre ao redor do pai.

E minha mãe era uma mãezona.

Como ela era? Ela agradava vocês?

Carinhosa, sempre escondia as artes dele quando a gente era pequeno, ele era mais bravo.

Ele era o bravo?

Ele era bravo, fazia arte ele ficava uma fera, ela ia e escondia, então sempre foi uma mãezona... Bolos, os filhos todos gordos, hoje já não são mais tanto, fazia bolo todo dia, uma loucura e ela falava: "Bonitinha é gordinha". [risos] E socava bolo na gente, não tinha dia que não tinha bolo e os amigos era muito interessante, eu tinha uma fase, eu sempre tinha muito amigos, a gente vinha para as exposições, mas nem pensar de amigo ficar em hotel, ia todo mundo para a casa dele, hospedava todo mundo. A Marina quando estava estudando na faculdade o lugar de estudo, de tudo sempre foi na casa dele e os meninos já sabiam, hoje tem bolo.

E eles nunca reclamaram?

Não, pelo contrário eles queriam que trouxesse, então sempre foi a relação nossa, os filhos todos sempre foi uma relação muita boa, muito ótima mesmo.

Interessante. Você comentou dessa relação dele com seus amigos, existe, ele fala nas fitas, nas gravações que a Carol faz com ele há alguns anos. Nós escutamos essas gravações ele fala que tinha um papo dos meninos do Tênis, alguma coisa assim. Você estava envolvido nisso também? Os meninos do Tênis, que vocês iam para o Tênis Clube, como que era isso?

O Tênis Clube naquela época era como um clube de campo porque era longe da cidade, você imagina, hoje é dentro, mas naquele tempo era um clube de campo, então nossas férias aqui, os finais de tarde, eram sempre no Tênis Clube, sempre tivemos muitos amigos, então era o lugar que ele adorava ir e sempre se dava bem com todos os amigos, isso era uma coisa que eu aprendi com ele, é melhor ter os amigos em casa, do que você na casa dos amigos, os filhos na casa dos amigos, porque você ficava sabendo quem é e com meus filhos sempre fui desse jeito.

Então era o ponto de encontro, é que nós temos documentos das carteirinhas dele, ele sempre foi sócio do Tênis, né?

Ele é fundador do Tênis, o primeiro título dele era número 17º fundador e depois comprou o título remido.

O que seria o título remido?

Remido é um título que quando o Clube está em dificuldades ele abre venda para você comprar e nunca mais pagar, e o remido dele é meu, ele me deu, eu sempre gostei mais do Tênis Clube do que meus irmãos, eu inclusive frequento o Tênis até hoje, então eu tenho o título comum que eu pago e tenho o remido, o remido meu é que era dele, é o R45, que uso até hoje não pago nada. Ele comprou, depois que compra é uma ação, para o resto da vida eu não pago. O meu patrimonial no Tênis Clube tem vários tipos de títulos meu patrimonial, frequentador, tem tudo, o meu patrimonial hoje por exemplo eu dei para o meu filho mais velho Marcelo.

Está com ele agora, passando de geração para geração.

Passando e o remido certamente vai ficar para alguém, meu pai foi sócio de todos os clubes da APEA, San Fernando...

A impressão que tenho dele é que ele sempre preservou as relações né?

Sempre, muito, sempre teve muita relação, sempre estava em todos. Social a parte social dele era muito ampla na cidade, além dele ser médico cirurgião e obstetra ele era um médico de família que hoje quase não existe, mas era aquele médico que a pessoa ligava doente e ele ia

na casa, era o médico que dava conselho, era o médico que tanto resolvia os problemas de medicina, como os problemas familiares, se o sujeito estava ruim, estava brigando com a mulher, chamava ele.

Dava conselhos pessoais. [risos]

Exatamente, ele era um médico de família.

E até que ano, assim basicamente você lembra dele atuando dessa maneira?

Até os 70 anos de idade, até os 70 anos ele atuou muito. Outra coisa interessante ele viajou muito comigo, eu sempre viajei e viajei trabalhando, eu fui juiz de gado na minha parte de zootecnia, juiz internacional julgava fora, ele andou muito comigo, foi para a Austrália comigo, Estados Unidos rodava as exposições ele gostava muito, ele vibrava com o sucesso da gente cada filho tinha um troço que dava certo e ele ia.

A alegria de um pai vendo um filho, né?!

Exatamente.

Entrando nesse assunto do orgulho dele aos feitos de vocês, quais você acha que foram os principais marcos para pecuária e para a medicina, aqui... Acaba sendo na região porque...

Na agropecuária, ele tinha suas paixões, uma das paixões era o gado tabapuã e o cavalo Mangalarga marchador essas eram as paixões dele e ele tinha umas coisas interessantes, ele chegou a ser presidente do Sindicato Rural e depois da Sociedade Rural de Presidente Prudente e tem um fato interessante que a exposição de Prudente era muito pobre, pequeno, um barracãozinho lá embaixo e eles queriam fazer aquilo melhor, ele e o grupo de amigos deles que era do Sindicato Rural um dia tiveram uma ideia de convidar o presidente do Paraguai, na época que era o Alfredo Stroessner, era um criador um apaixonado por Nelore, aí eles tiveram uma ideia “vamos convidar o presidente do Paraguai para vir para a exposição”. Foram lá, fizeram um convite e o Stroessner aceitou, aí reuniram entre eles e o Stroessner aceitou e falou: “A gente precisa dar um presente para ele quando ele vier”. E naquela época, não me lembro qual foi o criador, se não me engano foi o Buchala que doou um casal de Nelore para o Stroessner e o frigorífico Bordon daqui deu o transporte, mas quando o Stroessner confirmou que vinha oficial aí eles foram a Brasília era o Geisel na época falou: “Olha tem o presidente do Paraguai vindo seria interessante fazer”. O Geisel não teve saída, o encontro dos dois, depois que marcou e estava tudo certo ele falou: “Mas nós não temos parque [risos] aí em 90 dias saiu o parque, aquela pista, então foi uma jogada política muito interessante eles conseguiram trazer um parque de exposição para Prudente e trazendo dois governos e não foi só ele, a diretoria, eles eram um grupo muito coeso.

As relações entre o pessoal do Sindicato sempre foi muito...

Exatamente sempre foi muito boa, era um grupo de amigos, então...

Ele sempre foi referência também...

Sempre foi referência por exemplo quando ele era presidente do sindicato um dos amigos era presidente da Sociedade Rural, depois trocava, então a diretoria dos dois era sempre a mesma, só mudava os cargos [risos].

E quanto a medicina qual a sua...

Quanto a medicina ele teve umas fases interessantes, ele adorava operar, a grande paixão dele, operar e fazer parto e teve um fase que como ele achou que eu ia ser médico ele comprou um hospital, o hospital São Luiz foi dele, ele nunca foi um bom administrador, então foi uma fase difícil para ele administrar um hospital, ele gostava era de trabalhar no hospital e como ele

trabalhava em todos os hospitais de Prudente ser dono do hospital foi um mal negócio para ele, quando ele viu que eu não ia fazer medicina nenhuma ele vendeu o hospital, voltou a trabalhar em todos os hospitais, porque ele gostava ué, Nossa Senhora das Graças, Santa Casa, ele não tinha limitação e não tinha aquele ciúme de médico é do tal hospital vem aqui, não ele se dava com todo mundo e atendia em todos os hospitais, então era uma coisa interessante o começo de vida dele. Não sei se a tia América falou que ele veio para cá, foi trabalhar lá em Regente Feijó e de lá quando ele veio para cá conseguiu uma transferência, era emprego público aí o Dr. Odilo que era dono do nossa Senhora das Graças...

Ele fala nas fitas muito do Odilo...

É o Dr. Odilo o convidou para trabalhar junto, e o Dr. Odilo eu me lembro, na época ele contava isso e o Dr. Odilo falava: "Você trabalhou como? [risos] e eles trabalharam muitos anos juntos, ele comprou o São Luiz porque chegou uma época que o Dr. Odilo disse: "Olha, estamos juntos a muito tempo, você tem filho e eu também, os meus estão na medicina, então você tem que ter um hospital para os seus filhos". Foi quando ele comprou o São Luiz, péssimo negócio para ele, como negócio, foi um péssimo negócio ser dono de Hospital, quando ele viu que nenhum filho ia fazer medicina ele achou muito bom e continuou comprando terra, [risos] largou essa fase de hospital, mas trabalhou muitos anos no Nossa Senhora das Graças e depois operando em todos os hospitais fez muito parto, ele teve teve uma marca que ele foi um dos médicos que mais parto fez.

Cinco mil partos?

Naquela época, mas depois continuou fazendo e depois no final da vida como ele já não tinha mais a disposição para fazer, tinha o hospital dele, que era o consultório dele, que era junto com outros médicos amigos que ele era um médico de bate papo, os antigos iam lá e ele recebia para bater papo

Médico de bate-papo! [risos]

É era o médico que você precisava trocar uma idéia, você precisava de um conselho, assim, ele era mais um conselheiro, ele foi conselheiro da Unesp, das faculdades da Toledo, ele estava sempre nesses meios de cultura, vamos dizer, de universitários, então sempre convidava ele porque ele sabia de todos os assuntos tudo ele...

Dominava de alguma maneira.

Exatamente, ele foi uma pessoa diferente não tenho dúvida de que foi, para a época ele foi uma pessoa diferente, quando a maioria dos médicos na época, lógico tirando alguns, o Dr. Odilo e outros que quando a medicina não tinha o INSS, não tinha Unimed e a medicina era no dinheiro ele tinha a fase dele, ele ganhava, trabalhava e ganhava e tinha as fases de trabalhar de graça quando a pessoa precisava...

Ele nunca negou um atendimento.

Nunca negou um atendimento, mas ele soube investir o dinheiro dele, enquanto outros médicos viajava pela Europa, comprava carro, casa na praia e tal, não ele era terra, terra, terra...

Já tinha essa visão ainda mais aqui na região que a gente tá, acho que aqui terra é um bem...

Achava que terra era o futuro e ele sempre falava: "Terra não se vende porque o que ta feito ta aí, então se vocês puderem comprar, compre, vender? Nunca, ninguém vai construir mais terra e não existe terra ruim, existe terra maltratada". Ele citava muito isso, você pega por exemplo a Europa 2000, 3000 anos plantando na mesma terra, então, não existe terra ruim, existe terra maltratada, tem uma fazenda degradada ruim, por que? Porque não cuidaram direito dela, mas você pode pegar essa terra degradada e cuidar e ela voltar a ser uma terra...

Produtiva.

Produtiva, então ele tinha isso na cabeça e sempre comprava e como ele gostava muito de água, todas as terras das fazendas que ele comprou era sempre, sempre procurava comprar na beira de rio, todas, as quatro fazendas do Mato Grosso que hoje é a Mata Sede, a Santa Mata Sede tem um lago muito grande na frente da Sede, aí fizemos um lago na Santa Marina e fizemos um lago na pampa e a São Gabriel é na pampa e a Santa Marina tem um rio dentro, o rio brilhante a São Sebastião aqui em Teodoro tinha o Paranapanema, então ele achava que água era vida um dia você podia precisar e irrigar então sempre quando ia comprar uma terra tem água lá? Então lá é bom.

Sempre pensava na água.

Sempre pensando na água.

Entendi, você falou que a rotina dele era sair de um hospital, para ir para outro, como que era ele dirigia, ia dirigindo?

Ele ia dirigia, vamos dizer nós como filhos na infância vimos pouco o pai, porque ele saía de madrugada para operar.

Ele acordava o que?

5h00 da manhã normalmente ele estava fora, normalmente almoçava fora ou no hospital, chegava de noite, quando ele chegava nós já estávamos dormindo, tínhamos pouco contato com ele, até ele comprar a primeira fazenda que foi em 1958 que ele comprou essa fazenda São Sebastião, a São Sebastião para você ter uma ideia ele foi comprando pedaços, lá tinha 23 escrituras, todo ano quando ele podia, ele comprava um sítio ao lado até ela virar fazenda. Então os nossos fins de semana passaram a ser na fazenda porque ele trabalhava até sexta, e aí ele tinha que ir lá vê porquê... Montar a cavalo, aí era muito engraçado porque minha mãe andava a cavalo com ele, chegava lá arriava dois cavalos e ele comprou os peticinho (petição) para cada um dos filhos, saía para as derrubada na mata, eles dois a cavalo e nós três atrás e sempre foi assim, em toda a infância foi assim visitando, andando na fazenda com ele, nós aprendemos muito com ele isso aí, gostar da terra.

Gostar da terra.

Exatamente.

Eu acho que é um pouco da vinda dele de minas né, porque parece que os mineiros têm um pouco esse quê com a natureza.

É a origem dele foi rural, o bisavô era fazendeiro grande e passou para pai dele que não sabia tocar e perdeu tudo, entre os filhos, então ele não teve herança, mas teve a história, então ele achava que ele tinha que ter, então tudo que ele fez não foi herança nem dele, nem da minha mãe, foi da medicina trabalhando, ele foi comprando de pequenininho, de pedacinho em pedacinho foi virando fazenda e era muito gozado, quando eu estava trabalhando com ele a gente de vez em quando tinha uma safra boa, eu dizia: "Pai vou comprar outra fazenda". Ele dizia: "Você acha que o dinheiro dá?". Eu respondia: "Não vai faltar". Ele respondia: "Então não me conta eu sou médico, eu sou cirurgião, eu não posso tremer, eu não gosto de dívidas eu tenho pavor de dívidas". "Pai comprei outra fazenda", "Então não me conta". E ele falava assim. Alguém disse um dia assim: "Escuta, seu filho compra fazenda, vende fazenda, faz venda, só compra, você não tem medo?". Ele disse: "Não, meu contador me ensinou que enquanto eu não tiver que assinar ele não ta vendendo, então no dia que ele pedir para mim assinar alguma coisa, aí eu quero saber o que é, enquanto eu não tiver que assinar, comprei mais uma, ótimo, tá devendo? Ta, mas se eu não assinar, não está vendendo". E nós sempre trabalhamos desse jeito, nunca quis assim, saber, ele tinha medo de saber o que devia, era tudo dele, então era

desse jeito, compramos mais uma, fizemos mais não sei o que, ele falava: “Deve?”. Eu dizia: “Devemos muito”. Porque para você comprar, você deve, como por exemplo, você compra uma casa, você dá uma entrada aí você tem que batalhar para conseguir pagar, fazenda é assim também e eu sempre fui muito arrojado diferente dele eu tinha mais coragem, eu comprava.

Ele era mais cauteloso.

Ele era, ele era cauteloso, tinha medo de dever, tinha preocupação, nós vamos quebrar, porque a história do pai quebrando mexeu muito com a cabeça dele, ele para trabalhar, para fazer faculdade teve que trabalhar, se formou mais tarde porque não tinha dinheiro para estudar e o pai herdou fazenda, então aquela ideia dele de perder ele tinha muito de perder, então quando o contador disse isso aí para ele que enquanto não assinasse ele estava comprando, aí, foi desse jeito 15 anos [risos].

Antes, você falou que ele dirigia, você lembra qual automóvel ele dirigia, ele tinha um quê com carros também, ou nunca teve preocupação com isso?

Não sempre tinha carro, teve carro bom teve landau que era o carro da época, teve caminhonete. Eu lembro quando nós tiramos o carro dele com 80 anos aí ele já estava barbeiro, um derrapou em um, outro dia bateu em outro, eu cheguei lá no prédio o porteiro me disse: “Seu pai bateu em uma coluna lá no prédio, o carro está lá”. Eu entrei embaixo, olhei ele tinha uma zafira da chevrolet, estava com as duas portas afundadas para dentro assim, aí subi lá em cima “Oi pai, tudo bem?”. Ele disse: “Tudo bem”. Não falou nada”. Eu falei: “Pai você me empresta seu carro?”. Ele disse: “Já te contaram né?”. Ele falou: “Vai lá, vende e compra outro, eu não quero que ninguém saiba que eu bati”.

E você foi?

Não mandei arrumar e tal e com 80 anos ele já estava barbeiro demais, a idade né, aí não tinha jeito de tirar a carta dele, aí nós demos um jeito de ter multa, eu o João, cada um pegava o carro dele e tinha uma multa aí caçaram a carta dele, mas com 80 anos você não pode... mas ficou tão bravo. E para arrumar um chofer, eu me lembro da fase de achar chofer, já não podia mais não tinha carta, tinha que ter chofer e como ele ia para a fazenda quase todo dia, ele saía chegava em Prudente, eu sempre morei no Mato Grosso, então ele falava assim: “Vamos dar um pulinho lá na fazenda?”. A fazenda era em Teodoro Sampaio, 110 km. “Pai o que você quer lá?” “Vamos lá comer um pão com queijo, a gente volta para o almoço, olha os cavalos e volta para o almoço”. A São Sebastião não foi uma fazenda que ele dormiu, ele ia muito pouco, como era perto ele ia e voltava, ele gostava de dormir no Mato Grosso também era longe, então ele ia, ia na minha, na do João depois na da Marina, na do Otávio, depois de dividido ele curtia ver o que cada um fez, chegava lá perto e perguntava: “O que vocês fizeram?”. Então era desse jeito.

Aí lembro dos primeiros chofers, para a gente testar com ele arrumamos um e falamos: “Vamos para fazenda”. O primeiro foi muito gozado, pegou o sujeito, ele foi dirigindo até a fazenda para testar o cara, chegou na fazenda, chegou um caminhão de sal, “Pronto agora vou ver se ele presta! Descarrega esse caminhão que eu quero ver se você é bom!”. O chofer descarregava o caminhão... Ele custou para arrumar um chofer e depois no final teve o Toninho que foi que nem um filho, o Toninho fazia tudo para ele, para a minha mãe. O último chofer, teve dois Toninhos, o mais velho que era emburrado, rabugento, os dois discutia muito, o Toninho era velho e ele era velho então...

Mas sempre tiveram uma relação, brigavam, mas...

Não, sempre uma relação boa, esse Toninho mais novo era daquele jeito, ele olhava o velocímetro e dizia: Toninho é cem viu?”. “Pode deixar Doutor”. “Toninho, está 101 km”. O Toninho era a paz, no fim ele foi se apegando tanto ao Toninho e eu acho que ele foi muito bom para ele.

Não foi o Toninho que ele chegou a dar uma casa?

Não, o que ele deu uma casa foi o seu Valdomiro. O Valdomiro foi o primeiro, que quando ele, o primeiro, em 58 era mata e tinha que derrubar, seu Valdomiro trabalhou muitos anos com ele, foi quem abriu a fazenda, derrubou a mata, ele não tinha tempo quando o seu Valdomiro aposentou ele deu uma casa para o seu Valdomiro.

O Valdomiro já faleceu, se não me engano.

Já, já faleceu

Acho que a Carol passou para nós o contato da esposa e da filha. E qual a última lembrança que você tem do seu pai?

Umás coisas interessantes ele já estava no finalzinho “olha eu sou um homem realizado dei uma fazenda para cada um aí ele disse assim “ainda bem que você não fez medicina, né, meu filho? Se não nós estávamos ferrados” [Risos]

Ele falou?

Falou ainda bem que você fez medicina se não nós não iríamos ter isso tudo, ter feito as fazendas, formar, ia comprar, não quer dizer que você teria uma fazenda. Deu uma para cada filho, quer dizer, são poucas pessoas que conseguem isso né.

Pouquíssimas.

E iguaizinhas as fazendas como eu que tinha formado todas as fazendas, chega uma época, nessa época eu me separei e fiquei com os três filhos e a minha ex-mulher foi embora e ele assustou e falou: “como é que você vai cuidar de três crianças e cuidar de todas as fazendas?”. Nós tínhamos além das fazendas nossa, tinha muita fazenda arrendada, de engordar boi que eu sempre alugava, ficava um tempo, eu vendia e comprava outra, então eu sempre vinha nessa batida aí foi quando ele chamou meus irmãos para vir e falou: “Mário não vai dar conta”. Eu falei: “Pai eu só preciso conhecer os meninos”. Eu não tinha muito tempo para filho, eu tinha que trabalhar, mas deu certo, casei os três e foi uma fase, quando você vira pai e mãe é complicado é bem complicado os meninos tinham... O Marcelo 15, Gabriela 13 e Carolina 11 anos e eu virei pai e mãe, criei os três, morava em Dourados sozinho, não tinha irmão, não tinha ninguém, aí ele assustou e disse: “Vamos chamar os irmãos”. Ele fez uma proposta: “Está na hora de dividir, nós já temos bastante coisa”. Eu falei: “Como é que você quer dividir?” Ele falou: “Não, você divide da maneira que você quiser, com uma condição a última é tua”. Eu podia fazer o que eu quisesse na divisão, ele ia escolher uma para cada um e a que sobrasse seria a minha e teve acordo, eu fiz as 5 fazendas, na época era uma dele e uma para cada filho e eles fizeram um sorteio no dia da escolha e deu o papelzinho para cada um escolher e eu não tive escolha e cada um escolheu uma e ficou uma para mim.

Marina ficou com a de Rio Brilhante?

Rio brilhante três, eu Otávio e Marina, o João Sidrolândia, Maracajú, Sidrolândia e ele ficou com a fazenda aqui de Teodoro, Teodoro já era escolhida para ele, era mais perto, já estava de idade então nós combinamos com os irmãos: “Teodoro é dele”. As cinco do mesmo tamanho, tudo feito igual, variava pouquinho coisa, uma tinha uma casa melhor, foi tudo avaliado em valor, eram iguais, então eu fiz essa divisão andamos todas as fazendas antes, estava todo mundo de acordo, fomos dividir e o que sobrou ficou para mim e como é que eu vou dizer? Eu fiquei muito feliz de ficar com a que eu fiquei qualquer uma que eu ficasse seria bom, mas foi a que eu morei, a que eu fui feliz, a primeira e no fundo eu acho que é a que era a que ele queria que eu ficasse, como a minha tinha uma casa velha que é até hoje, aquela fazenda antiga e os outros quando deu a fazenda, deu o dinheiro para construir a sede, a da Marina deu uma bruta casa, a do Otávio também, então eles queriam uma casa nova, então não escolheram a minha, e eu gosto muito dela continua do mesmo jeitinho

Tem um valor sentimental muito grande...

Exatamente, foram 15 anos morando lá, cuidando, fazendo, apesar de que as outras também foi eu que fiz, mas tem aquele valor, eu saí da faculdade em 76 e fui para lá, não tinha luz elétrica, não tinha estrada, não tinha telefone, não tinha rádio, não tinha nada, eu morei 5 anos com um filho de 1 ano, nasceram as duas outras, a Gabriela e a Carolina, vamos dizer se ficasse doente...

Não tinha para onde correr.

Não tinha para onde correr e nunca teve uma geladeira, era bruto e estão vivos, estão aí ó.

Saudáveis.

Saudáveis, né!

Sim, com netos já para o senhor!

Seis netos.

E você acha que seu pai foi um homem realizado que ele conseguiu tudo aquilo que almejava?

Ele foi um homem realizado, ele falava isso e quando eu me separei e fiquei com os meninos me ajudou muito

Nunca deixou?

Não, ele e minha mãe foram assim...

Um alicerce...

Exatamente, porque eu tinha 3 crianças para cuidar e eu era sozinho, aí a primeira providência eu fiquei com eles em Dourados uns 2, 3 anos aí o Marcelo precisava, entrou na faculdade, foi para os Estados Unidos ficou um ano lá, aí entrou na faculdade veio para cá e foi morar na casa do vô, você vê como era a paixão com eles, o Marcelo entrou em quatro faculdade de veterinária, a pior era Prudente em termos das outras: "Não eu quero aqui, porque eu vou morar com o vô".

Escolheu ficar aqui para ficar perto do vô.

Exatamente, para ficar perto do vô, ajudar ele, tal. Nessa época ele falou: "Você precisa tirar as meninas daí de Dourados também, você não tem tempo para elas". Aí eu aluguei um apartamento a uma quadra da casa dele, ele falou: "Manda tudo para cá". Eu disse: "Não, você tem sua casa, vocês me ajudam, mas..."

Cada um no seu espaço.

Tirei o Marcelo da casa dele, as meninas tinham o apartamento delas, eu morava em Dourados e mais quem cuidava e almoçava no vô e tudo, então eles sempre foram muito presentes.

Em relação com os netos. E você comentou da fazenda de Teodoro, era lá que acontecia as reuniões do GTE?

Isso, eram lá.

Foi muito importante também esse grupo...

Foi, primeiro lá, e depois na minha também na Mata Sede também teve muita reunião do GTE, mas lá era o centro os grupos de GTE, se vê eu tinha o meu grupo do GTE era um grupo de 15 fazendas, tinham vários grupos o meu pai era o presidente.

De todos eles...

Então ele coordenava, como ele gostava muito ele ia em todos os grupos.

Sempre estava presente nas reuniões.

Em todas as fazendas ele ia nas reuniões.

E os encontros eram mensais?

Mensais, mês na minha, no outro mês na do outro e assim vai... E ele ia em todos os encontros, eu lembro quando o sem-terra fizeram um acampamento grande na frente da fazenda, tentaram tomar várias vezes e no grupo do GTE em uma das reuniões lá na fazenda aquele monte de carro andando nos pastos para ver e os sem-terra ouriçado e diz que: "Nossa chegou o Grupo de Extermínio" GTE grupo de extermínio de sem-terra [risos] virou um pampeiro, chamaram polícia, tudo, e nós estávamos andando para ver pasto. [risos]

Tem uma, acho que no Rural News, no jornalzinho Rural News acho que seu pai dá uma declaração falando que ele tinha um pouco de medo das terras ficarem perto ali do pontal.

Exato, vocês tomam um suco?

Eu aceito.**Então eu lembro que ele dá uma declaração e ele fala que tinha um pouco de medo porque as terras da fazenda de Teodoro ficavam perto ali do Pontal que ele tinha medo do pessoal do MST invadir [risos], porque as terras eram consideradas produtivas, né!**

A fazenda lá foi tomada, foi uma injustiça muito grande, foi tomada quando fez 60 anos que ele tinha comprado, foi em 2008.

Ela chegou a ser tomada pelo MST?

Tomaram, o MST tomou, nós perdemos ela, desapropriaram, puseram fogo, tiraram todo o gado que tinha lá, foi um terror, nessa época que tomaram já era eu que tomava conta da fazenda, sempre ajudei ele, depois de dividir as fazendas eu continuei cuidando da dele.

Entendi, isso causou alguma revolta nele, ele ficou muito...

Causou, ele falava nisso todo dia, todo dia, isso matou ele, foi um ano antes dele morrer, foi em 2008, ele morreu em 2009.

Foi nesse período que eles tentaram entrar em Prudente que teve o caso do Agripino, acho que o Agripino foi um pouco antes né?

Do Agripino foi antes.

Acho que 2006, 2004...

2008 eles tomaram, queimaram a fazenda inteira, soltaram o gado todo na estrada, foi terrível, imediatamente o Zé Rainha era muito ligado ao Lula e ele falava para o Lula: "Eu quero morar nessa fazenda, tinha uma sede muito bonita e o Lula simplesmente desapropriou, sempre torço para um trem passar por cima dele. [risos]"

Eu não sabia que ela tinha sido invadida, porque no Rural News ele falou que era o medo dele...

Sempre foi medo e acabamos perdendo, essa não teve solução acabamos perdendo, desapropriou, brigamos na justiça e não teve jeito, essa perdeu. Teve mais uma fazenda lá em

Cáceres no Norte, fazenda Arizona. Nós ficamos 4, 5 anos com ela, estava abrindo ela, era Pantanal inundava e essa era dos quatro filhos e eu tocava ela, já era dividida para os quatro e um dia ele falou: “Não vai dar certo os seus irmãos não querem, é longe vocês estão todos começando a vida, abrindo fazenda, não tem dinheiro para abrir essa vamos vender”. Aí vendemos, ela era uma fazenda grande, bonita, mas problemática.

É uma região complicada ali.

Exatamente.

A dona América falou também que o sonho dele era se tornar um médico respeitado ele queria ser bem visto na profissão, você acha que seu pai conseguiu isso?

Eu acho que sim, inclusive em Prudente ele ganhou o título de cidadão Prudentino a pessoa para ganhar o título de cidadão...

Não é qualquer pessoa.

Não é qualquer um, então ele recebeu o título de cidadão Prudentino, na medicina ele foi muito respeitado e ele fala que ele falava que tudo que ele fez na vida foi sucesso, no meio rural, na vida, no convívio social com as pessoas sempre teve muito sucesso em tudo, era convidado para tudo, que nem por exemplo ser conselheiro da Unesp não é qualquer pessoa, não era professor, ele era conselheiro.

Então em relação, você já teve alguma experiência de alguém chegar em você e falar assim olha me consultava com seu pai, era atendido por seu pai...

Outro dia aconteceu uma coisa muito interessante, talvez dos filhos eu sou o que mais me pareço com ele, hoje o João está muito parecido comigo e um dia nós fomos almoçar aqui no 33 estava a Dr.^a Zélia Pinheiro muito amiga deles, eu entrei ela levou um susto e disse: “Nossa senhora, Doutor Costa Neto, Mário, quando eu vi você eu vi seu pai entrando”. Então isso aí, é bacana, é gostoso, hoje não, de barba, ele nunca teve barba.

Ele nunca gostou?

Nem eu quando eu viajo, a gente viaja muito, eu deixo, minhas viagens são sempre longas, amanhã nós estamos indo para a África ficar quase um mês lá, quando eu chegar eu tiro, um dia vai para outra e eu deixo crescer, eu sempre fui preguiçoso para fazer barba.

Ele não, ele já não gostava e a profissão também acabava exigindo um pouco né!

Exatamente

Como foi para você crescer sendo o filho do Gabriel Costa Neto? Teve pontos positivos e negativos?

Só positivos, por exemplo como tudo que eu tocava era no nome dele e o Costa Neto não é sobrenome, é porque o avô dele chamava Gabriel Costa, então se você chegar hoje em Rio Brilhante, Mato Grosso e lá trinta e tantos anos é Mário Costa Neto porque tudo que eu ia assinar eu assinava por ele que era o Doutor Costa Neto e a maioria das pessoas como não conhecia ele, como era eu que fazia no nome dele eu fiquei Costa Neto e foi assim um orgulho muito grande.

Acabou que virou sobrenome.

Virou sobrenome, chegar lá e perguntar quem é Mário? Mário o que? Costa Neto! Eu lembro, tá aqui há 40 anos, faz 43 anos que eu tô lá, então meu nome passou a ser Costa Neto sem eu ser Costa Neto.

E mesmo assim às vezes na juventude quando você ia fazer alguma coisa, quando às vezes fugia muito daquilo que ele achava certo ou errado, trapaças de juventude, você pensava não posso fazer porque meu pai não vai gostar disso?

Ele era bravo, mas eu era arteiro, eu sempre fui muito arteiro gostava de aventura, sempre gostei de viajar.

Alguma coisa que você fez e ele...

Virar pai antes do tempo, ele ficou bravo [risos] isso ele ficou muito bravo.

O que ele planejava? Ele queria que você se formasse primeiro...

Queria que eu me formasse e tudo, você ser pai no meio da faculdade corta praticamente a oportunidade, por exemplo: os meus filhos todos foram para os Estados Unidos, Carol foi para a Europa, Portugal, a Gabriela e o Marcelo trabalharam nos Estados Unidos, eu mandei os dois para lá... Eu não pude, eu era pai, como é que você vai levar uma família? Então me cortou uma chance grande profissional.

Entendi.

E você terminar a faculdade quando o pai tinha dinheiro para mandar, inclusive o meu pai tinha dinheiro para me mandar, o sonho dele era me mandar para os Estados Unidos, Austrália, ele tinha paixão pela Austrália, tanto que eu levei ele, ele ouvia falar, então um dia eu fui julgar animais na Austrália e ele foi comigo, ficou quarenta e tantos dias lá, então ele curti muito, e ele falava: "Tá vendo? Se não tivesse casado você tinha vindo para cá!".

E ele e sua mãe viajava bastante também?

Não, eles viajavam comigo, dos filhos o que mais viajou era comigo, eu tive uma fase quando os meninos eram pequenos que eu me separei, eu viajava de motor home, é um trailer e eles iam junto, adorava mesmo, eu ia para a praia, levava muito eles para o Rio, porque minha mãe é carioca, então férias ia ver a mãe, ver os irmãos, então a gente viajava muito. E mais a parte rural, eu andava muito vendo fazenda, por exemplo quando estávamos abrindo a fazenda lá de Cuiabá, ele ia toda vez comigo, uma vez por mês eu ia para Cáceres ele ia junto, então ele viaja muito, comigo ele andou muito.

Dos filhos você acha que é o mais ligado a pecuária, como é os outros?

Os outros herdaram...

Mas não tem essa ligação, esse tato?

Não, não tem, a minha área profissional além de ter fazenda eu trabalhe muito na zootecnia, fui juiz, presidente de associação igual o meu pai, eu fiz tudo o que ele fez, fui presidente do Mangalarga embaixador, fui presidente do Tabapuã, fui presidente do Sindicato Rural igual ele, só que em Dourados. Então nós tivemos assim, um paralelo, você entende?

Os gostos as paixões acabaram unindo vocês ainda mais.

Exatamente.

As paixões e aparência física né!

Também, eu me considero um vitorioso na minha profissão, sempre tive...Ter feito todas as fazendas que fez, nunca ter errado e por exemplo, você chegar a ser juiz internacional é muito pouca gente e não é você escolher ou fazer curso, é pela capacidade, então quando você é bom as pessoas te convidam para julgar, por exemplo se julgar na Austrália, eu não conheço ninguém

além de mim que julgou na Austrália, eu julguei na Austrália, eu julguei nos Estados Unidos, na Argentina, julguei na América do Sul quase toda, isso porque eu era muito bom no que eu fazia, então, isso aí dá uma satisfação muito boa e ele vibrava, nossa eu ia para a Argentina ele ia comigo, ele ficava... Eu me lembro de olhar para a cara dele lá no público, ele ficava...

Contente?!

“Meu filho tendo sucesso” era muito gostoso. Então na pecuária meus irmãos não, nunca foram, foram donos de fazenda, mas não estudaram para isso, vamos dizer, a Marina sim, a Marina fez zootecnia, mas também não...

Acabou não...

Não, nunca fez nada pela zootecnia, vamos assim dizer.

Na prática da profissão, entendi. Qual o feito do seu pai que te traz mais orgulho? Que te brilhe os olhos.

Quando encontro as pessoas que lembram dele.

O fato dele ter deixado essa lembrança

Até hoje, por exemplo, semana passada eu estava na Raça Forte, uma loja de produtos veterinário, encontrei uma pessoa, aí o Leandro que é dono da Raça Forte, ficou uma hora contando os feitos do meu pai, isso é muito gostoso, um mês e meio atrás fui operar a catarata depois de velho, aí o médico fez tudo, marcou a cirurgia, eu não conhecia ele, era a primeira vez, quando foi a segunda vez ele já tinha contado que eu era filho do Dr. Costa Neto: “Nossa eu não sabia que você era filho do Dr. Costa Neto, foi o ícone da medicina em Prudente“. Então isso é muito gostoso para um filho.

Do mesmo jeito que ele sentia orgulho de você.

Lógico, é muito gostoso você saber que até hoje depois de, ele faria 100 anos esse ano, então quantas pessoas conviveram com ele? São poucas da idade de hoje, a maioria já foi, mas a turma jovem, entra a história do pai que contou, então isso é muito gostoso, então, ele realmente deixou uma história.

Que a gente, com o nosso livro, pretende lembrar ainda mais...

Acho ótimo, nossa, isso para nós filhos...

Carol comentou que ele sempre teve essa vontade.

Sempre teve a vontade de, não sei se você sabe, o seu Chichico Jacintho, ele tem um livro da vida dele e o papai, eles eram muito amigos, aí foi quando ele chamou a Carol e falou: “Eu quero um da minha vida também”. [risos]. Então ele tinha vontade de ter isso, então é bacana.

Esperamos que tudo dê certo até o final do ano.

Vai dar com certeza.

Se você pudesse falar alguma coisa para ele hoje o que você falaria?

Hoje, quando ele estava para morrer, ele chegou para a gente e falou assim, ele sabia que ele não tinha solução: “Tá na hora, então eu quero que vocês quatro cuidem da sua mãe”. E ela durou nove anos e nós quatro cuidamos dela, então hoje o que eu falaria para ele é pai fizemos o que você pediu. A gente vê tanto, interna, a minha mãe não, ela não conhecia a gente, mas nós cuidamos dela, nós nos dividimos em quatro, são quatro filhos, cada um era responsável por uma semana, pagamos as contas sempre, ninguém rateou nunca, deixamos ela morando na

casa que sempre foi dela, um apartamento, tendo a melhor enfermeira possível ela morreu de idade, com 98 e ele ainda falou assim: “Ela vai durar um ano a mais”. Durou 9, então quando ela morreu nós fomos pegando as coisas dela tudo e fomos ao asilo dos velhos doar e me impressionou muito duas coisas, uma vê que ninguém liga para velho, isso me impressionou, é muita pouca gente que cuida de velho e outro saber como a minha mãe foi bem tratada, o quanto ela foi feliz, de ver aqueles velhinhos sofrendo lá, não tem ninguém cuidando, tem as freiras, mas família, todo mundo largou e é muito... Então é isso uma coisa que me chocou e me deixou feliz da gente ter dado tudo para ela enquanto ela foi viva e nunca nenhum irmão falou: “A eu não posso vir”. Por exemplo a Marina e João moram no Mato Grosso vinham toda a semana ver eles, 9 anos ninguém nunca chorou, isso porque foram bem-criados, quer dizer filhos que responderam a criação, eu tenho filho de médico, amigo dele da época que a mãe está em asilo, ninguém vai visitar, então isso é... Então eu falaria para ele nós cuidamos, fizemos do jeito que você queria.

Era a preocupação dele, né?!

Era a grande preocupação dele era a minha mãe sempre: “Cuida dela, não deixa faltar nada”. Como eu mexia com a parte financeira dele, uma vez eu me lembro uns dias antes ele falava: “Mas tá quanto?”. Eu falava: “Tá bem pai”. “Tem certeza? Tira o extrato e traz para mim”. Eu dizia: “Pai, tá bem, tem dinheiro para ela viver mais uns 2, 3 anos”. Ela viveu 9. [risos] “Então posso morrer em paz.”. “Pode morrer em paz que ela está bem cuidada, o dinheiro está guardado”. Ele tinha preocupação em deixar dinheiro para ela, ele deixou três coisas para a gente já em nosso nome, um apartamento, um haras e um escritório, mas dizia: “Se sua mãe precisar vocês vendem”. Nós não precisamos e está aí até hoje, faz quase um ano que ela morreu, nós não vendemos nem o apartamento, nem o haras, nem o escritório, era mais fácil a gente pagar com o dinheiro da gente do que vender uma propriedade, sabe lá se um dia precisar, então os filhos, eu falo que foram bem-criados nesse sentido, todos seguiram os ensinamentos dele.

E ela falava muito dele nos últimos anos dela? Como que ela sentiu a morte dele?

Olha ela não sentiu, ela apagou antes, mas nós não tiramos nada, nem as fotografias, de vez em quando, no final já não estava lembrando muito de nada “Quem que é esse aí mãe?”, “Meu marido”, “Onde é que ele tá?”, “Faz tempo que ele não vem, acho que ele está viajando”. Ela estava assim, longe, nunca falou ele morreu, as enfermeiras que falavam, de vez em quando ela acordava e falava nele, aí ela ficava triste o dia inteiro, mas aí passou outro dia, normal, sempre rindo, não saía do quarto com 98 anos sem brinco, colar, batom, roupa arrumadinha, não deixava tirar ela do quarto de jeito nenhum, imagina levar ela de camisola para a sala [risos] sempre foi muito cuidadosa, então elas já sabiam, de manhã tinha que enfeitar ela para levar para a sala, levar para tomar café e normalmente a gente ia tomar café com ela, então sempre foi muito vaidosa, até o último dia, imagina sair do quarto sem um brinco [risos]. Outra coisa para você ter uma ideia, eles tinham muita coisa, apartamento, uma vida inteira, então nós doamos para o asilo as coisas de usar, roupa, remédio, cadeira, utensílios, mas os móveis que parte veio da minha avó, da bisavó, aí como é que nós vamos fazer para não brigar porque a gente sabe de muita história de família, então nós fizemos um acordo, vamos enumerar tudo com etiquetinha, um, dois, três, quatro... Sentamos só os quatro, 1 por exemplo Mário ficou com o sofá, 2 Otávio ficou com o travesseiro, não tem importância, ninguém discutiu fizemos a divisão.

Vocês dividiram todos os mobiliários da casa?

Exatamente, dividimos, mas às vezes um queria uma coisa, mas trocava, tudo bem, mas não teve aquela coisa, brigou porque um queria um móvel que outro... Não teve briga, é gostoso também, ele tinha muita joia, ele dava muita joia para a minha mãe.

Ele sempre mimou muito ela.

Sim, então abrimos o cofre onde estava as joias e dividimos em quatro, dividiu um tem filho, todos tem filhos, aí nós doamos para os filhos, então foi assim a herança foi muito interessante,

podia brigar né, apesar que a família dos negrão, acho que não é do seu tempo, era um grande amigo dele, criou três filhos, dois homens e uma mulher, viviam bem, relativamente bem, deixou um monte de fazenda para cada filho, no dia de dividir as panelas da casa, um deu tiro no outro, foi um pampeiro, um puxou revólver, “A panela é minha”. Só para ter uma ideia, então existe por causa de panela, não brigaram por causa de fazenda, mas brigaram por causa de panela da mãe. [risos] Herança é sempre um problema sério. Então graças a Deus entre nós irmãos, nós nunca tivemos uma briga na divisão das fazendas, na época foi 90, 89 ou 90 quantos anos faz... Todo mundo ficou satisfeito com tudo o que tem ainda nós vamos vender e daquele jeito, o haras está à venda, o apartamento também, que preço eu falo para o João? Que preço eu vendo? Quem conseguir vender, o preço que resolver nós estamos de acordo, não tem aquilo de: “Eu tenho mais direito”. Não, nós não temos isso, nunca tivemos isso de um querer o do outro ou brigar porque outro ficou com mais, outro ficou com menos, primeiro porque meu pai não deu nada a mais para ninguém foi igual, o que poderia brigar seria eu que trabalhei com ele 13 anos e peguei igual, era o combinado né.

O combinado não sai caro, como dizem. [risos]

Teve algum acontecimento que ele foi homenageado pelo Sindicato Rural e alguém acho que um governador havia sido convidado e o Agripino mandou uma carta para esse governador falando para ele não vir porque acho que apoiava a bancada... Como que era a relação do seu pai com a política?

Ele nunca foi político e ele sempre se deu bem com todo mundo, manteve o convite e pronto. Ele disse: “Não, eu não sou político!”. Ele falou: “É meu convidado”.

Foi implicância mesmo do Agripino no caso...

Foi implicância e outra o Agripino foi também, acabou sentando, o governador e o prefeito que não se dava [risos]. Ele tinha uma coisa gozada ele trabalhava muito, então tinha muito sono, dormia até em pé e um dia ele era presidente do Sindicato Rural e teve uma reunião ele tinha operado o dia inteiro e chegou lá morto de cansado, tinha uma palestra a noite, então ele sentou, ele sempre escrevia antes o que ele ia falar, sentou todo mundo, ele era o presidente e leu, todo mundo bateu palma, sentou o outro falou, daqui a pouco bateram palma para o outro, ele levantou e leu de novo ninguém teve coragem de falar para ele que ele já tinha lido, [risos], respeitavam tanto ele que ninguém falou que ele já tinha lido, ele leu inteirinho de novo o discurso.

Mário tem alguma coisa do seu pai que você reconhece em você? Que você vê assim, herdei isso do meu pai? Algo assim do caráter, no jeito dele de ser? A gente falou da paixão pela pecuária né, mas, no caráter tem algo assim que você pensa “nossa, meu pai era assim”?

Olha ele era uma pessoa... Mentir jamais, ele era muito certo nas coisas dele, passar alguém para trás para ter alguma vantagem...

Não era com ele.

Não era com ele, isso ele batia muito com a gente, sempre bateu muito: “Nunca tente tirar vantagem com uma pessoa”. Então acho que isso é um ponto interessante, não tirava vantagem com ninguém, ele era tão aberto que no começo da medicina, quando a gente era adolescente não tinha banco, um ou outro banco, ninguém tinha conta em banco e o cliente pagava em dinheiro, então ele tinha no armário a gavetinha que ele chegava de tarde e jogava o dinheiro lá dentro, aí minha mãe por exemplo precisava de dinheiro ele ia lá e pegava: “Pai vou sair”, “Você vai aonde?”, “ Vou em tal lugar”, “Pega dinheiro lá na gavetinha”. Ele nunca regulou a gente, ele sabia que eu não ia enfiar a mão lá encher o bolso, pegava o que precisava, mas ele era muito assim, a gavetinha todos os filhos tinham acesso, era algo interessante.

Nunca foi, só eu relo só...

Não, nunca teve isso, o dinheiro estava lá, quem precisava, pegasse o que precisa, nunca mais.

Nunca mais.

Nunca mais é bem desse jeito, quando veio o cheque minha mãe sentiu tanto "mas acabou a gavetinha" [risos]

Ele falava da infância dele, para você?

Falava de Minas...

Ele chegou a ter vontade de voltar para lá?

Não ele fala que Minas foi onde ele nasceu, São Paulo ele não queria morar foi onde ele fez a faculdade e o Rio de Janeiro...

Foi encontrar o amor da vida dele.

E ele encontrar a minha mãe foi muito interessante, não sei se a tia América falou porque ele tem dois primos que são irmãos que casaram com duas irmãs da minha mãe, então no casamento do primeiro, eles são primo irmão deles, os avós são irmão, ele foi para o casamento do primeiro e conheceu minha mãe, conheceu, começaram a corresponder, trocaram carta, no segundo começaram a namorar e depois casaram, então a família da minha mãe, dele...

Se entrelaçam, já estava entrelaçada né?

Acabam entrelaçadas.

Entendi, e ele sempre foi muito atenciosos com ela né?

Sim, ele presenteava muito ela, como ele era com ela assim? Sempre tudo, o negócio de sair era gozado se tivesse dez espelhos ela tinha que parar nos dez, acertar o batom: "Marina, está atrasada eu vou embora, olha eu vou embora e você fica". Dava uma volta no quarteirão, parava o carro e ficava lá dentro quietinho esperando ela, nunca deixou, imagina deixar, era desse jeito eles eram muito unidos, 60 anos faltava 1 mês para 60 anos de casados. Quando ele morreu, ele morreu em junho, ou julho. Rê (esposa do Mário), papai morreu em junho ou julho? Você lembra? Em agosto faria 60 anos, por aí...

Regina: Sua mãe me lembro bem, mas seu pai...

Mamãe foi em junho também, é! Faltava 4 meses para ele fazer 91 e para fazer 60...

Um mês para 60 anos de casados.

Exatamente, um mês ou dois.

E ela tinha muito orgulho de ver sua relação com ele? Já que vocês estavam ali trabalhando lado a lado, ela comentava com você?

Muito.

Sobre o apoio que você dava para ele?

A minha mãe sempre quis os filhos todos juntos, sempre, sempre, igual uma galinhona choca toda...

Todo mundo debaixo da asa.

Todo mundo debaixo da asa, ela achava que irmão não podia brigar, não podia discutir, não podia nada, sempre foi assim e a família parece que as heranças são interessantes vendo meus três filhos, eles estão juntos todo dia, Gabriela, o Marcelo e a Carolina todo final de semana estão juntos.

A relação deles parece ser bem, né...

É muito como eu era com os meus irmãos, mas depois na faculdade nos separamos porque cada um foi para um lado e depois que começou a trabalhar também, o João trabalhava em Piracicaba, o outro no Mato Grosso, o Otávio aqui e a gente cruzava pouco, aqui era o ponto de encontro, mas quantos anos longe né... E era um arrimo de família também, meu avô morreu cedo ele tinha três irmãs a Marta, a Dida e a América e ele era o cuidador de tudo, eles eram em quatro, três mulheres tia América foi a última que continua viva, mas ele tinha...

E elas chegaram a morar aqui em Prudente também?

Chegaram, tia Marta sempre foi solteira e sempre morou com a minha avó, a casa que era do meu avô na Gurgel, meu pai comprou das irmãs para minha avó continuar morando, porque quando meu avô morreu ele comprou a parte delas, a casa era muito grande, dividiu na metade, na frente era o consultório dele ali ele tava todo dia junto e a tia Mara e a minha avó viveram até morrer ali.

E ele era muito cuidadoso também com a sua avó?

Muito cuidadoso, muito cuidadoso, vovó morreu com 90 anos também, 90 e pouco e ele tinha o consultório junto, ele tava o dia inteiro, almoçava na casa delas, o dia inteiro junto, a tia Marta foi diretora do Tannel Abbud muitos anos, era professora, diretora de colégio, ela nunca casou sempre morou com a minha avó e a outra de Campinas tia Dida era Cândida Margareth chamava, ela tinha apavoro do nome dela "Qual o seu nome?". Era Dida, Cândida Margareth não. [risos] Uma época eles moraram aqui, meu tio tinha colégio o Objetivo era dele, não era Objetivo naquela época, era Joaquim Murtinho se não me engano, depois mudou para Campinas, ele era de lá, advogado e nós todos os filhos acabamos morando na casa dela, eu quando começou o colegial me mandou para a casa da tia, depois foi o João e depois foi o Otávio, todo mundo passou pela casa da tia, estudava interno e a noite vinha para casa, ficava o dia inteiro no colégio e a noite na casa dela, então cada ano ia um, aí o outro saía e depois ia para a faculdade.

E ele sempre fez questão que vocês estudassem e tivessem o melhor da educação?

Sim, exatamente, tinha que ter alguém para cuidar não podia soltar o moleque assim na estrada, naquele tempo tinha muito isso de pode sair, mas vai para a casa de um tio.

Tinha que ter algum responsável para ficar de olho nas peripécias. A ideia da exposição você já falou, né!

É da exposição foi um troço interessante uma estratégia deles.

Foi a primeira vez que um presidente veio a Prudente?

Primeira e única né, Bolsonaro veio antes de se eleger né, mas por exemplo o Stroessner um encontro internacional foi a primeira vez né, conseguir reunir dois presidentes.

Em uma cidade do interior paulista.

Então eu me lembro do aparato na época ele era governo militar, então por exemplo não podia os dois descer no mesmo aeroporto então o Geisel desceu em Prudente e o Stroessner em Londrina, aí um helicóptero trouxe ele para cá, ele veio com o jato, desceu lá em Londrina, não podia os dois por segurança nacional, tinha toda aquela coisa, eu me lembro que chegar lá na

comitiva deles só três, meu pai e dois diretores, ninguém mais podia, uma segurança absurda, a época militar foi muito rígida, mas eles conseguiram trazer o parque para Prudente.

Acabou trazendo notoriedade para a cidade né?

Exatamente.

O que era Prudente antes disso será? [risos] E você acha que se seu pai tivesse vivo essa relação de tecnologia, desses...

A ele sempre vinha na frente ele morreu porque o rim parou não tinha mais jeito, mas viveu lúcido, minha mãe foi com 98 ele teria tranquilamente vindo aos 100 anos, a saúde é que... A cabeça perfeita e sempre jogando as coisas lá na frente e sempre com muito cuidado com os filhos, se não está perdendo nada, se precisa de alguma coisa, era desse jeito, chamava um por um: "Como é que estão os seus negócios?", "Não, pai está bem", " Não, eu quero no papel". Era desse jeito, sempre foi muito preocupado com perder, como ele passou muita dificuldade na infância para estudar, para tudo, ele morria de medo da gente ter dificuldade, então o que precisasse ele fazia para a gente, o dinheiro era para os filhos estudar, era assim, dava carro, não dava carrão, dava carro comum, para que carro? Para ostentar? Não precisa, então ele sempre foi assim, agora se quisesse comprar livro estudar fora, isso ele não media dinheiro.

Nunca negou nada nesse sentido.

Não, nunca, e olha ali tinha muito orgulho dos filhos, de todos.

E com os netos como era a relação?

Uma paixão, mais com o Marcelo que foi com quem ele conviveu mais, o meu mais velho.

Por que eles tinham...

Porque eu tive os três, depois o João teve. O mais velho do João é da idade da Carol.

Os primeiros netos são seus então?

Os primeiros netos são meu, depois veio o Otávio, bem depois do João e a Marina, bem depois, os netos vieram por etapas. O Marcelo morou na casa dele era veterinário, ia para a fazenda com ele, ele achava o máximo, ele sempre falava: "O Marcelo vai ter um sucesso muito grande". E ele tem tido, e tem mesmo o Marcelo é... Ele conhecia de longe as pessoas, o que cada um ia ser.

E a Carol, o que ele falava dela?

Carol era a caçulinha, ele gostava de conversar muito com ela porque, porque ela lia muito e o jornalismo traz. E vamos dizer dos filhos, o Marcelo e a Gabriela eu arrumava estágio era na minha área, a Gabriela era zootecnista e o Marcelo era veterinário e eu sempre ensinei para eles que não se sai da faculdade só com a... Tinha que estagiar, então o Marcelo estagiou desde o comecinho da faculdade e a Gabriela também e a Carol não tinha como fazer isso, porque era jornalismo, mas a Carol sempre trabalhou, trabalhou em rádio, trabalhou em jornal, trabalhou em televisão, antes de formar, então ela tinha a bagagem a Carol nunca precisou de mim para nada no tempo de faculdade os outros: "Pai acabou o estágio, arruma outro". Arruma aqui, arruma ali a Carol não, ela se virava e arrumava, não era a minha área, não tinha como bate atrás, como é que eu ia arrumar jornalismo? E eu não morava aqui, quando eles faziam faculdade eu morava em Dourados, não tinha muito como ajudar, mas os meninos era fácil, porque eu ligava para um, ligava para outro e arrumava estágio, então foi mais fácil.

Mas ele gostava muito dela por esse motivo, por esse conhecimento que ela trazia.

Gostava de conversar, porque a Carol tinha muita cultura, ela lia muito ela estava na frente sempre, e o jornalismo faz você, ou você está por dentro do que acontece ou você não é jornalista.

O Gabriel sempre foi muito antenado né?

Sempre ligado, então ele gostava muito de conversar com a Carol, a Carol tinha novidades: “Vô tem...” ele já ficava aí no dia seguinte se ela chegasse lá tinha os recortes de jornal [risos] sempre fez com os filhos e com os netos.

Não foi diferente.

Não, foi igualzinho, ele fazia e torcia muito, o Marcelo formou, eu mandei ele para os Estados Unidos e ele vibrava ter ido para os Estados Unidos, depois mandei a Gabriela, ela ficou lá também 2 anos, 1 ano e meio, mais ou menos, Marcelo ficou mais, ele fez o High School e depois a especialização depois de formado e os dois fizeram mestrado na faculdade que eu me formei, fizeram aqui, mas depois fizeram mestrado em Jaboticabal, tanto o Marcelo quanto a Gabriela me seguiram em tese.

E você tem muito orgulho disso deles terem escolhido?

Tenho, não só disso, mas principalmente, eu acho que filho você forma para o mundo e os meus estão sendo independentes, não dependem de mim em nada, eu acho que isso é ensinamento.

Construíram a vida né?

Construíram a vida, aprenderam, copiaram o pai, copiaram o avô. Então, eu tenho muito orgulho disso, de não ter que ajudar filho em nada, se viram e trabalham na minha área, eu que ajudei, começaram comigo, Marcelo trabalhou na fazenda, Gabriela trabalhou na fazenda e eu sempre falava para eles que a vida que eu levei não é boa, enfiado no meio do mato, hoje não precisa disso, você tem é que decolar e decolaram, porque você morar em fazenda, meu Deus do céu você fica longe do mundo, hoje tem internet, mesmo assim, você não tem o contato com as pessoas, além de não ter o contato humano, quando tem é com peão de fazenda, não te engrandece, eu acho que a gente tem que ter contato para engrandecer sempre seu contato suas coisas, para te dar uma coisa melhor, se você se enfiar na fazenda... Não acho que deva porque eu jamais moraria na fazenda outra vez, morei bastante mas era fase de construir hoje eu acho que se eu for morar eu tô andando para trás, você não vai ao cinema, não vai ao shopping é só aquilo, mesmo tendo televisão, internet, tudo, mas você continua ficando isolado e o convívio social é muito importante, não adianta você ter internet você ter tudo o relacionamento humano com as pessoas é muito importante.

ENTREVISTADO: SIGEYUKI ISHII

PRESIDENTE PRUDENTE

Repórter: Sandra Prata e Janaína Tavares

Quarta-feira, 20 de março, às 16h

Local: casa da Cândia

Endereço: Rua Paulo Marques, 359 - Perto do Ginásio de Esportes

Telefone: 3916-1194 / 9-8119-4222 / 3223-1415

Senhor Sigeyuki eu só vou confirmar algumas informações que consegui aqui, então o senhor foi ex-presidente do Sindicato Rural, né? Foi em qual ano? O senhor lembra?

Assumi em 89 e sai em 2005.

E o Dr. Gabriel foi antes do senhor né?

É, se não me engano antes de eu assumir teve um antes, o Antonio Servantes e depois fui eu.

Entendi, vamos começar então de fato. Quando liguei para o senhor a primeira vez acho que o senhor não lembra muito de mim, quando eu liguei pela primeira vez para conversar, o senhor falou que teve uma grande amizade com o Dr. Gabriel e que essa amizade veio muito antes do senhor ser presidente do sindicato. Como é que era essa amizade então?

Como ele era o presidente eu sempre participei de diretoria, eu só não estou lembrado se fui diretor na gestão do Costa Neto, então sempre estive envolvido e depois do Costa Neto acho que foi o Servantes o presidente, daí quando venceu o mandato do Servantes ele me chamou lá e disse: “Agora é sua vez!”. Eu perguntei: “Agora é sua vez o que?”. Ele disse: “De ser presidente ué”. E eu falei: “Não, vou nada, tem tanta gente boa aí, não vou aceitar não!”. E ele insistiu tanto... Mas eu falei: “Não, vou conversar com a minha mulher e depois eu dou a resposta para você”. E ele disse: “Olha você já é o presidente, não tem nada de consultar, você já é!”.

Foi direto assim! [risos]

E quando assumi o Sindicato Rural o Costa Neto me prestigiou muito e me ajudou muito, porque eu não sabia nem como começar, né!

E ele deu esse auxílio para o senhor no começo.

Me ajudou, me prestigiou, né. Eu me lembro de uma passagem que eu estava conversando com ele, o Deodato que é dono do Imparcial.

O Deodato, o senhor Deodato?

Você conhece?

Conheço. Ele me ligou e disse: “Ishii vê se faz uma campanha através do Sindicato Rural para ajudar eu a terminar de construir o Instituto do Coração lá da Santa Casa”. Então, eu fiz a campanha. [Celular toca]

Pode ficar sossegado.

[Conversa com alguém no celular]

A gente estava falando sobre o senhor Gabriel né? O senhor lembra onde conheceu ele? Como o senhor conheceu o Dr. Gabriel?

Olha eu conheci o Dr. Gabriel como médico e ele já estava envolvido.

Na agropecuária.

É então.... Mas eu sempre, eu conversava com ele... E eu reputo o Dr. Gabriel, ele por exemplo é introdutor da raça Tabapuã.

Tabapuã? É, então quer dizer que o Dr Gabriel foi ele que...

Ele foi o pioneiro, ele que reproduziu essa raça na região aqui.

É de boi?

É, eu acho que ele é o único criador de Tabapuã ainda em Prudente, tem pecuarista aí que está melhor informado do que eu porque eu só acompanhei a vida do Dr. Daniel... Dr. Gabriel, é... Eu lembro que ele foi o que introduziu a raça Tabapuã na região, eu não sei se o sucessor dele deu continuidade. Então, o Dr. Gabriel ele tem como se diz, ele fez um nome dele aqui como pecuarista, introdutor da raça Tabapuã, ele sempre participou, que nós tínhamos uma exposição de gado aqui em Prudente e ele era um dos grandes incentivadores da...

Dessas exposições.

Da exposição, Prudente foi a segunda melhor exposição do país, primeiro era a lá do Rio Grande do Sul a exposição de.... [tenta lembrar] A cabeça minha.

Não, fica tranquilo.

E foi o maior, não sei se o Dr. Costa Neto, ele era criador do cavalo Mangalarga, ele não era quarto de milha, era Mangalarga e Prudente foi o berço da criação do quarto de milha né! E Prudente tinha fama de ser o maior centro criatório da raça quarto de milha, hoje Prudente ficou para trás até no gado Nelori Prudente...

Ficou para trás nesse quesito. Então quer dizer que o senhor conheceu ele como médico na época, né?

Como médico.

O senhor chegou a se consultar com ele alguma vez?

Não porque ele era...

Ginecologista no caso.

Ginecologista.

Mas o senhor conhecia a fama dele por ele ser um médico na época.

Eu, pois é, um dia eu estava lá no consultório dele, eu fui lá para acertar um negócio com ele e eu estava de costa e entrou um amigo nosso lá, o Dr. Fernando Pereira me viu, me chamou pelo nome e eu tive que virar o corpo para saber quem é que estava me chamando e o Dr. Fernando falou: "Ishi, o que é que o senhor tem?" eu disse: "Problema de coluna". Ele disse: "Então encosta na parede tira o sapato, fica na ponta dos pés". E me ensinou o exercício, ele disse: "O senhor vai sarar". E eu não acreditei muito não, mas eu pensei, não estou pagando nada então vou fazer [risos] e graças a Deus recuperei, sarei de tudo.

O Dr. Gabriel que...

Não, essa pessoa que foi visitar o Dr. Gabriel e eu estava lá no consultório dele.

Aí o senhor lembra desse episódio que essa pessoa ajudou o senhor a melhorar essa questão da coluna, assim, entendi.

Então a lembrança do Dr. Costa Neto, esse é um detalhe que foi lá no consultório dele que...

Que o senhor deu um jeito na coluna. [risos]

É que deu um jeito.

E quando o senhor conheceu o Dr. Gabriel o senhor também já era pecuarista?

Eu era pecuarista, mas não tinha um nome que tinha o senhor Gabriel.

O senhor não tinha...

Não, eu era ainda principiante, então não tinha a fama que tinha o Dr. Gabriel Costa Neto, primeiro porque o Dr. Gabriel Costa Neto se oficializou no Tabapuã, né! E até esses dias vendo na televisão, é uma raça que progrediu bastante, né!

Então quando o senhor conheceu, o senhor já tinha... O senhor estava começando a carreira de pecuarista. O senhor lembra mais ou menos o ano que o senhor começou?

A foi nos anos...

Então nos anos 70 o senhor já tinha um contato com o Dr Gabriel?

É, já, já.

Assim, entendi e como era a amizade de vocês era só profissional? Vocês também eram amigos fora da....

Era amigo meu, um dia inclusive eu estava no Supermercado, é Macro né?

Macro.

Aí eu encontrei ele lá, ele disse: "Ishii, olha tal dia, eu vou fazer...". Acho que 90 anos, 80 anos, não me lembro mais, estava longe a data ainda e ele disse: "Você já é meu convidado viu?". Eu falei: "Tabom Dr. eu não vou esquecer não". Aí ele faleceu antes.

Sim, ele faleceu com 91 anos.

Então ele já estava meio adoentado e não celebrou aniversário dele!

Nessa época ele estava mais debilitado. Então a amizade de vocês era saudável? Como era a amizade?

Olha para falar a verdade dizem que amigos você conta nos dedos e sobra né [risos] ainda mais era uma amizade honesta, sincera e quando eu fui presidente do Parque Rural eu fiz um trabalho para a Santa Casa não sei se vocês já repararam, você entrando na Santa Casa lá no...

Na Santa casa de Prudente?

É, você entrando na...

No saguão?

É tem um quadro de mármore a esquerda, a direita está escrito os maiores contribuintes da Santa Casa, primeiro ao Verdão o Segundo pelo Sindicato Rural, um dia eu encontrei o Dr. Gabriel e fui fazer um comentário com ele né, que eu tinha conseguido ajudar a terminar a construção e eu fiz isso, porque na época a imagem do pecuarista era muito ruim perante a opinião pública.

Por que era ruim?

Então fizeram uma pesquisa, metade é banqueiro, segundo é pecuarista, de fato a fama do pecuarista era muito ruim, então pensei claro como não fazer, mostrar para a opinião pública que nós não somos o que eles pensam, então eu fiz esse trabalho para ajudar a Santa Casa e fiz o comentário com o Dr. Gabriel, ele falou assim: "Você consegue isso pela sua credibilidade porque se não tivesse não tinha conseguido não viu?". [risos] Então, ele era um companheiro, era uma amizade super sincera, não tinha nada de amizade por interesse né!

E o senhor considerava ele uma pessoa muito dedicada e atenta? Quando a gente vai falar do Gabriel, assim como pecuarista era uma pessoa atenta as novidades? Era uma pessoa dedicada?

Ele sempre comentava comigo inclusive ele perguntava: "Ishi você assistiu o Globo Rural?". Né? Então a gente percebia que ele era uma pessoa bastante interessada e procurando melhorar, então é... Como se diz a gente era da velha guarda, né? E então quando eu fui presidente do Sindicato Rural todo o pessoal que me prestigiava era o pessoal da minha...

Da sua idade?

Era, ou mais idoso né! Então o sucesso que eu tive no sindicato devo muito a essas pessoas, por exemplo ao Costa Neto né.

E quando o Gabriel se tornou presidente do sindicato, como o senhor avaliava o Dr. Gabriel como presidente? O Gabriel ele era um bom presidente? Ele cumpria com as demandas? O senhor percebia isso né? Como que era?

Se sabe que a época vai passando e as coisas vão mudando.

Sim, sim.

Eu quase sempre que eu podia eu ia no sindicato e participava da reunião, né, eu lembro tem uma passagem que eu estava no Sindicato Rural e ele trouxe uma inovação para o Sindicato é um grupo de pecuarista, criador de cavalo, avestruz, o GTE, ele trouxe essa ideia para o sindicato.

Quando ele era presidente?

Não, ele já tinha deixado a presidência, mas colaborava com a...

Assim, então ele criou o GTE depois que ele deixou de ser presidente.

É ele trouxe na minha gestão, nós criamos, acatamos a ideia dele, achamos que a ideia era uma boa ideia, ele tinha o GTE do gado Nelore, tinha de avestruz é... De coco. Então assim, de várias coisas, parece que era cinco grupos.

E esses grupos? Qual era o objetivo desses grupos?

Era melhorar... Então todo mês tinha a reunião de um grupo de GTE, então a pessoa que estava organizando ele oferecia um almoço e antes do almoço ele já mostrava o que ele tinha feito, a novidade que tinha, então todos participantes iam lá e procurava fazer aquilo que o...

A proposta.

É, então foi o Dr. Daniel, opa, Gabriel que trouxe a ideia e nós introduzimos aqui.

Sim. E o GTE colheu bons frutos?

Olha no meu tempo foi bom, evoluiu muito, só não foi bom o avestruz.

Por que não foi bom?

Porque, avestruz é um negócio meio complicado e teve um início bom, mas o pessoal foi desistindo, primeiro porque eu acho que faltou é... Oferecer carne de avestruz para o pessoal, para o consumidor sentir o gosto, era igual carne de boi, não tinha...

Diferença, assim...

Não, se oferecesse comia, para mim era carne de boi, né, mas não teve uma aceitação, também acabou a nível de país, começaram e acabou em nível de país.

E qual foi o grupo de GTE que mais deu certo nessa época na sua opinião?

Todo o... O que melhor saiu foi o de gado mesmo, né, Nelore, porque tudo tinha aceitação da população né, carne de avestruz o pessoal...

Não tinha muito.

É não teve muita aceitação e outra coisa, o... Coco também não teve muita...

Não teve muita aceitação.

É hoje aumentou o consumo e a propaganda existe que a água de coco faz bem para saúde, tal, então tudo isso vem contribuindo para melhorar, então aqueles que aderiram ao grupo GTE do coco, continuou, agora o que acabou foi o avestruz, o avestruz nem se fala...

Nem se fala mais...

Não.

O senhor lembra mais ou menos quantos foram criados? Do avestruz, do coco...

O coco, avestruz, nelore, cavalo, acho que era cinco grupos mais ou menos. Quem falou para vocês do GTE?

A família dele, porque a gente já entrevistou os filhos...

Dr. Costa Neto foi o introdutor, ele que idealizou, idealizou não, ele que trouxe a ideia do Mato Grosso do Sul, porque lá formaram e ele acompanhou, gostou e trouxe para a gente.

Quando o Gabriel foi escolhido, né, para ser presidente, o senhor acompanhou esse momento? Chegou a presenciar?

Olha eu não tenho mais lembranças de como é que foi né, é ... Eu sei que por exemplo através do Sindicato Rural nasceu a cooperativa Mista...

O Dr. Gabriel né, tanto nas entrevistas o que a gente já ouviu dele, até da família, que ele tinha um grande receio e até um certo medo das terras dele serem invadidas pelo MST, ele fala em algumas entrevistas, a gente tem algumas entrevistas que ele fala que o receio dele... Vamos falar um pouquinho do MST quando eles começaram né, a entrar em algumas fazendas aqui nos arredores do pontal né, o senhor estava como presidente do Sindicato nessa época?

Muito, eu inclusive tentei ajudar o Dr. Costa Neto e o pessoal da, o órgão que...

Responsável?

É o... Poxa vida... [tenta se lembrar]

Fica tranquilo, não precisa se preocupar não.

É porque esse problema do sem-terra é um problema que explodiu aqui no Pontal, até hoje tem problema né, porque no governo Covas eu era presidente do Sindicato Rural e ele prometeu criar uma lei para regularizar até 550 hectares e Covas faleceu, entrou o Alckmin como governador e o Alckmin que criou essa lei para regularizar até 500 hectares então eu acho que isso aí minimizou um pouco a...

O pessoal do MST vir, né? É e nessa época que o seu Gabriel estava com receio, como era naquela época ter esse receio do MST, era muito preocupante?

Naquela época eu dou razão para ele, quando eu fui presidente do Sindicato Rural eu chamei o Zé Rainha.

O Zé Rainha?

É o Zé Rainha era o chefe: “Zé, você quer fazer um momento para o governo desapropriar terra, mas você não pode fazer isso, invadir a fazenda, pode acampar na beira da estrada tudo bem, mas não pode invadir e nem matar animal”. Então eu tinha um amigo que a fazenda dele foi invadida e ele me procurou, então eu falei: “Olha você não hostilize o pessoal do sem terra procura ser... Eles invadir para pegar água, não vai te prejudicar, deixa eles pegarem a água, isso não é problema nenhum, porque se você retalhar eles podem matar uma pessoa e você vai ter prejuízo, então vai numa boa”. Então, inclusive eu tentei, eles queriam comprar a fazenda do Costa Neto.

Quem queria comprar?

O órgão que cuidava da...

Que regularizava?

Como que chama? [tenta lembrar] o ITESP

O ITESP queria comprar a fazenda do Dr. Gabriel.

O presidente do ITESP era, ele me procurou e eu passei para o Costa Neto, mas o Dr. Costa Neto não quis, agora depois acabou negociando, né. Depois que negociaram acho que acabou vendendo. O ITESP acho que até pagou o que valia a fazenda, então o problema o seguinte, o pontal ali é fácil, a fazenda está explorada então é fácil invadir e falar para o governo e quando o pessoal, os primeiros, os primeiros ocupantes de terra, pessoal que vem de fora, alguns entrou no pontal com a cara e a coragem que era a marca, então segundo alguns, esse pessoal grilou as terras, se apossou das terras, mas isso não é verdade né, porque tem muito, a escritura da área, então com essa criação de regularizar até 500 hectares deu uma normalizada, hoje não existe aquele movimento que tinha antes.

O senhor lembra mais ou menos quantas fazendas foram invadidas nessa época que estava essa...

Olha era direto, eu lembro de uma passagem que invadiram a fazenda do, ali perto de Sandovalina, na região, olha quase cria um conflito de guerra viu?

De guerra?

Então, mas graças a Deus não chegou nesse ponto não.

E qual era a atitude que os pecuaristas tomavam nessa época? Eram muito rígidos? Como era a negociação essas coisas?

Tem pecuarista que... Bom, diz: “Vamos para a briga? Vamos brigar então!”. [risos] Mas não chegou a ter o extremo de matar alguém, teve morte aí mas não foi...

Envolvendo os pecuaristas?

Não, não.

E o senhor lembra como é que foi quando invadiram a do Dr. Gabriel lá em Teodoro Sampaio? Ele chegou a comentar com o senhor?

Olha, pelo que eu tenho conhecimento não foi uma invasão assim...

Muito grande.

Não foi, e outra coisa o Dr. Costa Neto era uma pessoa equilibrada de bom senso né, então sempre procurou resolver.

Na calma, tudo na... E falando um pouquinho com o senhor sobre essa questão da amizade, como o Dr. Gabriel, como era a convivência do Dr. Gabriel como pecuarista? Como era conviver com ele? Ele era uma pessoa que dava conselhos para o senhor? Como era conviver com ele?

O problema era o seguinte ele percebeu que eu assumi o sindicato, e é aquilo que eu falei para você, a imagem do pecuarista era muito ruim, eu falei “ nós precisamos fazer alguma coisa para melhorar” então, quando o diretor do Imparcial me ligou, o senhor Deodato para ajudar, eu procurei fazer o que ele me pediu né, então, tanto é que lá na Santa Casa tem o nome do Sindicato Rural, então o pessoal não pode falar que pecuarista era como se diz, individualista e de fato é ... Nos tempos antigos, é... Tinha briga lá no nordeste, os lampião né!

Sim, sim.

Eram mais ou menos aquilo lá, mas hoje a pior atividade que tem hoje é a de pecuária, a pior atividade que tem depois que esse JBS entrou no mercado esculhambou o mercado, então a gente tá vendendo arroba do boi com preço de três anos atrás.

Entendi. E o senhor chegou a conhecer a família do Dr. Gabriel, a dona Marina?

Eu conheci a dona Maria, Dr. Gabriel, o Mário, o Otávio, conheci todos eles.

O senhor tinha essa amizade de ir na casa deles, visitar eles?

De vez enquando.

Era mais no sindicato que vocês se viam?

É quando a gente se encontrava, a gente ficava batendo papo.

E o senhor ia quantas vezes na semana no sindicato quando o senhor não era presidente mais ou menos? E o senhor encontrava ele lá?

Eu sempre quando estava meio preocupado então eu ia participar lá, da reunião da diretoria do sindicato.

Então sempre estava por perto lá.

Eu fui o cara que ficou mais tempo lá no Sindicato, porque lá nunca repetiu o presidente, três anos entrava outro, então completei meus três anos e falei: “Agora estou saindo”. o pessoal falou: “Não, Ishii, você não pode sair”. E eu falei: “Por que não? Eu já cumpri minha obrigação agora eu vou”. E eles falavam: “Não, mas o que é bom não pode ir!”. [risos] Mas não é... É aquilo que eu falei para você, eu queria mudar a imagem que os pecuaristas tinham na época, então eu ajudei a Santa Casa, por exemplo eu tive, a oportunidade que eu tive uma reunião na delegacia do trabalho e a presidente da delegacia do trabalho é a Faiza Abud e ela falou: “Ishi depois da reunião quero bater um papo com você” Eu falei: “Tá bom!”. Aí depois da reunião eu falei: “Mas o que você quer comigo?”. Ela falou: “Olha fico até constrangida em falar o que eu quero falar”. Eu disse: “Não tem constrangimento nenhum pode falar ué, estou aqui para ouvir”. Aí ela falou: “Olha Ishii as irmãs lá do asilo tiveram uma promessa da Alemanha, a doação de 80 mil dólares para montar uma lavanderia industrial lá no asilo e as irmãs compraram a lavanderia, montaram e o dinheiro não vem, o que o senhor pode fazer para ajudar as irmãs?”. Eu falei: “Não vou lhe prometer nada, mas vou me empenhar para ver se resolvo esse problema”. Então aquilo que o Dr. falou para mim: “Você consegue pela sua credibilidade, porque se não tiver, não vai!”. Então eu consegui arrumar os 80 mil dólares.

E o Dr. Gabriel sempre incentivando o senhor a fazer o melhor possível.

É ele sempre falava: “Olha ishii, continua assim”.

As fazendas do Dr. Gabriel, o senhor chegou a conhecer alguma de perto?

Eu quando fui para lá passava sempre em frente das fazendas dele, olha as fazendas não era para vender.

De qual fazenda o senhor está falando?

A do Dr. Gabriel.

Mas qual delas?

Lá em Mirante, Teodoro Sampaio né, fica perto da cidade, topografia boa, terra boa.

Então o senhor acha que ele não deveria ter vendido aquela?

É eu se fosse minha área não venderia não, o Dr. Gabriel ficou desanimado com esse negócio de sem terra, aquela ameaça constante, então por isso eu acho que ele acabou negociando, mas na época que o pessoal me procurou para conversar com o Dr. Gabriel a oferta era boa, agora a particularidade era que era uma fazenda de terra boa, bem localizada e de fato dava dó de vender aquela fazenda.

E o senhor já chegou a ir nas fazendas do Mato Grosso?

Na fazenda dele?

Isso, na de Rio Brilhante?

Eu já passei várias vezes, a minha filha inclusive acho que está com pouco tempo que ela foi lá, ficou hospedada lá na fazenda.

Legal, lá em Rio Brilhante tem a Mata Sede, a São Gabriel e a Santa Marina.

Mas está tudo arrendado para a cana.

Oi?

Está arrendado para a cana, para a usina lá.

Isso realmente não estamos sabendo não.

Tem a usina de Rio Brilhante e eles arrendaram lá, hoje pecuária não vale a pena, a usina lá de Navegantes me ligou agora a pouco, eles querem plantar cana, então é hoje a melhor atividade que tem é a agricultura e a pior que tem é a pecuária.

E as coisas que o pessoal, que a gente entrevistou falou bastante do senhor Gabriel é que ele era muito rígido e honesto, o senhor concorda com isso também?

Olha rígido eu não sei, em que sentido?

No sentido de ter uma palavra firme, direto, uma opinião firme sobre as coisas.

Não, ele era uma pessoa bem de.. Eu gostava muito do Costa Neto né, até procurava conversar com ele e ele sempre me deu orientação dele e eu sempre acatei as ideias dele, eu acho que foi uma grande perda em Prudente, mas a idade chegou.

Estava na hora já, né, estava debilitado tinha toda essa questão né! Agora eu vou perguntar para o senhor, como que começou o processo para a criação da primeira exposição de animais aqui? O senhor se lembra?

Olha não é do meu tempo, infelizmente as exposições de Prudente foi a melhor do país ou a segunda e as pessoas de idade já foram se afastando e os mais jovens foram assumindo, só que não foi com aquela.

Garra que os outros tinham, né.

É por exemplo para mim ir na exposição naquela época era fila de carro, da exposição chegava no rio quatrocentos a fila para entrar.

Então o senhor estava dizendo que naquela época era algo mais bonito de se ver, aí os jovens foram assumindo e não tem tanto mais aquela garra assim né?

Não tem aquela sequência né, e acabou né, por exemplo eu não vou mais na exposição porque não tem, ali hoje é show e não tem mais exposição de gado, é leilão de gado.

E o senhor já participou da diretoria dessas exposições, já participou ativamente como é que era?

Ah eu, no meu tempo era outra coisa eu não quero me vangloriar com isso não, mas o pessoal antigo tinha uma cabeça o jovem outra então precisava mudar mas dando sequência, e outra coisa Prudente foi o maior centro criatório de quarto de milha, nelori, perdeu, perdeu a posição.

A gente tem uma informação aqui, não sei se está correta de que o Gabriel, foi ele que ajudou a fundar esse centro de exposições, o senhor se recorda disso por acaso?

Naquela época eu acompanhava de longe porque eu era um desconhecido e sempre participava, mas de longe sem... E eu lembro dos velhos, depois que os velhos se foram o pessoal novo...

Foi baixando, e é assim que o senhor achava o Dr. Gabriel? Como um homem de negócios? Porque assim ele começou como médico né, consolidou a carreira dele como médico e depois investiu na agropecuária né. O que o senhor achava dele como homem de negócios?

Hoje mudou muito, o médico para chegar no ponto que chegou o Dr. Gabriel é difícil, hoje o médico por exemplo fazer a fortuna que fez o Dr. Gabriel não é fácil, são muito poucos.

Então o senhor acha que ele era realmente além de médio um homem de negócios? O senhor achava que ele conseguia ter esse...

É porque naquela época, acho que a maneira mais fácil de aplicar o dinheiro era comprando fazenda.

E ele soube investir nessa parte?

Sim, os filhos ficaram todos amparados, então...

E o senhor se lembra da última vez que o senhor se encontrou com ele, antes dele chegar a falecer? O senhor se lembra de como foi a última conversa, o último encontro?

Eu sempre encontrava com ele, que eu fazia caminhada no parque do povo e ele também, então a gente se encontrava e batia um papo.

Então o senhor lembra dele saudável ainda, não dele daquela parte que ele começou a ficar debilitado.

Olha eu, para mim foi uma surpresa a morte dele, ele me convidou para o aniversário dele que estava longe ainda e quando me deram a notícia que ele havia falecido, foi uma surpresa.

E o senhor soube da notícia por quem? Como o senhor ficou sabendo?

Olha, não estou bem lembrado não quem me avisou, porque hoje é mais fácil né! [risos]

Assim quando o senhor recebeu a notícia o senhor ficou surpreso...

Tanto é que teve uma época que eu cancelei a assinatura do O Imparcial, minha mulher ficou brava comigo: “Como é que você cancela a assinatura?”. Falei: “Por que?”. Ela disse: “Como é que eu vou ficar sabendo quem morreu? Como vou ficar sabendo?”. Hoje através do WhatsApp é rapidinho.

E o senhor acha que com a morte dele Prudente perdeu muito?

Não só a classe pecuária mas a classe médica, o Dr. Costa Neto era uma pessoa muito respeitada né, olha hoje mudou muito a medicina também, hoje um médico chegar no ponto que chegou o Dr. Costa Neto e outros é difícil.

E assim na opinião do senhor quais contribuições o Gabriel trouxe em relação a agropecuária? Quais as principais contribuições que ele agregou na cidade?

Eu acho que a principal é a introdução da raça Tabapuã, ele é o pioneiro e continuou.

Do GTE o senhor acha que foi uma coisa assim boa para Prudente?

Assim, foi porque traz uma inovação né, ele viu, gostou e trouxe para nós e ele é uma coisa que ficou.

O senhor sabe se existe até hoje o GTE?

Olha como eu estou afastado do Sindicato eu não sei se ainda continua, porque depois que eu saí de lá se eu fui meia dúzia de vezes no Sindicato é muito.

Entendi, então o senhor acha realmente que o legado que ele deixou na cidade foi essa questão de ser pioneiro da raça e também do GTE. Olha senhor Ishii eu acho que foi isso, foram muitas perguntas?

Não, não.

Foi tranquilo, né?

Um bate-papo.

**ENTREVISTADA: AMÉRICA COSTA SANDOVAL
PRESIDENTE PRUDENTE**

Repórter: Bianca Pereira e Janaína Tavares

Sexta-feira, 28 de junho, às 15h30.

Local: Casa da América

Endereço: Rua Rui Barbosa, 913, apto 72.

Telefone: (18) 3223-2787 / (18) 99718-5910

Você pode confirmar os nomes das suas irmãs pra gente?

Olha, eu tenho uma irmã que se chama Cândida Margarida [risos] e ela sempre detestou o nome. Então ela era conhecida por Dida. O nome dela é Cândida Margarida Costa Carvalhais e o da minha outra irmã era Marta Maria Santana Costa.

Em relação a seus pais. Como era a relação dos dois? Eles eram carinhosos um com o outro?

Olha, eu tenho assim...sempre tive mais afinidade mais com o meu pai, sabe? A minha mãe era muito de igreja, então eu me lembro de fazer as lições com meu pai por perto. Eu era mais chegada com o meu pai do que a minha mãe. Embora minha mãe fosse muito carinhosa e tínhamos uma boa relação. Mas a parte afetiva era mais com o meu pai.

Mas a senhora percebia o amor entre eles? Se eles eram apaixonados um pelo outro?

Ah sim, muito. A relação deles foi muito tranquila e sempre muito boa, viu. Eles demonstravam carinho diante dos filhos, mas era diferente. Hoje, que estou vivendo muito, vejo o relacionamento dos mais antigos com a mocidade de hoje em dia. Mas era diferente. Eles eram assim...qual seria o termo que eu poderia usar? Eram mais distantes, enquanto hoje a gente beija mais, abraça mais. Antigamente era demonstrando carinho mas sem muito afeto, sem muito abraço e beijo.

Quando você morava em Muzambinho com seus pais, com o Gabriel e suas irmãs, costumava ter empregadas na casa? Ou era a Gabriela que cuidava de tudo?

Não, não.... Inclusive a gente costumava ter as idosas né. Minha mãe costumava ter umas duas empregadas. Hoje em dia não se fala... Não poderia falar governanta, mas uma mulher mais idosa que cuidava da casa.

A sua mãe fazia algum serviço de casa? Como que era?

Ela era doceria, a cozinha era dela... Cheia de doce e de bolos [risos]. Na minha casa, geralmente tinha a parte de lanches com eu e minhas amigas, o Bieco com os amigos dele, minhas irmãs com as amigas delas. Sempre a casa era cheia de amigos nossos.

E a sua mãe era a que sempre preparava as coisas?

Sim, sempre. E todo sábado... A gente tinha no fundo da casa um... Uma sala... Uma casinha que chamávamos de Casa do Forno. Todo sábado descia todo mundo para fazer a quitanda da semana. Fazia então bolachinhas e biscoitos para a semana inteira. Em Muzambinho era de costume a gente dar esmola no sábado, passava os pobres pedindo. Todo mundo descia pra Casa do Forno e eu ficava lá em frente à casa, dando esmola [risos]. Isso era hábito lá da casa.

Falando da casa, a senhora se recorda de como era a casa?

Eu tenho até um retrato dela [América sai para buscar a foto]. A minha casa era cartão postal, um cartão postal da cidade.

A senhora se lembra do nome do bairro?

Olha, eu não me lembro... Mas ela ficava numa praça. Aliás, essa casa foi demolida. Não sei quem, mas depois que nós mudamos de lá, a pessoa que comprou essa casa transformou ela num supermercado porque eu fiquei sabendo, mas não vi. Depois demoliram a casa e eu não sei porque. Mas eu tenho impressão de que essa casa não existe mais em Muzambinho.

A senhora se lembra de como era a casa por dentro?

Tinha 22 cômodos na parte de cima e 22 na parte de baixo da casa. Em baixo era considerado um porão, mas era habitável. Tanto que tinha uma sala que o Bieco usava para fazer reunião com os amigos para estudar. Era como se fossem várias salas sem ocupação. E cada um tinha seu próprio quarto, ela era imensa.

A casa de entrada tinha um *hall* enorme, depois a sala de visita, depois tinha sala de jantar. As chaves tinham uma medalhinha para enumerar os quartos. A minha casa era muito divertida [risos], lá todo mundo entrava e saía o dia inteiro. Os meus pais eram muito sociáveis.

Acho que isso foi uma coisa que o Gabriel puxou dos seus pais porque ele e a dona Marina também eram muito sociáveis.

Nossa! Puxou. Aliás, todos nós fomos... Acho que eu fui a mais prejudicada da família porque acabei sozinha. Até minhas irmãs e eu que tínhamos um ponto de referência que era a casa da minha mãe. Mesmo depois que nos mudamos para cá...

[Interrupção de Marina, a sobrinha] Todo domingo tinha que almoçar na casa da minha avó, podia ter compromisso mas o almoço era na casa dela.

A senhora se lembra o que costumavam comer com frequência?

Olha, os horários de Minas Gerais eram muito engraçados porque meu pai acordava às 5h da manhã e adorava levar o café da manhã para todo mundo. Nós destestávamos porque a gente gostava de dormir até tarde. O almoço por lá era às 10h da manhã, viu. Todo mundo reunido e, à tarde, tinha lanche toda hora para as turmas do meu irmão, amigas das minhas irmãs... Era a casa de todo mundo.

Quando viemos aqui da outra vez, a senhora falou que vocês se mudaram de Muzambinho com a entrada dos paulistas?

Não mudamos não, é porque minha avó tinha fazenda na cidade de Carmo do Rio Claro, bem no sul de Minas Gerais. Quando saiu a notícia de que os paulistas iriam entrar em Muzambinho, nós saímos... Vamos falar que fugimos para a fazenda da minha avó. Saímos antes dos paulistas chegarem e meu pai ficou para cuidar da casa.

Como a foi receber a notícia dessa invasão em Muzambinho?

Foi sensação de pânico e a gente não tinha ideia. Por exemplo, eu tinha uns sete ou oito anos e a gente era criança. Mas na fazenda da minha avó era tudo festa e, assim que os paulistas saíram, nós voltamos para a cidade. Meu pai com as histórias mais descabíveis possíveis [risos] de contar a invasão deles. E meu pai ficou todo tempo por lá. Foram apenas minha mãe, minhas duas irmãs, eu e o Gabriel.

Esses avós eram maternos? Como era a fazenda deles?

Sim, eram maternos. A fazenda da minha avó era muito linda, viu. Você sabe onde tem a Represa das Furnas, lá em Minas Gerais? A sede da fazenda era toda construída de pedra e ela está submersa nessa represa, é usina né? O pedaço que não foi alagado pela represa, o meu tio ficou e fez uma fazendinha com o mesmo nome da fazenda da minha avó que era Capitinga.

O que vocês faziam para se divertir por lá?

Eu me lembro que de manhã, a minha avó pegava as canequinhas e ponhava um pouquinho de...como é que se chama? [América tenta se lembrar]. Não lembro o que ela colocava nas canequinhas...mas tinha uma vaca separada e todo mundo saía com a canequinha na mão para tomar o leite diretamente da vaca. Já todo mundo [risos].

Como eram os seus avós, eles eram acolhedores?

Eles eram aqueles mineiros de... Os mineiros de antigamente eram mais acolhedores do que hoje porque também já visitei Poços de Caldas. Eu não voltei mais, não tive condições de voltar mais em Carmo do Rio Claro.

Você se lembra quando foi que retornaram para Muzambinho?

Foi só festa, naquele tempo foi Minas que ganhou? Foi tudo festa, chegamos na nossa casa mas foi uma temporada que não foi tão traumatizante pra gente. Nós ficamos mais ou menos um mês na fazenda dos meus avós. Isso foi em julho e em agosto já estávamos de volta.

Depois de voltar para Muzambinho, teve a ida de vocês para Presidente Prudente. Foi quanto tempo de Muzambinho para a ida até Prudente?

Foi assim, meu pai ficou doente e teve uma depressão muito grande, começou a vender quase tudo que nós tínhamos de propriedade. Ele comprou um sítio em Jundiá (SP) e nessa ocasião, eu estava com 15 anos, 14 anos mais ou menos. Meu irmão estava em São Paulo fazendo o cursinho. As minhas irmãs também estavam em São Paulo e já tinham se formado como professoras, apenas eu estava com meus pais.

Ele ficou doente e eu tinha dois tios médicos aqui em Presidente Prudente. Um era o Gabriel Costa e o outro era Doutor Domingos Leonardo Cerávolo, casado com uma irmã do meu pai. Este último foi casado com uma tia minha. Eles foram pegar meu pai para fazer um tratamento aqui em Prudente. Aí nós viemos pra cá, meu irmão e irmãs estavam em São Paulo.

Quando vieram para Prudente, lembram se vieram de trem?

Foi do trem que saía de São Paulo.

Mas você pegaram o trem em São Paulo?

Sim, em São Paulo. Não... nessa ocasião, quando a gente vinha, pera aí porque estou confundindo um pouco as coisas. Quando meu pai comprou esse sítio em Jundiá, estava ele, minha mãe e eu, já meu irmão e irmãs estavam em São Paulo. Aí meus tios vieram, pegaram a gente e viemos de carro. De Jundiá até Prudente não era tão longe assim, então viemos de carro. Depois disso, nunca mais voltamos para Muzambinho.

Falando um pouco mais sobre seu pai, você se lembra qual era a profissão dele em Muzambinho?

Olha, o meu pai foi assim...fazendeiro. Quando ele estava cursando Agronomia em Piracicaba (SP), solteiro com seus 17 e 18 anos. Aí, numa ocasião, ele se desentendeu com um professor e meu avô voltou para Muzambinho e ele não queria mais voltar para a faculdade. Então, ao invés de incentivar meu pai a voltar e terminar a faculdade, meu avô deu duas fazendas para ele.

Ele se casou com a minha mãe com 21 anos e ela com 18 anos. Então, ele virou fazendeiro, mas acho que ele nunca foi muito de fazenda porque os negócios dele nunca foram muito lucrativos. Nós tínhamos fartura, nós tínhamos uma boa vida mas meu pai foi perdendo tudo.

Ele tinha um hobby, algo que ele gostava de fazer no dia a dia?

Meu pai gostava mais de trabalho braçal. Era uma pessoa muito boa e gostava muito de conversar. Depois que ele veio para Prudente, arranhou mil amizades viu. Era muito querido aqui em Prudente.

E o que vocês acharam de Prudente quando chegaram?

[risos] Era um cidade...não tinha asfalto, não tinha nada. Na rua Doutor Gurgel tinha ali a casa do meu tio que ficava numa esquina, onde fica a loja Pirlimpimpim. Era ali o hospital dele e nós morávamos num sobradinho que ficava também na Doutor Gurgel. A vida inteira foi a casa da minha avó, do meu pai, da minha mãe, sabe? Foi o primeiro consultório do Gabriel, ele fez na frente da casa e a família morava no fundo.

Mesmo mudando de cidade, a dona Gabriela continuou a fazer os doces, bolos?

Sim, sempre. A dona de casa.

Quando seu pai veio para cá, ele fez o tratamento certinho?

O doutor Cerávolo arranhou um emprego pra ele na prefeitura na parte da zona rural, falava que ele precisava 'apanhar a maleta'. Era o tratamento naquela época [risos]. Mas ele se deu bem no emprego... Sabe onde é a rua embaixo da loja Americanas? Tem o nome dele, Orozimbo Costa. O cargo dele era chefe do Departamento de água e Esgoto. Logo que ele chegou em Prudente, já conseguiu o emprego e ficou nele até morrer.

ENTREVISTADA: AMÉRICA COSTA SANDOVAL

Repórter: Janaína Tavares e Bianca Pereira

PRESIDENTE PRUDENTE

Sexta-feira, 23 de agosto, às 17h.

Local: Casa da América

Endereço: Rua Rui Barbosa, 913 apto 72.

Telefone: (18) 3223-2787 / (18) 99718-5910

Em que ano a senhora nasceu? Quantos anos a senhora tem agora?

Nasci em 1923 e tenho 96 anos.

A senhora se lembra quando foi que o seu pai, senhor Orozimbo, morreu?

A data... [para um pouco para pensar] engraçado. Zé Olavo? Você se lembra quando o papai morreu? A data?

(Zé Olavo responde): vovô morreu no aniversário do João. Foi em 29 de setembro de 1961.

A senhora se lembra dos nomes dos tios paternos, irmãos de seu pai?

Me lembro! Era Gabriel Costa Filho, que era médico em Prudente. Tinha o Joaquim Bernardes que era médico também. Carlos Costa que era advogado, procurador da República e morava no Rio de Janeiro.

A senhora se lembra se o Gabriel Costa Filho era casado?

Era casado com a tia Marinha, a mãe do Mário (parte da entrevista em que América se confunde)

Ele era casado com a Maria Cerávolo, prima do Leonardo Domingos Cerávolo. O meu tio era casado com ela e tiveram três filhos: o Paulo que mora aqui e está muito doente, e mais duas filhas. Aí quando o Biéco se formou em Medicina, ele veio para cá e meu tio pôs uma certa resistência por causa do nome.

Então ele adotou Costa Neto por causa do tio que era Gabriel Costa. Ele achava um pouco de dificuldade o mesmo nome nos dois. Então ele adotou o Costa Neto por causa desse tio.

Um pouco da dona Gabriela agora. A senhora se lembra dos irmãos e irmãs dela? Eles estão vivos ainda?

Todos moravam no sul de Minas Gerais, lá em Carmo do Rio Claro. Não tem mais nenhum vivo, ninguém vivo mas eu tenho primas.

A senhora se lembra dos nomes deles?

Tinha uma irmã chamada Guilhermina, tinha uma irmã chamada América [risos]. Tinha uma chamada Nicota...era uma família muito grande a da minha mãe. Eles eram fazendeiros lá em

Carmo do Rio Claro, em sul de Minas Gerais. Sabe onde fica as Furnas hoje lá em Minas? Nós todos nascemos lá na fazenda da minha avó materna.

A senhora se lembra dos nomes dos pais da Gabriela?

Ele era João Evaristo Santana e quando eu nasci, ele já tinha morrido. Então não conheci o meu avô. E ela se chamava América Santana. Toda filha da minha avó tinha uma filha também que se chamava América.

Então quando vocês foram para a fazenda deles na época da Revolução, aí nessa época o seu avô já tinha falecido? Tinha só a sua avó na casa ou tinha mais alguém?

Sim, eu não cheguei a conhecer o meu avô. Não, era só a minha avó na casa e não tinha muitos empregados. Ela era uma fazendeira que tomava conta de tudo da fazenda.

A senhora consegue falar pra gente algumas características lá da fazenda em Carmo do Rio Claro?

Olha eu não nada de lá viu. A casa era feita de pedra e, tanto que hoje as Furnas...você sabe as Furnas de Minas? Essa fazenda está submersa nas Furnas. Eles contam, mas eu não, que quando a represa está muito baixa, dá para ver um pedacinho da casa.

Então quando foram organizar essas Furnas, a hidroelétrica, eles desapropriaram todas as fazendas por ali, inclusive a da minha avó. Então ficou um pedacinho que não foi desapropriado e ficou com um tio meu. Ele fez uma fazendinha e colocou o nome de Capitinga. E tem até hoje lá.

E o que tinha lá na fazenda?

Olha, eles tinham gado, a coisa de fazer cana para fazer rapadura. Era uma fazenda muito bonita, muito bonita. Tinham também muitos animais lá.

E como era a casa por dentro?

Era uma fazenda rústica, uma casa rústica. Tinham muitos quartos e uma sala enorme. Muitas salas. E em todas as férias, eu por exemplo com 15 anos não conhecia São Paulo porque em todas as férias, a gente ia para a fazenda. A família toda se reunia por lá.

Então reunia os primos...e uma característica gostosa de lembrar é que minha avó, de manhã, separava uma vaquinha e um copinho com...ela colocava no fundo do copo [pensa] uma bebida que era para colocar junto com o leite. Todo mundo saía com a canequinha na mão para ir beber leite da vaca.

Estamos com dúvida em relação a uma data. Quando teve essa Revolução, ela foi em 1930 ou em 1932?

Zé Olavo? A Revolução foi em 1930 ou em 1932? A Constitucionalista?

(Zé Olavo responde): Foi em 1932.

Foi nessa época, na Revolução Constitucionalista. Foi em 9 de julho, que inclusive coincide com a data que a Marina morreu. Foi quando começou a Revolução e todo mundo começou a sair da cidade. Para os paulistas entrarem, para vocês entrarem [risos]. Mas foi em 9 de julho.

A senhora se lembra com quem o Dr. Cerávolo era casado?

Olha, o primeiro casamento dele foi com uma tia minha, chamada Onorina. Ele teve um filho e ela morreu no parto. Então ela era a princesa do meu avô, a filha do meu avô Gabriel, irmã do meu pai. Ela era a caçula da família e casou com o Cerávolo.

Quando ele se formou, o meu avô construiu um consultório enorme e lindo para ele. Eles casaram e nove meses depois ela morreu.

Então quer dizer que o Gabriel Costa que era seu tio se casou com uma irmã do Cerávolo. E o Cerávolo se casou com uma irmã do Gabriel Costa?

Sim. Aí depois quando ela morreu, ele ficou viúvo e veio para Prudente. Se casou com a Dionésia, segunda esposa dele. Ela fazia muito parte da nossa família e da minha mãe.

Seus pais, por acaso, já contaram para você como os dois se conheceram?

O meu pai é filho de fazendeiros e eles tinham várias fazendas esparramadas por muitos lugares. Inclusive tinha uma cidade lá no sul de Minas Gerais que se chamava Tuiuti, que era quase inteira dele.

Então cada um dos irmãos do meu pai foram fazer uma faculdade. Inclusive meu pai que foi para Piracicaba (SP) fazer Agronomia. Foi para essa linha da Agronomia mas ele não terminou os estudos. Voltou para a casa do meu avô, mas ao invés do meu avô incentivar ele a voltar....

Só para confirmar, o seu pai tinha dois irmãos médicos, um que era advogado e a Onorina?

Tinha três filhas donas de casa. Eram três meninas e quatro meninos.

... Nesse tempo, a minha mãe também tinha um pai que era fazendeiro lá no sul de Minas. Então, as famílias já se conheciam e eles eram namorados. O meu avô deu as fazendas para o meu pai e ele casou. Não voltou para a faculdade. Ele conheceu ela em Carmo do Rio Claro. As famílias eram muito amigas e se visitam muito.

Eu queria perguntar também a respeito das suas duas irmãs, a Dida e a Marta. A senhora se lembra de algumas das características delas?

Você não viu os retratos delas aí? Vamos lá ver... fica mais fácil de você visualizar.

A Marta era a irmã mais velha desta foto?

Sim, ela sempre foi solteira e nunca casou. Sempre morou com a minha mãe aqui em Prudente. Ela foi diretora do IE Fernando Costa, do Tanel Abbud. Depois ela se mudou para Campinas (SP) e foi diretora num colégio de lá.

E a Cândida (Dida)?

Ela se casou com o José Leite Carvalhais, advogado de Campinas. A vida inteira, ela morou em Campinas.

A Marta morreu aqui em Prudente?

Aliás, ela morreu lá em Campinas mesmo porque ela sempre passava um tempo na casa da minha outra irmã e uns tempos na minha casa depois que minha mãe morreu. Agora minha mãe sempre foi dona de casa.

E quais eram as características da sua mãe?

Mamãe era mania de igreja [risos] e era muita católica. Ela tinha muita devoção em Nossa Senhora Do Carmo. E gostava de usar aquela veste, a roupa da irmandade de Nossa Senhora

do Carmo. A vida inteira, a minha mãe mexeu com igreja e era muito participativa. Padre na minhacasa era a coisa mais comum, para visitar, almoçar, jantar.

A família inteira ia junto com ela para a igreja. A vida inteira, ela nos levou para ver essas devoções, essas festas em família. Enquanto ela viveu, sempre foi o centro de tudo, a gente sempre se reunia com ela. O meu pai também era muito católico, muito.

Quando morávamos em Muzambinho nessa casa aí, a procissão de encontro de Jesus e Maria... a Nossa Senhora saía da nossa casa [risos]. Saía da minha casa e Jesus saía da Igreja de lá. Deve ter até hoje essa igreja de Muzambinho, era uma que ficava na nossa comunidade. Depois que nós nos mudamos para cá, ela também participava muito lá na Catedral porque ela morava na Doutor Gurgel.

Quando sua mãe veio para Presidente Prudente, ela sempre foi dona de casa?

Sempre foi dona de casa e continuou fazendo as mesmas coisas que fazia em Muzambinho. Ela veio para cá e logo formou o hábito de ir na igreja da Catedral e ajudar.

E o que ela gostava de fazer enquanto estava aqui em Prudente? Ir na feira, por exemplo?

Não, ela gostava muito de fazer doces. Na minha casa sempre tinha muita comida, sabe? Ela reunia as pessoas, então ela enquanto viveu o centro da família era lá com ela. E ela gostava de muito doce, viu? Esses doces que faz de mamão, de abóbora bem trabalhados. Todos esses doces caseiros de secar na palha ela fazia. Até mesmo quando veio para Prudente.

[muda assunto] A Marta era uma pessoa muito conhecida aqui em Prudente porque ela foi diretora do E. E Fernando Costa, do Tanel Abbud. Depois ela foi inspetora...na parte da Educação ela estava muito presente.

Estou vendo na foto que a Gabriela usava vestido e o seu pai estava usando terno. Como eles se vestiam no dia a dia?

Sempre de vestido e a mamãe gostava... nós todas gostávamos muito de se arrumar. Sempre, sempre!

Como era a casa, o sobrado que vocês moraram que ficava na rua Dr. Gurgel?

Olha...mudou porque ali demoliram e construíram aquele predinho. Ela tinha uma varanda comprida de entrada, depois tinha mais umas duas salas, três quartos, corredor, a cozinha e tinha mais um quarto lá no fundo e uma área de um quintal pequeno. Aí depois dois dos três quartos da frente, o Gabriel fez o primeiro consultório dele.

Até nessa área tinha uma rede e que toda tarde, o Doutor Gurgel, um otorrino e médico muito conhecido aqui na cidade que tem o nome dele nessa rua....ele sempre ia para lá sentar e conversar com meu pai e minha mãe. Ali também era um ponto de encontro de amigos. Éramos sempre de receber as pessoas. E isso eles passaram pra gente, essa coisa gostosa de ter gente em casa.

Só para confirmar, a família da sua mãe era de Carmo do Rio Claro?

Sim, de Carmo do Rio Claro.

Quando vocês vieram para Prudente, mudou alguma coisa da rotina de vocês?

Quando saímos de Muzambinho e fechou o colégio que era famoso, que eu estudei e o Bieco estudou. Fechou e foi Polícia Militar para lá, sabe? Muitas famílias saíram nessa ocasião. Meu também ficou desgostoso, doente e vendeu a fazenda. Tinha o sítio também que todo fim de semana, ele gostava de ir pra lá.

Ele saiu e comprou um sítio em Jundiá (SP). Foi nesse sítio que ele se isolou mais ainda. Daí meu tio Gabriel o e o Cerávolo foram buscar para ele fazer um tratamento aqui. Aí nós nos mudamos para cá.

Você se lembra por quanto tempo ficou morando em Jundiá com os seus pais? O que era plantado no sítio de Jundiá? O sítio tinha algum nome?

Acho que foi uns dois anos. E lá era plantação de uva,mas eu não me lembro de nome. Meu pai depois vendeu o sítio, mas quem resolveu foram os meus tios porque meu pai já estava doente, os irmãos. Quando chegamos aqui foi outra vida completamente diferente da que tínhamos em Muzambinho.

Mudamos completamente de vida e de origem, né? A condição de vida financeira mudou muito, muito. Ele trabalhava como um funcionário e cada um de nós foi fazer o que precisava fazer, né? Meu irmão foi estudar, trabalhar.

Minhas irmãs foram trabalhar e eu, nessa época, tinha por volta de uns 15 anos. Era a pessoa que era mais dependente, mas também arranjei uma bolsa de estudos e fui estudar Serviço Social em São Paulo. Nossa vida mudou completamente porque todo mundo teve que ajudar um pouco dentro de casa. Mas ninguém se estressou por conta disso porque todos se ajudavam.

Lá em Muzambinho, quantas fazendas o seu pai tinha? E o sítio?

Ele tinha duas fazendas que eram mais retiradas de Muzambinho (mais afastadas da cidade) e ficavam mais perto de Carmo do Rio Claro. Aí nós fomos crescendo e precisávamos estudar. Passamos a morar em Muzambinho e ele vendeu as fazendas. Esse sítio era pertinho de Muzambinho.

Quando foi para mudar para Muzambinho, meu pai vendeu as fazendas. E esse sítio servia mais como uma parte de recreação para o meu pai. Tinha gado, tinha outras coisas,mas eu não me lembro muito bem desse sítio não.

A senhora se lembra qual era o foco dessas duas fazendas?

Era tudo fazenda de gado, viu.

Basicamente, o Orozimbo só mexia com fazenda. Tinha o hábito de levar os filhos para as fazendas?

Muito.Olha, ele plantou isso na gente. Tanto que em todos os finais de semana, ele mandava os empregados “arriar” os cavalos. E a gente ia fazer passeios de cavalos com os amigos. As minhas irmãs tinham as delas, o Biéco tinha os amigos deles. Minha casa sempre foi um lugar cheio de gente, sabe?

Agora, vou focar um pouquinho na casa da Tia Lulu em São Paulo. Como era lá?

Olha, ela morava no bairro Jardins lá na rua Augusta, era uma mansão. A Marta e a Dida ficaram uns tempos por lá porque elas se formaram primeiro. Nesse tempo, eu morava ainda com meus pais e o Biéco também estava em São Paulo. Então era os três em São Paulo. Ela também tinha fazenda em Rio Preto (SP), sabe? Numa zona muito rica.

Ela era muito rica e o marido dela também. Ele foi fundador de Rio Preto. A tia Lulu era irmã do meu pai. Tinha a tia Lulu, a Oronina, a Gabriela e a Maria Gabriela. Eram quatro mulheres e quatro homens

Já a tia Lulu tinha a Margarida, Ondina, Maria de Lourdes. Eram quatro meninas e um menino. Todo mundo morava na casa junto com a gente. Todo mundo tratava a gente muito bem porque eles acolheram a gente numa fase de transição na nossa vida. A casa era uma mansão, mas

parece que o filho dela, Moacir que era piloto da Vasp naquela época, ele quase que acabou com a fortuna da família. Mas eu não me lembro muito bem disso.

E como era a sua rotina e a do Gabriel lá na casa da tia Lulu?

Minhas primas estudavam todas no Colégio Nossa Senhora de Sion. Esse meu primo, como era aviador, eu não me lembro muito dele lá na casa. E tinha a Maria de Lourdes que era a mais caçula e a que mais convivia com a gente. Ela tinha mais ou menos a minha idade. Quem ficava em casa era mais a Ondina que nunca casou, a Maria de Lourdes, eu, o Bieco e tia Lulu que já era viúva nesse tempo.

Tinha empregados?

Tinha bastante empregados, sim.

A senhora se lembra com qual idade o Gabriel tinha quando ele entrou em Medicina?

Olha, eu sei que ele fez...eu sei que eu entrei na faculdade em 1942 e me formei em 1946. Essa época, em 1942, ele estava fazendo vestibular mas parou por causa da doença do meu pai.

Você dois voltaram juntos para São Paulo?

Sim, pois é. Aí, depois que estabilizou nossa vida, ele passou na faculdade e seguiu a vida dele. Ele continuou morando com a tia Lulu a vida inteira até se formar.

A senhora se lembra como o Gabriel fazia para ir para a faculdade?

Era um ônibus que ele pegava. Eu me lembro de atravessar a rua Augusta e parava na avenida para ir para faculdade. A minha faculdade ficava na rua Angélica, a dele eu já não sei porque não era perto da minha.

Qual foi a sequência de lugares que ele trabalhou depois que se formou?

Olha, ele se formou e quis vir para cá. O que aconteceu é que meu tio barrou um pouco a entrada dele aqui por causa da confusão dos nomes parecidos. Então ele foi para Regente Feijó e arranhou um emprego no posto de saúde.

Aí, eu acho que depois acomodou a situação de nome e tudo, então o Gabriel veio para Prudente mas trabalhando com o Dr. Odilo. Aliás, a família da Marina tentou levar o Gabriel para o Rio de Janeiro mas ele não se adaptou muito bem por lá. Então, ele não se adaptou no Rio, foi para Regente Feijó e depois para Prudente.

ENTREVISTADO: MÁRIO LUIZ CARNEIRO COSTA

Repórter: Janaína Tavares e Bianca Pereira

PRESIDENTE PRUDENTE

Terça-feira, 27 de agosto, às 17h.

Local: Casa do Mário

Endereço: Rua Alameda Euclides de Castro, 139, Village Dahma

Telefone: (18) 99773-1048.

Como surgiu no Gabriel essa vontade de construir fazenda?

Ele tinha o sonho não de ser fazendeiro, porque a família e os avós foram fazendeiros. Então ele como médico não teve herança, mas ele queria ter. Então, tudo que ele ganhou na medicina investiu na pecuária. Em 1958 ele comprou o primeiro pedaço de terra dele.

A São Sebastião?

A São Sebastião para você ter uma ideia teve 23 escrituras. Então ele foi comprando de pedacinho em pedacinho, todo dinheiro que ele ganhava na medicina, ele comprava terra.

A primeira fazenda foi a São Sebastião?

Sim.

Em que ano?

1958.

A partir desse momento como foi? Ele pediu ajuda para o senhor ou para algum filho para conseguir administrar?

Não, eu tinha sete anos e sou o mais velho, isso foi em 58.

Desculpa.

Ele foi comprando, virou uma fazenda, ele sempre teve, ele teve um bom administrador na época, o Seu Valdomiro que ele gostava muito, ele que abriu porque lá era mato, teve que derrubar o mato, formar, colocar boi. Aí comprava outro pedaço.

Em 68, ou seja, 10 anos depois ele comprou em Rio Brilhante a Mata Sede, que ficou parada muitos anos porque precisava pagar e tinha que trabalhar para fazer dinheiro.

E comprou terrinha por terrinha até tornar-se fazenda?

Não, a Mata Sede já era uma fazenda grande na época, a primeira parte dela se não me engano tinha 200 hectares, a fazenda era bruta, não tinha nada.

Então, a ordem da compra foi primeiro a São Sebastião, dez anos depois foi a Mata Sede. A Mata Sede já tinha esse nome antigamente?

O nome já era Mata Sede, pois meu pai tinha mania de não tirar nome de fazenda. A São Sebastião, já era São Sebastião, na verdade a São Sebastião, a primeira parte era um pedaço pequeno na Beira do rio, tinha uma parte que tinha uma casa que era de um pescador, um pessoal que tinha aquilo lá para pescaria, aí ele foi comprando, derrubando mato até virar uma fazenda.

Você pode me dizer como era a São Sebastião?

Era uma fazenda muito bonita, a casa era perto da beira do Rio Paranapanema, em frente do rio, ele fez casa para funcionário, fez curral depois teve a fase de cavalo que ele fez, isso já bem para frente, ele fez cocheiras, montou um haras. Ele teve a São Sebastião, comprou a Mata Sede. A Mata Sede ficou parada alguns anos, aí como ele não tinha dinheiro para colocar gado, ele pegou umas vacas arrendadas e colocou lá acredito que em 73, 74...

O senhor sabe me dizer porque ela ficou parada?

Ele não tinha dinheiro para tocar e nem tinha tempo e era longe

Então ele comprou, mas ficou um pouco de lado também, né?

Precisava pagar a fazenda era grande, precisava trabalhar para pagar. Aí eu terminei a faculdade em 76 e mudei para lá para abrir a fazenda, não tinha nada, quando eu fui para lá tinha uma casinha de madeira, um curral velho caindo. Nós fomos construindo mais casas, curral, formando... Aí veio a agricultura, formar pasto. A agricultura deu condição de abrir, limpava a fazenda, plantava o arroz em seguida o pasto.

Você se formou, mas teve um momento que o Gabriel te chamou para ajudar?

Eu me formei em zootecnia.

Sim, mas teve um incentivo dele para o senhor trabalhar? Como é que foi?

Não, ele queria que eu fosse médico e eu tinha pavor de medicina, inclusive levei mais tempo para entrar na faculdade, depois do João, o João entrou um ano antes de mim e é mais novo, porque eu não queria fazer medicina aí um dia ele falou "Escolhe o que você quer, mas eu quero um diploma". Então eu fui fazer zootecnia, entrei em zootecnia em Jaboticabal, formei lá e depois que eu terminei ainda fui estagiar, aprender, trabalhar.

Como é o nome desse primo?

Luiz Carvalhos Dias

E era onde?

Era em Jaborandi, ali perto de Barretos.

Então você ficou lá por seis meses?

Seis meses, mais ou menos seis meses.

Logo depois de se formar?

Logo depois de me formar.

Então depois desse período o que aconteceu?

Eu já era casado e já tinha um filho.

O Marcelo.

O Marcelo.

Aí no dia que eu formei disse para ele que eu iria para o Mato Grosso e ele disse: "Não, não tem experiência nenhuma acabou de se formar". Aí o Luiz me ofereceu um emprego que é primo dele e na realidade quem acertou isso com o Luiz foi ele, queria ver se eu tinha jeito. Depois de uns seis meses o Luiz... Nós viemos fazer uma visita para ele em Prudente e ele falou: "Pode dar a fazenda para ele que eu garanto".

E o que o senhor fez nesse estágio mais ou menos?

Era uma fazenda imensa muito grande e era gozado porque o Luiz a cada 15 dias me mudava de setor, era agricultura, plantio, colheita, pecuária, ele ia me mudando, e ele era muito exigente 04h00 da manhã ele acordava, me chamava e tinha que rodar a fazenda inteira, a gente rodava,

às 06h00 íamos no ponto, chamava ponto, era onde os empregados se reuniam para sair para trabalhar. Aí ele distribuía o serviço, era aí que a gente ia para a casa tomar café, eu morava na casa dele. A minha esposa ficou em Jaboticabal com filho e eu morava na casa do Luiz, foi gozado porque quando eu fui para lá ele perguntou: "Você quer trabalhar comigo?". Eu disse: "Eu quero". Mas eu não tinha casa, a fazenda tinha 100 casas de funcionários, cento e poucas casas, mas ele falou: "Por enquanto não tem casa, você vai morar comigo então". E eu disse: "Está bom". Ele me deixava, ele falava: "Olha no fim de semana, no sábado a tarde você pode ir para Jaboticabal e domingo de tarde eu quero você de volta aqui". Ele me dava, ele fazia, ele queria relatórios, às 06h00 da manhã distribuía o pessoal, aí tomava o café, ia para o escritório, lá no escritório eu aprendi a parte burocrática de escritório essas coisas e lá se comia cedo às 10h00 era o horário do almoço da turma, aí ele falava: "Agora enquanto a turma almoça eu quero que você rode tudo e faça o relatório". Eu ia sozinho, rodava a fazenda e fazia o relatório, ele me cobrava muito isso. Depois das 10h00 chegava em casa 12h00 por aí e aí era o almoço, almoçava e ele tinha mania de dormir depois do almoço, eu tinha que dormir também, tinha o meu quarto, dormia uns 40 minutos por aí, ele me chamava e a gente... O serviço lá parava cedo, começava cedo e parava muito cedo, 16h30, 17h00 a turma parava, aí eu tinha de rodar tudo de novo para fazer outro relatório para ele de como estava o serviço. Gozado eu achava aquilo muito... Eu aprendi muito porque a cada 15 dias ele me mudava de setor, então eu tinha que fazer tudo aquilo de novo. Depois de seis meses lá nós viemos para Prudente e ele falou: "Pode entregar a fazenda que eu avalizo ele, esse sabe trabalhar".

E a primeira fazenda que o senhor administrou junto com o seu pai foi a Mata Sede?

Foi a Mata Sede, eu mudei para lá, fui morar lá, morei 5 anos lá sem energia elétrica, sem nada.

E foi assim que você terminou esse estágio?

Assim que eu terminei, eu fui para lá, fui antes sozinho dar uma melhorada na casa, a casa não tinha banheiro, não tinha nada, dei uma reformadinha na casa para mudar e acabei ficando cinco anos lá, depois nasceu a Gabriela, nasceu a Carolina ainda morando na fazenda e era uma vida realmente difícil porque você imagina morar em uma fazenda sem luz elétrica, sem telefone, sem televisão, sem nada.

Era bem rudimentar, né?

É os primeiros seis meses eu andava a cavalo não tinha o que fazer ia para um lado, ia para o outro, aí eu falei para o meu pai: "Olha desse jeito nós não vamos para frente não, nós temos que tocar a lavoura". Já tinha muita lavoura na região e ele tinha muito medo de dever, então para tocar lavoura você tem que entrar em banco e ele não queria, mas no fim ele concordou em tocar lavoura, Aí foi no banco me liberou para comprar o maquinário, veio embora para cá e eu comprei um mundo de máquina que ele quase morreu do coração, quando chegou lá em casa e viu aquele monte de trator, colhedeira, ele falou: "E agora?". Aí era aquele monte de empregado solteiro e trabalhando, abrimos no primeiro ano mais ou menos 1000 hectares, deu uma super safra, terminou a colheita ele foi para lá, vendemos a produção, ele foi no banco e falou: "Eu quero pagar o maquinário". O gerente falou: "O senhor está louco? O senhor tem 10 anos para pagar, os juros são pequenos". Ele disse: "Não gosto de dever e quero pagar".

E pagou no mesmo ano?

Foi no primeiro ano de agricultura ele pagou todo o maquinário.

O que era plantado essencialmente?

Arroz, só arroz, o arroz de Sequeiro, hoje praticamente nem existe mais, o arroz é planta d'água, eu planto arroz, naquela época era {inaudível}, mas naquela época chovia demais, o clima mudou muito no Brasil, então plantava e colhia, e como é que você planta o arroz? Junto com a semente

do arroz você junta com a braquiária, então na hora que você colhe o arroz o pasto está pronto para o boi, aí eu abri a outra área no outro ano, sei que isso foi em 77 a primeira lavoura, 78 eu dobrei a área, aí ele já começou a acreditar que eu sabia trabalhar.

Ele ainda tava um pouco desconfiado, não assim desconfiado, mas ele não tinha muita certeza ainda?

Exatamente, ele tinha medo, meu pai tinha muito medo de dever, sempre teve muito, ele não gostava de dever.

Isso acho que foi por conta de muita coisa que aconteceu com a família né?

Claro, a família perdeu tudo, meu avô perdeu tudo, nunca soube mexer com dinheiro. Então ele tinha medo. Quer ver no tempo da faculdade ele tinha medo que a gente passasse dificuldade, então tudo que precisava no tempo de estudo ele dava. Eu às vezes falava para ele que precisava comprar livro, ele me perguntava quanto era, eu pegava o dinheiro e ia passear {risos} era bem desse jeito, eu passei muito no tempo de faculdade, aproveitei bastante, porque ele não media dinheiro, se fosse para a faculdade...

Não tinha como negar.

Mas fiz um belo curso, formei muito bem colocado na minha turma.

Qual foi a faculdade mesmo?

Jaboticabal Unesp, quando eu entrei não era Unesp ainda, era Instituto Isolado de Ensino Superior, no segundo ano virou Unesp, a Unesp {inaudível} no estado de São Paulo, Prudente não era Unesp, Jaboticabal não era Unesp foi quando se formou a rede Unesp, Universidade do Estado de São Paulo. Então no segundo ano de faculdade que virou Unesp, eu ganhei isso de presente, uma Unesp hoje é... Mas eu não entrei na Unesp entrei no Instituto Isolado Jaboticabal era uma cidade pequena, entrei na primeira turma da faculdade, quando abriu a faculdade eu entrei tanto que meu número de conselho Regional de medicina veterinária de zootecnia é número 19, hoje passa de 60 mil, eu sou da primeira turma da Unesp.

Eu passei em Jornalismo na Unesp, mas eu fiquei pensando, eu ganhei a bolsa aqui, falei ganhei a bolsa do Prouni acho que vou ficar aqui em casa e meus pais não queria que eu fosse muito para longe, mas meu sonho também era ter ido para Bauru fazer jornalismo por lá, porque lá é muito bom também para jornalismo, mas voltando para o nosso assunto.

78 segunda safra supersafra de novo, colhemos muito bem falei: "Pai não tem banco mais para pagar, vamos comprar uma fazenda?". Ele falou, "Fazenda?", eu disse: "O dinheiro dá, vamos dar a entrada depois a gente se vira". Achamos uma fazenda em Maracaju e compramos a Santa Marina.

Maracaju?

Maracaju na realidade ela é no município de Sidrolândia, mas é pertinho de Maracaju e tem que falar Maracaju.

Então, só para entender a Santa Marina faz parte ou não da Mata Sede?

Não ela é outra fazenda, mais de 100 quilômetros da Mata Sede, eu fazia o financiamento lá, o gerente acabou ficando muito amigo meu e ele falava: "Mário você colheu essa safra imensa, está cheio de dinheiro no banco, tem uma fazenda em Maracaju, lá é terra especial que vai a leilão e ele precisa vender. Vamos lá ver?". Eu falei: "Vamos". Peguei o carro, era terra, Rio Brilhante e Maracaju é difícil de ir, fomos a Maracaju ele precisava vender 1200 hectares de uma fazenda de 12, 13 mil hectares, ele cortou um pedaço dessa fazenda e falou: "Quero vender esse

fundo aqui". Na realidade nunca tinha ido, aí fomos a Campo Grande e o dinheiro que a gente tinha dava para dar a primeira parcela da fazenda, compramos.

E nessa hora foi você e o Gabriel junto?

Fomos, ele me acompanhava muito, só que tinha muito medo de dever, ele falava: "Como nós vamos pagar?". Eu falava: "Calma pai, ano que vem nós teremos outra lavoura". Aí foi naquela época que saíram os grandes financiamentos de pecuária, que foi uma fase fantástica no Brasil porque quem fazia direito e pegava, a maioria não pagou e acabou isso aí. Então eu fiz um projeto chamava Protec que era Projeto Tonificado de Pecuária e com esse dinheiro eu tinha o maquinário, já dá Mata Sede levei para lá em 6 meses eu abri a fazenda inteirinha, enchi de gado, botei cerca, fiz um curral, eu tinha quatro anos para começar a pagar, tinha carência. Quando fomos começar a pagar, a fazenda já produzia há três anos, foi facinho pagar. Então esse financiamento te dava condição de ser fazendeiro. Essa época de agricultura, de pecuária a gente tinha muito... Primeiro boi valia, então, hoje um boi não vale nada, então hoje o pecuarista tá, coitado, quebrado, falido ou sei lá, falido maneira de dizer e a rentabilidade, pega a rentabilidade da soja, da cana e do boi é uma piada o boi dá 10% do que da cana hoje. Então a pecuária está parada desde 2005. Mas naquela época quem tinha boi, porque o boi é a única coisa que cresce dinheiro, todo ano nasce bezerro, vamos dizer um bezerro hoje quando nasce desmama ele com 9 meses ele vale 500 reais, com 1 ano ele vale 1200, 1300, com 2 anos vale 2500 com 3 anos vale 3000. Então como que a gente comprava a terra? A eu sei que vai nascer tantos bezerras, então eu sei que daqui 2 anos, ou daqui 3 anos eu posso contar com esse dinheiro. Então foi assim que começamos a comprar fazenda, comprar terra. A gente arrendava muito, o boi crescia, quando nascia a fêmea não vendia, a gente recriava ela, emprehava e dava arrendadas para outras pessoas, você recebia a renda e aquilo vai virando uma bola, porque a agricultura pagava a conta, então não precisava mexer em dinheiro de boi, então boi era crescimento, era comprar terra. A Mata Sede quando comprou tinha 3500 hectares até que chegou a 4000.

Hoje ela tem quatro mil?

Ela tem quatro mil, hoje são três fazendas.

São quantas mesmo, só para mim lembrar, é a...

Mata Sede, São Gabriel e Pampa, Santa Marina...

Santa Marina fica em Sidrolândia.

Então a nossa fase de pecuária cresceu muito a gente chegou a ter com esse negócio da vaca arrendada, nós tínhamos eu me lembro, tínhamos boi em Naruera que é perto de Prudêncio Thomaz, que é perto de Rio Brilhante, tinha em Nova Alvorada, eu tinha Naviraí, eu tinha em Vila Juti, lá tinha em Eldorado, eu ia arrendando fazenda e levando boi, engordando, comprava mais, arrendava outra fazenda e o troço foi crescendo. Isso eu trabalhei com ele de 76 até, meus irmãos vieram em 87 acho que 86, 87 que o João e o Otávio...

Começaram também a vir mais para esse lado.

Isso, na época o João veio, foi cuidar da Santa Marina e o Otávio ficou aqui cuidando da São Sebastião e eu ficava com a Mata Sede e os arrendamentos todos. Eu tinha mais experiência que eles, por isso tocava mais. E foi indo e em 90 meu pai resolveu repartir. Em 1990 meu pai repartiu ou 91.

Isso é uma dúvida que estávamos tendo porque queríamos saber se foi na época em que ele já estava adoentado.

Não, ele estava trabalhando na medicina, forte e bem, é que os filhos vieram. Então, na realidade irmão trabalhar junto é um negócio sério, a gente, as ideias não batiam.

Normal, eu e minha irmã também não...

É, eu fiz tudo, mas eles não achavam que era mérito meu, então começaram a interferir demais, eu falei: "Pai não vai dar certo isso."

Então é porque assim, acho que foi já entrevista do senhor que foi dito que foi dado um papelzinho para todo mundo para um sorteio que ele fez.

Exatamente.

Então, foi nessa época, então ele ainda estava na medicina mais o motivo realmente é porque ele viu que já estava na hora de fazer a divisão.

Isso e como eu tinha feito as fazendas, ele fez uma proposta, ele falou: "Você conhece tudo, você divide e não pode escolher, você vai ser o último". Eu topei. Então fiz, montei cada fazenda. A Mata Sede é a menor de todas porque tinha muita estrutura, casa, curral, barracões. A Pampa e a São Gabriel são maiores, já a Santa Marina um pouco menor porque tinha estrutura também. Aí no dia do sorteio ele deu um papel para cada um dos outros três.

Escreveu o nome de cada um ou o nome da fazenda?

Da fazenda, então cada um escreveu o nome da fazenda e sobrou a Mata Sede para mim, que era a menor, e era na realidade a que ele queria que ficasse para mim porque eu morei lá, foi a primeira.

Tem um vínculo afetivo, né?

Exatamente, tem aquele vínculo afetivo, tanto que você pega uma fazenda do Otávio tem uma sede linda, da Marina também.

A da Marina é linda.

É então a minha casa é de madeira na Mata Sede, original que já tinha quando eu fui para lá, até hoje

O senhor só deu uma organizada...

É melhorei, fiz piscina, fiz casa de hóspede. A Mata Sede passou por fases, a minha fazenda é muito diferente da dos meus irmãos porque eles herdaram as fazendas e tocaram elas no sistema que pegaram, a minha eu fiz lavoura, faço até hoje, quando o Marcelo formou fiz uma central de embrião para ele...

O Marcelo também falou isso, que teve muito incentivo também do avô e seu também para fazer esse treinamento mesmo, que não tinha na faculdade, mas teve um incentivo maior para fazer né.

Claro, Marcelo formou e disse: "Pai eu preciso ir para o Estados Unidos, eu preciso aprender". Eu disse: "Não tem problema, vai para os Estados Unidos" paguei os negócios e ele foi pra lá, aprendeu muito, acabei eu indo para os Estados Unidos de novo, fiquei sócio dos Americanos, montei a central aqui, na Bolívia e na Argentina e nos Estados Unidos, e Marcelo era o

veterinário. Então trabalhamos bastante, trabalhamos 4 anos de 2001 a 2005 foi quando veio a quebra do boi, o boi, aí ninguém comprava boi a gente tinha uma central de embrião tivemos que fechar os americanos não queriam mais e quem tinha o dinheiro eram eles, a gente só trabalhava. Então depois o Marcelo saiu...

Qual o nome dessa central de embriões?

Camp Coule Ranch o nome da fazenda dos Estados Unidos deles, então aqui era Camp Coule Ranch Brasil e foi montado uma filial dessa empresa na América do Sul e eu fui o {inaudível}, o Marcelo era o veterinário responsável, tinha uma equipe muito grande de funcionários e tudo nós montamos parcerias no Brasil inteiro foi uma fase muito boa e depois em 2001 nós dividimos em 90, 91, por que que acarretou a divisão? Eu me separei, quando eu me separei a minha ex mulher foi embora e largou os três filhos comigo, e meu pai assustou, e eu trabalhava demais tanto que um dia eu, tínhamos uma fazenda em Cáceres 1500 pra cima, eu tinha uma sociedade em Bagé, Rio Grande do Sul, 1500 para baixo nós tínhamos 8 ou 9 arrendamentos e eu não via os filhos, praticamente não via porque eu não parava em casa eu passava um dia, eu vendi Cáceres, parei em Dourados, morava em Dourados para ir para Bagé fazer pagamento, todo mês eu tinha que rodar todas as fazendas ela falou pra mim: "Pega uma mala grande". Eu disse: "Daqui três ou quatro dias eu volto". Ela (ex-mulher) disse: "Você não vai voltar mais não, eu não quero mais não, você não conhece seus filhos, não vem em casa". E me largou, separamos, daí uns meses ela largou os meninos e foi embora, aí eu com tudo isso para cuidar virei pai coisa que eu não fazia, eu mal conhecia meus filhos.

O senhor se lembra em que ano foi isso?

91 foi, aí eu separei em 90 ou ... Bom para você ter uma ideia o Marcelo 1 ano depois estava com 15, 16 anos e mandei para os Estados Unidos para fazer intercâmbio e fiquei com as duas e foi, mas foi uma fase boa, aí repartiu as fazendas aí ficou. O que que aconteceu quando repartiu as fazendas? Nós pagamos todos os arrendamentos, parei a agricultura, vendemos o maquinário e só a fazenda do Norte que ficou e a do Sul não era do grupo, era uma sociedade minha particular com uns amigos lá de Bagé, isso não fez parte do negócio do meu pai. Então mesmo assim eu tinha fazenda e nessa fazenda de Cáceres era dos quatro filhos, essa não foi repartida.

De Cáceres?

Isso lá no Mato Grosso do Norte, depois de Cuiabá, chamava fazenda Arizona, era uma fazenda grande e bruta não tinha nada. Então nós tínhamos que abrir ela, meu pai fez uma proposta na época: "Vamos abrir nós?". Falei: "Vamos". Meu pai já tinha 70 e poucos anos ia comigo quase todas as vezes para lá, era longe era difícil e apesar da fazenda ser dos quatro filhos quem bancava o dinheiro lá era ele, então nós começamos abrir, depois chegamos a uma conclusão que a fazenda não valia a pena, a fazenda tinha parte do Pantanal, então ela inundava.

Não compensava, né?

Não compensava aí resolvemos vender e outra eles estavam começando cada um na sua fazenda ninguém queria mexer lá, eu que era mais atirado já tinha feito as outras e queria começar outra vez.

Como foi o dia da divisão da fazenda, foi de dia, foi à noite?

Me lembro que foi na casa do meu pai, primeiro andamos em todas as fazendas todos conheceram o que eu tinha feito.

Então antes todo mundo foi conhecer?

Isso aqui é a fazenda Santa Marina, essa aqui é a Pampa e essa é a Mata Sede era uma área grande que se dividiu em três.

E a São Gabriel?

Aliás a São Gabriel e a Pampa e a Santa Marina já pronta em Maracaju, Sidrolândia, aí foi sentamos, fez os papezinhos cada um escreveu a fazenda que tinha preferência não bateu muito interessante e está feito a divisão. Então foi feita a divisão e todo mundo ficou muito satisfeito na época, ganharam. Aí começa a parte mais difícil porque até lá você tinha um caixa que era meu pai a partir da divisão você é sozinho.

Aí você tem que se virar, né?

Para mim por exemplo que comecei pequenininho com ele, você sai de um bolão grande divide em cinco fazendas, aliás foram seis porque era a São Sebastião que ficou para ele.

A São Sebastião ficou para ele?

Ficou para ele, a São Sebastião era a fazenda mais produtiva. Então, ficou a São Sebastião para ele, Mata Sede para mim, São Gabriel para a Marina, e o Otávio Pampa e a Santa Marina ficou com o João e a Arizona que era de todos.

Essa não dividiu?

Não dividiu, fez tudo, ficamos juntos lá em cima porque como que quer dividir uma fazenda que não tinha começado ainda?

Aí depois vendeu?

Vendeu sem dividir.

Entendi.

Tentamos, levamos esteira, tratores e começamos a abrir, mas era muito caro eram 1500 quilômetros para cima, então era muito difícil custava muito dinheiro fazer isso, aí chegamos a conclusão que ela era inviável e ninguém queria, todo mundo estava começando a montar as fazendas, por exemplo o João, o Otávio e a Marina não tinham sede e a Marina tinha que construir casa, o Otávio tinha que construir casa, o João, a única que tinha casa era a minha, tanto que a Marina mudou para a minha fazenda...

Então meio que foi um recomeço para todo mundo naquela época.

Foi, de novo um começo exatamente, eu tive um começo, depois eles tiveram aí eu já morava em Dourados e fiquei na fazenda até 80 de 76 a 80, final de 80 por aí ficamos lá, aí o Marcelo estava na idade da escola aí eu mudei para Dourados, daí para frente eu morei em Dourados até vir embora para cá, que eu vim em 2000, aí separei em 91, dividiu a fazenda logo eu separei, quando estava naquela euforia de agora eu vou fazer, eu vou fazer... Caiu os filhos todos no colo {risos} Aí o negócio complicou, complicou e ao mesmo tempo foi bom demais.

Teve uma aproximação maior, né?

E a convivência com eles foi muito boa

Uma pergunta, quando aconteceu essa questão da sua mulher ter ido embora e você ter ficado com os seus filhos, o Marcelo, a Gabriela e a Carol passavam bastante tempo também com os avós?

Sim, eles ajudaram demais meu pai e minha mãe sempre foram muito grudados comigo eu era assim, não vamos dizer que eu era o filho preferido, mas era o que mais estava junto. Então eu já gostava de passear e os meninos adoravam, era divertido, eles me ajudaram muito eles tinham muita preocupação por eu estar sozinho, outra que me ajudou muito foi a Marina, a Marina era solteira, então eu ia para Bagé como que eu ia deixar 3 crianças sozinhas? A Marina vinha, ajudava. Quando o Marcelo foi para os Estados Unidos eu já estava separado há quase 5 anos, quando ele voltou, depois que ele voltou dos Estados Unidos, ela, a mãe deles entrou com advogado e tirou a guarda, ela tinha passado uma guarda provisória e eu tive que negociar com ela. Como é que foi a negociação? Eu não queria perder os meninos, nossa convivência era muito forte, ela falou "quero voltar", eu falei "depois de 5 anos quer voltar?". Depois que passeou, fez o que quis, gastou todo o dinheiro da nossa repartição, não tinha jeito, mas eu fiz uma proposta para ela. "Bom, você quer voltar?. Eu estava morando na fazenda, falei "vou testar para ver", ela topou.

Ela morando na fazenda com os filhos?

Aí não, eu aluguei um apartamento aqui (Prudente) e coloquei as meninas. O Marcelo morava em uma república, fazia faculdade já, e as meninas faziam colegial e eu fui morar na fazenda com ela. Foram 3 anos impossível de se conviver e foi muito difícil, não foi uma fase boa para mim, aí resolvi, mudamos para Prudente e os meninos aqui a despesa era grande pra caramba, sabe como é fazer faculdade particular, eu tinha 3 e uma fase difícil para dinheiro pagava faculdade para todo mundo...

Sim, mas eu falo por mim se eu não fosse bolsista...

É, então. Eu só tinha uma opção: mudar para cá e reunir de novo, as meninas apartamento alugado, o Marcelo em outro, todo mundo de carro... Aí vim pra cá, aluguei um apartamento coloquei eles morando com a mãe e fiquei lá. Eu vinha a cada 15 dias para cá, para ficar o fim de semana, a convivência com ela nunca foi boa, desde o começo. A 2ª fase então foi terrível, mas eles conseguiram convencer ela de fazer faculdade, então ela não me deu mais trabalho no tempo da faculdade, então eram 4 na Unoeste, isso ela... Não era fácil, tinha que fazer dinheiro, não era fácil...

Mas foi uma fase que passou depois.

Foi eu fiz um trato com eles a hora que o último formar eu vou voltar a minha vida, vou separar a fase de ficar junto foi um acerto que eu fiz. Aí a Carolina formou, faltava um ano para ela formar, aí o Marcelo falou "pai, espera mais um ano, se o senhor largar ela não vai terminar de fazer a faculdade, aí ela não vai mais te dar trabalho, vai ter profissão". Eu falei "tá bom" esperei mais um ano, no dia da formatura dela fui embora. Ela me deu trabalho até o ano passado paguei pensão mais 15 anos.

Mas acabou.

E acabou, e meu pai, meu pai era uma pessoa, era uma cabeça especial a minha relação com o meu pai foi uma coisa muito interessante, no meu tempo de faculdade, meu pai era muito bravo quando eu fiz 15, 16 anos quando a gente está naquela fase gostosa da adolescência ele disse "você vai para Campinas" eu falei "Pai" ele disse "vai, vai para a casa da sua tia" da tia Dida. Aí fui para Campinas fiz o primeiro ano, o colegial lá, quando eu estava na metade fiz o segundo, fiz o segundo, fiz o primeiro colegial aqui, fui no segundo e morei na tia Dida, uma cidade que eu nunca, eu nunca gostei de Campinas, era complicado e a tia Dida era uma pessoa ótima, um dia ela falou para mim "você está triste e eu não quero alguém na minha casa desse jeito... o que

você quer?" Eu disse "tia eu quero ir para São Paulo, todos os meus amigos de infância estão estudando lá." "São Paulo? Seu pai não vai deixar" porque não ia mesmo.

Por que não ia deixar?

Ele era bravo, e porque tinha que morar com a irmã dele para ele cuidar, meu pai era muito sistemático, aí está, ela falou vamos para São Paulo nós dois vou conhecer seus amigos foi na casa de um, na casa de outro e tal. Todos sozinhos e a família em Prudente e foi "é você vai ser mais feliz aqui, vamos pedir sua transferência". Já arrumou tinha uma pensão tinham dois amigos meus ...

Mas ela fez isso sem contar para o...

Sem contar para o meu pai.

Meu Deus!

Mudei para São Paulo sozinho, depois de 6 meses que eu estava em São Paulo ela disse "olha Mário está muito melhor do que aqui" ele ficou uma fera foi em São Paulo, aí ele viu que eu estava bem, rezou o Pai Nosso daquele jeito, e eu fiquei em São Paulo 1 ano, só fiz arte, sempre fui muito arteiro aí a minha turma era da arte, e ele achando que eu ia entrar na medicina e eu nem vestibular prestei, ele ficou muito bravo e me trouxe de volta para Prudente, ele disse "agora vou colocar você no interior" me colocou em Ribeirão Preto aí eu disse, de verdade, aquilo lá era um paraíso aí quando chegou perto do fim do ano ele vou que eu não ia entrar, meu pai não ia, ele não tinha tempo. O dia que ele foi a Ribeirão que me pegou lá em gandaia e festa ele me trouxe de volta perdi o vestibular outra vez no fim do ano, aí ele e um outro amigo dele que era o seu Sorvete que o filho também só dava trabalho e os dois sentaram e conversaram "vamos mandar esses dois para uma cidadezinha pequena bem ruim" Jaboticabal era uma cidade pequena mandaram nós dois para Jaboticabal, o que que aconteceu? Nós entramos em uma faculdade e eles ficaram feliz, aí como eu era muito arteiro meu pai falou assim "eu sempre falei que ia dar um carro para vocês quando entrassem na faculdade, mas você não merece, então já que você entrou escolha alguma coisa, eu falei "Pai eu quero uma barraca" ele falou "Barraca?". Eu fui escoteiro durante muitos anos, eu tinha paixão por acampar, ele perguntou "uma barraca para que?" Eu falei eu quero uma barraca, aí ele me deu, 6 meses depois ele deu um carro e não me viu mais, eu colocava a barraca e ia acampar, já acampeei nesse Brasil inteirinho, eu não vinha para cá em férias eu não vinha em nada tanto que ele achava que eu não ia formar, quando chegou o 3º ano de faculdade eu falei pra ele um dia: "Pai tenho uma novidade, eu vou ser pai." {Risos} Ele disse: "O que? Você é um moleque. {Risos}

Como é que foi isso? Para contar para ele?

Contei por telefone, ele pegou o carro e foi parar lá em Jaboticabal, ele estava tão bravo. "Vou conhecer os pais dela". Falei "Eles nem sabem que ela está grávida, ela mora em Ribeirão Preto, estudava lá nem vinha para cá morrendo de medo dos pais que eram muito bravos, aqueles italianos bravos, aí tinha um amigo que morava em Jaboticabal, era médico formado com ele, foi lá e era por acaso médico da família e foram os dois contar...

Como era o nome dele?

Dr. Abel e De. Jamil Saderl, dois irmãos, foram na casa dele contar. Conversaram, conversaram depois que saímos na calçada andando ele falou assim: "Você fez a maior burrada da sua vida, não tem jeito de sair dela, se você não quiser assumir eu mando você para os Estados Unidos a gente assume, agora se você não casar o pai dela te mata" eu falei: "Não pai eu vou ser pai". Ele disse: "Bom ele deu 30 dias para você casar, já marcaram a data 20, ou 22 de março". Foi assim de supetão, é foi o casamento, casei, ele falou assim: "Quem casa e quem tem filho é porque pode, meu dinheiro eu vou te dar a mesma mesada do João e do Otávio se você conseguir viver

com isso muito bem, se não é um problema teu". O dinheiro não dava, como é que eu sozinho, {inaudível}

E com um filho...

Com um filho, a minha mãe me ajudava muito, ela dava um jeitinho isso foi o Marcelo nasceu em Agosto quando chegou no natal...

O Marcelo nasceu em que ano?

75, quando chegou em dezembro ele falou: "Quero que vocês todos aqui, passe o natal aqui." Eu disse: "Não vou, não tenho dinheiro, não ando de carro mais só ando a pé". Falou: "Não, eu vou dar o dinheiro para vocês virem". Viemos passar o natal em Prudente em 75, chegou aqui todo mundo com os carros já batido pegou os três carros e falou: "Olha vou mandar reformar o carro de vocês." Está bom, meu pai tinha caminhonete, tinha o carro da minha mãe. "Cada um pega um (carro) aí". Tá, eu já estava casado os outros não. No dia do natal a garagem da casa dele era cumprida, lá na Washington Luiz, qual era o carro do ano? Era uma Verich, foi quando saiu uma Verich. Em 1975, tinham 3 Verichs na garagem, foi presente, foi muito bacana, cada um tinha uma cor; o do Otávio era azul, do João era amarelo; e o meu era branco. Cada um com uma Verich. Acabou o natal, cada um foi para sua casa, a minha mesada acabou só na viagem de vir {risos} não dava.. Guardei a Verich na garagem e agora? Mas olha como meu pai era de cabeça, ele não me deu dinheiro, daí um mês eu liguei para ele: "Pai se eu tivesse com o carro que eu não conseguisse manter eu vendia". eu falei "Você tá falando que é para mim vender?". Ele "Eu não disse nada, faça o que você quiser". Vendi ele dois dias depois vendi esse carro e comprei um Fusca peguei o dinheiro e vivi até formar quer dizer ele me deu como fazer a faculdade, terminar, mudei para uma casa melhor, o carro era caríssimo. Quando eu formei, naquele tempo poupança rendia, quando eu mudei para a fazenda, dava para comprar 30 bois com o dinheiro do Verich, falei "pai dá para comprar 30 bois, compra, você não vai gastar pasto nem nada, eu te dou até seu engordo". Isso foi em 76 em 80 esses bois tinham multiplicado, quando eu fui mudar para Dourados eu tinha comprado uma casa imensa, não foi alugada, foi comprada com dinheiro do carro ainda, quer dizer, aí que ele começou a me dar valor porque ele viu que eu não torrei, eu investi e deu certo. Então ele, nunca me deu casa, eu fui para a fazenda ele não me deu carro, eu tinha um Fusca eu fui com o Fusca a fazenda precisava de um caminhão, comprou um caminhão, aí eu andava de caminhão minha caminhonete era um caminho, era uma 4000 eu andei 5 anos em uma 4000. Os meus amigos tudo andando de caminhonete nova e tudo e meu pai "No dia que você tiver dinheiro, você compra". Mas depois dessa fase, depois que deu certo aí o resto da vida inteira a cumplicidade, eu nunca discuti com o pai, nunca, uma a gente concordava em tudo, me ajudaram a cuidar dos meninos e quando eu voltei ele falou assim pra mim "Você quer opinião?" Eu falei "não pai isso é um problema meu" ele não se meteu, quando eu separei eu também disse não... {risos} então ele nunca interditou em nada assim de particular, criei os meninos do meu jeito. Quando o Marcelo entrou na faculdade, o Marcelo tinha 17 anos, tinha acabado de chegar dos Estados Unidos, quando ele chegou prestou o vestibular e entrou, aí eu fui em uma agência de carro e falei escolhe, aí naquele tempo era o corcel --47:30- comprei para ele aí ele foi tirar carta, aí foi, ele passou em 4 faculdades, mas escolheu Prudente porque ia morar com o vô até lá para março, meu pai falou assim "você quer filho vivo?" Eu falei "claro" ele disse "tira o carro do Marcelo, se não ele vai se matar, porque ele tá bebendo, corre é mulherada." Ele descobriu o mundo. Eu falei "pai daqui um mês ele vem para cá e eu vou colocar ele no eixo" e ele "se que sabe, as vezes ele não chega aí" mas olha parece que ele sabia as coisas, Marcelo chegou em Jaboticabal daquele jeito parecia uma galinha, no primeiro dia à noite ele morava no apartamento com as meninas ele capotou o carro, me ligaram "seu filho capotou o carro e ele tá ruim". Cheguei lá o carro, não sobrou nada. Ela estava deitado na calçada pensei que ele tinha morrido, mas não, ele estava tão bêbado que não conseguia mexer, levei ele para casa, dei um banho coloquei ele no quarto, mandei recolher o carro falei "vende esse carro, some com esse carro, dois dias depois saiu com aquela cara de sem graça, falei "Seu carro acabou, você viu né? Agora nós dois vamos para Prudente" Peguei as meninas coloquei no carro junto e meu pai preocupadíssimo, cheguei aqui fui em uma pensão, paguei roupa lavada e comida por 6 meses, falei: "Marcelo, avô acabou,

morar na casona do vô e tudo, acabou, agora você vai a pé para a faculdade e sem mesada, você não pr coisa de dinheiro porque eu paguei a comida e a roupa lavada". Quando chegou novembro um pouco antes do natal o meu pai ligou e falou: "Posso dar um carro para o Marcelo?", eu falei, "Por que um carro? Quem dá carro é pai." Mas, ele disse "mas o Marcelo mudou, ele vai comigo para a fazenda, ele tem interesse, os professores elogiam ele. Eu quero dar um carro para ele." Eu falei: "não, quando eu for aí a gente resolve". Aí tinha aquele consórcio de 60, 70 meses, para o carro mais vagabundo, era o Uno. Comprei o Uno, falei para ele: "olha, você pode ganhar daqui uma semana que é o primeiro sorteio ou depois que acabar a faculdade", e saiu no primeiro sorteio o carro dele {risos}. Sabe como que o Marcelo bateu o carro?! Nunca mais, nunca mais o Marcelo bebeu, terminou a faculdade assim, bombando já na frente dos outros, então castigou na hora certa. Igual ele fez comigo (Gabriel). Casou? Problema teu. Não deu dinheiro, não fez nada. Indiretamente ele me deu, meu pai tinha uma cabeça fantástica.

Você lembra de algum momento especial na fazenda com a família?

Teve, aqui na São Sebastião nos 40 anos de casados deles, foi uma festa que foi Prudente inteiro que marcou muito, para você ter uma ideia o Otávio arrumou de um amigo dele um caminhão frigorífico para pendurar carne, nós matamos não sei quantos bois foi daquelas destas de... O tanto de carro que tinha você não faz ideia, essa festa marcou muito. Quando eu tinha a Central de embriões junto com o Marcelo e a gente fazia os dias de campo na fazenda a primeira central foi aqui em Caiuá na inauguração dela a felicidade dele ver pecuaristas de tudo que é lado lá, nós fizemos uma festa imensa era muito gostoso essas reuniões eram muito boas, meus irmãos iam todo mundo, e eu fazia muita festa na fazenda de boi reunião todo mundo e fazia os leilões.

Nessa festa de 40 anos o senhor lembra... Sei que é muita gente, mas ia toda a família...

Sim tudo, os parentes do Rio que a minha mãe é carioca, meu pai tem pouco parente, mas minha mãe tem muito.

Tem até hoje né?

É vinham tudo só que era uma festa essa festa marcou, foi na São Sebastião, foi linda, linda, aquilo foi três dias de festa, foi muito gostoso.

Em relação ao recinto de exposições, como que aconteceu?

A exposição de Prudente era lá em baixo no buracão, onde hoje é o rodeio lá, o parque de exposição ali eram os barracões antigos.

Lá no Quarto de Milha?

Não, na exposição no parque de exposição, lá embaixo não tem o rodeio? Arquibancada onde faz o rodeio?

Sim.

Tá lá em cima é um {inaudível} só aí eles tiveram uma ideia, meu pai era presidente do Sindicato Rural eles tiveram uma ideia o Stroessner era governador, era presidente do Paraguai e ele era aqueles leiloeiros fanático e eles em uma reunião tiver uma ideia: "Vamos convidar o Stroessner para vir aqui na exposição de Prudente, mas temos que ter um atrativo..."

O senhor sabe me dizer o ano exatamente?

É as fotos que tem o ano não me lembro porque esse tempo eu morava na fazenda. Bom deixa eu contar a história da exposição aí o Farhan Buchala doou um casal de Nelore para dar para o Stroessner de presente tinha que dar um presente e o Bordon (Geraldo Burro) deu um caminhão

para levar, organizaram fizeram o convite e o Stroessner na hora aceitou, aí a presença de um presidente de outro país já estava confirmada aí meu pai, o Servantes, na cúpula do Sindicato para Brasília, era o Geisel, “olha, vem um presidente do Paraguai, vai ficar feio se você não for”. Eles tiveram essa ideia, aí o Geisel aceitou, combinou, saiu no jornal, mas não tinha o parque e em 90 dias o parque saiu. Em 90 dias o governo federal deu aquilo tudo, pista lá em cima, os barracões de boi, arquibancadas, escritório.

O recinto de exposições chama Jacob Tosello se não me engano, né?

Isso. Sei que o Jacob Tosello era o diretor do Dirá aqui, que era a casa da lavoura e fazia parte do Sindicato Rural junto com meu pai. Era um grande amigo do meu pai, depois faleceu e colocaram o nome dele, mas vamos dizer eles ganharam o parque de exposições com uma jogada política e na época eu me lembro da dificuldade, o cuidado que foi porque ele era militar. Foi no tempo do Brasil Militar, então, por exemplo, não podia os dois presidentes descer no mesmo aeroporto. Então, no aeroporto de Prudente desceu o Geisel e, no de Londrina, desceu o Stroessner. Ele vinha de helicóptero, o aparato para você ter uma ideia.... Eles liberaram para sentar lá na mesa e estar lá junto 4 pessoas, meu pai e mais tres, ninguém mais o resto, {inaudível} lá de baixo, era tão guardado o troço Prudente virou... você não faz ideia do tanto de militar que tinha que vieram antes para a cidade.

O senhor sabe se chegaram a noticiar nos jornais?

Tudo que é jornal foi o primeiro encontro Binacional dos governos militares, ninguém tinha vindo ainda e você imagina o Stroessner era um ditador. Mas teve casos interessantes aí quando deram presentearam ele com o casal de Nelore, eu me lembro que eles foram perguntar para ele como é que o senhor quer que entrega por onde? Ele falou: "Olha se for com nota tudo certinho vocês podem levar pela {inaudível} se for contrabando leva por ponta Porã, então já era naquela época desse jeito..."

E o senhor não estava presente quando teve?

Não, eu tava, eu vim para para a festa mas não participei, eu ninguém podia participar.

O senhor se lembra como foi a festa mesmo? Lembra de alguns detalhes?
Foi imensa, imensa era gente de todo lado.

E o que que tinha nessa festa?

Não, não tive essa participação lá em cima, a gente, o povão não chegou perto.

O que tinha para o povão?

Nem minha mãe chegou, só meu pai, militar é militar

O que o povão tinha acesso?

Eles falam muito de ditadura militar, foi uma das melhores fases do Brasil foi quando os militares estiveram aqui, tudo que era de esquerda eles mandaram embora, depois voltou, mas mandaram embora. Então ficou quem trabalhava, quem era, na época do governo militar o Brasil andou não tinha perseguição, tinha perseguição em quem era comunista em quem era, quem fazia coisa errada, que foi o começo do governo militar. Depois disso o Geisel era já o 5, 6, 7 presidente foi no tempo do Castelo Branco que o troço foi feito, teve tudo. Então o país estava já em paz aí veio o João Figueiredo que fez uma {inaudível} foi bom? Eu não falo que é bom nem ruim todo mundo tem seu direito de hoje...

De ir e vir.

Exatamente. Então na fase do governo militar o que que eles fizeram? As grandes rodovias, tudo saiu no governo militar, então eles deram no Brasil um impulso muito grande coisa que não existia, já na Jânio, o resto para trás eram governos... Fora JK fez Brasília trouxe a primeira fábrica de automóvel, mas quem trouxe impulso e investiu no país foi o governo militar.

Entendi. Nessa festa além do senhor foi algum irmão?

Nós éramos muito meninos.

O senhor lembra se foi de dia ou de noite?

Tem nós recortes, eu não sei se a Carolina deu para vocês.

É que na verdade não temos algumas informações concretas em relação de como foi o dia sabe?

Na exposição de Prudente tem uma placa lá no parque da inauguração tem tudo lá, tem a data eu não...

O Gabriel chegou a comentar com você como foi a experiência de conhecer os presidentes?

Muito, você não não podia falar nada.

Entendi.

Era assim tudo era muito proibido, então ele como presidente do Sindicato Rural ele fazia parte da mesa discussão, nem pensar, era só figurativo isso eu me lembro dele contar.

Agora outra parte que eu queria falar com o senhor é sobre o GTE. O senhor participou do GTE?

Sim.

Foi em 2000, certo?

Foi logo que eu cheguei aqui. Tinham vários, GTE eu por exemplo participava de um.

De qual?

O meu era um grupo tinham outros grupos, O meu pai era presidente de todos.

Mas, a ideia do GTE...

A ideia do GTE era do Uruguai, isso surgiu no Uruguai e era o Grupo de Troca de Experiência, então isso aí disseminou, veio a ideia e nós resolvemos fazer aqui. O GTE eram 10 ou 12 proprietários rurais que a gente se reunia então cada mês ia na fazenda de um. A gente ia e o cara abria tudo para a gente ver sentava depois a noite se discutia e dava palpite, você deve fazer isso, deve fazer aquilo, o que você tá fazendo não funciona, era mais ou menos desse jeito. Daí eram seis meses ou um ano a gente voltava, isso a gente rodava era um mês em cada fazenda, depois de um ano voltava de novo naquela primeira para cobrar se ele tinha feito. E nisso aí todo mundo tinha feito, a gente ficou muito amigo, então o GTE foi uma fase muito boa.

Qual era o objetivo principal?

Era um troca de experiência, por exemplo a minha fazenda mexia com pastejo rotacionado e adubado o outro do GTE não fazia nada disso então era uma difusão.

Uma difusão de conhecimento também.

Isso mesmo. De conhecimento era uma troca de conhecimentos.

E durou quanto tempo o GTE?

Foi uns 3 ou 4 anos.

E por que ele terminou?

Porque você já tinha ido já fazenda de todo mundo, é normal como na Argentina, no Uruguai também acabou, depois que você viu tudo, aí começa um não vai e murchou.

Mas, a ideia mesmo era...

Era troca de experiência.

Sim, mas foi enquanto o Gabriel ainda era presidente do Sindicato?

É ele foi presidente do sindicato e da Sociedade Rural, foi na fase da Sociedade Rural, só que ele sempre foi assim um grande entusiasta de tudo que é tecnologia, então ele mexia com todo mundo, tanto que ele era o presidente de todos os grupos, ele ia em todos os GTE's no meu grupo de GTE era uns 10 ele ia junto, no outro mais uns 10 e ele ia em todos e ele fez de tudo para não acabar, mas acabar era o normal do negócio, você já trocou experiência, saturou e acabou, normal mas ele deixou a marca dele nisso aí.

E quais eram os assuntos de cada GTE? Alguém falou avestruz pra mim...

Avestruz teve. Tinha GTR de coco, tinha de inseminação, tinha de adubação de pastagem. Então se reunia por exemplo eu adubo pastagem, o outro aduba não sei o que, vamos formar um GTE trocar ideia para ver quem tá indo bem, entende como é que é? O do de coco, tem N colhedor de coco, um não conversa com o outro, aí meu pai fazia essa ligação convidava um, convidava outro, pô, vocês têm que trocar ideia para ver quem tá em que não tá bem, quem aduba, quem não aduba. Então era mais ou menos isso.

Agora um assunto um pouco delicado, sobre o MST, a gente queria saber mesmo se chegou a ter alguma invasão mesmo na fazenda do Gabriel.

Teve sem montar barraquinha lá dentro, um dia em uma reunião eles invadiram os vizinhos.

Sim, mas foi em qual fazenda?

A São Sebastião, lá no Mato Grosso não tinha isso. Então, invadiram o vizinho, era aquele mundo de gente, Teodoro Sampaio fica 2 km da fazenda, a sede do Zé Rainha onde foi que começou os MST e foi muito gozado porque quando nós fizemos o GTE na fazenda do meu pai era GTE e tinha nos carros GTE e a gente andando naquele monte de pasto porteira e a fazenda assim e do lado de cá acampamento e um riozinho, foi um terror porque a primeira notícia que chegou O Grupo de Troca de Extermínio está andando do outro lado, aquilo foi um Pânico entre eles. A fazenda do meu pai nós fizemos, na época eu morava em Dourados.

Foi em que ano a invasão?

97 eu acho, por aí 98...

Aí nós contratamos um grupo lá em Dourados, naquela época era GOF hoje é DOF, GOF era Grupo de Operação de Fronteira e hoje é Departamento de Operação de Fronteira é um segmento da polícia Federal. O que, que que era o GOF? Dourados era uma terra de ninguém assaltava, se roubava aí chamavam um sujeito lá que era o Coronel Adib, o Coronel Adib matou todos os bandidos que tinham de Dourados, matava mesmo, dava um tiro de 12 na cara e cortava os dedos, naquele tempo que não tinha DNA, cortou a digital e estou a boca do cara, não tem como identificar. Aí aparecia, apareceram 10 mortos com tiro de 12, já sabia que era o Adib, todo mundo sabia, só que acabou com o roubo em Dourados, aí foi fundado esse grupo, porque em Dourados criminalidade era tão grande que o governo do estado decidiu formar esse grupo, que hoje chama DOF e faz parte, naquele tempo era GOF era um Grupo de Operação de Fronteira, ele era independente no tempo do Coronel Adib, não era polícia federal não era nada, depois disso, foi tão bom que fez o DOF que é o Departamento de Operação de Fronteira que tem em toda a fronteira do Mato Grosso do Sul, por exemplo quando eu coloquei cana na minha fazenda, cana não é terra de ninguém, porque você tira a cerca, tira a porteira a cana é livre porque os caminhões têm que andar, k primeiro assalto que eu tive na fazenda limpavam a casa, começou a roubar tudo, começou os roubos, aí nós fomos atrás do DOF o DOF veio, hoje a minha fazenda é uma base de operação do DOF, hoje a 10 anos.

E o que aconteceu naquela situação do seu pai? Como é que foi?

Quando invadiu já era eu que cuidava, era dele, mas eu que comandava, acertava os seguranças, então o Coronel Adib eu morava. Dourados, eu tinha muita amizade com ele, ele me arrumou uma turba, pagava segurança e não entrava mesmo em 3 segurava mil, todo mundo armado, 12, bala de borracha nós não íamos matar o cara, se matasse estávamos perdidos, eu tava preso até hoje, só que o cara só ia saber que era bala de borracha depois que ele levasse um tiro, não chegaram a entrar e armar barraquinha na fazenda.

Mas chegou a entrar na área da fazenda?

Nós tiramos, sim, na bala, na bala de borracha.

Mas foi muita gente que tava?

Foi, foi um terror.

E seu pai estava presente no dia?

Eu estava papai estava bem de idade, foi um terror, era cara com facão e esses 3 eles eram loucos em cima de um trator 2 na caçambinha iam trás e um guiando e bala e o povo caindo e eu só olhei aqui e falei "meu Deus" mataram um monte nós estamos ferrado, mataram ninguém, mas ninguém entrou pularam o Rio para o outro lado era um rio de 2 metros de largura ficou com o acampamento lá e ninguém veio, depois disso era a era do Lula que, que o Lula fez? Entrou em todas as fazendas, veio a polícia federal e desarmou, tomaram todas as armas e nós ficamos sem segurança, aí ficamos à mercê deles. Em 2008 invadiram e tomaram a fazenda, nós perdemos, a São Sebastião foi tomada pelo MST, queimaram, o que mataram de boi vocês não fazem ideia, foi terrível.

Vocês chegaram a comentar com o seu pai?

Ele morreu um ano depois de tristeza, ele não se conformava, ele falava assim para mim, "faz 60 anos que é minha, 60 anos" foi em 2008... 58 para 2008, "Faz 60 anos que eu trabalho lá, eu fiz tudo isso e tal, não pode tomar" ele falava isso todo dia, então aquilo foi acabando com ele, foi minando.

E foi o senhor que foi contando para ele que foi invadida?

Saiu em tudo que foi jornal, televisão, não tinha jeito de esconder, ele não podia ir mais lá, ele ia comigo direto para a fazenda, estava com 90 anos, ele ia sempre, com o choffer dele, o Toninho, ele ia lá, ele ligava para a Nizía, que era a caseira e fazia um pão gostoso e um requeijão, "Toninho, vamos para a fazenda", "Tá bom, doutor, precisa levar alguma coisa?", " Não porque o meu requeijão deve estar pronto para o almoço". {risos}.

O Toninho falou que ele gostava de comer muito pão com mortadela também.

Exatamente, adorava, o Toninho foi que nem um filho para ele.

Sim, entrevistamos ele também. Só para confirmar quantos alqueires tinha cada fazenda?

500.

500 cada fazenda?

A São Sebastiao, 500 a Mata Sede, 500 a Santa Marina e 540 ou 550 as duas do João, da Marina e a do Otávio, são as duas maiores, mas todas era mais ou menos do mesmo tamanho. Quando eu fiz a divisão, eu fiz uma separação para todo mundo ficar igual e ninguém perder.

Sabe me dizer quando mais ou menos ele começou a se afastar da pecuária?

Ele nunca se afastou, até o sem-terra tomar ele nunca se afastou, no dia que tomaram não conseguimos mais a intervenção se posse, mas já estava desapropriada, não era mais nossa, mas o juiz deu 40 dias para a gente vender o gado.

Mas a São Sebastião ainda existe?

Existe, cheia de barraquinha para você ter uma ideia a única fazenda cercada de cana é a do Sem Terra, nunca fez nada, não produz.

Então depois dessa invasão que teve em 2008...

Acabou, não era mais nossa, encheram de lotinho pequeno. O cara planta ali mandioquinha para comer e só.

Foi uma grande tristeza para ele, né?

Nossa, eu nunca mais passou ali na frente. Eu fui uma vez para nunca mais ir, desde que eu fui na Mata Sede eu vim, vacinava o gado, eu ia direto fazer, ajudar ele.

E quando ele estava na fazenda ele tinha algum hobby específico?

Andar a cavalo sempre, meu pai sempre teve haras.

O haras era aonde mesmo?

Ele teve o primeiro aqui em Martinópolis, a paixão por cavalo dele sempre foi muito grande, Topázio, eu era menino de tudo. Ele comprou o Topázio em 73.

Você estava presente não tava?

Tava.

É, eu me lembro da entrevista. Foi onde que comprou mesmo?

Foi em Curvelo, uma cidade perto de Belo Horizonte. Aí como é que vinha um cavalo sozinho? Aí ele comprou uma parte, acho que 20 éguas e umas novilhas murchas que ele tinha lá, encheu o vagão e esse vagão veio, trocando de trem 15 dias para chegar aqui, esse vagão tem uma coisa muito interessante ele comprou aleatoriamente, e quando parou esse trem na estação ali, veio um neguinho, 1 metro e pouco com só 3 dentes assim, falava gozado veio e entregou a carta lá o meu pai lembro que eu tava, o senhor Pitanguí mandou uma carta, naquele tempo não tinha telefone era tudo carta, 73, faz uma ideia, como é que ele comprou isso? Ele resolveu fazer uma viagem. Meu pai gostava de viajar com a gente, para a gente conhecer a terra dele em Minas, que ele não conhecia porque ia fechar a represa de Furnas e as fazendas que eram do avô dele e tudo ia ficar embaixo de água, nós estávamos lá no dia que fechou e de lá nós fomos conhecer Brasília que foi inaugurada um ano depois. Na volta nós fomos de Rural Willys.

O Topázio era um potro mamando, veio com a mãe, ninguém esperava que o Topázio ia ser um corpão nacional, nem o Pitanguy, ele foi um cavalo excepcional tanto que ele não teve nenhum filho que foi campeão, só ele.

O Topázio viveu quantos anos?

23, quando ele tava doente, deitado meu pai ia lá ficava o dia inteiro sentado ao lado dele, como ele gostava desse cavalo nossa. No haras aqui de Martinópolis ele morreu.

O Topázio sempre ficou no haras de Martinópolis?

Primeiro na fazenda, depois que se comprou o haras, ele foi para a São Sebastião, só existia ela. Depois que nós fomos comprando outras fazendas.

As principais fazendas o senhor disse, mas, assim, o Gabriel era dono de mais?

Não essas foram as fazendas dele, só essas que ele teve, as 6.

Com a Arizona que não deu certo e depois vendeu.

Exatamente. Que que era a Arizona? Quando eu viajei já mexia com a pecuária meu pai não mexia com nada era eu que fazia tudo comprava e eu quando fiquei com os filhos precisava conviver com eles, para conhecer. Aí eu fui para o norte com os meninos era o período de férias deles, quando eu cheguei aqui meu pai falou "estamos construindo uns prédios" eu falei "como construindo prédio? Nosso negócio é boi. " Seus irmãos acharam que prédio era um bom negócio" mas quando sobrou o último prédio, porque ele conseguiu vender alguns outros e aquele da Gurgel, era a casa do meu avô, foi consultório do meu pai e...

Você sabe me dizer a ordem das casas que o Gabriel já morou? Primeiro ele morou na Doutor Gurgel, né?

Foi onde eu nasci. Meu pai veio para cá em 50 eu nasci em 51, Bosque, na Major Felício Tarabay, só 3 casas, 4, depois a da Washington Luiz e o apartamento.

O apartamento foi o último?

O último.

O apartamento fica na Rua Democratas.

Isso, tá lá até hoje, é nosso.

É que entrevistamos o Henrique Salvador, ele mora lá.

É o mesmo prédio, está vazio desde que minha mãe morreu.

Então foi assim a ordem: Doutor Gurgel, Felício Tarabay, no Bosque... O senhor sabe dizer quando foi a época em que foi para o bosque?

Olha, em 1958 teve duas coisas importantes na vida dele, comprou a primeira terra dele e construiu a casa dele na Washington Luiz. Para você ter uma ideia a Washington Luiz era pura terra. O Tênis Clube era clube de cana a gente ia lá, minha mãe levava a gente, era estradinha para chegar no Tênis Clube, era como é o San Fernando, era um clube de campo. Bom, então em 58 ele comprou a primeira fazenda dele, um sítio, uma área pequena na beira do rio, comprou a casa de um pescador e construiu a casa na Washington Luiz.

A da Washington Luiz era a que tinha 2 andares?

Sim, e o laboratório do Doutor Plácido, do lado do posto de combustível.

Aí depois da Washington Luiz, o prédio.

Fazia muito barulho a avenida Washington Luiz, e a escadaria para subir, em cima eram 6 quartos era muito grande, aí eles não dormiam mais com o barulho, vai ficando velho. Aí um dia o Dr. Plácido chegou para ele e falou assim "quero comprar sua casa para montar o laboratório" ele falou " Mas eu não quero vender" aí ele andando viu aquele prédio de Riviera ele chegou no Doutor Plácido e falou "eu faço um rolo, eu não quero saber quanto vale eu quero um apartamento naquele prédio" fechado, aí o doutor Plácido comprou um apartamento naquele prédio e deu para ele

Entendi, acho que é isso. O senhor tem mais alguma coisa para falar?

A única coisa que eu tenho é que as lembranças que tenho do meu pai é que ele era uma pessoa especial em tudo a minha relação com ele foi muito maior que a dos meus irmãos sempre trabalhei com ele a vida inteira. Então nós tínhamos uma sincronia, eles vinha direto na fazenda.

Uma coisa que eu ia perguntar, não sei se o senhor sabe, mas é que a gente não tem nenhum documento sobre esse dado e a dona América também não lembra, o senhor sabe o ano em que ele entrou na faculdade?

Ele formou em 47.

Só que a nossa dúvida é se ele entrou na faculdade em 42 ou 43.

Eu tenho uns dados interessantes por exemplo, ele formou em 1º lugar da turma dele, ganhou um prêmio. A mesma coisa eu me formei em 1º lugar da turma e como prêmio eu ganhei o Tião Maia, na época era um grande pecuarista do Brasil inteiro, contratou os dois primeiros alunos de Zootecnia, quando eu fui fazer a entrevista eu era casado, aí ele disse: "casado não pode". Perdi. {risos} perdi a chance de ir para a Austrália por causa disso, mas acho que é isso mesmo.

ENTREVISTADA: MARINA ELISABETH CARNEIRO COSTA BINOTE
PRESIDENTE PRUDENTE

Terça-feira, 03 de setembro, às 17h30.

Telefone: (67) 99664-0150

Local: entrevista via telefone

Telefone: (67) 99664-0150

Em relação à última viagem que o Gabriel fez para Rio Brilhante (MS). Você pode contar como foi essa viagem?

Ele falou para mim que ele queria vir uma última vez para o Mato Grosso, só mais uma vez pelo menos. E aí ele já estava fazendo diálise, já tinha enfermeiro, tudo aquela coisa. E aí pra mim trazer ele já era bem complicado. Era a minha semana e eu estava em Prudente cuidando deles. Era março, ia ter carnaval e foi no mesmo ano em que ele morreu.

Então eu liguei para o Mário: “Mário, vamos levar o papai para o Mato Grosso?”. E eles iam vir para a fazenda do Mário, os filhos do Mário iam vir, ia vir quase todo mundo porque era carnaval. Eu falei que tinha vontade de levar, então falamos: “Vamos levar, então”.

E eu falei: “Olha, vou fazer assim: eu falo pro motorista levar ele, a mamãe e o enfermeiro. E eu coloco no meu carro os aparelhos de diálise, ponho a cadeira de rodas”. E eu convidei a tia América para ir junto também.

Naquela época, estava tendo muito concertos nas estradas. Então, a gente ficava muito tempo parado e era uma confusão. Mas eu já estava bem carimbada na estrada, então eu já estava acostumada porque eu ia e vinha.

Mas o motorista deles estava assim muito tenso porque viajar com meu pai e ele não ia querer descer do carro quando chegasse num posto. Aí eu falei para o motorista: “Se eu sair para apodar, você vem atrás de mim que cabe nós dois porque se não, eu não vou apodar”.

E na hora que abria, a gente tinha que ir apodando todos os caminhões. Chegamos aqui e o motorista falou: “Olha Dona Marina, eu nunca vim tão rápido para o Mato Grosso, pelo amor de Deus” [risos]

Então nós chegamos e ele ficou na Mata Sede, na fazenda do Mário, eles ficaram lá. E foi só festa, fizeram peixe frito pra ele, o senhor Milton Staut veio. Foi assim, bem gostoso e ele ficou muito feliz. Depois levamos ele lá pra minha fazenda e ele ainda não conhecia a minha cocheira que eu tinha feito para o gado.

Entramos na cocheira para mostrar pra ele, mostrei os ipês que tinha plantado na entrada da fazenda e ele falou: “Ah, eu não vou estar aqui pra ver eles, vão ficar lindos”. Quando colocamos ele dentro do carro, ele queria ver tudo! Porque era a última vez que ele vinha e realmente aquela foi a última vez. Foi em março e ele faleceu em junho.

Quem estava presente nessa ocasião?

Estava o Mário, eu. Mas não me lembro se o Otávio estava presente. Sei que o João não estava porque a Mônica morava em Santos (SP) e ela foi ter um bebê nessa época e acabou perdendo.

O menininho dela morreu, então o João estava em Santos. Aqui na fazenda, eu não me lembro se o Otávio estava. Mas o Mário, os filhos dele, o senhor Milton, pessoal conhecido do meu pai daqui. A gente chamou o pessoal e foi uma festa.

A senhora se lembra se o Tosello também estava na fazenda?

Eu não lembro, mas acho que não. Mas os meus filhos estavam presentes.

E como foram esses momentos com ele? O que vocês fizeram lá?

Teve churrasco, teve peixe frito porque ele gostava bastante. O pessoal pescou uns peixes e fizeram pra ele. Ih, ele se divertiu! Ele adorou.

Gostaria de confirmar com a senhora como foram as últimas semanas do Gabriel antes dele falecer? Você estava com ele durante esse período, não é?

Sim, estava eu. Fiquei com ele no hospital a semana toda, foi lá no lamada. Aí ele já estava bem ruim. O Mário estava por aí, mas era eu quem ficava. Aí o Mário vinha para dar uma revesada comigo porque eu estava um pouco cansada, mas apesar de ter o enfermeiro dele junto também.

Só que na hora do almoço, eu deixava ele com o enfermeiro e ia almoçar com a mamãe. E num dia de almoço, ela disse assim: “Ah, aquele moço o Roberto que ficava doente alí no quarto, ele não está mais aqui”. E eu falei: “Mamãe, o papai, eu levei ele para o hospital porque ele está fazendo uns exames. Você quer ir ver ele?”. Ela falou que queria, então: “Nós vamos nos arrumar para visitar ele”.

Nesse dia ele não estava muito bem. Ela ficou do lado dele, passando a mão nele. Mas aí ele falou pra mim: “Vamos embora? Ele está muito cansado”. Depois daquele dia, ela não voltou para ver ele.

E eu dormia no hospital, só ia pra casa para almoçar e ficar com ela. Na sexta-feira, os médicos falaram assim pra mim: “Olha, chama seus irmãos porque é melhor eles virem. Quem quiser vir, é melhor vir”. Ele já estava com falência de órgãos e você via que eliminava água pelos braços dele, ele já estava bem pálido.

Ele não queria comer e conversar com ninguém. Só que comigo ele falava, ele mandava eu colocar meu ouvido perto da boca dele e falava comigo. Mas aí ele falava que não era pra eu deixar ele ir para a UTI de jeito nenhum. Aí os médicos falaram: “Morrer de fome nós não vamos deixar, então nós vamos deixar dois dias na UTI para passar a alimentação porque aqui, ele pode morrer no quarto com vocês.”

Aí, primeiro, chegou o João. E o João foi mexer com ele, pegar no pé dele e ele ficou bravo [risos]. Mas aí o João saiu nervoso e falou: “Ele só quer você!”. Quando foi para ir para a UTI, ele chamou eu e o Mário perto da maca e falou que a gente não podia deixar faltar nada para a mamãe, era para continuar do jeito que era. E que não era para tirar ela da casa dela.

Aí ele foi para a UTI, mas quando o Otávio chegou ele já estava na UTI. Tinha uma visita a noite e uma de manhã. A primeira visita foi o Otávio ou foi o João Gabriel que chegou...aí eles ficaram muito assustados e não quiseram voltar. Eu falei: “Ninguém vai?”, mas aí a Mônica tinha chegado: “Tia, vamos eu e você”.

Eu fui para a visita mas não gostei de ver ele com aquela sonda, fiquei triste. Mas aí, meu irmãos falaram que os médicos tinham dito que ainda vai alguns dias e que amanhã sai da UTI e vai uns dias no quarto: “Vai lá para o Mato Grosso ver seus filhos, fica uns dois dias lá e volta porque você já está aqui há muito tempo”.

Então eu fui buscar a Mariana em Dourados (MS) porque ela morava lá, mas me ligaram para avisar que ele tinha falecido. Eu vim para o Mato Grosso e quando eras uma 17h da tarde, o Mário me ligou: “Papai acabou de falecer”.

Aí eu peguei a Mariana, o João Gabriel (filho do João) e passei em Rio Brillhante para pegar meu filho Gabriel e o meu marido. Chegamos no velório, que foi na Casa do Médico, já era umas 2h da manhã.

Você tem alguma lembrança especial em relação às fazendas, quando você era mais nova? Tem alguma lembrança que te marca?

Sim. Eu me lembro que a gente ia pra Fazenda São Sebastião, chegava lá e ele mandava arriar tudo os cavalos. Ninguém ficava, todo mundo tinha que sair pro campo. Todo mundo tinha que andar com ele, tinha que levar matula no arreio, balinha, bolachinha, cantil para tomar água.

la para o pasto cantando... que tinha o Zé Baiano que cantava música sertaneja, que era o capataz. Andava pela fazenda inteirinha e, se eu levasse minhas amigas para a fazenda, elas tinham que ir junto porque não tinha conversa.

Todo mundo tinha que trabalhar! E minha mãe falava às vezes: "Mas, marido! Elas são meninas". Ele respondia: "Não interessa! Todo mundo vai trabalhar".

Você se lembra com quanta frequência ia para a São Sebastião com eles?

A gente ia demais para lá e quando ele podia ir, ele sempre ia. Chegava lá, tinha uma funcionária dele que esperava ele com bolinho de chuva, café e requeijão. Se não tivesse, ele ficava bravo já [risos].

Em relação à divisão das fazendas, você ficou com a São Gabriel mas ela ainda não tinha uma sede, não é mesmo?

Não, não tinha. Na realidade, o papai construiu a fazenda Santa Marina pra mim porque, na realidade, eu sou a última né. A última que ele comprou. Mas aí o João já trabalhava lá com ele, para cuidar da fazenda.

Quando foi dividir, ele veio e falou assim para mim: "Você se importa do João ficar com a Santa Marina? Porque o João já está lá". Eu não estava me importando de jeito nenhum porque eu estava ganhando uma fazenda, não tinha o porquê de escolher.

Aí ele falou: "Então eu vou te dar a fazenda do meio e vai chamar São Gabriel". Ele deu com nome, mas o Otávio trocou a dele. Era São João, se não me engano e o Otávio não quis e colocou o nome de Pampa. Mas aí a minha só tinha pasto.

O que você fizeram com ela para construir sede e dentre outras coisas?

Como o Mário tinha uma sede, eu ficava na sede dele, levava o gado para vacinar na fazenda dele, tudo isso. Quando eu ainda era solteira, meu pai deu pra mim uns bois para engordar. Então, quando engordava eu vendia e assim ia. E foi com esse dinheiro que eu construí primeiro a casa dos funcionários, depois o curral e, por último, a sede. Aí acabou com tudo o que tinha desse dinheiro.

Você sabe me dizer por quanto tempo ficou morando na Mata Sede durante esse período?

Ah, eu me mudei para lá... eu me formei, fiquei mais um ano em Prudente. Aí minha casa ficou pronta e me mudei. Então, quando eu ia, sempre ficava na Mata Sede. Mesmo com o Mário separado, eu sempre ficava por lá.

Demorou muito para a São Gabriel ficar pronta do jeito que você queria?

Eu ainda era estudante e fazia faculdade. Era uma loucura porque a gente ia de feriado, voltava de madrugada para vacinar o gado, tudo essas coisas. Foi bem complicado fazer ela e, ao mesmo tempo, fazendo faculdade de longe.

Antes de você ter a fazenda São Gabriel, já tinha essa questão de ajudar seu pai a administrar alguma coisa relacionada às fazendas, à pecuária? Ou era só mais o Mário nessa época?

Não! Eu entrei em Engenharia Civil e fiquei um ano e meio fazendo. Não gostei e convenci meu pai de largar o curso porque eu queria fazer Decoração. Então, fiquei no Rio de Janeiro durante um ano lá, morando com uma tia minha (casada com um irmão da minha mãe).

Aí eu voltei porque abriu o curso de Zootecnia em Prudente (SP). E fiz a faculdade para começar a ajudar a mexer nas fazendas. A partir daí ele sempre me deu responsabilidades. E ele sempre me falava que como uma mulher, eu tinha que me formar porque se um dia eu não chegasse a casar, eu tinha que saber tocar as minhas próprias coisas. Apesar dele não deixar a gente dar muita opinião [risos].

Às vezes, a gente dava. Sempre dávamos uma rodeada nele, eu e o Mário. Tínhamos bastante afeto com ele na conversa, já o Otávio não ganhava as coisas dele muito fácil. Eles brigavam, sabe?

Então, quando eu tinha que resolver alguma coisa que nem... Ele deu as vacas arrendadas pra gente conseguir... Aí quando eu vi que não dava mais, que ficava muito pesado e que gente não estava conseguindo tocar para ... aí meus irmãos concordaram comigo e a gente resolveu mudar o sistema. E assim que ía... Ele era sempre o porta-voz, sabe? E tudo o que tinha que resolver de divisão, quem participava era apenas os filhos, ele e a mamãe. Nem nora e nem netos.

Entrevistado: Otávio Luiz Carneiro Costa

Repórter: Bianca Pereira

PRESIDENTE PRUDENTE

Sexta-feira, 06 de setembro, às 9h

Local: entrevista via ligação

Telefone: 39083319 / 6799734221

Em relação a fazenda São Sebastião quantos alqueires de café plantados tinham na São Sebastião quando ela foi comprada?

Tinha 10 alqueires.

O senhor é dono da fazenda Pampa, certo?

Certo.

Como foi o processo para abrir a fazenda Pampa, como o senhor abriu a sede?

A fazenda Pampa há uns 40, há uns 35 anos atrás meu pai teve uma fazenda Mata Sede que ficou para o meu irmão Mário. Foi dividida em três fazendas: São Gabriel para a Marina, fazenda Pampa para mim e lá em Maracaju uma outra fazenda que chama Santa Marina que é do João.

Então ele deu a fazenda e deu o gado. O meu irmão Mário ficou com a com a sede, eu tive que construir casa, curral, fazer todo o investimento que a fazenda não tinha. Então, eu recebi 60 hectares a mais e mais gado que os irmãos porque os irmãos tinham estrutura e eu não tinha. Entendeu?

Entendi e demorou quanto tempo assim para o senhor construir a sede e deixar do jeitinho que o senhor gostava?

Um ano.

E como a fazenda está hoje senhor Otávio?

Hoje, ela tem cana, soja, milho e leiteria.

Entendi, então o que é plantado aí é basicamente soja...

É soja e eu planto o milho. A cana a gente arrenda para usina, a usina planta e a gente arrenda para ela.

Antes do senhor cuidar das fazendas com os seus irmãos o que o senhor fazia?

Eu fiz faculdade de Administração de empresas, depois eu fiz um curso de graduação de Administração e Economia Rural. Trabalhei dois anos na (...) Alto alegre no Paraná que é a sede em Prudente. Aí meu pai me chamou para trabalhar com ele. Eu vim trabalhar com ele na fazenda São Sebastião para reformar a fazenda, plantei milho algodão, feijão...

O senhor lembra em que ano ele te chamou para cuidar da fazenda?

Logo que me formei [risos] faz mais ou menos uns 30 anos que eu me formei.

O senhor fez a faculdade aonde mesmo?

Presidente Prudente, na Toledo.

O senhor lembra o ano em que começou a faculdade?

Não lembro.

Mas faz mais ou menos uns 30 anos né?

Que eu fiz a faculdade? Faz uns 40 anos.

Por que o senhor teve essa iniciativa de ajudar seu pai a cuidar das fazendas? O que te motivou?

Motivou porque o mercado de trabalho fora era ruim. Meu pai era médico e não tinha tempo de ficar cuidando da fazenda direto, então eu fui olhar.

E o senhor acha que foi algo que passou de geração para geração? Porque seu pai é filho de fazendeiro e vocês tiveram esse contato com a terra sempre quando era criança. Então o senhor acha que teve uma influência?

Eu acho que é de geração mesmo, como agora, por exemplo, eu tenho uma filha que mora aqui na fazenda. Ela e o meu genro que olham a fazenda.

Qual é o nome da filha?

Marina Marques Costa.

Então ela também tem esse hábito de ajudar o senhor?

Isso.

O senhor chegou a participar das reuniões do GTE?

Olha, da reunião do GTE eu não participei muito mas quem participou mais foi o meu irmão Mário. Eu fui uma ou três vezes, eu ficava muito aqui no Mato Grosso porque estava mexendo na fazenda. O Mário que ia e acompanhava meu pai.

Então acho que o senhor não vai saber me responder essa aqui, de quanto anos durou o GTE?

Não sei, o Mário deve saber.

O Gabriel foi presidente da Sociedade Rural, certo?

Foi e do sindicato rural também.

O senhor sabe me dizer o ano em que o Gabriel deixou de ser presidente da Sociedade Rural?

Ano eu não lembro... Acho que em um desses recortes de jornal deve ter, mas ele foi, inclusive ele foi presidente da Sociedade Rural e trouxe na exposição o presidente Geisel e o presidente Stroessner do Paraguai que vieram visitar a exposição.

O senhor por acaso estava presente nessa ocasião?

Sim, estava presente, eu estava na comitiva que foi buscar no aeroporto, levar nos lugares (...) Eu estava na comitiva para pegar e levar o povo.

O senhor lembra em que ano foi isso, quando o Gabriel convidou o presidente Stroessner para ir na feira?

Aí você me pegou porque esse negócio de ano eu não lembro, tem que ver em alguma documentação.

Quando teve essa exposição, a gente ficou sabendo que quem subiu no palanque com o Gabriel e os dois presidentes foram mais duas pessoas que eram da área da pecuária, não sei se o senhor se lembra quem era que subiu junto com eles...

Olha eu acho que quem subiu com ele foi o Farhan Buchalla que é um criador famoso de Prudente já falecido de Nelore. O outro pode ser o Sigeyuki Ishii que é o outro presidente, os dois doaram um garrote para o presidente Stroessner do Paraguai

A terceira pessoa o senhor não sabe quem foi?

A terceira pessoa eu não sei. Naquele tempo eu não sei se era o Servantes... Não estou lembrado mas deve ser por aí.

A gente tem um documento que fala que o cavalo Topázio era o favorito do seu pai, era Topázio ou era Topázio do Paranapanema?

Topázio do Paranapanema. Ele foi campeão nacional de Curitiba em 1969.

O senhor foi na viagem que comprou o Topázio?

Fui.

O senhor disse na outra entrevista que antes de ir para a fazenda do seu Antônio Pitangui vocês visitaram um tio.

Como é que é?

Que quando vocês compraram o Topázio antes de entrar na fazenda do seu Antônio Pitangui vocês visitaram um tio.

Assim, o tio José Carvalhaes, não José Toquivilho.

José Toquivi?

É Toquivilho, primo do meu pai.

É Toquevilho. E ele era primo do seu pai?

Era primo do meu pai, casado com a irmã da minha mãe.

Você sabe qual era essa irmã da sua mãe que ele era casado?

Clotilde.

O senhor pode me dizer como é que foi no dia que o presidente Paraguai e o Geisel estiveram em Prudente? Como foi a experiência de participar desse dia?

Foi em uma exposição de Prudente, acho que foi até (...) 14 anos eu não lembro no aniversário da cidade que veio no encontro da exposição conhecer a cidade depois teve um almoço na Apea com a comitiva.

Então foi mais ou menos isso aí, foi na exposição. Teve a inauguração, o desfile dos gados premiados, dos cavalos. Daí, o Farhan Buchala e o lochi lochiu, cada um deles, deu um tourinho e um garrote de presente para Stroessner que levou para o Paraguai.

O senhor lembra se tinha muita gente nessa exposição? Como é que tava nesse dia?

Naquele tempo lotava a exposição, inclusive quando, hoje, tem aquele palanque lá da exposição e foi meu pai que conseguiu (...) não sei se se foi o Paulo Henrique que deu a verba para construir essa estrutura para poder receber o presidente.

O senhor lembra como estava o Gabriel no dia?

Ele estava feliz, trazer dois presidentes em Prudente é difícil.

O senhor lembra se chegou a ver o Geisel ou o Stroessner de pertinho?

Sim, nos cumprimentamos e também participamos do almoço.

E o Gabriel conversava muito com eles? Dialogava bastante?

Sim, conversava bastante.

Além do senhor tinha mais alguém da família presente?

O Mario. O João não morava em Prudente e a Marina era mais novinha, então não estava. Acho que era só eu e o Mario.

O senhor lembra mais ou menos quantos anos tinha na época?

Acho que eu tinha já uns 19 anos já.

Qualquer dúvida que eu tiver posso manter o contato pelo WhatsApp?

Pode, pode sim.

ANEXO B
FITA TRANSCRITA

Entrevistado: Gabriel Costa Neto
Entrevistador: Carolina Costa Zoccolaro Mancuzo
Presidente Prudente, SP
2008
Transcrição Fita K7

A viagem ao Rio de Janeiro, como que foi essa viagem? Foi uma viagem para ir a um casamento?

O meu primo Eurico, que é médico, era médico no Paraná, resolveu ir ao Rio com a finalidade de assistir ao casamento do irmão da Maria, o Paulo, Paulo Carneiro.

Mas por que ele conhecia o Paulo?

Porque os dois irmãos eram casados, porque tanto o Gabriel quanto o José eram casados com a irmã da Maria lá. Ele ia lá passear no Rio.

Mas quem que é o Gabriel e o José, vô?

Irmãos do Eurico.

Que eram casados com irmãs da avó?! Tá.

Então eu fui junto e de lá nós fomos...

Deixa eu fazer uma pergunta... Isso foi em que ano? Porque você se formou em 1947...

Eu estava no 1º ano da faculdade ou 2º ano. E aí nós fomos a Sobragi (1:28) fazenda da família, (que é perto de juiz de fora é em minas gerais isso) assistir ao casamento do irmão da Marina, o Paulo.

Foi em Minas ou no Rio?

Sobragi... O casamento foi em Sobragi, na fazenda.

E como foi o casamento?

O casamento... Festa de casamento, foi normal mesmo, aí eu fiquei conhecendo a Marina lá.

Foi amor à primeira vista?

É.

Você já conhecia a avó, como que foi? Você a chamou para dançar, conversar? Conta para mim.

Não, o Zé o, meu primo Zé ___ falou "olha essa aqui, tá esperando você para casar". Tem uma fotografia até nossa, reunidos.

Aí vocês já começaram um namoro e tal?

É. Aí começamos. Daí terminaram o casamento e nós fomos embora até o Rio, no ônibus, mas não sentei ao lado dela não. Fomos para o Rio e eu voltei para São Paulo.

E aí você ficou alguns dias no Rio?

Não. Aí vim para São Paulo. Não lembro em que época que foi o casamento da Ana e do Paulo.

Ô vô, e aí você voltou para São Paulo já apaixonado?

Aí comecei a corresponder, escrever cartas. Eu escrevia e ela escrevia para mim. Aí começou esse namoro por correspondência, né.

Você escrevia todos os dias? Vocês dois?

Não, escrevia bastante nas folgas.

E como que era? Você trabalhava, estudava de manhã e à tarde? Que tempo você arrumava para escrever as cartas?

Só a noite, porque eu trabalhava à noite e durante o dia tinha a faculdade, né.

E na sua formatura, a vô chegou a ir?

Não.

Por que não?

Não, ela não pode vir não. Na minha formatura ela não pode vir.

Quando decidiu que ela era a mulher que você ia casar?

Namoro é uma coisa, assim, de experiência, para ver se dava certo ou não.

Aí o senhor falou “essa é a mulher que eu vou casar, agora vai ter que esperar um pouco pra eu começar a trabalhar para poder trazer ela para mim”? Você já imaginava trabalhar aqui para o lado de Prudente? Como que foi?

Eu me formei, fiquei mais 2 anos por lá porque eu tinha emprego e tinha estágios na Santa Casa, né, aí eu resolvi que devia vir para o interior. Nessa ocasião, quando eu me formei, eu tive uma crise de apendicite e fui operado.

Ah é?! Logo depois da formatura?

Sim, logo depois. Aí a Marina foi a São Paulo, já estávamos em correspondências há bastante tempo. Marina com quem você foi?

MARINA: Com a OsMarina (prima)

Você foi cuidar do vô?

Não, só visitou.

Marina: Fiquei uns 3 dias lá.

E aí, vô? Por que veio para o interior?

Porque São Paulo era muito grande e eu não tinha recursos para montar consultório, nada disso, aí resolvi vir para cá e consegui minha transferência para Regente Feijó. 08:00

Ah, então o senhor veio para trabalhar pelo Estado mesmo, né?

É, pelo Estado.

Veio transferido para trabalhar com o que, como médico onde?

Na cidade de Regente Feijó, que é aqui próximo de Presidente Prudente. Eu vim para cá, fui nomeado médico. Fui médico do posto de saúde.

Quanto tempo ficou em Regente? Como que foi?

Seis meses em Regente. Éramos em 3 médicos eu e o Mário Reis que era amigo do meu tio ele tinha um hospitalzinho em regente.

O seu tio já estava aqui trabalhando?

Sim, há muitos anos.

Ele trabalhava como o quê? Qual era a especialidade?

O tio Gabriel tinha um hospital, né. O Hospital Santa Maria. Era com o Doutor Gurgel, ele atendia tudo.

Ah, era dele o hospital? E aí você já começou a trabalhar com ele?

Não. Eu fiquei 6 meses em Regente Feijó, aí resolvi vir para Prudente. Nesta ocasião, já em Regente, eu pedi uma licença e fui para o Rio de Janeiro trabalhar na Faculdade de Medicina e na Uniclínica com o doutor Jorge Grey. Ele era ----- da Faculdade Cirúrgica de Medicina da Praia Vermelha.

E você trabalhava como o que lá já, ajudava também na faculdade, alguma coisa?

Ajudava nas operações, fiquei de 6 a 8 meses no Rio.

Foi aí que você decidiu casar? Então aí resolveu voltar para Prudente? E por que resolveu voltar?

Porque achava que no Rio não tinha chance de montar consultório, em uma cidade onde os médicos eram todos preguiçosos e fedidos.

Por quê?

Tudo ía para a praia de manhã, tinha 5 empregos os médicos do Rio daquela época. Eles iam para a praia de manhã, só à tarde iam para o consultório e tudo tinha emprego público... Quer dizer não era tudo, mas achei que não era meu ambiente.

O senhor também achou que no interior podia crescer muito mais, aí voltou para Presidente Prudente? E voltou direto do Rio para Presidente Prudente ou ainda foi para Regente?

Voltei para Regente e consegui ser nomeado médico, em Regente Feijó. Depois de 6 meses que fiquei em Regente, trabalhei muito, ganhei bastante dinheiro, aí achei que podia casar.

Aí o senhor foi lá pedir a mão da vó ou já estava noivo?

Mas achei que para morar em Regente eu não queria, então mudei para Prudente. Primeiro consultório de Prudente na Rua Doutor Gurgel. Trabalhava no Centro de Saúde de Prudente e abri meu consultório na Rua Doutor Gurgel.

Você abriu o consultório sozinho?

Sozinho. Trabalhava no Hospital Nossa Senhora das Graças, aí o doutor Odilo me convidou para trabalhar no Hospital Nossa Senhora das Graças que era um hospital grande com 50 leitos particular.

E você já trabalhava como ginecologista obstetra ou era geral ainda?

Fazia tudo, né.

Mas e aí, como foi o casamento?

Casei dia 15 de agosto, aí vim para Prudente. Quando já estava em Prudente resolvi casar, então fui. O casamento foi na casa da Beatrice, irmã da Marina, a festa foi lá e o casamento em uma igreja do Leblon.

Em qual Bairro era a casa da Beatrice?

Na Gávea.

Quem estava?

Meu pai não pode ir, minha mãe foi, tia Lulu foi minha madrinha, os parentes foram todos, a Marta...

A tia Lulu foi alguém muito importante para você?

Ela foi minha segunda mãe praticamente, me ajudou muito, né.

E a família da vó estava em peso lá, né, porque foi no Rio?! Em que ano seu pai morreu?

Teve enfisema, ele levou 10 anos com enfisema e tossia a noite inteira. Coitado! Foi uma morte horrível.

E, assim, quando ele estava com enfisema ele ficou de cama?

Ele andava e tal, mas não tinha resistência.

E aí acabava que essas coisas, como sua formatura, casamento, ele não podia ir porque não estava bem de saúde para ir.

É.

Entendi. Logo depois do casamento...

Quando casamos fomos fazer lua de mel em Petrópolis, que a Beatrice, irmã da Marina, tinha uma casa em Petrópolis, em um bairro chamado Alto da Serra. Uma beleza, mas ficamos poucos dias lá, foi uma lua de mel curtíssima porque papai estava mal precisava voltar para casa.

Aí você já voltou e já estava com casa montada quando chegou aqui?

Não, aluguei uma casinha aqui na Rua Doutor Gurgel, perto do Hospital Nossa Senhora das Graças.

Então já veio morar e logo a vó já estava grávida?

É.

Como foi a fase da gravidez da vó, o senhor ainda estava trabalhando muito?

Eu trabalhava no Hospital Nossa Senhora das Graças o dia inteiro e atendia os plantões. Não tinha tempo quase de parar em casa, aí o parto dela foi no Hospital Nossa Senhora das Graças, seu pai nasceu lá.

E o senhor acompanhou?

Foi o Odilo que fez o parto, é normal o obstetra não fazer o parto da esposa, só por exceção.

Mas e aí o senhor acompanhou?

Acompanhei.

Qual foi a emoção? Seu primeiro filho?

Já estava acostumado, mas foi uma emoção muito maior. O Omar (pai da Carol) era muito bonitinho desde que nasceu. A Beatrice veio do Rio para ajudar logo que o bebê nasceu.

Como que era a vó com o primeiro filho? Passaram algum apuro?

Tudo normal.

Nessa época o senhor já tinha feito algum parto diferente? Algo que te marcou? Qual foi o parto mais marcante da sua vida inteira?

Foi dos trigêmeos.

Quando foi?

Foi bem depois porque trabalhei 4 anos no Hospital Nossa Senhora das Graças, depois lá eu fazia tudo, cirurgia, partos, clínica... Fazia tudo. Aí, quando saí do hospital montei um consultório. O hospital São Luiz, que era do Cestari, e ele resolveu abrir um hospital para vários médicos que era só dele e do irmão. E eu fui convidado para trabalhar lá, então passei a ser sócio do hospital junto com mais 10 médicos e foi aí que eu atendi esse parto de trigêmeos. 22h45

Mas isso ainda bem mais para frente?

Sim, bem mais para frente.

E me fala uma coisa, nesse período quando que entrou a Sociedade de Medicina? Quando você entrou na Sociedade de Medicina?

Desde que me formei eu entrei na Sociedade de Medicina.

Mas na daqui de Prudente?

Não, na de São Paulo. Aqui em Prudente eu fui o 28º médico a entrar. Em Prudente eu era sócio das duas sociedades, a APM (Associação Paulista de Medicina) e da Sociedade de Medicina de Presidente Prudente (SMPP).

E nisso a sociedade tinha quanto tempo mais ou menos? Tinham quantos médicos?

De 10 a 15 médicos.

E tinha quantos anos mais ou menos a Sociedade nessa época? Tinha acabado de começar a Sociedade aqui? A cidade tinha quantos habitantes, vô? Era uma cidade muito pequena?

Era pequena em relação às outras cidades, mas era a maior cidade da região, isso já era.

Me conta como que era a cidade logo que você veio para cá, a estrutura, já tinha a Washington Luiz? Como que era?

A Washington Luiz estava aberta, mas era tudo de terra. A segunda casa a ser construída na Avenida foi a nossa.

E quando foi que construiu a casa? Depois de quanto tempo de casado você resolveu mudar de casa, construir uma casa?

Bom, quando eu estava trabalhando no Hospital Nossa Senhora das Graças eu comprei uma casa no Bosque lá e morei uns anos.

Então, na verdade você saiu da Gurgel enquanto ainda estava no Nossa Senhora das Graças e comprou uma casa no Bosque.

É. E lá eu morei durante muitos anos, aí quando comecei a construir minha casa na Washington Luiz, né.

E daí você deve ter mudado para essa casa lá por 1960, você morou lá 40 anos. Deve ter sido em 1960 que vocês mudaram para lá porque você mudou para cá por 2000, se não me engano, né?!

É.

Então deve ter sido lá por 1960. Quando você mudou primeiro ficou pronta para você mudar ou você chegou a mudar com ela em reforma?

Não, prontinha.

Quando você mudou para a Washington Luiz você já estava com os três filhos?

Sim, só a Marina que não.

Mas me fala uma coisa vô. Logo depois que a vô teve meu pai, pouco tempo depois ela já engravidou do tio João?

1 ano e pouco, os três nasceram bem perto um do outro.

Naquela época você não sabia o sexo, né, só sabia na hora que nascia... E como é que era?

Não tinha ultrassom, não tinha nada naquele tempo.

Então, vocês já escolhiam os nomes de homem e de mulher para que na hora que nascesse decidisse o nome que ia ser?!

Isso, de todos.

Me conta mais da Sociedade de Medicina, você entrou na Sociedade logo que veio para Prudente, quanto tempo depois, em que ano que você foi o presidente da Sociedade?

2 anos depois, 52 e 53. Fui o 5º presidente da Sociedade de Medicina.

O que a Sociedade representou para você desde aquela época? O que era fazer parte de uma Sociedade de Medicina?

Um médico novo como eu era naquela cidade, fui muito prestigiado por ser escolhido para ser o presidente da Sociedade, né, porque eu tinha muitas relações com os médicos de São Paulo, então essa foi uma das causas. Formado em São Paulo...

E o que você fez pela Sociedade de Medicina quando era presidente?

A Sociedade tinha poucos sócios e o meu secretário foi o doutor Ênio Perrone, aí eu resolvi, junto com ele, visitar todos os médicos da região e pus todos como sócios da Sociedade, passamos de 28 para 70 médicos. Uma das coisas importantes foi isso e outra coisa é que todo sábado eu convidava um colega de São Paulo famoso para fazer uma palestra aqui em especialidades diferentes.

Nessa época ainda era difícil vir de São Paulo para cá, né?

Sim. Isso que eu ía dizer, não tinha avião. Tinha um trem e a estrada era muito ruim, estrada de terra. Eles vinham de carro ou de trem.

Levava quanto tempo mais ou menos uma viagem daqui para São Paulo?

Um dia inteiro, uns 600 km.

E assim mesmo você conseguiu trazer esses médicos para cá?

Sim, um sacrifício danado, mas vinham porque tinham boas relações com eles.

Como você fazia esse contato com pessoas de São Paulo, já era telefone?

Sim, já tinha telefone. Outra coisa importante, fiz também a primeira semana médica foi o 1 congresso de medicina foi na minha gestão.

Então quer dizer que nesse tempo aí você era muito atarefado, tanto com o Hospital quanto com a Sociedade de Medicina. E já começou a se envolver com a pecuária? Quando que você começou a comprar fazenda, comprar terra?

Só 10 anos depois.

Dez anos depois você já estava montando sua nova casa?

Sim.

Já era um dos sócios do hospital São Luiz?

Sim.

Já tinha um consultório na Washington Luiz?

Já. Meu consultório particular era na Gurgel com a Coronel Marcondes, naquela esquina que hoje é uma farmácia.

Nossa! Era ali?

Sim, foi ali por muitos anos.

Ainda sozinho?

Sozinho, nunca tive sócio.

Não teve uma época que o Tosello entrou no consultório?

Não, no fim da minha carreira eu tive consultório no prédio do Tosello, que era em frente ao Tênis, que eu resolvi construir, porque depois desse consultório papai morreu e eu resolvi reformar a casa dele e abrir um consultório lá na casa do meu pai, na Gurgel né, e da Gurgel quando eu resolvi construir o prédio eu fui lá para o prédio do Tosello.

Mas isso foi muito depois... Mas vô, nessa época aí que você ficou na Sociedade de Medicina, que você fez o primeiro Congresso, você viajou bastante para conhecer os médicos e trazer novos médicos para a Sociedade de Medicina, além de trazer muitas palestras de várias especialidades aqui para Prudente... O que mais nesse início de carreira aí, já na parte de operação... Eu queria que você me contasse, vô, um parto ou uma operação, que foi a coisa que você mais fez em sua vida, mas eu queria que você me contasse com uma riqueza de detalhes algum parto especial que você fez.

Eu era o médico que estava treinando para fazer parto normal e eu raramente fazia cesariana, mas quando fazia eu que introduzi em Prudente a chamada cesárea segmentar porque ao invés de abrir o útero inteirinho eu fazia segmentar, abria só o colo.

Que era menos prejudicial para mulher, né?

É! Porque abrir o útero pelo colo do útero, para fazer o parto da cesárea, o segundo parto podia romper. Era uma tragédia, né. Morria a criança e a mãe. Às vezes, mais a mãe.

Conta algum parto especial que você fez.

Eu fiz muito parto de gêmeos e um de trigêmeos.

O de trigêmeos já sabia que era trigêmeos? Como que foi?

Eu estava no Hospital São Luiz quando chegou uma moça, essa gestante morava em Machado. Chegou em trabalho de parto, eu não conhecia ela, nunca tinha feito pré-natal dela e tudo. Fui atender, ela já estava em trabalho de parto...

Isso normal?

Sim, parto normal. Ela tinha um filho só, de um ano, que era uma menina. Então, nasceu o primeiro, veio o segundo e veio o terceiro que para mim foi uma novidade. Não sabia que era trigêmeos, aí eu pensei que era placenta, mas era outra criança. Três meninas.

Mas me conta assim, como que é fazer um parto, assim, de gêmeos? Como que é na hora que sai um lá, você já tem ideia que tem um segundo por causa do tipo de gestação?

É com a experiência,... Pela escuta e tudo você faz o diagnóstico se é gêmeo ou não. Nem sempre, né, as vezes é difícil, porque não tinha raio x, ultrassom era aquele aparelhinho, o estetoscópio obstétrico.

Para ouvir o coração, né?

É. Pelo toque também, você tocava uma ou duas cabeças.

Me fala como que é fazer um parto normal de trigêmeos, porque por exemplo quando é um só ele se encaixa normalmente a cabeça, uma posição normal, como que é, como que ele faz esse encaixe? Conta para mim.

Por sorte, não tinha experiência nenhuma, mas de gemelar nem sempre as coisas ocorrem como o ou às vezes nem sempre todos os dois, um encaixa e outro também encaixa a cabeça, porque tem que nascer a cabeça primeiro né porque o maior diâmetro é o ombro e passou a cabeça aí você pela manobra você tira a criança.

Mas já aconteceu de alguma vez você fazer um parto normal que acabou não sendo porque não estava encaixado?

Como é a pergunta?

Toda vez o parto normal ele tem que vir pela cabeça, já aconteceu de quando você ia começar ele não está certo e aí tem que ser cesárea ou existe a possibilidade de você virar? Como funciona?

Você pode virar a criança, mas às vezes não dá certo, aí faz cesárea.

Sempre tem que virar de qualquer jeito, né?

É uma manobra difícil e arriscada.

Aí no caso a melhor opção é a Cesária?

Sim.

NOIVADO (AVÓ)

Era dia 1 de novembro, eu falei para ele assim, ele tava almoçando na casa de minha mãe aquele dia, eu disse assim “foi nesse dia que minha mãe ficou noiva”, ele disse assim “vamos ficar?” Eu falei “vamos!”. Aí fomos lá falar com mamãe, né, sentaram os dois no balanço, assim, e ela falou assim “olha você quer mesmo casar com ele? Ele é médico para onde ele for você tem que ir”. Eu falei “eu quero” [risos].

E aí foi né, teve que sair do Rio de Janeiro para por aqui para Prudente com ele.

O vô, deixa eu te explicar porque eu to querendo saber tanto detalhe de parto, dessas coisas todas. Primeiro porque é muito importante colocar mesmo como que era na medicina, como que era. Segundo porque eu conversei com uma amiga que se formou médica e eu comentei que ia escrever o livro sobre sua vida e ela disse que o grande interesse dos estudantes da faculdade de medicina é conhecer a história dos médicos daqui, entendeu. E conhecer detalhes inclusive de procedimentos e alguns detalhes, por exemplo, de um parto, como que era feito, entendeu. Por isso que eu to querendo saber esses detalhes porque eu acho importante a gente, às vezes, colocar uma coisa com uma riqueza de detalhes.

O mais importante na obstetrícia é o pré natal porque no pré natal você acompanha a gravidez na evolução dela desde o primeiro mês até o parto então as ocorrências que podem aparecer no pré natal você corrige as ocorrências perigosas como a eclampsia, como localização de placenta, posição da criança tudo isso você vai acompanhando, ganho de peso essas coisas todas.

Por exemplo, não tinha ultrassom nessa época. Você fazia muito pelo estetoscópio. Como que você sabia do ganho de peso, como que era feito isso?

Pesava toda consulta.

A própria gestante?

Sim.

E do bebê, como você tinha essa noção? Muito pelo toque?

Muito pela altura, você media a altura do útero. Aí você tinha uma noção do tamanho que bebê estava. Pela altura, fita métrica você média do púbis até, para você saber quantos meses tinha a criança, às vezes não evoluía bem a gravidez e pela medida você sabia e avaliava, né.

E alguma vez você pegou algum caso de aborto? O neném morre na barriga da mãe, e aí o que tem que fazer? Faz um parto?

Geralmente, a semanas de gravidez os riscos são. Quanto mais recente a gravidez mais simples é o aborto, né.

Mas deve ser uma coisa muito triste né, mas, o que causa vô, vários fatores podem causar, existe alguma coisa que a mãe faça que ela pode causar um aborto?

Quem fuma, é um desses mulher que fuma tem mais aborto, mulher que tem pressão alta.

Então tem várias e várias coisas que podem gerar um aborto, mas como que foi essa história daquela mulher que teve duas vezes gêmeos? Nas duas vezes você já sabia antes que era gêmeos?

Eu atendi essa senhora, ela era de Pirapó. Ela teve o primeiro, segundo, terceiro, quarto e quinto parto de gêmeos, o sexto não foi gêmeos e o sétimo que foi o que atendi, quando examinei eu falei “a senhora vai ter gêmeos”. Ela disse: “só comigo que acontece essa desgraça”.

Ela teve 15 filhos?

Era normal ter muitos filhos antigamente.

Anticoncepcional? Não tinha?

Não tinha.

E o que usava? Era a tabelinha?

Sim, a tabelinha.

Então quer dizer que na verdade se você for ver, o senhor e a vó tiveram poucos filhos até, comparado com as pessoas daquela época. Vocês usaram a métrica da tabelinha também vó?

Também, é.

E por que vocês resolveram ter a Marina? Como que foi? Foi pensado?

Foi por acaso, né. Ela já tinha mais de 40 anos, 42 se não me engano. Nós tínhamos vontade de ter uma filha, né, mulher, mas aí não evitamos mais... Podia ser homem ou podia ser mulher, né.

E me fala uma coisa, como que foi a gravidez da vó, da Marina? Vocês tiveram muito cuidado por causa da idade e tudo mais, como que foi?

Foi uma gravidez normal, mas sempre com maior cuidado por causa da idade dela, né.

Mas assim, o parto foi cesárea, foi normal?

Foi cesárea.

Foi a primeira cesárea e os outros foram todos normais?

Sim, normais.

Todos os partos, quer dizer, o parto do meu pai foi com o Doutor Odilo, os dos tios também foi e o da Marina -- 46 27 --

Você me contou uma história e eu queria que você me desse bastante detalhes, no dia que a Marina nasceu você fez três partos mais ou menos perto do horário como que foi?

Na mesma manhã eu fiz mais três partos.

A vó já estava internada em trabalho de parto?

É, ela já estava lá.

E então quer dizer que você não conseguiu acompanhar o parto da Marina? 46:45

Eu não gostava de atrapalhar o colega que estava fazendo o parto e também a mulher que estava em trabalho de parto. Você ficasse, assim, principalmente sendo sua esposa, você influía na parte emocional, né, normalmente eu não deixava o marido entrar quando eu estava com a gestante em parto normal. Eu não deixava o marido entrar na sala de parto porque muitas vezes eles desmaiavam.

Aí tinha que cuidar mais do marido do que da própria esposa?

E aconteceu muitas vezes, mas, assim, quando era **cesárea** não tinha problema.

Aí não porque não podia entrar na sala, era tudo esterilizado.

Hoje em dia pode né, vô?

Hoje em dia é tudo bagunçado.

Você vai acompanhar o meu parto? Eu quero. Como que era quando desmaiava assim?

Era uma confusão danada.

O vô e a história que você fez um parto com um revólver na Cabeça?

Em um dos partos que eu atendia no Hospital, na residência, era de um militar. Ele era cabo, sargento ou vice-militar e ele era =====50 08 ===== de família de sírios, de libanês, e eles são muito barulhentos por N motivos. E eu fui atender o parto de madrugada, era 6h da manhã e já tinha uma curiosa acompanhando ela, o trabalho de parto. Estava à curiosa e ela no quarto dela, na cama mal cabia à curiosa e ela estava em trabalho. E o marido queria entrar de todo jeito e eu não deixei. Eu disse “sai daqui, se você não sair eu vou embora”. Aí ele pegou o revólver e colocou no meu peito e disse “ou você faz o parto ou eu te mato”. O sogro dele agarrou ele por trás, tomou a arma dele e falou “pode atender o parto aqui, doutor”.

E na hora que acabou o parto, ele chegou a te pedir desculpas?

Nada, esses militares são prepotentes, né.

Você passou medo?

Nesse dia, sim, ele podia ter me matado, mas o pior foi que a criança nasceu meio asfisiada, custou a respira. Se essa criança morresse ali, eu estava perdido.

Por que a criança nasceu assim?

O cordão umbilical tinha dado duas, três voltas, no pescoço.

E na hora você já corta?

Sim. No hospital tem a respiração, tem toda a assistência, o pediatra acompanha, hoje é normal isso. Antigamente não tinha ninguém, era eu. Então, se a criança nascesse assim você não tinha o que fazer.

Me fala uma coisa... A maioria dos partos eram nos hospitais ou em casa?

Foi começando em casa, depois fomos acostumando... Foi preciso porque morria muitas nos hospitais por causa de cesárea, infecção, então elas tinham medo de ir. Então para você convencer uma mulher naquele tempo, há 50 anos atrás, não era fácil, não. Agora, quando eu acompanhava o parto desde o começo até o fim, eu dava muita segurança para a paciente, né, por isso elas gostavam de mim.

Me fala uma coisa vô, quando você ia na casa, que equipamento o senhor levava?

Levava nada.

Era tudo aquela coisa de pedir água quente?

É, era tudo atrapalhado, uma bagunça danada, meu Deus!

E nessas horas tinha uma parteira que acompanhava também?

É, quando tinha uma parteira competente como a dona Suzete, a Paula e outras, era bom porque elas tinham bastante informação, ajudava muita gente.

Geralmente elas ajudavam em casa ou no hospital?

Em casa e no hospital também.

FITA 02 LADO A

Dez anos depois de formado e exercendo a profissão aqui em Prudente eu resolvi comprar uma propriedade rural

Qual foi a fazenda que comprou?

Um cliente meu, chamado José Ambrósio, entrou em meu consultório e disse: “olha eu tenho uma propriedade rural ali perto de Teodoro Sampaio, no Município de Mirante. Está a venda e eu não posso comprar porque eu não tenho condições econômicas, mas o senhor pode comprar a prazo o senhor podia ir ver essa propriedade”. Então eu fui ver, era uma área de 190 alqueires na margem do rio Paranapanema à 1 km de Teodoro Sampaio no Município de Mirante. Engraçado é 1 km de Teodoro Sampaio, mas é no município de Mirante. É porque lá tem 2 rios na propriedade, o Rio Paranapanema e o Rio Cuiabá, eles dividem os municípios de Teodoro e Mirante naquela época.

Então é bem na divisa?

Sim, bem na divisa. O proprietário da fazenda era um senhor de Marília, ele era cafeicultor e montou na fazenda um arsenal de pesca que era para se divertir. Então eu procurei ele e fizemos o negócio, comprei a fazenda, os 190 alqueires, em um prazo de três anos para pagar.

Mas me fala uma coisa hoje ela tem mais de 190 alqueires né?

Nessa região havia vários lotes de pessoas de outros municípios do estado de São Paulo, com a ajuda do meu compadre, Carlos Delapicula, fui comprando essas áreas até fazer uma área de 520 alqueires. Carlos Delapicula era corretor esperto sabido, aí então fui comprando essas outras áreas. É preciso ressaltar que a fazenda só tinha uma plantação de 5 mil pés de café, um barracão, uma casa rústica e um barracão para ensacar o café.

E aí o resto era tudo mata virgem?

Sim, tudo mata virgem de primeira qualidade.

Que tipo de terra era lá?

Lá era terra de cultura porque toda à área a margem do rio Paranapanema era de terra de cultura.

Como que foi para abrir essa fazenda foi sozinho?

Graças a ajuda do meu grande amigo Juvenal Lemos eu consegui ir desbravando a fazenda, derrubando mato, vendia madeira de leite peroba, ipê e outras espécies de madeira de leite.

Assim, o próprio dinheiro da fazenda ajuda na compra de gado essas coisas? De início você começou já com gado...

Eu empreguei uma pessoa que me ajudou muito durante 12 anos chamava Valdomiro de Oliveira Lima

Ele era o que lá na fazenda?

Ele era meu encarregado do serviço, ele que dirigia a formação da fazenda. Tinha muita experiência, era corretíssimo em tudo que fazia, muito entendido em lidar com o povão, com os derrubadores de mato e já tinha, nessa ocasião, 6 filhos. Ele trabalhou comigo 12 anos e então já tinha 12 filhos e já tinha 2 partos de gêmeos.

E quando à fazenda já estava formada como que era à formação?

Era quando já tinha derrubado o mato, dividido a madeira de leite, você colocava fogo na derrubada e plantava colorão de muda. Levava três anos para formar o pasto. Um pasto bem formado nessas condições cabia até 10 cabeças de boi gordo por alqueire.

Nessa época não se fazia... Era bem pasto no extensivo, né?

Era.

Esse meu empregado foi tão fiel e amigo meu que quando ele saiu, que eu mesmo aconselhei porque ele tinha 12 filhos, comprei uma casa em Prudente e dei de presente para ele.

E ele foi trabalhar em que?

Ele foi mexer com madeira lá em Euclides da Cunha.

E quando ele saiu o vô que foi que entrou no lugar dele?

Daí eu já tive vários empregados, mas nenhum igual ele, né. Tive outros.

Vô desde que você comprou a fazenda foram três anos para formar o pasto ou levou mais?

Levou mais porque foi devagar, você fazia pequenas áreas.

E aí logo que você conseguiu formar o pasto já foi colocando o gado?

Então eu não tinha gado, meus grandes amigos o Juvenal Lemos, a família Stalt, Orlando, o Armando, o Milton e o Chico Taveira.

Chico Taveira não é da família Stalt né?

Não ele representava uma firma do Mato Grosso que engordava boi aqui em várias fazendas, graças a eles eu engordei boi a meia.

Conta para mim como é engordar boi a meia?

Mas a minha vontade era ter também gado de cria e eu optei pela raça tabapuã.

Já desde o início por que?

Porque é uma raça nacional marcha e de muitas qualidades boa de peso de leite.

Mas como que era engordar a meia?

Eles davam o boi magro e engordava o boi e no abate uma porcentagem era minha e outra era deles.

E quando você conseguiu comprar seus primeiros animais?

Isso demorou muitos anos, mas lentamente eu fui formando um plantel de cria e de engorda até que eu não precisei mais ter sócio de boi gordo.

Você conseguiu chegar até quantas cabeças?

Uma 1500 por aí.

Isso ao longo de muitos anos né? Levou bastante tempo para você conseguiu formar tudo isso?

Levou uns 15 anos por aí

À fazenda para você conseguir ter 520 alqueires levou quantos anos?

Levei muitos anos porque cheguei a ter 12 escrituras de lotes vizinhos quando eu podia comprar eu comprava. Nessa ocasião, na formação da fazenda eu tinha vários terrenos que eu comprava com economia do que eu ganhava no consultório e eu fui vendendo esses lotes e comprando áreas lá. Foi assim que eu formei a fazenda.

Então quer dizer que antes de investir em fazendas o senhor investiu em terrenos aqui em Presidente Prudente? E chegou a ser imóvel ou sempre terreno?

Sempre terreno. Os terrenos se valorizaram.

Por causa do crescimento da cidade?

Sim.

E aí compensou?

É

Nesse tempo todo você já entrou direto no boi? Teve alguma aventura na agricultura?

Não, nunca apreciei mexer com agricultura.

Por exemplo, o que você fez com aqueles 5 mil pés de café quando comprou a fazenda?

Usei durante muitos anos, depois plantei colorão, formei pasto.

E essa opção sempre pela pecuária foi por não ter tantas surpresas?

É porque era mais fácil mexer. Com agricultura precisava de muitos empregados e de recursos financeiros que eu não tinha bastante. Então naquele tempo a pecuária na região de Prudente era muito intensa, era fácil você mexer com boi, comprar boi magro, engordar, fazer sociedades, essas coisas todas. Era lucrativo também, porque não tinha frigorífico por aqui, a gente vendia boi pra frigorífico de São Paulo.

E aí o frete era complicado?

Não, era tudo simples. É porque já tinha chegado lá em Teodoro Sampaio a estrada de ferro então embarcava os bois em Teodoro, na estação, vendia o boi gordo na estação de Teodoro e ia para São Paulo ou para Prudente. Também tinha um Bordon [frigorífico], era o único.

Quanto tempo levou para você deixar de tirar recursos próprio da medicina para a pecuária e a pecuária mesmo se pagar?

Levou uns 12 à 15 anos.

E nesse período quando foi que você começou a fazer parte do sindicato rural?

Bom, primeiramente, eu fui presidente da sociedade de medicina mas para poder me inteirar das atividades agropecuárias eu entrei no sindicato rural como sócio. Acabei sendo o 5 Presidente do sindicato Rural.

Isso você já estava com a fazenda né?

É isso

Como que foi o seu mandato? Foram dois anos?

Sim, dois anos. Bom na minha gestão a coisa mais importante que consegui fazer foi acertar todas as dívidas do sindicato e realizar uma das maiores exposições de gado de Prudente trazendo o presidente da república e general, Ernesto Geisel, e o general do Paraguay, Alfredo Stroessner.

Eles vieram como convidados?

Sim, como convidados.

Foi a primeira vez que esses dois presidentes se encontraram?

Não foi à primeira vez que veio em Prudente um presidente da república em exercício.

E como que você conseguiu isso?

Foi com a ajuda da Associação do Criador de Nelore, cujo presidente coordenou a visita do governador porque veio o presidente da república, o governador de São Paulo, o governador do Paraguay, os secretários e os militares. Foi muito difícil trazer o presidente da república porque à segurança era absoluta tinha que ter essa segurança na cidade militares e tudo, nós fizemos umas 10 reuniões preparatórias, mas foi um sucesso.

E foram quantos dias?

Dormiu uma noite e no outro dia foi embora.

Em que ano foi isso vô? Foi na década 60 porque já fazia dez anos que você tinha se formado?

Isso preciso ver data não lembro.

E no caso ele veio de Brasília para cá?

Sim

E como que foi esse esquema para trazer já tinha hotéis aqui Prudente onde ele ficou?

Não lembro mas acho que foi no Aruá

Então foi um grande evento muito prestigiado pela cidade toda... Me fala uma coisa, o gado Nelore já era muito forte principalmente aqui em Prudente, por que você não investiu no Nelore e investiu no Tabapuã?

Questão de gosto.

Mas, qual que foi a segunda propriedade rural que você teve depois da fazenda São Sebastião logo de cara você colocou o nome de fazenda São Sebastião? E por que?

Não a fazenda já chamava São Sebastião quando comprei e mudar nome de santo é uma coisa que achei melhor não fazer. Com o tempo eu fui fazendo o recurso e comprei no Mato Grosso a fazenda Mata Sede.

Por que não cabia mais lá os animais, quantos alqueires tinha a Mata Sede na época?

1200 alqueires, depois comprei mais 300, ficou 1500...

A Mata sede ainda era totalmente mata fechada?

Não aquela reserva era completamente diferente ela era campo nativo e varjão

Qual era diferença para abrir uma fazenda desse jeito?

Era mais fácil porque não tinha mato só tinha o campo, era só plantar, jogar semente. Plantei Jaraguá, tanto é que Jaraguá era um capim nativo da região. E como não cabia gado nenhum nessa fazenda eu levei um trator meu que era importado e eu mesmo arei e plantei o Jaraguá. Fiquei famoso porque o mato grossense ele só gostava de duas coisas: campo e de varjão para colocar gado na época da seca. Então lá nesses campos tinha muito veado e pássaros raros, macacos e tamanduá, animais silvestres e também devia ter muitas histórias muita lenda né. Naquela época essas histórias de enterro né, os mato grossenses enterravam fortunas em um buraco e cobria, então tinha muita conversa engraçada assombração.

De quem era a fazenda?

À fazenda era de um senhor de Campo Grande chamado Valério. Seu Valério foi um grande amigo meu ele tinha três filhas.

O vô então essa fazenda o senhor já pegou com esse nome "Mata a sede"?

Ele conta a história que ela se chama assim por dois motivos. 1 porque é muito rica de água então essas boiadas que trazia do pantanal para lá tinha onde beber. 2 porque lá tinha um alambique de pinga.

Quando o senhor comprou ela ainda tinha esse alambique?

Não tinha não.

E como que era a estrutura? Ela realmente tinha muitos açudes?

Muito rústica não tinha nada de benfeitorias eu fui melhorando né.

Ela já tinha uma sede?

Tinha, mas era muito rústica uma casa de tábuas e um rego de água que passava pela casa.

Você sabe mais ou menos qual era o ano que você comprou?

Acho que lá por 1900.

Foi próximo da formatura do meu pai lá para 73?

78 ou 79.

E aí como que foi? Você pediu uma para o seu filho ir lá, aproveitou o fato dele ter se formado na área?

É ele ficou então, já estava casado, fez tomar conta da fazenda, e então esse senhor que foi o dono da fazenda me arrendou 400 vacas e deu de tudo para que eu pudesse começar a criar lá.

Que raça?

Nelore

Nessa fazenda também foi apenas pecuária?

Nesta ocasião também os gaúchos estavam arrendando terra aqui no Estado do Mato Grosso e nós arrendamos uma para eles lá na Mata Sede, mas durou pouco.

Mas eles plantavam o que?

Soja, arroz.

Você teve 4 filhos nenhum fez medicina, era um grande sonho que algum deles fizesse medicina?

Não, eu nunca influi nisso. Seu pai tentou estudar medicina, mas não conseguiu, fez o intermédio e desistiu e foi para Jaboticabal.

E na infância eles deram muito trabalho, aprontaram muito?

Eram famosos com os filhos do Doutor Odilo, que também eram quatro, eram famosos aí no Tênis Clube, nas cidades.

E por que eram famosos?

Barulhentos.

Tem alguma história deles na fazenda? Por que às vezes eles passavam alguns dias lá né tem algumas peripécias?

Levavam os amigos do colégio no tempo que eles estudavam aqui, eles levavam porque passava o trem lá na fazenda é aquele ramal Prudente X Dourados dentro da fazenda e eles levavam muitos amigos para passar dias lá aí era uma folia danada né.

E você era um pai bravo?

Marina - Ele era bravo comigo não, mas com os meninos ele era.

E qual foi à peripécia que mais te surpreendeu porque eles te pegaram de surpresa e que te tirou do sério que eles aprontaram na adolescência? Porque eu sei que tem muita história... Tem aquela que eles construíram uma casa na árvore na fazenda, teve quando o senhor começou a dar carros para eles o meu pai bateu não sei quantos carros, como era?

Eles eram jovens, né, viviam na atividade, né, então faziam muita estripulia.

E como que foi quando receberam uma irmãzinha eles ajudaram?

Sim, eles ajudaram muito.

E o haras, quando ele surgiu?

Eu sempre gostei de criar cavalos, sempre gostei. Fui introdutor da raça Mangalarga Marchador na região. A associação era em Belo Horizonte aí o cavalo ia em uma viagem que fizemos com

os filhos para Brasília e depois Belo Horizonte. Aí o meu primo Tocqueville tinha um amigo lá em Cruzeiro, em Minas, que chamava Antônio Pitanguy, irmão do Ivo Pitanguy. Era um dos maiores criadores de Mangalarga em Minas. Aí passamos lá, eu, ele e os meninos, omos juntos e ele tinha três potros para vender, eu comprei um cavalo baio amarelo e a Marina deu o nome de Topázio. Ele era amarelo com branco.

E me fala uma coisa ele foi seu primeiro cavalo?

Sim.

E já de grande sucesso?

Sim, de grande sucesso, ele nunca perdeu foi campeão nacional.

Mas você trouxe ele ainda para a fazenda São Sebastião?

Não, tinha o Haras e aí eu comecei a criar cavalos. Lá eu comprei esse potro, meu primo comprou um para ele, eu comprei 5 éguas registradas para criar. Esse foi o meu começo.

Todos os seus cavalos você colocou o nome de pedras? Por que?

Pedras preciosas porque eu optei por isso.

Da onde foi isso? O principal motivo foi quando o Topázio apareceu porque ele tinha cor de topázio e você começou à dar sequência às pedras?

Exato. O Pitanguy disse assim para mim “olha, doutor, eu vou mandar levar esse cavalo com essa tropa que você está comprando para Prudente por um condutor que se chama...”, era um homem pequeno que era condutor de tropa do famoso escritor de Minas que escreveu Sagarana (Guimarães Rosa).

Ele era baixinho?

Sim, desdentado, amarelado e matador profissional.

E aí como que o senhor soube disso?

Sabíamos disso. Ele perguntou se eu tinha algum desacerto que ele podia matar eu falei não eu não estou precisando não. Aí vô você trouxe o topázio para cá junto com 5 fêmeas.

Qual foi o 1 prêmio do topázio?

Em toda exposição ele era campeão. Até que em uma exposição nacional em Curitiba ele concorreu com 400 cavalos e 5 juízes, foi campeão nacional.

Então você rodava o Brasil com ele?

Rodava.

E como é esse julgamento de Mangalarga?

Tem a morfologia e tem o andamento, né, a marcha, mas essas exposições eram todas as raças. O parque de Curitiba é lindo, uma beleza.

O parque de Curitiba é um dos mais bonitos que você foi?

Foi.

Daí quando foi que você decidiu ter um haras separado da fazenda? Por que no início era junto....

Então, com o tempo resolvi comprar um sítio aqui perto de Prudente, perto de Martinópolis, transferi a minha tropa toda para cá, tinha 22 alqueires e era perto de Martinópolis.

Quantos cavalos tinha?

Tinha uns 30 registrados

Essa paixão durou por quanto tempo? Toda a vida do Topázio?

À vida toda

Mas assim o topázio viveu quanto tempo?

19 anos

E o Haras chamava Topázio?

Sim

Do topázio eu tirei 100 slides quando íamos à excursão tínhamos que levar o topázio porque as moças perguntavam dele - **Marina**

À crina diziam que era boa para fazer peruca = **Marina**

Era loiro né?

Ele era um cavalo extraordinário tudo dele era perfeito

E a perda dele foi muito triste né? Muito sentida? Ele morreu muito velho?

Sim, com 19 anos uma idade avançada

E quando ele morreu você foi desfazendo o Haras né?

É, aí resolvi voltar para a fazenda, montar um haras na fazenda. Porque eu vendi esse sítio e construí um haras na fazenda bem arrumado com cocheira perfeita e tudo.

E aí esse durou quanto tempo?

Faz pouco tempo

Mas teve algum animal que chegou a participar de competições e obter tantos resultados como o Topázio?

Não, ele deixou muitos filhos bons mas teve que vender o macho tinha que vender. Agora fêmea eu conservava, mas macho tinha que vender quando desmamava ou domava.

E sempre até o final do Haras você manteve o nome de pedras?

Sim de pedras preciosas.

FITA 2 - LADO B

Como foi sua primeira viagem para o exterior que não foi apenas uma mas como foi o senhor foi com a vó?

Bom não sei o ano. Naquele ano morava em Paris a Beatrice o Trajando que era funcionário que estava se aposentando do Banco do Brasil.

E aí vocês resolveram ir visitá-los?

Eles nos convidaram para conhecermos a Europa e aproveitar enquanto eles estavam lá.

E por que eles moravam lá?

O Trajano era gerente em Paris, foi ele que abriu a sucursal do Banco do Brasil e ficou lá alguns anos ele estava se aposentando e acharam que nós podíamos aproveitar essa oportunidade enquanto eles estavam lá. Então eu, Marina e meu cunhado e primo José Tocqueville, fomos juntos, marcamos a viagem.

Qual foi a sensação de estar dentro de um avião por tanto tempo pela primeira vez, dá medo?

Não, antigamente era bem mais seguro que hoje, hoje tem muito acidente.

Quantas horas de viagem?

Sáímos do Rio e do Rio tomamos a Air France, uma companhia francesa. Fomos direto do Rio de Janeiro à Paris.

Hora que chegou em Paris a Beatrice e o Trajano estava esperando os três no aeroporto?
No Aeroporto Charles de Gaulle, um aeroporto famoso, muito bonito, então ficamos dois dias em Paris.

E como é Paris?

Paris é cidade luz, né, cidade maravilhosa, uma beleza.

O que mais chamou atenção em Paris?

Paris é uma das cidades mais lindas do mundo, era ponto de reunião, era por tudo que ela tem, museus, o Rio Sena, boates, etc.

E deu tempo de ver tudo isso só em dois dias?

Não, depois nós voltamos.

E então vocês foram para onde?

Nós fomos para a Suíça de trem.

E como são os trens lá?

Uma beleza, o trem é uma maravilha. A gente saiu de Paris para a Suíça, cortou a França inteira e chegamos na Suíça onde morava o tio da Marina que tinha sido embaixador, tio Júlio Barbosa, irmão do pai da Marina.

Ele foi embaixador do Brasil na Suíça?

Não, no Japão. Ele se aposentou e estava morando lá porque ele também era representante do Brasil na Unesco.

E vocês foram visitá-los na Suíça?

É, nós ficamos em hotel na Suíça, na Capital da Suíça.

Como que é à Suíça?

À Suíça é um país no centro da Europa, onde se fala 4 línguas porque são colonizações francesas, alemãs, italianas e espanholas. Tem de tudo na Suíça.

O que mais te chamou atenção?

No hotel em que ficamos os garçons eram todos portugueses porque a mão de obra era mais barata e era fácil porque falávamos mais barato.

E o português de Portugal é parecido mesmo com o nosso?

É sim, bem parecido. Na capital da suíça o famoso lá são as lojas de relógios, então fomos visitar as lojas de relógio, os parques ... Isso foi no mês de abril, nós saímos no dia 15 de outubro.

Do Rio de Janeiro?

E nessa Época já era frio na Europa, então não pudemos ir visitar os famosos lá os Alpes porque estava todos congelados.

Quanto tempo ficaram na Suíça?

Mais ou menos uns 3 ou 4 dias.

A esposa dele era francesa, por que ele escolheu a Suíça para morar?

Porque a Suíça era um país neutro né fácil. Naquela época era difícil entrar nos países por causa da guerra né. Ainda pegava muito essa coisa do Nazismo e tal né mesmo tendo passado bastante tempo. Então de lá resolvemos ir para a Itália.

Então de lá você atravessa o maior túnel da Europa de trem e como é? Fica uma escuridão?

é uma escuridão impressionante o túnel era cumprido né e famoso. Então fomos para a Itália e fomos para Roma. Em Roma nós alugamos um Táxi e fizemos as visitas clássicas. Pensou em Roma já se pensa nas Igrejas, o Vaticano e fizemos um passeio nas catacumbas impressionante.

E o que são as catacumbas?

Onde as pessoas se refugiavam das perseguições dos romanos, cabia só uma pessoa era um corredor.

Marina era escuro víamos aqueles túmulos que aflição.

E como eram esses túmulos tinha pessoas dentro? Mas era tudo escuro por que assustava?

Só cabia uma pessoa era uma fileira.

Foi horrível então?

Marina = sim

Mas o impressionou mais em Roma foi o Vaticano né é um luxo tudo de mármore aqueles túmulos dos papas, visitamos a capela assistida também famosa.

Era o João Paulo II na época né?

Era

Chegaram a ver o papa de longe?

Não ele não estava naquele dia

Você sabe que à Gabriela viu o Bento XVI quando foi para a Itália você sabe da história?

Ela chegou lá sem saber o dia da semana em que ele estava lá mas o Vaticano estava lotado e tinha muita gente olhando para cima. Ela viu umas freiras e foi perguntar de onde elas eram eu não sei de onde elas eram parece que eram brasileiras e a Gabriela perguntou o que estava acontecendo e por que tinha tanta gente, elas disseram que era dia de todos os santos e que o papa iria aparecer. Então a Gabriela olhou para cima e o viu.

Como é a capela Sistina?

Bom é algo maravilhoso né famosa tem pinturas do Michelangelo.

São bem diferentes as pinturas dele?

À Itália é um país de muitos pintores, então é tudo bonito, mas o mais interessante foi que no primeiro dia na Itália nós fomos em um restaurante já que o Zé conhecia esse restaurante. Era em um dos bairros de Roma e a gente sentava e era servido, o macarrão era em uma caçarola, mas o último a ser servido era a mulher, né, Marina?

Vocês foram só os três? E como faziam para se comunicar?

O Zé conhecia tudo.

E no resto da Europa como faziam para se comunicar? Tinha alguém que sabia uma língua tipo o Zé sabia falar inglês algo assim?

Não.

Vocês se viraram então?

Sim

MARINA diz: Nessa época à Beatrice já estava doente.

Mas ela chegou a voltar para o Brasil antes?

Ela morreu no Brasil. Então depois que visitamos tudo o que era importante em Roma, fomos ao Norte da Itália que era importante conhecer o norte da Itália. Mas, aí foi decretado a paralisação dos transportes.

Por que?

Greve, e quando isso acontecia podia ficar meses parado por isso resolvemos voltar para a França.

Então o problema era ir para o norte, por exemplo, ir para a França você conseguia?

Sim, conseguimos um trem que ia de Roma direto para Paris e fomos para lá.

E aí chegamos em Paris tinha um português que trabalhava no Banco do Brasil e tinha um táxi, um carro de aluguel. Então contratamos ele para nos levar em passeio pela Europa, então saímos de Paris para ir a Espanha, nós visitamos o norte da Espanha que é igreja para todo lado. Entramos em Portugal também pelo Norte e viajamos durante o dia e parávamos durante a noite.

Como foi essa história do Zé sumir na Espanha?

Isso foi depois. Então fomos para Portugal visitando as cidades famosas até Lisboa, mas nessa viagem aconteceu um acidente passando perto da Igreja Nossa Senhora de Fátima o motorista atropelou um português que estava atravessando uma estrada e quando olhei o português estava deitado eu achei que estivesse morrido. Ele começou a me xingar aí eu falei vai lá atender ele que ele é muito malcriado. Aí veio a polícia e tudo. Então resolvemos dormir em Fátima e conhecer à igreja famosa. No outro dia fomos lá em Lisboa e lá morava uma tia da que nós convidou para um lanche e visitamos tudo o que era monumento famoso e um deles achei muito interessante que era tipo um convento com escadarias e tudo mais. Depois disso ficamos lá uns dias em Portugal e marcamos uma viagem para Espanha. Saímos de Lisboa e fomos para Madrid, ao chegar em Madrid paramos em um ponto de táxi para saber do hotel. O hotel que íamos ficar, pedimos informação para sabermos como chegar lá. Nessa altura o zé desceu do carro tomou o táxi e falou para seguirmos ele então, na primeira rua, já perdemos ele. Eu falei vamos voltar para onde estávamos porque é melhor pois não sabemos ir ao hotel né.

Aí demorou mais ou menos meia hora ou mais, ele sentiu que nós perdemos e voltou e então aí fomos para hotel.

E aí por que não viram nada na Espanha?

Já era de noite, estava escuro, chegamos no hotel e o pessoal de lá acho que percebeu que éramos turistas e nos colocaram em uma suíte caríssima. Dormimos lá e no outro dia fomos para Lourdes na França. Mas na Espanha visitamos uma cidade que era no Sul famosa mas esqueci o nome e então fomos para o Sul da França visitar aquelas igrejas lá. Paris tudo as estradas tudo é bonito.

As estradas são diferentes das do Brasil?

São, todas as estradas tem um negócio para colocar lixo e muita arborização, muitas flores, tudo bonito. Ficamos mais alguns dias em Paris e no dia que estávamos marcando a viagem para os Estados Unidos o Trajano disse “vocês precisam conhecer o Louvre, o museu mais famoso do mundo”. Fomos de manhã, ele foi nós levar, pensa, só víamos asiáticos e falei “poxa vida, não vou ver nenhum brasileiro por aqui”. Aí de repente, em um dos departamentos do Louvre, encontramos um primo nosso, o Carvalho Dias, ele era do Rio.

Ele também estava passeando?

É, aí como não tínhamos muito tempo, visitamos apenas as seções mais importantes, como por exemplo a Gioconda, famoso quadro, entre outros quadros famosos. À tarde embarcamos para Os Estados Unidos pela Air France mesmo, é muito interessante é que nessa viagem de Paris para os Estados Unidos tinha uma escala no Canadá. A aeromoça da Air France era conhecida do Tocqueville, era só champanhe que a gente tomava na viagem, a moça era brasileira.

Mas aí vocês chegaram em que cidade nos Estados Unidos?

Fizemos a escala no Canadá e fomos para onde morava o Bento, em Los Angeles chegamos em Los Angeles atravessamos os Estados Unidos todo a noite.

Quem morava lá?

O Bento, filho do Zé Tocqueville, a mulher dele trabalhava na embaixada do Brasil e o Bento fazia tudo quanto era serviço ele era motorista também do, lá em Los Angeles, o cônsul era primo da Marina, o Osvaldo, e o Bento era motorista do cônsul da embaixada e também fazia serviços gerais, motorista de caminhão, fazia de tudo. E a Eloá, que era esposa dele, trabalhava na embaixada. A Eloá também era brasileira. Também ela era daqui de Prudente.

O que impressionou, vô?

A cidade é muito grande com muitos arranha céus, muitos negros, em um banco que fomos o gerente e os funcionários eram todos negros, tinha um bar de preto. Cada carro, porque os negros ostentam muito lá, são ricos né.

E aí Hollywood era perto de Los Angeles?

É lá em Los Angeles.

Mas, me fala uma coisa viram algum ator famoso?

Não, mas vimos como se faz um filme.

Mas me fala de Hollywood, vocês foram lá...

Muito interessante.

O que fizeram na calçada da fama? Marcaram os pezinhos lá?

Aí foram mostrar a cidade que você pensa que é de verdade e é tudo de papelão. As montanhas são todas de papelão. É impressionante. Mas tem uma passagem interessante. O Bento ele é muito divertido, ele tinha um carro que chamava pinto, era um carro pequeno então ele colocou um anúncio no jornal “vende-se o pinto semi novo, só minha mulher que usou”.

FITA 03 - LADO A

Como que foi que você foi convidado para receber o título de cidadão Prudentino?

O vereador Flávio Cesário, meu cliente cuja esposa era minha cliente a qual fiz o parto do seu filho de sexo masculino, resolveu me homenagear e propôs à câmara municipal aos vereadores da câmara municipal que fosse dado o título de cidadão Prudentino e foi aprovado por unanimidade por todos os vereadores.

O que representa um título de cidadão Prudentino para uma pessoa?

Tem dois sentidos tem uns que são merecidos e outros não né. Mas na verdade esses títulos são para pessoas que fizeram algo para a cidade. É sim sempre tem uma honraria né ainda mais quando é aceito pela unanimidade dos vereadores. É também sendo eles de partidos diferentes e tal. Sim não houve recusa. A solenidade foi muito bonita e muito importante foi emocionante.

Por que?

Pelo discurso que ele fez que eu tenho cópia do discurso. Ele fala muita coisa, fala do dia que atendi o parto do filho dele da emoção que ele teve e tudo e pela presença de todos os meus familiares e até a presença dos parentes da minha cidade natal que vieram para cá.

Você lembra quem foi esses parentes?

Veio uma tia viúva de um tio meu que era médico no Carmo que chamava Antônio Santana. Vou te falar uma história dele, mas não precisa escrever ele tinha uma namorada durante 15 anos e casou, mas no primeiro parto ela morreu e demorou bastante tempo para ele casar de novo.

Como que foi à solenidade quem estava presente? Encheu toda à câmara, a polícia foi convidado o comandante da polícia a banda militar você lembra né?

Eu lembro.

Lembra que fiz uma fala para você? Eu lembro que assim uma coisa que nunca vou esquecer eu nunca tinha falado em público foi a primeira vez e eu tinha 16 anos se não me engano e eu lembro assim que eu escrevi um poema para você e a Marina falou para mim que eu escrevia bem e eu fiquei escrevi poema tudo e eu decorei porque eu ficava de cima para baixo lendo aquele poema para lembrar e na hora que fui olhar e falar eu olhei o poema mas pensei assim não vou precisar ler né porque já sei de cor mas aí com aquele monte de gente me deu um branco eu olhei para a folha e não enxergava de tão nervosa que eu fiquei. Mas me concentrei respirei e consegui falar tudo foi engraçado. Mas quem mais falou vô? Teve um vereador você falou....

Ele falou sobre minha personalidade e o representante do prefeito falou, a dona Geni também falou como sua paciente lembro direitinho E depois que terminou houve comemoração?

Naquele dia não teve

Teve sim nós saímos para comer, já estava muito tarde. Saímos sim estava à família inteira...

Eu não lembro

Mas e aí a família de carmo ficou mais alguns dias por aqui?

Acho que ela ficou na casa da América, os parentes do Carmo.

Então para você foi um dia muito emocionante vô?

Essa minha tia ela era parente do prefeito do Carmo ele não pode vir ela veio representando o prefeito do Carmo

Mas quem fez o convite para ela vir foi o próprio prefeito do Carmo?

Foi o próprio vereador mesmo ele queria que viesse uma comitiva do Carmo essa era a sugestão dele, mas não deu certo veio a representante do prefeito que era cunhada do prefeito.

Qual foi à emoção no dia?

Foi uma homenagem muito linda, a casa lotou não coube todo mundo e as mensagens que foram lidas também né de muita gente de entidade

Tenho tudo guardado tem uma pasta só com isso.

E depois do título de cidadão que acreditamos que tenha sido depois você foi condecorado à personalidade da pecuária aqui em Prudente como que foi isso?

O Sindicato Rural de Presidente Prudente, cujo presidente era o senhor Domingos Ishii, como faz todo ano, homenageia os elementos que tiveram uma projeção maior na atividade agropecuária.

Você lembra o ano?

Tenho marcado. Então ele convidou, um dos homenageados fui eu, o outro foi o ministro da agricultura, Pratini de Moraes, que acabou não vindo.

Ele não veio, vô?

Porque negócio de briga do prefeito com entidade da exposição, acabaram dando um jeito dele não vir, mas veio o foi eu o Jovelino Mineiro. Foi na APEA, tem mais um outro. fomos três, mas éramos quatro...

E aí, como foi?

Ele mandou fazer um troféu muito bonito e no telão foi projetado as atividades de cada um.

O que vocês tinham feito até então?

Sim o porquê fomos escolhidos para ser homenageados.

Na verdade, o Jovenilo também foi homenageado? Foram quatro pessoas você o ministro o Jovenilo e um que você não lembra?

o outro era o Pedro de Carvalho Neto ele era secretário ele era membro importante da pecuária

Como que foi o evento?

Foi na APEA e todas as entidades importantes do setor foram convidadas e cada homenageado recebeu esse troféu e foi feito uma história da vida de cada um contando porque fomos escolhidos.

E estava a família toda amigos e tal?

Sim, nossa família estava todo mundo em uma mesa você gabriela

E amigos?

Amigos de entidades representativas de Prudente

Como foi para você um médico receber um título de personalidade da agropecuária como foi isso para você?

Para mim foi um reconhecimento do meu trabalho como presidente do Sindicato rural e a minha dedicação à classe

Vô além de presidente do sindicato rural e das fazendas que abriu você ainda hoje mas sei que por muito tempo foi o coordenador do GTE...

Outra entidade que fizemos em outra época fizemos foi à criação desse GTE que é Grupo de Troca de Experiência

Como que foi a criação desse GTE primeiro foi pequeno foi crescendo como foi?

Começou primeiro com um GTE que cuja presidente foi a Coralina e eu assistia a reunião desse grupo. Seu pai fazia parte desse grupo eu resolvi formar os grupos aqui então foi formando grupo.

Mas isso foi lá no Mato Grosso do Sul ou aqui?

Aqui em Prudente

Então o senhor resolveu formar outros grupos aqui em Prudente?

Sim, os grupos que foi criado foram pecuária de corte coco avestruz cada grupo compunha de 12 pecuaristas.

E todos esses pecuaristas precisavam ser de Presidente Prudente ou podiam ser de outras fazendas de outras regiões?

Várias regiões, mas do estado de fora não tinha ninguém do mato grosso não tinha ninguém

E como que funcionou daí?

Funcionou muito bem durante dois anos. Essa entidade nós nos reunimos todo mês fazia escala, a primeira reunião foi na minha fazenda são Sebastião, tem fotografias tem tudo, e cada grupo apresentava um relatório. Em cada reunião o coordenador, que era eu, abria a reunião e apresentava um roteiro da visita e depois dava a palavra para cada um para criticar ou elogiar sobre o que achava certo ou errado.

E assim era para elogiar e criticar a fazenda que estava sendo visitada no momento?

É sim.

Dentro da sua fazenda isso ajudou a mudar alguma coisa que estavam feito de maneira errada melhorar outras que não estava dando certo?

Foi muito foi, muito bom, a minha fazenda não tinha defeito nenhum, né, foi só elogios a rigor. Eu criava varias raças, criava o Tabapuã, Caracu, o Brahma e cavalos.

Mas tiveram fazendas que foram...

É, teve fazendas que foram dadas sugestões. Críticas que quase não eram feitas a rigor.

Mas depois vocês voltavam para ver?

Os grupos, acho que 7 ou 5, que em cada mês, de mês em mês, se reunia, né, isso durou uns 2 anos.

No ano seguinte começaram a fazer um novo ciclo para voltar as outras fazendas?

Eram sorteadas as fazendas, tudo em comum acordo. Fazíamos uma ata disso, era o secretário do Sindicato Rural, que era o Wilson Godói gravava e fazia a ata depois e cada pessoa fazia uma contribuição de R\$ 50,00 para as despesas da viagem essas coisas.

Por que o GTE acabou se estava dando tão certo?

Porque durante dois anos eu fui o presidente dessa entidade, mas como por princípio eu acho que o presidente não deve ser repetido eu propus que se colocassem um outro presidente para me suceder.

E quem foi?

E o outro presidente foi o Doeca (irmão do Paulo Martins).

E assumiu e acabou não dando continuidade?

É ele deu continuidade poucas vezes e acabou não reunindo mais.

Se não me engano na época em que estava ativo o GTE chegou à ser copiado por outros estados até pelo Mato Grosso do Sul?

é sim criaram um, seu pai até fez parte de um né.

Vô, mas agora, bem antes do GTE, você passou por uma experiência bastante interessante que foi a compra da fazenda, mas antes da fazenda de Cáceres tem a construção do prédio, porque a compra da fazenda foi resultado da venda do prédio certo?

Certo.

A compra da Santa Marina... Como que foi que você descobriu a fazenda Marina e tudo mais?

Na época que eu tinha a Mata Sede, que tinha 1500 alqueires, e como era uma fazenda de cria, recria e engorda e não cabia todo gado que tinha lá, eu tinha que arrendar outras áreas para pôr o gado. Essas outras áreas de pastagem para pôr a sobra de gado. Aí que resolvi comprar uma outra fazenda que foi a Santa Marina, em Cidrolândia.

Como que descobriu essa fazenda?

Eu tinha comprado a Mata Sede do seu Valério, um grande fazendeiro de Campo Grande. Eu comecei a procurar fazenda no Mato Grosso, eu e seu pai andamos por vários lugares até que um funcionário do Banco do Brasil, de Maracaju, disse que o genro (era vice governador do Mato Grosso) do seu Valério vendia uma parte da fazenda dele. Aí foi só telefonar para ele, visitamos a fazenda e fechamos o negócio.

Como era a fazenda na época?

Era bruta, não tinha nada, nenhuma benfeitoria.

Mas também era uma área boa e fácil de abrir como a Mata Sede?

Era, não tinha quase mato, era fácil de abrir, mas aí fizemos um negócio, um empréstimo no banco e um financiamento de 12 anos pra montar a fazenda.

Mas isso aí para abrir a fazenda, né, esse financiamento?

Sim, as benfeitorias e tudo mais.

Mas como que foi para montar a fazenda?

Aí quem se dedicou a tudo isso foi seu pai. Ele que cuidava, ele já estava na Mata Sede. Aí nós arrendamos e formamos a fazenda com Jaraguá, né. Essa fazenda recebeu o nome de Santa Marina em homenagem à minha esposa, né, a Marina.

Ela não tinha nome o contrário das outras?

Não, porque ela era o pedaço de uma fazenda que era do ex-prefeito de Campo Grande, Mário Caldas, era genro do seu Valério.

E foi a primeira vez que vocês fizeram com avião?

Nós contratamos o avião agrícola e formamos ela todinha, jogamos em cima do arroz, plantamos arroz e jogou por cima e quando saiu o arroz estava formada à fazenda.

E não tinha problema jogar em cima?

Não porque quando cai a semente e foi arroz e foi soja, o japonês plantou soja um ano e nós jogamos porque a soja cai, a folha ele abafa a semente e a semente nasce. Nós fazíamos a experiência com a empresa EMBRAPA, naquela época, tínhamos parceria com essa empresa. Fizemos essa experiência e deu certo, nós tínhamos bastante parceria com a Embrapa que fazia bastante experimento de pastagem.

E quanto tempo levou para formar a fazenda, para formar a braquiária e colocar gado?

Colocamos gado 6 meses depois de comprar a fazenda, a primeira área formamos e colocamos gado, demos uma limpada né. No segundo ano estava pronta, formada dividida com curral e tudo.

E aí já recebia gado na fazenda inteira?

Sim.

Vamos dizer que pouco tempo depois o João, que trabalhava na dedilha, resolveu deixar a profissão?

Mas o João foi 10 anos depois nós compramos em 78 o João chegou em 88 10 anos depois.

Em que ano foi a compra da Mata Sede?

68.

FITA 03 - LADO B**E o haras, em que ano foi?**

[Mário] Eu morava no Mato Grosso, eu não lembro.

E a São Sebastião você sabe?

[Mário] A São Sebastião foi em 58. Foi de 10 em 10 as contas do vô, foi 58, 68, 78 e a do Mato Grosso foi em 89, no final de 88, se não me engano, foi de dez em dez certinho. O Haras foi nesse intervalo, deve ter sido mais ou menos em 85, na época do Topázio. Se o Topázio tinha 20 e poucos anos, nascido em 63, ele morreu com 18, o haras foi comprado em 80. O Haras foi em 1980, mas isso é fácil de saber.

Quantos alqueires tem à Fazenda Santa Marina?

500 alqueires. A Mata Sede foi comprada em três fases. A São Sebastião foi em 23 fases.

Quantos alqueires tinha à fazenda de Cáceres?

1800, mas pegava 400 alqueires de Pantanal. [Mário] Por isso vendemos, ela enchia e perdia, e outra, ela só podia abrir 50 por cento lá era região de coisa, então metade da fazenda ia ficar

mata e ela inundava 400 alqueires. [Gabriel] Não cabia gado nenhum e tinha que fazer muita coisa. [Mário] Lá nós não chegamos nem a colocar gado.

Mas, eu lembro que vocês iam para lá e tinha vários empecilhos como por exemplo a dificuldade de ir para lá que iam de aviãozinho certo?

Nós íamos de carro, depois no final ia de avião de carreira, pegava em Campo Grande e descia em Cuiabá, alugava um carro e ia para fazenda.

E aí tinha muita dificuldade né para chegar?

Não, ela era na beira do asfalto, era longe só.

Mas por causa da distância e tudo mais.

[Mário] O maior empecilho era os micuins, o vô chegava lá era aquele carrapato de rio enchia ele de cima embaixo, ficava desesperado.

[Gabriel] Ela teve três donos importantes, mas o último dono criava porco e tinha muita onça, então as onças iam comer os porcos.

[Mário] Nós dormimos lá apenas uma vez, as onças deixavam a gente apavorado.

Vocês dormiam onde?

No Hotel.

E aquelas histórias de que tudo era perigoso que tinha aqueles capangas lá no Mato Grosso.

[Mário] Isso aí era na Mata Sede. Em Cáceres o problema era o micuim, a distância e as onças, comiam metade dos bezerros aí resolvemos largar mão mesmo.

[Gabriel] Fizemos muita cerca [...] Chegamos à conclusão que era melhor desistir da fazenda.

[Mário] Pai, mas na realidade nós vendemos ela porque quando tínhamos à cárcere nossos vizinhos era Sadia e o diretor da Sadia era muito amigo da gente, a gente sempre ia para lá e a última vez que fomos lá ele falou "olha, nós vamos entregar para o Inca" e ele deu seis, então fizemos um acordo com ele e, assim, tanto que virou ela é assentamento hoje e foi aí que resolvemos vender, mas não era plano de vender até aí.

Quando vendeu esse dinheiro chegou a ser investido em outra coisa? Por que esse dinheiro foi fruto do prédio que eu lembro.

Eu vendi à fazenda pelo prédio que eu construí aqui. Era a casa de papai e mamãe, onde tinha meu consultório.

ANEXO C
ORÇAMENTO

Campinas, 30 de setembro de 2019

ORÇAMENTO GRÁFICO
Seu impresso pode receber a certificação FSC®. Consulte-nos!

À

CAROLINA ZOCCOLARO COSTA MANCUZOContato: CAROLINA
RUA SEBASTIANA

, Presidente Prudente, SP - CEP:

Att: carolzcosta@hotmail.com

TEL.: 18

FAX: 18

Prezados Senhores,

Submetemos à vossa apreciação, nossa cotação para o(s) impresso(s) abaixo discriminado(s) conforme sua solicitação:

Aprov	Proposta	Quantidade	Descrição	Un	Total
<input type="checkbox"/>	255577	300	Livros 176 pgns Capa com orelhas e Laminada + verniz localizado no tamanho fechado 14,0 x 20,0 cm Páginas:176. 1 Capa no tamanho aberto 45,0x20,0 cm em papel Triplex 350 g/m ² impressos à 4x0 cores. Acabamentos: Laminação Fosco F, UV Res. Brilho F 176 Páginas no tamanho 14,0x20,0 cm em papel Offset / Sulfito 90 g/m ² impressos à 1x1 cores. Acabamentos: Dobra Finalizações: ; ; Lombada Quadrada, Encaixotamento, EXPEDIÇÃO, 1 Entrega(s) Por conta da gráfica Cipola Observações: Imposto: Isento	R\$ 17,1472	R\$ 5.144,16
<input type="checkbox"/>	255578	500	Idem ao Item acima	R\$ 11,7545	R\$ 5.877,25
<input type="checkbox"/>	255579	1.000	Idem ao Item acima	R\$ 7,5423	R\$ 7.542,30
<input type="checkbox"/>	255580	2.000	Idem ao Item acima	R\$ 5,4588	R\$ 10.917,60

ANEXO D
RELEASE SOBRE O LANÇAMENTO DIVULGADO NO JORNAL “O
IMPARCIAL”

27/11/2019

Médico prudentino ganha biografia em trabalho acadêmico | O Imparcial



Foto: Arquivo pessoal - Pecuarista também foi introdutor da raça Mangalarga Marchador, na região prudentina

“VEIAS QUE PULSAM”

Médico prudentino ganha biografia em trabalho acadêmico

Obra que descreve a vida do também pecuarista Gabriel Costa Neto será lançada amanhã no Anfiteatro da Casa do Médico, em Prudente

🕒 18/11/2019 18:50 🧑 DA REDAÇÃO

f (<https://www.facebook.com/sharer/sharer.php?u=&t=>)

t (<https://twitter.com/intent/tweet?>)

in (<http://www.linkedin.com/shareArticle?mini=true&url=&title=&summary=&source=>)

G+ (<https://plus.google.com/share?url=>)

📞 (whatsapp://send?text=http://www.imparcial.com.br/noticias/medico-prudentino-ganha-biografia-em-trabalho-academico,30806)

✉ (<mailto:?subject=&body=%20>)

^

27/11/2019

Médico prudentino ganha biografia em trabalho acadêmico | O Imparcial



Amanhã, às 20h, ocorre o lançamento do livro-reportagem “Veias que Pulsam: a história de Gabriel Costa Neto”, no Anfiteatro da Casa do Médico, em Presidente Prudente. O evento será no dia do centenário de nascimento dele e, nesta data, haverá uma apresentação sobre o livro, seguida da distribuição dos primeiros exemplares aos convidados da noite. A obra é resultado de um TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) da Facopp (Faculdade de Comunicação Social de Presidente Prudente), orientado pela professora Fabiana Aline Alves e produzido pelas alunas do 8º de Jornalismo, Caroline Luz, Bianca dos Santos Pereira, Janaína Maria Tavares da Costa e Sandra Cristina Leite Prata.

A peça prática, que começou a ser produzida no primeiro semestre de 2019, fala a respeito da vida do médico Costa Neto, mineiro por nascimento, mas que consolidou sua carreira na medicina em Prudente. Segundo a estudante Sandra Cristina Leite Prata, o profissional foi um dos responsáveis por fundar a Sociedade de Medicina da cidade ao lado de mais 22 profissionais, sendo o quinto presidente da instituição no período de 1952 a 1954.

Enquanto isso, em 1996, Gabriel foi homenageado pela Câmara Municipal por suas atividades na medicina e recebeu o título de cidadão prudentino. “Contudo, seu destaque também se deve pela atuação na pecuária, já que ele foi presidente do Sindicato Rural de Presidente Prudente e introdutor da raça Tabapuã na região prudentina, por exemplo”, observa a estudante.

Devido à sua relevância social, o grupo de TCC escolheu o livro-reportagem como peça prática para contar a história do médico e pecuarista. A orientadora Fabiana Aline Alves aponta que orientar TCCs de livros-reportagem é um desafio porque esse foi o tipo de trabalho que exigiu “muito fôlego” das alunas e também na parte da orientação. “É uma peça

27/11/2019

Médico prudentino ganha biografia em trabalho acadêmico | O Imparcial

prática de uma envergadura teórica muito grande, sendo assim, todos os procedimentos jornalísticos para que isso acontecesse também foram extremamente exigentes”, comenta.

Para Marina Costa Binote, filha mais nova de Gabriel Costa Neto, essa experiência tem proporcionado à família reviver lembranças e um sonho antigo de seu pai. “Quando ainda estava vivo, um dos desejos do meu pai era este livro, algo que ele tanto queria que acontecesse. Infelizmente, ele faleceu, mas é muito gratificante saber que esse sonho está se tornando uma realidade, através deste trabalho de TCC”, avalia.

Processo de produção

De acordo com Caroline Luz, o livro-reportagem passou por um processo de produção em que as quatro integrantes realizaram, ao todo, 22 entrevistas com pessoas relacionadas ao objeto de estudo, seja na pecuária, na medicina ou na vida pessoal do personagem. “Tudo isso com o objetivo de coletar informações e aprofundar nosso conhecimento sobre o Costa Neto”, explica. A integrante também comenta que essa é a primeira vez que as alunas escrevem um livro, por isso, precisaram lidar com imprevistos e incidentes, mas nada que atrapalhasse o desenvolvimento da obra.

Ainda em relação ao processo de produção, a orientadora do livro-reportagem ressalta que este projeto envolveu também a pesquisa biográfica, o que proporcionou “um grande aprofundamento” na análise documental e na parte de entrevista. “Ou seja, são projetos que colocam a investigação, apuração e a checagem de informações para serem trabalhados de uma forma intensa. Você precisa entrevistar, consultar documentos, checar e cruzar dados”, pontua.

Contudo, a orientadora observa que, apesar dos desafios de produzir um livro-reportagem, essa tem sido uma experiência prazerosa. “Esse TCC é uma peça que tem uma durabilidade muito maior que outras, até porque nós precisamos e fomos muito cuidadosas com o desenvolvimento da obra”, pontua.

27/11/2019

Médico prudentino ganha biografia em trabalho acadêmico | O Imparcial

Serviço

Para mais informações, entrar em contato pelo e-mail tccgabrielcostaneto@gmail.com ou pelo telefone (18) 99787-2679.



f (<https://www.facebook.com/sharer/sharer.php?u=&t=>)

t (<https://twitter.com/intent/tweet?>)

in (<http://www.linkedin.com/shareArticle?mini=true&url=&title=&summary=&source=>)

G+ (<https://plus.google.com/share?url=>)

wh (<https://whatsapp.com/send?text=http://www.imparcial.com.br/noticias/medico-prudentino-ganha-biografia-em-trabalho-academico,30806>)

e (<mailto:?subject=&body=%20>)

ÚLTIMAS DO AUTOR



www.imparcial.com.br/noticias/medico-prudentino-ganha-biografia-em-trabalho-academico,30806

5/11

APÊNDICE

**APÊNDICE A
PAUTAS**

PAUTA

RETRANCA: ENTREVISTA AMÉRICA COSTA SANDOVAL

PROPOSTA: Encontrar histórias e informações sobre a vida de Gabriel Costa Neto, bem como entender melhor sobre seu período de infância, juventude e fase adulta.

ENCAMINHAMENTO: Entrevistar América Costa Sandoval, irmã do médico e pecuarista Gabriel Costa Neto sobre o período em que cresceram lado a lado em um sítio de Minas Gerais. Tópicos como: hábitos familiares, sonhos de Gabriel em relação ao futuro, serão alguns dos abordados.

ROTEIRO:

PRESIDENTE PRUDENTE

Sexta-feira, 01 de março, às 15h.

Local: Casa da América

Endereço: Rua Rui Barbosa, 913, apto 72

Telefone: (18) 3223-2787 / (18) 99718-5910

DADOS: Nascida em 19 de abril de 1923, América é irmã de Gabriel Costa Neto, Marta Maria Santana Costa e Candia Costa Leite. Moradora de Presidente Prudente desde 1940, na época ainda cursava o ginásio e se mudou para a cidade com os pais. Na mesma época, Gabriel e as duas irmãs continuaram onde já moravam, São Paulo.

ROTEIRO DE PERGUNTAS:

- Onde vocês nasceram? Com quantos anos o Gabriel se mudou para Muzambinho?
- Em que ano ele começou a cursar o primário/ginásio? A senhora também iniciou os estudos nessa época? Se sim, como era o Gabriel na escola? Como era a relação de vocês com a escola? Onde era a escola que cursaram? Longe ou perto de casa?
- Caso não tenha iniciado os estudos na mesma época, por que não? O que sabia da vida escolar de Gabriel? Em que ano ele concluiu esses estudos? E você?
- Após o término da escola, demorou muito para ele se mudar para SP? Como foi essa decisão? O que seus pais disseram na época? Ele foi morar com uma tia? Em que ano? Que tia? Era próxima? Quais eram os planos de Gabriel?
- Durante o tempo que esteve em SP, você manteve contato com ele? De quanto em quanto tempo? Por carta? Quais eram as notícias? Ele já estava decidido a cursar medicina?
- Na época em que ele estava em SP, começou a dar aulas particulares, quais aulas eram essas? Ele já estava matriculado na Universidade? Por que ele começou a dar aulas particulares?
- Ainda em SP ele começou a trabalhar na Secretaria da Fazenda, como foi isso? Foi antes ou depois das aulas particulares? Após ingressar na secretaria, ele continuou com as aulas particulares? Quais eram as atividades dele na Secretaria?
- No tempo em que mudou para SP, até entrar na faculdade, o que ele fez? Algum curso? Se sim, qual e por que? Se não, como foi o processo de ingresso na faculdade de medicina?
- Quando e como ele começou o curso de pré-médico? Logo após concluir ele começou a faculdade? Foram 2 anos de curso?
- Ele passou na primeira tentativa para o vestibular? Sempre sonhou em fazer medicina? De onde você acredita que surgiu essa vontade de cursar medicina?
- Em que ano ele foi transferido da secretaria da Fazenda para a Secretaria de Saúde?
- Começou a trabalhar no posto de saúde da Vila Clementino em SP, certo? Quando? Por quanto tempo? Em que ano da faculdade ele estava?
- Agora falando um pouco da chegada em Prudente, na época você morava onde? Na época em que o Gabriel esteve em SP, como foi sua vida? Quais eram seus sonhos? Quando se reencontraram?
- Ao chegar em Prudente, o primeiro consultório de Gabriel foi na Rua Doutor Gurgel, em que ano foi isso? Por quanto tempo ele manteve o consultório? Nessa época o restante da família também estava residindo em Prudente? Se não, como faziam para visitar o Gabriel?

- Após o consultório da Doutor Gurgel, Gabriel migra para a Avenida Coronel Marcondes, por que? Ficou no novo local por quanto tempo?
- Após isso, Gabriel abre um centro médico com outros colegas médicos na Avenida Washington Luiz, por que? Ficou no centro médico por quanto tempo?

CONHECENDO AMÉRICA E GABRIEL

- Tinham passatempos juntos na infância?
- Quais suas melhores lembranças do Gabriel? Por quê?
- Se pudesse defini-lo em uma palavra, qual seria, por quê?
- Como era a vida de vocês? Sempre gostou do sítio, do campo?
- Quais eram os sonhos de vocês? E dos irmãos?
- Gabriel tinha alguma coisa que gostava muito de fazer? Uma comida preferida?
- Como era a rotina de vocês no sítio?
- Se considerava apegada/próxima de Gabriel ou eram mais do tipo de irmãos que brigavam muito?
- Como foi receber a notícia...
- Hoje, pensando em tudo o que já viveram, de que forma acredita que o Gabriel contribuiu para a sua vida e o que mais deixou saudade? Por quê?
- Se pudesse dizer algo para ele hoje, o que diria? Por quê?

GABRIEL NA PECUÁRIA

- Como começou a paixão dele por cavalos? Qual era a relação dele com os animais do sítio quando vocês eram pequenos?
- Você também tinha essa proximidade com os animais?
- Ele tinha sonho de se tornar um grande pecuarista? Como foi surgindo esse objetivo?
- Como era a relação da família de vocês com os animais no sítio?
- Como foi para ele, conciliar a medicina e a pecuária?
- Como foi para vocês a migração do sítio para a cidade? Do que mais sentiram falta? Como foi o processo de adaptação?
- Qual foi o primeiro haras do Gabriel? Você chegou a visitar? Como era lá?
- Qual foi o primeiro cavalo, como foi o processo de compra? Ao todo ele tinha quantas fazenda?
- Por que ele decidiu parar de administrar o haras? Como foi isso?
- Com qual frequência vocês visitavam as fazendas?

PAUTA

RETRANCA: ENTREVISTA ANTÔNIO ALVES DE LIMA

PROPOSTA: Coletar histórias e informações sobre Gabriel Costa Neto e Marina como patrões e saber um pouco mais sobre a convivência.

ENCAMINHAMENTO: Iremos entrevistar Antônio Alves de Lima, Toninho, sobre as recordações da época em que trabalhou com Marina e Gabriel. Tópicos como a personalidade de cada um, e recordações, serão abordados.

ROTEIRO:

PRESIDENTE PRUDENTE

Sexta-feira, 15 de março, às 18h.

Local: Casa do Antônio

Endereço: Rua Lázaro Pedroso de Souza, 89, Brasil Novo

Telefone: (18) 99674-0074.

DADOS: Antônio trabalhou por 08 anos como motorista de Gabriel Costa Neto e sua esposa Marina. Segundo Toninho, foi dispensado do trabalho quando Gabriel faleceu em 2010 e, apesar da morte dos dois, nutre até hoje um carinho muito especial por eles.

ROTEIRO DE PERGUNTAS:

- Como e quando começou a trabalhar para o Dr. Gabriel? Como eles conheceram seu trabalho?
- Você já conhecia a família? Qual foi a primeira impressão?
- Como era sua rotina de trabalho? Tinha locais específicos que ia diariamente? Quais?
- Como era a relação do Dr. Gabriel e da dona Marina? Todos falam que eram símbolo de amor, você concorda? Por quê?
- Como era a dona Marina?
- Quais as principais lembranças da época em que trabalhou? Chegou a conhecer os filhos e netos? Como eram? Como era a sua relação com a família?
- Eles conheciam a sua família? Como era a relação deles com sua família?
- Você tem filhos? Trabalhava só com o Gabriel e Marina? De onde tirava o sustento?
- Para você, quem era o Dr. Gabriel Costa Neto?
- Como foi que recebeu a notícia do falecimento dele? Qual foi a sensação?
- Como foi realizado o desligamento? Como estava a dona Marina na época?
- Após o desligamento arrumou outro emprego? Onde? Trabalha até hoje?
- Após o desligamento, continuou mantendo contato com a família/dona Marina?
- Além de você, tinham outros funcionários que trabalhavam para a família (domésticas, etc)? Você tinha convivência com eles?
- Acredita que Dr. Gabriel era feliz? Por que? Acredita que faleceu realizado?
- Qual acredita que tenham sido as principais contribuições do Dr. Gabriel para Presidente Prudente? Tanto na pecuária como na medicina.

PAUTA**RETRANCA: ENTREVISTA PAULO CONSTANTINO**

PROPOSTA: Coletar histórias e informações sobre Gabriel Costa Neto como amigo, além de suas relações na política.

ENCAMINHAMENTO: Iremos entrevistar Paulo Constantino sobre sua relação com o Doutor Gabriel Costa Neto. Tópicos como a amizade e política serão abordados, além de outros.

ROTEIRO:**PRESIDENTE PRUDENTE**

Terça-feira, 19 de março, às 16h.

Local: Pauma Empreendimentos

Endereço: Rua Capitão Alberto Mendes Júnior, 58, Jardim Morishita

Telefone: (18) 2101-5800.

DADOS: Paulo Constantino é ex-prefeito de Presidente Prudente, exercendo dois mandatos sendo o primeiro de 1977 a 1980, como sucessor de Walter Lemes Soares. O segundo mandato foi exercido de 1989 a 1992. Períodos em que Gabriel ainda estava ativo na parte da medicina e agropecuária. Assim como Gabriel, o ex-prefeito também já recebeu o título de Cidadão Prudentino pela Câmara Municipal de Presidente Prudente, em 2010, mesmo ano do falecimento do médico e pecuarista. Paulo nasceu em 11 de maio de 1934, na cidade de Patrocínio (MG). Em julho de 1967 mudou-se para Prudente, onde reside até hoje, trabalhando nas áreas empresarial e pública.

ROTEIRO DE PERGUNTAS:

- Como e quando conheceu o doutor Gabriel? O que achou dele quando conheceu pela primeira vez?
- Você já conhecia a família? Qual foi a primeira impressão?
- Quais os locais que geralmente vocês se viam? E a frequência?
- Quais as principais lembranças que tem do Gabriel enquanto exercia os seus mandatos? Ele era uma pessoa ativa no meio político?
- Quando conversavam sobre política, se lembra do que Gabriel mais gostava de falar sobre esse assunto?

- Chegou a estar presente quando Gabriel recebeu o título de Cidadão Prudentino? Como foi participar daquele momento?
- Qual sua opinião sobre o Gabriel médico e o do Gabriel como pecuarista? Chegou a acompanhar esse desenvolvimento?
- Como era a relação do Dr. Gabriel e da dona Marina? Todos falam que eles eram símbolo de amor, você concorda? Por quê?
- E a dona Marina? Chegou a conhecê-la?
- Chegou a conhecer os filhos e netos? Como eram? Como era a sua relação com a família?
- Eles conheciam a sua família? Como era a relação deles com sua família?
- Como definiria o Doutor Gabriel Costa Neto?
- Ele era um amigo presente que dava conselhos tanto na vida profissional como no pessoal?
- Como foi que recebeu a notícia do falecimento dele? Qual foi a sensação?
- Qual acredita que tenham sido as principais contribuições do Dr. Gabriel para Presidente Prudente? Tanto na pecuária como na medicina.

PAUTA

RETRANCA: ENTREVISTA EUDOXIA MARIA SANTIAGO LEITE

PROPOSTA: Coletar informações e histórias de Gabriel Costa Neto como médico e amigo, através de pessoas próximas que conviveram com ele.

ENCAMINHAMENTO: O grupo irá entrevistar Eudoxia Maria Santiago Leite, amiga de longa data de Gabriel. Algumas questões abordadas serão: a relação dela com Gabriel e Marina, lembranças, entre outros tópicos.

ROTEIRO:

PRESIDENTE PRUDENTE

Quinta-feira, 14 de março, às 15h.

Local: casa da Eudoxia

Endereço: Rua Doutor Gurgel, 139, Edifício Columbia

Telefone: 3222-2897

DADOS: Eudoxia Maria Santiago Leite foi grande amiga da família por anos e, principalmente de Gabriel e Marina.

ROTEIRO DE PERGUNTAS:

- Conte sobre como conheceu Marina e Gabriel? Lembra do ano? Foi em Prudente? Em qual ocasião conheceu?
- Foram quantos anos de amizade? Nesse tempo, do que mais se recorda do Gabriel e da Marina?
- Chegou a ir no casamento deles? Se sim, como foi?
- O que você achava da relação do Gabriel e Marina? Se lembra das principais características e comportamentos de cada um?
- Você se lembra como a Marina se comportava em relação às atividades do marido, tanto na medicina como na agropecuária?
- Se recorda se a Marina ficava confortável com o marido trabalhando e ela cuidando da casa?
- Gabriel realizou alguns sonhos, como ser, por exemplo, um médico bem-sucedido, mas e Marina, quais eram os sonhos dela mesmo depois de casada? E suas preocupações?
- Sua família também era próxima de Gabriel? Se sim, como essa relação foi se desenvolvendo?
- Chegou a ter contato com os filhos e netos? Se sim, tinha afinidade com determinado filho (a) ou neto (a)?
- No dia a dia, como eram Gabriel e Marina na casa deles? Dividiam as mesmas funções e obrigações dentro do lar?

- Dentre esses anos de amizade com eles, teve alguma situação que te marcou?
- Você acompanhou o desenvolvimento de Gabriel como médico e pecuarista aqui em Presidente Prudente?
- Como era ser grande amiga de uma pessoa tão conhecida na cidade?
- Sua relação com Gabriel e Marina foi saudável ou já chegou a terem um desentendimento?
- Quais foram os principais ensinamentos que Gabriel e Marina lhe proporcionaram? E vice-versa?
- Como foi a última conversa que teve com o Gabriel e a Marina?
- Você chegou a ir no velório tanto do Gabriel como no da Marina? Qual foi o sentimento naquele momento de não ter mais aquelas duas pessoas na sua vida?
- Depois de mortos, você ainda tem afinidade com a família de Gabriel e Marina?
- Quais teriam sido, na sua opinião, as principais contribuições de Gabriel para Presidente Prudente?

PAUTA

RETRANCA: ENTREVISTA SHEMARA SAWAE OLIVEIRA IAMADA

PROPOSTA: Coletar histórias e informações sobre a família de Gabriel Costa Neto, como amigos e saber rotinas de infância.

ENCAMINHAMENTO: Iremos entrevistar Shemara Sawae Oliveira Iamada sobre sua infância e a amizade que nutria com Marina Costa. Desta forma, saber mais como era o convívio com a família de Costa Neto.

ROTEIRO:

PRESIDENTE PRUDENTE

Sexta-feira, 22 de março, às 14h30.

Local: Escritório da Shemara

Endereço: Avenida Coronel José Soares Marcondes, 40 - Centro

Telefone: (18) 98114-0020

DADOS: Shemara é advogada e tem 52 anos, filha do Dr. Iamada, grande amigo de Dr. Gabriel Costa Neto. Durante sua infância, era bastante amiga de Marina Costa e na época estudavam juntas. Por essa razão, Shemara frequentava bastante a residência de Costa Neto. Segundo ela, uma das principais lembranças de infância, eram os bolos de dona Marina, em especial um de brigadeiro que classifica como “inesquecível”. Sobre a imagem de Costa Neto, Shemara se lembra de admirá-lo como um ótimo pai.

ROTEIRO DE PERGUNTAS:

- Como conheceu a Marina? Como se tornaram amigas?
- Estudavam juntas? Como era a rotina? Caminhavam juntas até a escola?
- Tinham outras amigas? Um grupinho? Como era a amizade de vocês?
- Quando foi na casa da Marina pela primeira vez? Já conhecia os irmãos dela?
- Quando e como conheceu a dona Marina e Dr. Costa Neto? Quais são suas principais lembranças dessa época?
- Como eles eram com a Mariana e os outros filhos?
- O que a Marina comentava sobre os pais?
- Seus pais eram muito amigos do Dr. Costa Neto, certo? Também visitavam a família com frequência? Como era essa amizade? Seu pai já chegou a trabalhar com o Gabriel?
- Comentou bastante sobre os doces de dona Marina, qual era o seu preferido? Por quê?
- Quando cresceram, construíram famílias, como foi ficando a amizade? Você e Marina ainda se falam? Quando se viram pela última vez?
- Quais são suas maiores saudades daquela época?
- Lembranças engraçadas da casa da Marina?
- Comentou que admirava dr. Gabriel como pai, por quê?

PAUTA

RETRANÇA: ENTREVISTA MARCELO ZOCCOLARO COSTA

PROPOSTA: Coletar informações e histórias de Gabriel Costa Neto como avô, através de seus netos.

ENCAMINHAMENTO: O grupo irá entrevistar Marcelo Zoccolaro Costa, o primeiro neto de Gabriel Costa Neto. Alguns assuntos que serão abordados: infância com os avós e família, lembranças e memórias, entre outros.

ROTEIRO:

PRESIDENTE PRUDENTE

Terça-feira, 19 de março, às 17h30.

Local: casa da Marcelo

Endereço: Rua Francisco Scardazzi, 331

Telefone: 99621-0160

DADOS: Marcelo tem 43 anos, é veterinário e empresário. Gabriel sempre foi um exemplo a ser seguida, uma inspiração para o neto.

ROTEIRO DE PERGUNTAS:

- Conte como foi sua infância ao lado de seus avós e família? Tem algum episódio marcante que envolveu você e seus avós? Sempre conviveram juntos?
- Como era a proximidade entre você, a Marina e o Gabriel?
- Entre você e seus irmãos tinha muito ciúmes em relação a seus avós? Como era a relação dos avós com todos os netos?
- Quais eram os lugares que mais frequentava com seus avós quando era criança? Tem alguma história em especial?
- Por que você se inspirava em seu avô?
- Como era a relação de Gabriel e Marina? O que a relação deles trouxe de exemplo para você, seus irmãos e família?
- O que a Marina representava na vida de seu avô?
- Qual foi a reação do seu avô ao saber que você iria cursar veterinária?
- Já chegou a considerar cursar medicina? Se não, por quê? Existia alguma pressão por parte do seu avô para isso?
- O que você e Gabriel mais gostavam de conversar? E com sua avó?
- Você já morou com ele durante um ano, como foi essa experiência?
- Como foi presenciar e conviver os últimos anos de vida do Gabriel?
- Conte como foi receber a notícia da morte dele? E da Marina?
- Qual a última lembrança que tem dele e de sua avó?
- Teve algo que não conseguiu falar pra ele antes de morrer? Um arrependimento? Se ele estivesse vivo, o que gostaria de falar pra ele hoje?
- Para você quais podem ter sido as principais contribuições de Gabriel para Presidente Prudente?

PAUTA

RETRANÇA: ENTREVISTA CÂNDIA ÁLVARES CALVO

PROPOSTA: Coletar informações e histórias de Gabriel Costa Neto como médico, através de pacientes.

ENCAMINHAMENTO: O grupo irá entrevistar Cândia Álvares Calvo, ex-paciente e amiga de longa data de Gabriel. Algumas questões abordadas serão: a relação de paciente com o médico; como eram as consultas, entre outros.

ROTEIRO:

PRESIDENTE PRUDENTE

Quinta-feira, 07 de março, às 15h

Local: casa da Cândia

Endereço: Rua Rui Barbosa, 914

Telefone: 3223-2636/ 99742-1974

DADOS: Prudentina, Cândia foi paciente do Dr. Gabriel Costa Neto desde os seus 17 anos, após descobrir que estava com um nódulo na axila. A partir desse momento, Gabriel foi o ginecologista de sua confiança e realizou o parto dos quatro filhos de Cândia.

ROTEIRO DE PERGUNTAS:

- Conte sobre a primeira consulta que teve com o Gabriel. Como foi? Lembra o local do consultório médico?
- Começou as consultas com o Gabriel aos 17 anos. Por quanto tempo ele foi seu médico?
- Por que continuou as consultas com ele todos esses anos? Qual foram os motivos dessa escolha?
- O que você via de diferente entre o Gabriel e os outros médicos de Prudente?
- Você teve quatro filhos e todos os partos foram realizados pelo Gabriel. Como foram essas experiências?
- Dentre esses anos de consulta, teve alguma situação que te marcou além dos nascimentos de seus filhos pelas mãos do Gabriel?
- Como era a relação de vocês? Se estendia para além do consultório médico?
- Em relação à amizade de vocês dois, como o Gabriel era? Muito diferente do médico para o amigo?
- Chegou a ter contato com a esposa Marina e os filhos? Se sim, como era essa relação de você com a família dele?
- Como foi a última consulta com o Gabriel? Qual foi o sentimento naquele momento de não ter mais seu médico de confiança?

PAUTA

RETRANCA: ENTREVISTA JOSÉ RENATO SAMPAIO TOSELLO

PROPOSTA: Coletar histórias e informações da vida profissional de Gabriel Costa Neto e de suas relações de amizade.

ENCAMINHAMENTO: Vamos entrevistar Dr. José Renato Tosello, sobre a amizade construída ao longo dos anos com Gabriel Costa Neto e da vida profissional que manteve na companhia do mesmo. Itens como lembranças da profissão e características profissionais serão abordados.

ROTEIRO:

PRESIDENTE PRUDENTE

Segunda-feira, 11 de março às 16H.

Local: Consultório Centro Paulista de Oncologia.

Endereço: Avenida Manoel Goulart, 3309

Telefone: (18) 98115-0135

DADOS: Grande amigo de Gabriel Costa Neto, conhecido por Dr. Tosello, é formado em medicina na Faculdade de Medicina de Sorocaba, especialista e mestre pela USP. Para Tosello, Gabriel foi um ídolo e um grande professor em sua trajetória profissional. O amigo, manteve contato com Costa Neto até um ano e meio antes de sua morte.

ROTEIRO DE PERGUNTAS

- Como e onde conheceu o Dr. Gabriel Costa Neto?
- Como se aproximaram?
- Já realizaram alguma cirurgia juntos?
- Quais foram os principais ensinamentos do Dr. Gabriel para sua vida profissional?

- Por que o considera um ídolo? Qual era o diferencial de Gabriel em relação a outros médicos da época?
- Como definiria o Gabriel Costa Neto médico? Quais eram as características mais marcantes na forma de exercer a medicina?
- O que traz de aprendizado até hoje?
- Quanto tempo, ao todo, vocês trabalham juntos?
- Quais são as melhores lembranças desse tempo?
- Já se desentenderam alguma vez? Por qual razão?
- Conhecia a família de Gabriel?
- Quando a amizade deixou de ser apenas profissional?
- Qual era sua relação com a família de Gabriel?
- Quando ele começou a se aposentar da medicina, foi passando o consultório, clientes e te preparando para substituí-lo, como foi para você ser escolhido para isso?
- Como foram os primeiros anos com o Gabriel aposentado?
- Por que acredita que ele tenha te escolhido para substituí-lo?
- Como foi receber a notícia da morte?

PAUTA

RETRANÇA: ENTREVISTA HENRIQUE LIBERATO SALVADOR

PROPOSTA: Coletar histórias e informações sobre a chegada de Gabriel Costa Neto em Presidente Prudente e entender melhor o cenário da cidade e da medicina naquela época.

ENCAMINHAMENTO: Iremos entrevistar Henrique Liberato Salvador sobre a cidade de Presidente Prudente no contexto da chegada do Gabriel. Temas como a amizade com a família de Costa Neto e o desenvolvimento da medicina na época, serão abordados.

ROTEIRO:

PRESIDENTE PRUDENTE

Segunda-feira, 25 de março, às 14h30.

Local: Casa do Henrique (Edifício Riviera)

Endereço: Rua Democrata, 22, Jardim Bongiovani.

Telefone: (18) 98144-4446.

DADOS: Henrique Liberato Salvador é diretor do Cremesp (Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo), foi secretário municipal de saúde durante a gestão do prefeito Paulo Constantino e conviveu um pouco na época em que o Gabriel clinicava em Presidente Prudente.

ROTEIRO DE PERGUNTAS:

- Quando e como conheceu o Gabriel?
- Na época em que você foi secretário de saúde ele já clinicava em Prudente? Como era ele como médico? Já tinha ouvido falar? O que as pessoas comentavam?
- Como surgiu o convite para se tornar secretário? Durante sua gestão se lembra de algum episódio em que teve contato direto com o Gabriel? Como foi?
- E como era a medicina na cidade nessa época? Quando ele chegou, você já atuava na área? Como era em questão de tecnologia?
- Quantos hospitais tinham na cidade? Médicos, eram muitos? Era algo comum?
- Em sua opinião, pensando no contexto em que o Gabriel chegou, quais foram as principais contribuições dele para a medicina? E para Prudente?
- Você conhecia a família dele? Os pais? A dona Marina? Como era essa relação?
- Você mora no mesmo prédio em que a dona Marina morava ao falecer, vocês tinham contato como vizinhos? Quando você soube que ela havia falecido você estava em casa? Como foi isso?

- Você foi aos velórios, tanto do Gabriel quanto o da Marina? Como foi? Comentaram que o do Gabriel tinha mais gente, você concorda? Por que acredita que isso tenha acontecido?
- Agora falando sobre o selo que o Gabriel recebeu do Cremesp, como foi isso? o que significa esse selo? Por que decidiram homenagear? Muitos dizem que esse é um tipo de homenagem que se faz para pessoas que já faleceram, mas ele ainda estava vivo, o que fez com que ele tivesse esse mérito?
- Houve alguma reação negativa na época dessa homenagem? Por parte de outras pessoas, outros médicos...
- Qual era a imagem do Gabriel como pessoa e como profissional diante do Cremesp?
- Em sua opinião, qual era o maior diferencial do Gabriel?
- O que acredita que ele trouxe para a medicina e que perdura até hoje na cidade?

PAUTA

RETRANCA: ENTREVISTA BEATRIZ MARQUES COSTA PEREIRA

PROPOSTA: Coletar informações e histórias de Gabriel Costa Neto como avô, através de seus netos.

ENCAMINHAMENTO: O grupo irá entrevistar Beatriz Marques Costa Pereira, a única neta de Gabriel Costa Neto que cursou medicina. Alguns assuntos que serão abordados: infância com os avós e família, lembranças e memórias, entre outros.

ROTEIRO:

PRESIDENTE PRUDENTE

Sexta-feira, 29 de março, às 15h

Local: casa do Otávio

Endereço: Condomínio Quinta das Flores, Av. Fernando Del Porto Santos, 252

Telefone: 98142-0011

DADOS: Beatriz atualmente tem 34 anos e é filha de Otávio, o terceiro filho de Gabriel Costa Neto. Ela se formou em medicina pela Unoeste de Presidente Prudente no ano de 2007. Logo em seguida, foi para São Paulo e ficou um ano trabalhando, fazendo estágios no Hospital Pérola Byington. Sua especialidade no momento é radiologia. De acordo com Beatriz, seu avô sempre falava que a medicina era uma boa área para se trabalhar. Quando saiu do ensino médio, Beatriz já sabia que queria prestar o vestibular para alguma área da saúde, então escolheu medicina.

ROTEIRO DE PERGUNTAS:

- Conte como foi sua infância ao lado de seus avós e família? Tem algum episódio marcante que envolveu você e seus avós? Sempre conviveram juntos?
- Como era a proximidade entre você, a Marina e o Gabriel? Era mais apegada a um do que ao outro? Se sim, qual o motivo?
- Entre você e seus irmãos tinha muito ciúmes em relação a seus avós? Como era a relação dos avós com todos os netos?
- Quais eram os lugares que mais frequentava com seus avós quando era criança? Tem alguma história em especial?
- Os dois são considerados exemplos para você? Se sim, como foi crescer ao lado deles?
- Como era a relação de Gabriel e Marina na sua opinião?
- O que a Marina representava na vida de seu avô?
- Houve incentivo por parte da família para você cursar medicina? Como foi para seus pais e principalmente para seus avós descobrirem que iria seguir nessa área?
- O Gabriel falava para você que medicina era uma boa área. O que ele falava mais? Quando começou o curso, você e ele conversavam sobre medicina?
- O que você e Gabriel mais gostavam de conversar? Ele te dava dicas e conselhos a respeito da área? E com sua avó?

- Você se cobrava muito durante o curso e/ou depois dele para ser uma médica exemplar igual a seu avô?
- Quando terminou a faculdade foi para São Paulo e se especializou em radiologia lá? Constituiu sua família lá também?
- O seu avô chegou a comentar sobre sua especialização? Nunca houve um momento em que falou para você seguir na ginecologia/obstetrícia?
- Você chegou a acompanhar e conviver os últimos anos de vida do Gabriel? Caso não, como era a frequência de visitas?
- Como foi receber a notícia da morte dele? E da Marina?
- Qual a última lembrança que tem dele e de sua avó?
- Teve algo que não conseguiu falar pra ele antes de morrer? Um arrependimento? Se ele estivesse vivo, o que gostaria de falar pra ele hoje?
- Para você quais podem ter sido as principais contribuições de Gabriel para Presidente Prudente?

PAUTA

RETRANÇA: ENTREVISTA JOÃO LUIZ CARNEIRO COSTA

PROPOSTA: Coletar informações sobre a vida de Gabriel Costa Neto como médico, pai e profissional.

ENCAMINHAMENTO: Iremos entrevistar João Luiz Carneiro Costa, um dos filhos de Gabriel Costa Neto. Na conversa os questionamentos abordados serão: histórias marcantes, hábitos familiares, entre outros.

ROTEIRO:

PRESIDENTE PRUDENTE

Terça-feira, 12 de março, às 17h.

Local: Casa do irmão Otávio

Endereço: Condomínio Quinta das Flores, Av. Fernando Del Porto Santos, 252

Telefone: (67) 9983-0550/ (67) 3422-0550

DADOS: Formado em Engenharia Mecânica desde 1976, João mora atualmente em Dourados (MS). Ele é natural de Presidente Prudente e é o segundo filho mais velho de Gabriel e Marina, nasceu em 29/09/1952. Ele também administra a fazenda Santa Marina que era de seu pai Gabriel.

ROTEIRO DE PERGUNTAS:

- Conte um pouco sobre as lembranças da sua infância, como era a sua relação com o seu pai?
- Tinham hábitos que eram tradição? Almoços aos domingos, jantares em família, como era esse convívio familiar de vocês?
- Com a correria do cotidiano, por ser médico, você acredita que ele conseguia conciliar a profissão e a família? O considerava um pai presente?
- Você cursou engenharia mecânica, em algum momento da vida pensou em cursar medicina?
- Chegou a trabalhar nessa área por quanto tempo? Por que parou? Seu pai teve influência?
- Em que ano você assumiu a administração da fazenda Santa Marina? Em que ano se mudou para Dourados?
- Chegou a trabalhar diretamente com seu pai? Se sim, como era esse trabalho?
- Como foi para o seu pai ver a escolha do seu curso? Ele te apoiou?
- Vocês se viam todo final de semana já na fase adulta? Como eram esses encontros?
- Em que ano casou e saiu da casa de seus pais?
- Agora falando um pouco do lado profissional, qual você acredita que tenha sido o maior orgulho do Gabriel tanto na medicina quanto na pecuária?
- Diga uma palavra que defina seu pai.
- Qual é a última lembrança que tem dele? Quando e como foi a última vez que o viu?

- Qual é a última lembrança que tem de sua mãe? Quando e como foi a última vez que viu ela?
- Em sua opinião, ele realizou todos os sonhos que tinha? E sua mãe?
- Como foi para você, crescer com um pai tão conhecido e respeitado em sua cidade?
- Hoje, se pudesse dizer algo ao Gabriel, o que diria? Por quê?
- De todos os momentos que viveu com seu pai, qual foi o mais marcante?
- Você esteve presente na ocasião em que dr. Gabriel comprou o cavalo Topázio? Como foi?
- Por que a ideia das exposições de animais? De onde surgiu a ideia? Qual era o objetivo de Gabriel com esses eventos?
- Qual feito do seu pai que você mais se orgulha? Por quê?
- Seu pai era muito ligado aos animais e a agropecuária, qual é sua relação com este meio?
- E sua mãe, como era a relação de vocês? Como era a relação de Dr. Gabriel e dona Marina?
- E os defeitos, seu pai tinha algum? E sua mãe?
- Conte algumas características marcantes de Gabriel e Marina.
- Quais eram os principais hábitos dos dois como um casal?
- Sua mãe sempre apoiou a carreira de seu pai tanto na medicina como na agropecuária?
- E com seus irmãos, como era o convívio?
- Qual herança moral você acredita que seus pais tenham deixado para você e seus irmãos?
- Por que nenhum dos filhos seguiu carreira na medicina?
- Como era a rotina da família depois que seus pais ficaram doentes?
- Como a família ficou depois da morte de seu pai e de sua mãe? A família ainda permanece unida?
- Ao lembrar dele, do que você mais sente falta? E de sua mãe?
- Na sua opinião, quais teriam sido as principais contribuições de Gabriel para Presidente Prudente?

PAUTA

RETRANCA: ENTREVISTA OTÁVIO LUIZ CARNEIRO COSTA

PROPOSTA: Coletar informações sobre a vida de Gabriel Costa Neto como médico, pai e profissional.

ENCAMINHAMENTO: Iremos entrevistar Otávio Luiz Carneiro Costa, um dos filhos de Gabriel Costa Neto. Na conversa os questionamentos abordados serão: histórias marcantes, hábitos familiares, entre outros.

ROTEIRO:

PRESIDENTE PRUDENTE

Terça-feira, 12 de março, às 15h30

Local: Casa do Otávio

Endereço: Condomínio Quinta das Flores, Av. Fernando Del Porto Santos, 252

Telefone: 39083319 / 6799734221

DADOS: Formado em administração, trabalhou na fazenda São Sebastião, em Mirante do Paranapanema, encontrava o pai no ambiente de trabalho apenas uma vez por semana, nesses finais de semana costumavam andar a cavalo para observar o gado. E afirma que sempre estavam juntos e destaca que Gabriel era bom, mas energético, gostava das coisas perfeitas.

ROTEIRO DE PERGUNTAS:

- Conte um pouco sobre as lembranças da sua infância, como era a sua relação com o seu pai?

- Tinham hábitos que eram tradição? Almoços aos domingos, jantares em família, como era esse convívio familiar de vocês?
- Com a correria do cotidiano, por ser médico, você acredita que ele conseguia conciliar a profissão e a família? O considerava um pai presente?
- Você cursou administração, em algum momento da vida pensou em cursar medicina?
- Como era a relação de vocês irmãos?
- Durante quanto tempo você trabalhou para o seu pai?
- Como foi trabalhar para o seu pai? Como era esse trabalho?
- Como foi para o seu pai ver a escolha do seu curso? Ele te apoiou?
- Vocês se viam todo final de semana, como eram esses encontros?
- Quando casou e saiu de casa, você costumava sempre ir visitá-lo?
- Agora falando um pouco do lado profissional, qual você acredita que tenha sido o maior orgulho do Gabriel tanto na medicina quanto na pecuária?
- Diga uma palavra que defina seu pai.
- Qual é a última lembrança que tem dele? Quando e como foi a última vez que o viu?
- Em sua opinião, ele realizou todos os sonhos que tinha?
- Como foi para você, crescer com um pai tão conhecido e respeitado em sua cidade?
- Hoje, se pudesse dizer algo ao Gabriel, o que diria? Por quê?
- De todos os momentos que viveu com seu pai, qual foi o mais marcante?
- Você esteve presente na ocasião em que dr. Gabriel comprou o cavalo Topázio? Como foi?
- Por que a ideia das exposições de animais? De onde surgiu a ideia? Qual era o objetivo de Gabriel com esses eventos?
- Quais principais gritos de Gabriel como diretor do Cremesp? E do sindicato rural?
- Qual feito do seu pai que você mais se orgulha? Por quê?
- Seu pai era muito ligado aos animais e a agropecuária, qual é sua relação com este meio?
- E sua mãe, como era a relação de vocês? Como era a relação de Dr. Gabriel e dona Marina?
- E com seus irmãos, como era o convívio? Da família no geral?
- Qual herança moral você acredita que seus pais tenham deixado para você e seus irmãos?
- Por que nenhum dos filhos seguiu carreira na medicina?
- Ao lembrar dele, do que você mais sente falta?

PAUTA

RETRANÇA: ENTREVISTA GABRIELA ZOCCOLARO COSTA BERTOCCO

PROPOSTA: Coletar histórias e informações da vida de Gabriel Costa Neto como avô e saber um pouco mais sobre a convivência familiar.

ENCAMINHAMENTO: Vamos entrevistar Gabriela Zoccolaro Costa Bertocco, neta de Gabriel Costa Neto. Assuntos como a época em que se mudou para perto da casa dos avós e a convivência com os mesmos, serão abordados.

ROTEIRO:

PRESIDENTE PRUDENTE

Quarta-feira, 13 de março, às 14h.

Local: Casa da Gabriela

Endereço: Rua Moacir Bezerra dos Anjos, 14, Damha 1

Telefone: (18) 99660-2909

DADOS: Gabriela conta que, apesar de nunca ter morado com os avós como os irmãos, nutre um carinho especial e tem muitas lembranças de quando almoçavam em família. Para ela, Marina e Gabriel eram símbolo de amor e diz ter uma ligação especial com a avó.

ROTEIRO DE PERGUNTAS

- Como era a sua convivência com os avós quando criança já que não moravam em PP?
- Quando seus irmãos mudaram para a casa dos seus avós em Prudente, por que você não foi com eles? Onde ficou morando?
- Quando mudou para PP como ficou sendo a relação com seus avós?
- A Carol mencionou que vocês tinham o hábito de almoçar com os avós todos os dias, como era isso? Quais lembranças mantém dessa época?
- Quando começou a cursar Zootecnia, como foi para o seu avô, visto que é uma profissão que está bastante ligada a animais e fazendas, ele apoiou? Como foi a reação?
- Você mencionou que achava seus avós um grande símbolo de amor, por que acha isso? O que trouxe para a sua vida como aprendizado? Quais lembranças mais bonitas você tem desse amor entre os dois?
- Você também comentou que tinha uma ligação muito especial com a sua avó, por que? Como era a convivência de vocês? Conversas?
- Qual é sua última lembrança do Dr. Gabriel e da dona Marina?
- Se pudesse dizer algo para dona Marina hoje, o que diria? E para Dr. Gabriel?
- Por que decidiu cursar zootecnia, foi influência?
- Já chegou a considerar cursar medicina? Se não, por que? Existia alguma pressão por parte do seu avô para isso?
- Acredita que ele se foi com a sensação de “dever cumprido”?
- Você e seus irmãos foram os que mais conviveram com Dr. Gabriel e dona Marina, acha que já houve ciúmes por parte dos outros netos?
- Como era essa questão do ciúme entre você e seus irmãos?
- Existe algo que marcou e você sempre irá associar ao Dr. Gabriel? O que? Por quê? E quanto a dona Marina?

PAUTA

RETRANCA: ENTREVISTA MARINA ELISABETH CARNEIRO COSTA BINOTE

PROPOSTA: Coletar informações sobre a vida de Gabriel Costa Neto como médico, pai e profissional.

ENCAMINHAMENTO: Iremos entrevistar Marina Elisabeth Carneiro Costa Binote, única filha mulher de Gabriel Costa Neto. Na conversa os questionamentos abordados serão: histórias marcantes, hábitos familiares, entre outros.

ROTEIRO:

PRESIDENTE PRUDENTE

Sexta-Feira, 29 de março, às 17h30

Local: Casa da filha Mariana

Endereço: Av. 11 de Maio, 1539 - Edifício Saint Germain, ap. 1301

Telefone:: (67) 99664-0150

DADOS: Marina é a caçula da família, nasceu em 07 de março de 1964 no antigo Hospital São Luiz de Presidente Prudente. Ela é formada na primeira turma de Zootecnia da Unoeste. Porém, antes fez um ano e meio de Engenharia Civil mas abandonou o curso e foi para Rio de Janeiro para fazer cursos de decoração. Depois retornou para Prudente e deu início ao curso de Zootecnia. Atualmente reside na cidade de Rio Brilhante (MS) e administra a fazenda São Gabriel. Nessa fazenda, Marina morou por 15 anos. Segundo Marina, seu pai sempre proporcionou uma igualdade entre todos os irmãos e, além disso era uma filha muito apegada a seu pai.

ROTEIRO DE PERGUNTAS:

- Conte um pouco sobre as lembranças da sua infância, como era a sua relação com o seu pai? e com sua mãe?
- Tinham hábitos que eram tradição? Almoços aos domingos, jantares em família, como era esse convívio familiar de vocês?

- Com a correria do cotidiano, por ser médico, você acredita que ele conseguia conciliar a profissão e a família? O considerava um pai presente?
- Você cursou zootecnia, em algum momento da vida pensou em cursar medicina?
- Chegou a trabalhar nessa área por quanto tempo? Chegou a parar? Seu pai teve influência?
- Em que ano você assumiu a administração da fazenda São Gabriel? Em que ano se mudou para Rio Brillhante?
- Chegou a trabalhar diretamente com seu pai? Se sim, como era esse trabalho?
- Como foi para o seu pai ver a escolha do seu curso? Ele te apoiou?
- Vocês se viam todo final de semana já na fase adulta? Como eram esses encontros?
- Em que ano casou e saiu da casa de seus pais?
- Seus filhos nasceram aqui em Prudente? e seu pai, tinha costume de participar das cirurgias da família?
- Casada e com dois filhos. Você vinha bastante para Prudente para que seus pais pudessem ter contato com os netos?
- Agora falando um pouco do lado profissional, qual você acredita que tenha sido o maior orgulho do Gabriel tanto na medicina quanto na pecuária?
- Diga uma palavra que defina seu pai.
- Qual é a última lembrança que tem dele? Quando e como foi a última vez que o viu?
- Qual é a última lembrança que tem de sua mãe? Quando e como foi a última vez que viu ela?
- Em sua opinião, ele realizou todos os sonhos que tinha? E sua mãe?
- Como foi para você, crescer com um pai tão conhecido e respeitado em sua cidade?
- Hoje, se pudesse dizer algo ao Gabriel, o que diria? Por quê? E para sua mãe?
- De todos os momentos que viveu com seu pai, qual foi o mais marcante?
- Por que a ideia das exposições de animais? De onde surgiu a ideia? Qual era o objetivo de Gabriel com esses eventos?
- Qual feito do seu pai que você mais se orgulha? Por quê?
- Seu pai era muito ligado aos animais e a agropecuária, qual é sua relação com este meio?
- Como era a relação de Dr. Gabriel e dona Marina?
- E os defeitos, seu pai tinha algum? E sua mãe?
- Conte algumas características marcantes de Gabriel e Marina.
- Quais eram os principais hábitos dos dois como um casal?
- Sua mãe sempre apoiou a carreira de seu pai tanto na medicina como na agropecuária?
- E com seus três irmãos, como era o convívio?
- Qual herança moral você acredita que seus pais tenham deixado para você e seus irmãos?
- Por que nenhum dos filhos seguiu carreira na medicina?
- Como era a rotina da família depois que seus pais ficaram doentes?
- Você era mais apegada ao seu pai ou a sua mãe? O que influenciava?
- Como a família ficou depois da morte de seu pai e de sua mãe? A família ainda permanece unida?
- Ao lembrar dele, do que você mais sente falta? E de sua mãe?
- Alguns de seus sobrinhos dizem que você é a tia favorita e mais apegada. Como essa relação ficou depois da morte dos dois? Vocês ainda se reúnem e conversam bastante?
- Na sua opinião, quais teriam sido as principais contribuições de Gabriel para Presidente Prudente?

PAUTA

RETRANCA: ENTREVISTA CAROLINA ZOCCOLARO COSTA MANCUZO

PROPOSTA: Coletar informações e histórias de Gabriel Costa Neto como avô, através de seus netos.

ENCAMINHAMENTO: O grupo irá entrevistar Carolina Zoccolaro Costa Mancuzo, terceira neta mais velha e filha de Mário, primogênito de Gabriel Costa Neto. Alguns assuntos que serão abordados: infância com os avós e família, lembranças e memórias, entre outros.

ROTEIRO:

PRESIDENTE PRUDENTE

Sexta-feira, 08 de março, às 18h.

Local: casa da Carolina

Endereço: Dahma II

Telefone: 99621-0160

DADOS: Atualmente tem 39 anos e é coordenadora dos cursos de fotografia e jornalismo da Facopp (Faculdade de Comunicação Social de Presidente Prudente). Gabriel sempre foi considerado pela neta como uma pessoa admirável e que ensinava muito a seus netos. Uma das principais questões que ele passou adiante dar foi valor pela família. Embora a vida dele fosse a medicina.

ROTEIRO DE PERGUNTAS:

- Conte como foi sua infância ao lado de seus avós e família? Tem algum episódio marcante que envolveu você e seus avós? Sempre conviveram juntos?
- Como era a proximidade entre você, a Marina e o Gabriel? Era mais apegada a um do que ao outro? Se sim, qual o motivo?
- Entre você e seus irmãos tinha muito ciúmes em relação a seus avós? Como era a relação dos avós com todos os netos?
- Quais eram os lugares que mais frequentava com seus avós quando era criança? Tem alguma história em especial?
- Você disse que os dois são exemplos para você. Como foi crescer ao lado de pessoas que te inspiravam?
- Como era a relação de Gabriel e Marina? O que a relação deles trouxe de exemplo para você e seus irmãos e família?
- O que a Marina representava na vida de seu avô?
- Teve alguma cobrança ou pressão para você cursar medicina? Como foi para seus pais e principalmente para seus avós descobrirem que iria cursar jornalismo?
- Enquanto cursava e depois de formada, o Gabriel gostava de conversar com você sobre Jornalismo? O que ele gostava de fazer com você quando o assunto era jornalismo? Ele tinha algum hábito em relação a isso?
- O que você e Gabriel mais gostavam de conversar? E com sua avó?
- Você já morou com ele algum tempo? Se sim, qual foi o motivo e como foi essa experiência?
- Como esse 'dar valor' à família se perpetuou depois da morte deles? A família é unida?
- Como foi seu casamento com a presença dos dois? Eles chegaram a conhecer algum de seus filhos? Como foi esta experiência?
- Como foi presenciar e conviver os últimos anos de vida do Gabriel?
- Conte como foi receber a notícia da morte dele? E da Marina?
- Qual a última lembrança que tem dele e de sua avó?
- Teve algo que não conseguiu falar pra ele antes de morrer? Um arrependimento? Se ele estivesse vivo, o que gostaria de falar pra ele hoje?
- Para você quais podem ter sido as principais contribuições de Gabriel para Presidente Prudente?

PAUTA

RETRANCA: ENTREVISTA MARIANA COSTA BINOTE

PROPOSTA: Coletar histórias e informações da vida de Gabriel Costa Neto como avô e saber um pouco mais sobre a convivência familiar.

ENCAMINHAMENTO: Iremos entrevistar Mariana Costa Binote neta de Gabriel Costa Neto. Assuntos como à época em que morou com os avós serão abordados.

ROTEIRO:

PRESIDENTE PRUDENTE

Sexta-Feira, 29 de março, às 17h30

Local: Casa da Mariana

Endereço: Av. 11 de Maio, 1539 - Edifício Saint Germain, ap. 1301

Telefone: (18) 998165581

DADOS: Mariana Costa Binote, tem 27 anos, cursa administração e gestão de recursos humanos, e conta que morou com o avô durante dois anos, e que sente saudades das conversas e que se lembra das brincadeiras do avô, como por exemplo quando ele fazia cócegas.

ROTEIRO DE PERGUNTAS:

- Você morou com seus avós durante dois anos, por que isso aconteceu? Como foi a experiência?
- Tem algum episódio marcante que envolveu você e seus avós?
- Como era a proximidade entre você, a Marina e o Gabriel? Era mais apegada a um do que ao outro? Se sim, qual o motivo?
- Como era a relação dos avós com todos os netos?
- Quais eram os lugares que mais frequentava com seus avós quando era criança? Tem alguma história em especial?
- Em sua opinião como era a relação de Gabriel e Marina?
- Você chegou a acompanhar e conviver os últimos anos de vida do Gabriel? Caso não, como era a frequência de visitas?
- Como foi receber a notícia da morte dele? E da Marina?
- Qual a última lembrança que tem dele e de sua avó?
- Se seu avô estivesse vivo, o que gostaria de falar pra ele hoje?
- Para você quais podem ter sido as principais contribuições de Gabriel para Presidente Prudente?

PAUTA

RETRANCA: ENTREVISTA GABRIEL COSTA BINOTE

PROPOSTA: Coletar histórias e informações da vida de Gabriel Costa Neto como avô e saber um pouco mais sobre a convivência familiar.

ENCAMINHAMENTO: Iremos entrevistar Gabriel Costa Binote, neto de Gabriel Costa Neto. Assuntos que serão abordados: infância com os avós e família, lembranças e memórias, entre outros.

ROTEIRO:

PRESIDENTE PRUDENTE

Sexta-Feira, 29 de março, às 17h00.

Local: Casa do Gabriel

Endereço: Av. 11 de Maio, 1539 - Edifício Saint Germain, ap. 1301

Telefone: (18) 997318138

DADOS: Gabriel Costa Binote tem 20 anos, cursa medicina veterinária e conta que quando o avô faleceu era muito novo, mas se lembra e sente saudades das brincadeiras que tinha com avô.

ROTEIRO DE PERGUNTAS:

- Você visitava seus avós com frequência? Como eram as visitas?

- Como era a proximidade entre você, a Marina e o Gabriel? Era mais apegado a um do que ao outro? Se sim, qual o motivo?
- Vocês costumavam passear juntos? Como eram esses passeios?
- Tem algum episódio marcante que envolveu você e seus avós?
- Como era a relação dos avós com todos os netos?
- Em sua opinião como era a relação de Gabriel e Marina?
- Como foi receber a notícia da morte dele? E da Marina?
- Qual a última lembrança que tem dele e de sua avó?
- Você gostaria de ter convivido mais tempo com ele? Por que?
- Se seu avô estivesse vivo, o que gostaria de falar pra ele hoje?
- Para você quais podem ter sido as principais contribuições de Gabriel para Presidente Prudente?

PAUTA

RETRANÇA: SEGUNDA ENTREVISTA MÁRIO LUIZ CARNEIRO COSTA

PROPOSTA: Coletar histórias e informações da vida de Gabriel Costa Neto como pai de família e no meio profissional.

ENCAMINHAMENTO: Vamos entrevistar Mário Luiz Carneiro Costa um dos filhos do médico e pecuarista Gabriel Costa Neto. Alguns dos itens abordados serão: hábitos e tradições familiares, histórias marcantes em família, entre outros.

ROTEIRO:

PRESIDENTE PRUDENTE

Segunda-feira, 04 de março, às 15h.

Local: Casa do Mário

Endereço: Rua Alameda Euclides de Castro, 139, Village Dahma

Telefone: (18) 99773-1048.

DADOS: Formado em Zootecnia pela Unesp de Jaboticabal, Mário afirma ter sido o filho que mais conviveu com Gabriel. Grande parte disso é em razão do amor em comum pela pecuária. Foi ele quem ajudou o pai a abrir futuras fazendas da família. Entre elas, Mata Sede, Santa Marina, São Gabriel e Pampa.

ROTEIRO DE PERGUNTAS:

- Conte um pouco sobre as lembranças da sua infância, como era a sua relação com o seu pai?
- Tinham hábitos que eram tradição? Almoços aos domingos, jantares em família, como era esse convívio familiar de vocês?
- Com a correria do cotidiano, por ser médico, você acredita que ele conseguia conciliar a profissão e a família? O considerava um pai presente?
- Conforme foi crescendo, acredita que Dr. Gabriel tenha exercido alguma influência na sua paixão pela pecuária? E a medicina, nunca lhe chamou a atenção?
- Como era a relação de vocês irmãos?
- Quando e por que você decidiu cursar a faculdade, seu pai apoiou? Como foi essa decisão de mudar de cidade para estudar?
- A dona América comentou que o sr. é como se fosse um anjo da guarda para ela, por que ela o considera assim? Como é a relação de vocês? Ela se intensificou após a morte do Dr. Gabriel?
- O que mais deixou saudade da época em que Dr. Gabriel era vivo?
- Quando se casou, foi construindo sua família, como foi esse processo de sair de casa? Seu pai apoiou?
- Após ter saído de casa, você visitava seus pais com frequência?
- Como ele recebeu a notícia de que seria avô pela primeira vez?

- Agora falando um pouco do lado profissional, qual você acredita que tenha sido o maior orgulho do Gabriel tanto na medicina quanto na pecuária?
- Se pudesse defini-lo em uma palavra, qual seria e por quê?
- Qual é a última lembrança que tem dele? Quando e como foi a última vez que o viu?
- Em sua opinião, ele realizou todos os sonhos que tinha?
- Segundo a dona América, um dos maiores sonhos de Gabriel era se tornar um médico respeitado e que se tornasse o melhor pelos pacientes. Segundo ela, até hoje, ele é reconhecido por isso, você concorda?
- Quais já foram suas experiências em relação a esse reconhecimento?
- Como foi para você, crescer com um pai tão conhecido e respeitado no meio da medicina e da agropecuária?
- Como eram as atividades de vocês nas fazendas?
- Hoje você tem sua própria fazenda, algum de seus filhos também tem esse viés com a pecuária?
- Hoje, se pudesse dizer algo ao Gabriel, o que diria? Por quê?
- Quais histórias mais marcantes de recorda?
- Você esteve presente na ocasião em que Dr. Gabriel comprou um cavalo de Graciliano Ramos? Como foi?
- Por que a ideia das exposições de animais? De onde surgiu a ideia? Qual era o objetivo de Gabriel com esses eventos?
- Quais principais gritos de Gabriel como diretor do Cremesp? E do sindicato rural?
- Qual feito do seu pai que você mais se orgulha, por quê?
- De onde surgiu o seu amor pelos animais? Influência? E seu pai, como conciliava a Medicina e a pecuária?
- E sua mãe, como era a relação de vocês? Como era a relação de Dr. Gabriel e dona Marina?
- E com seus irmãos, como era o convívio? Da família no geral?
- Por que você era o mais próximo?
- Qual herança moral você acredita que seus pais tenham deixado para você e seus irmãos?
- Por que nenhum dos filhos seguiu carreira na medicina?

PAUTA

RETRANCA: ENTREVISTA AMÉRICA COSTA SANDOVAL

PROPOSTA: Encontrar histórias e informações sobre a vida de Gabriel Costa Neto, bem como entender melhor sobre seu período de infância, juventude e fase adulta.

ENCAMINHAMENTO: Entrevistar América Costa Sandoval, irmã do médico e pecuarista Gabriel Costa Neto para confirmar algumas informações e aprofundar em assuntos como a vinda da família para Prudente e a casa de Muzambinho (MG).

ROTEIRO:

PRESIDENTE PRUDENTE

Sexta-feira, 28 de junho, às 15h30.

Local: Casa da América

Endereço: Rua Rui Barbosa, 913, apto 72

Telefone: (18) 3223-2787 / (18) 99718-5910

DADOS: Nascida em 19 de abril de 1923, América é irmã de Gabriel Costa Neto, Marta Maria Santana Costa e Cândia Costa Leite. Moradora de Presidente Prudente desde 1940, na época ainda cursava o ginásio e se mudou para a cidade com os pais. Na mesma época, Gabriel e as duas irmãs continuaram onde já moravam, São Paulo.

ROTEIRO DE PERGUNTAS:

- Você pode confirmar os nomes das suas irmãs pra gente?

- Em relação a seus pais. Como era a relação dos dois? Eles eram carinhosos um com o outro?
- Mas a senhora percebia o amor entre eles? Se eles eram apaixonados um pelo outro?
- Quando você morava em Muzambinho com seus pais, com o Gabriel e suas irmãs, costumava ter empregadas na casa? Ou era a Gabriela que cuidava de tudo?
- A sua mãe fazia algum serviço de casa? Como que era?
- E a sua mãe era a que sempre preparava as coisas?
- Falando da casa, a senhora se recorda de como era a casa?
- A senhora se lembra do nome do bairro?
- A senhora se lembra de como era a casa por dentro?
- A senhora se lembra o que costumavam comer com frequência?
- Quando viermos aqui da outra vez, a senhora falou que vocês se mudaram de Muzambinho com a entrada dos paulistas?
- Como foi receber a notícia dessa invasão em Muzambinho?
- Esses avós eram maternos? Como era a fazenda deles?
- O que vocês faziam para se divertir por lá?
- Como eram os seus avós, eles eram acolhedores?
- Você se lembra quando foi que retornaram para Muzambinho?
- Depois de voltar para Muzambinho, teve a ida de vocês para Presidente Prudente.
- Foi quanto tempo de Muzambinho para a ida até Prudente?
- Quando vieram para Prudente, lembram se vieram de trem?
- Mas vocês pegaram o trem em São Paulo?
- Falando um pouco mais sobre seu pai, você se lembra qual era a profissão dele em Muzambinho?
- Ele tinha um hobby, algo que ele gostava de fazer no dia a dia?
- E o que vocês acharam de Prudente quando chegaram?
- Mesmo mudando de cidade, a dona Gabriela continuou a fazer os doces, bolos?
- Quando seu pai veio para cá, ele fez o tratamento certinho?

PAUTA

RETRANCA: TERCEIRA ENTREVISTA AMÉRICA COSTA SANDOVAL

PROPOSTA: Encontrar histórias e informações sobre a vida de Gabriel Costa Neto, bem como entender melhor sobre seu período de infância, juventude e fase adulta.

ENCAMINHAMENTO: Entrevistar América Costa Sandoval, irmã do médico e pecuarista Gabriel Costa Neto para confirmar algumas informações e aprofundar em assuntos como a ida dos irmãos para São Paulo, além das características dos pais, irmãs e irmão.

ROTEIRO:

PRESIDENTE PRUDENTE

Sexta-feira, 23 de agosto, às 17h.

Local: Casa da América

Endereço: Rua Rui Barbosa, 913, apto 72

Telefone: (18) 3223-2787 / (18) 99718-5910

DADOS: Nascida em 19 de abril de 1923, América é irmã de Gabriel Costa Neto, Marta Maria Santana Costa e Candia Costa Leite. Moradora de Presidente Prudente desde 1940, na época ainda cursava o ginásio e se mudou para a cidade com os pais. Na mesma época, Gabriel e as duas irmãs continuaram onde já moravam, São Paulo.

ROTEIRO DE PERGUNTAS:

- Em que ano a senhora nasceu? Quantos anos a senhora tem agora?
- A senhora se lembra quando foi que o seu pai, senhor Orozimbo, morreu?
- A senhora se lembra dos nomes dos tios paternos, irmãos de seu pai?
- A senhora se lembra se o Gabriel Costa Filho era casado?

- Um pouco da dona Gabriela agora. A senhora se lembra dos irmãos e irmãs dela? Eles estão vivos ainda?
- A senhora se lembra dos nomes deles?
- A senhora se lembra dos nomes dos pais da Gabriela?
- Então quando vocês foram para a fazenda deles na época da Revolução, aí nessa época o seu avô já tinha falecido? Tinha só a sua avó na casa ou tinha mais alguém?
- A senhora consegue falar pra gente algumas características lá da fazenda em Carmo do Rio Claro?
- E o que tinha lá na fazenda?
- E como era a casa por dentro?
- Estamos com dúvida em relação a uma data. Quando teve essa Revolução, ela foi em 1930 ou em 1932?
- A senhora se lembra com quem o Dr. Cerávolo era casado?
- Então quer dizer que o Gabriel Costa que era seu tio se casou com uma irmã do Cerávolo. E o Cerávolo se casou com uma irmã do Gabriel Costa?
- Seus pais, por acaso, já contaram para você como os dois se conheceram?
- Só para confirmar, o seu pai tinha dois irmãos médicos, um que era advogado e a Oronina?
- Eu queria perguntar também a respeito das suas duas irmãs, a Dida e a Marta. A senhora se lembra de algumas das características delas?
- A Marta morreu aqui em Prudente?
- E quais eram as características da sua mãe?
- Quando sua mãe veio para Presidente Prudente, ela sempre foi dona de casa?
- E o que ela gostava de fazer enquanto estava aqui em Prudente? Ir na feira, por exemplo?
- Como eles se vestiam no dia a dia?
- Como era a casa, o sobrado que vocês moraram que ficava na rua Dr. Gurgel?
- Só para confirmar, a família da sua mãe era de Carmo do Rio Claro?
- Quando vocês vieram para Prudente, mudou alguma coisa da rotina de vocês?
- Você se lembra por quanto tempo ficou morando em Jundiá com os seus pais? O que era plantado no sítio de Jundiá? O sítio tinha algum nome?
- Lá em Muzambinho, quantas fazendas o seu pai tinha? E o sítio?
- A senhora se lembra qual era o foco dessas duas fazendas?
- Basicamente, o Orozimbo só mexia com fazenda. Tinha o hábito de levar os filhos para as fazendas?
- Agora, vou focar um pouquinho na casa da Tia Lulu em São Paulo. Como era lá?
- E como era a sua rotina e a do Gabriel lá na casa da tia Lulu?
- Tinha empregados?
- A senhora se lembra com qual idade o Gabriel tinha quando ele entrou em Medicina?
- Você dois voltaram juntos para São Paulo?
- A senhora se lembra como o Gabriel fazia para ir para a faculdade?
- Qual foi a sequência de lugares que ele trabalhou depois que se formou?

PAUTA

RETRANÇA: SEGUNDA ENTREVISTA MÁRIO LUIZ CARNEIRO COSTA

PROPOSTA: Coletar histórias e informações da vida de Gabriel Costa Neto como pai de família e no meio profissional.

ENCAMINHAMENTO: Vamos entrevistar Mário Luiz Carneiro Costa um dos filhos do médico e pecuarista Gabriel Costa Neto. Alguns dos itens abordados serão: a aquisição das fazendas, recinto de exposições, entre outros assuntos.

ROTEIRO:
PRESIDENTE PRUDENTE

Terça-feira, 27 de agosto, às 17h.

Local: Casa do Mário

Endereço: Rua Alameda Euclides de Castro, 139, Village Dahma

Telefone: (18) 99773-1048.

DADOS: Formado em Zootecnia pela Unesp de Jaboticabal, Mário afirma ter sido o filho que mais conviveu com Gabriel. Grande parte disso é em razão do amor em comum pela pecuária. Foi ele quem ajudou o pai a abrir futuras fazendas da família. Entre elas, Mata Sede, Santa Marina, São Gabriel e Pampa.

ROTEIRO DE PERGUNTAS:

- Como surgiu no Gabriel essa vontade de construir fazenda?
- Você lembra de algum momento especial na fazenda com a família?
- Em relação ao recinto de exposições, como que aconteceu?
- O Gabriel chegou a comentar com você como foi a experiência de conhecer os presidentes?
- Agora outra parte que eu queria falar com o senhor é sobre o GTE. O senhor participou do GTE?
- Qual era o objetivo principal?
- E durou quanto tempo o GTE?
- Sobre o MST, a gente queria saber mesmo se chegou a ter alguma invasão mesmo na fazenda do Gabriel?
- Foi em que ano a invasão?
- E foi o senhor que foi contou para ele que foi invadida?
- Sabe me dizer mais ou menos quando ele começou a se afastar da pecuária?
- A São Sebastião ainda existe?
- Quando o Gabriel estava na fazenda, ele tinha algum hobby específico?
- O Topázio viveu quantos anos?
- O Topázio sempre ficou no haras de Martinópolis?

PAUTA

RETRANCA: SEGUNDA ENTREVISTA MARINA ELISABETH CARNEIRO COSTA BINOTE

PROPOSTA: Coletar informações sobre a vida de Gabriel Costa Neto como médico, pai e profissional.

ENCAMINHAMENTO: Iremos entrevistar Marina Elisabeth Carneiro Costa Binote, única filha mulher de Gabriel Costa Neto. Na conversa os questionamentos abordados serão: a última viagem que Gabriel fez para Rio Brilhante, dentre outros momentos importantes.

ROTEIRO:

PRESIDENTE PRUDENTE

Terça-feira, 03 de setembro, às 17h30

Local: entrevista via telefone

Telefone: (67) 99664-0150

DADOS: Marina é a caçula da família, nasceu em 07 de março de 1964 no antigo Hospital São Luiz de Presidente Prudente. Ela é formada na primeira turma de Zootecnia da Unoeste. Porém, antes fez um ano e meio de Engenharia Civil mas abandonou o curso e foi para Rio de Janeiro para fazer cursos de decoração.

Depois retornou para Prudente e deu início ao curso de Zootecnia. Atualmente reside na cidade de Rio Brilhante (MS) e administra a fazenda São Gabriel. Nessa fazenda, Marina morou por 15 anos. Segundo Marina, seu pai sempre proporcionou uma igualdade entre todos os irmãos e, além disso era uma filha muito apegada a seu pai.

ROTEIRO DE PERGUNTAS:

- Em relação à última viagem que o Gabriel fez para Rio Brillhante (MS). Você pode contar como foi essa viagem?
- Quem estava presente nessa ocasião?
- A senhora se lembra se o Tosello também estava na fazenda?
- E como foram esses momentos com ele? O que vocês fizeram lá?
- Gostaria de confirmar com a senhora como foram as últimas semanas do Gabriel antes dele falecer? Você estava com ele durante esse período, não é?
- Você tem alguma lembrança especial em relação às fazendas, quando você era mais nova? Tem alguma lembrança que te marca?
- Você se lembra com quanta frequência ia para a São Sebastião com eles?
- Em relação à divisão das fazendas, você ficou com a São Gabriel mas ela ainda não tinha uma sede, não é mesmo?
- O que você fizeram com ela para construir sede e dentre outras coisas?
- Você sabe me dizer por quanto tempo ficou morando na Mata Sede durante esse período?
- Demorou muito para a São Gabriel ficar pronta do jeito que você queria?
- Antes de você ter a fazenda São Gabriel, já tinha essa questão de ajudar seu pai a administrar alguma coisa relacionada às fazendas, à pecuária? Ou era só mais o Mário nessa época?

PAUTA

RETRANCA: SEGUNDA ENTREVISTA OTÁVIO LUIZ CARNEIRO COSTA

PROPOSTA: Coletar informações sobre a vida de Gabriel Costa Neto como médico, pai e profissional.

ENCAMINHAMENTO: Iremos entrevistar Otávio Luiz Carneiro Costa, um dos filhos de Gabriel Costa Neto. Na conversa os questionamentos abordados serão: as fazendas da família, o cavalo Topázio, entre outros.

ROTEIRO:

PRESIDENTE PRUDENTE

Sexta-feira, 06 de setembro, às 9h

Local: entrevista via ligação

Telefone: 39083319 / 6799734221

DADOS: Formado em administração, trabalhou na fazenda São Sebastião, em Mirante do Paranapanema, encontrava o pai no ambiente de trabalho apenas uma vez por semana, nesses finais de semana costumavam andar a cavalo para observar o gado. E afirma que sempre estavam juntos, e destaca que Gabriel era bom, mas energético, gostava das coisas perfeitas.

ROTEIRO DE PERGUNTAS:

- Em relação a fazenda São Sebastião quantos alqueires de café plantados tinham na São Sebastião quando ela foi comprada?
- O senhor é dono da fazenda Pampa certo?
- Como foi o processo para abrir a fazenda Pampa, como o senhor abriu a sede?
- E demorou quanto tempo assim para o senhor construir a sede e deixar do jeitinho que o senhor gostava?
- E como a fazenda está hoje senhor Otávio?
- Antes do senhor cuidar das fazendas com os seus irmãos o que o senhor fazia?
- O senhor lembra em que ano ele te chamou para cuidar da fazenda?
- O senhor fez a faculdade aonde mesmo?
- O senhor lembra o ano em que começou a faculdade?
- Mas faz mais ou menos uns 30 anos, não é?

- Por que o senhor teve essa iniciativa de ajudar seu pai a cuidar das fazendas? O que te motivou?
- E o senhor acha que foi algo que passou de geração para geração porque seu pai é filho de fazendeiro e vocês tiveram esse contato com a terra sempre quando era criança. Então o senhor acha que teve uma influência assim?
- Qual é o nome da filha?
- Então ela também tem esse hábito de ajudar o senhor também, não é?
- O senhor chegou a participar das reuniões do GTE?
- Então acho que o senhor não vai saber me responder essa aqui, de quanto anos durou o GTE, não é?
- O Gabriel foi presidente da Sociedade Rural. Certo?
- O senhor sabe me dizer o ano em que o Gabriel deixou de ser presidente da Sociedade Rural, o senhor se lembra?
- O senhor por acaso estava presente nessa ocasião?
- O senhor lembra em que ano foi isso, quando o Gabriel convidou o presidente Stroessner para ir na feira?
- A terceira pessoa o senhor não sabe quem foi, não é?
- A gente tem um documento que fala que o cavalo Topázio que era o favorito do seu pai, era Topázio ou era Topázio do Paranapanema?
- O senhor foi na viagem que comprou o Topázio?
- O senhor disse na outra entrevista que antes de ir para a fazenda do seu Antônio Pitangui vocês visitaram um tio, que quando vocês compraram o Topázio antes de entrar na fazenda do seu Antônio Pitangui vocês visitaram um tio. Você sabe qual era essa irmã da sua mãe que ele era casado?
- O senhor pode me dizer como é que foi no dia que o presidente Paraguai e o Geisel estiveram em Prudente? Como foi a experiência de participar desse dia?
- O senhor lembre se tinha muita gente nessa exposição? Como é que tava nesse dia?
- O senhor lembra como estava o Gabriel no dia?
- O senhor lembra se chegou a ver o Geisel ou o Stroessner de pertinho?
- Além do senhor tinha mais alguém da família presente?
- O senhor lembra mais ou menos quantos anos o senhor tinha na época?

APÊNDICE B
TABELA DE DOCUMENTOS

DOCUMENTOS				
TIPO DE ARQUIVO	PASTA	NOME	DESCRIÇÃO	DATA
JORNAL	JORNAL DOUTOR	Sociedade de medicina de PP (50 anos)	COMEMORAÇÃO DOS 55 ANOS DA SOCIEDADE DE MEDICINA DE PRESIDENTE PRUDENTE - FUNDADA POR 23 MÉDICOS, ENTRE ELES O DR. GABRIEL COSTA NETO - CONSTA FOTO DELE ENTRE OS FUNDADORES	JULHO DE 2002
JORNAL	JORNAL DOUTOR	Médico de família	CAPA DO JORNAL COM FOTO DO GABRIEL COSTA NETO + FAMÍLIA - A REVISTA ESTÁ INCOMPLETA E VISAVA TRAZER UM PERFIL DO MÉDICO	FEVEREIRO DE 2004
JORNAL	JORNAL DOUTOR	Dr. Costa Neto e suas paixões: medicina e pecuária	O TEXTO FALA SOBRE A BIOGRAFIA DELE; RELATA QUE ELE ERA O 4º CRIADOR DE CAVALOS MANGALARGA MAIS ANTIGO DO ESTADO DE SP; ELE TROUXE ERNESTO GEISEL EM UMA EXPOSIÇÃO DE ANIMAIS EM PRUDENTE. COSTA NETO DIZ ADORA MÚSICA SINFÔNICA E SER FÃ DA SARAH BRIGHTMAN.	FEVEREIRO DE 2005
JORNAL	JORNAL DOUTOR	Casa do Médico comemora 60 anos em grande estilo	O TEXTO FALA A RESPEITO DOS 60 ANOS DE FUNDAÇÃO DA CASA DO MÉDICO	SETEMBRO DE 2007
JORNAL	JORNAL DOUTOR	Casa do Médico comemora 60 anos em grande estilo 2	O TEXTO FALA A RESPEITO DOS 60 ANOS DE FUNDAÇÃO DA CASA DO MÉDICO	SETEMBRO DE 2007
JORNAL	JORNAL DOUTOR	Casa do Médico comemora 60 anos em grande estilo 3	O TEXTO FALA A RESPEITO DOS 60 ANOS DE FUNDAÇÃO DA CASA DO MÉDICO	SETEMBRO DE 2007

JORNAL	A GAZETA - S. PAULO	Colação de grau na Escola Paulista de Medicina	ENTREGA DO PRÊMIO DE MELHOR ALUNO DA TURMA DE MEDICINA AO COSTA NETO	19 DE DEZEMBRO DE 1947
JORNAL	OESTE NOTÍCIAS	Coluna "Sociais" de Miriam Ribeiro	A COLUNA TRAZ UMA FOTO DO DR. COM A ESPOSA MARINA, COMEMORANDO 50 ANOS DE CASADOS	12 DE AGOSTO DE 2000
JORNAL	O IMPARCIAL	Coluna "Sociedade em Tópicos"	NOTA SOBRE A SESSÃO SOLENE NA CÂMARA QUE DEU TÍTULO DE CIDADÃO PRUDENTINO AO DR. GABRIEL COSTA NETO	9 DE AGOSTO DE 1996
JORNAL	O IMPARCIAL	Matéria O Imparcial	DESCRIÇÃO SOBRE AS BODAS DE OURO DO GABRIEL E DA MARINA	12 DE AGOSTO DE 2000
JORNAL	O IMPARCIAL	Matéria O Imparcial	GABRIEL COSTA NETO É HOMENAGEADO COM O TROFÉU "JACOB TOSELLO", QUE RECEBEU PELAS MÃOS O DIRETOR DO SINDICATO RURAL, ANTONIO SERVANTES	2001
JORNAL	O IMPARCIAL	Matéria O Imparcial 2	GABRIEL COSTA NETO É HOMENAGEADO COM O TROFÉU "JACOB TOSELLO", QUE RECEBEU PELAS MÃOS O DIRETOR DO SINDICATO RURAL, ANTONIO SERVANTES	2001
JORNAL	O IMPARCIAL	Matéria O Imparcial 3	PERSONALIDADES DA PECUÁRIA	13 DE SETEMBRO DE 2001
JORNAL	O IMPARCIAL	Matéria O Imparcial 3.1	PERSONALIDADES DA PECUÁRIA	14 DE SETEMBRO DE 2001
JORNAL	O IMPARCIAL	Coluna do Sinomar	PERSONALIDADES DA PECUÁRIA	16 DE SETEMBRO DE 2001
JORNAL	O IMPARCIAL	Coluna do Sinomar 2	PERSONALIDADES DA PECUÁRIA	17 DE SETEMBRO DE 2001
JORNAL	O IMPARCIAL	Coluna do Sinomar 3	GABRIEL COSTA NETO ACOMPANHANDO A APRESENTAÇÃO DE TOURUS BANGUS NA	9 DE SETEMBRO DE 2001

			FAZENDA TANQUARUÇU	
JORNAL	O IMPARCIAL	Após apelo, ministro desiste de ser homenageado	MATÉRIA FALANDO SOBRE O MINISTRO DA AGRICULTURA E ABESTECIMENTO DA ÉPOCA, PRATINI DE MORAES, QUE DESISTIU DE SER HOMENAGEADO NO EVENTO "PERSONALIDADES DA AGROPECUÁRIA"	14 DE SETEMBRO DE 2001
JORNAL	O IMPARCIAL	Após apelo, ministro desiste de ser homenageado 4	MATÉRIA FALANDO SOBRE O MINISTRO DA AGRICULTURA E ABESTECIMENTO DA ÉPOCA, PRATINI DE MORAES, QUE DESISTIU DE SER HOMENAGEADO NO EVENTO "PERSONALIDADES DA AGROPECUÁRIA"	14 DE SETEMBRO DE 2001
JORNAL	O IMPARCIAL	Pecuaristas da região abrem a porteira para troca de experiências	FALANDO SOBRE A GTE (GRUPO DE TROCAR DE EXPERIÊNCIA) - ENTREVISTA COM O GABRIEL COSTA NETO SOBRE O TEMA	17 DE MARÇO DE 2001
JORNAL	O IMPARCIAL	Pecuaristas da região abrem a porteira para troca de experiências 2	FALANDO SOBRE A GTE (GRUPO DE TROCAR DE EXPERIÊNCIA) - ENTREVISTA COM O GABRIEL COSTA NETO SOBRE O TEMA	17 DE MARÇO DE 2001
JORNAL	O IMPARCIAL	Preparado o esquema da visita dos presidentes Geisel e Stroessner	MATÉRIA QUE FALA SOBRE COMO SERÁ A CHEGADA DOS PRESIDENTES	5 DE MARÇO DE 1976
JORNAL	O IMPARCIAL	Stroessner poderia permanecer alguns dias em Pres. Prudente	TEXTO QUE FALA SOBRE A POSSIBILIDADE DO PRESIDENTE DO PARAGUAI FICAR MAIS DIAS EM PRUDENTE	6 DE MARÇO DE 1976
JORNAL	O IMPARCIAL	Abre-se hoje em Prudente, V Exposição Internacional de Nelore	MATÉRIA SOBRE A ABETURA E DETALHES DA V EXPOSIÇÃO DE NELORE	7 DE MARÇO DE 1976

JORNAL	O IMPARCIAL	Matéria com o pecuarista Gabriel Costa Neto	MATÉRIA COM GABRIEL COSTA NETO A RESPEITO DA V EXPOSIÇÃO DE NELORE	9 DE MARÇO DE 1976
JORNAL	O IMPARCIAL	Foram julgados ontem 255 bovinos na V Exposição Internacional de Nelore	MATÉRIA QUE FALA EXCLUSIVAMENTE SOBRE OS ANIMAIS QUE FORAM EXPOSTOS NA EXPOSIÇÃO	10 DE MARÇO DE 1976
JORNAL	O IMPARCIAL	Criador prudentino pode ser o grande campeão da V Expoinel	MATÉRIA QUE TAMBÉM CITA O GABRIEL COSTA NETO COMO CRIADOR DE BOIS	11 DE MARÇO DE 1976
JORNAL	O IMPARCIAL	Presidentes do Brasil e Paraguai encontram-se hoje em P. Prudente	TEXTO QUE FALA SOBRE O GRANDE ENCONTRO DOS PRESIDENTES	12 DE MARÇO DE 1976
JORNAL	O IMPARCIAL	Geisel quebra o protocolo duas vezes durante visita em Pres. Prudente	MATÉRIA QUE FALA SOBRE OS PRIMEIROS DIAS DE ESTADIA DE GEISEL EM PRUDENTE	14 DE MARÇO DE 1976
JORNAL	O IMPARCIAL	Geisel dialogou com as classes trabalhadoras de Pres. Prudente	MATÉRIA SOBRE O QUE O PRESIDENTE FEZ DURANTE SUA ESTADIA	16 DE MARÇO DE 1976
JORNAL	O IMPARCIAL	Coluna Social do Sinomar	NOTA FALANDO SOBRE A APOSENTADORIA DO MÉDICO PRUDENTINO	29 DE OUTUBRO DE 1995
JORNAL	O IMPARCIAL	Recorte da matéria O imparcial	SOBRE HOMENAGEM QUE GABRIEL RECEBEU NA SANTA CASA DE PRUDENTE	14 DE NOVEMBRO DE 2009
JORNAL	O IMPARCIAL	Recorte da matéria O imparcial 2	SOBRE HOMENAGEM QUE GABRIEL RECEBEU NA SANTA CASA DE PRUDENTE	14 DE NOVEMBRO DE 2009
JORNAL	O IMPARCIAL	Gabriel Costa Neto morre aos 90 anos	MATÉRIA QUE FALA EXCLUSIVAMENTE SOBRE SUA MORTE E UM POUCO DE SUA TRAJETÓRIA PROFISSIONAL	24 DE JUNHO DE 2010
JORNAL	DOCUMENTOS SEM ORGANIZAÇÃO	Jornal O Imparcial	A MATÉRIA FALA SOBRE O CAVALO TOPÁZIO	21 DE SETEMBRO DE 1978

JORNAL	DOCUMENTOS SEM ORGANIZAÇÃO	Família Junqueira reuniu-se ontem em Pres. Prudente	MATÉRIA DO O IMPARCIAL QUE FALA SOBRE ESSA FAMÍLIA QUE POSSUI PARENTESCO COM GABRIEL COSTA NETO	1982
JORNAL	DOCUMENTOS SEM ORGANIZAÇÃO	Pecuaristas criticam o governo, definem suas reivindicações e buscam união da classe	MATÉRIA DO O IMPARCIAL QUE FALA A RESPEITO DOS PECUARISTAS E SUAS PREOCUPAÇÕES	1982
JORNAL	DOCUMENTOS SEM ORGANIZAÇÃO	Insatisfeitos, pecuaristas discutirão política de preços de carne e leite	TEXTO DO O IMPARCIAL QUE FALA DA MOVIMENTAÇÃO DOS FRIGORÍFICOS QUE BAIXAM O PREÇO DA CARNE NA HORA DE COMPRAR DO PRODUTOR	1982
JORNAL	CORREIO DA SOROCABANA	A cidade recebe Geisel e Stroessner	SOBRE A CHEGADA DOS DOIS PRESIDENTES CONVIDADOS PARA A V ESPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE NELORE	11 DE MARÇO DE 1976
JORNAL	CORREIO DA SOROCABANA	Geisel dá destaque para Pres. Prudente	MATÉRIA QUE FALA SOBRE A INFLUÊNCIA DO GEISEL NA CIDADE DO INTERIOR DE SP	14 DE MARÇO DE 1976
REVISTA	SOCIEDADE DE MEDICINA DE PRESIDENTE PRUDENTE	Cidadão da Medicina e de Presidente Prudente	MATÉRIA ESPECIAL PARA FALAR DA TRAJETÓRIA DE GABRIEL COSTA NETO	2007
REVISTA	SOCIEDADE DE MEDICINA DE PRESIDENTE PRUDENTE	Cidadão da Medicina e de Presidente Prudente	MATÉRIA ESPECIAL PARA FALAR DA TRAJETÓRIA DE GABRIEL COSTA NETO	2007
REVISTA	SOCIEDADE DE MEDICINA DE PRESIDENTE PRUDENTE	Cidadão da Medicina e de Presidente Prudente	MATÉRIA ESPECIAL PARA FALAR DA TRAJETÓRIA DE GABRIEL COSTA NETO	2007
REVISTA	SOCIEDADE DE MEDICINA DE PRESIDENTE PRUDENTE	Cidadão da Medicina e de Presidente Prudente	MATÉRIA ESPECIAL PARA FALAR DA TRAJETÓRIA DE GABRIEL COSTA NETO	2007

REVISTA	RURAL NEWS	Sindicato Rural dá apoio ao GTE	BOLETIM INFORMATIVO DO SINDICATO RURAL SOBRE O GTE	10 DE JULHO DE 2001
REVISTA	RURAL NEWS	Sindicato Rural dá apoio ao GTE	BOLETIM INFORMATIVO DO SINDICATO RURAL SOBRE O GTE	10 DE JULHO DE 2001
REVISTA	RURAL NEWS	Sindicato Rural dá apoio ao GTE	BOLETIM INFORMATIVO DO SINDICATO RURAL SOBRE O GTE	10 DE JULHO DE 2001
REVISTA	RURAL NEWS	Sindicato Rural dá apoio ao GTE	BOLETIM INFORMATIVO DO SINDICATO RURAL SOBRE O GTE	10 DE JULHO DE 2001
REVISTA	RURAL NEWS	Sindicato Rural dá apoio ao GTE	BOLETIM INFORMATIVO DO SINDICATO RURAL SOBRE O GTE	10 DE JULHO DE 2001
REVISTA	APM REGIONAL	Paixão pela Medicina e pela pecuária	MATÉRIA QUE ABORDA AS DUAS ÁREAS DE ATUAÇÃO DO GABRIEL	2005
REVISTA	APM REGIONAL	Paixão pela Medicina e pela pecuária 2	MATÉRIA QUE ABORDA AS DUAS ÁREAS DE ATUAÇÃO DO GABRIEL	2005
REVISTA	REVISTA COMEMORATIVA (50 ANOS SMPP)	1	A REVISTA FALA SOBRE A EVOLUÇÃO DA SMPP, CITANDO OS PRINCIPAIS FEITOS E MOSTRANDO OS EX-PRESIDENTES	1997
REVISTA	REVISTA COMEMORATIVA (50 ANOS SMPP)	2	A REVISTA FALA SOBRE A EVOLUÇÃO DA SMPP, CITANDO OS PRINCIPAIS FEITOS E MOSTRANDO OS EX-PRESIDENTES	1997
REVISTA	REVISTA COMEMORATIVA (50 ANOS SMPP)	3	A REVISTA FALA SOBRE A EVOLUÇÃO DA SMPP, CITANDO OS PRINCIPAIS FEITOS E MOSTRANDO OS EX-PRESIDENTES	1997
REVISTA	REVISTA COMEMORATIVA (50 ANOS SMPP)	4	A REVISTA FALA SOBRE A EVOLUÇÃO DA SMPP, CITANDO OS PRINCIPAIS FEITOS E MOSTRANDO OS EX-PRESIDENTES	1997

REVISTA	REVISTA COMEMORATIVA (50 ANOS SMPP)	5	A REVISTA FALA SOBRE A EVOLUÇÃO DA SMPP, CITANDO OS PRINCIPAIS FEITOS E MOSTRANDO OS EX- PRESIDENTES	1997
REVISTA	REVISTA COMEMORATIVA (50 ANOS SMPP)	6	A REVISTA FALA SOBRE A EVOLUÇÃO DA SMPP, CITANDO OS PRINCIPAIS FEITOS E MOSTRANDO OS EX- PRESIDENTES	1997
REVISTA	REVISTA COMEMORATIVA (50 ANOS SMPP)	7	A REVISTA FALA SOBRE A EVOLUÇÃO DA SMPP, CITANDO OS PRINCIPAIS FEITOS E MOSTRANDO OS EX- PRESIDENTES	1997
REVISTA	REVISTA COMEMORATIVA (50 ANOS SMPP)	8	A REVISTA FALA SOBRE A EVOLUÇÃO DA SMPP, CITANDO OS PRINCIPAIS FEITOS E MOSTRANDO OS EX- PRESIDENTES	1997
REVISTA	REVISTA COMEMORATIVA (50 ANOS SMPP)	9	A REVISTA FALA SOBRE A EVOLUÇÃO DA SMPP, CITANDO OS PRINCIPAIS FEITOS E MOSTRANDO OS EX- PRESIDENTES	1997
REVISTA	REVISTA COMEMORATIVA (50 ANOS SMPP)	10	A REVISTA FALA SOBRE A EVOLUÇÃO DA SMPP, CITANDO OS PRINCIPAIS FEITOS E MOSTRANDO OS EX- PRESIDENTES	1997
REVISTA	REVISTA COMEMORATIVA (50 ANOS SMPP)	11	A REVISTA FALA SOBRE A EVOLUÇÃO DA SMPP, CITANDO OS PRINCIPAIS FEITOS E MOSTRANDO OS EX- PRESIDENTES	1997
REVISTA	REVISTA COMEMORATIVA (50 ANOS SMPP)	12	A REVISTA FALA SOBRE A EVOLUÇÃO DA SMPP, CITANDO OS PRINCIPAIS FEITOS E MOSTRANDO OS EX- PRESIDENTES	1997

REVISTA	REVISTA COMEMORATIVA (50 ANOS SMPP)	13	A REVISTA FALA SOBRE A EVOLUÇÃO DA SMPP, CITANDO OS PRINCIPAIS FEITOS E MOSTRANDO OS EX-PRESIDENTES	1997
REVISTA	REVISTA COMEMORATIVA (50 ANOS SMPP)	14	A REVISTA FALA SOBRE A EVOLUÇÃO DA SMPP, CITANDO OS PRINCIPAIS FEITOS E MOSTRANDO OS EX-PRESIDENTES	1997
REVISTA	REVISTA COMEMORATIVA (50 ANOS SMPP)	15	A REVISTA FALA SOBRE A EVOLUÇÃO DA SMPP, CITANDO OS PRINCIPAIS FEITOS E MOSTRANDO OS EX-PRESIDENTES	1997
REVISTA	REVISTA COMEMORATIVA (50 ANOS SMPP)	16	A REVISTA FALA SOBRE A EVOLUÇÃO DA SMPP, CITANDO OS PRINCIPAIS FEITOS E MOSTRANDO OS EX-PRESIDENTES	1997
REVISTA	REVISTA COMEMORATIVA (50 ANOS SMPP)	17	A REVISTA FALA SOBRE A EVOLUÇÃO DA SMPP, CITANDO OS PRINCIPAIS FEITOS E MOSTRANDO OS EX-PRESIDENTES	1997
REVISTA	REVISTA COMEMORATIVA (50 ANOS SMPP)	18	A REVISTA FALA SOBRE A EVOLUÇÃO DA SMPP, CITANDO OS PRINCIPAIS FEITOS E MOSTRANDO OS EX-PRESIDENTES	1997
REVISTA	REVISTA COMEMORATIVA (50 ANOS SMPP)	19	A REVISTA FALA SOBRE A EVOLUÇÃO DA SMPP, CITANDO OS PRINCIPAIS FEITOS E MOSTRANDO OS EX-PRESIDENTES	1997
REVISTA	REVISTA COMEMORATIVA (50 ANOS SMPP)	20	A REVISTA FALA SOBRE A EVOLUÇÃO DA SMPP, CITANDO OS PRINCIPAIS FEITOS E MOSTRANDO OS EX-PRESIDENTES	1997

REVISTA	REVISTA COMEMORATIVA (50 ANOS SMPP)	21	A REVISTA FALA SOBRE A EVOLUÇÃO DA SMPP, CITANDO OS PRINCIPAIS FEITOS E MOSTRANDO OS EX-PRESIDENTES	1997
REVISTA	REVISTA COMEMORATIVA (50 ANOS SMPP)	22	A REVISTA FALA SOBRE A EVOLUÇÃO DA SMPP, CITANDO OS PRINCIPAIS FEITOS E MOSTRANDO OS EX-PRESIDENTES	1997
REVISTA	REVISTA COMEMORATIVA (50 ANOS SMPP)	23	A REVISTA FALA SOBRE A EVOLUÇÃO DA SMPP, CITANDO OS PRINCIPAIS FEITOS E MOSTRANDO OS EX-PRESIDENTES	1997
REVISTA	REVISTA COMEMORATIVA (50 ANOS SMPP)	24	A REVISTA FALA SOBRE A EVOLUÇÃO DA SMPP, CITANDO OS PRINCIPAIS FEITOS E MOSTRANDO OS EX-PRESIDENTES	1997
REVISTA	REVISTA COMEMORATIVA (50 ANOS SMPP)	25	A REVISTA FALA SOBRE A EVOLUÇÃO DA SMPP, CITANDO OS PRINCIPAIS FEITOS E MOSTRANDO OS EX-PRESIDENTES	1997
REVISTA	REVISTA COMEMORATIVA (50 ANOS SMPP)	26	A REVISTA FALA SOBRE A EVOLUÇÃO DA SMPP, CITANDO OS PRINCIPAIS FEITOS E MOSTRANDO OS EX-PRESIDENTES	1997
REVISTA	REVISTA COMEMORATIVA (50 ANOS SMPP)	27	A REVISTA FALA SOBRE A EVOLUÇÃO DA SMPP, CITANDO OS PRINCIPAIS FEITOS E MOSTRANDO OS EX-PRESIDENTES	1997
REVISTA	REVISTA COMEMORATIVA (50 ANOS SMPP)	28	A REVISTA FALA SOBRE A EVOLUÇÃO DA SMPP, CITANDO OS PRINCIPAIS FEITOS E MOSTRANDO OS EX-PRESIDENTES	1997

REVISTA	REVISTA COMEMORATIVA (50 ANOS SMPP)	29	A REVISTA FALA SOBRE A EVOLUÇÃO DA SMPP, CITANDO OS PRINCIPAIS FEITOS E MOSTRANDO OS EX-PRESIDENTES	1997
REVISTA	REVISTA COMEMORATIVA (50 ANOS SMPP)	30	A REVISTA FALA SOBRE A EVOLUÇÃO DA SMPP, CITANDO OS PRINCIPAIS FEITOS E MOSTRANDO OS EX-PRESIDENTES	1997
REVISTA	REVISTA COMEMORATIVA (50 ANOS SMPP)	31	A REVISTA FALA SOBRE A EVOLUÇÃO DA SMPP, CITANDO OS PRINCIPAIS FEITOS E MOSTRANDO OS EX-PRESIDENTES	1997
REVISTA	REVISTA COMEMORATIVA (50 ANOS SMPP)	32	A REVISTA FALA SOBRE A EVOLUÇÃO DA SMPP, CITANDO OS PRINCIPAIS FEITOS E MOSTRANDO OS EX-PRESIDENTES	1997
REVISTA	REVISTA COMEMORATIVA (50 ANOS SMPP)	33	A REVISTA FALA SOBRE A EVOLUÇÃO DA SMPP, CITANDO OS PRINCIPAIS FEITOS E MOSTRANDO OS EX-PRESIDENTES	1997
REVISTA	REVISTA COMEMORATIVA (50 ANOS SMPP)	34	A REVISTA FALA SOBRE A EVOLUÇÃO DA SMPP, CITANDO OS PRINCIPAIS FEITOS E MOSTRANDO OS EX-PRESIDENTES	1997
REVISTA	REVISTA COMEMORATIVA (50 ANOS SMPP)	35	A REVISTA FALA SOBRE A EVOLUÇÃO DA SMPP, CITANDO OS PRINCIPAIS FEITOS E MOSTRANDO OS EX-PRESIDENTES	1997
REVISTA	REVISTA COMEMORATIVA (50 ANOS SMPP)	36	A REVISTA FALA SOBRE A EVOLUÇÃO DA SMPP, CITANDO OS PRINCIPAIS FEITOS E MOSTRANDO OS EX-PRESIDENTES	1997

REVISTA	REVISTA COMEMORATIVA (50 ANOS SMPP)	37	A REVISTA FALA SOBRE A EVOLUÇÃO DA SMPP, CITANDO OS PRINCIPAIS FEITOS E MOSTRANDO OS EX-PRESIDENTES	1997
REVISTA	REVISTA COMEMORATIVA (50 ANOS SMPP)	38	A REVISTA FALA SOBRE A EVOLUÇÃO DA SMPP, CITANDO OS PRINCIPAIS FEITOS E MOSTRANDO OS EX-PRESIDENTES	1997
REVISTA	REVISTA COMEMORATIVA (50 ANOS SMPP)	39	A REVISTA FALA SOBRE A EVOLUÇÃO DA SMPP, CITANDO OS PRINCIPAIS FEITOS E MOSTRANDO OS EX-PRESIDENTES	1997
REVISTA	REVISTA COMEMORATIVA (50 ANOS SMPP)	40	A REVISTA FALA SOBRE A EVOLUÇÃO DA SMPP, CITANDO OS PRINCIPAIS FEITOS E MOSTRANDO OS EX-PRESIDENTES	1997
REVISTA	REVISTA COMEMORATIVA (50 ANOS SMPP)	41	A REVISTA FALA SOBRE A EVOLUÇÃO DA SMPP, CITANDO OS PRINCIPAIS FEITOS E MOSTRANDO OS EX-PRESIDENTES	1997
REVISTA	REVISTA COMEMORATIVA (50 ANOS SMPP)	42	A REVISTA FALA SOBRE A EVOLUÇÃO DA SMPP, CITANDO OS PRINCIPAIS FEITOS E MOSTRANDO OS EX-PRESIDENTES	1997
REVISTA	REVISTA COMEMORATIVA (50 ANOS SMPP)	43	A REVISTA FALA SOBRE A EVOLUÇÃO DA SMPP, CITANDO OS PRINCIPAIS FEITOS E MOSTRANDO OS EX-PRESIDENTES	1997
REVISTA	REVISTA COMEMORATIVA (50 ANOS SMPP)	44	A REVISTA FALA SOBRE A EVOLUÇÃO DA SMPP, CITANDO OS PRINCIPAIS FEITOS E MOSTRANDO OS EX-PRESIDENTES	1997

REVISTA	DOCUMENTOS SEM ORGANIZAÇÃO	Revista Chic	MATÉRIA ESPECIAL QUE CONTA A TRAJETÓRIA DE TRÊS IMPORTANTES MÉDICOS DE PRUDENTE: GABRIEL COSTA NETO, DOMINGOS LEONARDO CERÁVOLO, ODILO ANTUNES DE SIQUEIRA	2010
REVISTA	DOCUMENTOS SEM ORGANIZAÇÃO	Revista Chic 2	MATÉRIA ESPECIAL QUE CONTA A TRAJETÓRIA DE TRÊS IMPORTANTES MÉDICOS DE PRUDENTE: GABRIEL COSTA NETO, DOMINGOS LEONARDO CERÁVOLO, ODILO ANTUNES DE SIQUEIRA	2010
REVISTA	DOCUMENTOS SEM ORGANIZAÇÃO	Revista Chic 3	MATÉRIA ESPECIAL QUE CONTA A TRAJETÓRIA DE TRÊS IMPORTANTES MÉDICOS DE PRUDENTE: GABRIEL COSTA NETO, DOMINGOS LEONARDO CERÁVOLO, ODILO ANTUNES DE SIQUEIRA	2010
REVISTA	DOCUMENTOS SEM ORGANIZAÇÃO	Revista Chic 4	MATÉRIA ESPECIAL QUE CONTA A TRAJETÓRIA DE TRÊS IMPORTANTES MÉDICOS DE PRUDENTE: GABRIEL COSTA NETO, DOMINGOS LEONARDO CERÁVOLO, ODILO ANTUNES DE SIQUEIRA	2010
REVISTA	DOCUMENTOS SEM ORGANIZAÇÃO	Revista Chic 5	MATÉRIA ESPECIAL QUE CONTA A TRAJETÓRIA DE TRÊS IMPORTANTES MÉDICOS DE PRUDENTE: GABRIEL COSTA NETO, DOMINGOS LEONARDO CERÁVOLO, ODILO	2010

			ANTUNES DE SIQUEIRA	
REVISTA	DOCUMENTOS SEM ORGANIZAÇÃO	Revista Chic 6	MATÉRIA ESPECIAL QUE CONTA A TRAJETÓRIA DE TRÊS IMPORTANTES MÉDICOS DE PRUDENTE: GABRIEL COSTA NETO, DOMINGOS LEONARDO CERÁVOLO, ODILO ANTUNES DE SIQUEIRA	2010
REVISTA	DOCUMENTOS SEM ORGANIZAÇÃO	Revista Chic 7	MATÉRIA ESPECIAL QUE CONTA A TRAJETÓRIA DE TRÊS IMPORTANTES MÉDICOS DE PRUDENTE: GABRIEL COSTA NETO, DOMINGOS LEONARDO CERÁVOLO, ODILO ANTUNES DE SIQUEIRA	2010
REVISTA	DOCUMENTOS SEM ORGANIZAÇÃO	Revista Chic 8	MATÉRIA ESPECIAL QUE CONTA A TRAJETÓRIA DE TRÊS IMPORTANTES MÉDICOS DE PRUDENTE: GABRIEL COSTA NETO, DOMINGOS LEONARDO CERÁVOLO, ODILO ANTUNES DE SIQUEIRA	2010
REVISTA	DOCUMENTOS SEM ORGANIZAÇÃO	Revista Chic 9	MATÉRIA ESPECIAL QUE CONTA A TRAJETÓRIA DE TRÊS IMPORTANTES MÉDICOS DE PRUDENTE: GABRIEL COSTA NETO, DOMINGOS LEONARDO CERÁVOLO, ODILO ANTUNES DE SIQUEIRA	2010
REVISTA	DOCUMENTOS SEM ORGANIZAÇÃO	Revista Chic 10	MATÉRIA ESPECIAL QUE CONTA A TRAJETÓRIA DE TRÊS IMPORTANTES MÉDICOS DE PRUDENTE: GABRIEL COSTA NETO, DOMINGOS	2010

			LEONARDO CERÁVOLO, ODILO ANTUNES DE SIQUEIRA	
REVISTA	DOCUMENTOS SEM ORGANIZAÇÃO	Revista Chic 11	MATÉRIA ESPECIAL QUE CONTA A TRAJETÓRIA DE TRÊS IMPORTANTES MÉDICOS DE PRUDENTE: GABRIEL COSTA NETO, DOMINGOS LEONARDO CERÁVOLO, ODILO ANTUNES DE SIQUEIRA	2010
REVISTA	DOCUMENTOS SEM ORGANIZAÇÃO	Revista Chic 12	MATÉRIA ESPECIAL QUE CONTA A TRAJETÓRIA DE TRÊS IMPORTANTES MÉDICOS DE PRUDENTE: GABRIEL COSTA NETO, DOMINGOS LEONARDO CERÁVOLO, ODILO ANTUNES DE SIQUEIRA	2010
ÁUDIO	FITAS GRAVADAS PELA CAROL	FITA_COSTA NETO 01.mp3	A NETA E JORNALISTA, CAROLINA MANCUZO, REALIZA UMA ENTREVISTA COM O SEU AVÔ A RESPEITO DE SUA VIDA COMO, POR EXEMPLO: NAMORO COM MARINA, VIDA DE ESTUDANTE EM SÃO PAULO, DENTRE OUTROS TÓPICOS	2008
ÁUDIO	FITAS GRAVADAS PELA CAROL	FITA_COSTA NETO 02 - lado a.mp3	A NETA E JORNALISTA, CAROLINA MANCUZO, REALIZA UMA ENTREVISTA COM O SEU AVÔ A RESPEITO DE SUA VIDA COMO, POR EXEMPLO: NAMORO COM MARINA, VIDA DE ESTUDANTE EM SÃO PAULO, DENTRE OUTROS TÓPICOS	2008
ÁUDIO	FITAS GRAVADAS PELA CAROL	FITA_COSTA NETO 02 - lado b.mp3	A NETA E JORNALISTA, CAROLINA MANCUZO, REALIZA UMA	2008

			ENTREVISTA COM O SEU AVÔ A RESPEITO DE SUA VIDA COMO, POR EXEMPLO: NAMORO COM MARINA, VIDA DE ESTUDANTE EM SÃO PAULO, DENTRE OUTROS TÓPICOS	
ÁUDIO	FITAS GRAVADAS PELA CAROL	FITA_COSTA NETO 03 - lado a.mp3	A NETA E JORNALISTA, CAROLINA MANCUZO, REALIZA UMA ENTREVISTA COM O SEU AVÔ A RESPEITO DE SUA VIDA COMO, POR EXEMPLO: NAMORO COM MARINA, VIDA DE ESTUDANTE EM SÃO PAULO, DENTRE OUTROS TÓPICOS	2008
ÁUDIO	FITAS GRAVADAS PELA CAROL	FITA_COSTA NETO 03 - lado b.mp3	A NETA E JORNALISTA, CAROLINA MANCUZO, REALIZA UMA ENTREVISTA COM O SEU AVÔ A RESPEITO DE SUA VIDA COMO, POR EXEMPLO: NAMORO COM MARINA, VIDA DE ESTUDANTE EM SÃO PAULO, DENTRE OUTROS TÓPICOS	2008
TEXTOS	DISCURSO DO DIA INTERNACIONAL DA MULHER	Homenagem do dia Internacional da Mulher	TEXTO REFERENTE AO DISCURSO QUE GABRIEL FEZ, JUNTAMENTE COM A PARTICIPAÇÃO DE SUA NETA E JORNALISTA, CAROLINA MANCUZO	SEM DATA
TEXTOS	DISCURSO DO DIA INTERNACIONAL DA MULHER	Homenagem do dia Internacional da Mulher 2	TEXTO REFERENTE AO DISCURSO QUE GABRIEL FEZ, JUNTAMENTE COM A PARTICIPAÇÃO DE SUA NETA E JORNALISTA, CAROLINA MANCUZO	SEM DATA
TEXTOS	DISCURSO DO DIA INTERNACIONAL DA MULHER	Homenagem do dia Internacional da Mulher 3	TEXTO REFERENTE AO DISCURSO QUE GABRIEL FEZ, JUNTAMENTE COM A PARTICIPAÇÃO DE SUA NETA E	SEM DATA

			JORNALISTA, CAROLINA MANCUZO	
TEXTOS	DISCURSO DO DIA INTERNACIONAL DA MULHER	Homenagem do dia Internacional da Mulher 4	TEXTO REFERENTE AO DISCURSO QUE GABRIEL FEZ, JUNTAMENTE COM A PARTICIPAÇÃO DE SUA NETA E JORNALISTA, CAROLINA MANCUZO	SEM DATA
TEXTOS	DISCURSO DO DIA INTERNACIONAL DA MULHER	Homenagem do dia Internacional da Mulher 5	TEXTO REFERENTE AO DISCURSO QUE GABRIEL FEZ, JUNTAMENTE COM A PARTICIPAÇÃO DE SUA NETA E JORNALISTA, CAROLINA MANCUZO	SEM DATA
TEXTOS	DISCURSO DO DIA INTERNACIONAL DA MULHER	Homenagem do dia Internacional da Mulher 6	TEXTO REFERENTE AO DISCURSO QUE GABRIEL FEZ, JUNTAMENTE COM A PARTICIPAÇÃO DE SUA NETA E JORNALISTA, CAROLINA MANCUZO	SEM DATA
TEXTOS	HOMENAGEM CÂMARA	1.1	TEXTO SOBRE A CERIMÔNIA SOLENE QUE CONCEDE A GABRIEL O TÍTULO DE CIDADÃO PRUDENTINO	1996
TEXTOS	HOMENAGEM CÂMARA	1.2	TEXTO SOBRE A CERIMÔNIA SOLENE QUE CONCEDE A GABRIEL O TÍTULO DE CIDADÃO PRUDENTINO	1996
TEXTOS	HOMENAGEM CÂMARA	1.3	TEXTO SOBRE A CERIMÔNIA SOLENE QUE CONCEDE A GABRIEL O TÍTULO DE CIDADÃO PRUDENTINO	1996
TEXTOS	HOMENAGEM CÂMARA	1.4	TEXTO SOBRE A CERIMÔNIA SOLENE QUE CONCEDE A GABRIEL O TÍTULO DE CIDADÃO PRUDENTINO	1996
TEXTOS	HOMENAGEM CÂMARA	1.5	TEXTO SOBRE A CERIMÔNIA SOLENE QUE CONCEDE A GABRIEL O TÍTULO DE CIDADÃO PRUDENTINO	1996

TEXTOS	HOMENAGEM CÂMARA	1.6	TEXTO SOBRE A CERIMÔNIA SOLENE QUE CONCEDE A GABRIEL O TÍTULO DE CIDADÃO PRUDENTINO	1996
TEXTOS	HOMENAGEM CÂMARA	1.7	TEXTO SOBRE A CERIMÔNIA SOLENE QUE CONCEDE A GABRIEL O TÍTULO DE CIDADÃO PRUDENTINO	1996
TEXTOS	HOMENAGEM CÂMARA	1.8	TEXTO SOBRE A CERIMÔNIA SOLENE QUE CONCEDE A GABRIEL O TÍTULO DE CIDADÃO PRUDENTINO	1996
TEXTOS	HOMENAGEM CÂMARA	1.9	TEXTO SOBRE A CERIMÔNIA SOLENE QUE CONCEDE A GABRIEL O TÍTULO DE CIDADÃO PRUDENTINO	1996
TEXTOS	HOMENAGEM CÂMARA	1.1	TEXTO SOBRE A CERIMÔNIA SOLENE QUE CONCEDE A GABRIEL O TÍTULO DE CIDADÃO PRUDENTINO	1996
TEXTOS	HOMENAGEM CÂMARA	1.11	TEXTO SOBRE A CERIMÔNIA SOLENE QUE CONCEDE A GABRIEL O TÍTULO DE CIDADÃO PRUDENTINO	1996
TEXTOS	HOMENAGEM CÂMARA	1.12	TEXTO SOBRE A CERIMÔNIA SOLENE QUE CONCEDE A GABRIEL O TÍTULO DE CIDADÃO PRUDENTINO	1996
TEXTOS	HOMENAGEM CÂMARA	1.13	TEXTO SOBRE A CERIMÔNIA SOLENE QUE CONCEDE A GABRIEL O TÍTULO DE CIDADÃO PRUDENTINO	1996
TEXTOS	HOMENAGEM CÂMARA	1.14	TEXTO SOBRE A CERIMÔNIA SOLENE QUE CONCEDE A GABRIEL O TÍTULO DE CIDADÃO PRUDENTINO	1996
TEXTOS	HOMENAGEM CÂMARA	1.15	TEXTO SOBRE A CERIMÔNIA SOLENE QUE CONCEDE A	1996

			GABRIEL O TÍTULO DE CIDADÃO PRUDENTINO	
TEXTOS	HOMENAGEM CÂMARA	1.16	TEXTO SOBRE A CERIMÔNIA SOLENE QUE CONCEDE A GABRIEL O TÍTULO DE CIDADÃO PRUDENTINO	1996
TEXTOS	HOMENAGEM CÂMARA	1.17	TEXTO SOBRE A CERIMÔNIA SOLENE QUE CONCEDE A GABRIEL O TÍTULO DE CIDADÃO PRUDENTINO	1996
TEXTOS	HOMENAGEM CÂMARA	1.18	TEXTO SOBRE A CERIMÔNIA SOLENE QUE CONCEDE A GABRIEL O TÍTULO DE CIDADÃO PRUDENTINO	1996
TEXTOS	DOCUMENTOS SEM ORGANIZAÇÃO	Carta Câmara Municipal (Nota de falecimento)	OS TEXTOS SÃO DOCUMENTOS DA PREFEITURA: ELES REPRESENTAM CONDOLÊNCIAS DO LEGISLATIVO PRUDENTINO À ÉPOCA, À FAMÍLIA DO DR. COSTA NETO, DEVIDO AO SEU FALECIMENTO	28 DE JUNHO DE 2010
TEXTOS	DOCUMENTOS SEM ORGANIZAÇÃO	Carta Câmara Municipal (Nota de falecimento)	OS TEXTOS SÃO DOCUMENTOS DA PREFEITURA: ELES REPRESENTAM CONDOLÊNCIAS DO LEGISLATIVO PRUDENTINO À ÉPOCA, À FAMÍLIA DO DR. COSTA NETO, DEVIDO AO SEU FALECIMENTO	28 DE JUNHO DE 2010
RECORTE DE JORNAL	SEM DATA	Jornal sem data	RECORTES QUE FALAM SOBRE A MEDICINA, PECUÁRIA, FAMÍLIA E VIDA SOCIAL DE GABRIEL	SEM DATA
RECORTE DE JORNAL	SEM DATA	Jornal sem data 2	RECORTES QUE FALAM SOBRE A MEDICINA, PECUÁRIA, FAMÍLIA E VIDA SOCIAL DE GABRIEL	SEM DATA
RECORTE DE JORNAL	SEM DATA	Jornal sem data 3	RECORTES QUE FALAM SOBRE A MEDICINA, PECUÁRIA,	SEM DATA

			FAMÍLIA E VIDA SOCIAL DE GABRIEL	
RECORTE DE JORNAL	SEM DATA	Jornal sem data 4	RECORTES QUE FALAM SOBRE A MEDICINA, PECUÁRIA, FAMÍLIA E VIDA SOCIAL DE GABRIEL	SEM DATA
RECORTE DE JORNAL	SEM DATA	Jornal sem data 5	RECORTES QUE FALAM SOBRE A MEDICINA, PECUÁRIA, FAMÍLIA E VIDA SOCIAL DE GABRIEL	SEM DATA
RECORTE DE JORNAL	SEM DATA	Jornal sem data 6	RECORTES QUE FALAM SOBRE A MEDICINA, PECUÁRIA, FAMÍLIA E VIDA SOCIAL DE GABRIEL	SEM DATA
RECORTE DE JORNAL	SEM DATA	Jornal sem data 7	RECORTES QUE FALAM SOBRE A MEDICINA, PECUÁRIA, FAMÍLIA E VIDA SOCIAL DE GABRIEL	SEM DATA
RECORTE DE JORNAL	SEM DATA	Jornal sem data 8	RECORTES QUE FALAM SOBRE A MEDICINA, PECUÁRIA, FAMÍLIA E VIDA SOCIAL DE GABRIEL	SEM DATA
RECORTE DE JORNAL	SEM DATA	Jornal sem data 9	RECORTES QUE FALAM SOBRE A MEDICINA, PECUÁRIA, FAMÍLIA E VIDA SOCIAL DE GABRIEL	SEM DATA
RECORTE DE JORNAL	SEM DATA	Jornal sem data 10	RECORTES QUE FALAM SOBRE A MEDICINA, PECUÁRIA, FAMÍLIA E VIDA SOCIAL DE GABRIEL	SEM DATA
RECORTE DE JORNAL	DOCUMENTOS SEM ORGANIZAÇÃO	Documento 1	FALA SOBRE O LÍDER PECUÁRIO DAQUELE ANO, GABRIEL COSTA NETO	1980
TEXTOS	DOCUMENTOS SEM ORGANIZAÇÃO	Inauguração da nova sede da SMPP	TEXTO COMEMORATIVO QUE FALA DA TRAJETÓRIA DA SMPP E TAMBÉM DOS EX E ATUAL PRESIDENTE NA ÉPOCA	1996
TEXTOS	DOCUMENTOS SEM ORGANIZAÇÃO	Inauguração da nova sede da SMPP 2	TEXTO COMEMORATIVO QUE FALA DA TRAJETÓRIA DA SMPP E TAMBÉM DOS EX E ATUAL PRESIDENTE NA ÉPOCA	1996

TEXTOS	DOCUMENTOS SEM ORGANIZAÇÃO	Inauguração da nova sede da SMPP 3	TEXTO COMEMORATIVO QUE FALA DA TRAJETÓRIA DA SMPP E TAMBÉM DOS EX E ATUAL PRESIDENTE NA ÉPOCA	1996
DOC. PESSOAIS	DOCUMENTOS PESSOAIS	1	CARTÃO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES DO CAVALO MARCHADOR DA RAÇA MANGALARGA - REGISTRO Nº 183 - VÁLIDO ATÉ FEVEREIRO DE 1984	SEM DATA
DOC. PESSOAIS	DOCUMENTOS PESSOAIS	2	CARTÃO DA SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA PARA ACESSO AO BALNEÁRIO MUNICIPAL TERMAS	SEM DATA
DOC. PESSOAIS	DOCUMENTOS PESSOAIS	3	CARTÃO ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE MEDICINA. INSCRIÇÃO Nº 114430 - CRM 005584	13 DE MAIO DE 1953
DOC. PESSOAIS	DOCUMENTOS PESSOAIS	4	CARTÃO SOCIEDADE DE MEDICINA DE PP	SEM DATA
DOC. PESSOAIS	DOCUMENTOS PESSOAIS	5	CARTÃO TÊNIS CLUBE. TITULAR Nº R-45	SEM DATA
DOC. PESSOAIS	DOCUMENTOS PESSOAIS	6	RG QUE TRAZ DATA DE NASCIMENTO, NOME COMPLETO, FILIAÇÃO, NATURALIDADE, NACIONALIDADE, "NOTAS CROMÁTICAS", ASSINATURA, FOTO 3x4	SEM DATA
DOC. PESSOAIS	DOCUMENTOS PESSOAIS	7	CARTEIRAR MILITAR - REGISTRO Nº 52058. TRAZ ASSINATURA DO GABRIEL COSTA NETO	14 DE DEZEMBRO DE 1936
DOC. PESSOAIS	DOCUMENTOS PESSOAIS	8	CARTEIRA PROFISSIONAL MÉDICO	16 DE JANEIRO DE 1986
DOC. PESSOAIS	DOCUMENTOS PESSOAIS	9	CARTEIRA PROFISSIONAL MÉDICO	16 DE JANEIRO DE 1986

DOC. PESSOAIS	DOCUMENTOS PESSOAIS	9.1	CARTEIRA PROFISSIONAL MÉDICO	16 DE JANEIRO DE 1986
DOC. PESSOAIS	DOCUMENTOS PESSOAIS	9.2	CARTEIRA PROFISSIONAL MÉDICO	16 DE JANEIRO DE 1986
DOC. PESSOAIS	DOCUMENTOS PESSOAIS	9.3	FOLHA 8 - ONDE ELE DETERMINA APOSENTADORIA E SAI DO CONSELHO DE MEDICINA	16 DE JANEIRO DE 1986
DOC. PESSOAIS	DOCUMENTOS PESSOAIS	9.4	CARTEIRA PROFISSIONAL MÉDICO	16 DE JANEIRO DE 1986
DOC. PESSOAIS	DOCUMENTOS PESSOAIS	10	CARTÕES DA ANUIDADE DA FACULDADE	SEM DATA
DOC. PESSOAIS	DOCUMENTOS PESSOAIS	11	CERTIDÃO DE CASAMENTO DELE COM A MARINA ELISABETH CARNEIRO (COSTA) - É POSSÍVEL ENCONTRAR O NOME DOS PAIS DELA E DOS DELE, ALÉM DE PROFISSÃO, NATURALIDADE	15 DE AGOSTO DE 1950
DOC. PESSOAIS	DOCUMENTOS PESSOAIS	11.1	CERTIDÃO DE CASAMENTO DELE COM A MARINA ELISABETH CARNEIRO (COSTA) - É POSSÍVEL ENCONTRAR O NOME DOS PAIS DELA E DOS DELE, ALÉM DE PROFISSÃO, NATURALIDADE	15 DE AGOSTO DE 1950
DOC. PESSOAIS	DOCUMENTOS PESSOAIS	11.2	CERTIDÃO DE CASAMENTO DELE COM A MARINA ELISABETH CARNEIRO (COSTA) - É POSSÍVEL ENCONTRAR O NOME DOS PAIS DELA E DOS DELE, ALÉM DE PROFISSÃO, NATURALIDADE	15 DE AGOSTO DE 1950
DOC. PESSOAIS	DOCUMENTOS PESSOAIS	11.3	CERTIDÃO DE CASAMENTO DELE COM A MARINA ELISABETH CARNEIRO (COSTA) - É POSSÍVEL ENCONTRAR O NOME	15 DE AGOSTO DE 1950

			DOS PAIS DELA E DOS DELE, ALÉM DE PROFISSÃO, NATURALIDADE	
DOC. PESSOAIS	DOCUMENTOS PESSOAIS	12	CERTIFICADO DE RESERVISTA - DESCRIÇÃO DETALHADA DO GABRIEL, COMO FORMATO DE ROSTO, TAMANHO DA BOCA, ETC	8 DE OUTUBRO DE 1957
DOC. PESSOAIS	DOCUMENTOS PESSOAIS	12.1	CERTIFICADO DE RESERVISTA - DESCRIÇÃO DETALHADA DO GABRIEL, COMO FORMATO DE ROSTO, TAMANHO DA BOCA, ETC	7 DE OUTUBRO DE 1957
DOC. PESSOAIS	DOCUMENTOS PESSOAIS	13	Cartão U.D.R (CARTÃO DA UNIÃO DEMOCRÁTICA RURALISTA)	SEM DATA
DOC. PESSOAIS	DOCUMENTOS PESSOAIS	13.1	Cartão U.D.R (CARTÃO DA UNIÃO DEMOCRÁTICA RURALISTA)	SEM DATA
DOC. PESSOAIS	DOCUMENTOS PESSOAIS	13.2	Cartão U.D.R (CARTÃO DA UNIÃO DEMOCRÁTICA RURALISTA)	SEM DATA
DOC. PESSOAIS	DOCUMENTOS PESSOAIS	14	TÍTULO DE ELEITOR Nº 35.249, QUE TIROU AOS 35 ANOS... CONTÉM NATURALIDADE TAMBÉM. VOTOU NO DIA 3/10/1954	SEM DATA
DOC. PESSOAIS	DOCUMENTOS PESSOAIS	14.1	TÍTULO DE ELEITOR Nº 35.249, QUE TIROU AOS 35 ANOS... CONTÉM NATURALIDADE TAMBÉM. VOTOU NO DIA 3/10/1954	SEM DATA
DOC. PESSOAIS	DOCUMENTOS PESSOAIS	15	DOCUMENTO DO BALNEÁRIO THERMAS DE PRESIDENTE PRUDENTE	11 DE NOVEMBRO DE 1995
DOC. PESSOAIS	DOCUMENTOS PESSOAIS	16	CARTÓRIO LINO FONSECA - HABILITAÇÃO PARA GABRIEL E MARINA CASAREM // CONTÉM NATURALIDADE DOS DOIS	30 DE JUNHO DE 1950

DOC. PESSOAIS	DOCUMENTOS PESSOAIS	CARTA DE GABRIEL COSTA NETO	GABRIEL ESCREVEU UMA CARTA ANTES DE SEU FALECIMENTO, FALANDO DOS SEUS DESEJOS. EXEMPLO: QUE TODOS OS FILHOS CUIDASSEM DE MARINA	SEM DATA
DOC. PESSOAIS	DOCUMENTOS PESSOAIS	CARTA DE GABRIEL COSTA NETO 2	GABRIEL ESCREVEU UMA CARTA ANTES DE SEU FALECIMENTO, FALANDO DOS SEUS DESEJOS. EXEMPLO: QUE TODOS OS FILHOS CUIDASSEM DE MARINA	SEM DATA
DOC. PESSOAIS	DOCUMENTOS PESSOAIS	CARTA DE GABRIEL COSTA NETO 3	GABRIEL ESCREVEU UMA CARTA ANTES DE SEU FALECIMENTO, FALANDO DOS SEUS DESEJOS. EXEMPLO: QUE TODOS OS FILHOS CUIDASSEM DE MARINA	SEM DATA
DOC. PESSOAIS	DOCUMENTOS PESSOAIS	CARTA DE GABRIEL COSTA NETO 4	GABRIEL ESCREVEU UMA CARTA ANTES DE SEU FALECIMENTO, FALANDO DOS SEUS DESEJOS. EXEMPLO: QUE TODOS OS FILHOS CUIDASSEM DE MARINA	SEM DATA
DOC. PESSOAIS	DOCUMENTOS PESSOAIS	CARTA DE GABRIEL COSTA NETO 5	GABRIEL ESCREVEU UMA CARTA ANTES DE SEU FALECIMENTO, FALANDO DOS SEUS DESEJOS. EXEMPLO: QUE TODOS OS FILHOS CUIDASSEM DE MARINA	SEM DATA
DOC. PESSOAIS	DOCUMENTOS PESSOAIS	CARTA DE GABRIEL COSTA NETO 6	GABRIEL ESCREVEU UMA CARTA ANTES DE SEU FALECIMENTO, FALANDO DOS SEUS DESEJOS. EXEMPLO: QUE TODOS OS FILHOS CUIDASSEM DE MARINA	SEM DATA
DOC. PESSOAIS	DOCUMENTOS PESSOAIS	CARTA DE GABRIEL COSTA NETO 7	GABRIEL ESCREVEU UMA CARTA ANTES DE SEU FALECIMENTO,	SEM DATA

			FALANDO DOS SEUS DESEJOS. EXEMPLO: QUE TODOS OS FILHOS CUIDASSEM DE MARINA	
DOC. PESSOAIS	DOCUMENTOS PESSOAIS	CARTA DE GABRIEL COSTA NETO 8	GABRIEL ESCREVEU UMA CARTA ANTES DE SEU FALECIMENTO, FALANDO DOS SEUS DESEJOS. EXEMPLO: QUE TODOS OS FILHOS CUIDASSEM DE MARINA	SEM DATA
DOC. PESSOAIS	DOCUMENTOS PESSOAIS	CARTA DE GABRIEL COSTA NETO 9	GABRIEL ESCREVEU UMA CARTA ANTES DE SEU FALECIMENTO, FALANDO DOS SEUS DESEJOS. EXEMPLO: QUE TODOS OS FILHOS CUIDASSEM DE MARINA	SEM DATA
DOC. PESSOAIS	DOCUMENTOS PESSOAIS	Certidão de casamento	DOCUMENTO SOBRE A UNIÃO ENTRE GABRIEL E MARINA	15 DE AGOSTO DE 1950
DOC. PESSOAIS	DOCUMENTOS PESSOAIS	Certidão de casamento 2	DOCUMENTO SOBRE A UNIÃO ENTRE GABRIEL E MARINA	15 DE AGOSTO DE 1950
DOC. PESSOAIS	DOCUMENTOS PESSOAIS	Certidão de casamento 3	DOCUMENTO SOBRE A UNIÃO ENTRE GABRIEL E MARINA	15 DE AGOSTO DE 1950
DOC. PESSOAIS	DOCUMENTOS PESSOAIS	Certidão de casamento 4	DOCUMENTO SOBRE A UNIÃO ENTRE GABRIEL E MARINA	15 DE AGOSTO DE 1950
DOC. PESSOAIS	DOCUMENTOS PESSOAIS	Certidão de nascimento	DOCUMENTO SOBRE O NASCIMENTO DE GABRIEL	1919
DOC. PESSOAIS	DOCUMENTOS PESSOAIS	Certidão de nascimento 2	DOCUMENTO SOBRE O NASCIMENTO DE GABRIEL	1919
DOC. PESSOAIS	DOCUMENTOS PESSOAIS	Certificado de Cidadão Prudentino	DOCUMENTO QUE OFICIALIZA GABRIEL COMO CIDADÃO PRUDENTINO DE DESTAQUE, DEVIDO SEUS FEITOS NA MEDICINA E PECUÁRIA	9 DE AGOSTO DE 1996
DOC. PESSOAIS	DOCUMENTOS PESSOAIS	Diploma de medicina	DOCUMENTO DE FORMATURA DA EXTINTA ESCOLA PAULISTA DE MEDICINA	20 DE DEZEMBRO DE 1947
FOTOS	CAPÍTULO 1	Capa	FOTO DE GABRIEL COSTA NETO COM SUA FAMÍLIA:	SEM DATA

			GABRIELA, OROZIMBO, CÂNDIDA, MARTA E AMÉRICA	
FOTOS	CAPÍTULO 2	Capa	VÁRIAS FOTOS 3X4 DE GABRIEL E QUE MOSTRAM SUA EVOLUÇÃO AO LONGO DOS ANOS	SEM DATA
FOTOS	CAPÍTULO 3	Capa	ESTAÇÃO FERROVIÁRIA DE PRUDENTE NA DÉCADA DE 40-50	SEM DATA
FOTOS	CAPÍTULO 4	Capa	FOTO DO CASAMENTO DE GABRIEL E MARINA NO RJ	15 DE AGOSTO DE 1950
FOTOS	CAPÍTULO 5	Capa	GABRIEL JUNTO COM ALGUNS COLEGAS DE CLASSE NA ENFERMARIA DE CLÍNICA GINECONOLÓGICA (HOSPITAL DE SÃO PAULO)	SEM DATA
FOTOS	CAPÍTULO 6	Capa	GABRIEL NA FAZENDA SÃO SEBASTIÃO	SEM DATA
FOTOS	CAPÍTULO 7	Capa	GABRIEL E MARINA EM UMA FESTA DA FAMÍLIA	SETEMBRO DE 1986
FOTOS	CAPÍTULO 8	Capa	GABRIEL E MARINA EM RIO BRILHANTE	SEM DATA
FOTOS	CAPÍTULO 9	Capa	GABRIEL E MARINA NO CASAMENTO DA NETA CAROLINA MANCUZO	SEM DATA
FOTOS	CAPÍTULO 10	Capa	MALETA DE GABRIEL COM OS SEUS ANTIGOS OBEJTOS TRABALHO. FOTO: FELIPE PIQUIONE	OUTUBRO DE 2019
FOTOS	PRIMEIRO BLOCO DE FOTOS	Foto da maleta (detalhe)	MALETA DE GABRIEL COM OS SEUS ANTIGOS OBEJTOS TRABALHO. FOTO: FELIPE PIQUIONE	OUTUBRO DE 2019
FOTOS	PRIMEIRO BLOCO DE FOTOS	Gabriel recebendo o prêmio de melhor aluno da turma	GABRIEL RECEBENDO O PRÊMIO PLÍNIO CAIADO DE CASTRO	1947
FOTOS	PRIMEIRO BLOCO DE FOTOS	Gabriel com as irmãs e mãe Gabriela	GABRIEL COM CÂNDIDA, MARTA, AMÉRICA E GABRIELA JÁ IDOSA	SEM DATA

FOTOS	PRIMEIRO BLOCO DE FOTOS	Gabriel e Marina	NESTE MESMO ARQUIVO ESTÃO AS FOTOS DO PRIMEIRO ENCONTRO, LUA DE MEL, E PASSEIOS QUE OS DOIS FIZERAM	SEM DATA
FOTOS	PRIMEIRO BLOCO DE FOTOS	Gabriel realizando uma cirurgia	FOTO DE GABRIEL REALIZANDO UMA CIRRUGIA DEPOIS DE FORMADO	SEM DATA
FOTOS	PRIMEIRO BLOCO DE FOTOS	Marina e Gabriel	FOTO DOS DOIS PASSEANDO	1948
FOTOS	PRIMEIRO BLOCO DE FOTOS	Apenas foto dos filhos	IMAGEM QUE MOSTRA MARIO, JOÃO, OTÁVIO E MARINA JUNTOS, AINDA CRIANÇAS	SEM DATA
FOTOS	SEGUNDO BLOCO DE FOTOS	Apenas foto do Topázio	GABRIEL ESTÁ JUNTO COM O SEU CAVALO FAVORITO, TOPÁZIO	SEM DATA
FOTOS	SEGUNDO BLOCO DE FOTOS	Bodas de Ouro com a irmã América	GABRIEL E AMÉRICA JUNTOS EM UMA FESTA	SEM DATA
FOTOS	SEGUNDO BLOCO DE FOTOS	Bodas de Ouro com todos os filhos	FOTO DE GABRIEL E MARINA COM TODOS OS FILHOS NA FESTA DE 50 ANOS DE CASAMENTO	SEM DATA
FOTOS	SEGUNDO BLOCO DE FOTOS	Discurso no Dia Internacional da Mulher	FOTO DE GABRIEL FALANDO PARA O PÚBLICO	08 DE MARÇO DE 1999
FOTOS	SEGUNDO BLOCO DE FOTOS	Esposa Marina	MARINA EM FRENTE À ENTRADA DA FAZENDA SÃO SEBASTIÃO	SEM DATA
FOTOS	SEGUNDO BLOCO DE FOTOS	Fazenda de Gabriel Costa Neto	IMAGEM AÉREA DA FAZENDA MATA SEDE	SEM DATA
FOTOS	SEGUNDO BLOCO DE FOTOS	Gabriel com José Renato Sampaio Tosselo	FOTO COM OS DOIS AMIGOS EM UMA COMEMORAÇÃO	SEM DATA
FOTOS	SEGUNDO BLOCO DE FOTOS	Fazenda Gabriel	CAVALOS DE GABRIEL EUMA DE SUAS FAZENDAS	SEM DATA
FOTOS	SEGUNDO BLOCO DE FOTOS	Gabriel e Marina em sua casa	FOTO DO CASAL APROVEITANDO O LAZER DE SUA CASA	SEM DATA
FOTOS	SEGUNDO BLOCO DE FOTOS	Gabriel com os filhos João e Mario	FOTO DE GABRIEL COM OS DOIS FILHOS EM UMA DAS FAZENDAS DO MATO GROSSO	JULHO DE 1991

FOTOS	SEGUNDO BLOCO DE FOTOS	Gabriel e amigos	GABRIEL COM ALGUNS AMIGOS DA PECUÁRIA	SEM DATA
FOTOS	SEGUNDO BLOCO DE FOTOS	Gabriel e Otávio	GABRIEL E FILHO EM UMA FAZENDA	JUNHO DE 1986
FOTOS	SEGUNDO BLOCO DE FOTOS	Família toda reunida	TODA A FAMÍLIA REUNIDA, EXCETO GABRIEL E MARINA QUE JÁ TINHAM FALECIDO	SEM DATA
FOTOS	SEGUNDO BLOCO DE FOTOS	Marina e Gabriel em viagem	O CASAL ESTAVA NUMA VIAGEM	1977
FOTOS	SEGUNDO BLOCO DE FOTOS	Gabriel e Marina em viagem	O CASAL ESTAVA NUMA VIAGEM	AGOSTO DE 1999
FOTOS	SEGUNDO BLOCO DE FOTOS	Gabriel, Marina e Tosello	GABRIEL E MARINA ESTAVA JUNTO COM TOSELLO E SUA ESPOSA	SEM DATA
FOTOS	SEGUNDO BLOCO DE FOTOS	IMG-20191030-WA0072	MARINA COM OS BISNETOS NO SEU ANIVERSÁRIO DE 97 ANOS	SEM DATA
FOTOS	SEGUNDO BLOCO DE FOTOS	IMG-20191030-WA0073	MARINA COM OS NETOS NO SEU ANIVERSÁRIO DE 97 ANOS	SEM DATA
FOTOS	SEGUNDO BLOCO DE FOTOS	Marina com doces	MARINA SE SERVINDO COM UM DOCE	SEM DATA
FOTOS	SEGUNDO BLOCO DE FOTOS	Marina com seus filhos	MARINA COM TODOS OS FILHOS NO SEU ANIVERSÁRIO DE 97 ANOS	SEM DATA
FOTOS	SEGUNDO BLOCO DE FOTOS	Raça Tabapuã Branco	BOIS TABAPUÃ DE GABRIEL	2005
FOTOS	SEGUNDO BLOCO DE FOTOS	Reunião do GTE na fazenda São João	GABRIEL E AMIGOS NA REUNIÃO DO GTE	OUTUBRO DE 2001
FOTOS	FOTOS LIVRO (AMIGOS)	Foto do álbum de Gabriel Costa Neto	GABRIEL E MARINA COM AMIGOS	JANEIRO DE 1986
FOTOS	FOTOS LIVRO (AMIGOS)	foto do álbum de Gabriel Costa Neto	JOÃO E SUA ESPOSA	JANEIRO DE 1989
FOTOS	FOTOS LIVRO (AMIGOS)	Foto do álbum de Gabriel Costa Neto	GABRIEL E AMIGO	JUNHO DE 1985
FOTOS	FOTOS LIVRO (AMIGOS)	Foto do álbum de Gabriel Costa Neto	GABRIEL COM AMIGOS	JUNHO DE 1986

FOTOS	FOTOS LIVRO (AMIGOS)	Foto do álbum de Gabriel Costa Neto	GABRIEL E MARINA COM UMA AMIGA	OUTUBRO DE 1984
FOTOS	FOTOS LIVRO (AMIGOS)	Foto do álbum de Gabriel Costa Neto	GABRIEL COM AMIGO	OUTUBRO DE 1984
FOTOS	FOTOS LIVRO (AMIGOS)	foto do álbum de Gabriel Costa Neto	GABRIEL COM O SEU FILHO JOÃO EM UM JANTAR	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (AMIGOS)	Foto do álbum de Gabriel Costa Neto	GABRIEL E MARINA COM UM AMIGO	SETEMBRO DE 1988
FOTOS	FOTOS LIVRO (AMIGOS)	Fotos do álbum de Gabriel Costa Neto	GABRIEL, AMÉRICA E MARINA	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (AMIGOS)	Fotos do álbum de Gabriel Costa Neto	MARINA COM UM AMIGO	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (AMIGOS)	Fotos do álbum de Gabriel Costa Neto	GABRIEL, MARINA, AMÉRICA E O SEU MARIDO	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (AMIGOS)	Fotos do álbum de Gabriel Costa Neto	GABRIEL, MARINA E AMIGOS	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (AMIGOS)	Fotos do álbum de Gabriel Costa Neto	MARINA E AMIGO	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (AMIGOS)	Fotos do álbum de Gabriel Costa Neto	GABRIEL JUNTO COM DOIS AMIGOS	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (AMIGOS)	Fotos do álbum de Gabriel Costa Neto	MARINA, GABRIEL E EUDÓXIA	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (AMIGOS)	Fotos do álbum de Gabriel Costa Neto	MARIN E DUAS AMIGAS	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (AMIGOS)	Fotos do álbum de Gabriel Costa Neto	TOSELLO E SUA ESPOSA	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (AMIGOS)	Fotos do álbum de Gabriel Costa Neto	EUDÓXIA, MARINA E AMÉRICA	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (AMIGOS)	Fotos do álbum de Gabriel Costa Neto	MARINA, SUA FILHA E MAIS DUAS AMIGAS	SEM DATA

FOTOS	FOTOS LIVRO (AMIGOS)	Fotos do álbum de Gabriel Costa Neto	GABRIEL, MARINA E AMIGOS	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (AMIGOS)	Fotos do álbum de Gabriel Costa Neto	EUDÓXIA, MARINA E SUA FILHA	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (AMIGOS)	Fotos do álbum de Gabriel Costa Neto	AMÉRICA, MARINA E AMIGAS	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (AMIGOS)	Fotos do álbum de Gabriel Costa Neto	MARINA, EUDÓXIA E AMÉRICA	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (AMIGOS)	Fotos do álbum de Gabriel Costa Neto	MARINA COM IRMÃ DE GABRIEL	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (AMIGOS)	Fotos do álbum de Gabriel Costa Neto	MARINA COM DUAS AMIGAS	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (AMIGOS)	Fotos do álbum de Gabriel Costa Neto	GABRIEL, MARINA E AMIGOS BRINDANDO	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (AMIGOS)	Fotos do álbum de Gabriel Costa Neto	MARINA FILHA, OTÁVIO, JOÃO E SUA ESPOSA	JANEIRO DE 1989
FOTOS	FOTOS LIVRO (AMIGOS)	Fotos do álbum de Gabriel Costa Neto	MARINA, GABRIEL E AMIGOS	JUNHO DE 1986
FOTOS	FOTOS LIVRO (AMIGOS)	Fotos do álbum de Gabriel Costa Neto	GABRIEL RODEADO POR AMIGOS	NOVEMBRO DE 1986
FOTOS	FOTOS LIVRO (AMIGOS)	Fotos do álbum de Gabriel Costa Neto	MARINA EM CASAMENTO	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (AMIGOS)	Fotos do álbum de Gabriel Costa Neto	GABRIEL EM UM ANIVERSÁRIO COM AMIGOS	23 DE SETEMBRO DE 2007
FOTOS	FOTOS LIVRO (AMIGOS)	Fotos do álbum de Gabriel Costa Neto	GABRIEL E MARINA NUMA FESTA DO ROTARY CLUB	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (AMIGOS)	Fotos do álbum de Gabriel Costa Neto	GABRIEL, MARINA, FILHA, JOÃO E MÁRIO(BODAS DE PRATA)	SME DATA

FOTOS	FOTOS LIVRO (AMIGOS)	Fotos do álbum de Gabriel Costa Neto	GABRIELA, MÃE DE GABRIEL	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (AMIGOS)	Fotos do álbum de Gabriel Costa Neto	AMÉRICA E TRÊS AMIGAS	SETEMBRO DE 1986
FOTOS	FOTOS LIVRO (GABRIEL E MARINA)	0 (375)	GABRIEL E MARINA	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (GABRIEL E MARINA)	0 (1785)	GABRIEL E MARINA NO CASAMENTO DA NETA CAROLINA MANCUZO	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (GABRIEL E MARINA)	Bodas de Ouro e casal Gabriel e Marina	GABRIEL E MARINA	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (GABRIEL E MARINA)	Casal Gabriel e Marina	CASAL EM MOMENTOS DESCONTRAÍDOS	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (GABRIEL E MARINA)	casal Gabriel e Marina	CASAL EM MOMENTOS DESCONTRAÍDOS	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (GABRIEL E MARINA)	Casal Gabriel e Marina	CASAL EM MOMENTOS DESCONTRAÍDOS	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (GABRIEL E MARINA)	Casal no casamento de amigos	CASAL EM UM CASAMENTO	1997
FOTOS	FOTOS LIVRO (GABRIEL E MARINA)	Fotos do álbum de Gabriel Costa Neto	CASAL EM UMA COMEMORAÇÃO	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (GABRIEL E MARINA)	Fotos do álbum de Gabriel Costa Neto	CASAL ESTOURANDO UMA CHAMPAGNE	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (GABRIEL E MARINA)	Fotos do álbum de Marina	MARINA E GABRIEL NO INÍCIO DO RELACIONAMENTO	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (GABRIEL E MARINA)	Gabriel Costa Neto e Marina	MARINA E GABRIEL NO INÍCIO DO RELACIONAMENTO	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (GABRIEL E MARINA)	Gabriel e Marina	MARINA E GABRIEL NO INÍCIO DO RELACIONAMENTO	2 DE NOVEMBRO DE 1948
FOTOS	FOTOS LIVRO (GABRIEL E MARINA)	Gabriel e Marina	CASAL EM MOMENTOS DESCONTRAÍDOS	AGOSTO DE 1986
FOTOS	FOTOS LIVRO (GABRIEL E MARINA)	Gabriel e Marina	CASAL PASSEANDO POR UMA FAZENDA	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (GABRIEL E MARINA)	Gabriel e Marina	CASAL EM MOMENTOS DESCONTRAÍDOS	SEM DATA

FOTOS	FOTOS LIVRO (GABRIEL E MARINA)	Gabriel e Marina	CASAL EM MOMENTOS DESCONTRAÍDOS	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (GABRIEL E MARINA)	Gabriel e Marina	CASAL EM MOMENTOS DESCONTRAÍDOS	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (GABRIEL E MARINA)	Gabriel e Marina	CASAL REUNIDO COM ALGUNS AMIGOS	2000
FOTOS	FOTOS LIVRO (GABRIEL E MARINA)	Gabriel e Marina	CASAL COMO PADRINHOS DE LUCIANO E DANIELA	2002
FOTOS	FOTOS LIVRO (GABRIEL E MARINA)	Gabriel e Marina	CASAL NUMA FESTA	1995
FOTOS	FOTOS LIVRO (GABRIEL E MARINA)	Gabriel e Marina	CASAL SE PREPARANDO PARA UMA FESTA	2005
FOTOS	FOTOS LIVRO (GABRIEL E MARINA)	Gabriel e Marina	CASAL EM COMEMORAÇÃO	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (GABRIEL E MARINA)	Gabriel e Marina	CASAL PARTICIPANDO DE UMA INAUGURAÇÃO	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (GABRIEL E MARINA)	Gabriel e Marina	CASAL EM MOMENTOS DESCONTRAÍDOS	OUTUBRO DE 1984
FOTOS	FOTOS LIVRO (GABRIEL E MARINA)	Gabriel e Marina	CASAL DANÇANDO	SETEMBRO DE 1985
FOTOS	FOTOS LIVRO (GABRIEL E MARINA)	Gabriel e Marina	CASAL NA PISCINA DA FAZENDA PAMPA	NOVEMBRO DE 1993
FOTOS	FOTOS LIVRO (GABRIEL E MARINA)	Gabriel e Marina	CASAL NA PRAIA	NOVEMBRO 1985
FOTOS	FOTOS LIVRO (GABRIEL E MARINA)	Gabriel e Marina	CASAL NA SOCIEDADE DE MEDICINA DE PP (50 ANOS)	AGOSTO DE 1997
FOTOS	FOTOS LIVRO (GABRIEL E MARINA)	Gabriel e Marina	CASAL NAS COMEMORAÇÕES PELOS 48 ANOS DE EXERCÍCIO DA MEDICINA	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (GABRIEL E MARINA)	Gabriel e Marina	CASAL EM SEU ANIVERSÁRIO	1988
FOTOS	FOTOS LIVRO (GABRIEL E MARINA)	Gabriel e Marina	CASAL EM SEU ANIVERSÁRIO DE 40 ANOS DE CASADOS	1990
FOTOS	FOTOS LIVRO (GABRIEL E MARINA)	Gabriel e Marina	CASAL EM UM JANTAR	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (GABRIEL E MARINA)	Gabriel e Marina	CASAL EM MOMENTOS DESCONTRAÍDOS	SEM DATA

FOTOS	FOTOS LIVRO (GABRIEL E MARINA)	Gabriel e Marina	CASAL EM MOMENTOS DESCONTRAÍDOS	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (GABRIEL E MARINA)	Gabriel e Marina	CASAL NUM CASAMENTO DA FAMÍLIA	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (GABRIEL E MARINA)	Gabriel e Marina	MARINA E GABRIEL NO INÍCIO DO RELACIONAMENTO	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (GABRIEL E MARINA)	Gabriel e Marina	CASAL NO NATAL	DEZEMBRO DE 1987
FOTOS	FOTOS LIVRO (GABRIEL E MARINA)	Gabriel e Marina	CASAL EM MOMENTOS DESCONTRAÍDOS	NOVEMBRO DE 1988
FOTOS	FOTOS LIVRO (GABRIEL E MARINA)	Gabriel e Marina	CASAL NO NOIVADO DOS DOIS	01 DE NOVEMBRO DE 1948
FOTOS	FOTOS LIVRO (PECUÁRIA)	Fazenda São Sebastião 1	DETALHES DA FAZENDA SÃO SEBASTIÃO	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (PECUÁRIA)	Fazenda São Sebastião 2	DETALHES DA FAZENDA SÃO SEBASTIÃO	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (PECUÁRIA)	Fazenda São Sebastião 3	DETALHES DA FAZENDA SÃO SEBASTIÃO	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (PECUÁRIA)	Fazenda São Sebastião 4	DETALHES DA FAZENDA SÃO SEBASTIÃO	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (PECUÁRIA)	Fazenda São Sebastião 5	DETALHES DA FAZENDA SÃO SEBASTIÃO	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (PECUÁRIA)	Fazenda São Sebastião 6	DETALHES DA FAZENDA SÃO SEBASTIÃO	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (PECUÁRIA)	Fazenda São Sebastião 7	DETALHES DA FAZENDA SÃO SEBASTIÃO	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (PECUÁRIA)	Fazenda São Sebastião 8	DETALHES DA FAZENDA SÃO SEBASTIÃO	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (PECUÁRIA)	Fazenda São Sebastião 9	DETALHES DA FAZENDA SÃO SEBASTIÃO	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (PECUÁRIA)	Fazenda São Sebastião 10	DETALHES DA FAZENDA SÃO SEBASTIÃO	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (PECUÁRIA)	Fazenda São Sebastião 11	DETALHES DA FAZENDA SÃO SEBASTIÃO	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (PECUÁRIA)	Fazenda São Sebastião 12	DETALHES DA FAZENDA SÃO SEBASTIÃO	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (PECUÁRIA)	Fazenda São Sebastião 13	DETALHES DA FAZENDA SÃO SEBASTIÃO	SEM DATA

FOTOS	FOTOS LIVRO (PECUÁRIA)	Fazenda São Sebastião 14	DETALHES DA FAZENDA SÃO SEBASTIÃO	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (PECUÁRIA)	Fazenda São Sebastião 15	DETALHES DA FAZENDA SÃO SEBASTIÃO	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (PECUÁRIA)	Fotos do álbum de Gabriel Costa Neto	MARINA COM SUA FILHA MARIANA NA FAZENDA	AGOSTO DE 1986
FOTOS	FOTOS LIVRO (PECUÁRIA)	Fotos do álbum de Gabriel Costa Neto	MÁRIO E MARINA NA FAZENDA COM UM AMIGO	DEZEMBRO DE 1983
FOTOS	FOTOS LIVRO (PECUÁRIA)	Fotos do álbum de Gabriel Costa Neto	CAVALOS E BOIS NA FAZENDA	MARÇO DE 1989
FOTOS	FOTOS LIVRO (PECUÁRIA)	Fotos do álbum de Gabriel Costa Neto	CAVALOS E BOIS NA FAZENDA	OUTUBRO DE 1979
FOTOS	FOTOS LIVRO (PECUÁRIA)	Fotos do álbum de Gabriel Costa Neto	CAVALOS COMENDO	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (PECUÁRIA)	FSS-260202-02	BOIS NA FAZENDA	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (PECUÁRIA)	FSS-270202-01	BOIS NA FAZENDA	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (PECUÁRIA)	FSS-270202-02	BOIS NA FAZENDA	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (PECUÁRIA)	FSS-270202-02 (13)	BOIS NA FAZENDA	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (PECUÁRIA)	FSS-270202-02 (14)	BOIS NA FAZENDA	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (PECUÁRIA)	FSS-270202-02	BOIS NA FAZENDA	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (PECUÁRIA)	FSS-270202-03 (12)	BOIS NA FAZENDA	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (PECUÁRIA)	FSS-270202-05 (1)	BOIS NA FAZENDA	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (PECUÁRIA)	FSS-270202-05 (3)	BOIS NA FAZENDA	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (PECUÁRIA)	FSS-270202-05 (4)	BOIS NA FAZENDA	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (PECUÁRIA)	FSS-270202-05 (5)	BOIS NA FAZENDA	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (PECUÁRIA)	FSS-270202-05 (6)	BOIS NA FAZENDA	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (PECUÁRIA)	FSS-270202-05 (8)	BOIS NA FAZENDA	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (PECUÁRIA)	FSS-270202-05 (10)	BOIS NA FAZENDA	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (PECUÁRIA)	FSS-270202-05 (15)	BOIS NA FAZENDA	SEM DATA

FOTOS	FOTOS LIVRO (PECUÁRIA)	Gabriel com amigos da pecuária	GABRIEL COM AMIGOS DO GTE	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (PECUÁRIA)	Gabriel com amigos	GABRIEL COM AMIGOS DO GTE	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (PECUÁRIA)	Gabriel Costa Neto e cavalo	GABRIEL COM TOPÁZIO NA FAZENDA	JULHO DE 1989
FOTOS	FOTOS LIVRO (PECUÁRIA)	Gabriel Costa Neto	GABRIEL NA FEZENDA	1999
FOTOS	FOTOS LIVRO (PECUÁRIA)	Raça Tabapuã branco 1	BOIS NA FAZENDA	2005
FOTOS	FOTOS LIVRO (PECUÁRIA)	Raça Tabapuã branco 2	BOIS NA FAZENDA	2005
FOTOS	FOTOS LIVRO (PECUÁRIA)	Raça Tabapuã branco 3	BOIS NA FAZENDA	2005
FOTOS	FOTOS LIVRO (PECUÁRIA)	Raça Tabapuã branco 4	BOIS NA FAZENDA	2005
FOTOS	FOTOS LIVRO (PECUÁRIA)	Raça Tabapuã branco 5	BOIS NA FAZENDA	2005
FOTOS	FOTOS LIVRO (PECUÁRIA)	Raça Tabapuã branco 6	BOIS NA FAZENDA	2005
FOTOS	FOTOS LIVRO (PECUÁRIA)	Raça Tabapuã branco 7	BOIS NA FAZENDA	2005
FOTOS	FOTOS LIVRO (PECUÁRIA)	Raça Tabapuã branco 8	BOIS NA FAZENDA	2005
FOTOS	FOTOS LIVRO (PECUÁRIA)	Raça Tabapuã vermelho 1	BOIS NA FAZENDA	2005
FOTOS	FOTOS LIVRO (PECUÁRIA)	Raça Tabapuã vermelho 2	BOIS NA FAZENDA	2005
FOTOS	FOTOS LIVRO (PECUÁRIA)	Raça Tabapuã vermelho 3	BOIS NA FAZENDA	2005
FOTOS	FOTOS LIVRO (PECUÁRIA)	Raça Tabapuã vermelho 4	BOIS NA FAZENDA	2005
FOTOS	FOTOS LIVRO (PECUÁRIA)	Raça Tabapuã vermelho 5	BOIS NA FAZENDA	2005
FOTOS	FOTOS LIVRO (PECUÁRIA)	Raça Tabapuã vermelho 6	BOIS NA FAZENDA	2005
FOTOS	FOTOS LIVRO (PECUÁRIA)	Raça Tabapuã vermelho 7	BOIS NA FAZENDA	2005
FOTOS	FOTOS LIVRO (PECUÁRIA)	Raça Tabapuã vermelho 8	BOIS NA FAZENDA	2005
FOTOS	FOTOS LIVRO (PECUÁRIA)	Raça Tabapuã vermelho 9	BOIS NA FAZENDA	2005
FOTOS	FOTOS LIVRO (PECUÁRIA)	Raça Tabapuã vermelho 10	BOIS NA FAZENDA	2005
FOTOS	FOTOS LIVRO (PECUÁRIA)	Raça Tabapuã vermelho 11	BOIS NA FAZENDA	2005
FOTOS	FOTOS LIVRO (PECUÁRIA)	Raça Tabapuã vermelho 12	BOIS NA FAZENDA	2005
FOTOS	FOTOS LIVRO (ROSTO)	Gabriel Costa Neto	GABRIEL NA LUA DE MEL, EM PETRÓPOLIS	AGOSTO DE 1950
FOTOS	FOTOS LIVRO (ROSTO)	Gabriel Costa Neto	GABRIEL NA LUA DE MEL, EM PETRÓPOLIS	AGOSTO DE 1950
FOTOS	FOTOS LIVRO (ROSTO)	Gabriel Costa Neto	GABRIEL NA LUA DE MEL, EM PETRÓPOLIS	AGOSTO DE 1950

FOTOS	FOTOS LIVRO (ROSTO)	Gabriel Costa Neto	GABRIEL NA LUA DE MEL, EM PETRÓPOLIS	AGOSTO DE 1950
FOTOS	FOTOS LIVRO (ROSTO)	Gabriel Costa Neto	GABRIEL NA LUA DE MEL, EM PETRÓPOLIS	AGOSTO DE 1950
FOTOS	FOTOS LIVRO (ROSTO)	Gabriel Costa Neto	GABRIEL NA LUA DE MEL, EM PETRÓPOLIS	AGOSTO DE 1950
FOTOS	FOTOS LIVRO (ROSTO)	Gabriel Costa Neto	GABRIEL NA LUA DE MEL, EM PETRÓPOLIS	AGOSTO DE 1950
FOTOS	FOTOS LIVRO (ROSTO)	Gabriel Costa Neto	GABRIEL EM MOMENTOS DESCONTRAÍDOS	2005
FOTOS	FOTOS LIVRO (ROSTO)	Gabriel Costa Neto	GABRIEL EM MOMENTOS DESCONTRAÍDOS	2005
FOTOS	FOTOS LIVRO (ROSTO)	Gabriel Costa Neto	GABRIEL EM MOMENTOS DESCONTRAÍDOS	2005
FOTOS	FOTOS LIVRO (ROSTO)	Gabriel Costa Neto	GABRIEL EM MOMENTOS DESCONTRAÍDOS	2005
FOTOS	FOTOS LIVRO (ROSTO)	Gabriel Costa Neto	GABRIEL EM MOMENTOS DESCONTRAÍDOS	2005
FOTOS	FOTOS LIVRO (ROSTO)	Gabriel Costa Neto	GABRIEL EM MOMENTOS DESCONTRAÍDOS	2005
FOTOS	FOTOS LIVRO (ROSTO)	Gabriel Costa Neto	GABRIEL EM MOMENTOS DESCONTRAÍDOS	2005
FOTOS	FOTOS LIVRO (ROSTO)	Gabriel Costa Neto	GABRIEL EM MOMENTOS DESCONTRAÍDOS	2005
FOTOS	FOTOS LIVRO (ROSTO)	Gabriel Costa Neto	GABRIEL EM MOMENTOS DESCONTRAÍDOS	2005
FOTOS	FOTOS LIVRO (ROSTO)	Gabriel Costa Neto	GABRIEL EM MOMENTOS DESCONTRAÍDOS	2005
FOTOS	FOTOS LIVRO (ROSTO)	Gabriel Costa Neto	GABRIEL EM MOMENTOS DESCONTRAÍDOS	2005
FOTOS	FOTOS LIVRO (MARINA)	Fotos do álbum de Gabriel Costa Neto	MARINA OFERECENDO DOCES AOS AMIGOS	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (MARINA)	Fotos do álbum de Gabriel Costa Neto	MARINA OFERECENDO DOCES AOS AMIGOS	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (MARINA)	Fotos do álbum de Gabriel Costa Neto	MARINA OFERECENDO DOCES AOS AMIGOS	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (MARINA)	Fotos do álbum de Gabriel Costa Neto	GABRIELA, MÃE DE GABRIEL, JUNTO COM UM BOLO DE ANIVERSÁRIO	ABRIL DE 1987
FOTOS	FOTOS LIVRO (MARINA)	Fotos do álbum de Marina	ROSTO DE PERFIL	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (MARINA)	Fotos do álbum de Marina	ROSTO DE PERFIL	SEM DATA

FOTOS	FOTOS LIVRO (MARINA)	Fotos do álbum de Marina	ROSTO DE PERFIL	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (MARINA)	Fotos do álbum de Marina	ROSTO DE PERFIL	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (MARINA)	Fotos do álbum de Marina	ROSTO DE PERFIL	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (MARINA)	Fotos do álbum de Marina	MARINA NA LUA DE MEL, EM PETRÓPOLIS	AGOSTO DE 1950
FOTOS	FOTOS LIVRO (MARINA)	Fotos do álbum de Marina	MARINA EM PRESIDENTE PRUDENTE	SETEMBRO DE 1950
FOTOS	FOTOS LIVRO (MARINA)	Fotos do álbum de Marina	MARINA COM ANIMAIS NUMA FAZENDA, AINDA JOVEM	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (MARINA)	Fotos do álbum de Marina	MARINA COM ANIMAIS NUMA FAZENDA, AINDA JOVEM	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (MARINA)	Fotos do álbum de Gabriel Costa Neto	ROSTO DE PERFIL	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (MARINA)	Fotos do álbum de Gabriel Costa Neto	ROSTO DE PERFIL	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (MARINA)	Fotos do álbum de Gabriel Costa Neto	ROSTO DE PERFIL	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (MARINA)	Fotos do álbum de Gabriel Costa Neto	ROSTO DE PERFIL	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (MARINA)	Fotos do álbum de Gabriel Costa Neto	ROSTO DE PERFIL	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (MARINA)	Fotos do álbum de Gabriel Costa Neto	CARTÃO MISSA DE SÉTIMO DIA DE FALECIMENTO	14 DE JULHO DE 2018
FOTOS	FOTOS LIVRO (MARINA)	Aurora e Otávio	MÃE E PAI DE MARINA	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (MARINA)	Aurora e Otávio	MÃE E PAI DE MARINA, AO LADO DE UM CAVALO	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (MARINA)	Carlos Chagas	PARENTE DE MARINA	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (MARINA)	Família de Marina	OS PAIS DE MARINA, JUNTAMENTE COM TODOS OS FILHOS	SEM DATA

FOTOS	FOTOS LIVRO (MARINA)	Família Marina	TODOS OS FAMILIARES REUNIDOS NA FOTO	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (MARINA)	Família Marina	TODOS OS FAMILIARES REUNIDOS NA FOTO	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (MARINA)	Fotos do álbum de Marina	MARINA EM SUA PRIMEIRA COMUNHÃO	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (MARINA)	Fotos do álbum de Marina	MARINA COM IRMÃOS, AINDA PEQUENOS	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (MARINA)	Fotos do álbum de Marina	OTÁVIO CARNEIRO ESTÁ NA FOTO, PAI DE MARINA	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (MARINA)	Fotos do álbum de Marina	OTÁVIO, LUIZA BEATRIZ E ROSÁLIA (PARENTES DE MARINA)	1950
FOTOS	FOTOS LIVRO (MARINA)	Fotos do álbum de Marina	MARINA, JUNTAMENTE COM MAIS ALGUMAS CRIANÇAS DE SUA FAMÍLIA	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (MARINA)	Fotos do álbum de Marina	MARINA, JUNTAMENTE COM MAIS ALGUMAS CRIANÇAS DE SUA FAMÍLIA	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (MARINA)	Fotos do álbum de Marina	MARINA, JUNTAMENTE COM MAIS ALGUMAS CRIANÇAS DE SUA FAMÍLIA	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (MARINA)	Fotos do álbum de Marina	MARINA, JUNTAMENTE COM MAIS ALGUMAS CRIANÇAS DE SUA FAMÍLIA	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (MARINA)	Fotos do álbum de Marina	MARINA E SEUS PARENTES NA FAZENDA	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (MARINA)	Fotos do álbum de Marina	MARINA E SEUS PARENTES NA FAZENDA	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (MARINA)	Fotos do álbum de Marina	MARINA E SEUS PARENTES NA FAZENDA	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (MARINA)	Fotos do álbum de Marina	MARINA E SEUS PARENTES NA FAZENDA	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (MARINA)	Fotos do álbum de Marina	MARINA COM CRIANÇAS	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (MARINA)	Fotos do álbum de	MARINA COM CRIANÇAS	SEM DATA

		Gabriel Costa Neto		
FOTOS	FOTOS LIVRO (MARINA)	Fotos do álbum de Gabriel Costa Neto	MARINA COM CRIANÇAS	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (MARINA)	Fotos do álbum de Gabriel Costa Neto	MARINA COM CRIANÇAS	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (MARINA)	Fotos do álbum de Gabriel Costa Neto	MARINA COM CRIANÇAS	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (MARINA)	Fotos do álbum de Gabriel Costa Neto	MARINA COM OTÁVIO	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (MARINA)	Fotos do álbum de Gabriel Costa Neto	MARINA COM OTÁVIO	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (MARINA)	Fotos do álbum de Gabriel Costa Neto	MARINA COM A SUA FILHA MARINA	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (MARINA)	Fotos do álbum de Gabriel Costa Neto	MARINA COM A SUA FILHA MARINA	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (MARINA)	Fotos do álbum de Gabriel Costa Neto	MARINA COM UM BEBÊ	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (MARINA)	Fotos do álbum de Gabriel Costa Neto	MARINA COM UM BEBÊ	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (MARINA)	Fotos do álbum de Gabriel Costa Neto	MARINA COM UM BEBÊ	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (MARINA)	Fotos do álbum de Gabriel Costa Neto	MARINA COM UM BEBÊ	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (MARINA)	Fotos do álbum de Gabriel Costa Neto	MARINA COM UM BEBÊ	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (MARINA)	Fotos do álbum de Gabriel Costa Neto	MARINA COM UM BEBÊ	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (MEDICINA)	Formatura	FOTO DE PERFIL DE GABRIEL COM A BECA DE FORMATURA	1947

FOTOS	FOTOS LIVRO (MEDICINA)	Gabriel no segundo ano de faculdade	GABRIEL JUNTO COM ALGUNS COLEGAS DE CLASSE	1943
FOTOS	FOTOS LIVRO (MEDICINA)	Gabriel na premiação de Cidadão Prudentino	GABRIEL COM O CERTIFICADO DESSE PRÊMIO	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (FILHOS E NETOS)	Casamento Carol Mancuzo	GABRIEL, MARINA E FAMÍLIA REUNIDA NO CASAMENTO	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (FILHOS E NETOS)	Casamento Carol Mancuzo	GABRIEL, MARINA E FAMÍLIA REUNIDA NO CASAMENTO	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (FILHOS E NETOS)	Casamento Carol Mancuzo	GABRIEL, MARINA E FAMÍLIA REUNIDA NO CASAMENTO	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (FILHOS E NETOS)	Casamento Carol Mancuzo	GABRIEL, MARINA E FAMÍLIA REUNIDA NO CASAMENTO	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (FILHOS E NETOS)	Casamento Carol Mancuzo	GABRIEL, MARINA E FAMÍLIA REUNIDA NO CASAMENTO	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (FILHOS E NETOS)	Casamento Carol Mancuzo	GABRIEL, MARINA E FAMÍLIA REUNIDA NO CASAMENTO	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (FILHOS E NETOS)	Casamento Carol Mancuzo	GABRIEL, MARINA E FAMÍLIA REUNIDA NO CASAMENTO	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (FILHOS E NETOS)	Casamento Carol Mancuzo	GABRIEL, MARINA E FAMÍLIA REUNIDA NO CASAMENTO	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (FILHOS E NETOS)	Casamento Carol Mancuzo	GABRIEL, MARINA E FAMÍLIA REUNIDA NO CASAMENTO	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (FILHOS E NETOS)	Casamento Carol Mancuzo	GABRIEL, MARINA E FAMÍLIA REUNIDA NO CASAMENTO	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (FILHOS E NETOS)	Casamento Carol Mancuzo	GABRIEL, MARINA E FAMÍLIA REUNIDA NO CASAMENTO	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (FILHOS E NETOS)	Casamento Carol Mancuzo	GABRIEL, MARINA E FAMÍLIA REUNIDA NO CASAMENTO	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (FILHOS E NETOS)	Casamento Carol Mancuzo	GABRIEL, MARINA E FAMÍLIA REUNIDA NO CASAMENTO	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (FILHOS E NETOS)	Festividades em família	FAMÍLIA COMEMORANDO O NATAL	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (FILHOS E NETOS)	Festividades em família	FAMÍLIA COMEMORANDO O NATAL	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (FILHOS E NETOS)	Festividades em família	FAMÍLIA COMEMORANDO O NATAL	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (FILHOS E NETOS)	Festividades em família	FAMÍLIA COMEMORANDO O NATAL	SEM DATA

FOTOS	FOTOS LIVRO (FILHOS E NETOS)	Festividades em família	FAMÍLIA COMEMORANDO O NATAL	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (FILHOS E NETOS)	Festividades em família	FAMÍLIA COMEMORANDO O NATAL	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (FILHOS E NETOS)	Festividades em família	FAMÍLIA COMEMORANDO O NATAL	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (FILHOS E NETOS)	Festividades em família	FAMÍLIA COMEMORANDO O NATAL	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (FILHOS E NETOS)	Festividades em família	FAMÍLIA COMEMORANDO O ANO NOVO	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (FILHOS E NETOS)	Festividades em família	FAMÍLIA COMEMORANDO O ANO NOVO	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (FILHOS E NETOS)	Festividades em família	FAMÍLIA COMEMORANDO O ANO NOVO	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (FILHOS E NETOS)	Festividades em família	FAMÍLIA COMEMORANDO O ANO NOVO	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (FILHOS E NETOS)	Festividades em família	FAMÍLIA COMEMORANDO O ANO NOVO	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (FILHOS E NETOS)	Festividades em família	FAMÍLIA COMEMORANDO O ANO NOVO	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (FILHOS E NETOS)	Festividades em família	FAMÍLIA COMEMORANDO O ANO NOVO	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (FILHOS E NETOS)	Festividades em família	FAMÍLIA COMEMORANDO O ANO NOVO	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (FILHOS E NETOS)	Fotos do álbum de Gabriel Costa Neto	FILHA MARINA, QUANDO ERA CRIANÇA	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (FILHOS E NETOS)	Fotos do álbum de Gabriel Costa Neto	FILHA MARINA, QUANDO ERA CRIANÇA	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (FILHOS E NETOS)	Fotos do álbum de Gabriel Costa Neto	FILHA MARINA, QUANDO ERA CRIANÇA	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (FILHOS E NETOS)	Fotos do álbum de Gabriel Costa Neto	FILHA MARINA, QUANDO ERA CRIANÇA	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (FILHOS E NETOS)	Fotos do álbum de Gabriel Costa Neto	FILHA MARINA, QUANDO ERA CRIANÇA	SEM DATA

FOTOS	FOTOS LIVRO (FILHOS E NETOS)	Fotos do álbum de Gabriel Costa Neto	FILHA MARINA, QUANDO ERA CRIANÇA	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (FILHOS E NETOS)	Fotos do álbum de Gabriel Costa Neto	FILHA MARINA, QUANDO ERA CRIANÇA	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (FILHOS E NETOS)	Fotos do álbum de Gabriel Costa Neto	FILHA MARINA, QUANDO ERA CRIANÇA	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (FILHOS E NETOS)	Fotos do álbum de Gabriel Costa Neto	FILHA MARINA, QUANDO ERA CRIANÇA	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (FILHOS E NETOS)	Fotos do álbum de Gabriel Costa Neto	FILHA MARINA, QUANDO ERA CRIANÇA	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (FILHOS E NETOS)	Fotos do álbum de Gabriel Costa Neto	FILHA MARINA, QUANDO ERA CRIANÇA	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (FILHOS E NETOS)	Fotos do álbum de Gabriel Costa Neto	GABRIEL COM NETA CAROLINA	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (FILHOS E NETOS)	Fotos do álbum de Gabriel Costa Neto	GABRIEL COM NETA CAROLINA	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (FILHOS E NETOS)	Fotos do álbum de Gabriel Costa Neto	GABRIEL COM NETA CAROLINA	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (FILHOS E NETOS)	Fotos do álbum de Gabriel Costa Neto	GABRIEL COM NETA CAROLINA	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (FILHOS E NETOS)	Fotos do álbum de Gabriel Costa Neto	GABRIEL COM NETO MARCELO	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (FILHOS E NETOS)	Fotos do álbum de Gabriel Costa Neto	GABRIEL COM NETA GABRIELA	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (FILHOS E NETOS)	Fotos do álbum de Gabriel Costa Neto	NETO MARCELO NA FAZENDA	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (FILHOS E NETOS)	Fotos do álbum de Gabriel Costa Neto	NETO MARCELO ANDANDO A CAVALO	SEM DATA

FOTOS	FOTOS LIVRO (FILHOS E NETOS)	Fotos do álbum de Gabriel Costa Neto	CRIANÇAS COM ALGUNS FAMILIARES	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (FILHOS E NETOS)	Fotos do álbum de Gabriel Costa Neto	CRIANÇAS COM ALGUNS FAMILIARES	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (FILHOS E NETOS)	Fotos do álbum de Gabriel Costa Neto	CRIANÇAS COM ALGUNS FAMILIARES	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (FILHOS E NETOS)	Fotos do álbum de Gabriel Costa Neto	CRIANÇAS COM ALGUNS FAMILIARES	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (FILHOS E NETOS)	Fotos do álbum de Gabriel Costa Neto	CRIANÇAS COM ALGUNS FAMILIARES	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (FILHOS E NETOS)	Fotos do álbum de Gabriel Costa Neto	CRIANÇAS COM ALGUNS FAMILIARES	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (FILHOS E NETOS)	Fotos do álbum de Gabriel Costa Neto	CRIANÇAS COM ALGUNS FAMILIARES	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (FILHOS E NETOS)	Fotos do álbum de Gabriel Costa Neto	CRIANÇAS COM ALGUNS FAMILIARES	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (FILHOS E NETOS)	Fotos do álbum de Gabriel Costa Neto	CRIANÇAS COM ALGUNS FAMILIARES	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (FILHOS E NETOS)	Fotos do álbum de Gabriel Costa Neto	CRIANÇAS COM ALGUNS FAMILIARES	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (FILHOS E NETOS)	Aniversário Beatriz 1	COMEMORAÇÃO DO ANIVERSÁRIO DA NETA DE GABRIEL	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (FILHOS E NETOS)	Aniversário Beatriz 2	COMEMORAÇÃO DO ANIVERSÁRIO DA NETA DE GABRIEL	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (FILHOS E NETOS)	Aniversário Beatriz 3	COMEMORAÇÃO DO ANIVERSÁRIO DA NETA DE GABRIEL	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (FILHOS E NETOS)	Aniversário Beatriz 4	COMEMORAÇÃO DO ANIVERSÁRIO DA NETA DE GABRIEL	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (FILHOS E NETOS)	Aniversário Beatriz 5	COMEMORAÇÃO DO ANIVERSÁRIO DA NETA DE GABRIEL	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (FILHOS E NETOS)	Aniversário Beatriz 6	COMEMORAÇÃO DO ANIVERSÁRIO DA NETA DE GABRIEL	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (FILHOS E NETOS)	Aniversário Beatriz 7	COMEMORAÇÃO DO ANIVERSÁRIO DA NETA DE GABRIEL	SEM DATA

FOTOS	FOTOS LIVRO (FILHOS E NETOS)	Aniversário Beatriz 8	CELEBRAÇÃO DO ANIVERSÁRIO DA NETA DE GABRIEL	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (FILHOS E NETOS)	Aniversário Beatriz 9	CELEBRAÇÃO DO ANIVERSÁRIO DA NETA DE GABRIEL	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (FILHOS E NETOS)	Bodas de Ouro na Catedral	50 ANOS DE CASAMENTO DE GABRIEL E MARINA	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (FILHOS E NETOS)	Bodas de Ouro na Catedral 2	50 ANOS DE CASAMENTO DE GABRIEL E MARINA	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (FILHOS E NETOS)	Gabriel e Marina junto com os netos	FOTO AO LADO DOS NETOS MAIS VELHOS	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (FILHOS E NETOS)	João, Mário e Otávio juntos	OS TRÊS FILHOS DE GABRIEL POSAM PARA UMA FOTO	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (FILHOS E NETOS)	Casal com os dois filhos	GABRIEL E MARINA POSAM JUNTO DE MÁRIO E JOÃO	SEM DATA
FOTOS	FOTOS LIVRO (FILHOS E NETOS)	Marina, Gabriel e crianças	O CASAL COM OS FILHOS NUMA PESCARIA	SEM DATA